

**V SEMINÁRIO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS,
MEMÓRIAS E ORALIDADES - V SEPEMO**

**Educação, História e formação de professores
em tempos de crise**



Organizadoras:
Lia Machado Fiuza Fialho
Karla Colares Vasconcelos
Maria Aparecida Alves da Costa

ISSN: 2358-9027



Organização Geral

Lia Machado Fiuza Fialho
José Gerardo Vasconcelos

Comissão Científica

Dra. Samara Mendes Araújo - UFPR
Dr. Luiz Távora Furtado Ribeiro - UFC
Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz - URCA
Dr. José Rogério Santana- UFC
Dr. Antônio Roberto Xavier - UNILAB
Dra. Marta Maria Araújo - UFRN
Dr. Emanuel Luiz Roque Soares - UFRB
Dr. Robson Carlos da Silva - UESPI
Dra. Lourdes Rafaella Santos Florêncio - IFCE
Dra. Salania Maria Barbosa Melo - UEMA
Dr. Jean Mac Cole Tavares santos - UERN
Dr. Charliton José dos Santos Machdo - UFPB
Dra. Francione Charapa Alves - UFCA
Dr. José Gerardo Vasconcelos - UFC
Dra. Lia Machado Fiuza Fialho - UECE
Dra. Tânia Maria Rodrigues Lopes - UECE
Dra. Fátima Maria Leitão Araújo - UECE
Dr. José Albio Moreira de Sales - UECE
Dr. Paulo Augusto Tamanini - UFERSA
Dra. Geandra Cláudia Silva Santos - UECE
Dra. Maria do Socorro Lima Marques França - UECE
Dra. Helena de Lima Marinho Rodrigues Araujo - UECE
Dra. Gildenia Moura de Araújo Almeida - SEDUC
Dra. Yls Rabelo Câmara - UNILAB
Dr. Elcimar Simão Martins - UNILAB
Dra. Maria Lenúcia de Moura - UECE
Dra. Cecília Rosa Lacerda - UECE
Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes - UFAL
Dra. Maria de Lurdes da Silva Neta - IFCE
Dra. Antônio Luiz Barreto - UECE
Dra. Keila Andrade Haiashida - UECE
Dra. Danusa Mendes Almeida - UECE
Dra. Giovana Maria Belem Falcão - UECE
Dra. Ana Cristina de Moraes - UECE

Comissão Organizadora

Ana Michele da Silva Lima
Antoniele Silvana de Melo Souza
Bruno Araújo da Silva
Camila Oliveira da Silva
Cristine Brandenburg
Francisca Genifer Andrade de Sousa
Francisca Mayane Benvindo dos Santos
Francisco Mario Carneiro Silva
Guadalupe Daniela González Costa
Hanna Franklin dos Santos
Homero Henrique de Souza
Hugo Leite de Oliveira
Jackeline Alves França
Karla Colares Vasconcelos
Márcia Cristiane Ferreira Mendes
Marcos Miranda Teles
Maria Aparecida Alves da Costa
Maria Naiany Gomes Nobre
Náhiry Maria Clarindo de Sousa
Priscila Bárbara Rodrigues da Silva
Rayane Sales Monte
Roberta Lúcia Santos de Oliveira
Scarlett O'hara Costa Carvalho
Vitória Chérida Costa Freire

Créditos da Arte

Bruno Araújo da Silva

V Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades

Fortaleza – CE | 18 a 20 de Outubro | 2018

© 2018 Copyright by, Lia Machado Fiuza Fialho, Karla Colares Vasconcelos e Maria Aparecida Alves da Costa (ORGANIZADORAS)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada Depósito Legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893. FAX: (85) 3101-9893

Internet: www.uece.br – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial | Lia Machado Fiuza Fialho

Projeto Gráfico | Maria Aparecida Alves da Costa, Lia Machado Fiuza Fialho.

Ficha Catalográfica

V Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades / Lia Machado Fiuza Fialho, Karla Colares Vasconcelos e Maria Aparecida Alves da Costa (Orgs.).- Fortaleza: EdUECE, 2018.

Conteúdo: artigos do V Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Fortaleza –CE, out. 2018. Volume II.

ISSN 2358 - 9027

1. Educação. 2. Memórias. 3. História. 4. Oralidades I. Fialho, Lia Machado Fiuza. II. Vasconcelos, Karla Colares. III . Costa, Maria Aparecida Alves da.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Reitor

José Jackson Coelho Sampaio

Vice-Reitor

Hidelbrando dos Santos Soares

Editora da UECE

Erasmio Miessa Ruiz

Conselho Editorial

Antônio Luciano Pontes Lucili Grangeiro Cortez

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes Luiz Cruz Lima

Emanuel Ângelo da Rocha Fragozo Manfredo Ramos

Francisco Horácio da Silva Frota Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Francisco Josênio Camelo Parente Marcony Silva Cunha

Gisafran Nazareno Mota Jucá Maria do Socorro Ferreira Osterne

José Ferreira Nunes Maria Salete Bessa Jorge

Liduína Farias Almeida da Costa Silvia Maria Nóbrega-Therrien

Conselho Consultivo

Antônio Torres Montenegro | UFPE

Maria do Socorro Silva Aragão | UFC

Eliane P. Zamith Brito | FGV

Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça | UNIFOR

Homero Santiago | USP

Pierre Salama | Universidade de Paris VIII

Ieda Maria Alves | USP

Romeu Gomes | FIOCRUZ

Manuel Domingos Neto | UFF

Túlio Batista Franco | UFF

SUMÁRIO

RELATO DE EXPERIÊNCIA

MÉTODOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA: INFORMATIVO X PROJETOS DIDÁTICOS | 25

Lucileide Germano Bezerra Facó
Maria do Carmo Neri do Nascimento
Tânia Noemia Rodrigues Braga

ESTÁGIO SUPERVISIONADO, MOVIMENTO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA | 34

Maria Flavia Damasceno

HISTÓRIA DE UMA ALFABETIZADORA: INVESTIGAÇÃO SOBRE UM PERCURSO EDUCACIONAL | 41

Sabrina da Silva Firmino
Carla Nobre Lopes
Willian Moraes Pinheiro

RECORDAÇÕES-REFERÊNCIAS SOBRE O INGRESSO NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO IFCE CANINDÉ | 49

Gabriela Cruz Tavares
Thaidys da Conceição Lima do Montte
Samara Moura Barreto de Abreu

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO PIBID/PEDAGOGIA/UECE | 57

Marília Carvalho dos Santos
Scarlett O'hara Costa Carvalho

A MONITORIA ACADÊMICA EM DIDÁTICA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA | 66

Cassandra Taís Martinelli
Alexandra Ferronato Beatrici

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA | 73

Francisco Nunes de Sousa Moura
Francisca Daniela Lira Mota
Jones Baroni Ferreira de Menezes

ENSINO DE CIÊNCIAS VS. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ENSINANDO E APRENDENDO | 82

Poliana de Sousa Carvalho
Edneide Maria Ferreira da Silva

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS NUANCES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA AÇÃO DOCENTE | 90

Francilene Pereira Linhares
Síntia da Silva Mesquita
Maria Isabel S. Bezerra Linhares

EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO | 98

Andréia Amorim de Lima
Railane Bento Vieira Sabóia

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO | 108

Hugo Leite de Oliveira
Márcia Cristiane Ferreira Mendes

PRÁTICAS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA: EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS E DIDÁTICA | 116

Maria Alda de Sousa Alves

A CONTRIBUIÇÃO DE ATIVIDADES MUSICAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO | 124

Kleiser Gomes de Oliveira
Inez Beatriz Castro Martins Gonçalves

A MÃO ROBÓTICA: APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DA CULTURA MAKER | 133

Ronald Brasil Silva
Selma Bessa Sales
Luciana Campos Xavier

BRINCADEIRAS MUSICAIS NA PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO | 142

Ely Eudes Viana de Oliveira

HIGIENE CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA PRÁTICA DOCENTE | 149

Mábia Pereira de Araújo
Railane Bento Vieira Sabóia

**MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE
UMA VIVÊNCIA | 158**

Edvan Gonçalves Gomes
Marcos Aurélio Moreira Franco
Liromaria Maria de Amorim

**RELATO DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO II DO CURSO DE SOCIOLOGIA | 167**

Calilo Fati
Maria Alda de Sousa Alves

**RELATO DE MONITORIA: APRENDIZADOS SIGNIFICATIVOS NA
FORMAÇÃO ACADÊMICA | 175**

Maria Adriana Cunha Castro
Maria Marcélia Teles Machado

**TECENDO EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
DO CURSO DE PEDAGOGIA/UERN | 183**

Leidiane Nogueira dos Santos Duarte
Antonio Anderson Brito do Nascimento
Maria Cleonice Soares

**VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NUMA TURMA DE EJA EM BARREIRA-CE:
RELATANDO EXPERIÊNCIAS | 190**

Antonio Jhonata de Oliveira Lima
Geranilde Costa e Silva

**VIVENDO E DESCOBRINDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL | 199**

Dalila do Nascimento Oliveira
Márcia Rodrigues Melo
Railane Bento Vieira Sabóia

**PRODUÇÃO DO TEXTO COLETIVO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR
PESQUISADOR | 208**

Felisbela Sousa de Vasconcelos
Maria Socorro Lucena Lima

**ESTÁGIO DOCENTE E ENSINO MÉDIO TEMPO INTEGRAL: REGISTRO
DE EXPERIÊNCIAS | 215**

Francisco Érick de Oliveira
Viviane Beserra Holanda

O COTIDIANO DAS ESCOLAS DE EJA EM FLORIANO/PI: RELATO DE PESQUISA | 223

Jeferson Gomes de Souza
Patrícia Novais dos Santos
Barbiton Torres

EDUCADOR FÍSICO E SUAS AÇÕES JUNTO AO ESPORTE EDUCACIONAL | 231

Ana Paula Maia Pereira Rocha
Francisca Negreiros Carneiro
Antônio Wellington Alves

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA | 238

Claudiane Coêlho do Nascimento

EGRESSOS LICENCIADOS EM MÚSICA: DIÁLOGOS INTEGRADORES EM EDUCAÇÃO MUSICAL | 246

Aline Dallazem

O CORPO COMO TELA: VIVENCIANDO A ARTE ATRAVÉS DA PINTURA CORPORAL | 252

José Gerardo Vasconcelos
Maria Marly Alves
Mayara Alves de Castro

PRÁTICAS DE UMA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: SER E PERMANECER ARTE/EDUCADORES | 261

Lara Pinheiro de Oliveira
Catarina Viana da Silva
Xadai Moreira Matias da Silva

UMA VIAGEM DOS SENTIDOS: DA TEORIA NA AULA À EXPERIMENTAÇÃO | 270

Izabel Cristina Soares da Silva Lima
Ana Cristina de Moraes
Juliane Gonçalves Queiroz

CANTAR, BRINCAR SE DIVERTIR E APRENDER: RELATO DE VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 278

Vitória Regina de Azevedo Ferreira
Reginaldo Furtado dos Santos

LIXO NO LUGAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS | 287

Diana Cristina Oliveira de Sousa
Maria Elza Souza Azevedo

O PROTAGONISMO ESTUDANTIL COMO PRINCÍPIO PARTICIPATIVO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA | 295

Vitória Martins de Castro
Márcia Cristiane Ferreira Mendes

PROJETO AQUARELA: DA MUSICA A ARTE, MOVIMENTAR FAZ PARTE | 299

Maria Edilane da Silva Lima

QUEM SOU EU? MINHA HISTÓRIA, MINHA INFÂNCIA | 305

Maria Zilma da Silva Teófilo
Maria Rozangela Correia Alves
Meiriane da Silva Pinheiro

REFLEXÕES ACERCA DO ESTÁGIO NA GRADUAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA | 311

Willian Moraes Pinheiro
Nara Lucia Gomes Lima
Tatiana Maria Ribeiro Silva

RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO EM ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 320

Maria Elza Souza Azevedo
Diana Cristina Oliveira de Sousa

APRENDENDO SOBRE OS ANIMAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA DOCENTE | 326

Maria Vanessa Bastos da Silva

DINÂMICA DE GRUPO E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA | 334

Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo

DISCRIMINAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BRASIL E GUINÉ-BISSA | 341

Raimundo António Dos Santos
Franklin Cá
Nayuca Alberto Bampoky

FORMAÇÃO DOCENTE: LACUNAS, DESAFIOS E RELATOS DE UMA PROFESSORA | 349

Náhiry Maria Clarindo de Sousa
Mariana Karla de Sousa Pompeu
Iara Assunção de Sousa

JOGO, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 358

Joelma Nogueira da Silva
Marcos Aurélio Moreira Franco

O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA | 367

Aline Guilherme de Melo

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA | 374

Ariany Lima Vieira
Jeriane da Silva Rabelo
Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA | 381

Francisca Naiara Ferreira Freitas
Francisca Mayane Benvindo dos Santos

PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO DA ADAPTAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN EM SALA DE AULA | 389

Denilson Fernandes de Aguiar
Francisca Batista de Carvalho Albuquerque
Antonia Nilene Portela de Sousa

GÊNERO E BRINCAR: UM ENCONTRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 394

Bruno de Oliveira Sales Mota
Geandra Cláudia Silva Santos

PROJETO DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE | 403

Aparecida Iara de Souza Oliveira
Natália Rodrigues de Pádua
Tânia Maria de Sousa França

RESUMO EXPANDIDO

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CHÃO DA ESCOLA Á LUZ DO PACTO PELO ENSINO MÉDIO | 411

Maria Cibelle Moreira de Araújo
Raimundo Nonato de Menezes Moreira

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL | 416

Maria Ozana Damião Santos
Vitória Chérída Costa Freire

RELAÇÕES DE PODER NO ÂMBITO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT | 421

Miguel Sanderson Cardoso dos Santo
Paulo Pedro Schuetz

TIMIDEZ NA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM | 426

Bruna Caeli Alves de Oliveira
Lavínia Gabrielly Oliveira França Paulo Pedro Schuetz

PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO FORMAIS E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: ESFOR | 431

Aglailton da Silva Bezerra

A AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) | 436

Antonia Gizelle Costa Barbosa
Maria Aline da Silva

IBIAPINA UMA CIDADE FESTIVA – FORRÓDIA | 441

Reginaldo Furtado dos Santos
Abdemar Lima Cunha
Antônia Nilene Portela de Sousa

CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL- PET PEDAGOGIA | 446

Ana Carvalho de Sousa
Mábia Pereira de Araújo
José Reginaldo Feijão Parente

MEMÓRIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE RAIMUNDO CARNEIRO: “CONSTRUÇÃO E DESEJO EM BUSCA DE CONHECIMENTO” | 450

Francisca Batista de Carvalho Albuquerque
Denilson Fernandes de Aguiar

A LINHA DO TEMPO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO ATRAVÉS DA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA | 453

Antonio Morais da Costa
André Muniz de Oliveira
Andrea Abreu Astigarraga

**A IMPORTÂNCIA DO NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDO EM SAÚDE DO
HOMEM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS ALUNOS DE ENFERMAGEM
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFANOR WYDEN | 457**

Raquel Figueiredo Barretto

ANÁLISES E DESCRIÇÃO DE ANAMNESES PSICOPEDAGÓGICAS | 460

Ana Carolane Fernandes de Sousa

Ana Carvalho de Sousa

CONSTRUÇÃO DE SABERES: O PEDAGOGO EM RETALHOS | 463

Lenice Sales de Moura

Thais de Sousa Florêncio

Michelline da Silva Nogueira

**CORPO EM MOVIMENTO: O BRINCAE E A MÚSICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL | 468**

Maria das Graças Costa Cordeiro

Ivna de Holanda Pereira

**EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: REFLEXÃO HISTÓRICA E
CONCEITUAL | 473**

Aldir da Silva Freitas

**ESTUDO SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL ATRAVÉS DA
ANAMNESE PEDAGÓGICA | 477**

Eduarda Moraes Marques

José Marques Meneses

**EXPERIÊNCIAS LEITORAS DE CRIANÇAS E ADULTOS NAS FASES DA
VIDA | 482**

Regina Moreira Araújo

Andressa de Vasconcelos Sousa

Lorayne Maria Siqueira Fontenele

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR | 486

Bartira Tallita Alexandre

Maria Mônica Batista

Paulo Pedro Schuetz

**GESTÃO ESCOLAR E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: CAMINHOS
INTERCRUZADOS PARA QUALIDADE DO ENSINO | 491**

Reyjane Sousa Brito

IDENTIDADE PROFISSIONAL E AFETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE | 496

Maria Daniele Oliveira Araujo
Ana Cristina Silva Soares

IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA METODOLÓGICA | 501

Thamirys Pereira Rodrigues

MONITORIA E PESQUISA: AS CONCEPÇÕES SOBRE SER CRIANÇA E INFÂNCIA | 506

Roselaine Araújo Silva

O PAPEL DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA FOMENTAÇÃO DA CRIATIVIDADE NA INFÂNCIA | 509

Maria Tereza Ximenes Benevides

SALA DE AULA COMO LOCUS DE TRANSFORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR | 512

Lucilene Oliveira Vasconcelos

TRANÇANDO CABELOS E HISTÓRIAS: PERSPECTIVAS AFRO PENSADA NO CURRÍCULO ESCOLAR | 515

Renata Maria Franco Ribeiro

UM VIÉS NA REALIDADE DA EJA | 519

Karolyne de Sousa Marques
Vitória Regina de Azevedo Ferreira
Maria Valcidea do Nascimento

ALIMENTAÇÃO E TRANSPORTE ESCOLAR: INFLUÊNCIAS E REFLEXÕES | 524

Giselle Lima da Silva
Antonia Aguiar de Carvalho

SENTIDOS DE QUALIDADE DA/NA ESCOLA PÚBLICA EM MOSSORÓ/RN | 530

Anaylla da Silva Lemos
Marcia Betania de Oliveira

POLÍTICA DE PREMIAÇÃO ESCOLAR: MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO? | 535

Islaneide Karla da Silva
Marcia Betânia de Oliveira

A MULHER NEGRA PERANTE O MERCADO DE TRABALHO | 540

Abdemar Lima Cunha
Reginaldo Furtado dos Santos

GÊNERO E JUVENTUDES: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO ESCOLAR | 544

Evelane Mendonça Lima

“O ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOSO”: APRENDIZAGEM EM DOC NA AULA | 549

Luiza Maria Aragão Pontes
Irlene Mota da Silva Santos
Elizabete Rolim Silva Carneiro

BREVE EXPLANAÇÃO DO PERCURSO DO ENSINO DE ARTES NA ESCOLA | 554

Lúcio Vânio da Silva Costa

COMO TRABALHAR COM HISTÓRIA ORAL SEGUNDO MEIHY E HOLANDA | 559

Jackeline Alves França
Hannah Franklin dos Santos
Lia Machado Fiuza Fialho

A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A DIDÁTICA: ANÁLISE DA SALA DE AULA | 564

Maria Enandally da Silva de Assis
Elton da Silva Souza

ALFABETIZANDO, MEMORIZAÇÃO ORAL NO 1º ANO | 568

Ana Lucrecia Almeida
Glaucirade Fernandes Martins
Antônia Nilene Portela de Sousa

AULAS PRÁTICAS DE BIOLOGIA EM ÉPOCAS DE CRISE: É POSSÍVEL? | 573

Edilane Ribeiro do Nascimento
Francisca Valéria Alves Barros
Shirliane de Araújo Sousa

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA | 579

Milena Costa Cruz
Maria Aline da Silva

CRIAÇÃO DE VÍDEOS COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR | 584

Giovana Maria Belém Falcão
Jardel de Lima de Oliveira

INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DURANTE A VIDA ESCOLAR | 589

Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo
Raquel Crosara Maia Leite

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR | 594

Glaucirade Fernandes Martins
Ana Lucrecia Almeida

A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PLANEJANDO CAMINHOS | 598

Júlia Rodrigues Mouta
Ana Paula da Silva Cedro

INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DE DISCURSO | 604

Willian Moraes Pinheiro
Carla Nobre Lopes
Sabrina da Silva Firmino

O CURRÍCULO DA EJA NO MUNICÍPIO DE SOBRAL | 609

Maria Inácia Lima Sampaio
Iane Adeline Barbosa Cavalcante

O LUGAR DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL | 614

Maria Nahir Batista Ferreira Torres
Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

ANÁLISE DA DIDÁTICA DE UM PROFESSOR DE ENSINO BÁSICO DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MERUOCA-CEARÁ | 619

Antonio Hilley Xavier Oliveira

SABERES EXPERIENCIAIS: UM OLHAR SOBRE A DIDÁTICA NOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS | 625

Igor de Sousa Araújo
Galgania da Silva Cavalcante
Ana Cristina Silva Soares

**POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS: O PAIC NA CIDADE DE JUCÁS –
CE | 630**

Lara Paulino Cazé
Roseane Fernandes Feitosa

**A PERSPECTIVA DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A
INCLUSÃO ESCOLAR - PNE (2014-2024) | 636**

Emmily Cristina Firmino de Souza
Bárbara Sabrina da Silva Mendonça
Larissa Feitosa Moura

A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA | 641

Ellery Henrique Barros da Silva
Alba Patrícia Passos de Sousa

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO INTERDISCIPLINAR | 646

Luis Renato Brito Sousa
Maria Socorro Lucena Lima

**OS NOVOS DESAFIOS DA ESCOLA FRENTE ÀS DISCUSSÕES DE GÊNERO,
RAÇA E REPRESENTATIVIDADE | 651**

Anderson Souza Oliveira
Michely Andrade

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL PARA SURDOS E OUVINTES: O
COMUNICA | 656**

Samara da Silva Bezerra
Milena de Freitas Nogueira
Sabrina Vicente da Silva

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ADEQUAÇÃO
CURRICULAR | 661**

Antonia Laysla Lima do Nascimento
Roseane Fernandes Feitosa

RESUMO SIMPLES

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COMO FERRAMENTA DE FORTALECIMENTO
DO VÍNCULO MÃE-FILHO | 667**

Antônia Elane Ferreira Jerônimo
Leila Paixão Moreira Carvalho
José Reginaldo Feijão Parente

**CONHECENDO OUTROS MUNDOS: APRESENTANDO POSSIBILIDADES
COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIA | 668**

Lorayne Maria Siqueira Fontenele
Jéssica Cavalcante da Silva

DIÁRIO DE CAMPO: GUARDANDO MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS | 669

Galgânia Cavalcante da Silva
Roselaine Araújo Silva

“O PERCURSO DO BODE IOIÓ NA FORTALEZA ANTIGA | 670

Antônia Neudina Paiva Soares
Luiza Maria Aragão Pontes

**REFLETINDO OS CONCEITOS DE JUVENTUDES: MEMÓRIAS DA
DISCIPLINA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE | 671**

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares
Francisca Valdineiva Viana de Mesquita
Simone Vale de Azevedo Simplício

**(AUTO) BIOGRAFIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: UM EXPERIÊNCIA
DE MONITORIA | 672**

Elton da Silva Souza
Andrea Abreu Astigarraga

**A CAPOEIRA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO
DOCENTE: UMA ETNOPESQUISA-FORMAÇÃO | 673**

Samara Moura Barreto de Abreu
Andreyson Calixto de Brito

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 674

Antonia Roziane de Vasconcelos Souza
Maria das Graças Costa Cordeiro
Maria Vanessa Bastos da Silva

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS – O QUE OS DADOS REVELAM | 675

Alexandra Ferronato Beatrici

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NA EPT | 676**

Ana Sara Castaman
Luciane Inocente
Angélica Tommasini

CRIANÇAS VIVEM AS PRÁTICAS LÚDICAS DO BRINCAR | 677

Maria Selta Pereira

METODOLOGIAS DIVERSIFICADAS: O USO PELOS DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MILAGRES-CE | 678

Mayara Patricio da Silva

Maria Gleiciane da Silva

Maria Cláudia Furtado da Silva

NARRATIVAS DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA | 679

Vitoria Lima Aragão

PROJETO DE ENSINO: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS | 680

Luciane Inocente

Angélica Tommasini

Ana Sara Castaman

UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO E SEU USO PELO PROFESSOR | 681

Luana Soares da Silva

Mariane de Oliveira Nolasco

ADÍSIA SÁ E O ENSINO DE JORNALISMO NO CEARÁ | 682

Luiza Helena Amorim Coelho Cavalcante

DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM | 683

Laurinete Freitas Araújo

Thais Faustino Bezerra

Viviana Freitas Araújo

ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE | 684

Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito

Francisco José Mendes Vasconcelos

Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro

DA TEORIA A PRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL | 685

Jariza Augusto Rodrigues dos Santos

Elaine Cristina do Nascimento Sousa Sales

Alexandro Lima Viana

FORMAÇÃO, SABERES E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA | 686

Mayara Alves Loiola Pacheco

O PIBID E A DOCÊNCIA | 687

Ana Thifane Feitosa Braga

**O TEMPO INTEGRAL NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE
ERECHIM | 688**

Rondon Turra Simioni

Alexandra Ferronato Beatrici

**ARTETERAPIA COMO PREPARAÇÃO PARA ESTÁGIOS NO CURSO DE
ODONTOLOGIA | 689**

Sofia Vasconcelos Carneiro

Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito

Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro

**LEI 10.639/2003: DA PESQUISA A EXTENSÃO – A FORMAÇÃO DOCENTE
CONTINUADA | 690**

Aliana Francisca da Silva

Reginaldo Ferreira Domingos

**A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO RELIGIOSO CRISTÃO NA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA | 691**

Raquel dos Passos Ribeiro Moraes

Maria Aparecida Alves da Costa

**DIFICULDADES E APRENDIZAGENS DOS DISCENTES DO COLEGIO DOM
TERCEIRO NO PERÍODO NOTURNO | 692**

Gustavo Alves dos Santos

Mirelle de Sousa Morais

Renato Barbosa Rodrigues

**MOBRAL: PERSPECTIVAS SOBRE A CAMPANHA EDUCACIONAL DE
ALFABETIZAÇÃO | 693**

Paula Iolly Da Costa Ferreira

Ana Michele Da Silva Lima

**MEMÓRIAS DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS NO MUNICÍPIO DE
PINHEIRO-MA: 1960-1970 | 694**

Violeta Cristina Soares Moraes

**A ATUAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CENTRO ACADÊMICO NA
UNIVERSIDADE | 695**

Gabriele da Silva Antunes

Antoniele Silvana de Melo Souza

Lia Machado Fiuza Fialho

A VIVÊNCIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA | 696

Davi e Silva Bessa

POR QUE A CRIANÇA MORDE? | 697

Maria de Fátima de Sousa Silva
Roberta Lúcia Santos de Oliveira

O ATELIÊ BIOGRÁFICO COM GRUPO DE PAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS | 698

Edgar Nogueira Lima
Fernanda da Fonseca Giasson
Scarlett Borges Fernandes

OS DÉFICTS DE APRENDIZAGEM NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 699

Maria Cleidiane de Oliveira Sales
Ana Celia de Sousa Freitas

BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: OS PRIMEIROS PASSOS À HISTÓRIA DE UMA EDUCADORA | 700

Letícia Lima de Sousa
Ana Michele da Silva Lima
Lia Machado Fiúza Fialho

HISTÓRIA, MEMÓRIA E UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ | 701

Matheus Coelho Inocêncio

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES BRASILEIROS E INTERNACIONAIS: CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNILAB | 702

Rudilson Manuel Ié
Domingos Malu Quadé
Sinara Mota Neves de Almeida

ESCOLA SEM PARTIDO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC) | 703

Erick Cruz Padilha de Oliveira

DIREITO À INCLUSÃO: FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALUNOS SURDOS | 704

Elizabeth Chagas Gomes

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INVESTIGAÇÃO NO SERTÃO CENTRAL
CEARENSE (1970 – 1980) | 705**

Renato Barbosa Rodrigues
Gustavo Alves dos Santos
Mirelle de Sousa Morais

INCLUSÃO DE ALUNOS NO ENSINO MÉDIO DO AEE EM GRAÇA-CE | 706

Guilherme do Nascimento Lima
Sebastiana Júlia S. Damasceno

**O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA PERSPECTIVA DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA | 707**

Valéria Rodrigues Barros
Ana Cristina Silva Soares

TDAAH E A ESCOLA: DIFICULDADE NA ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA | 708

Iara Silva de Oliveira
Thamirys Pereira Rodrigues

**DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS
PEDAGÓGICOS | 709**

Tânia Maria Vasconcelos da Silva
Paulo Cesar Alves Garcia

**EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: A ESCOLA ENQUANTO
INSTITUIÇÃO RACIALIZADA | 710**

Paulo Cesar Alves Garcia
Tânia Maria Vasconcelos da Silva

**A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE FORTALEZA: UM ESTUDO DE CASO | 711**

Ana Karla Gomes Barbosa
Tarcileide Maria Costa Bezerra

**A POLÍTICA PARA JUVENTUDES NA SEDUC-CEARÁ. RECORTES SOBRE
PLANEJAMENTO | 712**

Raquel Lopes Correia Santos.

INCLUSÃO NAS ESCOLAS: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO | 713

Viviana Freitas Araújo
Thais Faustino Bezerra
Laurinete Freitas Araújo

**MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM
EM LIBRAS | 714**

Angélica Tommasini
Ana Sara Castaman
Luciane Inocente

PRINCIPAIS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DE UMA CRIANÇA | 715

Thais Faustino Bezerra
Viviana Freitas Araújo
Laurinete Freitas Araújo

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO SUPERIOR | 716

Daiane de Queiroz

UMA EXPERIÊNCIA MULTIDISCIPLINAR EM UMA COMUNIDADE | 717

Elane Maria de Castro Coutinho
Sofia Vasconcelos Carneiro
Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito

RELATO DE EXPERIÊNCIA

MÉTODOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA: INFORMATIVO X PROJETOS DIDÁTICOS

Lucileide Germano Bezerra Facó
Anne Sullivan University
lucileidegbfaco@hotmail.com
Maria do Carmo Neri do Nascimento
Anne Sullivan University
Professora-carmem@hotmail.com
Tânia Noemia Rodrigues Braga
Unigrendal University
Taniarodrigues1444@yahoo.com.br

RESUMO

Tornar os alunos cidadãos atuantes requer métodos de ensino pautados na atuação do próprio aluno. Por isso, esse trabalho busca comparar o método de ensino expositivo de Geografia com o método de ensino por projetos didáticos interdisciplinares, discutindo os reflexos na aprendizagem dos alunos. Constitui-se por uma pesquisa bibliográfica, consultados autores que discutem o assunto e com contribuições publicadas em livros impressos e na rede mundial de computadores – *internet*. Pode-se constatar que o método informativo é prejudicial ao aluno em sua aprendizagem e a prática de projetos permite a protagonizarão do aluno na construção de seu próprio conhecimento. Isso o conduz à aprendizagem significativa, necessária à formação cidadã e torna o professor o condutor do processo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Método informativo. Projetos Didáticos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca comparar os métodos de ensino de Geografia pautados em uma metodologia informativa e o método da interdisciplinaridade em projetos didáticos. Portanto, objetiva discutir o peso nos resultados de aprendizagem dos alunos, bem como discutir o melhor caminho para uma aprendizagem significativa.

Sabemos que a educação escolar se constitui como parte fundamental no desenvolvimento humano. Assim, definir práticas de ensino que permitam melhor desempenho do aluno torna-se determinante no alcance de bons resultados. A pesquisa

contribui na minha formação profissional e me permite ampliar a visão sobre a educação.

Tornar nossos alunos atuais cidadãos plenos e ativos exige muito esforço e trabalho conjunto. Nesse conjunto, o principal ator deve ser sempre o próprio aluno, pois é pela prática que se consolida o conhecimento que conduz à aprendizagem.

O ensino de Geografia tem sido tomado com metodologias repetitivas e exaustivas, onde o principal método é a exposição de informações para que sejam memorizadas e repetidas em avaliações desconexas da vivência real, que não condizem como os objetivos de uma educação de qualidade.

Ao longo do trabalho contamos com a contribuição de alguns autores que discutiram o assunto, apresentando suas opiniões e experiências sobre o ensino de Geografia e seus reflexos para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Portanto, esse trabalho é pautado pela pesquisa bibliográfica, com análise de estudos e reflexões de estudiosos.

DESENVOLVIMENTO

Ser cidadão constitui-se em participar, intervir e atuar no mundo baseando-se nas aprendizagens de forma criativa. Aprendizagem ocorre por meio da interação e em vivências significativas associadas ao conhecimento já existente ou não, sendo construída em sociedade e através do ensino. Ensino é o que cria condições para a aprendizagem, geralmente funciona de modo coletivo e deve ser baseado em teorias e em vivências práticas, deve ser avaliado constantemente, podendo, assim, ter mudanças no que foi planejado e atingir resultados diversificados.

Partindo do conceito construído acima a partir dos pressupostos de Costella (2012), podemos afirmar que na escola o ensino de Geografia é ineficiente quando se trata de formar cidadãos ativos na sociedade, já que a aprendizagem ocorre, principalmente, por meio da interação. O que geralmente vemos nas escolas de ensino fundamental e em outras etapas é um ensino geográfico informativo. Sem desqualificar a informação, parte também necessária, o aprender que se propõe no ensino de Geografia só se consolida por meio da experimentação.

Esse problema é destacado nos documentos dos Parâmetros Curriculares de Nacionais – PCN – de Geografia (BRASIL,1998) quando diz que o método informativo era herança dos últimos decênios de ensino. Embora o documento contenha as novas diretrizes de ensino a serem seguidas pelo ensino em todo o país, podemos perceber facilmente que o quadro não foi totalmente revertido nas práticas atuais dos professores.

O principal meio de constatação disso ocorre quando buscamos compreender como é a rotina de ensino nas escolas públicas – o que também pode ocorrer no ensino particular. Também se analisado quais os métodos utilizados, instrumentos e ferramentas de ensino e avaliação das aprendizagens dos alunos.

O problema se torna mais iminente se observadas as salas de aulas atuais de Geografia. Dificilmente os alunos se prendem ao conteúdo e ao que é proposto como necessário aprender. Porém, se o ensino é apenas informativo, se prende apenas ao conceitual. E se vivemos em um mundo globalizado e de tecnologia propagada, pode significar que a escola está apenas cumprindo um papel já substituído e de uso em massa: a *internet* como meio informativo.

De fato, as tecnologias atuais tornam o mundo “menor” em suas fronteiras e na troca de informações. Em pouco tempo e sem deslocamento, podemos conhecer e obter informações imensamente diversas de lugares, coisas, pessoas, cidades em qualquer lugar do planeta. Se as aulas estão se resumindo ao conceito do continente europeu, por exemplo, mostrando algumas fotos, descrevendo alguns costumes, a internet torna possível o mesmo, e ainda mais, através de vídeos é possível ver como é a vida de lá, passear pelas ruas no mapa da cidade, assistir a eventos culturais, perceber as diferenças na geografia de um país, lugar ou região para outra.

No entanto, isso não significa dizer que a disciplina de Geografia possa ser extinta da grade curricular escolar e ser substituída pela pesquisa na internet. Pois, mesmo assim, ela continuaria sendo apenas informativa, já que essa também é a função principal da internet: informar. Nunca se teve tanta gente informada e informando. O problema persistiria por estar sendo extinguindo o principal método de aprendizagem: a experiência (PEREIRA, 2012).

Segundo os PCN's, os alunos devem:

[...] compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;[...] saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1998, p. 7-8).

Baseando-se nessas intenções do PCN's, podemos justificar ainda mais a necessidade do ensino voltado na contribuição à cidadania, por meio da diversidade de métodos - que inclui a tecnologia -, do saber utilizar a informação, da aquisição da criticidade, por meio do conhecimento adquirido na dualidade entre informação conceitual e experiência.

Quando buscamos perceber como é tratado o ensino dessa disciplina nas escolas, percebemos que é restritamente conceitual informativo, pois se baseia apenas no livro didático. Infelizmente, isso é realidade em quase todas as escolas do país: o livro é a única ferramenta de ensino e instrumento de pesquisa. E se baseia na leitura de textos teóricos e atividades expositivas do conteúdo memorizado. Isso ocorre todas as semanas, meses, bimestres, semestres e anos letivos. Ao final de cada um, uma avaliação promovida pelos professores e escola busca saber o que o aluno memorizou dos textos lidos nos livros. Enfim, há ausência completa da experiência necessária ao

conceito de ensino atitudinal da Geografia – que se aplica às outras áreas do conhecimento também.

O que fica exposta é que a avaliação aparenta ser o fim das práticas executadas, que se resulta em notas para o aluno, cuja soma determina seu sucesso ou fracasso – somente. Nelas não falta teoria e se esquece que é apenas mais uma ação de verificação do cumprimento do planejado para o coletivo e para a disciplina em questão. Portanto, é um meio de refazer as ações na repetição dos que deram certo e na correção dos que deram errado, tomando o compromisso de fazer com que o aluno construa, se envolva e atue com competência para a sua própria aprendizagem. Então, mais uma vez, nos deparamos na necessidade da prática por meio da experiência, como garantia da aprendizagem efetiva.

Como o modelo de ensino e avaliação escolar se baseia em métodos já enraizados, independentemente das inúmeras discussões já feitas sobre o assunto, se faz necessário propor meios de iniciação da inovação das práticas escolares docentes na disciplina de Geografia.

Costella (2012) em sua obra – A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo – propõe um trabalho pedagógico voltado aos projetos interdisciplinares com avaliação conjunta às atividades docentes por meio de: diagnóstico e avaliação, trajetória de aprendizagem, planejamento avaliativo, seletividade de conteúdo.

O diagnóstico constitui-se no precursor das atividades docentes, ou seja, é por meio dele que se percebe o que o aluno já sabe e o que ele deve aprender, então norteia suas ações como docente. Pode acontecer pela percepção do professor, do meio de uma atividade prática e escrita, não somente escrita.

A trajetória de aprendizagem constitui-se no grau de desenvolvimento do aluno durante as ações elaboradas e planejadas para ele e a turma. No entanto, geralmente isso ocorre por meio de provas bimestrais, demonstrando fracasso contínuo, irregular ou suposto sucesso progressivo ou também irregular. O que se deseja aqui é que o registro contínuo do trabalho do aluno, de seus progressos, de seus fracassos (com intervenção à superação dos mesmos) possa ser realmente visto como meio de avaliação.

O planejamento avaliativo não deve consistir em elaborar provas que demonstrem que o conteúdo do livro didático foi repassado desde a primeira unidade até a última. No trabalho interdisciplinar, essa avaliação atenta-se às intenções do projeto, aos procedimentos assumidos, às ações executadas e seus resultados, bem como especula as percepções coletivas acerca do trabalho em geral.

A seletividade de conteúdo não deve ocorrer, como acontece, na eliminação de uma unidade ou outra, ou ainda pela preferência ou grau de importância da unidade do livro didático. Para trabalhar em projetos interdisciplinares é preciso que o conteúdo tenha real significância para o aluno, ou seja, ajude-o a se tornar conhecedor, questionador, sendo posteriormente executor.

Em Geografia, a seleção dos conteúdos deve considerar a abordagem dos temas a partir da realidade e do lugar, da sua dinâmica e da relação com outras escalas, em uma análise de problemas geográficos concretos, que tenham significado atual. Por isso faz sentido que sejam apresentados em uma situação mais ou menos próxima da realidade do estudante e em toda a sua complexidade. Valorizar a paisagem local, como lugar com significado para quem nela vive e com ela interage, ressalta as noções de identidade com o lugar e de pertencimento, além de encaminhar a compreensão dos espaços diferentes do seu como uma expressão da forma que se organiza uma cultura e uma sociedade. (COSTELLA, 2012, p. 106).

Esse pensamento de que é necessário trabalhar Geografia a partir de projetos interdisciplinares é compactuado por Pereira (2012), em sua obra – Geografia da coleção A reflexão e a prática no ensino – quando propõe projetos voltados às principais temáticas da área. Ela traz reflexões e orientações para a prática docente, servindo de instrumento de elaboração de aulas práticas.

Vale questionar aqui sobre a formação dos docentes de Geografia na vertente da pesquisa como meio de formação de professores. Sabemos que a interiorização das universidades veio para atender a uma exigência de formação docente. Mas é questionável se sua intenção constituiu apenas no quantitativo, daí a escassa existência do viés da pesquisa na formação superior docente, tornando o tripé - ensino, pesquisa e expansão - falho.

Pontuschka (2009) associa essa falha na formação docente à ausência de professores reflexivos e críticos, destacando que a pesquisa é aglutinadora dessas ações e sua ausência forma professores transmissores de informações. Logo, se o professor teve sua formação básica e superior alcançada por meio do repasse de informações, dificilmente ele estará facilmente aberto à visão da necessidade de mudança do papel do aluno para construtor e pesquisador. Dessa forma, dificulta na execução de projetos interdisciplinares, pois o professor com essa atitude deve ser essencialmente um professor-pesquisador. Ele deve selecionar os conteúdos, as técnicas e métodos e está disponível para contribuir com os objetivos coletivos.

A mesma autora cita que a apropriação do conhecimento e da aprendizagem pode ser atingida pelo trabalho interdisciplinar por meio de projetos que estejam divididos nas seguintes etapas: levantamento preliminar da realidade, socialização do diagnóstico, estudo dos dados com identificação do problema. Essas etapas consistem basicamente em determinar onde, como e para que agir diante da realidade observada coletivamente.

O ideal após esses procedimentos é permitir que o aluno possa repensar a realidade percebida e possa sugerir métodos de reversão do quadro apresentado. Então, o próximo passo seria a execução das ações planejadas em conjunto. E por último, a escola deve finalizar o tema em culminância com todos os alunos, professores e comunidade, buscando demonstrar como foi possível contribuir para resolver ou minimizar o problema percebido e buscar mais parceiros para atuar em maiores dimensões.

Furlan (2013) defende uma articulação dos objetivos a serem aprendidos, conteúdos, procedimentos, diversidade de fontes, práticas em campo, além da parte conceitual e teórica. Assim, cabe ao professor: definir como o aluno pode colocar suas experiências no projeto; opinar e lidar com a opinião dos outros; tornar o projeto dialogável entre colegas, professores, família e outras fontes; pesquisar de fontes diversificadas, inclusive por meio de entrevistas. Dessa forma, ele se torna o condutor de uma aprendizagem prática e significativa para os alunos.

CONCLUSÃO

Atualmente, as tecnologias permitem ampliar o leque de opções de métodos de ensino e esses se renovam de maneira constante, sempre se diversificando. Ensinar Geografia aos alunos pelo método de ensino expositivo da informação é incoerente com a realidade atual e com a necessidade de práticas educativas eficientes. Pois, hoje espera-se que a educação escolar possa contribuir na formação e desenvolvimento humano pela formação de alunos-cidadãos atuantes e críticos.

A exposição de informação dá somente ao professor a efetiva atuação no processo de ensino, e mesmo assim, é um papel sem conexão com o que se almeja na educação. E como o professor é peça fundamental, deve ter sua prática pautado na colaboração da construção dos novos cidadãos, permitindo que o aluno possa consolidar sua aprendizagem através da experimentação prática.

A prática nos estudos da disciplina em questão é perfeitamente plausível através de projetos didáticos. Além de possibilitar a interdisciplinaridade, permite a multiplicidade de atuações em sua execução, ou seja, envolve os alunos de forma efetiva, professores, colegas, funcionários, comunidade.

Assim, o trabalho com projetos didáticos interdisciplinares é um método de ensino que conduz o aluno para a construção de seu conhecimento, conseqüentemente, consolidando sua aprendizagem e contribuindo no seu desenvolvimento. Além disso, o professor torna-se o agente condutor desse processo. Tendo os objetivos definidos e permissão de larga atuação torna-se um trabalho com possibilidades de resultados ilimitados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

COSTELLA, R. Z. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012. (Entre Nós – Anos finais do ensino fundamental, v.4).

FURLAN, S. Â. **Como fazer bons projetos didáticos para ensinar Geografia**. Revista Nova Escola: Abril, 2013.

PEREIRA, R. S. **Geografia**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática no ensino; 7).

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia** – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

ESTÁGIO SUPERVISIONADO, MOVIMENTO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Flavia Damasceno-(UVA)¹
flaviamariadamas13@yahoo.com.br

RESUMO

O presente relato de experiência busca apresentar percepções do estágio supervisionado no campo de Movimento Social e Educação Popular, trazendo a garantia da aprendizagem por meio da vivência e intervenção, de modo que o aluno possa assimilar melhor a teoria e a práxis em uma nova vivência da educação, nos espaços não formais da educação, e tem sua importância no instante em que o pedagogo pode atuar em vários ambientes. O campo de estágio foi a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários - IEES/UVA, no qual foi analisado a forma que o pedagogo atua, bem como seu dinamismo neste espaço, enquanto novo campo de possibilidade de sua atuação. Por meio de Observações, leituras de documentos elaborou-se um projeto de intervenção, a partir do qual teve-se como resultado a participação dos membros do grupo trabalhado, bem como uma reaproximação dos membros com a IEES-UVA, resultando em uma maior aprendizagem sobre este espaço, e a atuação do pedagogo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogo. Educação não formal. Estágio.

COMPREENDENDO O ESTAGIO SUPERVISIONADO EM MOVIMENTO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR: O PEDAGOGO ATUANDO NA EDUCAÇÃO DE ESPAÇOS NÃO ESCOLAR

O estágio supervisionado objetiva garantir uma sólida formação básica, para começar a preparar o futuro graduado a enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional (MARQUES, 2000).

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Um pedagogo tem sua atuação em vários ambientes fora de salas de aula, cujos espaços podemos chamá-los de Não-formal (GOHN, 2006). Segundo Glória Gohn (2006), a educação não formal visa trazer alguns processos de ação, que tenha suas metodologias em formas de processo interativo de ensino e aprendizagem colaborando na construção de saberes coletivos, que não traz uma formalidade de ensino regular, porém o pedagogo pode e deve atuar como um agente educativo nesses espaços tais como: Clubes, Centros Comunitários, ONGs, Organização Não governamental, Museus, cooperativas etc.

Nesta perspectiva, considera-se que o papel do pedagogo em outros espaços é de grande importância, pois traz de forma humanizada uma interação com todos os saberes, e este também vai construindo saberes e aprendendo com as pessoas que este estar em ajudando no seu aprender. Gohn ressalta que,

A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. (GOHN, 2006, p. 29)

Como consta no currículo do Curso de Pedagogia da universidade Estadual Vale do Acaraú , os acadêmicos têm quatro estágios curriculares, sendo o primeiro em Gestão Educacional, o segundo e Docência na educação infantil, o Terceiro em Docência nos anos Iniciais do Ensino Fundamental , e o quarto e último estágio em Movimento Social e Educação Popular – MSEP que equivale ao oitavo semestre letivo, quase na etapa final do curso. Neste, os acadêmicos têm sua ampla visão do trabalho de pedagogo, pois este profissional possui um vasto campo de atuação, porém há muitos que acreditam que seu campo de atuação estar só em salas de aula, sendo que este é bastante dinâmico, onde tem pessoas há formas de aprendizagens e de educação e onde há essas práticas pode e deve ter um pedagogo ali.

2- A EXPERIENCIA JUNTO A INCUBADORA DE EMPREENDIMIENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS (IEES-UVA)

A Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários da UVA – IEES-UVA está instalada desde 27 de dezembro de 2007 tendo seu regulamento em Portaria nº 276/2013 disponível no site oficial da Universidade, tendo como regimento uma Carta de princípios. A Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários (IEES-UVA) corresponde a um programa extensionista que além de suas ações ordinárias, reforça o papel de responsabilidade social da UVA a auxilia na realização de sua missão de nucleadora de ações que auxiliem as populações que habitam o semiárido cearense.

A IEES-UVA tem como propósito estimular e empodera grupos de pessoas a empreenderem e trabalharem na perspectiva ampla do que hoje se denomina Economia Solidária. Seu processo de implantação remonta à chamada pública do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC. No ano de 2008 iniciou, de fato, o que denominou de processos de incubação em comunidade. Em estágios variados, grupos de Empreendimentos Econômicos Solidários existentes ou potenciais vêm convivendo e interagindo na forma desses processos que se configuram desde consulta e expectativa até a condição de efetivos.

O estágio foi desenvolvido em dois espaços. O primeiro, foi no escritório localizado na própria Universidade e o segundo, no CEPOP-STAR localizado na cidade de Santana do Acaraú, onde foi desenvolvido as atividades de intervenção. O CEPOP-STAR se constitui numa ação compartilhada da Incubadora IEES-UVA, dentre este espaço há os grupos: Cooperativa Agropecuária dos Agricultores Familiares de Santana do Acaraú – CE – COOPASA; Associação de Apicultoras e Apicultores de Santana do Acaraú – CE – APISA doçura; Feira de Agricultura Familiar de Santana do Acaraú – FEAGRIFAMILIAR; Associação dos Feirantes da Agricultura Familiar de Santana do Acaraú – AFAF; Centro Cooperativo Popular de Santana do Acaraú – CEPOP-STA; e Mercadinho Frigorífico da Agricultura Familiar de Santana do Acaraú – CE – MAF&FRIGO. Nesses espaços se constituem a ação do pedagogo/a de uma forma dinâmica a contribuir com o bem-estar de todos envolvidos nestes grupos.

Com a ajuda da supervisora de campo foi percebido a problemática da ausência de alguns membros nas reuniões, e que isto estava afetando os trabalhos, por isso no projeto veio para tentar sanar a problemática encontrada. Então este foi intitulado como “Fortalecimento da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários da UVA – IEES-UVA” e trouxe seu objetivo geral em proporcionar e apoiar no fortalecimento dos cooperados entre a incubadora universitária de empreendimentos econômicos solidários – IEES-UVA, fazendo assim com que os membros reconhecessem como peça importante na instituição. Então trago abaixo um pequeno quadro de atividades realizada com eles.

Atividade 1 Apresentação do projeto e dos participantes	Com imagens referentes a agricultores, hortaliças, trabalhadores, escritórios, legumes, se apresentar de acordo com aquelas imagens nisso a um momento de escolha com a imagem que mais traga referência a sua vivência, após a escolha se apresentar seu nome e o que faz.
Atividade 2 A importância da incubadora da uva para a vida deles, Construção de um quadro a partir de colagens, imagens sobre que eles têm de vivência deles.	Com as mesmas imagens da atividade anterior ou escolhendo outras fazer a construção de um quadro sobre suas vivências e falar um pouco sobre o que construiu.
Atividade 4 Trazer a memória o que a presença da incubadora tem mudado na vida deles.	Formando 3 grupos, levando os ser artistas com a criação de um quadro com algumas palavras e gravuras que represente a ação da Incubadora para eles, como se fossem dar o quadro para a incubadora.

Foto 1 - Escolhendo gravuras



Fonte: Acervo da estagiária

Nestas atividades foi muito perceptível o envolvimento de todos, até mesmo a identificação e recordações de suas raízes, na primeira atividade houve muitas das falas que fazia memórias a quando estes eram crianças e adolescentes recordando o seu dia a dia ou a alguma atividade que seus pais exerciam, foi bastante prazeroso poder ouvir essas histórias em suas apresentações pois trago para me como campo de estudo e profissional a narrativas de histórias e memórias de alguns fatos do dia a dia que traz menções a contações de histórias.

Foto 2 - Apresentado quadros



Fonte: Acervo da estagiária

Fazendo estes serem verdadeiros artistas, e trazendo os a perceberem o quão importante a IEES tem em suas vidas, trouxe também uma maior reaproximação dos membros e uma ideia e sugestão para a pedagoga que atua com eles, quando um dos membros relatou na avaliação que o projeto foi muito bom e que poderia ser realizada mais atividades como as exercidas naquele momento. Então, como aprendiz, ressalta-se aqui o que Carlos Rodrigues Brandão (1993) reflete sobre o que é educação “...tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar.” Então, se tudo existe uma forma de saber, uma forma de aprendizagem, o papel do pedagogo tem sua fundamental importância em todos os lugares que pode ser imaginado. E no espaço da Incubadora ele tem sua indispensável atuação junto aos membros, de modo específico, dentro do CEPOP-STAR que foi o local desenvolvido o estágio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente relato percebemos através da vivência que o pedagogo tem uma função bem mais ampla quando se trata da educação não formal, e que é uma dinâmica bem diferenciada do que percebemos nas salas de aulas regulares. Pode-se afirmar, preliminarmente, que foi bastante proveitoso tanto para a instituição como para a aprendizagem da estagiária, percebendo a forma dinâmica da atuação do pedagogo nesse espaço. Pode-se perceber um grande acolhimento de todos, e ficou bastante aberto para um possível retorno, pois a equipe técnica e os cooperados gostaram muito das atividades propostas. Nesse espaço mais específicos nas reuniões pode-se conhecer alguns tipos de programas, ainda desconhecidos pela estagiária, conhecer um pouco que todas cidades têm a chamada pública do PNAE, que é o programa onde o município tem que comprar no mínimo 30% de produtos da agricultura familiar para a merenda escolar, e que isso é lei. Enfim, poder conhecer um pouco outros projetos foi bastante gratificante.

Portanto, pode-se afirmar que os resultados da intervenção foram satisfatórios, e que o objetivo de aprendizagem foi alcançado, proporcionando para o grupo uma maior participação e interação uns com os outros. Ressalta-se que a supervisão de campo, realizada por uma pedagoga que atua diretamente na Incubadora, contribui significativamente no desenvolvimento de todas as atividades realizadas durante a intervenção, proporcionando um maior aprendizagem, dando visibilidade ao papel do pedagogo dentro deste espaço não escolar.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ca. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

MARQUES, A. P. Diretrizes curriculares para os cursos de fisioterapia. **Rev. Fisioter.** Univ. São Paulo, v. 7, n. 1/2, jan./dez. 2000.

PORTARIA Nº 276/2013 – Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários da UVA. Disponível em: <http://www.uvanet.br/> Acessado em 11 de abril de 2018

PIROZZI, G. P. **Pedagogia Em Espaços Não Escolares: Qual É O Papel Do Pedagogo?** Itu/SP: Revista Educare CEUNSP - número 2, volume 1, 2014.

HISTÓRIA DE UMA ALFABETIZADORA: INVESTIGAÇÃO SOBRE UM PERCURSO EDUCACIONAL

Sabrina da Silva Firmino
Carla Nobre Lopes
Willian Moraes Pinheiro

RESUMO

O trabalho teve como objeto de estudo a trajetória docente de uma alfabetizadora de Milhã no Ceará, a fim de, observar algumas dificuldades que muitas vezes acarretam em atrasos na aquisição da leitura e escrita dos alunos. O trabalho se desenvolveu através de uma entrevista realizada com a professora alfabetizadora Margarida Maria Pinheiro, tendo como objetivo refletir sobre suas vivências, atuações e colaborações para a alfabetização e letramento de seus alunos, no período que atuou como docente. O método adotado foi a história oral e o instrumento de coleta de dados foi a entrevista. A pesquisa nos possibilitou a observação de como os avanços e as novas compreensões sobre métodos de alfabetização foram importantes para a educação, além de compreender o papel do professor e do ensino contextualizado. Com este trabalho foi possível reconhecermos que não são apenas os avanços do conhecimento científico que produzem mudanças no ensino, mas as transformações educacionais também são decorrentes das mudanças na finalidade da educação. A explicitação de uma trajetória individual nos permitiu rever e compreender alguns aspectos relacionados ao ensino e seus métodos.

Palavras-chaves: História Oral. Ensino. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas metodologias de pesquisa destacamos a história oral, que faz uso da entrevista com pessoas, que possam relatar acontecimentos relevantes e que nem sempre persistiram nos registros oficiais.

Para Michael Pollar (1939), a memória é formada por três elementos: acontecimentos, personagens e lugares, e de acordo com Pierre Nora (1978), existe uma distinção entre a história-objeto e a história-conhecimento.

Por intermédio desta metodologia, o trabalho teve como objetivo abordar a alfabetização e seus desafios, através de uma história de vida. Muitos

educadores/alfabetizadores não conseguem identificar quais as causas dos atrasos na aquisição da leitura e escrita dos alunos, o que pode ser amenizado pelo conhecimento da experiência de outros educadores.

O estudo teve como fundamentação teórica as contribuições de Emília Ferreiro (1985), Magda Soares (1986), Paulo freire (1990), Ana Teberosky (1970) e Cagliariare (1998) que, através de seus trabalhos voltados para a alfabetização e letramento, apresentam uma nova visão de como ver o mundo da criança dentro do contexto da alfabetização, repensar o papel do professor e do aluno no processo ensino/aprendizagem, buscando alternativas para um trabalho de qualidade. Essa revisão de literatura é complementada pela trajetória de vida da alfabetizadora entrevistada.

METODOLOGIA

A pesquisa teve como metodologia a história oral, que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar acontecimentos passados.

Durante a entrevista o pesquisador acaba produzindo uma fonte de pesquisa, pois este realiza um trabalho que se faz diretamente da memória intelectual da respondente.

O instrumento da coleta de dados foi uma entrevista dialogada, que a entrevistada autorizou que fosse gravada, objetivando uma reflexão sobre as vivências e atuações da respondente e suas colaborações para o ensino da cidade de Milhã, sendo uma das professoras mais renomadas da localidade.

A professora entrevistada foi Margarida Maria Pinheiro, graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), pós-graduada em gestão escolar pela Universidade Monte Negro e em 2017 completou 57 anos de atuação como docente na cidade de Milhã-CE, localizada a 157km da cidade de Quixadá.

A entrevista foi realizada na casa da mesma nos dias 10 e 11 de junho de 2017, com duração de duas horas cada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Magna Soares (2001), alfabetização é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. Esta se preocupa com a aquisição da leitura, por um indivíduo ou grupo de indivíduos. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia, técnicas para exercer a arte e ciência da escrita.

A alfabetização é uma aquisição crucial para que uma pessoa possa desenvolver suas capacidades que vão além de sua compreensão de mundo. Mas, isso não quer dizer que uma pessoa analfabeta não consiga comunicar-se na sociedade, mas esta vivenciará muito mais dificuldades do que a primeira.

As dificuldades que enfrentamos hoje na alfabetização são decorrentes tanto do passado como dos desafios do presente, e essas parecem apresentar-se de maneira bem nítida na fala da professora Pinheiro (2017) quando relata que:

As dificuldades naquela época se relacionavam mais em questão da ausência de professores que pudessem apoiar e desenvolver seus trabalhos uns com os outros. Não tínhamos nenhum tipo de acompanhamento naquela época, sentia que as coisas não melhoravam por conta da falta de interesse partindo das entidades governamentais. Muito tempo depois foi que surgiram as formações para os professores, mas muito diferente das de hoje. (Entrevista realizada em 10 de junho de 2017).

Não é difícil de compreendermos que a ausência destes professores é recorrente da falta de formação na época, pois, segundo Pinheiro (2017) não havia acompanhamento do ensino por parte da gestão, não existia preocupação em buscar melhorias para o ensino. Desse modo, os professores buscavam por conta própria melhor qualificação.

As ações para formação continuada de professores no Brasil intensificaram-se a partir da década de 1980 (SEF, 1999). No entanto, só na década de 1990 é que a formação continuada passou a ser considerada como uma das estratégias fundamentais para o processo de formação de um novo perfil de professor.

Na tese da professora Keila Andrade Haiashida, que têm como objeto de estudo o processo de interiorização das Instituições de Ensino Superior (IES) é possível notar no “resgate histórico” realizado em sua pesquisa, que no decorrer do século XX as universidades estaduais do Ceará, principalmente a UECE, assumiram

responsabilidades a respeito da formação de professores, desafio este que instigava as políticas educacionais (HAIASHIDA 2014).

Segundo Paulo Freire (1990), a formação continuada é concebida como um processo contínuo e permanente de desenvolvimento profissional do professor, no qual a formação inicial e continuada é concebida de forma Inter articulada.

Prosseguindo a entrevista, a mesma nos apresentou um pouco de sua trajetória de como e quando deu início o trabalho como docente:

Comecei a ensinar desde meus 13 anos de idade. Comecei como professora particular, ensinando para meus primos, ou seja, familiares. Naquela época não havia escolas no interior e a oportunidade era mínima para todos. Anos depois, após a cidade de Milhã ser desmembrada foi que veio surgir o concurso público, e quando este surgiu passei para professora do município. (Entrevista realizada em 10 de junho de 2017).

Em sua fala acompanhamos como se deu o início da oferta educacional e profissional naquela época em Milhã, pois na mesma não havia oportunidade para todos e apenas aqueles que tinham acesso ao ensino encontravam-se em situações mais favoráveis aos poucos professores existentes.

Outra questão abordada pela mesma é o concurso público, pois este apenas surgiu após a cidade de Milhã tornar-se município por questões políticas.

Sabemos que, em 1937, Getúlio Vargas suspendeu a Constituição de 1934. Era o início do Estado Novo, no qual foi estabelecido um sistema imparcial para a escolha dos servidores. Foi neste momento que surgiu o primeiro concurso público jurídico no Brasil.

As metodologias de ensino variam bastante e vão se desenvolvendo de acordo com as dificuldades enfrentadas e melhorias alcançadas e na fala de Pinheiro (2017) também se pode notar como se desenvolvia seu método de ensino:

A entrevistada nos apresenta uma realidade bastante recorrente em nosso cotidiano, onde nos deparamos com professores que adotam métodos de ensino sem ao menos adquirir conhecimentos sobre o mesmo e quais suas vantagens e desvantagens para o processo de alfabetização.

Um dos grandes problemas da alfabetização escolar tem como um dos pilares a implantação de metodologias de ensino que não se adaptam as necessidades dos educandos.

Quando se fala no desenvolvimento da alfabetização, jamais se podem deixar de lado os trabalhos realizados por Ferreiro (1989), nos quais a mesma além de contribuir para uma melhor compreensão de como se dá o ensino, trouxe para os educadores questões norteadoras para uma melhor metodologia no processo de leitura e escrita.

De acordo com Ferreiro (1989), no trabalho de alfabetização, os professores deveriam trabalhar constantemente com textos, palavras e letras, dando oportunidade para que as crianças tenham um contato direto com a língua escrita. Para esta, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de "maturidade" ou "prontidão" da criança.

Algo que se pode destacar na fala de Pinheiro (2017) é o material utilizado para a alfabetização, que na época que eram as cartilhas.

Não é difícil encontrarmos professores que ainda limitem seus trabalhos através de cartilhas por sentirem receio diante de novos desafios e metodologias de ensino.

Este material reconhece que a criança já tenha uma compreensão do nosso sistema de escrita, ou seja, que a mesma já entende que aquilo que as letras representam é a pauta sonora dos nomes dos objetos, e não o objeto a que se refere.

Segundo Scoz (1994) a cartilha pode funcionar como um ponto de apoio, um modelo norteador para a apresentação e desenvolvimento do conteúdo, sobretudo para professores que não tenham experiência em alfabetização. Não se deve, no entanto, representar mais do que um mero recurso, pois está longe de dar conta dos múltiplos aspectos que envolvem a aquisição da leitura e da escrita.

Percebe-se que o método de ensino antes adotado pela mesma era o método alfabético. Este método tem como princípio de que a leitura parte da memorização oral das letras do alfabeto. Por este processo, a criança vai soletrando as sílabas até decodificar a palavra. As principais críticas sobre este método estão relacionadas a repetição dos exercícios.

Por mais que hoje a entrevistada não concorde com seu próprio método utilizado na época, reconheça que conseguiu desenvolver com os alunos um trabalho que trouxe resultados, mesmo que de forma descontextualizada.

Para Gagliare (1998) o melhor método para um professor deve vir de sua experiência e deve ser baseado em conhecimentos sólidos e profundos da matéria que leciona. Quando um professor é bem conhecedor da matéria que ensina, ele tem um jeito particular de ensinar e isso é o fundamental para o processo educativo.

Independentemente do método que adota, o educador deve compreender como as crianças concebem o mundo escrito para que enfoque sua atenção nas possibilidades intelectuais da mesma e que não existe um método certo ou o errado, mas sim, que existem diversas maneiras educativas de alfabetizar crianças, inserindo-as no mundo letrado.

A professora Margarida não equivoca-se ao revelar a ausência de palavras contextualizadas para o conhecimento de mundo dos educandos.

Observando por esta perspectiva, somos capazes de entender que, com este material que é a cartilha, não conseguiríamos desenvolver um trabalho eficiente para a tarefa de ensinar as crianças que se encontram no nível pré-silábico, a ler e a escrever, e é por isso que estudos atuais apontam que as dificuldades mais frequentes no processo de alfabetização situam-se ao nível de compreensão da estrutura do sistema alfabético e na representação da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho foi realizado com o objetivo de compreender as dificuldades enfrentadas pela professora Margarida Pinheiro através de suas experiências como educadora durante seu processo de ensino e como desenvolvia suas metodologias de alfabetização.

Partindo do pressuposto de que a alfabetização se desenvolve ao longo do tempo, podemos perceber que esse processo não se inicia propriamente na escola, mas que este é decorrente dos conhecimentos prévios que o aluno traz consigo e que, mediante o trabalho do professor é possível transformar o ensino em aprendizagens sistemáticas.

A entrevista com a professora nos possibilitou observarmos e refletirmos sobre como seu método de ensino de hoje se difere dos seus trabalhos realizados anteriormente, dos fatores que a mesma acredita dificultar o aprendizado dos alunos e de como a alfabetização voltada para o educando sempre foi e sempre será importante nos anos iniciais.

É nítido observar através da entrevista realizada que os avanços da alfabetização ganharam e vêm ganhando, pois a mesma nunca se apresentou de forma neutra, inalterável. Com o método utilizado por ela os alunos foram capazes de aprender a ler e a escrever, mas sem compreender e contextualizar suas leituras e escritas com o mundo.

Através da realização deste trabalho conclui-se que, não são apenas os avanços do conhecimento científico que produzem mudanças no ensino, as transformações educacionais também são decorrentes das mudanças na finalidade da educação, onde a escola necessita compreender as novas exigências da sociedade.

Necessita-se desenvolver metodologias que preocupem-se com a interdisciplinaridade na educação, um método que esteja coerente com os limites dos alunos.

É preciso voltar ao passado, aos princípios básicos, as coisas mais simples e claras para rever e compreender alguns pontos referentes ao ensino e seus métodos. Um bom trabalho de alfabetização exige compreender também o que significa assumir uma ou outra metodologia de ensino.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI. Luiz Carlos. **Alfabetização sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, **1999**.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Rio de Janeiro: Cortez, **1985**.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, **1970**.

FREIRE. Paulo; MACEDO. Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, **1990**.

HAIASHIDA. Keila Andrade. **Quixadá: centro regional de convergência e irradiação da educação superior (1983-2013)**. Tese de Doutorado aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia. Fortaleza: UECE, 2014

SOARES. Magda. **Alfabetização – a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, **2001**.

SELAU. Maurício da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com histórias orais. **Revista Esboços**, v. 01, n. 11, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>>. Acesso em: 2017

RECORDAÇÕES-REFERÊNCIAS SOBRE O INGRESSO NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO IFCE CANINDÉ

Gabriela Cruz Tavares
Acadêmica de Bacharelado em Humanidades-UNILAB
gabrielatavaresd@gmail.com

Thaidys da Conceição Lima do Montte
Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Docente do IFCE Campus Canindé
thaidys.monte@ifce.edu.br

Samara Moura Barreto de Abreu
Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Docente do IFCE Campus Canindé
samara.abreu@ifce.edu.br

RESUMO

Tem-se como objetivo apreender as recordações-referências do ingresso na docência universitária em Educação Física como modo de significar as histórias de vida e formação docente em reflexividade do vivido, pela escrita de si. Compreende uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa atravessada pela abordagem biográfica com a utilização de cartas, tomada como corpus de análise. Participaram 5 docentes do Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE Canindé, no Sertão do Ceará. Percebeu-se que as recordações-referências sobre o ingresso na docência universitária em Educação Física, carregam expressões de projetos de vidas, de desafios, de sensibilidades atitudinais e transformação social, cujas marcas do vivido e narrado se revestem de aprendizagens na dimensão pessoal e profissional, em realidade (auto)formativa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente em Educação Física. Recordações-referências. Escrita de si.

1. Introdução

*A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.
Basta existir para se ser completo.
(Alberto Caiero)*

Entre a boniteza do sonhar, o ingresso no serviço público federal parece se constituir um ato de consumação da travessia entre sonho e realidade da profissionalidade docente, como um “andarilhar utópico” (FREIRE, 1980), sobretudo, na docência universitária cujo investimento pessoal e de formação frente às amarras do modelo de produção capitalista, se faz numa complexidade de exigências como evidência da meritocracia, encarnada nos processos de formação e desenvolvimento profissional docente.

Esta realidade espantosa sobre o “inédito viável” (FREIRE, 1992) no ingresso no magistério federal em ato narrativo demarcam experiências singularizantes, como modo de refletir os subterfúgios e os desafios para legitimação da profissionalidade docente, na dimensão pessoal e profissional, situadas sobre recordações-referências (JOSSO, 2004). Como nos ensina Josso (2004) estas “são simbólicas do que o autor compreende como elementos construtivos da sua formação. [...] significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível que apela para emoções, sentimentos, ou valores [...]” (p. 29).

Conhecer as inteligibilidades sensíveis (MACEDO, 2016) da história de vida e formação docente se coloca como imperativo em tempos de “desautorização” docente, cuja realidade dos processos de formação sobre uma racionalidade técnica, não coloca o professor como sujeito-autor de sua práxis.

Em atravessamento dessa racionalidade, buscamos (re)conhecer na e pela história de vida e formação os sentidos que conferem os professores sobre a vida e profissão docente. Estando as autoras imersa na relação da docência e discência no Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Campus Canindé, situamos como inquietação geradora para esse estudo: Quais as recordações-referências do ingresso na docência universitária em Educação Física marcam significativamente a história de vida e formação docente pelo vivido nos Sertões de Canindé?

Deste modo, trazemos como objetivo deste estudo apreender as recordações-referências do ingresso na docência universitária em Educação Física como modo de

significar as histórias de vida e formação docente em reflexividade do vivido, pela escrita de si.

2. Metodologia

Ensejávamos caminhar sobre os pressupostos teórico-metodológicos de uma pesquisa que pudesse conferir a implicação significada entre sujeito-objeto como apreensão de um fenômeno educativo.

Aproximamos-nos, portanto, dos debates educativos e dos eixos temáticos de investigação com o movimento das “histórias de vida”, “autobiografias” e “biografias educativas” que colocam o professor como sujeito-autor de sua práxis humana e entendendo-a como construto histórico-social, nos faz considerar que, conhecer o sujeito dessa ação é também (re)conhecer o mundo/sociedade a que ele pertence”. (NÓVOA, 1992, p.15). Conforme aponta Ferrarotti (2014, p.19):

O método [auto]biográfico é outra coisa, muito mais desestabilizadora, porque conduz o pesquisador a reconhecer que ele não sabe, que só pode começar a saber junto com os outros – com as pessoas-, com o saber das pessoas e, em particular, com o saber que seus interlocutores – ou seus “interatores” – constroem com ele ao tomarem a palavra, em conversas, em narrativas. E, ao mesmo tempo, esse saber não se apresenta como um saber no sentido habitual do termo; trata-se de um saber situado, inserido, incorporado (FERRAROTTI, 2014, p.19).

Assim, seguimos por uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa atravessada pela abordagem biográfica com a utilização de cartas, tomadas como corpus de análise pela escrita de si. A apreensão analítica foi constituída pela leitura interpretativa-compreensiva (RICOEUEUR, 1996). Participaram 5 docentes do Curso de Licenciatura do IFCE campus Canindé, localizado no sertão do Ceará. Estes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido em resposta de participação na pesquisa, cujos procedimentos éticos e metodológicos sobre a coleta de dados (explicação e roteiro das cartas como escrita de si) foi detalhado e enviado por e-mail.

3. As marcas do vivido do ingresso na docência universitária em Educação Física: uma escrita de si.

Tomamos as escritas de si pelas cartas dos docentes como movimento analítico das recordações-referências, expressando as marcas do vivido no ingresso no magistério superior.

A apreensão espantosa da realidade de ingresso na docência universitária para um dos sujeitos foi tomada como reflexividade sobre a dimensão prospectiva da arte de ensinar, da constituição da identidade docente e das relações de ensino e aprendizagem no sertão, sobre a nova experiência na formação de professores, entendida como processo de grande aprendizado:

Um tom sonoro, que vem fundamentalmente do coração atravessado pela espantosa realidade das coisas. Espantar-se sobre: o que serei eu? Docente universitária nos Sertões de Canindé? Como florescer em saberes docentes em resiliência xerófila? Pudera ser eu, flor? Inicialmente, eu estava à flor da pele, impelida de felicidade e em movimento de girassóis. Gira, gira, girassol, me trouxeste aqui para “eu-ser-com-outro” na relação de ensinagem? Como me constituo nesta nova identidade docente? Serei eu, igualmente flor e labor? Faz-me girar, para florescer o pouco que sei, sobre o muito para aprender. Faz-me girar, porque agora estarei a ‘formar, formando, os (re)formadores’(SUJEITO 4).

De outro modo, um dos sujeitos trouxe o ingresso no magistério superior no sertão de Canindé como significação do pensar a docência enquanto possibilidade de transformação humana e socioeconômica. Rememorou o desafio da implantação do curso de Licenciatura em Educação Física nesta institucionalidade, ainda que já existisse uma experiência temporal larga na docência universitária em instituições privadas:

Após 10 anos de docência no ensino superior de felizes encontros e de certa estabilidade profissional, me deparava com um novo desafio.... Implantar uma licenciatura em Educação Física nos sertões de Canindé. Um sonho a se concretizar... a entrada no serviço público atrelada ao ato que para mim é o mais gratificante e inestimável: a docência transformadora capaz de modificar a vida pessoal, social, econômica...sob todos os aspectos, de uma comunidade (SUJEITO 5).

Esta escrita do sujeito 5 também anuncia aproximações como a fase de experimentação e diversificação da carreira docente (HUBERMAN, 2000) que gira em torno de 7 a 25 anos, em face da consolidação de competências pedagógicas, se coloca

em disposição de novos desafios experienciais, aqui situada sobre a implantação de um novo curso.

A implantação de um curso em terras xerófilas motivou o docente a sair da sua ‘zona de conforto’ profissional, que já estava estabilizado. Onde a experiência de levar a licenciatura ao sertão de Canindé, mesmo com árduas dificuldades encontradas, o motivou a seguir em frente, pensando nos bons frutos que seriam colhidos dentro dessas terras áridas rememorando as suas antigas experiências até chegar ao sertão, que garantiram confiança e respeito em sua carreira profissional.

Ao mesmo tempo, evocou situações-limites, entre os dilemas de ‘territórios instituídos’, uma vez que a IES ainda não tinha uma sede própria, iniciando suas atividades em uma escola pública dessa região:

Um processo que inicialmente foi árduo...com um locus de ação “emprestado” e mecanismos de controle e gestão agressivos...por vezes, invasivos, que influenciava negativamente em nossa motivação mas que não era capaz de sobrepor a vontade de todos em transformar essa realidade. Confesso que em muitos momentos nesta difícil fase inicial de implantação pensei em me render, especialmente quando lembrava do reconhecimento profissional, da confiança e do respeito que tinha das instituições de ensino que anteriormente eu lecionava, mas recuava com a convicção de que tinha uma missão a cumprir, novas aprendizagens. (SUJEITO 5).

O ato de resiliência foi demarcado pela implicação na docência universitária como práxis social, motivando-o a seguir nessa trajetória, também de aprendizagens. Conforme sustenta Liberman et al, 2017):

Aprender, portanto, é entrar em processo de transformação acompanhado, comprometido e implicado. Só posso conhecer aquilo que me afeta e com o que me relaciono. Aprender envolve a abertura às experiências estéticas e também às práticas de si. Tomar a própria vida como algo a ser criado. Dobrar a força que incide sobre cada um produzindo sujeitos, para que seja possível viver, sentir e pensar de outra maneira (p. 120).

Também como marcas da expressão do vivido, dois docentes refletiram que esse ingresso na docência universitária foi guiado pela luta ‘incansável’ sobre o processo de redistribuição cujo ensejo de territorialidade no Estado e, em seguida, na

cidade circunvizinha de moradia, se coloca um imperativo de forças e resistência, e diante do alcance, a materialização da felicidade:

O momento de lotação no IFCE campus Canindé, foi algo indescritível, que me deixou com um sentimento de extrema felicidade, pois, no ano de 2013 saí do campus enquanto aluna, e, agora o retorno, porém, como professora. Para que esse processo acontecesse, ocorreram inúmeras situações. Os concursos que realizei foram em outros estados, no caso, Instituto Federal do Maranhão - IFMA e Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, realizei pedido de aproveitamento de concurso no IFCE e foi concedido pelo IFRN, sendo que assumi o campus Camocim de julho de 2016 a julho de 2017, nesse tempo, houve o processo de remoção interna de servidores, e, fiz a solicitação de assumir o campus Canindé, com isso, retorno com muita felicidade (SUJEITO 2).

O choque de realidade foi muito grande, fui para o sertão Alagoano, nunca, mas nunca mesmo tinha ouvido falar naquele lugar, os primeiros dias, primeira semana, os primeiros 4 meses foram eternos, muitas lágrimas e saudades. Agora no lugar do espelho da sala de ginástica encontrava-se um quadro branco. Não passava outra coisa na minha cabeça “preciso voltar para meu Ceará”. Solicitei inúmeras vezes minha transferência, mas como tudo vem no tempo certo os dias foram passando e fui construindo o meu mundo, uma nova família, amigos, alunos até filhos de coração tive a sorte de ter. Após, quase cinco anos de muito aprendizado, recebi uma mensagem em junho 2016[...]. Fiquei paralisada por um instante e sem uma reação expressiva fui conferi o DOU e confirmei minha transferência para Canindé de “São Francisco”. (SUJEITO 3).

Um dos sujeitos também aludiu como situação-limite a dificuldade de conciliar as atividades docentes com atividades discentes como pós-graduando em territórios diferentes, com larga distância:

Eu cheguei ao IFCE por meio de redistribuição do IFAL (Alagoas – AL). No início foi um pouco complicado. Eu solicitei a redistribuição para o IFCE em novembro de 2015, logo depois de ser empossado no IFAL. A direção desse campus estava de acordo, pois sabiam do meu esforço em percorrer mais de dois mil quilômetros semanalmente para trabalhar, já que eu tinha que cumprir as obrigações com disciplinas do mestrado na UFC (Fortaleza, CE). No entanto, aqui no Ceará não foi fácil encontrar um campi do IFCE que me acolhesse. Mas com esforço surgiu a oportunidade de ir para Quixadá, entretanto, alguns acontecimentos permitiram a vinda para Canindé. Depois de oito meses, em junho, retornei. Fiquei muito feliz com isso, não acreditava (SUJEITO 1).

As diversas narrativas revelam o “choque de realidade” sentido pelos docentes em contexto híbrido de conformação na carreira docente, a sobrevivência e a descoberta. Essa sobrevivência se refere ao choque sofrido por esses docentes em

habitar terras distantes das suas, e a descoberta da docência universitária. A alegria do retorno ao Estado de origem, ainda que não seja sua cidade natal também é sentida:

Entrei em contato com o IFCE, conversei com a coordenação do curso CLEF em Canindé e comecei a organizar as coisas. Mudança de vida. Iniciaria uma nova jornada. Alguns dias se passaram e então, sai cedo do Juazeiro do Norte – CE para Canindé - CE, era domingo, dia de sol e poucas nuvens, foram 6h de viagem de carro. Precisava começar a conhecer mais uma realidade (SUJEITO 3).

Conforme elucida Josso (2004, p. 31), [...] as experiências, de que falam as recordações constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida [...]. Imprimimos, portanto, que os sentidos dados pelos docentes nessa experiência configuram-se como itinerâncias aprendentes (MACEDO, 2016) da vida e formação.

4. Notas de uma escrita de si para o outro

Percebemos que as recordações-referências sobre o ingresso na docência universitária em educação física, carregam expressões de projetos de vidas, de desafios, de sensibilidades atitudinais e pensamento de transformação social, permeáveis sobre a boniteza de um sonho ‘pela espantosa realidade das coisas’, cujas marcas do vivido e narrado se revestem de aprendizagens na dimensão pessoal e profissional, em realidade (auto)formativa. Conforme nos diz Freire (2000, p.) “Ai de nós, educadores, se deixamos de sonhar sonhos possíveis!”.

Compreendemos, portanto, que as narrativas epistolares entoaram a reflexividade diacrônica do início da carreira docente no Ensino Superior nos Sertões de Canindé como modo de existir e resistir à vida e formação docente.

Referências

FERRAROTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais**. Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passegi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

JOSSO, Maria Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional de professores**. In: Nóvoa, A. (org) Vida de professores. Porto Editora. 2000.

LIBERMAN, Flavia et al. Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 118-126, 2017.

MACEDO. Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento: Compreender situações, experiências, e saberes acontecimentais**. Salvador: EDFUBA, 2016.

NÓVOA, Antônio. **A formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, António (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1992.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO PIBID/PEDAGOGIA/UECE

Marília Carvalho dos Santos (Universidade Estadual do Ceará – UECE)

marilia.carvalho@aluno.uece.br

Scarlett O'hara Costa Carvalho (Universidade Estadual do Ceará – UECE)

scarlettoharacc@gmail.com

RESUMO

Este trabalho emergiu a partir da trajetória vivenciada - pela primeira autora - no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID durante o ano de 2017 na condição de aluna do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará - UECE. Destarte, o presente relato tem como escopo discorrer acerca dessas experiências obtidas, a saber: realização de leituras, observações e regências. Este relato justifica-se pelo fato de ser importante o conhecimento adquirido ao longo da graduação, bem como refletir sobre esse processo de formação do pedagogo. A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Fortaleza – Ceará, em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Por fim, sabe-se que muitos são os desafios enfrentados pelo docente, desde os percalços da sua formação acadêmica até a sala de aula na escola, por isso a importância do Pibid na formação desse profissional, tendo em vista que o objetivo desse programa é permitir ao educando ingressar na escola e vivenciar a realidade do chão da sala de aula antes de terminar sua graduação.

Palavras-chave: Pedagogo. Escola. Pibid.

INTRODUÇÃO

O curso de Pedagogia possibilita ao profissional pedagogo um campo de atuação bem amplo, não se restringindo apenas à sala de aula ou ao trabalho pedagógico na escola, podendo atuar assim, em museus, assistência social, empresas, instituições socioeducativas, hospitais, e em outros ambientes que necessitam de seus conhecimentos e intervenções pedagógicas (CARVALHO; FIALHO; VASCONCELOS, 2017).

Nesse sentido, este trabalho tem como escopo discorrer acerca das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, buscando por meio de um estudo bibliográfico e das experiências obtidas no programa refletir acerca do processo de formação do pedagogo.

Para compreender melhor como se dá a formação do Pedagogo e o seu campo de atuação recorreremos aos documentos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. O referido curso está estruturado em nove semestres, em que são oferecidas disciplinas para formação desse profissional, tendo em vista preparar os discentes para atuarem nas escolas em sala de aula e nos setores de Administração e Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Tecnologia de Educação e outras áreas de atuação do pedagogo.

Apesar do campo de atuação do pedagogo ser vasto, percebemos por meio da análise da matriz curricular do curso, que este está mais direcionado para a inserção do profissional no ambiente escolar, tendo em vista a oferta de disciplinas do curso. Percebe-se ainda o distanciamento da teoria com a prática, pois na matriz curricular do curso as disciplinas dos estágios, por exemplo, são apenas nos últimos semestres. Os graduandos, desse modo, estudam a teoria, não tendo contato com a escola para exercerem sua prática e articulá-la de modo crítico e reflexivo. Dessa forma, o PIBID vem como uma forma de fazer acontecer essa articulação, pois como um programa de formação de professores, ele busca promover a integração entre educação superior e educação básica das escolas estaduais e municipais, incentivando a formação de professores em nível superior para a educação básica e contribuindo para a valorização do magistério.

Diante desse contexto, neste trabalho elencamos algumas contribuições, a partir da leitura de alguns autores tendo em vista compreender o papel do Pedagogo, no que concerne à sua formação e atuação. Em decorrência dos conhecimentos adquiridos por meio da fundamentação teórica desses autores e das observações realizadas ao longo

do PIBID, procuramos por meio deste relato refletir acerca do conhecimento sobre a docência e as variáveis que envolvem este processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na condição de bolsista observava e participava das atividades realizadas com os alunos em sala de aula e fazia as anotações necessárias. As observações foram realizadas em uma turma do 3º ano, da escola pública EMEIF Professor Francisco Maurício De Mattos Dourado, localizada no Bairro Edson Queiroz, Fortaleza-Ce, no período de fevereiro a dezembro de 2017. Durante esse tempo tive contato com a realidade escolar, constatando seus desafios e conquistas, ao estar inserida na sala de aula meu campo de conhecimento ampliou-se, despertando assim, o desejo de a cada dia de exercer um bom papel como educadora.

Ao iniciar no programa era tudo muito novo do qual não sabia muita coisa, ao participar das atividades da bolsa entrei em contato com a escola, vivenciando em dois dias da semana a rotina da sala de aula, participando do planejamento e ministrando aulas. A princípio algumas dificuldades surgiram, planejar uma aula era algo novo, diferente, questionamentos eram constantes: Que conteúdo abordar? O que eu quero que as crianças aprendam com esse conteúdo? Como trabalhar as atividades de forma diferente?

Foi a partir desses questionamentos e das observações feitas ao longo das aulas da professora regente que procurei elaborar atividades que fugissem um pouco do tradicional, ou seja, das aulas metódicas centradas no professor e na transmissão dos conhecimentos, onde o educador é o detentor do saber se apresentando como modelo a ser seguido. Uma educação bancária que segundo Paulo Freire (2017, p. 80):

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repete. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los.

Infelizmente ainda presenciamos esse tipo de educação em várias escolas nos dias atuais, onde os educandos são meros expectadores dos assuntos explanados pelos educadores. Ao longo do percurso no programa percebi que o ato de ensinar não é tão simples, ele requer um trabalho específico e reflexões mais amplas sobre o fazer pedagógico, para que não se reproduza essa educação bancária que forma alunos alienados. Dessa forma, ao pensar nas aulas que desenvolveria na escola estava sempre procurando fazer uma articulação entre as teorias que dão sustentação as práticas educativas estudadas na universidade e as experiências adquiridas na sala de aula durante o programa. Como já dito anteriormente, o Pibid promove esse espaço de prática.

O Pibid é um programa que concede bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais, cujo objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

O grupo do PIBID/PEDAGOGIA/UECE no qual fazia parte era composto por 20 bolsistas, uma coordenadora de área e quatro professoras supervisoras que ficavam responsáveis pelos bolsistas na escola. A professora que me supervisionou já trabalhava na escola há vários anos, mas atualmente ensinava apenas no turno da tarde uma turma de 3º ano. Durante as aulas ela estava sempre preocupada em terminar as atividades do livro do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), porque existia certa cobrança por parte da direção para que essas atividades fossem concluídas. Nesse sentido, era notório que o planejamento dela estava muito baseado nesse livro, não havendo espaço para aulas mais reflexivas que proporcionassem aos estudantes socialização e que os instigassem a pensar criticamente. As aulas da professora eram quase sempre a mesma coisa, os alunos chegavam e sentavam, ela explicava um pouco sobre o assunto que seria estudado, em seguida passava a atividade, os alunos deveriam responder sentados e em silêncio.

Ao longo do tempo na escola constatei que é um pouco difícil para o professor trazer diariamente atividades diferentes, mais lúdicas para a sala de aula, isso porque existem vários percalços no dia a dia que impossibilitam essa prática, principalmente a cobrança por parte da gestão no que concerne às avaliações externas e ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Ao ingressar na escola por meio do Pibid deparei-me com uma turma de 33 alunos, onde os níveis de conhecimentos variavam muito, existiam alunos que ainda não conseguiam ler, outros liam, mas não entendiam o que estavam lendo, por isso, no início elaborar atividades que atendessem a todos estudantes era um fator desafiador.

Os obstáculos encontrados na educação contribuem para que o professor muitas vezes não consiga executar na prática os conceitos teóricos aprendidos na universidade. Por isso é importante o educador não se acomodar com o sistema tradicional imposto e buscar maneiras de despertar nos alunos o interesse por aprender, com aulas mais dinâmicas, criativas. Concordamos com Paulo Freire (1992) quando ele diz que é preciso ousar para permanecer ensinando por longo tempo nas condições precárias em que vivemos, é preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não a burocratização da mente a que nos expomos diariamente. Este é um desafio constante em nossas vidas de educadores, quer como pessoas no mundo, quer como profissionais responsáveis pela concretização do processo educativo escolar.

Aprendemos no decorrer da graduação a importância de sermos educadores transformadores da realidade dos nossos educandos, e para isso é preciso fazer uma educação crítica, libertadora, capaz de mudar nossa sociedade. Foi com esse pensamento que ao participar do Pibid pude me reconhecer de fato como profissional, refletindo sobre minha prática cotidiana, tomando-a como ponto de partida e de chegada para transformar os desafios constantes enfrentados no processo formativo. Como ressalta Paulo Freire (1999) o fundamental para a formação docente é:

[...] o momento [...] da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...] quanto mais me assumo como estou sendo e

percebo a ou as razões de ser, de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar [...] (p. 39).

Infelizmente em boa parte da graduação não temos contato com essa prática, daí a importância de um programa como o Pibid, pois é por meio dele que temos contato com a escola, podendo refletir sobre nossa prática, aplicar o que aprendemos no curso, e identificar se realmente é nesse ambiente que pretendemos trabalhar.

Sabe-se que o fazer docente é uma atividade que exige rumo e partilha, saber o que fazer e como fazer tem seu sentido vinculado ao para que fazer, esses fundamentos didáticos são essenciais para o exercício da profissão. Nesse sentido, o pedagogo é um profissional que atua em várias áreas educativas, desde a educação formal até a informal, passando por empresas, hospitais, movimentos sociais, como já mencionado. É com esse entendimento que Libâneo (2010) assevera que:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socio-educativas de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades (p. 38).

No entanto, apesar desse entendimento, o curso de pedagogia ainda tem como foco o ambiente escolar - por este ainda ser o local que mais abrange esses profissionais -, os estudos estão voltados para o pedagogo em sala de aula, com o intuito de formar um professor qualificado para lidar com os desafios enfrentados no mundo da educação.

Salienta-se que os fundamentos teóricos proporcionam aos estudantes grandes aprendizagens, mas é na prática educativa que esses profissionais aprimoram seus saberes, pois, é por intermédio da experiência em sala de aula que eles têm a oportunidade de desenvolver seus métodos e suas potencialidades. No que concerne a esses saberes provenientes das experiências profissionais Tardif (2014, p.21) assegura que:

[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e

produção de seus próprios saberes profissionais. Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho [...].

Os saberes adquiridos com o exercício da profissão permitem que educador reflita sobre sua prática, sobre seu modo de fazer a educação, dessa maneira, ao ensinar, o professor esforça-se para estabelecer relações com seus alunos desencadeando com eles um processo de formação mediado por uma variedade de interações. É justamente essa interação entre os pares que o Pibid proporciona ao estudante de graduação, além do contato com os hábitos e rotinas escolares.

Somos sujeitos com capacidade de criar e recriar nosso modo de estar no mundo e nele intervir, ou seja, sujeitos de práxis. Segundo Pimenta (1994, p. 93), “A atividade docente é práxis..., É sistemática à medida que tenta objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) é intencional, não casuística”. Ou seja, ao realizar a sua ação docente, o professor também aprende e vai construindo o seu conhecimento. O trabalho, como princípio educativo, está situado no movimento de articulação entre teoria e prática pedagógica, que é a profissão do professor e constitui a sua identidade como tal. Em consonância com o pensamento de Farias (2014)

[...] o professor, como qualquer outro ser humano, se conduz por meio das relações que estabelece com o mundo físico e social. É pela ação interativa com as dimensões materiais e simbólicas da realidade social em que se encontra inserido, pelas experiências individuais e coletivas tecidas no mundo vivido, que o docente intervém de modo criativo e autocriativo em sua relação com os outros e com o universo do trabalho [...] (p. 58)

É a partir dessa concepção que se cria a identidade profissional do educador, é esse repertório de experiências e saberes, que orienta o modo como ele pensa, age e relaciona-se consigo mesmo, com as pessoas, com o mundo e como vive sua profissão.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O PIBID é um programa de grande importância acadêmica, pois possibilita ao educando novas experiências, abre novos horizontes para o mundo da docência. Dentro do espaço universitário temos contato com muitos teóricos, aprendemos muita coisa, no entanto, somente com a vivência na escola, podemos aprender de forma mais significativa o papel do professor, quais seus desafios, dúvidas, aspirações.

Ao longo dos meses no PIBID vivenciei e compartilhei muitos ensinamentos com meus colegas, aprendi muita coisa com a coordenadora do projeto e com a professora que me acompanhava na escola. Hoje tenho uma bagagem de experiências significativas que foi possibilitada por meio do programa. Por isso é muito importante que durante a graduação o profissional tenha contato com a escola, uma vez que somente com essa vivência ele será capaz de saber lidar com as adversidades desse ambiente. Com esse tempo no PIBID observei muita coisa, entendi melhor os alunos, compreendi o fazer docente, fui me desenvolvendo e me reconhecendo como profissional do ensino. As experiências advindas durante esse período foram de grande relevância para minha formação, pois foi no ambiente escolar que aprimorei minha prática, vivenciei os desafios e as possibilidades do ensino, além de me desenvolver e me reconhecer como profissional da educação.

Por fim, como exposto no decorrer do texto, a partir das experiências vivenciadas no Pibid o educando tem a oportunidade de ter uma graduação com mais possibilidades, que contribua para a formação do pedagogo, onde ele aprende na prática a partir da observação, participação e colaboração. Destarte, importa destacar que é essencial a articulação da teoria com a prática para a formação desse profissional de uma forma mais crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Pibid**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>

CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. **O pedagogo na assistência social**. – Fortaleza: EdUECE, 2017.

FARIAS, I. M; SALES, J. O; BRAGA, M. M; FRANÇA, M. S. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. 4. Ed. Brasília. Liber Livro, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 63. Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2017.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo. Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

A MONITORIA ACADÊMICA EM DIDÁTICA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cassandra Taís Martinelli. IFRS/*Campus* Sertão
cassandratais7@gmail.com²
Alexandra Ferronato Beatrici. IFRS/*Campus* Sertão
alexandra.beatrici@sertao.ifrs.edu.br³

RESUMO

A Monitoria Acadêmica em Didática é uma ação extraclasse, onde os encontros acontecem no Laboratório de Ensino do IFRS/*Campus* Sertão, em três dias da semana, nos turnos, matutino, vespertino e noturno. Possui como objetivos: a) oportunizar aos estudantes com dúvidas e/ou dificuldades sobre o conteúdo trabalhado na disciplina de Didática aprender em outro espaço de diálogo, tempo e explicação; b) auxiliar os estudantes com sugestões de materiais teóricos e práticos que façam relação com o conteúdo curricular do plano de aula desenvolvido para o estágio da docência; c) ser um momento para a problematização e reflexão do trabalho pedagógico e da formação docente; d) possibilitar aos estudantes autonomia, criatividade e mobilização para o conhecimento. O trabalho realizado configura-se num espaço em que as perspectivas teóricas estudadas podem ser confrontadas com as situações vividas no cotidiano da sala de aula de forma que o (s) monitor/estudantes tornem-se críticos, próximos e construtores do conhecimento acerca do exercício da docência.

Palavras Chaves: Monitoria. Aprendizagem. Didática.

INTRODUÇÃO

Os programas de monitoria tem se firmado no ensino universitário como uma possibilidade de aprendizagem e de prática didático - pedagógica que contribui para a formação do estudante do ensino superior, possibilitando a este desenvolver atividades ligadas a área de conhecimento de seu curso. Nos Institutos Federais, o ensino superior, se constitui em um espaço de produção do conhecimento, no qual os estudantes realizam sua formação profissional nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Porém, além de profissionalizar, a educação superior tem a finalidade de iniciar à prática

² Acadêmica do Curso de Formação Pedagógica para Docentes da Educação Básica e Profissional. Monitora Bolsista PIBEN do projeto relatado.

³ Profa. Dra. Coordenadora do Projeto de Monitoria em Didática; professora responsável pelo componente curricular de Didática nos cursos de licenciatura do IFRS *Campus* Sertão.

científica e formar a consciência político-social do estudante, tendo em vista “(...) sua destinação última que é contribuir para o aprimoramento da vida humana em sociedade.” (SEVERINO, 2007, p. 22). Assim, é importante que o estudante, especialmente aquele que pretende seguir a carreira da docência, busque compreender os processos de ensino e aprendizagem visando atuar nesta de maneira coerente, crítica e reflexiva sobre o mundo que o cerca, tornando-se agente de sua construção.

Nesse contexto, a atividade de monitoria acadêmica é entendida como instrumento para a melhoria do ensino superior, pois através da mediação e do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas fortalece a articulação entre teoria, prática e integração curricular em seus diferentes aspectos, promovendo a cooperação mútua entre discente e docente, pois ao ingressar na vida universitária o estudante depara-se com novas perspectivas e possibilidades de estudo. Com isso, esta atividade, entendida como uma ação formativa possibilita, especialmente ao acadêmico monitor experiências com o processo de ensino e aprendizagem (Schneider, 2006), além de contribuir para o desenvolvimento da competência pedagógica e auxiliar na aprendizagem e produção do conhecimento.

Essa prática, no contexto educativo destaca-se pela sua importância no processo de ensino e aprendizagem como parte do procedimento pedagógico, pois demonstra sua utilidade à medida que atende às dimensões “política, técnica e humana na prática pedagógica (CANDAU, 2011, p.12-22). Por ser uma ação onde percebe-se uma contribuição imensa na formação integrada do estudante nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, é relevante que a mesma seja percebida nos espaços de ensino como um instrumento de melhoria dele próprio, que estabelece novas práticas e experiências pedagógicas, fortalecendo a relação entre teoria e prática e integração curricular em seus diferentes aspectos.

Freire (2002), também ressalta a relevância desta atividade, pois viabiliza o respeito à autonomia e à dignidade de cada um, tornando a ação um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Compreendendo seus dizeres e a necessidade de tal atividade dentro dos cursos de licenciaturas, o trabalho

com a Monitoria Acadêmica em Didática teve início em março de 2018⁴ e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Ensino (PIBEN) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Surge da demanda de suporte teórico e metodológico para os estudantes com dificuldades de aprendizagens que cursam as Licenciaturas do *Campus*⁵ e que necessitam de maior tempo de aprendizagem (do que aquele da sala de aula) para compreender e estruturar os planos de aula para o estágio da docência.

O PROJETO DE ENSINO E SUA FUNCIONALIDADE

O projeto de ensino em Monitoria Acadêmica em Didática é uma ação extraclasse que busca auxiliar os estudantes nas dificuldades ocorridas no componente curricular de Didática, propondo procedimentos de ensino capazes de amenizá-las. O trabalho sob esse enfoque pode ser compreendido como uma atividade de apoio discente ao processo de ensino e aprendizagem e cumpre duas funções: iniciar o estudante na docência de nível superior e contribuir com a melhoria do ensino de graduação, tendo uma grande responsabilidade no processo de socialização na docência universitária, assim como na qualidade da formação profissional oferecida, o que reverterá a favor da formação do futuro docente.

Os encontros dos estudantes com o acadêmico monitor acontecem no Laboratório de Ensino da instituição divididos em três dias da semana, nos turnos, matutino, vespertino e noturno alternadamente e possui como objetivos: a) oportunizar aos estudantes com dúvidas e/ou dificuldades sobre o conteúdo trabalhado na disciplina de Didática: planos de aula e metodologias de ensino aprender em outro espaço de diálogo, tempo e explicação sobre o conteúdo; b) auxiliar os estudantes com sugestões de materiais teóricos e práticos que façam relação com o conteúdo curricular do plano de aula desenvolvido para o estágio da docência; c) ser um momento para a

⁴ O IFRS – *Campus* Sertão conta com outros Projetos de Ensino em Monitoria em diversos cursos e componentes curriculares.

⁵ Atualmente o IFRS/*Campus* Sertão oferece os cursos de: Licenciatura em Ciências Agrícolas, Licenciatura em Ciências Biológicas e Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Básica e Profissional.

problematização e reflexão do trabalho pedagógico e da formação docente; d) possibilitar aos estudantes autonomia, criatividade e mobilização para o conhecimento.

A EXPERIÊNCIA DA MONITORIA

Partindo da compreensão da relação com o saber Charlot (2013), procuramos reforçar nos encontros com os estudantes recebidos na Monitoria Acadêmica de Didática, o pensamento epistêmico da concepção de mobilização do sujeito para a aprendizagem (em direção ao saber), isso permite pensar que não devemos como professor e monitor somente analisar as situações escolares pelo viés teórico da reprodução, mas compreender como determinadas situações em sala de aula acontecem e quais foram os processos que contribuíram para que alguns estudantes demonstrassem dificuldade com o conteúdo desenvolvido, pois o saber é uma forma de representação de uma atividade, de relações do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com outros. Então, “não há saber que não esteja inscrito em relações de saber” (CHARLOT, 2013, p. 63).

Diante deste pressuposto, as estratégias de aprendizagem propostas nos encontros da monitoria, mostraram-se contrárias a uma perspectiva aplicacionista que, segundo Imbernón (2010), tendem a seguir um modelo de “treinamento”, no qual o formador (aqui representado pelo monitor) apresenta-se como um “expert”. Os processos educacionais pensados buscam ser uma reconstrução da experiência pensada em Dewey (1976), de que toda experiência modifica quem a vive e por ela passa. A experiência, assim entendida, possibilita apreender que esta é uma aquisição de saberes que se realiza em cada situação de vida social na qual se constroem conhecimentos e habilidades correspondentes, vinculados seja à vida cotidiana, seja à investigação científica.

No primeiro semestre deste ano, foram atendidos deste estudantes que estavam em busca de sugestões de atividades metodológicas/pedagógicas para complementar o plano de aula do estágio, como também, recebemos estudantes com dificuldade de compreensão, organização e planejamento dos procedimentos necessários para o estágio da docência. Abaixo, relatamos três acompanhamentos semanais realizados, que vem ao

encontro do crescimento acadêmico e profissional dos envolvidos e ao sentido da experiência citado no parágrafo anterior.

Estudante A – Chamou nossa atenção a expectativa que a Estudante tinha em relação ao trabalho da acadêmica monitora, pois acreditava que ela seria responsável por fazer todos os planos de aula, deixando apenas o processo de reprodução deste, ou seja, o estágio para ser concluído pela estudante. Após explicação sobre o objetivo do projeto e da função da monitoria acadêmica, houve mudança de postura e entendimento deste processo pela Estudante A. Durante os encontros pode-se perceber sua fragilidade emocional e como a participação no espaço da monitoria acadêmica, foi importante para que além das dúvidas e compreensão quanto ao curso, especialmente à práxis da docência, esta pudesse conversar com alguém que escutasse suas angústias. Entre as dificuldades apresentadas pela estudante, estava a não compreensão da funcionalidade do plano de aula e dúvidas de como aplicar metodologias que fossem além da aula expositiva em sala de aula. Foi montado um plano de ação e ao findar o semestre a estudante conseguiu a aprovação para o estágio de docência.

Estudante B – A estudante apresentou dificuldade na escrita, introspecção de posicionamento frente a fatos e opiniões, falta de entendimento e domínio dos recursos digitais. Como a instituição, através do DAE⁶ não possui nenhum registro de um diagnóstico Psicopedagógico ou Psicológico desta, foi traçado um plano de ação visando retomar conteúdos da Língua Portuguesa (uso de expressões, verbos, sinais de pontuação) e utilização do Word para fixação do conteúdo planejado para o futuro estágio. A estudante segue o segundo semestre com a monitoria a fim de conseguir elaborar os planos de aula com clareza e coesão, bem como superar as dificuldades apontadas, que estão sendo trabalhadas, para que consiga cumprir a etapa final do curso, dentro do seu tempo e possibilidades.

Estudante C – Esta possui como diagnóstico Deficiência Intelectual Leve: dificuldade de organização, entendimento dos conteúdos, sociabilidade com os colegas e alguns professores, dispersão, dificuldade com a memória de longa duração. Como

⁶ Departamento acadêmico e estudantil.

adaptação curricular na disciplina de Didática, foi proposta a atividade avaliativa de confecção de um Portfólio dos conteúdos estudados em sala de aula. Assim, em cada aula a estudante tinha uma atividade prática referente ao conteúdo desenvolvido que deveria ser feita nos encontros da monitoria acadêmica. O acompanhamento contínuo realizado, através dos encontros, a elaboração de uma agenda e organização da gestão de tempo e de estudo da estudante auxiliaram para que houvesse resultado positivo em sua aprendizagem, tendo reflexo em outras disciplinas do curso. No segundo semestre, a Estudante C continuará tendo acompanhamento e auxílio da acadêmica monitora para com os conteúdos em que apresenta maior dificuldade ou dúvidas de entendimento e compreensão.

CONCLUSÃO

O Projeto de Monitoria Acadêmica em Didática vêm se configurando num espaço em que as perspectivas teóricas estudadas durante o curso podem ser confrontadas com as situações vividas no cotidiano da sala de aula e dos encontros realizados de forma que os monitor/estudantes tornam-se mais críticos, próximos e construtores do conhecimento acerca do exercício da docência.

Vários autores destacam que as atividades de monitoria representam um instrumento que pode ser eficiente e eficaz para a melhoria do ensino de graduação, verificamos que isso é possível e pode-se constatar especialmente com a Estudante C. Assim, parafraseando Paulo Freire, ensinar se dilui na experiência fundante de aprender. Além disso, as relações sociais estabelecidas nos encontros de monitoria servem como uma alavanca e/ou estímulo para o desenvolvimento pessoal de quem recebe o auxílio e também de quem se dispõe a contribuir na formação do colega. A multiplicação de conhecimento teórico-prático, a compreensão das atividades realizadas, a melhora progressiva nas notas, a interação social percebida pelos professores, são alguns dos aspectos positivos conseguidos.

A Monitoria Acadêmica em Didática, como uma estratégia de ensino, potencializa a aprendizagem, pois mediante a atuação do monitor, nos acompanhamentos dos planos de aula, nas intervenções quanto a atividades

metodológicas realizadas em sala de aula, possibilita colocar em prática o que foi aprendido durante do curso de licenciatura. É uma atividade que solicita competências do monitor para atuar como mediador da aprendizagem dos colegas, contando para sua realização com a dedicação, o interesse e a disponibilidade dos envolvidos, pois ao ser colocado como protagonista de seu estudo, o monitor e o estudante viabilizam uma situação de aprendizagem em que ambos os lados aprendem.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. F. A didática em questão e a formação de educadores-exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. F. (org). **A didática em questão**. 36ªed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

DEWEY, Jonh. **Experiência e Educação**. Tradução por Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à prática Educativa. 25º edição, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHNEIDER, M.S.P.S. **Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula**. In: Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. Mensal, p. 65. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/065/65schneider.htm>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. – 23. ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisco Nunes de Sousa Moura⁷
Francisca Daniela Lira Mota⁸
Jones Baroni Ferreira de Menezes⁹

Resumo

O objetivo geral deste trabalho incide em relatar as metodologias de ensino aplicadas por um docente de ciências para a abordagem do tema da educação contextualizada, respondendo a temática “*Respeito e igualdade de gênero: enfrentamento da violência contra a mulher*”, proposto para o primeiro semestre do ano de 2018. Para a realização desta pesquisa qualitativa, os alunos do 7º e 8º da Escola José Domingos de Moraes e 7º e 9º da Escola Antonio Lopes Teixeira realizaram pesquisas na *internet* sobre a participação das mulheres nas ciências para divulgação a comunidade. No início, os discentes apresentaram resistência para confecção do material, sendo amenizada por motivações, entre elas um diálogo com os mesmos, apresentando a realidade de diversas mulheres. Quanto as divulgações, os visitantes relataram surpresas aos diferentes comportamentos dos homens sob as mulheres na história. Desta forma, esse trabalho contribuiu para os envolvidos adquirirem mais conhecimentos sobre mulheres nas ciências, assim como intensificou a relação professor e aluno.

Palavras-chave: Educação contextualizada. Mulheres. Ciências.

INTRODUÇÃO

A educação contextualizada para a convivência com o semiárido tem o propósito de integrar diversos papéis críticos, reflexivos e culturais dentro da apropriação dos conhecimentos que estão aderidos á âmbitos sociais locais e regionais (FERNANDES; MARQUES, 2012). Esse é um projeto proposto pela Rede de Educação do Semi-Arido Brasileiro (RESAB), em parceria com a caritas diocesana e as escolas da educação básica, com o intuito do lançamento de temas semestrais para a abordagem em sala de aula nos distintos contextos das disciplinas curriculares.

⁷ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (FAEC/UECE). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: nunes.moura@aluno.uece.br

⁸ Graduada em Ciências Biológicas pela FAEC/UECE. Especializando em Ensino de Ciências da Natureza e Exatas pela Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED). E-mail: daniela.mota@aluno.uece.br

⁹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor efetivo na FAEC/UECE. E-mail: jones.baroni@uece.br

No primeiro semestre de 2018, a temática proposta consiste em “*Respeito e igualdade de gênero: enfrentamento da violência contra a mulher*”, buscando abordar a participação das mulheres em diferentes contextos sociais, políticos, científicos e culturais. Identifica-se nesse contexto do semiárido que os processos externos às realidades escolares dos alunos são determinantes dentro do ambiente escolar, na medida em que pretendem-se abordar problemáticas sociais como igualdade de gênero, através da contextualização dos conhecimentos durante as aulas (SILVA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2018).

Diante o exposto, o objetivo geral deste trabalho incide em relatar as metodologias de ensino aplicadas por um docente de ciências para a abordagem do tema da educação contextualizada, mediante objetivos específicos de descrever as metodologias utilizadas que versam o tema respeito e igualdade de gênero, bem como o comportamento dos alunos com as práticas de ensino e descrever a importância desta para a formação do docente da educação básica e alunos envolvidos na ação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste em um relato de experiência, de abordagem qualitativa, utilizando a observação como principal fonte de coleta de dados. Ela desenvolveu-se nas Escolas de Ensino Fundamental Antonio Lopes Teixeira (ALT) e José Domingos de Moraes (JDM), situadas, respectivamente, nos distritos de Mulungu e Lagoa do Barro no município de Iraporanga, cidade localizada na mesorregião Sertões Cearense, e possui cerca de, aproximadamente, 400 km de distância da cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

Para a efetivação das atividades, propôs-se aos alunos a realização de algumas pesquisas na *internet* sobre os seguintes temas sugeridos pelo professor: “*a participação das mulheres nas ciências*”, “*igualdade de gênero na mecânica*”, “*mulheres ganhadoras do prêmio Nobel*”, “*igualdade de gênero na Petrobrás*”, “*mulheres nos cursos universitários de ciências*”, “*Brasil: igualdade de gênero nas ciências*” e “*homens e mulheres cientistas*”. Apesar das temáticas para discussão serem

as mesmas para abordagem nas duas instituições de ensino, as séries, formas de construção e divulgação são distintas.

Em seguida, os discentes escreveriam as pesquisas em folha sem pauta A4 para posterior exibição, e assim socializar as atividades em eventos. Na escola JDM aconteceu um intercâmbio, na qual a instituição de ensino foi visitada pela comunidade local e visitantes de outros estados, enquanto na escola ALT ocorreu uma culminância para exibição das atividades apenas à comunidade local.

Na escola JDM, solicitou-se uma pesquisa a turma do 8º ano, composto por 26 alunos, para buscar informações referente a participação das mulheres nas ciências, respondendo a problemática quanto a falta de conhecimento sobre mulheres pesquisadoras, sendo que, ao falar de cientistas, os nomes mais citados são Isaac Newton, Gregor Mendel, Charles Darwin, entre outros do sexo masculino. Assim, esses discentes receberam o nome de uma pesquisadora para conhecerem e divulgarem a sua história, e desta forma evitar repetição de nomes nas pesquisas, uma vez que a produção seria organizada como um livro.

Outra proposta, na mesma instituição, ocorreu para o 7º ano, o qual foi dividido os temas “*igualdade de gênero na mecânica*”, “*mulheres ganhadoras do prêmio Nobel*”, “*igualdade de gênero na Petrobrás*”, “*mulheres nos cursos universitários de ciências*” e “*Brasil: igualdade de gênero nas ciências*” entre os 27 alunos que constituíam a turma, na tentativa de apresentarem informações sobre a participação e valorização das mulheres nestes diferentes eixos. Para a confecção do material da pesquisa, os discentes realizaram busca de informações em *sites* jornalísticos, como forma de dá confiabilidade aos dados; a distribuição dos temas aos alunos se deu pela organização em sala, visto que os alunos são organizados por cinco diferentes filas, ficando um tema por fila. Após a escrita dos dados em folha sem pauta A4, solicitou-se que os discentes realizassem produção artística no material para atrair os visitantes. Os modelos para realização dos trabalhos estão expostos nas imagens 1 e 2.

Imagem 1. Modelo para construção do trabalho mulheres nas ciências.

Foto	Nome:
	Nacionalidade:
	Área de estudo:
	Pesquisa:

Biografia nas ciências

Regras:
Escrito em folha sem pauta;
Manuscrito de caneta azul ou preta;
Respeito às margens 3 - esquerda e superior e 2 direita e inferior;

Fonte:
Responsável pela pesquisa:

Fonte: elaborado pelos autores.

Imagem 2: Modelo para a pesquisa das mulheres em distintos eixos científicos.

Título

Data de publicação

Texto jornalístico

Regras:
Escrito em folha sem pauta;
Manuscrito de caneta ou preta;
Respeito às margens 3 esquerda e superior e 2 esquerda e inferior

Fonte:
Responsável pela pesquisa:

Fonte: elaborado pelos autores.

Na escola ALT, as atividades descritas acima foram divididas em dois momentos, e para a turma do 9º, composto por 24 alunos, como ação complementar para o ensino na disciplina de física e química. O primeiro momento se deu para pesquisa sobre mulheres nas ciências, logo após essa busca de informações, os alunos pesquisaram sobre a participação das mulheres nas temáticas acima distribuídas para o 7º ano, sendo divididos por filas, e com ambas as propostas para confecção em folha sem pauta, no intuito de divulgá-los em painéis.

Por fim, ainda na instituição de ensino ALT, solicitou-se aos 26 alunos do 7º ano para realização de pesquisas sobre homens e mulheres cientistas, como método de informatizar sobre pesquisas científicas realizadas por ambos os sexos, assim como demonstrar respeito e igualdade de gênero. Em consequente a pesquisa dos cientistas, pediu-se a esses uma confecção artística para chamar atenção dos visitantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CONSTRUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA DIVULGAÇÃO

Após a solicitação de cada material, o docente determinou um prazo de uma semana para a entrega dos pedidos. Entretanto, algumas dificuldades circundaram esse

processo, entre elas podemos citar a resistência de alguns alunos para a entrega do material, assim como a apresentação de alguns trabalhos fora das recomendações pelo docente, como escritos a lápis, manter as linhas construídas a lápis, letras irreconhecíveis e falta de respeito às margens, o que, respectivamente, dificulta à leitura do manuscrito, prejudica à estética do trabalho, complica à compreensão da tarefa e demonstra desorganização na atividade.

Para reverter a problemática da resistência dos alunos, tornou-se necessário a motivação destes por intermédio da atribuição de pontos nos trabalhos avaliativos, além de uma roda de conversa realizada pelos colegas que haviam executado a atividade. Neste contexto, os alunos relataram diversas situações encontradas em suas pesquisas, como o caso da cientista Cecília Payne, a qual teve seu trabalho rejeitado pelo orientador, e quatro anos depois, este o publicou, recebendo diversos méritos; Rosalind Franklin que descobriu as informações iniciais sobre o ácido desoxirribonucleico (DNA), mas os créditos foram dados a James Watson e Francis Crick por descobrirem a estrutura do material genético com as informações de Rosalind; e Marie Curie, a primeira mulher a conquistar dois prêmios Nobel nas ciências. A soma da motivação em pontos e contextualização da vida das mulheres nas ciências chamou à atenção dos alunos, acarretando no aumento de trabalhos entregues, bem como o recebimento dos trabalhos de todos os alunos do 8º ano na escola JDM.

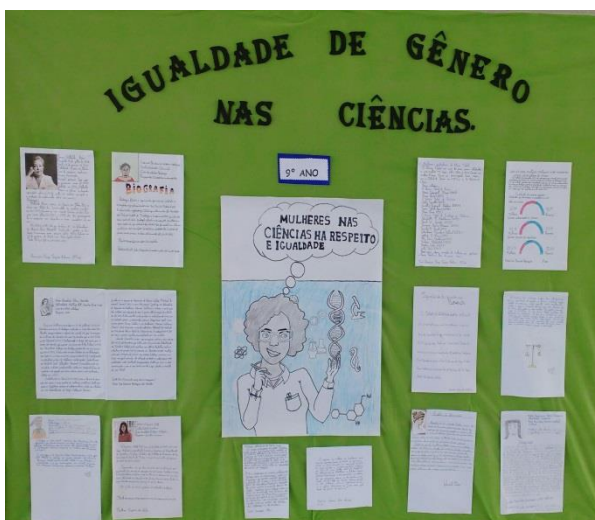
De acordo com Macedo et al. (2015), a desmotivação dos alunos ocorre em todas as disciplinas, não somente nas ciências, em virtude da falta de acompanhamento e cobrança familiar, assim como, a carência da participação de todos dos sujeitos escolares no processo de ensino e aprendizagem. Para esses autores, torna-se necessário a produção de aulas lúdicas, experimentais, dinâmicas e contextualizadas para motivar os alunos ao aprendizado. Segundos Festas (2015), a contextualização é um método autêntico para inserir os alunos a problemáticas, casos ou projetos da comunidade, o que contribui para atraí-los, uma vez que ligam seus conhecimentos a realidades locais.

DIVULGANDO SABERES: MULHERES NAS CIÊNCIAS

Após o recebimento dos trabalhos ocorreu nas escolas a divulgação de cada atividade, sendo o método de apresentação em painéis (9º ano e 7º ano, escolas ALT e JDM, respectivamente), modelo de livro (8º ano, escola JDM) e em murais (7º ano, escola ALT), como demonstrado nas imagens 3 a 6. Esses materiais foram fixados nas estruturas dos ginásios de cada escola, sendo apenas fixado para exibição na escola ALT; e na escola JDM apresentado pelos alunos. Entretanto, devido a um limite de alunos, determinado pela escola, para apresentação dos trabalhos; e a presença de discentes nas atividades de outros professores, somente dois alunos puderam ser escolhidos para apresentar essa atividade. Esses foram selecionados devido se adequarem aos critérios de disponibilidade de tempo, visto que não apresentariam outros trabalhos e por possuírem boa desenvoltura em apresentação.

Os discentes explicaram aos visitantes, além de exposto, os resultados das pesquisas, quanto as diferentes participações e ações das mulheres nas ciências e nos eixos em que a circundam, entre eles os reconhecimentos e prejuízos das pesquisas destas nas ciências, bem como o aumento da participação desses sujeitos em atividades mecânicas; o baixo número de ganhadoras do prêmio Nobel devido furto das pesquisas por homens; os projetos de inclusão das mulheres na Petrobrás; a minoria das mulheres nos cursos superiores de ciências; e a liderança mundial do Brasil no *ranking* em igualdade de gênero nas ciências.

Imagem 3. Painel com as produções dos alunos do 9º ano, escola ALT.



Fonte: tirada pelos autores.

Imagem 4. Mural das fotos dos cientistas, produzidos pelos alunos do 7º ano, escola ALT.



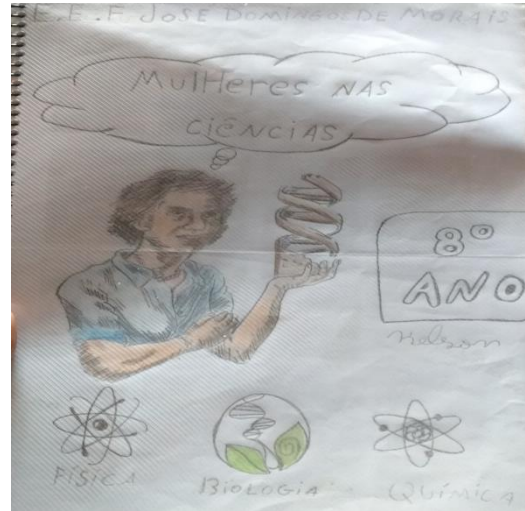
Fonte: tirada pelos autores.

Imagem 5. Apresentação do painel do 7º ano da escola JDM aos visitantes.



Fonte: tirada pelos autores.

Imagem 6. Capa do livro dos alunos do 8º ano da escola JDM.



Fonte: tirada pelos autores.

Os visitantes relataram surpresa sobre algumas informações, como a falta de reconhecimento dos trabalhos científicos pelas mulheres; o baixo número de ganhadoras no prêmio Nobel e a liderança do Brasil no *ranking* mundial, surgindo assim duas indagações; sendo a primeira direcionada às alunas do 7º ano sobre a veracidade das informações, as quais informaram serem dados de jornais como folha de São Paulo, Estadão e O Globo, o que denota conhecimento das alunas em fontes confiáveis, contribuindo para pesquisas futuras. Para Abe e Cunha (2011), torna-se essencial instigar a reflexão de dados aos alunos desde o ensino fundamental, como forma de disseminar informações verídicas, assim como desenvolverem atitudes de pesquisadores reflexivos.

Os alunos do 8º ano foram indagados quanto as suas opiniões sobre a realidade das mulheres prejudicadas pelos homens, após reflexão, esses discutiram surpresa por essas ações dentro das ciências, pois esperavam respeito e igualdade de gênero, uma vez que haviam pessoas com acesso ao conhecimento, e assim, acreditavam em melhores valorizações para ambos os sexos e não atos machistas.

Segundo Sobreira e Medeiros (2014), a educação contextualizada possibilita uma reflexão crítica aos alunos, referente aos temas propostos para abordagem nas

aulas. Assim, é importante a meditação dos docentes das disciplinas dos currículos da educação básica para buscarem metodologias no intuito de agregarem o tema ao contexto das aulas, propiciando uma sociedade com comportamentos divergentes. Complementarmente, as propostas metodológicas devem instigar a melhor compreensão dos alunos ao tema e desenvolvendo as suas próprias opiniões e reflexões, como observado na resposta dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os relatos da presente pesquisa, constata-se que a proposta de ensino foi executada com êxito, atingindo o objetivo de fazer com que os alunos envolvidos conhecessem a realidade das mulheres nas ciências e nos eixos que a circundam. Apesar da falta de interesse inicial dos alunos, esses sentiram-se motivados a pesquisarem sobre a história das mulheres, ressaltando seus reconhecimentos e injustiças. Esses relatos são intensificados com a resposta dos alunos do 8º ano a indagação da visitante, os quais possuíam outras expectativas sobre as ações masculinas.

Referente a importância destas práticas para os discentes e docente, essa foi de caráter significativo para intensificar a relação professor e aluno, uma vez que se realizou uma roda de conversa para troca de saberes. Complementarmente, os alunos foram beneficiados com a atribuição dos pontos; aquisição dos conhecimentos das mulheres em diferentes eixos temáticos; e instigação a criatividade. Em contrapartida, o professor desenvolveu novas experiências para motivação dos alunos; aumento da relação com os discentes; e de práticas metodológicas para favorecer o aprendizado discente.

REFERÊNCIAS

ABE, V.; CUNHA, M. V. A busca de informação na Internet: um estudo do comportamento de bibliotecários e estudantes de ensino médio. **Transinformação**, v. 23, n. 2, 2011.

FERNANDES, C. S.; MARQUES, C. A. A contextualização no ensino de ciências: a voz de elaboradores de textos teóricos e metodológicos do Exame Nacional do Ensino Médio. **Investigações em ensino de ciências**, v. 17, n. 2, p. 509-527, 2016.

MACEDO, G. S. G.; SILVA A. O.; PEREIRA, N. A.; FREITAS, M. S. Aspectos que refletem a motivação no contexto do ensino de ciências no Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão. **Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR**, v. 8, n. 1, 2015.

SILVA, L. P. C.; ARAÚJO, A. M. R. B.; ARAÚJO, A. E. A Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro como uma prática emancipadora. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 1, p. 104-125, 2018.

SOBREIRA, L. N.; MEDEIROS, L. B.; Educação do Campo Contextualizada no Semiárido: desafios e possibilidades. In: CUNHA, Andrews Rafael Bruno de Araújo; SANTOS, Ana Paula Silva dos; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin. **Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro: debates atuais e estudos de caso**. Paraíba: INSA, 2014.

**ENSINO DE CIÊNCIAS VS. EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
ENSINANDO E APRENDENDO**

Poliana de Sousa Carvalho

e-mail: poliana_sousa05@hotmail.com

Universidade Federal do Piauí-*Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB

Edneide Maria Ferreira da Silva

e-mail: ed.mfs@ufpi.com.br

Universidade Federal do Piauí-*Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Expedito Albano de Moura no povoado de Currinhos, município de Picos, no Piauí. O mesmo teve como objetivo conscientizar os estudantes através da realização de oficinas sobre a importância da preservação ambiental. Para tanto, foram realizadas reuniões com os pais, campanhas educativas sobre a importância da coleta seletiva e uso de resíduos orgânicos na elaboração de composto orgânico por meio da realização da compostagem. Seguindo a essa atividade, foi proposta a construção de uma horta escolar. Assim, foram cumpridos os objetivos propostos e apresentado aos discentes e demais envolvidos com a escola, alternativas para a manutenção saudável do espaço ambiental escolar e doméstico, de modo a garantir que os conteúdos escolares, de modo especial o de Ciências, ultrapassem os muros da Escola e possam contribuir para a melhoria da qualidade ambiental de toda a comunidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino de Ciências. Conscientização.

INTRODUÇÃO

É sabido que a escola tem papel fundamental na formação intelectual do indivíduo, pois deve ser nesse espaço onde se aprende e apreende os conteúdos que lhes serão úteis no decorrer da vida profissional. Acredita-se que por meio das experiências vivenciadas nesse espaço é possível despertar no estudante o senso crítico e proporcionar a conscientização sobre diversos assuntos, inclusive sobre o consumo consciente e demais aspectos relacionados a Educação Ambiental (EA).

Sabe-se que por meio da EA é possível problematizar diversos aspectos referentes aos problemas sociais vivenciados na atualidade, como consumo exagerado, descarte inadequado do lixo, contaminação ambiental causadas por meio da realização de queimadas, erosão, desertificação, enchentes, etc. Todos esses assuntos podem e devem ser trabalhados na escola, em parceria com a família e demais constituintes da sociedade civil. Contudo, mesmo frente a presente necessidade, não há uma disciplina específica na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo que seu conhecimento tem relevância na formação do aluno, conforme afirma Carvalho et.al (2013) educação ambiental não é somente um meio pelo qual o indivíduo aprende coisas sobre a natureza mas também uma maneira de compreender a importância da mesma, e também conhecer a capacidade de equilíbrio que o meio ambiente proporciona a vida humana.

Para Makmanara (2009) os problemas ambientais ligados ao lixo, queimadas, desmatamento e reciclagem podem ser abordados no Ensino de Ciências buscando ambientalizar essa disciplina escolar a fatos do cotidiano, tornando explícito aos sujeitos que todos os conteúdos de ciências são ambientais, e sendo assim podem ajudar a combater a atual crise ambiental. Partindo deste pressuposto surge a capacidade de vincular o Ensino de Ciências com a Educação Ambiental, buscando assim uma conscientização dos educandos.

O Ensino de Ciências é capaz de proporcionar equilíbrio ao sujeito e isso pode ocorrer com a utilização de dois métodos conforme afirma Rodrigues (2009) “utilizando recursos e materiais didáticos que permitam aos alunos exercitarem a capacidade de pensar, refletir e tomar decisões, iniciando assim um processo de amadurecimento”. Como enfatiza o autor o Ensino de Ciências nas escolas pode acontecer desde o uso de material pronto, como também pode acontecer com o uso de recursos desenvolvidos no ambiente escolar e que ambas as formas serão capazes de melhorar o desenvolvimento dos sujeitos, dessa forma a ligação entre Educação Ambiental e Ensino de Ciências torna-se relevante, uma vez que podem ser trabalhadas em diferentes aspectos e associadas.

Tendo essas concepções como base, o trabalho objetivou conscientizar os estudantes através da realização de atividades simples sobre a importância de preservar o meio ambiente, e enfatizar que é possível realizar oficinas que abordem conteúdos escolares e os associem a atualidade. Dessa forma, creditamos que ao proporcionar a contextualização e conseqüentemente, a aprendizagem significativa, diversos aspectos da Educação Ambiental e do Ensino de Ciências surgem de modo a serem vistos como complementares, isto é, que o conhecimento de Ciências, pode e certamente contribui consideravelmente para a efetiva Educação Ambiental dos sujeitos.

METODOLOGIA

Este trabalho ocorreu na Escola Municipal Expedito Albano de Moura no Povoado de Curralinhos Município de Picos, no Piauí, com os estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A ideia principal foi instalar uma horta na escola. Contudo, na primeira visita realizada, foi percebido que a comunidade escolar como um todo, tinha dificuldade de trabalhar alguns aspectos simples, mas de fundamental importância para a organização e higiene do espaço escolar. Evidências de descarte de papéis na área externa e interna das salas de aula, resíduos da merenda escolar lançados no lixo descobertos, pátio repleto de carteiras quebradas tornando o ambiente desorganizado.

O que de início chocou, mas que nos fez mudar a trajetória inicial proposta e nos impulsionou a mudar a estratégia. Dessa forma, propusemos que a atividade não ficasse restrita a implantação da horta, mas que fosse possibilitada aos participantes do ambiente escolar, a oportunidade de perceberem a importância de se modificar o espaço da escola. Assim, viabilizamos campanhas de Educação Ambiental. O início se deu com o estudo de termos como “reciclagem”, “coleta de lixo”, “descarte adequado” e “consumo consciente”. Pelo período de um mês, foram realizadas oficinas com a abordagem desses termos e o contexto no qual eram empregadas.

Na realização das atividades, os alunos eram estimulados a desenvolverem atividades sobre a preservação do meio ambiente, como a confecção de cartazes com

colagens de imagens encontradas em livros e revistas velhas, pinturas e análises de textos. Todas essas atividades davam ênfase a questão ambiental. Outra atividade foi desenvolvida com a organização de professores e educandos que coletaram na cidade latas de tinta e as levaram para a escola, para que os alunos as pintassem da cor dos coletores de lixo, que haviam sido estudados previamente, por meio da realização de palestras. Assim, foi possível dar início a campanha de coleta seletiva, que se estendeu pelo entorno da escola, ultrapassando os muros escolar.

A partir de então, por meio de uma reunião com os pais e mestres, os idealizadores da atividade, comentaram sobre a importância desse tipo de trabalho e convidaram para que os ajudassem na coleta e envio de resíduos orgânicos descartados em seus domicílios. Para a surpresa de todos, os pais colaboraram bastante e no dia solicitado, houve envolvimento de quase a totalidade da escola, na remoção das cadeiras e escavação da vala para a construção da pilha de compostagem (Imagem 01).

Imagem 01: Construção da pilha de compostagem.



A- Escavação da vala para a construção da pilha de composto. B- Trituração manual dos resíduos coletados pelos pais dos alunos e merendeira da escola. C- Preparação da pilha de composto. D- Cobertura com plástico para manter umidade e temperatura elevado, fatores que aceleram o processo de compostagem. **Fonte:** Autoria própria.

Ao final de quinze dias, a equipe voltou a escola e lá fez a remoção do composto para uma área, previamente separada onde se deu a construção da horta escolar. De modo que a atividade, de início proposta, percorreu um trajeto longo, de quase um ano para ser executada (Imagem 02).

Imagem 02: Implantação da horta na escola.



A- Escolha do espaço no interior da Escola para o desenvolvimento das atividades. B- Após implantação do projeto, com a remoção da primeira pilha de composto, observa-se mudança no espaço físico. C- A medida que as atividades vão se consolidando, a área torna-se produtiva. D- Colheita de cebolinha para uso na merenda escolar. **Fonte:** Autoria própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso trabalho foi direcionado aos alunos do Ensino Fundamental para que eles tivessem contato com as problemáticas ambientais, tendo em vista que a “educação

ambiental é um processo pelo qual o educando começa a obter conhecimentos acerca das questões ambientais, onde ele passa a ter uma nova visão sobre o meio ambiente, sendo um agente transformador em relação à conservação ambiental”. (Medeiros et.al, 2011 p.2)

Partindo desse pressuposto buscamos apresentar aos alunos atividades que desenvolvessem seu pensamento acerca das problemáticas ambientais, como por exemplo a realização de oficinas de reciclagem, pintura de coletores, confecção de cartazes, manuseio com a terra, realização de compostagem, uso desse composto como adubo no plantio das hortaliças utilizadas na merenda escolar e fornecidas gratuitamente a comunidade.

Embora, de início a proposta tenha sido mais imediata, por meio da visita dos proponentes da atividade, foi possível perceber que a implantação da horta não teria significado para a comunidade escolar se a mesma não se envolvesse na construção dessa e mais, que diversos aspectos ambientais estavam envolvidos até se chegar na construção da horta. Ao se trabalhar dessa forma, foi percebido que a comunidade toma para si a responsabilidade de construir e manter a horta, pois sabem que há a participação e o envolvimento de todos e o sentimento de pertencimento surge de forma evidente.

No que se diz respeito as atividades realizadas, foi possível perceber o interesse e despertar dos alunos para as questões relacionadas a preservação ambiental. O trabalho de pintura das latas de tinta na cor dos coletores (Imagem 03), referentes a coleta seletiva de lixo, conseguiu envolver os educandos de tal modo que a partir de então, foi possível perceber a alegria dos sujeitos pelo fato de terem transformado algo que era considerado lixo em coletores de lixo adequados ao descarte de dado resíduo, cada um representado por sua cor. Na elaboração de cartazes com figuras recortadas de livros e revistas velhas, percebeu-se que os estudantes gostam desse tipo de tarefa, no entanto, não demonstraram interesse e compreensão pelo assunto, pois acreditamos que foram motivados somente pelo fato de recortar e colar, o que demonstra que os mesmos não são habituados a esse tipo de ação.

Imagem 03: Latas de tinta pintadas pelos alunos na Oficina de Coletores



Fonte: Autoria própria.

Considerando o resultado obtido na realização da última atividade citada podemos afirmar que a ideia de que “o ensino de Ciências deve ocupar-se em relacionar os conhecimentos construídos e estudados e seu impacto na sociedade, principalmente no que diz respeito ao meio-ambiente e sua atual degradação.” (Brumati, 2011 p.21) não está sendo aplicado de maneira tão eficaz na educação desses indivíduos, pois a mesma ainda não conseguiu estimular a participação dos alunos na maior parte das atividades realizadas fora de sala de aula e que vão além dos conteúdos didáticos.

CONCLUSÃO

Concluimos então que os professores de Ciências juntamente com a escola devem aplicar atividades que estimulem e desenvolvam a capacidade de compreensão dos alunos quanto a problemática ambiental, Silva e Ferreira (2011) afirmam que cabe a escola se organizar e desenvolver uma política de aprendizagem que seja capaz de oferecer uma melhoria na formação dos indivíduos, em vários aspectos tanto cultural, econômico, social e político, tendo em vista que a escola é o segundo ambiente de

formação que o sujeito tem acesso, sendo a família o primeiro, dessa forma é dever da escola oferecer uma educação capaz de despertar no aluno um senso crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMATI, Keli Cristina. **A Educação Ambiental no Ensino em Ciência**. 2011. 38 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

CARVALHO, K. G. et al. **A importância da educação ambiental na escola**. In: XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 13. 2013, Recife. *Anais...* Recife: JEPEX, 2013. p.1-3.

MAKNAMARA, M. **Educação ambiental e ensino de Ciências em escolas públicas alagoanas**. Revista Contrapontos, Itajaí, v.9, n.1, p.55-64, 2009.

MEDEIROS, A. B. et.al. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. Revista Faculdade Montes Belos, Montes Belos, v. 4, n. 1, p.1-17, 2011.

RODRIGUES. D. C. G. A. **Ensino de ciências e Educação ambiental**. Revista Práxis, Resende-RJ, v.1, n.1, p. 1-5, 2009.

SILVA, L. G. S.; FERREIRA, T. J. **O papel da escola e suas demandas sociais**. Periódico Científico Projeção e Docência, Goiás, v.5, n.2 p. 1-18, 2014.

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS NUANCES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA AÇÃO DOCENTE.

Francilene Pereira Linhares (UVA)
francilenepereiralinhares@gmail.com

Síntia da Silva Mesquita (UVA)
sintia_mesquita@hotmail.com

Profa. Dra. Maria Isabel S. Bezerra Linhares (UVA)
isabelblinhares@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho consiste num relato de experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, realizado numa Escola Pública Municipal, na cidade de Sobral-CE, na turma do Infantil III “B”. O Estágio teve como objetivos vivenciar novas experiências através da observação no âmbito de sala de aula na perspectiva da Educação Infantil, contribuindo para novas práticas pedagógicas. Teve-se como opção metodológica a realização de uma pesquisa exploratória, e o diário de campo como ferramenta para o registro das observações, com a posterior elaboração e aplicação do projeto de intervenção intitulado “Alimentação Saudável”. O Estágio Supervisionado: Ação Docente na Educação Infantil favoreceu e ampliou novos conhecimentos em relação à prática pedagógica. Observar e intervir são ações nas quais o acadêmico se torna coparticipante do fazer pedagógico. Assim sendo, considerando o contexto da realidade pesquisada e tomando como referência as observações e os registros, analisou-se que é através dos saberes experienciais e das situações vivenciadas em sala de aula que se constrói a identidade profissional do pedagogo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ação Docente. Alimentação Saudável.

AS EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO: ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES

A sociedade tem exigido dos professores cada vez mais competências para saber lidar com as contradições e os problemas sociais que acabam refletindo nas escolas. O estágio como um componente curricular não só é capaz de intervir nessa realidade, como também contribuir para a formação e aproximar tais profissionais da educação com seu futuro local de trabalho. Ao estabelecer relação entre teoria e prática,

entende-se que o estágio na educação infantil é um momento de não reproduzir certas práticas fragmentadas e modelos de ensino, mas de refletir sobre suas ações e incorporar novas atitudes.

Nesse sentido, deu-se início ao estágio supervisionado na Educação Infantil, cujas atividades de observação e de elaboração do projeto interdisciplinar, ocorreram a partir de março de 2018. O projeto de intervenção trouxe como título: “Construindo hábitos alimentares saudáveis”, cuja aplicação sucedeu-se em abril do mesmo ano letivo.

Período de Observação

No primeiro dia observou-se, inicialmente, a importância da roda de conversa como recurso metodológico no trabalho com crianças, a professora pôs-se a falar sobre os vários tipos de frutas e, de maneira lúdica, trouxe os recortes de frutas colados em papel madeira com seus respectivos nomes, e foi associando o tema frutas as falas dos discentes. Percebeu-se que a roda de conversa é sempre uma atividade trabalhada no início da aula com os alunos, através da mesma, se pode levar em consideração os conhecimentos prévios dos educandos. “A roda, além de ser o primeiro momento do dia, também é o primeiro momento do primeiro dia de quem chega na escola, portanto possui um caráter de acolhimento, é onde as pessoas começam a se conhecer”. (CHIODA, 2004, p.13)

Na volta do intervalo surgiu uma questão que nos chamou atenção. Durante a refeição das crianças, percebeu-se que os lanches se resumiam apenas em alimentos considerados não saudáveis, como refrigerantes, xilitos, recheados, bolo e nada de frutas e suco natural. Ou seja, o que se percebe é um descuido por parte dos pais, em não perceber que tais alimentos industrializados não são tão nutritivos como as frutas, vitaminas, legumes e verduras. Acabam por acostumar as crianças a levarem a escola, lanches já prontos e atrativos. Estas por sua vez, rejeitam a refeição saudável da escola, e a instituição escolar muitas vezes acaba por reproduzir esses costumes.

No segundo dia, foi observado que a professora estava sem estagiária, e isso foi

um dos motivos que dificultou o seu trabalho e de poder administrar sua atenção para todos. Principalmente nas situações que envolvia as necessidades fisiológicas dos alunos. O educador hoje é muito sobrecarregado nas escolas em sua maioria, o que é algo angustiante para tal profissional, que se vê aflito, exigindo de si uma desenvoltura para desempenhar seu trabalho. Trabalho esse, que na educação infantil relaciona tanto a aprendizagem como o cuidar, e dar uma atenção necessária às crianças sem um auxiliar, se torna uma situação inviável.

No terceiro dia a proposta de atividade foi o uso da massa de modelar, que tinha como objetivo estimular as crianças a tentarem fazer o número zero. Aqui além de trabalhar os números propôs a associação das cores da massa de modelar comparando-as com os objetos das crianças e o que tinha presente na sala de aula, trouxe também na sua fala a diferença entre as cores claras e escuras, sendo assim, foi trazendo à tona os conteúdos que estava trabalhando em sala relacionando os mesmos com objetos, e vivências presentes no cotidiano das crianças tanto na escola como fora dela.

No quarto dia a professora deu ênfase em trabalhar a coordenação motora, salientando os quesitos movimento, equilíbrio e a lateralidade das crianças, utilizando como recurso didático e pedagógico a brincadeira da amarelinha, que também continha números de 1 a 10. Algumas encontraram dificuldades em relação aos movimentos e outros obtiveram mais facilidade.

Nessa mesma perspectiva cantaram a música da Mariana “Mariana conta 1, Mariana conta 2 [...]”, para contextualizar os números que estavam inseridos na amarelinha. O movimento por si só está inserido no contexto da educação infantil, como é algo particular do ser humano, estar em constante processo de aprendizagem, e principalmente na infância, pela criança estar se descobrindo e se identificando como sujeito. “Assim, é necessário estar atento ao fazer pedagógico da Educação Infantil que contemple o conhecimento e desenvolvimento de diferentes linguagens, entre elas, o movimento corporal”. (GARANHANI e NADOLNY, 2010, p.67)

No quinto dia a professora já havia feito no caderno das crianças, atividades que trabalhariam a coordenação motora fina das mãos e as formas geométricas, pois tinha pontilhados para cobrir o nome e as formas geométricas. Percebemos que algumas

crianças já sabem pegar no lápis (desenvolvimento de pinça) e fazem a atividade sozinha, já outras precisam ser acompanhadas de perto. Sendo assim, para o aprimoramento do desenvolvimento motor, a criança necessita de estímulos por meio da exploração dos sentidos, a musicalidade, atividades práticas e lúdicas, a dança, gestos, entre outros. Tudo vai depender da maneira que o professor trabalha no cotidiano escolar, partindo também das vivências das crianças.

Período de Regência (Intervenção)

No primeiro momento fez-se uma apresentação do projeto com uma breve interação com as crianças, perguntando sobre os alimentos nos quais elas conheciam dando ênfase aos que são saudáveis e não saudáveis, tendo em vista, os alimentos que foram levados para fazer o mercadinho. “[...] a inserção do alimento nas práticas pedagógicas torna-se uma opção para realmente efetivar ações de promoção da saúde na escola, possibilitando a formação de indivíduos conscientes e com hábitos de vida saudáveis”. (PIETRUSZYNSKI *et al*, 2010, p. 224)

A terceira atividade proporcionada para as crianças, levou-se em consideração em estimular os órgãos dos sentidos. Para a realização da atividade, as crianças foram vendadas e através do tato, do paladar, visão, audição e olfato puderam dizer os nomes das frutas e legumes. Em alguns momentos acertavam os nomes, já em outros não sabiam dizer. “[...] a afirmação de bons hábitos alimentares ocorre na infância e é influenciado pelo ambiente escolar, o que justifica a utilização do alimento como elemento da aprendizagem, promovendo a familiarização da criança com os alimentos incentivando o consumo;” (PIETRUSZYNSKI *et al*, 2010, p. 223).

Quando o assunto é alimentação, a primeira impressão que se tem em relação às crianças é: ou o alimento lhe causará satisfação ou então repulsa. Mas isso também é aprendizagem, pois o educador descobrirá as preferências das crianças por meio da observação, dando lhes oportunidade para falar sobre seus gostos ou ter contato com aquilo que é desconhecido ou inacessível. No segundo dia, de início realizamos uma conversa com as crianças sobre a aula passada perguntando a elas sobre o que foi falado

e o que aconteceu no decorrer das atividades. Logo em seguida, expomos recortes de alimentos saudáveis e não saudáveis, sempre perguntando o nome dos mesmos. Depois apresentamos a pirâmide alimentar dando ênfase nas cores e o que elas sinalizavam na alimentação. O vermelho que estava no topo da pirâmide indicava cuidado, o amarelo que estava no meio, sinalizava atenção e moderação, e o verde significava alimentos saudáveis.

As crianças ficaram à vontade para escolher os alimentos para que estes fossem colados na pirâmide alimentar nas devidas repartições. Lembrando que no momento da colagem era sempre frisado sobre o que era ou não saudável e auxiliá-los também para que eles colassem os recortes nos lugares certos, como massas, cereais, legumes, frutas, carnes e doces.

No terceiro dia de intervenção foram trabalhados os alimentos que nasciam em árvores e em hortas, foi trazido um desenho do caule de uma árvore e de uma horta em duas cartolinas, primeiramente questionamos as crianças acerca da intervenção passada, os conhecimentos que foram aprendidos. Em seguida, foi perguntado se sabiam acerca dos desenhos, e em continuidade houve a explicação que as frutas apresentadas nasciam nas árvores e as verduras e legumes nas hortas.

Foi distribuído os desenhos dos alimentos para os educandos pintarem, conforme íamos questionando as cores e o nome dos mesmos, depois de pintado e recortado, em duplas as crianças foram chamadas para a identificação do alimento e do local onde ficariam cada um, na horta ou na árvore. Nessa atividade os alunos já iam manifestando seus saberes a respeito dos alimentos saudáveis, essa atividade lúdica permitiu a interação entre os seus pares, pois o lúdico envolve o aprender na brincadeira, na pintura, na colagem, no desenho, na contação de história, entre outros aspectos; são atividades que exploram a aprendizagem dos educandos.

No quarto dia contamos a história “O que é que Ana sabe sobre os alimentos saudáveis”. Na história, a personagem Ana mostra o que gosta de comer no seu dia a dia incluindo na sua alimentação as frutas, verduras e legumes trazendo a relevância desses alimentos para a saúde, além dos riscos e o mau que certos alimentos trazem ao corpo,

como os doces, refrigerantes, salgadinho, chocolate, dentre outros. Ao decorrer da contação, orientamos que comer doces demais os dentes acabam por ficarem com cárie, relatando inclusive que a pessoa se alimentar de forma exagerada e consumi-los em bastante quantidade, correm o risco de ficar doente e obesa. E geralmente os doces e demais industrializados dão infelizmente apenas a sensação de saciedade, porém, não possuem os nutrientes necessários ao organismo comprometendo o desenvolvimento.

Sanfonelli e Pereira (2012) defendem que desenvolver essas práticas desde cedo nas crianças são imprescindíveis, sendo que tal temática favorece a importância de enfatizar o termo saúde e os bons hábitos alimentares também vai abranger, inclusive, os problemas mais comuns como diabetes, anemia e obesidade infantil. Após contar a história, as crianças com auxílio do lápis de escrever passaram a confeccionar seus próprios desenhos sobre os alimentos presentes na história ou aquilo que mais os chamaram a atenção. O fato é que nessa idade de três anos eles apenas conseguem se expressar através de rabiscos e garatujas.

Dando ênfase nos alimentos e em todo o contexto trabalhado na história, providenciamos a brincadeira do boliche, numa tentativa de identificarem quais são os alimentos saudáveis e não saudáveis, em cada garrafa continha uma gravura de alimentos saudáveis ou não saudáveis, e com uma bola as crianças teriam que derrubar as garrafas que continham os alimentos prejudiciais à saúde e em seguida identificarem os nomes dos alimentos saudáveis.

No quinto dia confeccionamos várias gravuras coloridas que representassem cada tipo de alimento, como o feijão, arroz, peixe, frango, carne, alface, ou seja, tudo aquilo que os alunos presenciaram e aprenderam ao longo das aulas, que se fizeram presente novamente no último dia. O objetivo dessa atividade era sabermos se as crianças conseguiriam selecionar e pegar aqueles alimentos saudáveis. E a impressão que tivemos ao observamos suas opções e gostos foi que não estabeleciam critério algum na sua comida, pois repetiam o mesmo alimento no seu prato, como peixe, arroz e cenoura.

Uma alimentação composta por frutas, verduras, legumes, carboidratos,

vitaminas, entre outros, pode favorecer na formação de um sujeito saudável fisicamente, psicologicamente, cognitivamente e fisicamente o que influencia positivamente também no processo de aprendizagem do indivíduo. Segunda Aquilla, “a alimentação equilibrada e balanceada é um dos fatores fundamentais para a eutrofia e para o bom desenvolvimento físico, psíquico e social das pessoas [...]”. (AQUILLA, 2011, p.11)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado: Ação Docente na Educação Infantil favoreceu e ampliou novos conhecimentos em relação à prática pedagógica. Observar e intervir são ações nas quais o acadêmico se torna coparticipante do fazer pedagógico. O estágio é uma oportunidade de vivenciar experiências que acrescentarão em um futuro profissional promissor. Estar em contato com o ambiente de sala onde professor e crianças interagem, vivenciam uma rotina, aprendem juntos, compartilham de momentos afetivos, entre outros; são fatores nos quais só tendem a acrescentar na formação do acadêmico.

Assim, considerando o contexto dessa realidade pesquisada e tomando como referência as observações e os registros, analisamos que é através dos saberes vivenciados em sala de aula, que os acadêmicos vão construindo sua identidade profissional. E que conciliar teoria e a prática é, muitas vezes, um desafio recorrente na prática docente, mas que por outro lado, pode ser um sonho possível se a gestão e professores trabalharem dentro dessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

AQUILLA, Rosemeri. **A educação alimentar e nutricional no espaço escolar: saber, sabor e saúde**. 2011.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. "O questionário na pesquisa científica." *Administração on line* 1.1 (2000).

CHIODA, Rodrigo Antonio, et al. **A roda de conversa e o processo civilizador**. 2004.

DE BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica

da entrevista em trabalhos científicos. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012.

DOS SANTOS, Daniele Bezerra et al. **Diário de campo na formação docente como ferramenta de reflexão acerca do processo de profissionalização**. Realize, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/.../TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID1743_1708201616. Acesso em: 26 abr. 2018.

FERREIRO, Emília. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985.

GARANHANI, Marynelma Camargo; NADOLNY, Lorena de F. **O movimento do corpo infantil: uma linguagem da criança**. *Caderno de*, 2011, 65.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3 ed. São Paulo: ATLAS S.A, 1996. Cap 4, p. 45.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

LORENZATO, Sérgio. Aos professores de educação infantil. In _____. *Educação Infantil e Percepção Matemática*. 2. ed. ver. e ampliada. Campinas, SP: 2008. p.1-2.

LUCENA LIMA, Maria Socorro. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 23, 2008.

MORI, Raquel Biem. **Ludicidade: projeto arquitetônico e paisagístico de educação infantil**. 2009.

PIETRUSZYNSKI, Ellen Beatriz et al. Práticas pedagógicas envolvendo a alimentação no ambiente escolar: apresentação de uma proposta. **Teoria e Prática da Educação**, v. 13, n. 2, p. 223-229, 2010.

SANFONELLI, Andréia Ione Abelino et al. Alimentação saudável na educação infantil. 2012.

SILVA, Antonia Anágila de Sousa da. Sustentabilidade na cidade de Varjota- CE: A relação entre educação ambiental, intersetorialidade e interdisciplinaridade. ASTIGARRAGA, Andrea Abreu; JÚNIOR, Luis Carlos Silva (Org). **Por uma educação interdisciplinar**. Sobral: 2016, edições UVA, p. 23 - 52.

VYGOTSKY, L.S. A pré-história da linguagem escrita. In: *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Artmed Editora, 2009.

EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Andréia Amorim de Lima | Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA |
andyamorym@gmail.com

Railane Bento Vieira Sabóia | Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA |
railanebento@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em educação infantil realizado em uma escola pública do município de Sobral, Ceará, com os alunos da turma do infantil III “B”, no período de 28 de fevereiro a 25 de abril de 2018. O componente de estágio tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência se configurando como um espaço de pesquisa e de construção da identidade profissional. Para a produção deste trabalho, utilizou-se como referencial teórico as contribuições de Campos e Filho (2014), Pimenta e Gonçalves (1990), Pimenta e Lima (2004/2005/2008) e dentre outros autores. A experiência vivenciada no estágio foi de grande relevância para a minha formação acadêmica e atuação enquanto futura profissional da educação, pois através deste exercício a teoria estudada no Curso de Pedagogia foi aliada à prática em sala de aula.

Palavras-chave: Docência. Estágio. Formação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar os resultados obtidos na experiência do estágio supervisionado em educação infantil realizado, com os alunos da turma do Infantil III “B”, na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental CAIC Raimundo Pimentel Gomes, localizada na Avenida José Figueiredo de Paula Pessoa, Nº 428, no Bairro Expectativa, no município de Sobral, Ceará.

O estágio curricular supervisionado, componente obrigatório da disciplina Estágio Supervisionado: Ação Docente na Educação Infantil, do Curso de Pedagogia, da

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, à aproximação da realidade profissional, oportunizando ao futuro educador a vivência daquilo que aprendeu em sala de aula, isto é, a relação entre a teoria e a prática. Para fundamentar a experiência adquirida e articular as discussões neste relatório, utilizou-se como aporte teórico as contribuições de Campos e Filho (2014), Mouzon (2014), Pimenta e Gonçalves (1990), Pimenta e Lima (2004/2005/2008) e Ribeiro e Silva (2013).

O estágio foi estruturado em duas etapas na instituição escolar, sendo o momento da observação, que ocorreu no período de 28 de fevereiro a 15 de março, onde foi observado, não só a turma e a sala de aula, como também a estrutura física e a equipe constituinte da escola. E o período de regência que ocorreu entre os dias 17 a 25 de abril de 2018, onde foi colocado em prática o projeto de intervenção elaborado na disciplina Práticas Interdisciplinares na Educação Infantil, vinculada ao estágio supervisionado. Cada etapa teve a duração de 20 horas, totalizando uma carga horária de 40 horas de estágio.

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

A importância do Estágio Curricular Supervisionado para a formação acadêmica é indiscutível. A finalidade do estágio, segundo Pimenta e Gonçalves (1990), é proporcionar ao docente em formação uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o componente de estágio é um momento em que permite ao acadêmico um exercício de sua futura profissão, oportunizando-o vivenciar e mesclar todo aquele conhecimento teórico adquirido no decorrer do curso de formação.

Além disso, o estágio ainda se configura como um espaço de pesquisa e de construção da identidade profissional. Para Pimenta e Lima (2008, p. 62), “o estágio é o *locus* onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade”.

A construção da identidade profissional, de acordo com Pimenta (1999), se dá a partir da significação social da profissão, ou seja, do significado que cada professor atribui à atividade docente, baseado em seus valores, em sua história de vida, representações e saberes. Assim, Pimenta e Lima (2008, p. 66) afirmam que,

A construção e o fortalecimento da identidade e o desenvolvimento de convicções em relação à profissão estão ligados às condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização conferida pela sociedade à categoria profissional. Dessa forma, os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas presentes nos cursos de formação docente precisam incluir aspectos alusivos ao modo com a profissão é representada e explicada socialmente. (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 66).

Portanto, o estágio é um campo de conhecimento onde teoria e prática se unem, onde é possível refletir sobre nossas ações pedagógicas e preparar para a inserção no mundo profissional.

METODOLOGIA

O trabalho trata sobre um relato de experiência docente na educação infantil, ocorrido na sala do Infantil III “B”, no turno matutino, em uma escola pública do município de Sobral, Ceará. A instituição escolhida para fazer o estágio supervisionado foi a Escola CAIC Raimundo Pimentel Gomes devido a localização, por ser próxima à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

A Escola atende a crianças que se encontram em condição socioeconômica baixa, entre a faixa etária de 3 meses aos 10 anos de idade, contemplando a Educação Infantil, que compreende o berçário ao infantil (II ao V) e o fundamental I, do 1^a ao 5^o ano. O total de crianças matriculadas nos dois turnos (matutino e vespertino), no ano de 2017, foi de 1463 alunos.

O núcleo gestor é composto pela diretora, vice-diretora, coordenadores, secretária, apoio administrativo e pedagógico. A Escola possui em suas dependências: 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 biblioteca, 3 almoxarifados, 21 banheiros, 2 cozinhas, 35 salas de aula, 2 salas dos professores, 1 refeitório, 10 pátios, 1 quadra esportiva e 1 dispensa. A escola possui o Conselho Escolar que é constituído pelo núcleo gestor, pais, demais funcionários e membros da comunidade local.

Dias antes de iniciar as atividades do estágio na Escola, foi realizado uma visita para conhecer o ambiente, uma breve observação da sala, conhecer a professora e os alunos. Ao chegar à escola todos me receberam muito bem, desde a diretoria, aos professores e demais funcionários. Contudo, não tive acesso aos documentos da escola como o Projeto Político Pedagógico e o Regimento. E, além disso, os dados que me foram fornecidos sobre a clientela e a formação dos funcionários ainda estavam desatualizados.

A sugestão para a escolha da turma do Infantil III “B” foi dada pela coordenadora pedagógica da educação infantil, uma vez que a professora regente estava sem auxiliar e essa foi uma oportunidade que me possibilitou aprender e, simultaneamente, ensinar, pois auxiliei a professora na ação direta com as crianças, ajudando os alunos a realizarem as suas tarefas. Assim, ocorreu uma observação participante.

A professora regente da sala foi bastante atenciosa, mas deixou claro no primeiro dia de observação que gostaria que o planejamento das atividades do projeto de intervenção fosse elaborado de acordo com as atividades do seu plano de aula. Assim, antes de montar o planejamento do projeto foi realizado uma leitura antecipada do plano de aula da professora para seguir com o conteúdo a ser trabalhado em cada dia de regência.

Para a coleta de dados no período de estágio, os procedimentos de campo utilizados foram: entrevista semiestruturada, mapeamento e um instrumento sobre a caracterização da escola, registro em diário de campo e anotações durante as observações e registros fotográficos no decorrer da intervenção. E para a produção deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de leituras de trabalhos científicos selecionados na disciplina e pesquisas em sites acadêmicos. Neste estudo, utilizou-se como referencial teórico as contribuições de Campos e Filho (2014), Mouzon (2014), Pimenta e Gonçalves (1990), Pimenta e Lima (2004/2005/2008) e Ribeiro e Silva (2013).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Período de Observação

As observações foram realizadas do período de 28 de fevereiro a 15 de março de 2018, em cinco dias alternados na turma do Infantil III “B”. No primeiro dia, observou-se a organização da sala de aula e dos alunos. A sala é razoavelmente limpa, bem iluminada, ventilada, possui cerca de 7 janelas de giro, 1 porta de acesso, 1 banheiro com 2 vasos sanitários e 1 chuveiro, 4 lâmpadas fluorescentes, 1 armário, 1 prateleira de ferro, 1 lousa, 1 mesa para a professora, 27 mesas com suas respectivas cadeiras proporcional a estatura das crianças, 2 ventiladores de parede, contem decorações pedagógicas com desenhos, números, alfabeto e exposição de trabalhos infantis. Todos os cartazes foram elaborados pelos alunos com a supervisão da professora, dando a eles liberdade de expressar sua imaginação e criatividade.

Sobre isso, Mouzon (2014, p. 29), afirma que:

Quando um docente dá liberdade ao aluno à criatividade e à imaginação, permitindo que ele se expresse livremente, são os processos de trabalho mais do que os resultados que são considerados característicos, focando-se mais a superação ou o desafio do que a reprodução, pois a criança é um ser capaz e gosta de desafiar a si própria e aceitar os desafios que o professor lhe lança e ir até onde o mesmo acha que ela vai chegar. (MOUZON, 2014, p. 29)

No segundo dia, foi possível perceber a rotina que os alunos tinham a seguir. A rotina da sala se inicia com a acolhida, no intervalo de 07:00h a 07:30h, onde os alunos brincam com pecinhas de montar. Em seguida, inicia-se a aula com uma rodinha, onde ocorre diálogo, canções sobre bom dia, sobre o sol, o tempo, cantigas que envolvem movimentos, perguntas como “que dia é hoje?”, “como está o tempo hoje?”, é um momento cotidiano que proporciona à criança a ampliação de seu vocabulário e de suas capacidades comunicativas, como fazer perguntas, expor suas ideias e falar sobre suas descobertas.

Para Campos e Filho (2014, p. 5-6):

A participação na roda permite que as crianças, aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com aspectos mais formais da linguagem por meio de situações como ler e contar história, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis [...]. (CAMPOS & FILHO, 2014, p. 5-6)

Depois da roda de conversa, a professora faz um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos para posteriormente fazer a explicação do conteúdo e da tarefa do dia. Durante a tarefa, há o acompanhamento individual do desempenho dos alunos. Em seguida, os alunos brincam com massinha de modelar enquanto aguardam a merenda escolar. Após se alimentarem, as crianças descansam por um tempo até irem para o recreio, onde brincam, correm e se divertem. Quando bate o sinal, as crianças voltam para a sala e comem o lanche trazido de casa. Daí em diante, o tempo torna-se muito corrido. Há outro momento de rodinha, onde a professora faz contação de história. Quando dá tempo, as crianças brincam novamente com pecinhas de montar, caso contrário, apenas se organizam e aguardam a hora de ir para casa.

Enfim, a Escola CAIC tem sua rotina bem organizada, mas flexíveis se necessário, tendo a hora da acolhida, do lanche, hora do recreio, cada turma tem sua hora de realizá-los para que todos consigam manter sua rotina em ordem sem atrapalhar as outras turmas.

No terceiro dia, passei a observar a turma com um olhar mais atento visando identificar uma possível problemática. Durante a aula, percebi que as crianças põem as mãos sujas na boca e restos de alimentos encontrados no chão. Na hora da alimentação, as crianças não têm o costume de higienizar as mãos, antes e depois de comer, e nem quando usam o banheiro.

No quarto dia, concebeu-se a problemática para a elaboração do projeto de intervenção. Durante a alimentação, percebi que a turma não levava uma vida com uma alimentação saudável, pois os alimentos trazidos de casa não eram saudáveis. Grande parte dos alunos já chegava em sala de aula comendo no café da manhã pastel com refrigerante e não comiam a merenda que a escola oferecia e diante dessa situação a professora regente sugeriu, de imediato, que se trabalhasse na etapa de atuação a temática sobre alimentação saudável, pois segundo Ribeiro e Silva (2013, p.79), “a criança deve ter uma alimentação balanceada e controlada na escola e em casa, facilitando ainda mais seu aprendizado, capacidade física, atenção, memória, concentração, energia necessária para trabalhar o cérebro”. Assim, surgiu a temática

para o projeto interdisciplinar, o qual foi intitulado “Alimentação saudável: cuidando da saúde para ter uma vida mais duradoura”.

No quinto dia, observou-se a didática e as ações pedagógicas da professora, isto é, foi o momento apenas de observar a aula e fazer as anotações que considerasse importantes. A professora iniciou a aula com uma rodinha onde foram cantadas músicas que trabalham os nomes de cada criança, as partes do corpo, a coordenação motora, a lateralidade e o ritmo. Logo após, as crianças brincaram de amarelinha, através da qual a professora conseguiu trabalhar o controle corporal, o equilíbrio, a força muscular, a orientação espacial, a coordenação motora, o senso de prioridade e os números de 1 a 10.

Houve o momento da explicação e execução da tarefa. Depois do recreio, todas as crianças das três turmas do Infantil III tiveram uma aula de campo dentro da própria escola, explorando o outro bloco da instituição onde se localizam as séries iniciais. As crianças foram levadas para a quadra esportiva e lá, brincaram de bambolê, de bola, correram e se divertiram livremente, mas sempre com as professoras por perto. Durante as observações, percebi que a visita da coordenadora é diária para conferir os alunos faltosos. Percebi também que as crianças fazem perguntas sobre a rotina, sobre o que será feito depois de determinada atividade ou que vai ser feito naquele dia.

Período de Regência (Intervenção)

O projeto intitulado “Alimentação saudável: cuidando da saúde para ter uma vida mais duradoura” foi realizado no período de 17 a 25 de abril de 2018. No primeiro dia, procurou-se trabalhar os eixos Linguagem, Artes e Natureza, com as seguintes atividades: no primeiro momento, a regência iniciou-se com a apresentação do projeto por meio de roda de conversa com os alunos, sondando-os para ter um conhecimento prévio sobre o que já sabem sobre a alimentação saudável, levantando algumas questões referentes às suas preferências alimentar. Em seguida, foi realizado uma atividade de colagem, trabalhando a coordenação motora fina, as cores e as frutas.

No segundo dia, trabalhou-se novamente os eixos de Linguagem, Artes e Natureza. Inicialmente houve uma roda de conversa com músicas que tratam da

alimentação e conversas sobre a importância de se alimentar bem. Depois, foi montado um cartaz sobre alimentos saudáveis e não saudáveis a partir dos alimentos que trouxeram de casa. Nesse dia, foi proporcionado aos alunos um contato com algumas frutas, onde foi trabalhado a percepção das cores, texturas, formas e tamanhos das frutas. Logo após esse contato, foi realizada uma pequena degustação com as mesmas frutas, identificando os sabores (doce, azedo) e odores.

No terceiro dia, foram trabalhados os eixos Linguagem e Códigos, Musicalidade, Movimento e Artes. Como de costume, iniciou-se o encontro com a roda de conversa sobre quais alimentos comeram no dia anterior e no dia de hoje. Em seguida realizou-se as atividades que estavam inseridas dentro do projeto. Cantamos a música “Os números”, da Xuxa, trabalhando os números de 1 a 5 e relacionando-os com a quantidade de frutas. Depois, foi feita a contação da história “A mercearia de dona Maria”, através da qual foi explorada as iniciais das frutas mencionadas na história, relacionando com os nomes das crianças. Para finalizar esse dia, foi proposto às crianças uma atividade de colorir.

No quarto dia, os eixos trabalhados foram Linguagem, Artes, Natureza e Sociedade, através das seguintes atividades: no primeiro momento, fez-se uma roda de conversa, onde foi exibido um vídeo educativo sobre as frutas. No segundo momento, foi realizada a contação da história “A cesta de dona Maricota”, que permitiu aos alunos reconhecer a importância do consumo não só de frutas, mas também de verduras e legumes. No terceiro momento, foi solicitado aos alunos que representassem os alimentos vistos no vídeo e na história.

No quinto e último dia, procurou-se trabalhar os eixos Linguagens e Códigos, Natureza e Sociedade, com as atividades a seguir: roda de conversa sobre a importância da higienização das mãos e alimentos. Depois, ainda na rodinha, os alunos tiveram a oportunidade de ter um maior contato com variadas frutas, explorando as cores, formas e texturas, odores, tamanhos e pesos. Logo em seguida, foi realizada a preparação da salada de fruta com os alunos. A culminância do projeto deu-se com salada de frutas, bolo, suco, biscoito e ao final, teve a entrega de lembrancinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe uma reflexão sobre o relato de experiência do estágio supervisionado em educação infantil. Pensar e elaborar o projeto de intervenção tendo como suporte os referenciais teóricos já estudados e as disciplinas já cursadas, como a disciplina de Fundamentos da Didática, Saberes e Profissionalidade Docente, Planejamento de Currículo e Ensino e dentre outras, foi fundamental para o sucesso alcançado no período de regência.

A experiência vivenciada no estágio foi de grande relevância para a minha formação acadêmica e atuação enquanto futura profissional da educação, pois através deste exercício a teoria estudada no Curso de Pedagogia foi aliada à prática em sala de aula. O estágio contribui de forma significativa para a minha aprendizagem e para a construção de meu conhecimento como futura pedagoga. Tanto a etapa de observação como a de intervenção foram essenciais no estágio, entretanto, foi na etapa de regência que senti um impacto maior da realidade de como é ser professor da educação infantil.

Durante os dias de aplicação do projeto interdisciplinar no infantil III “B”, as crianças mostraram-se curiosas pelo projeto e o receberam muito bem, interagiram com perguntas sobre o assunto, participaram de todas as atividades propostas, e no decorrer destas, foi possível perceber que aos poucos os alunos estavam assimilando e aprendendo sobre o tema. Nas atividades realizadas percebeu-se um resultado satisfatório, uma vez que o objetivo do projeto foi alcançado, onde os alunos interagiram e aprenderam conteúdos através da interdisciplinaridade. Os resultados foram, portanto, muito positivos com a participação ativa de toda a turma e com o apoio e suporte da professora titular da sala de aula a todo o momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Ítala Rayane Campos. FILHO, Antonio Rodrigues S. **VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO INFANTIL COMO DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFCG**. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_publicar_itala_campos_2.pdf>. Acesso em: 7 Mai 2018.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio:** prática de ensino na formação de professores. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v.8, n.23, p. 195-205. Jan./abr. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4015/3931>> Acesso em: 09.Abr.2018

MOUZON, Cecília Maria Ázera Ribeiro. **A CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO:** Enquadramento Curricular e Estratégias de facilitação na Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Angra do Heroísmo, abril de 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Andr%C3%A9ia%20Amorim/Downloads/DissertMestradoCeciliaMariaAzeraRibeiroMouzon2014.pdf>>. Acesso em: 14 Mai. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, C. L. **Revedo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor.** São Paulo: Cortez, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência:** Diferentes concepções. São Paulo. Cortez. Editora. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>> Acesso em: 09 Abr. 2018.

RIBEIRO, Gisele Naiara Matos; SILVA, João Batista da. **A alimentação no processo de aprendizagem.** Revista Eventos Pedagógicos. v.4, n.2,p. 77-85, Ago./Dez. 2013.

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

Hugo Leite de Oliveira | UECE
hugo.oliveira@aluno.uece.br
Márcia Cristiane Ferreira Mendes | UECE
marciacfmendes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a atuação do Pedagogo no ambiente empresarial e compreender o papel que desempenha. Para tanto, entende-se que o Pedagogo poderá atuar para além dos espaços escolares, como afirma Libâneo (2010), por certo, a ampliação do campo de ação do pedagogo, em correspondência com a amplitude cada vez maior das práticas educativas da sociedade, leva, também, ao aparecimento de operadores do processo educativo para além do educador escolar.

O interesse ao estudo partiu da visita realizada a uma empresa, que tinha em seu quadro de profissionais o pedagogo, trazendo assim a curiosidade em saber que tipo de trabalho desempenha, considerando que as universidades, em suas formações pedagógicas só evidenciam o trabalho do Pedagogo ao ambiente escolar.

Assim, compreendendo a amplitude de atuação do Pedagogo, Libâneo (2010), considera que o trabalho desempenhado pelos educadores em ambientes escolares diferencia-se dos educadores que atuam em ambientes não-formais, apreciando estes os que ocupam apenas partes de seu tempo nestas atividades: formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores, que desenvolvem atividades pedagógicas (não escolares) em órgãos públicos, privados e públicos não-estatais, ligadas às empresas, à cultura, aos serviços de saúde, alimentação, promoção social etc., podemos identificar que o pedagogo, não trabalha apenas em escolas.

O conceito de Pedagogia Empresarial também é apontado por alguns autores, o reconhecendo como: “Pedagogo do Trabalho”, “Educador Organizacional”, “Pedagogo Organizacional” e “Pedagogo Extraescolar”. Holtz (2006), aponta que o pedagogo empresarial tem a função de encontrar soluções para os problemas educacionais das empresas, otimizando a produtividade e conduzindo atividades que

alcancem o objetivo de cada empresa. Ele também promove o bom relacionamento humano entre a equipe, proporcionando a todos um ambiente agradável e estimulador.

Segundo Trevisan e Lameira (2003) dizem que a pedagogia empresarial é reconhecida como uma atividade de potencialização do espaço organizacional como um lócus de aprendizagem permanente, crescimento profissional, realização das capacidades humanas, solidariedade, convivência e cidadania plena. O Ribeiro (2010), menciona que a pedagogia empresarial ou pedagogia do trabalho desenvolve atividades de orientação, condução e operacionalização da educação do trabalhador nas empresas e relata que, além de desenvolver as atividades pedagógicas e educacionais, tem o dever de orientar e conduzir a educação do trabalhador no espaço empresarial, e ele complementa que a pedagogia empresarial aparece como fundamental no desenvolvimento do conhecimento, habilidades e atitudes diagnosticadas como indispensáveis para uma melhor produtividade nas organizações de trabalho.

O pedagogo desenvolve seu trabalho para além dos ambientes escolares, sendo conceituado como espaços não-formais, como o Pedagogo Empresarial, que direciona sua atuação para os objetivos das empresas, tendo como função: a área de treinamento e desenvolvimento pessoal, assim como a sua utilização para alcançar metas da organização, além de promover a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe, e isso se dará por meio de atividades e programas, treinamentos que estimulem uma participação constante dos funcionários.

Na sua atuação deve destacar as questões éticas, eliminar o estresse, a superação de valores conflitantes e desmotivadores, para isso deve estar atento aos aspectos que envolvem as pessoas de todos os setores da empresa, tais como amizades, humor, relacionamentos, capacidades apresentadas, dificuldades e outros.

Desde a sua formação, o pedagogo é ensinado a ter um olhar humano, aprender a se conhecer e querer também conhecer o outro, ensinar a planejar, a organizar planos, a sistematizar, a fomentar e elaborar projetos, e tendo como base estes pontos, o pedagogo é preparado para atuar nos diversos âmbitos profissionais, e no ramo empresarial, sua visibilidade se dar principalmente nos Recursos Humanos, ajudando na seleção de

pessoal e na área do desenvolvimento humano, e demanda deste profissional, utilizar os conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica.

Quando o pedagogo adquire os conhecimentos citados para a sua atuação, ele é inserido neste ramo profissional, tendo as seguintes atribuições para serem realizadas: - ter espírito de liderança; - orientação para o cliente; - orientação para resultados; - comunicação clara e objetiva; - flexibilidade e adaptabilidade; - criatividade e produtividade; - iniciativa e pró-atividade; - aprendizagem contínua. Além destas atribuições, o profissional deve trabalhar diretamente com a interpessoalidade de maneira que sejam vistas duas formas: a interação na equipe e a relação individual de cada funcionário.

METODOLOGIA

O presente estudo, a princípio, partiu do objetivo do Programa de Educação Tutorial – PET, que visa a construção de novos pesquisadores, fomentado pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, tendo como tutora Dr. ^a Lia Machado Fiuza Fialho, e a orientadora e doutoranda da UECE Ms. Márcia Cristiane Ferreira Mendes, no que através deste, nos proporcionaram uma visita a uma empresa localizada na cidade de Fortaleza, que tem em seu quadro uma Pedagoga, sendo possível realizar uma entrevista, no que tomamos como base para a construção desse relato de experiência.

A entrevista foi realizada com a Pedagoga Nathália Laurentius Landim, no dia 13 de junho de 2018, com questões que foram surgindo a partir de sua explanação, mediante sua atuação na empresa, sendo transcrita e utilizada como ponto de reflexão para compreensão do papel do Pedagogo nas empresas.

Dessa forma, as perguntas tiveram como foco, a sua formação, o que vivenciou e percebeu na sua atuação como Pedagoga Empresarial, sendo este de grande relevância para compreender os espaços de atuação do Pedagogo, no que consideramos pouco conhecida pelos graduandos e graduados em Pedagogia.

Por fim, convém destacar que também utilizamos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, a qual informamos o objetivo do estudo e se participante

concordaria ou não em participar, e que concederia que o nome da entrevistada fosse identificado no relato de experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista realizada com a Pedagoga no ambiente empresarial contribuiu para pensar sobre os vários espaços de atuação do educador, principalmente a empresarial, sendo necessário enfatizar essa experiência nos cursos de graduação em Pedagogia.

As questões da entrevista partiram da curiosidade em perceber a sua formação e atuação nesse espaço, como também a importância de se discutir sobre a educação não-formal nos ambientes acadêmicos, o que indagamos a Pedagoga: de acordo com a sua experiência, se fosse uma coordenadora de curso de pedagogia em universidades, que disciplinas contribuiriam para compreender a atuação do Pedagogo nas empresas? Respondendo da seguinte forma:

Pensaria em colocar para direcionamento empresarial, a parte de recursos humanos, disse também que o profissional tem de saber tudo sobre recursos humanos. Parte de admissão, demissão, quantos dias a pessoa pode ficar de férias, como você pode assinar a carteira de trabalho, e isso é uma parte burocrática, mas que é necessário para qualquer pessoa, principalmente pedagogos que atuam nessa área de recursos humanos, nas empresas é necessário. Afirma que colocaria uma disciplina de matemática financeira, da área da administração. (LANDIM, entrevista concedida em 13/06/2018)

Em seguida, questionamos quais as funções do pedagogo empresarial, respondendo:

A admissão, a demissão, fazer sondagem de novos funcionários, da baixa na carteira de trabalho, que é a parte dos recursos humanos, férias, tem que saber as leis trabalhistas. Também cita que averigua as condições do trabalhador, os atestados, comprovando sua autenticidade com o CRN da doença. Além destes, tem que ter atenção na chegada e saída de funcionários, qualidade de seu trabalho, visto que o Pedagogo também é supervisionado pelo coordenador do setor. (LANDIM, entrevista concedida em 13/06/2018)

A motivação dos funcionários também é avaliada pelo educador que busca meios para enriquecer o trabalho, a aumentar a funcionalidade da empresa, no que a Pedagoga complementa:

Quando o coordenador chega, independentemente de ser loja ou Call Center, questionam sobre o rendimento, se é dado o feedback aos funcionários, eles irão te chamar, e questionar, porque os funcionários não estão rendendo, no que a responsabilidade recai sobre o Pedagogo. (LANDIM, entrevista concedida em 13/06/2018).

Por vezes, através da fala entrevistada, percebemos que havia uma sobrecarga de responsabilidade, ao ponto desta afirmar que sentia que era o coração da empresa, como afirma: “tiveram momentos que eu falava que eu era muito o coração da empresa, eu sentia isso, quando eu estava ali bem atuante, era muito coração da empresa, tudo eu tinha que estar no meio”. (LANDIM, entrevista concedida em 13/06/2018).

O pedagogo empresarial acaba sendo o elo entre o empresário e os funcionários, que o peso do rendimento dos funcionários, recai nos ombros do Pedagogo Empresarial, sendo necessário o conhecimento administrativo e sobre a legislação trabalhista, como também os fundamentos da educação.

Ao considerarmos que a subjetividade interfere na formação profissional, a entrevistada respondeu que: “a comunicação contribui com o trabalho do Pedagogo, como o bom relacionamento com as pessoas. Gosto de ter pessoas do meu lado, gosto de falar, de passar experiências, e isso é uma parte de sua atuação”. (LANDIM, 13/06/2018). A forma de se relacionarem agregam simpatia e acolhimento, o que a ajuda na área empresarial.

Logo em seguida a questionamos sobre suas memórias como graduada até o momento da entrevista, afirmando que o que mais trazia a lembrança eram os professores, a forma de lecionar, como mexiam com suas expectativas e suas emoções. Na faculdade, sempre sentíamos isso, mostravam o quanto precisávamos estar bem para fazer o que sentíamos felizes. Declara ainda que no período que trabalhou em escolas também realizava seu trabalho com motivação para que os alunos saíssem felizes, e o

que o aprendizado fosse alcançado, e ao chegar na empresa, a satisfação não era para os alunos e sim para os patrões e para os funcionários.

A pedagogia nos ensina a ter um olhar humano, aprender a nos conhecer e querer também conhecer o outro, ela nos ensina a planejar, a organizar planos, a sistematizar, a fomentar e elaborar projetos, pontos estes positivos que ajudaram o pedagogo na empresa. Ao observar os relatos de Natália, percebemos que a Pedagogia e o seu processo caminham em direção à realização de ideais e objetivos definidos, e como a pedagogia a relação se dá entre seres humanos também, portanto, a necessidade de se trabalhar a pessoa de forma integral, buscando mudanças se necessárias no comportamento deste ser humano e não olhá-la como uma peça dentro da empresa. Esse processo de mudança provocada, no comportamento das pessoas em direção a um objetivo, chama-se aprendizagem e aprendizagem é a especialidade da Pedagogia e do Pedagogo.

A entrevistada foi direcionando para outras curiosidades, como o Coach, que é uma atividade de formação pessoal, onde um instrutor ajuda um cliente a evoluir na sua área, e isto, têm haver com o que a colaborada disse sobre a função do pedagogo, e então a partir disto a questionamos se o Coach está interligado a função do Pedagogo Empresarial, afirmando que está totalmente. O Pedagogo se encaixa, citando os Psicólogos, citando que tem muito psicólogo fazendo, e até uma amiga que trabalha com sexologia, lhe falou: ‘Natalia vai atrás, faz um curso, não sei o que’. Muito psicólogo que conhece está fazendo e quem está conseguindo pegar realmente o fio, está deslanchando. Ela conhece várias outras pessoas que estavam em outras áreas, e foram atrás de se especializar para fazer o Coach. Ela reforça que acha super válido, se você tiver realmente a pegada da coisa.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, pudemos identificar uma das áreas de atuação do Pedagogo, que é a Pedagogia Empresarial, sendo possível perceber as suas dificuldades, desafios, responsabilidades, através dos relatos da entrevistada.

Além da atuação na empresa a entrevistada destacou que sua bagagem de aprendizados também se deu no espaço escolar antes de adentrar na empresarial, o que contribuiu para exercer sua função na empresa em que trabalha, incorporado também a formação que recebeu na graduação.

Por fim, o trabalho proporcionou um enriquecimento ao perceber que atuação do Pedagogo não se limita apenas a sala de aula ou outro setor do ambiente educacional, vai além do espaço formal se adentrando no espaço não-formal, cujo aprendizado se torna amplo. De compreender a função do Pedagogo nas empresas, o que são atribuídos ao papel deste no dia-a-dia das empresas.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Roseli. *A Pedagogia Empresarial e as Práticas Pedagógicas dentro da Empresa*. Disponível em: <https://www.webartigos.com/storage/app/uploads/public/592/5ae/202/5925ae20270c9071669026.pdf> . Acesso em 10 de jul. 2018.

LANDIM, Nathália Laurentius. Nathália Laurentius Landim. Depoimento [13/06/2018]. Entrevistador: Hugo Leite De Oliveira. Fortaleza: 2018.

LIBANEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos Para Quê?* 12 ed. São Paulo. Editora Cortez, 2010. p. 56, p. 59.

MARTINS, Cristiane Feitosa. SANT'ANA, Emanuela. *Pedagogia Empresarial: O Papel do Pedagogo no Processo de Construção da Gestão com as Pessoas*. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/pedagogia-empresarial-o-papael-do-pedagogo-processo-de-sant-ana>. Acesso em 27 de jul. 2018.

Portal Educação. *Pedagogia Empresarial – Conceito*. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/pedagogia-empresarial-conceito/14873> Acesso em 27 de jul. 2018.

RIBEIRO, E. A. *Pedagogia Empresarial: Atuação do pedagogo na empresa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2003.
Significados, Coaching. Disponível em: <https://www.significados.com.br/coaching/> . Acesso em 20 de jul. 2018

HOLTZ, Maria Luiza Marins. *Lições de Pedagogia Empresarial*. Sorocaba. MH Assessoria Empresarial S/C Ltda, 2006

SILVA, Natasha Hermida Pereira Castro da. *Pedagogia Empresarial: Uma Nova Perspectiva de Trabalho*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2009. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/NHPCS.2009.pdf>. p.19. Acesso em: 27 de jul. 2018

TREVISAN, N. V. LAMEIRA, L. J. C. R. *Formação do educador para pedagogia nas empresas*. 2003.

PRÁTICAS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA: EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS E DIDÁTICA

Maria Alda de Sousa Alves¹⁰

Resumo

Neste relato será destacado experiências metodológicas do ensino de sociologia vivenciadas por discentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) no período de janeiro a maio de 2018. No referido semestre estive responsável por lecionar a disciplina Prática do Ensino de Sociologia, fazendo mediações pedagógicas de modo a apresentar um leque possível de recursos mobilizadores do “estranhamento” e da “desnaturalização” de realidades sociais. A experimentação de jogos em sala de aula, o uso de músicas e o uso imagens, através de aula de campo em equipamento cultural, serão aqui narradas e ilustradas. O objetivo de publicização desta experiência docente é mostrar a relevância de aproximação das linguagens juvenis com os saberes acadêmicos. Tal aproximação resulta na tradução de conhecimentos científicos em conhecimentos escolares, propiciando uma formação inicial de professores sintonizada com os interesses do jovem aluno do ensino médio.

Palavras chave: Ensino de sociologia. Metodologia. Recursos didáticos.

Introdução

A Prática do Ensino de Sociologia constitui componente curricular obrigatório na formação inicial de professores para educação básica¹¹, seja no contexto do estado do Ceará -Brasil, seja no contexto dos países de língua oficial portuguesa. Entre fins de janeiro e maio de 2018 fiquei responsável por ministrar esse componente para alunos da licenciatura e do bacharelado em Humanidades. Dentre os objetivos propostos na ementa da disciplina detive-me mais atentamente as metodologias e recursos didáticos que pudessem mobilizar a imaginação sociológica, o estranhamento e a desnaturalização da realidade social dos jovens alunos.

Considerarei, seguindo reflexões apresentadas nas Orientações Curriculares Nacionais OCEM- Sociologia (2006), que o “como” ensinar revela-se tão importante

¹⁰ Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), vinculada ao Instituto de Humanidades e Letras, curso de Licenciatura em Sociologia.

¹¹ Conforme o Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Sociologia da UNILAB.

como “o quê” ensinar. Dito de outro modo, a conjugação de princípios metodológicos orientadores do ensino de sociologia (os conceitos, as teorias e os temas) a determinados recursos didáticos podem representar mediações pedagógicas potentes a prática docente, sobretudo, quando tais recursos se tornam compreensíveis e interessantes as juventudes do ensino médio público. Detendo-se a alguns desses recursos faço um breve relato de suas experimentações no campo da formação inicial de professores na universidade.

O jogo, a música, a imagem: recursos mobilizados

Conforme Huizinga (2014) o jogo caracteriza-se por ser uma atividade/ocupação voluntária, que requer ser exercida dentro de determinados limites de tempo e espaço, segundo regras consentidas e compartilhadas livremente por todos. O jogo é assim dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de sentimentos de tensões e alegrias, além de uma consciência de ser algo diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 2014 apud MATIAS, 2016).

O jogo *lutas simbólicas*¹² foi o primeiro recurso apresentado aos licenciandos da Prática do Ensino de Sociologia. De forma lúdica os alunos puderam refletir sobre as formas de aquisição de capitais (social, econômico, cultural) e com isso perceber as formas de ocupação de lugares de distinção no mundo social. Para aplicação do jogo foi preciso mudar a própria disposição da sala de aula. Os alunos sentaram-se no chão em grupo, iniciando com a orientação de um professor (idealizador do jogo) convidado, a distribuição das cartas. O tempo necessário para explicação e início do jogo foi em média 2h. Ao final, os presentes puderam relatar suas impressões, sociabilizando em sala os aspectos positivos da experimentação do jogo.

¹² Jogo inspirado na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Para mais informações consultar: <http://colunastortas.com.br/jogo-lutas-simbolicas-promete-disseminar-a-teoria-de-pierre-bourdieu/>

Vale dizer que como uma ferramenta didática para professores de sociologia a referência ao jogo *Lutas Simbólicas* é encontrada no livro didático *Sociologia para jovens do século XXI* (2016).¹³



Figura 01- Alunos em grupo jogando o Lutas Simbólicas.

Fonte: arquivo da autora. Data 20/03/2018.

Seguido da experiência de aplicação do jogo, e após análise de materiais como o livro didático, foi solicitado a turma da Prática de Ensino de Sociologia (2017.2) que realizassem pesquisa sobre músicas que dialogassem com temas/problemas sociais. Após a leitura do texto *Sociologia e música: estratégias teórico-didáticas no ensino médio*¹⁴, as escolhas das músicas seriam justificadas e apresentadas por cada um dos participantes da disciplina. Dos estilos musicais escolhidos pelos alunos o *Rap* foi o mais destacado, com letras que falavam de desigualdades sociais, violências, meio ambiente, preconceito de gênero e étnico-racial e afirmação de identidades. Dois alunos

¹³ Um dos livros propostos no Programa Nacional do Livro Didático, de autoria de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa.

¹⁴ De autoria de Bruna Muniz da Silva e Irapuan Peixoto Lima Filho.

ao escolherem músicas que falavam sobre o tema da desigualdade social justificaram suas escolhas da seguinte forma:

O material escolhido justifica-se ao interesse que jovens em geral e especificamente do ensino médio tem pelo estilo musical *Rap*, curtido pela maioria desta camada e sempre desperta o interesse deles. Portanto, usando o *Rap da Desigualdade social*¹⁵ para abordar o tema da desigualdade na sala de aula vai ajudar na apreensão e atenção destes jovens e possibilitar a compreensão do tema de forma prazerosa. (Licencianda em sociologia, UNILAB).

A escolha da música consiste na letra e refrão da música que o artista Rappin Hood¹⁶ canta a partir de uma realidade social brasileira que marginaliza o negro-afrodescendente e ainda continua inferiorizando-o através de sistema que a classe burguesa legitima por meritocracia. (Licenciando em sociologia, UNILAB).

Importante destacar que a escolha por recursos didáticos mais próximos das culturas juvenis, como a música, para explanação de temas sociológicos pode repercutir numa aprendizagem mais significativa, haja vista ser uma linguagem que dialoga de modo direto com o universo de vida das juventudes.

Um terceiro momento de experimentação metodológica e didática na disciplina Prática do Ensino de Sociologia foi a análise crítica a exposição fotográfica *Êxodos*¹⁷ por meio de aula de campo realizada na Caixa Cultural de Fortaleza- Ce. A ideia era que os alunos refletissem sociologicamente através das imagens expostas. A exposição ao apresentar ao público visitante uma série de fotografias sobre *África, Refugiados e Migrados, Luta pela terra, Megacidades e Retratos de crianças* possibilitou questionar, dentre outros aspectos, sobre as representações predominantes do continente africano.¹⁸

¹⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k3_u4LmBTbw. Acesso: 13/06/2018.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=60SM732TopE>. Acesso: 13/06/2018.

¹⁷ De autoria do fotógrafo Sebastião Salgado.

¹⁸ Sobre esta atividade ver notícia publicada no portal da UNILAB. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2018/05/07/estudantes-de-licenciatura-em-sociologia-e-bhu-visitam-a-exposicao-exodos-de-sebastiao-salgado/> Acesso: 13/06/2018/



Figura 02- Alunos na Exposição Êxodos, Caixa Cultural. Fonte: Ivan Freire.

Posterior a aula de campo foi solicitado aos presentes que elaborassem uma reflexão considerando as seguintes perguntas: Quais as imagens/representações de África o fotografo enfatiza na exposição? Quais novas imagens/representações de África você destacaria? Você considera a fotografia um recurso didático viável para o ensino de Sociologia? Escolher a partir das séries de fotografias expostas, cujo temas são *Refugiados e Migrados*; *África*; *Luta pela Terra*; *Megacidades e Retratos de Criança*, uma imagem/fotografia específica e descrever de que modo ela permite uma reflexão/ problematização de um tema sociológico.



Figura 03- Alunas na Exposição Êxodos. Foto Nelo Silva.

Nas percepções discentes encontramos as seguintes afirmações:

As imagens ou representações de África enfatizadas pelo fotógrafo Salgado são imagens que retratam êxodos, migrações, situações de guerra, de fome, de doenças e de desnutrição, ocorridas em alguns países do continente africano. Eu destacaria em primeiro lugar um mapa representativo do continente negro, em seguida, destacaria outra entre várias imagens de grandes civilizações que brotaram e existem até os dias atuais no solo africano, ou de crianças bem nutridas nas escolas com sorrisos de neve, pessoas residentes em casa e saudáveis. (estudante do Bacharelado em Humanidades, UNILAB).

Todas as imagens são usadas de forma generalizada para ferir o continente africano na sua totalidade. O uso da nomenclatura África para referir somente alguns países deste continente, reforça a ideia de que este continente é um só país ou uma sociedade homogênea. (estudante de licenciatura em sociologia, UNILAB).

As imagens suscitaram entre alunos dos países de língua oficial portuguesa (CPLP) inquietações no sentido de apresentarem representações demasiadamente negativas da África, com fotos remetendo somente ao sofrimento humano, ocasionado por guerras civis, mutilações, fome, etc. Nos relata um aluno que “essas imagens podem contribuir imensamente para a subjugação do continente e dos próprios africanos, quando as formas de interpretação podem não corresponder uma verdade absoluta.” (estudante de licenciatura, UNILAB). Há beleza, há a alegria, há desenvolvimento não captadas no olhar do estrangeiro.

Desta forma, a fotografia como um recurso didático apresenta potencial inesgotável de reflexão, problematização e análise no ensino de sociologia e de outras ciências humanas. Trata-se de exercitar o olhar para além daquilo que se vê, estranhar, desnaturalizar, uma vez que “a mensagem simbólica da imagem faz com que vários léxicos possam ser mobilizados, ou seja, uma mesma fotografia pode remeter a diferentes leituras realizadas por uma mesma pessoa.” (CAVEDON apud BODARD, 2015).



Figura 04- Fotografia Sebastião Salgado. Exposição Êxodos. Foto Nelo Silva.

Considerações finais

De modo sucinto, este relato de experiência docente procurou mostrar as possibilidades metodológicas e didáticas no ensino de sociologia na educação básica, tendo em conta que segundo pesquisas recentes dentre as diferentes razões que incitam os jovens do ensino médio a evasão estão aquelas relacionadas as formas de organização da escola, como conteúdos distantes da realidade dos alunos, a falta de diálogo entre alunos, professores e gestão, a desmotivação e as condições de trabalho docente. (Volpi, Silva, et al, 2014). Nesta perspectiva de que modo a opção por metodologias ativas que dialoguem com as culturas juvenis possibilitam uma maior participação e atuação de jovens no cotidiano escolar?

Aos licenciandos em sociologia mostra-se imprescindível a discussão sobre quais práticas de ensino vem sendo desenvolvidas em escolas da educação básica e quais recursos didáticos disponíveis. Busca-se, assim, uma interlocução entre a universidade, a escola do ensino médio e outros espaços educativos, de modo a tornar a formação

inicial de professores mais sintonizada com as demandas da sociedade contemporânea.

Referências

BODARD, Cristiano. *Fotografia como recurso didático no ensino de sociologia*. Revista Em Tese. UFSC. V.12, n.2, ago./dez., 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/19583845/Fotografia_como_recurso_did%C3%A1tico_no_ensino_de_sociologia. Acesso: 14/06/2018.

MATIAS, Emily de Sousa. *O lúdico na educação: um olhar sobre a Vila do RPG em Fortaleza*. Monografia de conclusão de curso de licenciatura em Ciências Sociais, UECE, 2016.

MORAES, Amaury Cesar, GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. *Metodologias de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCNEM-Sociologia*. In: MORAES, Amaury César. *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes, COSTA, Ricardo César Rocha. *Sociologia para jovens do século XXI: manual do professor*. 4 ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Mil

SILVA, Bruna Muniz, FILHO, Irapuan Peixoto. *Sociologia e música: estratégias teórico-didáticas no ensino médio*. IN: ALMEIDA, Rosemary de Oliveira, CARLEIAL, Adelita Neto (org.). *Sociologia na escola média: metodologias de ensino em foco*. EDUFPI, 2013.

VOLPI, Mário, SILVA, Maria de Salette, RIBEIRO, Julia (coord.). *10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos*. UNICEF, Brasília, 2014. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios_ensino_medio.pdf. Acesso: 14/06/2018.

A CONTRIBUIÇÃO DE ATIVIDADES MUSICAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Kleiser Gomes de Oliveira
Universidade Estadual do Ceará
kleiseroliveira@hotmail.com
Inez Beatriz Castro Martins Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará
inezbeatrizmartins@gmail.com

RESUMO

O presente relato apresenta as reflexões e metodologias utilizadas na aplicação de aulas de música com alunos do 1º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Adalberto Studart Filho, localizada na regional V do município de Fortaleza. O objetivo das aulas foi desenvolver o processo de leitura por meio da aplicação de aulas de música. A metodologia foi embasada em aplicação de jogos musicais e brincadeiras, em cantigas de rodas, estimulando à atenção e à concentração dos educandos por meio de apreciações musicais e sons do cotidiano. Dos resultados observados, foi possível notar a participação assídua dos alunos que apresentaram desenvolvimentos tanto dos aspectos de leitura, como atenção e participação nas aulas regulares de português. A regência de classe foi desenvolvida durante o período do Estágio Supervisionado do curso de graduação em Música da UECE.

Palavras-chave: Estágio. Música. Alfabetização.

INTRODUÇÃO:

Um dos desafios de aprendizagem na educação infantil e que, muitas vezes, continua nos primeiros anos do ensino fundamental é a ação de alfabetizar as crianças. Na tentativa de alcançar este objetivo, professores utilizam diversas metodologias para esse fim. Entre essas metodologias, encontram-se as atividades musicais, despertando nos alunos vivências prazerosas e um maior interesse pelas atividades alfabetizadoras. Atividades que envolvem música, além de auxiliar no processo cognitivo do aluno, desperta também outros processos mentais como o interesse, desenvolvem a atenção, a concentração e a participação. Segundo a pesquisadora Bragatto:

A aprendizagem é um processo que acontece gradativamente. Corpo e mente deve estar em perfeita harmonia. Como auxiliar desse processo tem-se um importantíssimo instrumento, a música. Pois, ela desperta na criança uma

vivência prazerosa, satisfatória e equilibrada, proporcionando paz de espírito, controle emocional e concentração (BRAGATTO, 2012, p. 18).

O controle emocional e a concentração são fatores importantes para fruição e construção do saber. Cada aula as crianças vivem momentos de grandes descobertas, é um momento de vivência importante e precisa ser realizada de forma que atraia à atenção dos alunos. A música, como ferramenta pedagógica pode acelerar o processo de alfabetização. Segundo o neurologista e neuropediatra Dr. Mauro Muszkat (2012, p. 68) “a música não apenas é processada no cérebro, mas também afeta seu funcionamento”. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. (BRASIL, 1998, p. 48)

Esta comunicação apresenta um relato de experiência das aulas ministradas pelo autor durante o período de realização da disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Ceará no ano de 2017. As aulas foram aplicadas com alunos do 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Adalberto Studart Filho, na regional V de Fortaleza, uma das regiões mais carentes da cidade. Localizada na comunidade do Planalto Ayrton Senna, a escola atende 459 alunos das comunidades locais. Conta com uma estrutura insuficiente para a atual demanda, apenas com uma quadra de futebol de salão, uma biblioteca com poucos livros, poucos funcionários. A escola estava inserida em uma comunidade socialmente vulnerável as drogas, a violência e a ausência paterna. Fatores como timidez e isolamento dificultavam uma participação mais efetiva dos alunos nas atividades escolares. Os níveis de leitura dos alunos do primeiro ano, segundo documento disponibilizado pela SME (2017), por meio da e-SIC, dos 39 anos alunos matriculados, 5 liam textos com fluência, 12 apenas liam palavras isoladas, 10 alunos liam textos de forma silábica e outros 10, apenas algumas sílabas e letras. Por fim, 2 alunos não identificavam sequer as letras.

As atividades de música foram realizadas com as turmas do 1º ano da manhã que já estavam sendo acompanhadas pelo autor desde o estágio anterior. As aulas ocorreram às terças-feiras, sob a supervisão das professoras responsáveis pela turma. Com a finalidade de promover a participação integral dos alunos escolheu-se músicas do repertório infantil, atividades lúdicas como jogos, brincadeiras e dinâmicas para embasar as atividades planejadas em sala de aula. Como recursos utilizou-se o aparelho de som, violão e flautas que serviram para proporcionar aos alunos contato com os instrumentos musicais. Para apresentar algumas formas de manifestações artísticas como desenhos e apresentações musicais, foram exibidos vídeos.

Os planos de aula foram centralizados no uso de canções nacionais do repertório infantil, composta de textos simples, facilitando a compreensão por parte dos educandos. Os elementos textuais como as palavras, sílabas, frases, estrofes e, até mesmo, as rimas, com presença da melodia, facilitaram a memorização e a interpretação dos textos.

ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES DE MÚSICA E LEITURA

A escrita deste relato de experiência propõe ser um momento de reflexão das ações, contribuições, aprendizados, e das diversas situações inusitadas pelas quais o autor viveu em sala de aula. Esta autorreflexão faz com que o pesquisador analise o objeto de pesquisa, nos relatos das situações vividas dentro do ambiente escolar, mais especificamente em uma sala de aula, destacando acertos e erros que, de forma significativa, contribuíram com sua formação.

No primeiro encontro, o professor iniciou com a apresentação de cada criança, perguntando sobre os seus nomes, as músicas que mais gostavam, àquelas não gostavam, os instrumentos musicais que conheciam e se havia alguém em suas famílias que fossem músicos. Após as apresentações, foi explicado aos alunos que no atual semestre as atividades de música seriam voltadas para o desenvolvimento da leitura, discutindo sobre a importância do ato de ler.

Para apresentar a primeira canção proposta no plano de aula, a turma foi dividida em dois grupos. A finalidade foi desafiá-los a interpretar o texto da canção “Samba, Lê, Lê”. Após todos cantarem a música, foi lançada uma série de perguntas em forma de competição acerca do discurso do texto musical, pontuando a equipe que acertasse as respostas. Sempre que necessário, repetia-se a música cantando todos juntos. Após a primeira etapa dos jogos e perguntas, os alunos leram as palavras que o professor escreveu no quadro. As palavras escolhidas encontravam-se em trechos chave da canção. O grupo que identificasse mais rápido também seria pontuado. Foi notório observar a expressão de alegria e festejo cada vez que um grupo ganhava um ponto. A atividade foi finalizada escrevendo, colorindo e enfeitando palavras que centralizaram o objetivo da aula.

No segundo encontro, foi dada continuidade a análise textual-discursiva. Desta vez, utilizou-se a canção “A Casa” de Vinícius de Moraes. A aula iniciou com os alunos cantando essa música. A maioria deles conheciam a canção, porém não sabiam nada a respeito do compositor. Em virtude do desconhecimento por parte dos alunos, foi feita uma breve exposição sobre a vida e as obras de Vinícius. Em seguida, a letra da música foi escrita na lousa e solicitada que os alunos a copiassem no caderno. A música foi cantada diversas vezes, até que todos os alunos se familiarizassem com a letra. Logo após, foi discutido o texto, destacando as palavras desconhecidas a fim de identificar seu significado no texto. Nas etapas finais da aula, o professor solicitou aos alunos que destacassem as palavras que rimavam. Em seguida, buscou-se entender e reconhecer as sílabas de cada palavra no texto, finalizando com os alunos pintando algumas sílabas. Desta forma, elas identificariam e realizariam corretamente a divisão das sílabas nas palavras.

No terceiro encontro, a fim de trabalhar o uso das letras, foi apresentado aos alunos duas canções do repertório infantil. A aula iniciou com a canção “A Canoa Virou”. Em seguida, escrita a letra da música na lousa, os alunos a copiaram no caderno. Nesta aula, a turma parecia estar mais disposta para escrever do que em aulas anteriores. Passado 15 minutos da proposta da atividade, todos os alunos já haviam concluído o que foi pedido. Na cantiga popular “A Canoa Virou”, a música é composta

de supressão de letra que permite ao intérprete adicionar palavras ao texto. Sendo assim, sempre que cantávamos esta canção, os alunos participavam dando sugestões de nomes para inserirem na letra da canção. Foi com muita satisfação que todos os alunos participaram e adicionaram o nome de cada um deles ao texto. Nos últimos 15 minutos da aula, os alunos cantaram a segunda cantiga proposta para o dia. Com o “O Sapo Não Lava o Pê” as crianças substituíram todas as vogais da canção pela vogal “a”, depois pela vogal “e” e assim por diante. Através desta canção, os alunos puderam experimentar os efeitos causados pelo uso das vogais, reagindo curiosamente às mudanças nos fonemas.

Na aula seguinte, por problemas técnicos com a montagem do equipamento de som foi preciso realizar outro tipo de atividade que não utilizasse áudio. Distribuíu-se folhas em branco aos alunos, que foram solicitados a elaborarem um desenho que representasse seus sentimentos quando estão ouvindo suas músicas preferidas. Em seguida, distribuiu-se lápis de cores para que todos pudessem colorir. Ao final, alguns alunos fizeram questão de compartilhar do trabalho e expor ao grupo.

No quinto encontro, o conteúdo da aula foi sobre os instrumentos musicais. Antes de iniciar o conteúdo programado, foi realizada uma pequena revisão oral, um *quiz*. Divididos em meninos e meninas, cada grupo era desafiado a responder as perguntas realizadas pelo professor. Essa atividade teve por finalidade revisar conteúdos já abordados em sala de aula.

Em seguida, direcionado ao assunto do dia, ilustrou-se diversos instrumentos na lousa com seus respectivos nomes. Os alunos realizaram a leitura dos nomes e em seguida tiveram de ligar o nome ao instrumento. Houve acertos e erros. Contudo, o que chamou à atenção é que os alunos que estavam lendo com mais facilidade demonstraram estar preocupados em ajudar os que ainda não sabiam ler.

Normalmente os planos de aula tinham a etapa de acolhida e revisão do conteúdo. Quando havia algum tipo de atraso por conta dos diversos informes dados no momento da acolhida no pátio, a etapa inicial da aula era pulada e iniciava-se diretamente com a aplicação do conteúdo do dia. Foi o que aconteceu no sexto encontro. A fim de que os alunos experimentassem situações relacionadas à altura do

som, foi realizada a brincadeira do *vivo/morto*. Utilizando o violão e a flauta, o professor produziu sons em diferentes regiões. Ao executar sons graves, os alunos deveriam ficar sentados e, ao ouvir sons agudos, eles ficariam em pé. Os alunos foram divididos em dois grupos, os dos meninos e o das meninas. Durante a brincadeira, foram feitas algumas intervenções para que fica-se claro para eles a diferença entre as frequências baixas e altas. Depois de certo período, os alunos foram convidados a tocarem os instrumentos musicais, emitindo um som relativamente grave e outro agudo.

No sétimo encontro, os alunos participaram de uma pequena excursão pela escola a fim de identificar os sons e ruídos do ambiente escolar. Alguns levaram papel e lápis para realizar anotações. A primeira parada para observações foi na rampa que de acesso ao térreo da escola. Lá os alunos perceberam que os ruídos produzidos pelas professoras e os alunos em aula eram predominantes. Em seguida, a turma se dirigiu para a quadra, onde os alunos exploraram o eco produzido no local. Ouviram também sons de motos e carros vindos do lado de fora da escola. A terceira parada foi no parquinho. Tentando ouvir algo além dos sons e ruídos já identificados, os alunos perceberam o som das folhas nas árvores balançando. Ao retornar para sala as crianças reproduziram em forma de desenhos os objetos identificados através da audição. Eles ilustraram, pintaram e apresentaram suas observações. Por se aproximar o término da aula, não foi possível construir o mural dos sons conforme havia sido planejado. Optou-se por recolher os trabalhos e encerrar a aula.

No oitavo encontro, a atividade planejada foi de caráter coletiva. O professor espalhou gravuras de diversos instrumentos musicais pela mesa. Inicialmente questionou quais instrumentos eles reconheciam dentre os apresentados. A maioria reconheceu aqueles de caráter “popular” (guitarra, violino, bateria, pandeiro e violão). Outros, como o contrabaixo, violoncelo, oboé, gongo, fagote, eram totalmente desconhecidos por eles. Motivado por este desconhecimento, o professor apresentou cada instrumento, explicando sua origem e qual estilo musical comumente estavam presentes. Após a explicação, os próprios alunos identificaram o nome de cada instrumento. Em seguida, distribuiu-se tiras com o nome de cada instrumento. Com

isso, a turma foi direcionada para exercitar a leitura. Para isso foi sugerido um pequeno campeonato, um jogo de memória.

No nono encontro, a canção escolhida foi “Caminhando”. A mesma trata-se de uma paródia da canção infantil “Atirei o Pau no Gato”. Perguntado aos alunos se a conheciam, muitos afirmaram que não, porém reconheciam a melodia da canção. Cantando a música, os alunos passaram a caminhar pela sala, sugerindo o nome de animais para compor a música, imitando seus sons logo em seguida. Os alunos adoraram a atividade e deram diversas sugestões de animais como galinha, vaca, tigre, leão, ovelha, cachorro, gato, entre outros.

Terminada esta atividade, os alunos se dirigiram à mesa grande. Distribuiu-se lápis de cores e as tiras com os nomes dos animais. O objetivo desta atividade foi identificar e pintar determinadas letras para, em seguida, lerem os nomes e apresentarem à turma. Ao final da atividade o material foi recolhido e cada aluno recebeu uma folha com desenhos de animais para colorir.

No encontro seguinte, a atividade iniciou com tiras de papel contendo os nomes dos alunos. As mesmas foram espalhadas sobre a mesa grande. Cada aluno teve de identificar seu nome e em seguida soletrá-lo para toda turma. Apenas duas alunas não conseguiram soletrar todas as letras. Alguns alunos fizeram questão de ler os demais nomes. Passado 30 minutos de atividade, os alunos espalharam seus nomes pela sala. O professor começou a cantar a canção da serpente completando as estrofes com os nomes dos alunos. Ao ouvir seu nome, o aluno chamado acompanhava o professor pela sala, formando assim uma serpente. A turma concluiu com todos cantando e participando da brincadeira. Para finalizar este dia, cada aluno recolheu o seu nome do chão o guardou em sua mochila. Os alunos receberam papel e lápis, desenhando cada um, sua própria serpente e a apresentando.

No último encontro, a atividade deveria ser realizada na sala de vídeo. Contudo, por impossibilidade de usar este espaço, a televisão precisou ser montada na própria sala de aula. Enquanto a TV não chegava, a atividade iniciou com uma dinâmica. Ao chegar a televisão, os alunos sentaram nas carteiras e assistiram aos vídeos de Natal. Antes de iniciar, foi realizada uma breve discussão sobre o que

representa esta festividade. O objetivo foi compreender o significado do Natal e sensibilizá-los para o ensaio e as apresentações das canções natalinas.

Foram exibidos ainda outros vídeos com apresentações de corais. A finalidade foi destacar para os alunos alguns aspectos importantes para uma apresentação como a atenção, a concentração dos integrantes, as vestes, volume sonoro e a intensidade de cada voz. Após a apreciação dos vídeos, cantaram-se as músicas “Vem que Está Chegado o Natal” e “Anoiteceu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da carência de estrutura por parte da escola, os problemas sociais vividos pelos educandos e a comunidade local, o trabalho com música foi enriquecedor para a formação do autor, que por muitas vezes teve de levar seus equipamentos e instrumentos pessoais para o campo do estágio, tendo em vista a escassez de recursos no sistema público. A tentativa de contribuir no desenvolvimento escolar dos alunos motivou o autor a pesquisar, planejar, aplicar e refletir suas contribuições na construção do ser. O trabalho com alfabetização foi desafiador. Porém, a música fez de cada aula, um momento divertido, proporcionando aos alunos o prazer de brincar, socializar e construir vínculos dentro de um espaço cercado de problemas sociais, físicos e culturais como a constante violência e as drogas. Os alunos apresentaram progressos, tornaram-se mais participativos nas aulas de português e na resolução de problemas em grupo.

Não sabemos como a música é aplicada em outras salas de aula, mas a experiência do autor revelou que é possível realizar atividades lúdicas que despertem o interesse dos alunos. A experiência se deu apenas com a música. Sabemos que as demais artes têm potências que podem também contribuir na área da alfabetização, impulsionando a escola no desafio de inserir as crianças no universo dos livros.

REFERÊNCIAS:

BRAGATTO, Rosângela Aparecida Marques de Moraes. *A importância da música no processo de alfabetização*. 2012. 43 f. Monografia (Especialização em Educação:

Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Pará, Medianeira, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, vl. 3, 1998.

BRASIL. Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. *Coordenadoria do Planejamento: Resultado de Leitura e Escrita dos Alunos do 1º ano da Rede Municipal (SAEF)*. Fortaleza, 2017.

MUSZKAT, Mauro. *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

A MÃO ROBÓTICA: APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DA CULTURA MAKER

Ronald Brasil Silva
Prefeitura Municipal de Fortaleza
ronald.brasil@educacao.fortaleza.ce.gov
Selma Bessa Sales
Prefeitura Municipal de Fortaleza
selma.bessa@educacao.fortaleza.ce.gov.br
Luciana Campos Xavier
Prefeitura Municipal de Fortaleza
luxaca30@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de criação e uso de uma mão robótica para o ensino e aprendizagem dos conteúdos de Matemática. A problemática central envolveu a questão: A programação com Scratch e uso de plataformas de prototipagem física potencializam a aprendizagem dos alunos em matemática? O embasamento teórico fundamenta-se no construcionismo de Papert (1988, 2008) sobre a construção do próprio conhecimento por intermédio de alguma ferramenta, como o computador. A metodologia qualitativa contou com alunos monitores de duas turmas de sexto ano de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza/Ceará. O instrumento utilizado na coleta dos dados foi um questionário estruturado na Escala de Likert. Os resultados revelaram que a compreensão dos conceitos de ângulos reto, oblíquo e obtuso foi ampliada a partir da “Mão na Massa” vivenciada pelos estudantes.

Palavras-chave: Scratch. Cultura Maker. Mão Robótica.

INTRODUÇÃO

O ser humano reinventa-se a cada dia e naturalmente essa evolução conduz paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, assim a vida no século XXI é imersa numa dimensão imensa da tecnologia digital. Da mesma forma, cabe à sociedade uma série de questionamentos, aqui, portanto, cabe-nos falar do setor da educação, para tanto partiremos da seguinte investigação: Como a escola pode se beneficiar dos recursos digitais no processo de aprendizagem de seus estudantes? Em resposta a essa questão gostaríamos de discorrer sobre uma das alternativas: A Cultura *Maker* assim como o software livre podem ser grandes aliados nesse processo de construção.

Durante um longo tempo essa cultura favoreceu a criatividade das crianças, mas foi aos poucos sendo substituída por brinquedos cada vez mais tecnológicos, assim, pouco a pouco as crianças passaram a preferir brinquedos industrializados. O que percebemos na atualidade é uma tentativa do resgate da criatividade nas pessoas e aqui entra a Cultura *Maker*.

Pensando no resgate dessa habilidade nos interessamos pela Cultura *Maker*, acreditando que trabalhando concretamente, criando algo, o aprendizado poderá ser mais significativo uma vez que pode despertar o interesse do aluno pelo conteúdo curricular, aqui, por exemplo, referenciamos o âmbito do trabalho com a matemática.

O Movimento *Maker* é um fenômeno cultural que estimula pessoas comuns a “colocar a mão na massa” e construir algo, aprendendo novas habilidades durante este processo. É um movimento que promove a criatividade, a autonomia e o protagonismo. Isso se justifica inclusive pela origem do termo *Maker* que vem do verbo em inglês “to make” que se traduz por “fazer”. É nessa perspectiva que utilizamos o conceito neste trabalho.

Nesse contexto, o presente trabalho apresenta uma experiência prática envolvendo o uso do Scratch¹⁹ e da IDE do Arduino²⁰ para programar uma prótese de uma mão humana construída com materiais reciclados, servo motores e uma placa de prototipagem Arduino, em uma atividade de matemática abordando o conteúdo de geometria: medidas de ângulos, reta, semirreta e formas geométricas.

Assim, nossa questão é: a programação com *Scratch* e uso de plataformas de prototipagem física potencializam a aprendizagem dos alunos nas aulas de matemática? Para responder a esse questionamento traçamos como objetivo relatar a experiência de criação e uso de uma mão robótica para o ensino e aprendizagem dos conteúdos de matemática.

¹⁹ <<https://scratch.mit.edu/>>

²⁰ <<https://www.arduino.cc/>>

A relevância deste trabalho consiste em apresentar a contribuição dada pela construção da mão robótica para o desenvolvimento de habilidades lógico matemáticas dos alunos da educação básica, melhor compreensão dos conceitos de ângulos, ampliando a curiosidade e o pensamento criativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

As bases teóricas que dão sustentação ao presente trabalho encontram-se em Papert (1988, 2008). Segundo Seymour Papert o Construcionismo permite ao educando construir o seu próprio conhecimento por intermédio de alguma ferramenta, como o computador. Os computadores “Deveriam servir às crianças como instrumentos para trabalhar e pensar, como meios para realizar projetos, como fonte de conceitos para pensar novas ideias.” (PAPERT 1980, p. 158). Destacamos que o construcionismo propõe que o aluno seja protagonista de sua aprendizagem, entendendo os computadores como uma máquina a ser ensinada.

A teoria de Papert tem como base o construtivismo piagetiano que, por sua vez, vê o aluno como construtor de suas estruturas cognitivas. Como se lê em Lakomy (2014. p.24), segundo Piaget o conhecimento é construído a partir dos “exercícios e experiências adquiridas na ação da criança sobre os objetos”.

Assim, influenciado pelas ideias construtivistas de Piaget, Seymour Papert desenvolveu uma teoria educacional, o construcionismo, no qual o indivíduo aprende, por meio de tentativas, a construir algo que seja significativo para ele, favorecendo o aprendizado de novos conhecimentos.

O pensamento de Papert e a proposta do movimento *Maker* apontam um caminho para que se obtenha um melhor aproveitamento das tecnologias, notadamente das digitais, como o uso dos computadores e dos kits de robótica como poderosas ferramentas educacionais, visto que isso ajuda a desenvolver um projeto e, assim, explorar conceitos das mais diversas áreas do conhecimento e no caso aqui relatado de matemática.

Para que a aula seja significativa e possa alcançar todo seu potencial é necessário que o professor conheça e saiba utilizar este programa e aplicá-lo às atividades integradas ao currículo da escola, a partir de um planejamento prévio, dessa forma é mais provável que obtenha resultados significativos.

No projeto ora citado, o aspecto tecnológico é apresentado pela utilização da placa Arduino e do programa *Scratch* e por motores, sensores e materiais recicláveis viabilizando a criação de um protótipo que execute movimentos semelhantes aos da mão humana, buscando soluções e adaptações à medida que o projeto vai sendo executado.

Estudos realizados envolvendo práticas pedagógicas sobre o pensamento computacional, uso do *Scratch*, Arduino e construção de prototipagem compõem hoje uma literatura que enriquece o corpus para possíveis pesquisas futuras. Como por exemplo, o trabalho de Silva et al. (2017, p.1012) que relata uma experiência desenvolvida com alunos, do 8º e 9º anos do ensino fundamental, participantes de uma oficina para a inserção da computação na educação básica. O ensino da lógica surge como uma maneira de exercitar o conhecimento dos alunos em matemática, preparando-os para a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e estimular o pensamento computacional.

Conforme apresenta Batista et al (2015, p.358), o *Scratch* é “uma poderosa ferramenta para ser aplicada no ensino básico, “para ensino de conceitos de programação, por ser intuitivo”. Podendo ser utilizado como ferramenta de auxílio para o professor conceber novas estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado do aluno.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi desenvolvido durante os meses de fevereiro e março de 2018 com 12 alunos do 6º Ano, estes já envolvidos no projeto de Monitoria desenvolvido desde o ano de 2017. A abordagem metodológica adotada foi de natureza qualitativa e foi

composta por três momentos distintos: 1) Planejamento da oficina com o professor de matemática em parceria com o professor readaptado que desenvolve a função de Apoio aos projetos de tecnologia, para alinhamento das ideias acerca dos conteúdos que estão sendo estudados na referida disciplina; 2) Identificação dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do conteúdo proposto; 3) Realização das aulas com fins de montagem e uso da mão robótica para compreensão dos conteúdos de geometria.

Após o trabalho com os monitores foi feito e aplicado um questionário estruturado na Escala de Likert, que consiste em uma série de afirmações referentes a um determinado objeto atitudinal. (GUERRA, 2007). Segundo o autor, para cada uma das afirmações são apresentadas algumas opções de resposta nas quais o entrevistado deve assinalar a opção que melhor reflita sua opinião sobre o item em questão.

Os dados foram coletados também por meio de observação durante as aulas realizadas no Laboratório de Informática Educativa - LIE, com o intuito de observar as mudanças na compreensão da programação da mão pelos discentes. A coleta dessas informações contou com formulário on-line, disponível no Google Drive²¹. O questionário foi composto por um conjunto de treze questões que abordavam o tema da Cultura *Maker* e a participação dos alunos na criação e manipulação da mão robótica para a aprendizagem do conteúdo sobre ângulos.

UM PROJETO NA PRÁTICA: ROBÓTICA PARA APRENDER ÂNGULOS

Conforme já foi citado, o projeto é realizado em uma escola pública com duas turmas de alunos monitores, sempre as sextas-feiras, no contraturno dos alunos, sendo que 06 no turno da manhã e mais 06 no horário da tarde. Esses alunos vão auxiliar o professor nas aulas com a sala completa, nas turmas do 6º ano A pela manhã e 6º C no período da tarde, dando um apoio individualizado para os seus colegas.

²¹ Para saber mais acessar: <<https://goo.gl/forms/rlsX9En9ORtYxuPt1>>

Durante os encontros foram desenvolvidas atividades para trabalhar o conceito de ângulo e reconhecer o mesmo como uma unidade de medida entre duas semirretas ligadas por um ponto comum, o vértice. Nesse momento os alunos passam a ser autores no processo da construção de conceitos, oportunizando assim uma aprendizagem significativa.

Para a fabricação da mão robótica²², com materiais de baixo custo para fins educacionais, foram utilizados os seguintes materiais: 1 Arduino Nano; 1 Mine protoboard; Fios jumpers; 5 servo-motores; 1 sensor ultrassônico; pedaço de conduíte; linha de material resistente. Inicialmente, cortamos um pedaço de madeira MDF, no formato da palma da mão, depois modelamos os dedos utilizando cola de silicone misturada com amido de milho, até virar uma massa e colocamos canudos dentro dos dedos para passar a linha de nylon. Para ligar cada pedaço dos dedos usamos um cano usado em estações elétricas.



Figura 1 - Mão Robótica para estudo dos conteúdos de Matemática.

O professor de apoio aos projetos de tecnologias construiu a mão por precisar manipular algumas ferramentas e evitar acidentes. Os monitores deram algumas sugestões em relação ao material a ser utilizado destacando-se de forma protagonistas

²² Vídeo demonstrativo disponível na Comunidade para trocar informações, dúvidas e projetos de Arduino. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/arduino.br/permalink/1799182533454174/> >

do projeto desde a fase de criação, programação, e personalização do código individualmente para controlar a mão. Escolhemos a placa de prototipagem Arduino, (<https://www.arduino.cc/>), pela facilidade na sua utilização e por ser um produto livre e de baixo custo.

Tomando como base os movimentos realizados pelos dedos, foram criados alguns códigos em C++ e no *Scratch* para controlar a mão robótica imitando assim o movimento da mão humana. Nesse sentido, a montagem desse protótipo nos auxilia na reflexão do conceito de ângulo e de como é importante na nossa vida, trabalhando juntamente com o conceito apresentado na aula de matemática pelo professor, e desta forma obtendo um aprendizado mais significativo.

Um dado apresentado na pesquisa aponta que esse projeto favoreceu a motivação dos alunos participantes tanto em irem à escola como para aprender o conteúdo de matemática envolvendo aumentando seus empenhos. Outro dado importante revelou que os alunos monitores utilizaram várias medidas de ângulos, para movimentar os dedos por meio das teclas do computador. Desta forma, foi trabalhado o conteúdo curricular de uma maneira prática, através de experiências com os ângulos e de uma forma concreta.

Cabe destacar que, quando a tecnologia é inserida em uma proposta pedagógica e com os recursos diversos pode fortalecer o engajamento dos alunos e criar novas dinâmicas em sala de aula. Nesse sentido, o mais importante é a construção do conhecimento, o desenvolvimento da capacidade analítica e a elaboração de um pensamento crítico.

Dessa forma, a tecnologia pode ajudar o professor a formar os alunos para a chamada sociedade do Século XXI. Movidos por diversos recursos digitais, os chamados nativos digitais (PRENSKY, 2001) desenvolvem habilidades ferramentais de forma intensa, vivenciam uma educação mais completa preparando-os para os desafios,

como por exemplo, a participação desse Projeto de Robótica na VIII Feira Municipal de Ciências e Cultura de Fortaleza/Ceará²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo indicam que os alunos monitores demonstraram ser capazes de criar, utilizar, aprender e ensinar com a mão robótica os conteúdos da matemática.

Percebemos também que conceitos matemáticos ficam mais fáceis de ser aprendidos quando se utiliza o *Scratch*, e quando o aluno participa do processo de criação do conhecimento a partir de um desafio do professor. E foi o que aconteceu nestas aulas, os alunos demonstraram interesse, fizeram perguntas, participaram e aprenderam de uma forma divertida.

Ademais constatamos que também ocorreu um amadurecimento acompanhado de uma mudança no comportamento dos discentes dentro da sala de aula. Podemos atribuir ao uso de suportes e ferramentas para a construção do aprendizado, no caso a mão construída e manuseada para estudar geometria.

A partir do projeto desenvolvido, os estudantes passaram a “pensar como inventores” ao invés de serem “ensinados sobre as invenções”, resgatando assim o protagonismo e a possibilidade de construir e criar artefatos. Verificamos maior interesse, vontade de aprender e melhora da frequência por parte dos alunos monitores, nas aulas de programação, além de ter ampliado a compreensão dos conceitos de ângulos reto, oblíquo e obtuso, se apresentaram envolvidos e atentos aos conceitos que estavam sendo desenvolvidos, resultando em melhores notas na disciplina de matemática.

²³ O Projeto de Robótica foi selecionado para a etapa municipal da referida feira como forma de intercâmbio científico e cultural entre os estudantes e os professores.

Disponível em <<http://intranet.sme.fortaleza.ce.gov.br/index.php/lista-de-noticias/2151-sme-divulga-lista-de-trabalhos-selecionados-para-a-viii-feira-municipal-de-ciencias-e-cultura-de-fortaleza>> Acesso Junho de 2018.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Esteic Janaina Santos. CASTRO JR, Amaury. BOGARIM Cintia Adriana Canteiro. LARREA, Andreia Alfonso. **Utilizando o Scratch como ferramenta de apoio para desenvolver o raciocínio lógico das crianças do ensino básico de uma forma multidisciplinar.** (2015, p. 358). Anais do XXI Workshop de Informática na Escola. Disponível em <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/5049>> Acesso Março de 2018.

INOVEDUC, **Movimento Maker: Estímulo ao Aprendizado por meio de Criatividade.** Disponível em: <<http://inoveduc.com.br/noticias/movimento-maker-aprendizado-criatividade/>> Acesso em: 26 de Janeiro de 2018.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem.** Curitiba: Intersaberes, 2014.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

PAPERT, Seymour. **LOGO: Computadores e Educação.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PIAGET, Jean. **The Grasp of Consciousness: Action and Concept in the Young Child.** Cambridge, Mass: Harvard University, 1976.

PRENSKY, M. *Digital Natives, Digital Immigrants.* Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20%20digital%20natives,%20digita%20immigrants%20-%20part1.pdf>>. 2001. Acesso em: 12 mai. 2018.

SILVA, Nayara. LIMA, Ana Carina. SOUZA, Niellen. SOUSA, Decíola, **Raciocínio Lógico nas Escolas: Uma Introdução ao Ensino de Algoritmos de Programação.** Anais dos Workshops do VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE. 2017 p. 1012). Disponível em: < <http://br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/7490/5285%3E>> Acesso Janeiro 2018.

BRINCADEIRAS MUSICAIS NA PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ely Eudes Viana de Oliveira
Universidade Estadual do Ceará
eudes.taib@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho descreve as experiências em educação musical de quatro dias de aula realizada em uma escola de Ensino Fundamental em Fortaleza. As aulas foram resultado de minha participação na disciplina de Estágio Supervisionado II enquanto aluno do curso de graduação em Música da Universidade Estadual do Ceará (UECE). As aulas foram centradas no uso da brincadeira enquanto recurso metodológico e nos instrumentos harmônicos e rítmicos como suporte para enfatizar os conteúdos musicais enfocados.

Palavras-chave: Estágio. Educação Fundamental; Brincadeiras musicais.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma disciplina prática inserida nos dois últimos anos dos cursos de graduação em licenciatura. Como normalmente implica em uma experiência inicial dos universitários como futuros professores de escolas básicas, é importante que seja conduzido pelo professor da disciplina com bastante cautela e reflexão, afinal [...] “o estágio curricular se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento de relevante importância no processo de formação dos futuros professores” (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008, p. 217 *apud* ZABINI; RODRIGUES; OLIVEIRA, [2015], p. 652).

O presente trabalho relata as experiências das primeiras quatro aulas, desenvolvidas por mim, enquanto aluno do segundo semestre de prática do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Música da UECE. O período de estágio supervisionado se deu junto à turma de terceiro ano de ensino fundamental do Instituto Pedagógico Padre Josimo, localizado no bairro Siqueira. A regência em sala ocorreu em dias de terça-feira, de 13:00 às 14:00 horas da tarde, totalizando uma carga horária de 14 horas. As aulas foram planejadas em forma de musicalização, levando os alunos a

experimentarem os sons por meio de brincadeiras musicais, vivenciarem também os conteúdos básicos de música, particularmente os parâmetros sonoros. As propostas das brincadeiras utilizadas foram embasadas nas ideias da compositora e arte-educadora Celi Redondo (2017). Como recurso material utilizei de instrumentos musicais como teclado, violão, *cajon* e dos brinquedos musicais chamados de *Pupazzetti*²⁴. A proposta de utilizar esses materiais foi auxiliar na entonação das músicas cantadas em sala, como também para chamar à atenção dos alunos quanto a familiaridade dos parâmetros sonoros que cada instrumento emitia.

MEMÓRIA DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

A minha primeira experiência em lecionar na escola foi envolvida pela ansiedade. Ao chegar à instituição questionei-me sobre como as crianças iriam me acolher e como elas iriam reagir as minhas aulas. A ansiedade aumentou também por querer saber como aquele grupo de crianças se constituía, quais eram suas necessidades e que caminhos deveria usar para que pudesse levá-las a conhecer esse universo da música. O período de Estágio na Educação Fundamental foi bastante formativo para mim porque aprendi a criar estratégias para chamar à atenção desse grupo selecionado com o intuito de fazer com que toda a turma participasse dos momentos de musicalização com entusiasmo.

Partindo de minha experiência prévia como professor de violão particular aliado às diretrizes das disciplinas frequentadas na graduação, tinha consciência da importância em ter que desenvolver atividades diversificadas para este público específico. A fim de identificar o conhecimento prévio das crianças sobre música e o que eles entendiam quando se mencionava que iríamos “fazer música”, procurei, na primeira aula, iniciar o trabalho com uma conversa sobre seus gostos pessoais. Partindo desse diagnóstico, cada aula foi desenvolvida com brincadeiras que tivessem relação com as temáticas sugeridas no plano de aula. As atividades planejadas tiveram o seu foco no aluno demonstrando como os componentes sonoros são utilizados no cotidiano.

²⁴Brinquedos sonoros com a forma de animais.

Utilizei a brincadeira como recurso metodológico para as crianças partindo do pressuposto de que a brincadeira é uma ferramenta fundamental no processo de sua aprendizagem, apresentando-a de maneira estimulante, como um novo universo de conhecimento.

Na primeira aula introduzi a brincadeira “telefone sem fio sonoro” (SAMPAIO, 2011). A atividade consistia em dividir os alunos em dupla onde um deles inventava uma célula rítmica e o outro tinha que repeti-la. Distribuí os *pupazzetti* para as duplas e demos início o exercício. Alguns tiveram facilidade em executar corretamente o trabalho e conseguiam logo reproduzir o ritmo; outras duplas conseguiram apenas a partir da segunda execução. Para deixar a atividade ainda mais clara e poder avaliar melhor a compreensão dos alunos, fiz um círculo com eles. Sussurrei no ouvido de uma criança uma célula rítmica qualquer. Em seguida, a que ouviu, tinha que sussurrar no ouvido da seguinte o que eu, como professor, havia transmitido a ela. Este processo devia continuar até a última criança, quando enfim, ouviríamos como a célula inicial havia chegado. Foi surpreendente observar que, na primeira vez que se fez a atividade em círculo, o ritmo apresentado pela última criança no final chegou sem alterações.

Na segunda aula trabalhei a brincadeira “cantando em silêncio” (REDONDO, 2017). Ao citar o tema da aula, um aluno perguntou se era possível cantar em silêncio. Expliquei que a música também se constituía do silêncio e que a atividade consistia em escolhermos uma canção que todos soubessem. A partir dessa escolha, cantamos inicialmente a canção juntos. Em seguida, combinamos de tirar uma palavra da canção sem que a música perdesse o andamento e o ritmo. No começo da execução da atividade muitos sentiram dificuldade. Uns cantavam a palavra que não era pra ser entoada, outros porque conseguiam tirar a palavra, mas não sabiam retornar ao ritmo da música. Trabalhei em seguida várias canções buscando desenvolver a memória e o ritmo. No final da aula, toda a turma desenvolveu o exercício com eficiência.

No terceiro encontro, fiz uso da brincadeira “fique esperto” (REDONDO, 2017), uma atividade onde usamos instrumentos musicais, cujo objetivo é estimular à atenção, o ritmo, a concentração, a acuidade visual e auditiva bem como a improvisação. Formei bandinhas com quatro componentes utilizando os instrumentos

cajon, teclado, violão e os *pupazzetti*. Após os alunos se organizarem e toda a turma ficar de pé, dei as coordenadas da atividade. Quando um grupo emitisse o som no violão, toda a turma tinha que dar um pulo para frente; quando batesse no *cajon*, tinham que pular para trás; ao tocar o teclado, tinham que pular para a esquerda e, quando apertasse os *pupazzetti*, tinham que pular para a direita. Compreendido o exercício, os alunos que estavam na frente criavam células rítmicas enquanto que, o restante da turma, tinha que responder aos comandos. Sugerí que as bandinhas não criassem células difíceis e longas. Esse direcionamento ajudou com que toda a turma conseguisse realizar a atividade com êxito.

No quarto dia, informei à turma que trabalharíamos os parâmetros sonoros. Introduzi a aula falando sobre intensidade e que esse parâmetro sonoro estava relacionado ao volume, aquilo que entendemos como som forte e fraco. Em seguida perguntei que sons eles consideravam fortes e que sons consideravam fraco. Uns disseram que seus pais emitiam sons fortes quando os corrigiam depois de desobedecê-los, outros citaram o trovão, outros ainda o leão. Como som fraco citaram o “miau” do gato, o canto dos passarinhos, entre outros exemplos. Após entenderem do que se tratava o tema, realizei a brincadeira por título “onde está o anel” (PEREIRA, 2010) onde o professor propõe que um aluno saia da sala para que um determinado objeto seja escondido e combina com toda a turma pra deixar a mão fechada a fim de que o aluno que está fora da sala possa adivinhar onde está o anel. Quando o aluno retornava à sala, o grupo indicava se sua busca pelo objeto estava próxima ou distante pela intensidade da música que estava sendo cantada, em uma variação da brincadeira “quente ou frio”. De um modo geral, as atividades foram de grande aceitação por parte dos alunos. Percebi que as crianças demonstraram muito entusiasmo em realizar as tarefas e saber qual seria a atividade da próxima aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o comportamento e reação das crianças às atividades propostas, percebi que nas primeiras aulas, muitas crianças estavam extremamente tímidas, e não

queriam falar ou realizar as brincadeiras propostas pelo professor. Como estratégia, procurei aproximar minha maneira de me expressar da mesma forma como elas se expressavam. Ao fazer isso, as crianças começaram a se integrar melhor as aulas, tornaram-se mais comunicativas. Muitas crianças tímidas passaram a ser as primeiras voluntárias nos exercícios. Percebi a importância de me colocar na realidade do aluno e, o quanto a escolha de uma linguagem própria e próxima da realidade deles pode tornar-se em um importante elemento de interação no processo educativo, criando situações e momentos mais envolventes e dinâmicos. Com essa estratégia, em poucos dias de aula obtive resultados satisfatórios em relação aos conteúdos aplicados. Foi possível ver fluir a criatividade, a imaginação, a alegria e a interação entre eles. Mesmo com as dificuldades iniciais na execução das atividades por falta de conhecimento técnico em música, as crianças participaram das aulas com muito empenho.

Ao final das aulas ministradas pude ver o quão significativo para o processo de aprendizagem do aluno e para uma resposta positiva de desenvolvimento em sala as atividades pensadas e planejadas previamente. Para Libâneo “o trabalho docente é uma atividade intencional, planejada conscientemente visando a atingir objetivos de aprendizagem. Por isso precisa ser estruturado e ordenado.” (1994, p. 96 *apud* WANESSA, Karla, 2009). Todos os dias que fiquei na regência em sala busquei seguir uma rotina, através do planejamento de aula. Como músico de formação, percebi a grande importância do planejamento escolar. Afinal, cada aula é uma situação didática específica. A ausência do planejamento da aula pode ter como consequência, a execução de aulas monótonas e desestimulantes, sem sequência de finalidade, desencadeando o desinteresse dos alunos.

A experiência de dar aula em uma escola como requisito de participação da disciplina de estágio supervisionado contribuiu de forma significativa para a minha formação profissional como docente. Primeiro, porque me colocou em contato com a realidade de futuros professores e sem estes conhecimentos e experiências, certamente não seria possível compreender a realidade de uma sala de aula e nem haveria experiência da profissão. Segundo porque, ver as crianças aprendendo e interagindo, foi

de suma importância para a minha formação no sentido de haver cumprido bem o objetivo que havia proposto.

Quando uma escola me proporciona uma oportunidade de estágio, procuro “agradecer” a oportunidade e a confiança depositada, oferecendo todo meu empenho em prol da instituição. Guerra (1999 p.04) afirma que o “estágio é uma via de mão dupla, onde o estagiário precisa da escola, mas ao mesmo tempo o estagiário tem que se perguntar qual é a contribuição dele para a escola” (GUERRA, 1999 p.04 *apud* ZABINI; RODRIGUES; OLIVEIRA, [2015], p. 652), pois, com certeza, ele também tem como contribuir de alguma forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WANESSA, Karla. *A importância da organização do trabalho pedagógico na educação infantil*. 2009. Disponível em: <<http://karlawanessa.blogspot.com/2009/05/importancia-da-organizacao-do-trabalho.html>>. Acesso em: 28 Julho de 2018.

ZABINI, Franciele Oliveira; RODRIGUES, Gabriela Ribeiro; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Relato de experiências a partir do estágio supervisionado em educação infantil da Universidade Estadual de Londrina. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, SIMPÓSIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 16. 2015, Londrina, PR. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAI/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/RELATO%20DE%20EXPERIENCIAS%20A%20PARTIR%20DO%20ESTAGIO%20SUPERVISIONADO%20EM%20EDUCACAO%20INFANTIL%20DA%20UNIVERSIDADE%20ESTADUAL%20DE%20LONDRINA.pdf>> Acesso em: 27 Julho 2018.

YOSHII, Carla Adriana; BRANDÃO, Taissa de Paula. *A importância do estágio na formação de futuros docentes na educação infantil em uma escola no município de Parintins/AM*. Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4. 2015.

SAMPAIO, Alícia. *Telefone sem fio sonoro*, 2011. Disponível em: <<http://mirexmusica.blogspot.com/2011/03/telefone-sem-fio-sonoro.html>>. Acesso em: 19 Março 2018.

REDONDO, Celi. *Brincadeira Musical "Cantando em Silêncio"*. Direção, produção, roteiro: Celi Redondo. [s.l.]. 2017. (10m16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=64Tn8v2Uxis>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

REDONDO, Celi. *Brincadeira Musical "Fique esperto"*. Direção, produção, roteiro: Celi Redondo. [s.l.]. 2017. (7m14s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rtT93B4epRQ>>. Acesso em: 12 abril 2018.

CANDIDA PEREIRA, Eliane. *Desvendando os elementos da música*, 2010. Disponível em: < <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23299> > Acesso em: 21 abril 2018.

HIGIENE CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA PRÁTICA DOCENTE

Mábia Pereira de Araújo¹ (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ E-mail:
mabia.araujo10@hotmail.com)

Railane Bento Vieira Sabóia² (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/E-mail:
railanebento@gmail.com)

RESUMO

O trabalho consiste em uma análise de um relato de experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil com a temática higiene corporal realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil José Manoel de Araújo do município de Moraújo, Ceará, na turma do Infantil III. O estágio tem por objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, permitindo a este o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para interligar prática à teoria. Durante as visitas à escola foi aplicado instrumentais a respeito da instituição afim de conhecê-la, caracterizá-la e facilitar a produção deste trabalho e aplicado um projeto pedagógico interdisciplinar de intervenção, no qual aborda a temática de higiene corporal. Foi possível perceber, através das observações, como aconteciam as aulas, rotina, os conteúdos e atividades trabalhadas, por outro lado, com a regência tornou-se notório a curiosidade e empolgação das crianças. Através do estágio pude compreender a importância de trabalhar os conteúdos de maneira interdisciplinar, pois facilita no aprendizado.

Palavras-chave: Estágio. Educação Infantil. Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho consiste em uma análise da experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil realizado em uma Escola Municipal de Ensino Infantil, na turma do Infantil III, do turno vespertino, localizada no município de Moraújo, Ceará, a partir do componente de estágio realizado no sexto semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

O estágio tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, permitindo a este o desenvolvimento de competências e

habilidades necessárias para interligar teoria a prática e, desta forma, concede ao discente de Pedagogia uma melhor formação profissional no seu campo de atuação.

Ao realizar a disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi possível perceber a importância deste na formação docente dos acadêmicos de Licenciatura em Pedagogia, pois é o momento em que integra a prática das salas de aula do infantil às teorias aprendidas e apresentadas no Curso, conforme explicita Lima (2008, p.201) que diz ser o estágio “o espaço de mediação reflexiva entre a universidade, a escola e a sociedade”.

Este componente permite a nós acadêmicos conhecer de maneira real e concreta o lecionar, o como educar, a forma que iremos nos comportar diante as diferentes realidades das crianças e como intervir ao perceber determinados obstáculos. O estágio é enriquecedor e significativo para a formação dos acadêmicos, uma vez que amplia o conhecimento e a visão enquanto educadores.

Desta forma, o trabalho se torna relevante por revelar e compartilhar com a comunidade acadêmica as experiências vividas no período do estágio no que se refere a docência na Educação Infantil com a prática da pedagogia de projetos, bem como as atividades realizadas e as reflexões advindas dela.

2 PASSOS METODOLÓGICOS

O estágio do Curso de Pedagogia da UVA, além dos encontros de orientação na universidade, é dividido em dois momentos na escola, o período de observação e outro de intervenção.

O locus do estágio foi a Escola Municipal de Ensino Infantil José Manoel de Araújo localizada no município de Moraújo, situada à Rua Zeca Araújo S/N, no bairro Centro, fundada em 1995. Atualmente a instituição conta com o total de 200 alunos, sendo 107 do sexo feminino e 93 masculino, distribuídos de acordo com a faixa etária (Infantil II ao V) nos turnos matutino e vespertino.

Durante as visitas à escola foram aplicados instrumentais a respeito da instituição a fim de conhecê-la, caracterizá-la e facilitar a produção deste trabalho. Nas observações utilizou-se uma ficha de acompanhamento das atividades onde apresentava a data de cada atividades, os temas trabalhados, carga horária e assinatura da professora titular para comprovar que estava em lócus. Aplicou-se um instrumental para a caracterização da escola através de uma entrevista com a coordenadora escolar, para conhecer mais detalhes da estrutura física e pedagógica da escola. Registros no diário de campo e roteiro de observação no acompanhamento em sala de aula da educação infantil, correspondendo uma carga horária de 20 horas.

Após as observações, a partir da necessidade de aprendizagem da turma acompanhada, foi desenvolvido um projeto pedagógico interdisciplinar de intervenção na educação infantil, que teve como foco a temática de higiene corporal, considerando o universo lúdico da criança.

A proposta interdisciplinar partiu do Seminário de Práticas Interdisciplinares na Educação Infantil, componente disciplinar e obrigatório no currículo do Curso de Pedagogia da UVA, onde os acadêmicos constroem seus projetos a partir das realidades observadas no estágio. Por interdisciplinaridade entende-se que esta é a interação entre todas as áreas do conhecimento utilizando-se de recursos inovadores e dinâmicos para que as aprendizagens sejam ampliadas, visando assim incluir todas os eixos curriculares em função de uma melhor aprendizagem (FAZENDA, et.al., 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AS OBSERVAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA

As observações foram realizadas do período de fevereiro a março de 2018, concretizando-se em cinco aulas acompanhadas, nos quais se estruturam nas seguintes categorias:

- **Aulas**

As aulas começavam sempre as 13:00 e terminavam as 16:45 horas, com um período de recreação de 20 minutos que iam de 15:00 a 15:20 horas. Ao longo das aulas havia bastante interação entre as professoras, cuidadoras e as crianças, o método de ensino se dava a partir do lúdico e do diálogo. As educadoras estavam sempre a explicar a sua turma, o certo e o errado, principalmente o que se refere a higiene do corpo, o respeito entre os colegas e a natureza. Acerca disto Brasil (1998, p. 121) salienta que: “A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentidos únicos às falas”.

- **Rotina**

Durante o período de observação foi possível perceber que a rotina da sala estava voltada para o lúdico, uma vez que aulas sempre começavam com uma acolhida, momento este repleto de alegria e empolgação por parte das crianças ao cantarem, dançarem e gesticularem. Brasil (1998) argumenta que a ludicidade gera produção, pois as brincadeiras, músicas e danças fazem com que as crianças tornem-se atentas e participativas. Além da acolhida, era de praxe a valorização das contações de histórias assim como o brincar com massinhas de modelar.

- **Conteúdos e atividades**

Os conteúdos e atividades eram trabalhados de maneira que sempre respeitassem o tempo e as necessidades das crianças, devido a isto as professoras abordavam a contagem dos números, reconhecimento das letras, as cores, desenhos, pinturas, cuidados com o corpo e as formas geométricas. Em relação às práticas de atividades Brasil (1998, p. 113) frisa: “Para tanto, é necessário que as crianças tenham vivenciado diversas atividades, envolvendo o desenho, a pintura, a modelagem etc., explorando as mais diversas técnicas e materiais”.

As atividades eram realizadas por meio de brincadeiras e de tarefas na folha, que eram explicadas pela professora no quadro o que as crianças deveriam fazer.

Geralmente priorizava-se a resolução destas através de pinturas, ligamentos e cobrimentos, pois os alunos desta sala ainda não sabem escrever.

3.2 A HIGIENE CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS DO PROJETO

O projeto pedagógico interdisciplinar intitulado de “Higiene corporal: a interdisciplinaridade como mecanismo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil” foi aplicado no mês de abril, durante cinco aulas/momentos.

No primeiro momento, por ser a primeira vez que as crianças iam ter um aprofundamento referente à higiene do corpo, as atividades desenvolvidas eram realizadas por intermédio de brincadeiras para que fossem significativas e divertidas.

As atividades eram o Mercadinho da Higiene, onde era exposto os produtos de higiene corporal, suas respectivas funções e os preços, para a realização desta foi confeccionado dinheiro de papel. Tendo em vista estas atividades, Brasil (1998, p. 207) corrobora que: “As crianças, desde o nascimento [...] participam de uma série de situações envolvendo números, relações entre quantidades, noções sobre espaço. Utilizando recursos próprios e pouco convencionais, elas recorrem a contagem e operações para resolver problemas cotidianos”. Sendo um deles, a contagem, o manuseio com valores e dinheiro.

Logo mais aconteceu o banho na boneca utilizando os produtos de higiene, e o banho imaginário de crepom em que as crianças teriam que demonstrar como banhavam e as partes do corpo a serem higienizadas.

No segundo momento da intervenção, a primeira atividade desenvolvida foi a contação da História do Dentinho, falava a importância de escovar os dentes, alimentar-se bem, e o que acontecia se não cuidássemos bem dos dentes. Em seguida, foi feita uma conversa a respeito da história, onde ficou notável que as crianças prestaram atenção na história e o interesse delas no assunto, uma vez que alguns contaram que escovavam bem os dentes.

Após a roda de conversa aconteceu a escovação dos dentes e língua confeccionados com garrafas pet e E.V.A. Todos participaram e muitos quiseram repetir a escovação.

Sobre estas atividades Brasil (1998, p. 46) afirma que “[...] tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes [...], etc.”.

Em último, houve a atividade em que a turma deveria pintar os desenhos que representassem produtos de higiene bucal, e em seguida, escrever suas respectivas iniciais.

No terceiro momento, a aula iniciou-se com a contação da história “A princesa e o sapo em à higiene corporal”, depois foi feito o boliche da higiene. Este jogo foi bastante aceito pelas crianças, uma vez que houve a participação de todos. Nesta atividade cada aluno deveria jogar a bola afim de derrubar as garrafas, em seguida eram perguntadas quantas garrafas derrubaram e que imagem estava em cada garrafa. A aula foi encerrada com o jogo da memória da higiene, onde eram colocadas dois pares de imagens que representassem produtos ou ações higiênicas para que as crianças pudessem encontrar seus pares.

Os jogos lúdicos, segundo Friedman (1996, p.41) “permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo”.

No quarto momento, a aula iniciou-se com o jogo do bingo da higiene, onde cada criança recebia uma imagem de um produto diferente, assim era tirado de dentro da bolsa um produto de higiênico para que aquele que possuía o desenho em mãos levantasse para pegá-lo. A próxima atividade desenvolvida foi o quebra-cabeça da higiene. Por fim, foi dado folhas em branco, cotonetes e tintas guache para que as crianças pudessem desenhar aquilo que queriam. Pude perceber a empolgação delas ao realizarem suas pinturas, alguns desenharam uma borboleta, outros uma casa. Mesmo os desenhos não estando parecidos com aquilo que queriam fazer, é importante que o educador aceite e valorize a arte produzida pelas crianças.

Em relação a estes exercícios Brasil (1998, p. 89) sustenta: “As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer”

No quinto momento, para este dia as atividades aplicadas ligavam higiene corporal à realidade histórico-geográfica da região Nordeste brasileira. Em razão disto, a aula voltou-se ao Juazeiro, mais conhecido como juá. Em primeiro momento foi apresentado o juá, sua função na higiene, e explicado com auxílio de imagens que a região em que moramos é o local com maior presença de juazeiros.

Depois que as crianças estavam cientes que o Nordeste é o local que mais contém juazeiros, cada uma recebia um juá para que pudessem colocá-los na região Nordeste do mapa do Brasil ilustrado por cores, conforme mostra imagem ao lado:

A última atividade feita foi a construção do juazeiro pelas as próprias crianças. Cada uma pintou vários juás, em seguida tinham que colar no cartaz onde havia os galhos do juazeiro, já a folhas que colaram foram as próprias folhas do juazeiro em que eu havia levado.

A respeito destas atividades, Brasil (1998, p. 182) afirma que: “A percepção dos elementos que compõem a paisagem do lugar onde vive é uma aprendizagem fundamental para que a criança possa desenvolver uma compreensão cada vez mais ampla da realidade social [...]”.

Imagem 1: Atividade com Mapa e paisagem



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No último momento, primeiro houve uma roda de conversa acerca do que foi aprendido ao longo da semana. Neste momento as crianças falaram aquilo que conseguiram captar a respeito das atividades que realizaram, contaram que devem cuidar do corpo para não ficarem doente, expressaram através de gestos como é a dor de dente. Desta forma, Brasil (1998, p.138) ressalta que “a roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias”, que “podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem”, além de permitir o aprendizado da escuta e do olhar das crianças com os demais colegas de sala.

Para encerrar a regência no Infantil III, foi realizado o salão de beleza. Nesta atividade todos ficaram empolgados para participarem, pois tinham que cortar as unhas, limpá-las, lixá-las, pentear o cabelo, nas meninas eram pintadas as unhas de base, passava-se brilho labial incolor, enfim, a intervenção foi encerrada de maneira bastante prazerosa tanto para as crianças quanto para mim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAS

Ao finalizar o estágio supervisionado, foi possível perceber o crescimento e o amadurecimento dos conhecimentos que antes eram abstratos e teóricos, em relação a sala de aula. Através dele pude compreender a importância de trabalhar os conteúdos de maneira interdisciplinar, uma vez que a interdisciplinaridade facilita aquisição do conhecimento tornando-o significativo.

O estágio proporcionou-me a experiência de colocar em prática pela primeira vez a profissão que eu escolhi seguir, onde elaborei um projeto interdisciplinar com atividades e conteúdos elaborados por mim próprio, assim pude compreender de fato o quanto importante é a interdisciplinaridade para o ensino-aprendizagem e como este aliado à ludicidade é capaz de tornar as aulas significativas.

Conclui-se que o estágio em sua quase totalidade foi positivo, em relação às lições aprendidas, os objetivos alcançados e sua influência na formação docente,

entretanto, sua realização deu-se de maneira corrida, a carga horária não favoreceu o pleno desenvolvimento de suas ações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAZENDA, Ivani [org]. **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo, Cortez: 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio: prática de ensino na formação de professores**. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v.8, n.23, p. 195-205. Jan./abr. 2008.
Disponível em:
<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4015/3931>>
Acesso em: 09.Abr.2018.

MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE UMA VIVÊNCIA

Edvan Gonçalves Gomes¹

Graduando no curso de Pedagogia na Universidade Regional do Cariri - URCA

E-mail: edvangomes6@gmail.com

Marcos Aurélio Moreira Franco²

Professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: marcosfranco29@hotmail.com

Liromaria Maria de Amorim³

Especialista em Educação Infantil pela Universidade Regional do Cariri- URCA

E-mail: lirinhamor@gmail.com

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão acerca de uma vivência no campo de estudos sobre a psicomotricidade na Educação Infantil. O relato expõe o processo de preparação e execução de um *circuito psicomotor* numa instituição pública no município de Crato-CE. O objetivo da vivência foi possibilitar às crianças o exercício de movimentos como possibilidade de contribuir com a ampliação das capacidades expressivas e instrumentais das crianças e para o planejamento de práticas pedagógicas pelo professor regente. Na metodologia foi considerada a operacionalização de uma série de obstáculos apresentados às crianças sob a forma de um circuito. Nos resultados foi possível constatar que a escola não oferece espaço e conta com poucos materiais para que as crianças possam desenvolver a coordenação motora global, lateralidade, esquema corporal e estruturação espacial. Diante dos resultados concluímos que muitas crianças apresentam dificuldades na coordenação motora global e que os professores necessitam compreender e corresponder melhor essa dimensão de formação da criança.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Educação Infantil. Circuito Psicomotor.

Pra começo de conversa

Este relato de experiência tem como finalidade apresentar uma reflexão teórica sobre a implicação do movimento para a formação psicomotora da criança, bem como explicitar os resultados de uma prática desenvolvida na turma do Infantil V de uma Instituição pública municipal de Educação Infantil, como partes das atividades

desenvolvidas na disciplina Psicomotricidade no IV semestre curso de pedagogia da Universidade Regional do Cariri- URCA.

Observamos que, muitas vezes, nas instituições educativas as atividades que envolvem movimentos mais intensos são vivenciadas pelas crianças no momento do intervalo, ou seja, do conhecido 'recreio'. É nesse intervalo de tempo que geralmente as crianças aproveitam para brincar livremente correndo pelo pátio, subindo em construções ou árvores, envolvem-se em jogos com bolas, pega-pega, aventuram-se divertindo-se em brinquedos disponibilizados no parquinho, dentre outras atividades. São brincadeiras como essas que ajudam no desenvolvimento psicomotor das crianças, pois, conforme Oliveira (2010) este se dá a partir da relação entre seu corpo e objetos presentes no seu meio além do contato com as pessoas com as quais convive e estabelece relações afetivas e emocionais.

Há autores que permitem pensar sobre o desenvolvimento psicomotor e, por isso, são aqui elencados como fundamentação do referido trabalho. Assim, as produções teóricas permitem aos professores uma ampliação de suas reflexões, concepções e planejamento de práticas capazes de contribuir com o desenvolvimento psicomotor na Educação Infantil.

Analisar e explicar a construção do movimento pela criança pode nos ajudar a desenvolver novas e melhores estratégias de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente permite que os pequenos experimentem situações significativas na sua relação com o próprio corpo e com o mundo que a cerca.

2. Delineando a realização da atividade

Diante das reflexões feitas sobre a realidade de muitas instituições de Educação Infantil, reconhecendo o que defendem os autores e ainda em decorrência do contato com professores e crianças durante observações feitas na disciplina de Psicomotricidade surgiram às seguintes indagações: Como os professores vivenciam situações que favoreçam o desenvolvimento psicomotor na Educação Infantil? Quais as condições materiais e espaciais que possibilitam o desenvolvimento de determinadas práticas por parte dos professores? Como contribuir com a realidade observada ao mesmo tempo

favorecendo às crianças a vivência de práticas e aos professores possibilidades de repensar as suas práticas?

Ao lado dos estudos teóricos a proposta da disciplina constou de que fosse realizada três observações *in loco* numa instituição de Educação Infantil durante dias diferenciados, sendo um por semana. As observações aconteceram em equipes e a socialização se deu através de rodas de conversa na URCA. Foi a partir das discussões que foi elaborada o planejamento de uma vivência com as crianças no momento da rotina diária.

A prática foi desenvolvida na Escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental 08 de Março - E.E.I.E.F. localizada no bairro Seminário na cidade de Crato/CE. A escolha se deu em virtude desta ser uma instituição pública que atende o maior número de crianças no referido bairro. Foi escolhido o Infantil V cuja frequência constava de vinte e duas crianças.

As observações contemplaram as condições estruturais e organizacionais do espaço institucional, como também envolveu o acompanhamento da prática pedagógica de uma professora. Unidos de anotações inscritas num diário de campo foram levantadas questões durante as aulas na universidade as quais foram subsidiadas pelo debate e por estudos teóricos para, só então, serem planejadas propostas de trabalho que pudessem contribuir com a realidade.

3. Os fundamentos teóricos da proposta

Uma explicação fundamental acerca da implicação do movimento na formação da criança é exposta pelo RECNEI (1998, vol. 3) ao salientar que:

Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (p.15).

Ao reconhecer o movimento como uma linguagem infantil o RCNEI aponta para a significação que essa dimensão assume na vida da criança como forma de expressão privilegiada nos primeiros anos de vida capaz de possibilitar que esta se coloque diante da realidade e, ao mesmo tempo, ser capaz de afetá-la com os seus gestos.

É comum observarmos crianças de todas as idades brincando nas ruas, tais brincadeiras exigem da criança um exercício de corpo inteiro. Segundo Oliveira (2010) ao fazer determinados movimentos a criança vai experimentando a capacidade de equilíbrio de seu corpo, estruturando seus movimentos a ponto de ser capaz de assumir o domínio das posturas corporais.

Conforme Oliveira (2010) “o corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe-se e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo” (p.42). Significa que a criança deve conhecer o seu próprio corpo, pois só o conhecendo saberá diferenciá-lo dos demais, sentirá as diferenças, como também irá distingui-lo dos objetos que o rodeiam, observando e manejando-os.

Além das brincadeiras que as crianças vivenciam e que envolvem o corpo inteiro existem aquelas que envolvem partes específicas como os dedos das mãos ou dos pés e que são mobilizadas durante atividades tais como pegar a bola com as mãos, manusear bolinhas de gude, ou até mesmo desenhar. Nesse caso os movimentos particulares que não exigem do corpo movimento completo são denominadas por Oliveira (2010) como coordenação motora fina, sendo aquela que explora habilidades e destreza manual, sendo esta diferenciada da coordenação motora global.

Cabe salientar que o movimento e a construção de habilidades com o corpo têm implicação na dimensão física da criança, mas também envolve sua estrutura mental, haja vista que o organismo da criança funciona como um todo integrado daí entender que a conquista alcançada num campo afeta diretamente outros. De acordo com Fonseca 2008, *apud* Gonçalves (1983):

É por meio da atividade motora que a criança vai construindo um mundo mental cada vez mais complexo, não apenas em conteúdo, mas também em estrutura. O mundo mental da criança, devido as ações e interações com o mundo natural e social, acaba por apresentar essas realidades por meio de sensações e imagens dentro de seu corpo e de seu cérebro. Primeiro por intervenção de outras pessoas, que atuam como mediadoras entre as crianças e o mundo; depois pelos sucessos e insucessos da sua ação, ela vai adquirindo experiências que virão a ser determinantes no seu desenvolvimento psicológico futuro (p. 27).

Nesse contexto, torna-se importante a mediação do professor, pois este tem a possibilidade de ao realizar uma leitura particular da expressão corporal característica da fase em que se encontram as crianças daquela faixa etária e de cada criança em particular propor situações vivenciais nas quais sejam enfatizados determinados tipos de movimentos tanto expressivos quanto instrumentais.

Em relação à atuação do professor na Educação Infantil, especificamente no trabalho com o movimento o RCNEI (vol. 3, 1998) explicita que:

É muito importante que o professor perceba os diversos significados que pode ter a atividade motora para as crianças. Isso poderá contribuir para que ele possa ajudá-las a ter uma percepção adequada de seus recursos corporais, de suas possibilidades e limitações sempre em transformação, dando-lhes condições de se expressarem com liberdade e de aperfeiçoarem suas competências motoras (p.39).

Essa compreensão da importância das vivências corporais adequadas como formadoras de capacidades motoras infantis solicitam do professor estar atento, dentre outras coisas às condições espaciais e materiais da instituição, considerando-se que muitas vezes o ambiente pode não favorecer o desenvolvimento de determinadas práticas. A sua postura, diante de tal situação torna-se, portanto, determinante a fim de que se possa superar as limitações. Nesse contexto, também deve o professor analisar os conteúdos e as abordagens que são desenvolvidas em relação ao movimento contidas na proposta curricular da creche e da pré-escola.

4. A vivência e seus resultados

Após a observação desenvolvida em sala, a qual tinha como objetivo identificar a

vivência do movimento na rotina de uma turma da Educação Infantil foram realizados estudos e o planejamento de uma proposta de interação. A proposta contemplou como conteúdo a vivência de um *circuito psicomotor*.

A utilização do ‘circuito psicomotor’ teve como objetivo possibilitar às crianças o exercício de movimentos e ampliação de suas capacidades expressivas e instrumentais mediante a execução de coordenações diante de obstáculos.



Figura 1. Formação do circuito psicomotor. Fonte: arquivo do autor

Na configuração do ‘circuito psicomotor’ foram utilizados os seguintes materiais: cones, colheres e frutos regionais, cordas, impressões em papel. Em termos de conteúdo foi trabalhada a coordenação motora global, o esquema corporal, a estruturação espacial e de lateralidade, assim como a coordenação e o equilíbrio.

O circuito foi montado num espaço aberto embaixo de uma árvore, local onde as crianças costumam vivenciar as brincadeiras no intervalo. As crianças foram avisadas antecipadamente que os estagiários, que outrora haviam permanecido como observadores em sala iriam desenvolver uma atividade com o grupo. No início da vivência foi solicitado que as crianças observassem a formação que havia sido feita com os materiais e explicados os procedimentos necessários. Cada criança deveria iniciar o circuito pela amarelinha, passando em seguida pelos cones, pisar passo a passo sobre a corda que se

encontrava disposta no chão, logo após passar por baixo de outra corda, conseqüentemente pular sobre as pegadas impressas em papel e, finalmente, andar até um ponto determinado equilibrando na boca a colher contendo uma macaúba.



Figura 2. Crianças vivenciando o circuito psicomotor. Fonte: arquivo do

autor

Compreendido o funcionamento da atividade as crianças se esforçaram para chegar ao final o mais rápido, cumprindo todas as etapas. O desempenho de cada criança foi acompanhado atentamente e foi avaliado pelo grupo de estagiários. A prática durou cerca de cinquenta minutos.

Munidos de informações resultantes da observação das condições estruturais e organizacionais do espaço foi possível constatar que a escola não oferece espaço e conta com poucos materiais para que as crianças possam desenvolver movimentos que trabalham a coordenação motora global, lateralidade, esquema corporal e estruturação espacial.

No tocante a atuação das crianças no circuito verificou-se que as crianças foram capazes de se envolverem ativamente na atividade, fornecendo com isso indicadores da sua condição motora ao observador. A esse respeito o RCNEI (vol. 3, p. 1998) recomenda que:

Devem ser documentados os aspectos referentes a expressividade do movimento e sua dimensão instrumental. É recomendável que o professor atualize, sistematicamente, suas observações, documentando

mudanças e conquistas (p. 40).

5. Considerações

A partir das atividades que foram desenvolvidas concluímos que a escola fornece boas condições estruturais referentes à sala de atividades, no entanto, chamou atenção a ausência de um espelho para que as crianças possam visualizar o seu corpo inteiro

Ainda em relação à estrutura foi identificado que a instituição não conta com uma quadra coberta, embora possua um pátio ao ar livre e outro coberto. Nesses espaços não foi constatada a existência de brinquedos ou parque infantil. Em nossa concepção pedagógica os brinquedos e brincadeiras, além de favorecerem a emergência de comportamentos e de pensamentos divergentes às crianças enquanto se relacionam com os outros e com os objetos à sua volta, contribuem para o desenvolvimento psicomotor, no percurso de formação das capacidades e competências infantis. Entendemos ainda que as crianças, enquanto brincam, podem aprender conteúdos importantes relacionados ao conhecimento de mundo, de si mesmo e do outro.

Por fim chegou-se a conclusão de que muitas crianças apresentam dificuldades na coordenação motora global, nos movimentos corporais, na estruturação da noção espacial e de lateralidade. Essa constatação faz pensar a presença do movimento no currículo da Educação Infantil, assim como as condições materiais existentes para que este seja trabalhado pelo docente.

Essa oportunidade de contato com as crianças e de observação da atuação do professor representou uma importante contribuição para a formação profissional dos futuros pedagogos, haja vista que não apenas aspectos da teoria estiveram em pauta, mas também a relação teoria-prática, fundamental para a consolidação do saber-fazer pedagógico.

6. Referências

BRASIL. *RCNEI - Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil* – volume 3. Brasil, 1998. p.15-40.

GONÇALVES, Fátima. **Do andar ao escrever: um caminho psicomotor.** São Paulo: Cultural RBL LTDA, 1983.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação no enfoque psicopedagógico.** 15. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2010.

ROCHAEL, L. **A Importância da Psicomotricidade no Processo da Aprendizagem.** Maio, São Paulo: Phorte, 2009.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO II DO CURSO DE SOCIOLOGIA**

Calilo Fati, Licenciando em Sociologia (UNILAB)

E-mail: faticalilo@hotmail.com

Maria Alda de Sousa Alves, Prof.^a orientadora (UNILAB)

E-mail: aldasousa@unilab.edu.br

RESUMO

O texto trata-se do relato da minha experiência e vivências durante o Estágio Supervisionado II em Sociologia numa das escolas públicas do município de Redenção, estado do Ceará – CE, Brasil. O objetivo deste relato é explicar as experiências e dificuldades encontradas durante a realização deste estágio. De um lado, trata-se da análise documental e de instâncias de participação da escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno, Conselho Escolar e Grêmio Escolar. Por outro lado, trata-se de observações das relações entre os professores, alunos e funcionários em relação a gestão da escola. A metodologia utilizada para elaboração deste relato deu-se por meio da pesquisa de campo, através das observações semanais das relações cotidianas entre os professores, alunos e funcionários, bem como entrevistas. Os resultados são bastante significativos, tendo em conta a experiência e conhecimento que adquirimos durante esse período. Conclui-se que foi um momento de muita aprendizagem e enriquecedor enquanto sujeito aprendiz.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Estágio supervisionado II. Docência.

INTRODUÇÃO

Este texto trata-se do relato de experiência adquirida no Estágio Supervisionado II do curso de Sociologia durante o Semestre Letivo 2017.2, numa das escolas públicas do ensino médio no município de Redenção, estado do Ceará – CE, Brasil. O principal objetivo é relatar as dificuldades que atravessamos durante a realização deste estágio. De um lado, o Estágio Supervisionado II busca aproximar o discente estagiário da escola através das observações das relações entre os professores, os alunos, os funcionários em relação a gestão da escola e o ambiente escolar em geral.

Além disso, o Estágio Supervisionado II²⁵ procura orientar o aluno estagiário ao exercício teórico e prático da pesquisa reflexiva a partir da análise documental, nomeadamente o Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno (RI), Conselho Escolar, Grêmios Escolares, Atas de Reuniões, entre outros. Essa análise, dar-se-ia através da reflexão sociológica visando a construção do conhecimento científico numa perspectiva crítica e transformadora, tendo como base o contexto no qual a escola está inserida.

OBSERVAÇÕES INICIAIS: ANÁLISE DA GESTÃO

Nesse item, procuramos entender o que é a gestão da escola e como ela funciona perante as demandas dos atores sociais (professores, alunos, famílias, comunidade), uma vez que a escola é constituída por diversidades socioculturais de pessoas com problemas distintas. Segundo José Carlos Libâneo (2008), a gestão escolar é vista de duas formas. Primeiro, na concepção neoliberal a escola é o foco das políticas públicas de modo a dispensar a maior responsabilidade do Estado através do funcionamento da lei do mercado, atribuindo a sociedade e as escolas a responsabilidade da organização e funcionamento das instituições do ensino. Na concepção sociocrítica, é necessário reconhecer os trabalhos dos profissionais ligados a escola, através de seus feitos no desenvolvimento da escola e da comunidade em geral. Isto não significa que o Estado vai deixar de cumprir o seu papel como principal entidade para a organização e o avanço do sistema educativo. A partir desse entendimento, a questão é: o que caracteriza essencialmente a gestão democrática da escola? Segundo depoimento de uma diretora entrevistada²⁶:

[...] a gestão democrática não é uma coisa nova [...] ela vem de décadas [...], historicamente falando, mas, infelizmente tem chegado para a realidade das nossas escolas a pouco tempo e não tem se efetivado. Não é a gente falar em democracia, não é efetiva 100% na realidade das nossas escolas. Mas, é

²⁵ Doravante denominado ES II.

²⁶ Entrevista realizada por meio de conversas em grupo com gestão, integrante do grêmios escolares, estagiários do curso de sociologia e professora orientadora do Estágio Supervisionado II em 07/05/2018.

importante [...] dar voz a todos [...] é assim, o que eu falo [...] é assim uma gestão democrática [...] eu prezo muito desses princípios participativos, que todos participam, que os segmentos opinam, que todos se sentem corresponsáveis. Então assim, a gestão democrática para mim é um pilar essencial na escola. (Diretora de escola estadual)

No entanto, é perceptível que a gestão democrática da escola não está limitada apenas a questões administrativas e burocráticas. Ela assume, conforme Libâneo (2008), um significado bem mais amplo de práticas educativas, envolvendo valores, atitudes e formas de agir que influenciam as aprendizagens de professores e alunos. (LIBÂNEO, 2008, p. 31). Em sendo a escola um espaço plural e multicultural, requer o maior envolvimento de todos os segmentos que fazem parte dela de forma direta ou indiretamente, visando fortalecer e dinamizar o seu funcionamento. No entanto, tendo a gestão como o elemento responsável pela administração da escola, esta deve assumir o protagonismo e responsabilidade para que haja a participação dita “democrática”. Dinair Leal da Hora (s/ano) aponta que

A gestão da educação desse modo tem como principal objetivo coordenar a construção do Plano Municipal de Educação e do Projeto Político-Pedagógico da Escola em direção de sua finalidade, superando o modelo burocrático que situa o (a) Secretário (a) de Educação e o (a) Diretor (a) da Escola apenas como gerenciadores de rotinas e recursos. Assim, a gestão privilegia a liderança na direção e na finalidade, dando ênfase aos processos democráticos e participativos, situados no cotidiano escolar. (HORA, s/ano, p.2)

Nessa linha de entendimento é perceptível que a gestão da escola é um processo que requer o envolvimento e a participação dos indivíduos de diferentes segmentos da instituição, preferencialmente a gestão/coordenação, funcionários, grêmios estudantis, pais (comunidade externa). Desta forma, complementa a diretora entrevistada

Uma das coisas que a gente tá batendo muito em cima é a questão da meta a gente vê uma certa [...] trajetória não muito boa em metas e o nosso grande desafio nessa gestão é que essa qualidade de ensino suba [...] porque a escola não se faz sozinho só com a gestão faz com todo mundo né, se faz desde o porteiro receber bem, a merendeira fazer boa merenda, professor dar sua aula de qualidade, o aluno fazer sua parte [e] o gestor mobilizar tudo para que a escola esteja lá direitinho funcionando, passa por todos os segmentos. (Diretora de escola estadual)

Percebi a partir desta fala que a atual direção tem se mostrado preocupada com a participação democrática dos sujeitos afeitos a essa instituição escolar, dentro das condições normais do funcionamento do trabalho de cada segmento, de maneira a alcançar as metas traçadas pela gestão, mas deixando cada instância trabalhar de forma autônoma e coletiva para o bem comum de todos. E, a partir desse horizonte, de acordo com Libâneo (2008), vale ressaltar que

[...] a participação é um meio de alcançar melhor e mais democraticamente os objetivos da escola, que se centram na qualidade dos processos do ensino e aprendizagem. [...] na conquista da autonomia da escola, está presente a exigência da participação de professores, pais, alunos, funcionários e outros representantes da comunidade, bem como as formas dessa participação: a interação comunicativa, a discussão pública dos problemas e soluções, a busca do consenso em pautas básicas, o diálogo intersubjetivos. (LIBÂNEO, 2008, p. 105)

Conforme Libâneo (2008), assim como na fala da diretora, podemos perceber que ambos se referem ao princípio de autonomia participativa, além das instâncias internas da escola. Também no envolvimento da comunidade externa da escola no sentido de contribuir na melhoria da instituição, sobretudo, no que concerne o ensino e aprendizagem dos alunos. Foi nesse particular que procurei saber: O quê mudou na gestão da escola com a implantação do tempo integral? Segundo o depoimento da nossa entrevistada

[...] nós éramos uma escola regular onde o aluno só passava um turno na escola, ou seja, ele tinha uma carga horária X. Hoje ele tem uma carga horária duas vezes mais, porque ele passa o dia, ele tinha 4 horas de aulas, 5 horas de aulas e agora ele tem 9 horas de aulas. Então, a nível de gestão mudou tudo, dobrou tudo [...]. A questão de infraestrutura a gente tem que se adequar como vocês veem, a gente tem mesinhas até no corredor [...] no refeitório. A gente tem que se adequar a essa nova proposta do tempo integral. Então, o aluno entra 7 da manhã sai as 17 horas, faz três refeições na escola por dia, a gente serve 600 alimentações. [...] hoje de manhã até eu dizia na sala deles é uma superestrutura [...] se eles estão tendo aulas em dobro, se o currículo deles vai ser em dobro daquele aluno que está na escola regular, a aprendizagem deles tem que melhorar, tem que ser em dobro. Então, quanto a questão de gestão dobrou tudo, desde o nosso planejamento, desde os investimentos financeiros né, só não dobrou mesmo a questão do pessoal. Pelo contrário nosso pessoal foi reduzido né e a questão de infraestrutura a gente teve que adequar a essa infraestrutura que a gente tem. A gente está para receber uma troca de prédio [...]. Não é assim um prédio pronto aos padrões, métodos do tempo integral, mas para eles é um grande

avanço porque vão ter mais salas de aulas, mais laboratórios, lá tem um ginásio [...], o refeitório. A parte do refeitório vai ser todo coberto, a cozinha foi ampliada, então, para eles vai ser um grande avanço [...] e a gente vai tentando adequar para que eles tenham uma boa aprendizagem [...], isto é, antes de terminar o ciclo [...] a gente espera que tenha bons resultados. (Diretora de escola estadual)

O trecho acima citado nos indica que as mudanças nessa escola começaram a partir do aumento da carga horária. Há falta de infraestrutura adequada para atender as demandas internas da escola, com a adesão ao regime do tempo integral a partir do ano 2016. Esses são alguns fatores que levaram a gestão a redobrar os esforços diante desses problemas que vem surgindo nos últimos tempos na escola em sua totalidade. Retomando Libâneo (2008), a mudança no âmbito da educação formal aqui tratado se refere a transição de uma fase a outra numa perspectiva dinâmica devido a vários fatores, sobretudo nos currículos, na organização administrativa e da gestão escolar; nos sistemas de avaliações; implementação de novas metodologias de ensino e aprendizagem dos educandos.

É importante promover a mudança na escola tendo em conta as necessidades internas, externas e do contexto local e global que a sociedade nos impõe com base na legislação do país que regulamenta o funcionamento das escolas. Essa escola não fugiu dessa regra. Mas, mesmo assim, fizemos questão de interrogar a gestora no sentido de saber: Como se dá a tomada de decisão sobre os problemas da escola?

Sim. Acabei de falar né, todos são corresponsáveis. A gente tem um momento de planejamentos coletivos [...] a gente sabe que nem tudo é 100% [...] as vezes o núcleo gestor precisa decidir um certo rumo que seja para o bem de todos. Mas, a maioria das nossas decisões são coletivas. (Diretora de escola estadual)

Conforme o depoimento da nossa entrevistada, apesar da sua gestão se pautar pela participação democrática de todos os atores da escola, somos levados a questionar a efetividade da democracia nas decisões que afetam o cotidiano escolar. Contudo, apesar da constatação dos enormes desafios e responsabilidade por parte da gestão, no que tange a adaptação ao regime do tempo integral e a mudança de estabelecimento escolar, visando a melhoria das condições do exercício das atividades dos profissionais de

educação (professores/as), percebe-se que a equipe gestora busca dinamizar tempos e espaços pedagógicos como forma de qualificar o nível de ensino e a aprendizagem dos alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento teórico - metodológico que utilizamos para elaboração deste trabalho deu-se por meio da pesquisa etnográfica, através das observações que realizamos duas vezes por semana e registro das informações observadas das relações cotidianas entre os três principais sujeitos da escola: professores, alunos e funcionários, na qual anotamos as informações no diário de campo. Também intentou-se lançar mão da análise documental da escola, isto é, Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno (RI), Atas de Reuniões, bem como participar de reuniões do Conselho Escolar e Grêmio Escolar. Lamentamos, até a redação final deste relato, não conseguirmos ter acesso aos referidos documentos.

Além das observações, este relato é constituído por meio da entrevista em grupo com a diretora e o presidente do grêmio da escola, demais estagiários e professora orientadora. Por fim, faz parte deste trabalho a pesquisa bibliográfica na qual dialogamos com Libâneo (2008), Silva (2008) e Hora (s/ano).

DESAFIOS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Durante o semestre letivo 2017.2 no ES II enfrentamos algumas dificuldades, sobretudo, no que concerne o acesso aos documentos como Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno (RI), Atas de reuniões, participação em reuniões do Conselho Escolar e Grêmio Escolar. Fizemos várias tentativas junto da secretaria e gestão na escola campo do estágio, mas não conseguimos tê-los em mãos. Diante de inúmeras diligências, a penúltima vez que eu fui pedir os documentos falei diretamente com a diretora, que, por sua vez, pediu que eu entregasse a ela o meu endereço eletrônico (E-

mail) a fim de encaminhar os documentos supracitados. Mas não foi caso. A última semana antes de finalizarmos o ES II voltei de novo na escola com intuito de conseguir, mas, infelizmente, até hoje não foi possível ter esses documentos para ser analisados, além das observações das relações sociais no interior da escola como um dos objetivos do ES II.

As informações aqui incorporadas sobre as instâncias da escola foram conseguidas através de conversas informais, observações semanais das relações cotidianas e de entrevista em grupo. Enfim, se os documentos são instrumentos públicos, lamentamos a falta de abertura por parte da gestão da escola no que tange a concessão dos mesmos. Nesse limiar, questiona-se os sentidos da gestão democrática mencionada no discurso de nossa entrevistada.

O GRÊMIO ESCOLAR

Segundo o presidente do grêmio estudantil, um jovem estudante do ensino médio, reconhece-se a importância da existência do grêmio escolar como um espaço de participação política dos alunos para defender os seus direitos e deveres junto da gestão da escola nas tomadas de decisões das políticas destinadas a eles. A importância dessa organização também é destacada pela Micheli Souza da Silva (2008) a partir do seu estágio realizado no Instituto Estadual de Educação de Londrina, que depois resultou no artigo intitulado *A escola como espaço para exercício da participação política dos jovens*. Conforme Silva

Ao longo da história vimos a importância destas organizações no interior das escolas na medida em que estas passam a ser um espaço de formação política dos jovens, o primeiro contato com jovens com uma organização que capaz de agrupar grande número de jovens com objetivos comuns [...], o Grêmio possibilita o diálogo destes grupos distintos por demandas que são similares. Se a escola e [...] a educação visa à formação de cidadãos e cidadãs ativos que se formem então [...] políticos capazes de articular demandas, ler a realidade de forma a compreendê-la na sua totalidade, capazes de dialogar com grupos distintos, que se organizem politicamente para entender e questionar a sociedade ou mesmo a escola e seu modelo arcaico, entre outros, o Grêmio estudantil nos parece um caminho viável e possível. (SILVA, 2008, p.6-7)

O grêmio escolar possibilita o jovem adquirir experiências a partir da sua participação nas atividades socioculturais voltadas ao contexto na qual está inserido, de maneira a questioná-la, pensando na sua transformação. Ambos os entrevistados (diretora e aluno) se mostraram otimistas no trabalho que essa instituição tem empenhado pela participação coletiva em todas as instâncias da escola.

CONCLUSÕES

Levando em consideração tudo que foi abordado nesse texto, o ES II constitui um momento importante no meu percurso acadêmico como pesquisador iniciante. Isso porque a perspectiva de estágio aqui adotada foi do estágio como pesquisa (Pimenta, Lima, 2010), portanto, como momento de formação do professor reflexivo e questionador da realidade escolar. A partir das minhas observações e vivências durante esse período percebi que a escola é um espaço plural de encontros de indivíduos de diferentes origens socioculturais, de experiências e saberes distintos. De qualquer forma os resultados foram positivos, tendo em conta a experiência que aprendemos durante esse período. Espero levar essa experiência em toda minha carreira acadêmica e profissional. Apesar de enfrentarmos dificuldades, conclui-se que foi um momento de muita aprendizagem e enriquecedor enquanto sujeito aprendiz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORA, Daniel Leal da. **Gestão nos sistemas educacionais: modelos de organização educacional e práticas exercidas.** (s/ano) Disponível em: seer.ufrgs.br/rbpae/article/download/19799/11537. Acesso: 08/08/2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. Ed. revista e ampliada – Goiânia: MF Livros, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 6 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SILVA, Micheli Souza da. **A escola como espaço para exercício da participação política dos jovens.** Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT2%20Artigo%20Micheli%20A%20escola%20como%20espaco%20para%20exercicio%20da%20participacao%20politica%20dos%20jovens.pdf>. Acesso: 08/08/2018.

RELATO DE MONITORIA: APRENDIZADOS SIGNIFICATIVOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Maria Adriana Cunha Castro
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
adriccastro@hotmail.com
Maria Marcélia Teles Machado
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
marcelia17teles@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência na monitoria da disciplina Educação e Ciclos de Vida, na turma do primeiro período, do Curso de Pedagogia da UVA, ocorreu nos períodos de 2016.2 e 2017.1. A pesquisa foi realizada durante a monitoria, mediante leituras, roteiros de questões sobre as leituras, produções escritas, apresentação de seminários em grupos, análise e discussões sobre os temas que foram abordados em sala de aula. Durante a realização das atividades em sala de aula com os discentes, observamos que as temáticas complexas debatidas repercutiam em seu modo de pensar e dialogar. Alguns temas eram conhecidos, tais como, Racismo — Infanticídio – Pedofilia – Exploração sexual infantil, mas careciam de aprofundamento. Outros temas, eram completamente desconhecidos entre os discentes, tais como, Femicídio - Xenofobia - LGBT fobia. Portanto, a sala de aula surgiu como um espaço aberto e reflexivo. Nesta perspectiva, a monitoria nos permitiu compreender o processo de ensino e aprendizagem, que deve ser entendido, não só a partir do sujeito que ensina, mas também do sujeito que aprende.

Palavras – chave: Experiência. Formação Acadêmica. Monitoria.

Introdução

Este é um relato de experiência na monitoria da disciplina Educação e Ciclos de Vida, na turma do primeiro período, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que ocorreu entre os períodos de 2016.2 a 2017.1. As aulas abordaram os fundamentos teórico-metodológicos da Psicanálise, como: libido (energia sexual), a estrutura dinâmica da psique (ego, superego e ID), o desenvolvimento psicosssexual, instinto de vida (Eros) e instinto de morte (Thanatos), mecanismos de defesa, etc.

O principal objetivo deste relato de monitoria é ressaltar a importância da disciplina Educação e Ciclos de Vida para a formação acadêmica das monitoras e dos acadêmicos do Curso de Pedagogia. Através das aulas expositivas dialogadas da professora orientadora podemos perceber o papel do professor como mediador, capaz de fortalecer as ações dos educandos e como elas podem interferir na vida do outro, podendo vir a modificar seu modo de ver o próximo, colocando - se como sujeito capaz de construir novos conceitos e conseqüentemente, mudar realidades que emergem na/da sociedade.

Durante o período da monitoria foram desenvolvidas leituras e atividades objetivando a compreensão e participação dos acadêmicos nos estudos da disciplina e para o desenvolvimento dos monitores. Portanto, este estudo propõe relatar vivências através do programa de monitoria e acerca da importância do professor mediador na construção de saberes docentes, pois são fatores que contribuem para o processo da pesquisa e do ensino - aprendizado.

Neste sentido, outros momentos significativos, especificamente, para os monitores consistiram nos planejamentos com a professora orientadora em que abordava sobre a importância da monitoria, as perspectivas e suas contribuições para o docente, do mesmo modo, apresentando-nos um projeto de pesquisa, e assim, nos orientando a ler livros. No planejamento, a professora nos apresentou os critérios de avaliação da monitoria, enfatizando as frequências mensais, fichamento dos livros e o relatório final da monitoria, em seguida, planejamos as aulas expositivas a serem desenvolvidas.

A pesquisa foi realizada durante a monitoria, mediante leituras, roteiros de questões sobre as leituras, produções escritas, apresentação de seminários em grupos, análise e discussões sobre os temas que foram abordados em sala de aula. Neste sentido, a monitoria possui um significado grandioso em nossa formação humana, universitária e profissional, que nos constitui como um ser que vive imerso na busca de melhores situações, de novos sentidos e aprendizados.

A monitoria permite expressar as relações entre o ensino e as ações do professor, monitores e os alunos. Cada aula expositiva e planejamentos possibilitou um avivamento de ideias, bem como o saber ouvir e estabeleceu um viés de melhorar a didática em sala de aula e permite que os monitores alcancem uma participação ativa nas atividades propostas.

Acreditamos que, a partir das temáticas e das estratégias de ensino utilizadas no espaço da sala de aula, promove a reflexão nas ações dos estudantes e possibilita a relação teoria-prática. No mais, a importância destas aulas para as monitoras, foram que, possibilitaram a percepção da identificação que os acadêmicos do curso absorviam para exemplificarem com as suas próprias vidas, através de exemplos pessoais que antes eles não conseguiam identificar e que depois das explicações da professora ficavam mais compreensíveis algumas atitudes ou mesmo sonhos repetidos que tinham e não sabiam o porquê.

Relato de experiência

Esta pesquisa é de natureza qualitativa que segundo Chizzotti (2011, p.28):

Implicam uma partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após este tirocínio, o autor interpreta e traduz um texto, zelosamente escrito, com perspicácia, competência científica, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

O relato de experiência visa abordar uma reflexão sobre a atuação do pedagogo em sala de aula, trazendo reflexões e aprendizados construídos e vivenciados pelas monitoras durante o processo de observação do trabalho da professora orientadora. No qual pudemos observar que a atuação da professora construiu junto aos acadêmicos, reflexões através de aportes teóricos, buscando sempre construir diálogos e intervindo de maneira que cada educando, dentro da sua realidade, se identificasse com o conteúdo exposto e explicado pela professora.

O processo formativo na monitoria

Compreender o comportamento de um determinado grupo de pessoas requer um processo de investigação em que, se faz necessário que estejamos comprometidos com estudos através de pesquisas que nos permita lançar novas visões sobre a realidade dos indivíduos. Participar da monitoria na disciplina Educação e Ciclos de Vida surgiu do interesse em nos aprofundarmos no conhecimento de assuntos abordados pela professora orientadora, que ministrou tão bem esta disciplina no primeiro período do curso de pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, e com isso nos instigou a pensar a partir do processo de ensino e nos envolvermos no planejamento e avaliação.

A princípio, nos reunimos com a professora orientadora, onde ela nos informou os procedimentos que realizaríamos, ressaltando a importância da monitoria como instrumento que complementa a prática acadêmica, oferecendo um aperfeiçoamento do nosso potencial, como também um aprimoramento do nosso aprendizado através de leituras e reflexões sobre os mesmos, onde cada encontro os monitores tinham a oportunidade de ler um livro e trazer suas contribuições para compartilhar com os demais. De acordo com Libâneo, Do ponto de vista didático, a atividade de iniciação à docência: “[...] se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre *o quê* e *como* do processo pedagógico escolar.” (2013, p. 27).

E foi neste contexto que iniciamos nosso primeiro encontro com a professora orientadora, onde recebemos o calendário que utilizaríamos no curso, e junto com ela, elaboramos o cronograma da disciplina, conhecemos os critérios de avaliação da professora, as metodologias e avaliações que seriam utilizadas na disciplina.

No dia 11 de abril de 2017, iniciamos as aulas presenciais, com introdução Psicanálise, de Sigmund Freud, e o estudo do inconsciente o qual foi explicado aos acadêmicos pela professora, enfatizando a importância de conhecer o inconsciente do ser humano para entender melhor as muitas dificuldades de compreender sentimentos que acompanham o indivíduo.

A interação entre professor e aluno foi acontecendo de uma forma que fez com percebêssemos a importância de uma aula dialogada contendo assuntos que vinham ao encontro com a realidade dos alunos. Sendo que, o principal objetivo era despertar o interesse dos graduandos do curso e saber mais sobre os assuntos abordados e com isso, possibilitar uma troca de conhecimentos fazendo a diferença na vida acadêmica das monitoras como também sentir uma mudança de comportamento por parte dos mesmos.

Para Pimenta (1997),

As novas concepções de didática estão emergindo da investigação sobre o ensino enquanto prática social viva; nos contextos sociais e institucionais nos quais ocorrem. Ou seja, a partir das sistematizações e explicações da prática pedagógica. Esse movimento tem sido possibilitado, também, pelo desenvolvimento das investigações qualitativas em educação. (p. 25).

As aulas posteriores seguiram falando sobre assuntos como: Os conceitos criados por Freud, Libido, inconsciente (pulsão, instinto, impulso) incluindo assuntos, como, sexualidade e como lidar com a própria sexualidade e a sexualidade dos outros. A professora levou o DVD com a música *Libido* de Ana Carolina, na qual ela instigou a turma a refletir sobre a letra. Gerou a identificação e a manifestação de alguns alunos com a letra da música, assim como, algumas questões sobre sexualidade.

Neste ínterim, a mídia noticiou o suicídio da travesti cearense Dandara. Sob forte impacto, buscando conscientizar os educandos sobre temas atuais, a professora orientadora, apresentou temáticas complexas como: RACISMO - XENOFOBIA - LGBT FOBIA – INFANTICÍDIO – PEDOFILIA – EXPLORAÇÃO INFANTIL – FEMINICÍDIO e pediu aos mesmos que realizassem, a partir de pesquisas, seminários em grupos falando a visão que eles tinham sobre o que cada um se propôs a pesquisar.

Posteriormente, foram partilhadas com a turma sua experiência e suas percepções sobre a importância de debater assuntos complexos e que fazem parte do dia-a-dia de um educador, como também da sociedade como um todo. Pois, conforme Libâneo (1997):

A educação consiste, pois, de uma prática social que envolve o desenvolvimento dos indivíduos no processo de sua relação ativa com o meio

natural e social, mediante a atividade cognoscitiva necessária para tornar mais produtiva, efetiva, criadora, atividade humana prática. (p. 130).

Dentro dessa visão, observamos a monitoria como uma modalidade de ensino que muito contribuiu na formação docente. Visto que, nos possibilitou observar o trabalho da professora, como finalidade de promover uma cooperação mútua entre docente e discentes. Pois, devido ao fato social ocorrido com a travesti cearense Dandara foi necessário flexibilizar nosso planejamento na monitoria e incluir discussões que envolvem sexualidade, relações humanas, violência, preconceito, discriminação e exclusão social.

Após o encerramento das atividades, as monitoras reuniam-se com a professora orientadora para fazer uma avaliação sobre a disciplina. Dessa forma, as aulas expositivas e os planejamentos foram bem sucedidos, onde, foram transformadores, e que os acadêmicos participavam. Então, no final do semestre todos os monitores da professora orientadora puderam avaliar e analisar todo o processo desenvolvido na monitoria, como, análise do roteiro de questões aplicado à turma do 1º período (noite) da disciplina Educação e Ciclos de Vida, avaliar os seminários apresentados pelos graduandos, relatar um pouco sobre os pontos positivos e negativos da monitoria, analisar a relação orientadora - orientando e o monitor auto – avaliar-se.

Conclusões

A monitoria é de suma importância para a formação acadêmica do aluno, onde, o monitor torna - se atuante dentro e fora da universidade, estimulando o aluno a ler e escrever mais, a observar a teoria e a prática. A experiência de participar da monitoria é considerável e muito contribuiu para o nosso desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal. Possibilitou-nos analisar o contexto da sala de aula, os planejamentos e as metodologias à serem aplicadas. De fato, vivenciar a monitoria é fundamental e gratificante, em que abre várias outras oportunidades, como por exemplo, aproximação com os professores, alunos, universidade e viabiliza participar de eventos, e isto, é um diferencial em sua formação, vocabulário e no próprio currículo.

Participar e apresentar trabalhos em encontros dentro e fora da Universidade é bastante enriquecedor, pois, além de apresentar seu trabalho e compartilhar informações permite conhecer outros trabalhos e trocas de conhecimentos. No entanto, a monitoria proporcionou-nos novas leituras e a compreender o real significado da disciplina, acreditamos que participar da monitoria é rever os assuntos novamente, com mais aprofundamento e com um novo olhar.

É relevante abordar a influência da professora orientadora, em que nos cedeu espaço, disponibilizou obras literárias e pedagógicas para que pudéssemos aprimorar nosso embasamento teórico. Tornando a monitoria ainda mais como momento de construção de saberes e relações afetivas.

Estas atividades constituem momentos em que *traçamos* ideias, refletimos sobre elas e também falamos sobre nossas experiências e sentimentos. A monitoria efetuada foi além do conhecimento acadêmico, fortaleceu-nos humanamente, pois através dos nossos erros fomos nos conhecendo mais e a medida, nos qualificando mais.

A monitoria proporcionou o fortalecemos na atuação acadêmica, docente e proporcionou rever os conteúdos da disciplina enquanto fomos alunas da mesma, e assim, traçamos novos olhares. Durante a monitoria houve planejamentos coletivos, entre monitoras e orientadora. Isso contribuiu muito para a formação dos monitores, permitindo pensar nas práticas pedagógicas, pois, propiciou conhecimentos e dimensões sobre o ensino, com base em vivências e fundamentações teóricas.

A partir das análises das atividades desenvolvidas, pode-se considerar que os estudantes do 1º período do Curso de Pedagogia (UVA), na disciplina Educação e Ciclos de Vida, mostraram-se grande interesse e percepções significativas na realização destas, reconhecendo a implicação da disciplina em seu comportamento.

Percebemos, no decorrer das aulas, que os educandos demonstraram-se satisfeitos com as implicações da disciplina em seu cotidiano, pois a partir dela

passaram a identificar e refletir sobre suas fragilidades e ações, ou seja, esses encontros tornaram-se parte importante para o seu processo de ensino e aprendizagem.

Durante a realização das atividades em sala de aula com os discentes, observamos que as temáticas complexas debatidas repercutiam em seu modo de pensar e dialogar. Alguns temas eram conhecidos, tais como, Racismo — Infanticídio — Pedofilia — Exploração sexual infantil, mas careciam de aprofundamento. Outros temas, eram completamente desconhecidos entre os discentes, tais como, Femicídio - Xenofobia - LGBT fobia. Portanto, a sala de aula surgiu como um espaço aberto e reflexivo. Nesta perspectiva, a monitoria nos permitiu compreender o processo de ensino e aprendizagem, que deve ser entendido, não só a partir do sujeito que ensina, mas também do sujeito que aprende.

Referências

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação: Pedagogia e didática**. São Paulo: Cortez, 1997.

KAHN, Michael. **Freud Básico: pensamentos psicanalíticos para o século XXI**. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

SANTOS, Mirza Medeiros dos. I. M. S [et al]. **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **Para uma nova resignificação da didática**. São Paulo: Cortez, 1997.

TECENDO EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I DO CURSO DE PEDAGOGIA/UERN

Leidiane Nogueira dos Santos Duarte - UERN
leidianenogueirauern@gmail.com

Antonio Anderson Brito do Nascimento - UERN
andersonb.nascimento@gmail.com

Profª Ma Maria Cleonice Soares - UERN
cleonice_s@hotmail.com

RESUMO

O trabalho em tela, emerge de uma atividade realizada no Estágio Curricular Supervisionado I²⁷, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Este efetuado em Unidade de Educação Infantil (UEI), na cidade de Mossoró/RN, no turno vespertino junto a turma do maternal II com um quantitativo de vinte e um alunos no período de sete a onze de maio de dois mil e dezoito. O artigo tem como objetivo descrever como eu pensava a Unidade Educação Infantil antes de qualquer vivência na condição de aluna-estagiária e como eu a percebi após a experiência da observação. A pesquisa tem caráter qualitativo e fundamenta-se em teóricos como Hoffmann (2009); Zabalza (2004); Mantoan (2003); Pimenta (2006); Lima (2001); Freire (1996); discutidos na disciplina de estágio, dentre outras disciplinas do curso de pedagogia. O contato com a prática possibilitou enxergar que o professor tem um papel significativo na construção da aprendizagem dos alunos de modo que compartilhamos saberes e aprendemos uns com os outros.

PALAVRAS CHAVES: Estágio. Experiência. Docente.

INTRODUÇÃO

Partindo do pensamento de Zabalza (2004, p. 10), de que “[...] escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho”. O presente estudo apresenta um relato a partir da vivência no Estágio Supervisionado Obrigatório I (um), coordenado pela Professora Mestra Maria Cleonice Soares, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

²⁷ Desenvolvido no semestre letivo de 2017.2, e supervisionado pela professora Ma. Maria Cleonice Soares.

(UERN), em uma Unidade de Educação Infantil (UEI) no turno vespertino junto a turma do maternal II (dois) com um quantitativo de vinte e um alunos no período de sete a onze de maio de dois mil e dezoito.

Este tem por objetivo, descrever como eu pensava a Unidade Educação Infantil antes de qualquer vivência nesta na condição de aluna-estagiária e como eu a percebo após a experiência da observação. A construção destes textos deu-se logo no início da disciplina de Estágio Supervisionado I (semestre 2017.2), e o segundo, após realizar a primeira atividade prática na escola que foi a observação. Nestes textos tecemos nossas análises sobre estes dois pontos de vista construídos no espaço da disciplina. A pesquisa tem seu caráter qualitativo além de estudos de teóricos como Hoffmann (2009); Zabalza (2004); Mantoan (2003); Pimenta (2006); Lima (2001); Freire (1996); entre outros, discutidos em sala de aula durante a disciplina de estágio e em outras disciplinas do curso.

O trabalho divide-se em dois tópicos: no primeiro apresento como idealizava a Unidade de Educação Infantil antes de vivenciá-la na condição de aluna-estagiária, um olhar sem conhecer de fato o ambiente pelo olhar da formação inicial docente; o segundo vem se deter em como percebi a Unidade de Educação Infantil pós observação, que é uma das atividades do estágio supervisionado que precede a regência escolar, neste é apresentado um olhar diante da análise realizada no espaço educacional.

COMO IDEALIZAVA A UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Contemplo como um lugar educativo, de construção de conhecimento, um espaço de interação, de aflorar a personalidade, ambiente que proporciona a coletividade, em que cada sujeito tem a possibilidade de conhecer um ao outro. É o espaço que efetua a relação afetiva entre alunos e professores, espaço de construções de aprendizagens e conhecimentos tanto de quem ensina quanto de quem aprende, pois como situa Freire (1996, p. 23) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim, entendemos a educação infantil como um local em que há partilha do conhecimento, uma vez que cada um traz consigo um saber.

Dessa forma, considero a Unidade de Educação Infantil (UEI) como um recinto de criação de possibilidades, em que leva o aluno a pensar e refletir possibilitando a descoberta de se reconhecer como ser no qual consegue desenvolver sua autonomia e o senso crítico e ampliar o seu modo de ver as coisas.

A Unidade de Educação Infantil é base para o crescimento do ser humano um lugar de conhecimento em que o sujeito vivência experiências que irá para a toda vida. Segundo Mantoan (2003, p. 35),

Nesses ambientes educativos, ensinam-se os alunos a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima sócio afetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar — sem tensões competitivas, mas com espírito solidário, participativo.

Todavia, penso que as Unidades de Educação Infantil devem ser um espaço construtivo de ideias que vão formando-se através das relações afetivas que existe entre professor/aluno. Assim, entendemos que neste espaço os alunos irão, também, se percebendo sujeitos no mundo, e interagindo com outros vão estabelecendo relações de afeto.

Neste sentido, Freire (1996, p 41) complementa que,

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico-pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros.

Portanto, entendíamos que a educação infantil deveria desenvolver, já nos pequenos, o conhecimento de mundo, e essas práticas de forma contínua, poderia propiciar um ambiente em que o aluno ache sentido, que ele seja participativo e socialize com o outro, além de se assumir, mesmo que inocentemente, como um ser social.

PERCEBENDO A UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS OBSERVAÇÃO

A observação ocorreu em uma instituição de Unidade de Educação Infantil (UEI), pública de Mossoró/RN, especificamente, na turma do maternal II (dois) com um quantitativo de vinte e um alunos. Essa experiência nos proporcionou muitos conhecimentos para o nosso crescimento profissional e pessoal.

Apesar de toda a apreensão que sentia antes de conhecer o espaço, por não ter experiências anteriores de sala de aula, foi satisfatório poder sentir e refletir sobre as práticas como futura docente, em que não fomos apenas como um espectador, mas que sentimos e vivemos o espaço da Educação Infantil. A partir da experiência da observação pudemos notar que existe uma relação de como pensávamos a UEI antes da observação e depois.

Isso nos remete ao pensamento de Monteiro (2001, p. 28):

Ver não é somente olhar. O ver necessita estar e não apenas passar pelos espaços. Ver é tecer um lugar no não-lugar. Ver é observar a realidade que se apresenta de forma complexa e inteira diante do seu olhar. Ver não é se colocar como espectador de um mundo ilusório criado por outros olhares. É a possibilidade de sentir antolhos e girar o rosto para inviabilizar sua ação, de não se mobilizar diante do que se vê. Ver é tornar-se capaz de perceber as alternativas e complexidades presentes no cotidiano, mesmo quando não queremos vê-las.

Consideramos que presenciar e sentir momentos junto aos alunos e a professora da sala da Unidade de Educação Infantil, na qual realizamos o nosso estágio, foi de suma importância para ver a relação teórico-prática, e refletir sobre o que aprendemos na Universidade faz relação com a prática desenvolvida na UEI. Desse modo, compreendemos que o estágio dá oportunidade de unir a teoria à prática e superar sua divisão.

Segundo Pimenta (2006) a prática não fala por si mesma, exige uma relação teórica com ela. Pois, a prática não existe sem um mínimo de ingredientes teóricos, ou seja, a teoria e a prática estão ligadas de modo que uma necessita da outra para conseguir alcançar o objetivo esperado. Essa experiência do estágio supervisionado I,

nos fez ver e sentir o que é ser professor, possibilitando uma reflexão, de que ser professor como algo significativo que muda e transforma vidas a cada instante.

Ao observar a prática exercida pela professora da UEI, percebemos que existe uma relação afetiva entre professor/aluno, de carinho e cuidado. Compreendemos a preocupação por parte da professora com relação à aprendizagem e a interação da turma. O que nos levou a perceber que é por meio das brincadeiras e interações que a aprendizagem dos alunos é estimulada.

No decorrer da observação, percebemos que a docente permitia que os alunos se expressassem durante as atividades expostas na sala, havia momentos de interação, brincadeiras, víamos no olhar de cada criança a felicidade em poder viver o espaço em que estava inserido. Segundo Lima (2001, p. 16) “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”. É perceptível que em suas práticas educativas havia uma ação mediadora de forma que valoriza os saberes e realidade dos alunos. Com isso Hoffmann (2009, p. 37) destaca que:

A ação mediadora do educador resulta, igualmente, num trabalho pedagógico que valoriza as experiências de vida de cada criança, suas vivências culturais, raciais, religiosas, etc., como elementos constitutivos do espaço institucional, ao mesmo tempo em que percebe a criança sofrendo as influências desse meio e constituindo-se como sujeito a partir dessa interação.

A autora ressalta que é necessário um olhar sensível e reflexivo sobre a criança, de modo que não venhamos fazer tipos de rotulação. Uma vez que as crianças têm suas etapas e precisa ser vivenciada a seu tempo, de forma que não venhamos impor algo que ainda se encontra distante de sua realidade. No estágio Supervisionado I, observamos que as professoras valorizavam as crianças, considerando suas vivências e buscando formas de trabalhar suas diferenças e direitos.

Outro ponto observado, foi como a professora trabalhava as atividades e fazia as avaliações das crianças, considerando, principalmente, o desenvolvimento da aprendizagem e conhecimento das crianças. Na perspectiva de Hoffmann (2009) é

necessário que os professores tenham sempre um olhar mais compreensível a respeito da avaliação para com a criança, porque não podemos avaliar o conhecimento da criança por apenas uma atividade aplicada em sala. Mesmo a criança não reagindo ao esperado, isso não quer dizer que esta não alcançou nenhum objetivo, apenas obteve o conhecimento de outra maneira.

Isso exige, entretanto, que a avaliação tenha por fundamento uma concepção de educação que respeite cada momento de vida da criança, no seu tempo de ser e se desenvolver, ao contrário das atitudes que rotulam, servindo para julgamentos classificatórios.

CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi falado, vivenciado, observado e estudado, pudemos perceber mais um ponto fundamental para nossa formação, que as teorias vistas durante o percurso acadêmico até aqui, é notória prática exercida pela professora da Unidade da Educação Infantil (UEI).

Realizar o estágio, foi um momento significativo para nossa formação, tanto no sentido pessoal quanto profissional, de maneira que pudemos ver e sentir as relações afetivas entre professor/aluno, percebemos que um profissional precisa a todo momento buscar métodos que venham contribuir em sua formação e com suas práticas na sala de aula. A docência na sala de aula requer do professor conhecimentos teórico-práticos para desenvolver ações que deem conta das necessidades de aprendizagens dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

CASTELLANO, Solange Fernandes Monteiro. **Aprendendo a ver: as escolas da/na escola, e Espaço e imagens na escola**/ Nilda Alves, Paulo Sgarbi (orgs.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (O sentido da escola; 20)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. - Porto Alegre: Mediação, 2009 (15.ed. Atual. Ortog.) 92p. (Caderno de educação infantil, v.3)

LIMA, Elvira de Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: Sobradinho, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

PIMENTA, Selma. G.; LIMA, Maria. S.L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24,2005/2006.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NUMA TURMA DE EJA EM BARREIRA-CE: RELATANDO EXPERIÊNCIAS

Antonio Jhonata de Oliveira Lima²⁸
Geranilde Costa e Silva²⁹

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência, que tem como objetivo apresentar reflexões, indagações e análises de observações em uma turma de Educação de Jovens e Adultos em uma escola localizada no município de Barreira (Ceará), no ano de 2017. O trabalho foi escrito a partir das vivências propostas pela componente curricular *Ensino da EJA nos Países da Integração Unilab*, do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB. Para tal ação, metodologicamente, o estudo é qualitativo, do tipo descritivo, que para coleta de dados utiliza a pesquisa bibliográfica e um questionário simples para traçar o perfil da turma, tudo isso com a apropriação da técnica de análise de conteúdo para compreensão desse universo educacional. Discute principalmente a respeito do modo de como se guia as práticas pedagógicas nas matérias de Matemática, Português e Química, juntamente com os saberes populares do corpo discente da turma. A observação permitiu que os estudos teóricos sobre ensino-aprendizagem fossem vistos no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino-Aprendizagem. Saber Popular.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se constitui como uma das modalidades de ensino que marcam o campo educacional no Brasil, sendo regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96. De modo que, podemos entender que a EJA é uma modalidade de ensino que requer uma atenção especial no modo de como o processo de ensino-aprendizagem vai ser conduzido pelo/a

²⁸ Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (2017) junto à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Graduando em Pedagogia, na instituição de ensino superior supracitada. E-mail: lima.ajo2706@gmail.com

²⁹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Docente da componente aqui tratada. E-mail: geranildecosta@unilab.edu.br

professor/a, visto que, diferente das crianças, que ao longo do tempo vão adquirindo e modificando uma identidade cultural, com o auxílio da escola, os adultos já possuem essa identidade mais solidificada com base em seus saberes de experiência, que vivenciaram na família, no trabalho e em outros diversos âmbitos. É justamente por conta disso que deve ser desempenhado um trabalho que faça com que o discente possa resgatar sua autoestima e que, ao mesmo tempo, conscientize a respeito de sua identidade, valorizando sempre as raízes ancestrais. Além disso, os/as docentes da EJA devem fazer com que a coletividade de estudantes da Educação de Jovens e Adultos tenha uma escolarização baseada em saberes populares e que, principalmente, façam parte de seu cotidiano, ou seja, aprender por meio do seu próprio saber.

A partir disso, é que o curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, criou a componente *O Ensino da EJA nos Países da Integração Unilab*, que tem por objetivo tratar da EJA junto aos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, sendo eles: em Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor Leste. Para tanto essa componente exige que os/as estudantes realizem observações junto a turmas de EJA do Maciço do Baturité com objetivo de melhor entender o contexto de execução dessa modalidade de ensino no espaço geográfico citado. Dessa forma é que aqui será feito, por um acadêmico de Pedagogia, da UNILAB, o relato de experiências de 12 horas de observações feitas junto a uma turma da EJA pertencente a uma escola do município de Barreira (Ceará), no ano de 2017.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a escrita desse trabalho o estudante de pedagogia, sob a orientação da professora da componente *O Ensino da EJA nos Países da Integração Unilab*, teve aproximação com a metodologia da pesquisa descritiva, que é definida por Gil (2002, p. 42) da seguinte forma: “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Para análise de dados, foram realizadas pesquisas em artigos, livros, leis e sites, determinando assim, que essa é uma pesquisa

bibliográfica. Já buscando conhecer o perfil da turma observada foi aplicado um questionário que objetivou o levantamento de informações pessoais, profissionais e escolares dos alunos e das alunas da turma de EJA.

UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE O MUNICÍPIO DE BARREIRA (CEARÁ)

Barreira é um dos municípios do Estado do Ceará, que se localiza a cerca de 85km da capital cearense. Compõe o quadro das treze cidades do Maciço de Baturité. Em sua volta estão os municípios de Acarape, Aracoiaba, Chorozinho, Ocara, Pacajus e Redenção. Segundo Santos (2016, p. 27), a economia de Barreira: “é fundamentada basicamente na agricultura e na cajucultura, sendo esta última, a fonte econômica de mais importância do Município”. De acordo com o Senso do IBGE de 2010³⁰, a população barreirense era de 19.573, enquanto sua estimativa para o ano de 2017 seria de 20.978 pessoas. Com relação à educação formal de Barreira, existe um quantitativo de 16 escolas ativas, onde são 14 municipais, uma da rede privada e uma estadual³¹, tendo assim somente uma instituição de ensino médio no referido município, sendo essa a escola que serviu de campo de observação da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA).

CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO

A estrutura física da escola conta com 14 salas de aula, sendo que uma é a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os/as alunos/as portadores de necessidades especiais. Na instituição não há somente as salas de aulas como espaços de aprendizagem, pois, existem os espaços do Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Biblioteca e o Ginásio Poliesportivo. Diferente da maioria das instituições escolares há uma turma da EJA que funciona no período vespertino na escola supracitada, não deixando de ter turmas no turno da noite. Sendo essa a classe escolhida para vivenciar as práticas educativas e pedagógicas no cotidiano do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e alunas da referida modalidade. A escolha da turma se deu

³⁰ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barreira/panorama>>. Acesso em 19 de jul. 2018.

³¹ Conselho Estadual de Educação do Ceará. Disponível em: <<http://www.cee.ce.gov.br/consulta-escolas-credenciadas>>. Acesso em 19 de jul. 2018.

pelo fato dela se diferenciar por conta do turno, instigando um sentimento de curiosidade tanto pelo modo de como ocorre as vivências educacionais em uma classe de Educação de Jovens e Adultos à tarde, como, principalmente, é a trajetória de cada pessoa que vai todos os dias para a aula carregando um sentimento de ascensão social e intelectual consigo.

EJA-D: CARACTERIZAÇÕES, MOTIVAÇÕES E PRETENSÕES

Na escola em questão existiam, em 2017, apenas quatro turmas de EJA, sendo nomeada turmas A, B, C e D. O estudante/observador foi encaminhado para ficar na turma D. A turma em questão tinha cerca de 50 discentes matriculadas, entretanto, no dia em que foi aplicado um questionário simples com o objetivo de colher informações sobre o perfil da turma, estavam presentes somente 21 pessoas, sendo eles 13 homens e 8 mulheres, suas idades variam entre 18 a 51 anos. No que diz respeito ao estado civil, a turma quantifica cerca de 4 casados, 7 que namoram, 8 são solteiros e 2 que se definem na opção “outro” do questionário. Com relação à empregabilidade, 15 afirmaram estar empregados em algum tipo de ocupação e somente 6 não estavam trabalhando no momento. E o número se repete no que diz respeito a filhos, pois 15 pessoas têm filhos e 6 pessoas não têm.

Ainda foi possível verificar que a maioria das pessoas pararam seus estudos no passado, e dentre essa maioria, há um prevalectimento das pessoas que interromperam por conta da necessidade de trabalhar, já que as famílias dos/as mesmos/as não dispuseram de capital acumulado para manter o/a filho/a somente na vida estudantil. Os/as alunos/as viram na EJA uma oportunidade para suprir o tempo perdido nesse passado cercado de carências, e traçar novos rumos para as suas vidas, em vista de que as pessoas são motivadas a conquista do tão sonhado certificado de conclusão do ensino médio, pois, as mesmas percebem a educação como ferramenta transformadora de vidas. A partir disso, há um forte desejo de, após concluir a EJA, chegarem à universidade, trabalharem ou cursarem um ensino de qualificação técnica.

DESCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Segunda-feira, dia 06 de novembro de 2017, ocorreu a primeira observação realizada na turma da EJA, do período da tarde. Antes do primeiro contato com a turma, o aluno/observador foi tomado por pensamentos de como seria o perfil das pessoas que em poucos minutos teria contato pelo curto espaço de 12h de observação. Inicialmente o aluno em questão foi acomodado na sala dos professores(as); e logo em seguida escutou o soar de uma sirene, quando o relógio marcava às 13:10, de modo que ele interpretou que seria uma sinalização para os/as docentes iniciarem as práticas educativas nas suas respectivas salas de aula. A configuração das aulas, por dia, é fragmentada em 5 momentos, e em cada momento é dedicado a uma, duas, ou até três aulas de uma componente curricular, no caso das segundas-feiras estavam agendadas duas aulas de Português, uma de Química e duas, após o intervalo, de Matemática. Devido as aulas iniciarem às 13:10 e terminarem às 17:20, a turma de EJA D tem aula somente de segunda a quinta.

Quando os/as discentes da EJA chegaram ao recinto de estudo foi percebido que a turma se tratava de uma coletividade negra, sendo possível confirmar a informação dada pelo Censo da Educação Básica do ano de 2015³², em que a EJA contava com 3.491.869 estudantes, sendo que 63% estão matriculados no ensino fundamental e 37% cursam o ensino médio e que desses jovens e adultos, constatou-se que 51% são homens, 36% se autodeclararam negros (pretos e pardos, segundo orientação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE), e 15% são brancos.

Logo após a chegada dos jovens e adultos na sala, entrou na sala uma professora portando um livro de Língua Portuguesa e usando blusa padronizada somente para os/as docentes. Nas três semanas em que foram feitas as observações durante a aula da referida matéria, foi percebido que a professora utilizou técnicas de ensino que estavam pautadas em estabelecer uma interação com a sala, para poder realizar a transmissão dos conteúdos definidos no currículo, de forma que os assuntos do conhecimento das pessoas ali presentes fossem postos na aula e utilizados como fonte de saberes. “[...] o educando, especialmente o adulto, ao perceber que está sendo tratado como um agente

³² Fonte: <http://www.revistaeducacao.com.br/homens-negros-sao-maioria-na-eja/>

ativo, participante do processo de aprendizagem, vai se sentir mais interessado e mais responsável” (LOPES e SOUSA, 2005, p. 15). Outros elementos interessantes que se fazem presentes nas aulas da professora de português é o estímulo à participação coletiva para efetuar uma construção do saber, o incentivo à leitura coletiva e a decodificação de palavras desconhecidas, e a utilização de explicações facilitadas para melhor fixar as aprendizagens de cada aula.

Na terceira sinalização sonora, que marca o término da segunda aula e o início da terceira, a professora de língua portuguesa retira-se da sala e, logo após, adentrou outra educadora, mas dessa vez, do campo das ciências naturais. Um dos conteúdos a serem transmitidos aos/às educandos/as, por meio das ciências naturais, foi a questão da saúde do trabalhador em relação à prevenção de acidentes com materiais químicos, momento onde a professora de química utilizou como ferramenta para auxiliá-la na explanação do conteúdo mencionado, o aparelho de televisão para exibir vídeos didáticos a respeito do conteúdo e que é relacionado com os assuntos contidos no livro didático. A docente usou também as experiências pessoais de cada um e cada uma como forma de exemplificar as questões debatidas no momento da aula, por exemplo: a prevenção contra acidentes na colheita do caju e na produção derivados³³. Outro aspecto importantíssimo presente em suas técnicas de ensino é a utilização de outros espaços educativos para aprendizagem de conhecimentos curriculares, no caso, a docente de química utiliza o Laboratório de Ciências, para demonstrar algumas coisas na prática, não se restringindo somente à teoria.

Às 15:30, é sinalizado o momento do intervalo e 20 minutos depois, os/as estudantes retornam às suas respectivas salas, dessa vez, na turma de EJA-D, a aula ministrada é de Matemática. No momento em que a professora entrou na sala, em uma primeira troca de olhares, trouxe ao estudante observador memórias do período marcante de sua trajetória escolar, pois havia sido docente do estudante em questão.

³³ Esse exemplo é levado à aula porque no município da escola, a economia gira principalmente em torno da cajucultura, e, na sala, uma parte trabalhavam nesse meio, sejam colhendo, descastanhando, ou fazendo derivados desse fruto (informação colhida por meio dos relatos em sala).

Retornando ao “mundo real”, em um breve diálogo, o estudante observador relatou a citada docente sobre os seus objetivos naquele ambiente.

No decorrer dessas aulas pôde ser observada uma atividade voltada a levar os/as alunos/as a pensarem a respeito do mundo que os/as circundam. Para a explanação da atividade mencionada, que habitualmente ocorre antes da elucidação dos conteúdos matemáticos, a professora faz o uso de um conjunto de textos que prezam uma formação humana, que se configuram como uma atividade reflexiva, que acaba por estabelecer uma interação tanto entre os/as próprios estudantes, como entre os/as estudantes e professora. Partindo para os conteúdos estabelecidos no currículo escolar, a professora, assim como as outras duas mencionadas acima, preza por uma forma facilitada de compartilhar os saberes acadêmicos para a turma, para isso acontecer, são utilizadas técnicas de ensino que facilitam o entendimento dos discentes, um exemplo disso é efetuar uma explicação com um fácil vocábulo e com exemplos do cotidiano dos educandos, como a professora justamente faz.

Ao parar para pensar a respeito do modo de ensino das três professoras que ministraram as aulas, durante as 12h observadas, foi possível constatar que um dos principais métodos de ensino utilizado em suas aulas foi a interação social entre elas e seu público educando e a questão das explanações serem levada ao cotidiano dos/as próprios/as alunos/as. É de suma importância ressaltar que é um método que as levam ao sucesso no que diz respeito à transmissão dos conteúdos postos em sala, pois as mesmas estabelecem uma relação interpessoal que confortam os/as alunos/as a manifestarem-se caso algum conteúdo não tenha sido absorvido, e isso acaba por resultar no sucesso escolar dos/as estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de vivenciar um pouco do cotidiano escolar dos jovens e adultos que retornaram ou iniciaram “tardiamente” a condução da vida na escola, foi um momento de grande importância no sentido de se poder observar como o processo de ensino-aprendizagem acontece, dado que Paulo Freire em *Carta de Paulo Freire aos*

professores (2001), afirma que “[...] não existe ensinar sem aprender [...] ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende [...]” (p. 1). Sendo esse um dos elementos mais presentes na sala de aula da EJA, onde as professoras sempre estavam abertas ao diálogo acerca dos saberes populares portados por cada aluno(a). De fato, as docentes reconheciam que cada pessoa possuía uma carga de conhecimento consigo e que esse conhecimento auxiliava no processo de ensino-aprendizagem no universo da educação formalizada.

Além disso, foi encontrada fortemente um trabalho interdisciplinar na matéria de matemática, onde a educadora fazia questão de, na sua prática, trabalhar com a criticidade dos educandos em um momento específico das aulas. A partir dessa prática, os/as estudantes eram levados a efetuarem a troca de conhecimentos em sala de aula e, assim, desenvolverem um pensamento crítico durante a reflexão textual que colaborava fortemente para um progresso intelectual em cada indivíduo. Com base nas vivências em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, foi possível evidenciar que o fazer docente nesse universo educacional carrega consigo uma prática social que transmite uma elevação na autoestima do público que se faz presente nessa modalidade. Portanto, julgamos ser necessário que a formação docente possa seguir um caminho que nos conscientize de que um modelo de ensino não deva ser levado para a sala de aula sem que os saberes populares estejam presente em nossas práticas educativas, pois, o ensino e a aprendizagem são fatores que devem ser trabalhados juntos, rompendo assim o tradicionalismo educacional e valorizando os saberes que circundam a escola.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos avançados*, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 20 de jul. 2018.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia. *Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)*, v. 5, 2005. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/mtuliop/EJA-UMAEDUCAOPOSSVELOUMERAUTOPIA.pdf>>. Acesso em 20 de jul. 2018.

SANTOS, Antonio Cláudio Oliveira dos. *Município de Barreira: História, Memória e Oralidade (1901-2016)*. 2016. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, Redenção, 2016.

VIVENDO E DESCOBRINDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dalila do Nascimento Oliveira(Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/E-mail:
daliloliveira12@gmail.com)³⁴

Márcia Rodrigues Melo(Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/E-mail:
marciardm@outlook.com)³⁵

Railane Bento Vieira Sabóia(Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/E-
mail:railanebento@gmail.com)³⁶

RESUMO

O referido trabalho visa apresentar os resultados da experiência de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, realizado em um Centro de Educação Infantil estabelecido no município de Sobral/Ceará, na turma do Infantil IV B no turno Matutino. O componente de estágio tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, proporcionando a este um aprimoramento de condições e convicções favoráveis necessárias a continuidade de sua formação. Logo após as observações foi elaborado um Projeto Interdisciplinar sobre a Cultura Afro-brasileira, com o tema “Pérola Negra: Vivendo e Descobrimdo”. Ao concluir foi possível perceber a total relevância do estágio supervisionado para a formação acadêmica, já que estes como estudantes de licenciatura precisam viver a experiência em sala de aula, tanto como observador quanto regente.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Educação Infantil. Cultura Afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

O referido trabalho visa apresentar os resultados da experiência de Estágio Supervisionado em Educação Infantil realizado no Centro de Educação Infantil, na turma do Infantil IV B no turno Matutino, estabelecido no município de Sobral/Ceará. O componente de estágio tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, proporcionando a este um aprimoramento de condições

³⁴Discente no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

³⁵Discente no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

³⁶Profª Esp. do Curso de Pedagogia da UVA.

e convicções favoráveis necessárias a continuidade de sua formação. Além de proporcionar o desenvolvimento de habilidades, conhecimento e atitudes que tenham correlação com a teoria e a prática, tornando-o espaço da experiência e da vivência. Desta forma foi possível perceber a relevância do estágio para a formação docente, pois favorece e oportuniza contato direto com o futuro campo de trabalho.

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil é uma etapa imprescindível no processo de formação no Curso de Pedagogia, cujo está prescrito na Lei 11.788/2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes. O parágrafo 1º do art. da referida lei, reza que “Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma” (BRASIL, 2008).

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que o estágio tem como finalidade aproximar o acadêmico da realidade na qual atuará. O estágio é um momento em que permite que os profissionais possam exercitar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso de formação, sendo vista como a parte prática do curso. Além disso, no estágio cria-se a oportunidade do desenvolvimento da atividade reflexiva, bem como a elaboração de um conhecimento sobre o cotidiano da educação.

Considerando que o mesmo seja conduzido para a profissionalização, isto é, aprender, estar habituado com a prática profissional, refletindo com a orientação de alguém mais experiente que precisa possibilitar ao estagiário a inter-relação entre o saber e o fazer, em suma, cria-se uma oportunidade de desenvolvimento de atividade reflexiva.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O trabalho é um relato de experiência docente na Educação Infantil, na turma do infantil IV do turno Matutino, em uma escola pública situada em um bairro distinto de Sobral, Ceará.

O lócus escolhido para a realização do trabalho foi um Centro de Educação Infantil localizada no Bairro Cidade Dr. José Euclides Ferreira (Terrenos Novos),

Sobral-CE foi fundado em 02 de agosto de 2000. Tendo passado por duas reformas e ampliação, uma em 23 de Novembro de 2006 e outra em 30 de setembro de 2010. É uma instituição pública que presentemente atende crianças de até cinco anos de idade, nos turno matutino e vespertino, disponibilizando turmas de Infantil Bebê, II, III, IV, e V. Atualmente sua matrícula consta cerca de seiscentas e dez crianças.

Esse trabalho foi realizado mediante, a priori, com observações da escola e seus sujeitos, percebendo e analisado, com o auxílio de instrumentais, quais as necessidades que aquele espaço obtinha. Deste modo, através dessas observações foi conversado com a professora titular e a direção da escola sobre a viabilidade da realização do projeto.

Sendo assim, a posteriori foi desenvolvido o projeto pedagógico intitulado “Pérola Negra: Vivendo e Descobrimdo”, no qual possui uma estrutura interdisciplinar, no período da manhã, tendo como a temática a cultura afrodescendente, buscando a identificação desta na cultura brasileira permitindo a viabilização além da cultura, mas também contemplando os demais eixos temáticos.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

O QUE FOI POSSÍVEL OBSERVAR?

As observações foram realizadas entre o período de 26 de Fevereiro a 16 de Março de 2018, objetivando-se em cinco aulas, nesses momentos pode-se destacar tais momentos:

Observou-se que as crianças possuem uma rotina específica diária, esta conforme as atividades do dia, há momentos que pode ser alterada, ou não, vai de acordo com o planejamento da aula. Após as atividades da rotina como: roda de conversa, onde é trabalhada cantigas, tempo e quantidade, as crianças vão ao banheiro e ao bebedouro, logo após tem a atividade do livro, lanche e recreio.

O ponto auto da observação foi: o dia da contação da história na qual as crianças ficaram animadas e atentas para ouvir a história. No entanto, a professora

apenas lia a história, sem mudar a entonação de voz, sem explorar as imagens que o livro dispunha, ou usar fantoches, entre outros. Diante disso, as crianças ficavam dispersas e notou pouca exploração acerca do que a história e sua moral poderiam proporcionar. Outro ponto chave, que vale ser ressaltado, é quando a professora explora os números e quantidades. Para tanto, ela usa de um recuso de peças, nas quais são cubos coloridos e dando prosseguimento a atividade a mesma, seleciona algumas crianças e solicita a quantidade e que cor.

Esse momento é interessante porque além de trabalhar os números e suas respectivas quantidades, as crianças vão estabelecendo relações, essas situações problema permitem que as crianças exercitem processos mentais, como a classificação que foi trabalhada nesse momento. Deste modo, Lorenzato(2008, p.25) reforça que: “Se o professor não trabalhar com as crianças esses processos, elas terão grandes dificuldades para aprender número e contagem, entre outras noções”. Portanto, trazer situações nas quais permitam que a criança estruture o pensamento lógico matemático, como foi feito, é essencial para o desenvolvimento do senso matemático das crianças.

EXPERIÊNCIADO PROJETO: “PÉROLA NEGRA: VIVENDO E DESCOBRINDO”

O projeto interdisciplinar intitulado de “Pérola Negra: Vivendo e Descobrimdo”, foi realizado no período de 30 de Abril a 9 de Maio. Por interdisciplinaridade entende-se que esta é uma junção das disciplinas nas suas mais diferentes áreas para uma compreensão ampla e mais completa acerca da realidade. Nessa perspectiva, a mesma emerge na perspectiva do colóquio, buscando romper com a desintegração dos saberes (THIESEN, 2008).

No primeiro dia, houve uma acolhida, realizada por meio de uma roda de conversa na qual conversamos com as crianças, apresentamos o tema do projeto, perguntamos o que eles entendiam por: Pérola Negra: Vivendo e Descobrimo. Além disso, falamos da África e perguntamos se eles sabiam o que era a capoeira, depois das respostas deles os levamos para o pátio onde Bené, um capoeirista, mostrou os instrumentos da capoeira para as crianças, ensinou os seus respectivos nomes, explorando o sons de todos e permitindo que as crianças tocassem. Depois, Bené ensinou músicas de capoeira para eles, na qual uma destas trabalhava o alfabeto, a posteriori foi ensinado a ginga da capoeira para as crianças, conforme imagem 1 ao lado.

Logo após, a apresentação foi feita uma roda de conversa para que as crianças contassem o que haviam feito, o que aprenderam com o tio Bené, depois de ouvi-las as estagiárias contaram a história da capoeira, falando que a mesma era uma dança dos escravos negros africanos da África aqui no Brasil, e, seguida mostramos na lousa o nome *África e Capoeira*, nesse momento falamos repetidas vezes os sons das letras para que as crianças identificassem e dissessem como que eram escritas tais palavras.

Depois, dividimos as crianças em trios e distribuimos um mapa e solicitamos que elas encontrassem o nome África, e que depois que encontrassem,

fizessem bolinhas de papel crepom e colassem em cima. Para finalizar as crianças escreveram o nome África e capoeira. Esses momentos foram fundamentais, pois viabilizam o que está de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Imagem 1: Roda de Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Educação Infantil que cita a importância da socialização, acesso as demais culturas, usufruto de expressões artísticas, entre outros(BRASIL, 2009).

No segundo dia, como de costume as crianças ficaram em roda, e conversamos sobre o que tínhamos feito na aula passada, fazendo assim a retomada de conteúdos. Em seguida, foi contado a história da SansaKroma, na qual é uma lenda antiga africana contada nos tempos do Apartheid. Sendo assim, é estabelecida uma viva relação “com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo”(BRASIL,2009, p.3). Ainda assim, ao final da história, foi contada a moral da mesma, e a partir disso as crianças falaram espontaneamente de experiências nas quais ficaram sozinhas, posteriormente as crianças recontaram a história.

Em seguida, foi cantada a música da SansaKroma e ensinada as crianças, além disso, posteriormente as crianças foram levadas para uma sala de vídeo na qual foi colocada a música da SansaKroma e as mesmas puderam dançar como quisessem, deste modo foi explorado as expressões e a liberdade das crianças. Esse momento foi muito importante para o corpo, gesto, movimentos e as expressões individuais de cada criança.

No terceiro dia levamos a temática da culinária, e para tanto falamos da história da feijoada, como que a mesma era feita e mostramos uma imagem de um porco para que as crianças visualizassem as partes do porco nas quais eram usadas na feijoada. Logo após, distribuimos massinhas de modelar para que fosse feita uma feijoada fictícia, portanto, as crianças iam modelando as partes do porco, e iam colocando na panela. Para finalizar, levamos as crianças ao refeitório, e lá lemos a receita de um doce típico africano: o bolo de tapioca, mostramos os ingredientes, permitimos que as crianças tocassem e depois solicitamos a ajuda de algumas crianças para fazermos o bolo para no dia seguinte degustarmos.

Essas vivências trouxeram as crianças a possibilidade de explorar ao máximo o conhecimento que estava sendo proporcionado ali, pois permitiu-se que fosse recriado em contextos significativos para as crianças, “relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais”(BRASIL,2009, p.4).**No quarto dia**, a aula se deu início como de costume com a roda de conversa relembrando as atividades do dia anterior, sempre questionando o que as crianças estavam achando das atividades. O que é muito

relevante, pois esse momento proporciona e incentiva a comunicação e age de forma a integrar as competências.

Logo depois, entramos no conceito “diferença” onde exibimos varias fotos do povo africano, dando ênfase as roupas e cabelo. Ainda dentro dessa proposta levamos um espelho e colocamos a música “Normal é ser diferente” do Palavra Cantada, com intuito que as crianças percebam que todas são diferentes e que ser diferente é normal. Em seguida fizemos a contação da história “Menina bonita do laço de fita” enfatizando a questão racial sobre todas as cores, para que seguidamente montarmos com as crianças a árvore da família com as fotos que cada criança trouxe.

No quinto dia, para iniciarmos foi feita uma roda de conversa, sempre retomando os conteúdos trabalhados anteriormente. E, ainda em roda perguntamos as crianças se elas sabiam o que era herói e quais os heróis elas conheciam e gostavam a partir disso, falamos que havia um herói africano chamado Maculelé, e posteriormente contamos a história. Para essa contação optamos por fazê-la em formato diferente, conforme íamos contando a história as entonações de voz iam mudando, fizemos isso pensando no contexto histórico das lendas que são contadas por pessoas mais velhas para as mais novas e passada de geração em geração.

Depois, mostramos a música do Maculelé e ensinamos como que tipicamente se dançava, posteriormente mostramos a letra na folha de papel madeira, para que as crianças pudessem identificar o nome do herói e as letras que o compunha. Também apresentamos o vídeo da música onde as crianças se mostraram muito curiosas para conhecer o famoso herói Maculelé.

No sexto dia, iniciamos com a roda de conversa como de costume para relembrarmos junto as crianças todos os dias do projeto, as atividades, saber delas o que mais gostaram e o que queriam fazer de novo. Nesse momento, pode-se perceber que umas das coisas que mais chamou atenção e foi prazeroso para elas foi a música do Maculelé. Pensando nisso cada criança recebeu uma máscara para pintar o seu herói como quisesse. Além disso, foi estruturado um cantinho para elas com a exposição de

todos os cartazes e atividades produzida pelos mesmos, logo após caracterizamos as crianças com ajuda dos professores, as levamos para o pátio para que apreciassem seus trabalhos, dançar, cantar e aproveitar aquele momento que era todo delas. E assim concluímos nosso projeto que foi muito significativo em todos os sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir foi possível perceber a total relevância do estágio supervisionado para a formação acadêmica, já que estes como estudantes de licenciatura precisam viver a experiência em sala de aula, tanto como observador quanto regente. Uma vez que o docente em formação precisa se preparar para a realidade do dia a dia em sala, também como colocar em prática suas habilidades e potencialidades, tornando assim todas as etapas enriquecedoras para seu aprendizado, seu social e pessoal.

Desse modo, foi possível perceber o valor significativo nas crianças ainda quando as atividades iam se sucedendo, a expressão corporal, engajamento, vontade de aprender, sorrisos, foram fatores inesquecíveis. Assim sendo, conforme conversávamos brevemente sobre o que havíamos trabalhado nos dias anteriores, as crianças lembravam. Apesar disso, vale destacar algumas dificuldades, nas quais foram os materiais para a realização do projeto, os desafios de fazer com que todas as atividades fossem cumpridas no tempo previsto e que não perdesse o foco significativo e educativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 1998.

_____. **Lei. 11.788/2008 de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> Acesso em: 06 Ago. 2018.

_____. **Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1,

p.18.2009. Disponível em:

<http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf> Acesso em: 01 Ago.2018.

LORENZATO, S. **Educação Infantil e percepção matemática**. 2ªed.rev.ampliada-Campinas, SP: Autores Associados,2008. – (Coleção formação de professores).

PIMENTA, S.G.; GONÇALVES, C. L.**Reverendo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

THIESEN, J.da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista brasileira de educação**, v. 13, n. 39, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010> Acesso em: 01.Ago. 2018.

PRODUÇÃO DO TEXTO COLETIVO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR

Felisbela Sousa de Vasconcelos

Discente do Curso de Licenciatura em Física na Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Email: felisbelasousadevasconcelos@gmail.com

Maria Socorro Lucena Lima

Professora Orientadora / Professora Visitante da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Email: socorro_lucena@uol.com.br

RESUMO:

O professor tem um papel fundamental em sala de aula, que o de interagir com os seus alunos nos processos de ensinar e de aprender. O texto relata a experiência de ensino com pesquisa no contexto de sala de aula. Esta produção serviu de elemento intermediador entre os conteúdos e os alunos, e teve a função de conseguir interligar de maneira compreensiva os seus ensinamentos e vivências das Práticas Educativas, como umas das Disciplinas Pedagógicas do Curso de Licenciatura em Física da UNILAB. No resgate da experiência do Texto Coletivo com o seguinte tema: “A relação teórica e prática na formação do professor de Física: processo colaborativo em sala de aula”, desenvolvemos este relato explicando sobre a dinâmica que foi aplicada na turma, que teve uma participação colaborativa dos discentes na busca da formação do professor pesquisador que consiga ensinar em atitude de participação, junto com os alunos.

Palavras-chave: Formação. Professor pesquisador. Texto coletivo.

INTRODUÇÃO

O presente relato foi desenvolvido a partir dos ensinamentos adquiridos na Disciplina Práticas Educativas II, ministrada na Licenciatura, como parte do elenco do núcleo pedagógico da estrutura curricular do Curso Licenciatura em Física da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada na cidade de Redenção - Ceará.

Nosso objetivo é socializar a experiência de uma metodologia de “ensino com pesquisa”, por meio de trabalho realizado no contexto de sala de aula, refletir sobre o registro deste percurso didático e suas contribuições para a formação docente do professor pesquisador. Para tanto trazemos uma reflexão sobre a elaboração de um Texto Coletivo, que representou o esforço da ação participativa dos matriculados no citado componente curricular. O texto tratou da formação do futuro professor de Física, buscando analisar as relações teóricas e práticas do processo de ensino-aprendizagem na formação pedagógica do curso de Licenciatura.

Consideramos a relevância do presente registro pela originalidade na condução do processo colaborativo do mesmo, bem como sua preocupação com os processos de aprender e ensinar a prática docente.

1. A EXPERIÊNCIA

A produção pedagógica do Texto Coletivo foi planejada, executada e avaliada na sala de aula, com a colaboração de todos os alunos presentes. Para isso, tivemos acesso a diversos conteúdos, fizemos pesquisas e estudamos cada um dos passos que iríamos desenvolver (a Introdução, o Referencial Teórico, a Metodologia e as Considerações Finais da pesquisa), para que todos os participantes se sentissem autores da obra que estava em construção.

Em sala tivemos com frequência rodas de conversas e dinâmicas, com o objetivo de envolver a turma inteira na interação com o aprofundamento dos conteúdos, bem como os processos metodológicos utilizados na construção da atividade.

Após as leituras e debate dos textos trabalhados na disciplina, foram desenvolvidos os seus respectivos fichamentos, que receberam o nome de ACC (Anunciar, Citar e Comentar). Dessa forma, estaríamos construindo o Referencial Teórico do Texto Coletivo.

2. A PRODUÇÃO DO TEXTO COLETIVO

O texto coletivo com o tema: “A relação teórica e prática na formação do professor de Física: processo colaborativo em sala de aula” se propôs a fazer uma reflexão a respeito da competência profissional do professor no desempenho do componente curricular que ele desenvolve na universidade. Teve como objetivo o desenvolvimento dos registros dos debates realizados em sala de aula, com vistas á produção do Relatório Final de conclusões dos estudos previstos para o semestre em curso (2017.2). O segundo objetivo foi desenvolver o registro dos fenômenos educativos previstos no cotidiano da sala de aula de um curso de licenciatura como este, que estamos cursando na UNILAB.

A metodologia empregada fez parte da postura colaborativa desenvolvida como atividade de ensino com pesquisa, que pretendeu formar professores intelectuais, crítico-reflexivos, capazes de ultrapassar a dimensão técnica do trabalho docente.

Participação dos Sujeitos da Pesquisa

Os alunos foram os próprios sujeitos da pesquisa na Disciplina Práticas Educativas II, do Curso do ICEN, compuseram o corpo de sujeitos integrantes da pesquisa. Em pequenas rodas de conversa, que chamávamos de “tendas” ou em debates colaborativos, os alunos relataram o seu processo acadêmico, o que levou a perceber pontos em comum em suas histórias de vida e formação.

Foram destacados os seguintes pontos:

- A afeição pela Física e pela Matemática, como Ciências que realmente expressam a beleza do universo salientando as dificuldades de produção de textos pedagógicos;
- Todos frequentaram a Escola Pública, não passaram pela experiência da reprovação durante a formação se reconhecem dedicados nos estudos;
- Já se espelharam em algum professor que conheceram no decorrer de sua vida escolar.

O texto coletivo teve como referencial teórico Freitas (2001) sobre práticas reflexivas, Freire (1996) destacando compreensão dos processos formativos do professor como dimensão fundamental da competência profissional, e as ideias de Sibilía (2012) sobre as novas competências e metodologias que estimulem o desenvolvimento crítico.

A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa exploratória com Gil (2008, p.60):

Nas pesquisas bibliográficas e em muitas pesquisas documentais, o trabalho de consulta à biblioteca, após essas fases iniciais, tende a se tornar mais intenso, pois é justamente na biblioteca que se processa a coleta de dados. Nos levantamentos de campo, nos estudos de caso e nas outras modalidades de pesquisa, o uso da biblioteca também não se encerra com o planejamento. A necessidade de consulta a material publicado manifesta-se ao longo de todo o processo de pesquisa.

O embasamento teórico se faz necessário no trabalho de pesquisa, uma vez que o material publicado sobre a questão em foco faz parte de qualquer que seja o processo investigativo (Gil, 2008). Dessa forma, a pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais.

Com a construção deste Texto Coletivo foi possível vivenciar o desafio de tentar fazer a junção de interesses sobre um tema. É importante destacar a separação

histórica das disciplinas ditas científicas e as pedagógicas da estrutura curricular dos cursos de licenciatura. Este desafio inclui momentos de desinteresse por parte dos alunos que ainda vivem o certo estranhamento com as questões da natureza voltadas para os fenômenos de ensinar e aprender. Além disso, o texto coletivo é uma metodologia recente que inclui a formação do professor pesquisador, investigador da própria prática.

A pesquisa que resultou na escrita do Texto Coletivo teve os seguintes achados:

- Escrever um texto coletivo é uma ousadia e um desafio inovador.
- O exercício de trabalhar em grupo é um processo educativo, uma vez que no texto se encontra a autoria dos alunos da classe.
- A aprendizagem coletiva exige a participação e a formação de pesquisadores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Considerar os relatos sobre as histórias e narrativas de formação, no sentido de aprender com a própria história se inserem nesse texto com o registro da experiência de usar a própria metodologia do professor, como forma de aprendizagem da profissão. Concordamos com Clementino (2007), quando afirma:

O trabalho, centrado nas histórias de vida, diários biográficos e narrativas de formação, adota, além da reflexividade, outros aspectos e questões relativas à subjetividade e à importância de se ouvir a voz do professor ou compreender o sentido da investigação-formação, centrada na abordagem experiencial, por partir da teoria da atividade do sujeito, que aprende a partir da sua própria história. (CLEMENTINO, 2007, p.03)

Dessa forma, a produção do texto coletivo nos proporcionou lições, tornando-a uma experiência capaz de mobilizar o grupo em torno do conhecimento da profissão do professor.

Alves (2007) contribuiu igualmente para a compreensão da elaboração do texto coletivo com o resgate de memória e de reflexão sobre a prática da formação de professores nos mostrando que essa postura pedagógica pode ensinar muito mais do que imaginamos. A troca de experiências abre a possibilidade de análise das práticas de sala de aula que podem ser reinventadas e reutilizadas no dia a dia da sala de aula. Para a autora:

Esses relatos, que têm permitido intensa troca de experiências entre os docentes, indicam, ainda, a possibilidade da análise *dos significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva* (Thomson, 1997, p.52), para quem deseja conhecer a referida história dos cotidianos escolares. (ALVES, 2007, p.69)

A autora nos lembra das histórias acontecidas no cotidiano escolar, que é um campo fértil para a reflexão e teorização das práticas.

Concordamos com os autores citados, para reiterarmos a validade da produção do texto pedagógico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dessa atividade está na valorização da produção coletiva em que professor e alunos buscam a construção do conhecimento, tendo a pesquisa como dimensão fundamental. Esta disciplina ministrada pela Profa. Maria Socorro Lucena Lima foi bastante enriquecedora, principalmente porque buscou a superação de possíveis diferenças para fazer a turma trabalhar em grupo em uma construção coletiva. A metodologia utilizada fez com que todos interagissem e trabalhassem pra que a atividade fosse concretizada e o pensamento coletivo fosse desenvolvido.

Esta disciplina ministrada pela Profa. Maria Socorro Lucena Lima foi bastante enriquecedora, principalmente porque buscou a superação de possíveis diferenças para fazer a turma trabalhar em grupo em uma construção coletiva. A metodologia utilizada fez com que todos interagissem e trabalhassem pra que a atividade fosse concretizada e o pensamento coletivo fosse desenvolvido.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In BRASIL. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro, MEC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Paulo Freire: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, A. L. S. de. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2008.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Contraponto, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida e práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar. In BRASIL. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: MEC, 2007.

TRIVINÕS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1997.

ESTÁGIO DOCENTE E ENSINO MÉDIO TEMPO INTEGRAL: REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS

Francisco Érick de Oliveira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), email: erick.oliveira2@outlook.com

Viviane Beserra Holanda

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), email: vivianeholanda24@hotmail.com

RESUMO

Neste relato de experiência, referente aos Estágios Supervisionados I e II da Licenciatura em Sociologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, buscamos registrar algumas reflexões acerca da transição para o Regime de Tempo Integral da E. E. M. T. I Padre Saraiva Leão, do Município de Redenção. Trazemos alguns posicionamentos docentes, discentes e da gestão sobre os estraves e potencialidades que tais mudanças podem proporcionar ao seu público que se encontra, majoritariamente, em vulnerabilidade social, diagnosticada através do perfil do Bolsa Família e com baixo índice de aprovação (critérios básicos para que a escola seja contemplada a integralização). Para tanto, dialogamos com as sociologias de Bourdieu e Passeron (2014), Nogueira (1990), Lahire (1997), Dayrell (2007) e Dubet (2008), a fim de refletir participação familiar, espaços de socialização juvenil e os aprendizados, proporcionados pelo estágio, em relação a necessidade de construir, cada vez mais, uma escola capaz de lutar pela igualdade de oportunidades.

Palavras-chave: Estágio docente. Escola Tempo Integral. Igualdade de oportunidades.

1. Introdução

Este trabalho busca apresentar experiências e reflexões decorrentes dos Estágios Supervisionados I e II do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, em 2017.2.³⁷

O campo de observação e pesquisa foi a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Padre Saraiva Leão, situada na Praça Joaquim Távora, no centro do município

³⁷ Ministrados, respectivamente, pelos professores Lucas Marcelo Tomaz de Sousa e Maria Alda de Sousa Alves.

de Redenção, no Ceará. A cidade está localizada na macrorregião do Maciço de Baturité. Desta forma, a escola está na 8ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE, que é uma das regionais de educação do Estado em ligação direta com a Secretaria de Educação Estadual. As visitas de observação e pesquisa à escola e seu entorno foram realizadas entre os meses de Março/2018 a Maio/2018, e buscaram levantar, analisar e problematizar aspectos da vida escolar em diálogo com teorias no campo da sociologia da educação, como as de Bourdieu e Passeron (2014), Nogueira (1990), Lahire (1997), Dayrell (2007) e Dubet (2008).

1.1 A escola, seu entorno, atores e espaços de socialização

A Escola de Ensino Médio Tempo Integral Padre Saraiva Leão situa-se no centro da cidade de Redenção – CE, rodeada pelo centro comercial da cidade, em frente à praça da Igreja Matriz. À esquerda está o Cartório de Segundo Ofício da Cidade e a agência bancária da Caixa Econômica Federal. À direita está a atual sede da Prefeitura Municipal de Redenção e a agência do Banco Bradesco.

De acordo com os dados levantados durante os Estágios Supervisionados I e II, a instituição possui 232 discentes, divididos/as entre 5 turmas (dois 1ºs anos, dois 2ºs anos e um 3º ano), 31 funcionários/as, entre professores/as, porteiro, merendeira, auxiliares de serviços gerais e núcleo gestor. Apenas 7 são efetivos/as. Todos/as os/as professores/as são titulados/as em suas respectivas áreas de atuação. Recentemente, a instituição passou pela implantação do regime de tempo integral, iniciado em 2016, com os 1ºs anos, concluindo o processo em 2018, tendo passado pelos 2ºs e 3º, o que logo mais trataremos em profundidade.

A arquitetura da escola se consolida em uma geografia circular, contendo 5 salas de aula (uma com ar-condicionado e quatro com ventiladores), 3 banheiros (incluindo banheiro com acessibilidade), sala estúdio de rádio e jornal³⁸, sala dos/as professores/as, sala da diretoria, laboratório de informática, laboratório de ciências (todas com ar-condicionado), cozinha, dispensa, pátio coberto, corredores, basicamente,

³⁸ Bastante utilizado nos intervalos, com pedidos de música, reproduzidas por uma caixa de som posicionada no pátio, na área externa do estúdio.

com mesas, bancos e cadeiras disponíveis aos/às discentes e público em geral e pátio descoberto no centro deste círculo de salas.

Notamos que, diferente das bibliotecas do Brunilo (Redenção), Maria do Carmo (Acarape) e Almir Pinto (Aracoiaba), visitadas em outras oportunidades, o acervo da biblioteca da Escola Saraiva Leão não possui obras de literatura infanto-juvenil recentes. Ou seja, basicamente toda literatura disponível a este público é de clássicos romances e poesias do século passado. Não encontramos obras mais contemporâneas, como as diversas sagas de filmes e séries de sucesso dessa geração. Segundo as professoras, a escola não dispõe de projetos de leitura, estando dependente da vontade de cada discente o acesso ao acervo.

2. O ensino médio em tempo integral: a gestão, os/as professores/as e as juventudes no ambiente escolar.

A implantação do regime tempo integral se deu a partir de políticas públicas do Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC, 2018). As primeiras 26 escolas de Ensino Médio Tempo Integral da rede pública estadual foram implantadas no ano de 2016 (incluindo a referida escola) no qual a Política de ensino médio em tempo integral no âmbito da rede estadual de ensino no Ceará é instituída pela Lei N.º 16.287, de 20.07.17 (D. O. 21.07.17) (BANCO ELETRÔNICO DE LEIS TEMÁTICAS, 2017)³⁹.

Para se chegar a este número de escolas, alguns critérios foram seguidos. Primeiramente, para se enquadrarem entre escolas elegíveis, as candidatas deveriam ter 50% ou mais dos discentes recebendo Bolsa Família. Já critérios de viabilidade foram elencados: menos de 60% de ocupação das vagas, implementação em municípios com pelo menos duas escolas estaduais. O número inicial foi escolhido obedecendo os seguintes critérios: uma escola por região (Crede/Sefor), condições de infraestrutura para iniciar em 2016, baixo índice de aprovação. Podemos dizer que, de acordo com estes critérios, as condições de infraestrutura da E. E. M. T. I. Padre Saraiva Leão ainda deixam muito a desejar. A deficiência de locais apropriados para socialização e

³⁹ Dados coletados no site oficial da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC.

recreação, a pouca quantidade de salas e a falta de estrutura destas, principalmente de ventilação adequada.

Em uma de nossas visitas à escola, determinado professor sentou-se onde estávamos, durante o intervalo, e iniciou um diálogo muito espontâneo. Falamos sobre seus anseios diante da política atual, da violência no Estado, das suas experiências escolares (dentro e fora do Estado) e sobre a transição para o regime integral. Ele considera que, na verdade, não passa de mais um problema a ser resolvido, pelo fato de que a escola reduziu as vagas para atender à metade da clientela. Se antes ela funcionava com 10 turmas, em 2 turnos, agora ela funciona com a metade disto. Para ele, isso não desafogou o currículo e não resolve, de fato, a questão destes/as discentes estarem na escola para “fugirem da criminalidade” caso estivessem, no outro horário, na rua ou em casa, por exemplo. A escola não recebeu nova estrutura, apesar da implantação do novo projeto; e para onde foram os/as discentes que não conseguiram se matricular nas vagas que antes estavam disponíveis e agora foram reduzidas?

O conceito de justiça escolar, trabalhado na perspectiva de Dubet (2008), parece-nos muito oportuno, pois questiona a universalização da escola, intensificada entre as décadas de 50 e 60 na França, e se intensificando nas décadas de 80 e 90 no Brasil com a construção e implementação da Constituição (Cidadã) Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), e o fortalecimento das noções de igualdade de oportunidades disseminadas por estes contextos. Dubet, referenciando-se por uma tradição visivelmente bourdieusiana (BOURDIEU; PASSERON, 2014), problematiza a concepção de igualdade de oportunidades percebendo que o processo de universalização do ensino escolar não resolvia as desigualdades anteriores à escola. Na verdade, a escola passou a ser interpretada como legitimadora da desigualdade de capitais econômicos e culturais entre as classes sociais e produtora de desigualdade própria de suas formas de socialização, que privilegiavam os herdeiros das camadas mais abastadas, bem socializados com os bens culturais

Após comentar sobre esta relação entre integralização do tempo e a possibilidade de retirar o/a discente da rua colocando-o/a na escola, o professor

comentou que a escola assume um papel que deveria ser dos pais. Eles/as estão aqui integralmente porque os pais não conseguem cumprir seus papéis de educadores em casa. Isso é um problemão, para ele, pois o professor acaba tendo que cumprir mais funções do que pode assumir. A relação família-escola tem sido o centro de ricos debates na Sociologia da Educação desde, pelo menos, as décadas de 50 e 70 do século XX, na França e na Inglaterra (SILVA, 1990). As teorias da Reprodução Social e Reprodução Cultural são exemplos oriundos deste debate.

Bourdieu e Passeron (2014), por exemplo, são expoentes nesta discussão, pois interpretaram este contexto de expansão da educação percebendo que os grupos que passaram a acessar a escola advinham de camadas sociais diferentes das que a escola estava habituada a receber. Ou melhor, na verdade, estas camadas mais privilegiadas eram as que estavam habituadas a transitarem no campo escolar, pois possuíam capital cultural para vivenciar a lógica escolar (além de construí-la) e compreender seus processos.

Nas décadas de 80 e 90, como afirma Nogueira (1990), outros autores surgiram e propuseram outras ferramentas de análise. Lahire (1997), por exemplo, ainda vinculado à abordagem bourdiesiana, reflete que o discurso de ausência dos pais na escola é uma criação dos professores, pois estes estão atrelados a uma lógica institucional que não reconhece outros tipos de presença escolar construídos nas classes populares. A ausência dos pais no cotidiano escolar não significa, para ele, uma completa ausência familiar, pois estas famílias assumem outras maneiras de incentivo e acompanhamento da educação escolar dos filhos que não necessariamente se manifesta fisicamente, mas pela transferência de disposições sociais outras.

Em conclusão sucinta a este ponto, nos questionamos: a) qual é, afinal, a forma que os/as docentes (visto que este é, segundo a literatura, um discurso docente recorrente, não apenas deste professor específico) consideram como sendo presença familiar? b) como ela influi, efetivamente, para a resolução dos problemas escolares? e c) por que as mães, as quais observamos sempre transitando pela escola (e estamos problematizando, efetivamente, a questão de unilateralidade de gênero) são as únicas que ainda assumem este papel de “acompanhamento” da prole?

A partir de uma conversa em grupo realizada na escola, que contou com a participação do representante do grêmio estudantil, da diretora, dos/das estagiários/as da disciplina de estágio supervisionado II e da professora orientadora, pudemos coletar as percepções da diretora quanto à experiência do tempo integral e compreendemos que, para esta, diferente do docente que citamos acima, o novo regime gera boas expectativas atuais e de futuro. Ela nos contou que um dos principais desafios do regime se dá pelo fato de a escola não ter recebido nenhuma adequação estrutural em seu prédio. Desta forma, os/as docentes devem adequar o currículo com o que a escola pode oferecer em estrutura física, visto que o prédio possui uma estrutura centenária, não oferecendo muita comodidade aos/às discentes.

O representante do grêmio estudantil nos pareceu tímido durante toda a conversa, que teve em torno de 40min de duração. Por isso, de todas as perguntas direcionadas a ele, apenas uma foi, de fato, respondida. Questionamos-lhe sobre as mudanças que o grêmio trouxe para seu desenvolvimento acadêmico e político na escola. Ele considerou que o grêmio o fez perder bastante a timidez. Em seu primeiro ano, no ensino médio, andava de cabeça baixa e não conseguia tirar dúvidas em sala com os professores. Porém, após assumir a presidência do grêmio estudantil, passou a ter mais desenvoltura e postura em conversas em público, visto que precisa ser a voz e o canal de diálogo entre estudantes, professores/as e a gestão escolar. O discente teceu diversos elogios aos espaços de participação abertos na escola, entre todas as categorias e diante das tomadas de decisão.

A escola, principalmente a escola em tempo integral, é o espaço de maior socialização entre os jovens, visto que grande parte do seu dia será vivido neste espaço, em meio a construção de conhecimento. Segundo Dayrell (2007), as diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, passando a ter seus próprios sentidos, transformando-se, desta forma, em Lugar (destaque de substantivo próprio feito pelo autor), o “espaço do fluir da vida”, do vivido, tornando-se o suporte e a mediação das relações sociais. Com isto, os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, através da produção de estruturas particulares de significados.

Dayrell (2007) ressalta, ainda, que se essa é uma realidade comum à juventude, no caso dos jovens pobres, os desafios são ainda maiores, visto que contam com menos recursos e margens de escolhas, imersos que estão em constrangimentos estruturais. Compreendendo que a Escola Padre Saraiva Leão possuía (de acordo com a SEDUC, em 2016) em torno de 50% ou mais dos alunos recebendo Bolsa Família, é certo que o perfil da maioria destes/as discentes se encaixe no que reflete o autor.

3. Percepções Finais

Nossa experiência discente nos Estágios Supervisionados I e II nos permitiu um registro de observação e descrição do cotidiano escolar e de seus atores, desde a entrada na escola, quanto nos intervalos e na saída. Observamos que, diferente de algumas escolas, é permitido o uso de bonés e de celulares pelos jovens. Outro aspecto observado foi da permissão para namoro entre discentes, tanto no pátio quanto na biblioteca e nas salas de aula.

Percebemos que grande parte dos discentes da escola são residentes nas localidades serranas da cidade, com isto a grande maioria utiliza ônibus escolar para chegar até escola, no qual, na maioria dos casos, enfrentam longos percursos em estradas não asfaltadas. Como já mencionado, a escola está situada em frente à principal praça da cidade, estando envolta também pela dinâmica comercial: supermercados, bancos, cartórios, feira livre, lanchonetes e lojas de serviços em geral.

Nos intervalos, o portão que divide o saguão de entrada do pátio principal é fechado. Acreditamos que com o objetivo de evitar que os/as discentes fiquem no portão principal que mede apenas, aproximadamente, 1,70m. Ao refletir sobre os usos dos espaços públicos pelos/as discentes, observamos que estes/as utilizam o Ginásio Poliesportivo José Neves de Castro, situado em frente à escola, na Praça Joaquim Távora, para atividades ligadas à educação física. No mais, vimos que a praça em si é o local mais utilizado por eles e elas a cada início e término das aulas.

A experiência vivenciada nos estágios I e II se apresentou como momento essencial para nossa formação docente, através do olhar atento que direcionamos ao nosso futuro campo de trabalho. Construimos pontes entre as teorias sociológicas e a

nossa observação, podendo, assim, estranhar e desnaturalizar aquilo que se apresentou visível e, principalmente, as estrelinhas. As relações desencadeadas na escola não estão desvinculadas das realidades externas a ela. Logo, apesar dos ideais de Estado, a instituição e seu grupo profissional precisam trabalhar em constante atenção à demanda do seu público. Retomando Dubet (2008), para que se construa, cada vez mais, uma escola capaz de lutar pela igualdade de oportunidades concreta, não poderíamos partir de princípios e bases administrativas abstratas, mas profundamente vinculadas à realidade, em seus limites e potencialidades.

4. Referências Bibliográficas

BANCO ELETRÔNICO DE LEIS TEMÁTICAS. **Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**. Disponível em: < <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/5883-lei-n-16-287-de-20-07-17-d-o-21017>>. Acessado em: 30 mai. 2018.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL, Leis, etc. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional e legislação complementar**. 6. Ed. São Paulo: EDIPRO, 2013a.

_____. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

DAYRELL, JUAREZ. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** a escola das oportunidades. Tradução Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008a.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação do final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em aberto**. Brasília, ano 9. n.º. 46, abr. jun. 1990.

SILVA, T. T. A Sociologia da Educação entre o funcionalismo e o pós-modernismo: os temas e os problemas de uma tradição. **Em Aberto**. Brasília, ano 9. n.º. 46, abr. jun. 1990.

O COTIDIANO DAS ESCOLAS DE EJA EM FLORIANO/PI: RELATO DE PESQUISA

Jeferson Gomes de Souza, UFPI
jefersongomessousa@hotmail.com⁴⁰

Patrícia Novais dos Santos, UFPI
patricianovaes1212@gmail.com⁴¹

Barbiton Torres, UFPI
bar_biton@outlook.com⁴²

RESUMO

O objetivo deste relato de experiência é apresentar uma pesquisa de observação realizadas em quatro escolas que atendem as séries iniciais de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Floriano/Piauí. As perguntas norteadoras desta investigação foram: Qual é o cotidiano das escolas de EJA de Floriano? Como são as relações estabelecidas no interior das escolas? O que querem os atores sociais presentes nas escolas? A abordagem utilizada é a qualitativa, tendo como metodologia a pesquisas de campo e técnica de coleta de dados a observação do cotidiano escolar. No percurso de pesquisa entendemos um pouco do cotidiano das escolas, que temos como grande desafio para elaboração do curso de formação docente propormos metodologias de ensino que possam melhorar o ensino e a aprendizagem nas salas multiseriadas.

Introdução

O relato de experiência que se apresenta objetiva apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa de observação realizada em quatro escolas municipais que atendem a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade Floriano,

⁴⁰ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, bolsista do Projeto de Extensão “Curso de formação de professores(as) e práticas pedagógicas na perspectiva Freireana para adolescentes, jovens, adultos e idosos do município de Floriano/Piauí” Financiado pela Pró Reitoria de Extensão da UFPI

⁴¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, bolsista do Projeto de Extensão “Curso de formação de professores(as) e práticas pedagógicas na perspectiva Freireana para adolescentes, jovens, adultos e idosos do município de Floriano/Piauí” Financiado pela Pró Reitoria de Extensão

⁴² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, bolsista do Projeto de Extensão “Curso de formação de professores(as) e práticas pedagógicas na perspectiva Freireana para adolescentes, jovens, adultos e idosos do município de Floriano/Piauí” Financiado pela Pró Reitoria de Extensão.

localizada no Estado do Piauí, entre os dias 11 e 19 de abril de 2018. Esta pesquisa nas escolas é parte de um projeto de extensão intitulado: “*Curso de formação de professores (as) e práticas pedagógicas na perspectiva Freireana para adolescentes, jovens, adultos e idosos do município de Floriano/Piauí*”, este curso é resultado de uma parceria entre a Universidade Federal do Piauí, campus Amílcar Ferreira Sobral, com a Secretaria Municipal de Educação de Floriano⁴³.

Nosso projeto de extensão tem como perspectiva teórica e metodológica o autor Paulo Freire. Partindo deste campo teórico e metodológico não poderíamos levar para os professores um curso pronto, sem a consulta de toda a comunidade escolar. O projeto tem duração de 12 meses, o primeiro momento é dedicado a pesquisa, visitas as escolas e comunidades, realizando conversar e observações para uma melhor apreensão da cultura dos alunos, em outro momento visitamos as escolas, conversamos com alunos, professores, gestores e técnicos administrativos.

As visitas nas escolas seguiram o indicado no livro de Brandão intitulado “Método Paulo Freire:

Esse primeiro passo da pesquisa é feito com caderno de campo na mão, olhos e ouvidos atentos, gravador em punho. “Não há questionários e roteiros predeterminados para a pesquisa. Se houvesse, eles seriam como uma cartilha. Trariam pronto o ponto de vista dos pesquisadores”. (BRANDAO, 1981, p.25)

Iniciamos as visitas após um longo período estudando a obra de Paulo Freire, fomos para as escolas objetivando conhecer alunos, professores, equipe técnica e comunidade, não levamos perguntas prontas, a partir do que observávamos íamos conversando, estabelecendo um diálogo, tanto que fazemos questão do uso da palavra conversa e não entrevista. Em Floriano, apenas 4 escolas da zona urbana possuem turmas na modalidade de EJA nas séries iniciais do Ensino Fundamental, são elas: Escola Municipal Antonieta Castro, Escola Municipal José Francisco Dutra, Escola Municipal Marcos Dos Santos Parente e Escola Municipal Raimundo Neiva.

⁴³ O curso possui coordenação geral da Professora Dra. Andréia Martins e vice coordenação da Professora Dra. Carla Andréia Silva, ambas docentes do curso de Pedagogia. É um projeto de extensão financiado pela Pró-reitoria de extensão da UFPI.

Apresentaremos as a pesquisa de observação realizadas nas referidas instituições escolares.

Escola Municipal Antonieta Castro

A escola fica localizada na Rua Alberto Drummond S/N, Bairro Curador, Floriano-PI, funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. No período noturno possui turmas do primeiro ao nono ano, com 60 alunos matriculados. Foram realizadas duas visitas, nos dias 11 e 18 de abril de 2018, no período noturno.

Ao chegarmos na escola procuramos a direção com um ofício em mãos, apresentamos o projeto, seus objetivos e a relevância do mesmo, a diretora se mostrou receptiva, nos contou sobre as dificuldades enfrentadas pela instituição, um dos principais problemas relatados, segundo a diretora era a falta de segurança na escola e a evasão dos alunos. A escola funciona no período noturno com 04 turmas, sendo 04 professores, 01 vigilante, 01 serviços gerais.

Após conversarmos com a diretora, fomos encaminhados para acompanharmos uma aula de Português em uma turma multiseriada de 1ª e 2ª etapa, o equivalente ao primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Com 16 alunos matriculados, as idades variam entre 38 a 62 anos. Compareceram nesta aula 06 alunos, nos foi informado que frequentam regulamente 10 alunos.

A aula de português foi ministrada por uma professora formada em pedagogia, ela já havia lecionado na EJA em outras turmas de formato multiseriada, mas com alfabetização de adultos era o primeiro ano. A docente relatou que tinha dificuldades relacionadas aos métodos para trabalhar com adultos, por conta da variação de idade e níveis de conhecimentos dos alunos. O material didático adotado segundo a mesma não favorecia o processo de aprendizagem, buscando solucionar essa questão ela propôs a elaboração de uma apostila, o custeio deveria ser feito pelos alunos, diante disso, não foi possível a confecção das apostilas, pois os alunos alegaram que não possuíam recursos. Outro ponto levantado pela professora é falta de recursos para a EJA como impressões,

cartolina e etc. Por muitas vezes ela pagou impressões, comprou material, mas a professora falou que não “compensa” fazer esses gastos.

Em continuidade a aula, a professora dividiu o quadro em 02 partes, a primeira para os alunos da 1ª etapa (03 presentes) onde foi escrito uma questão em que os alunos deveriam escrever o antecessor e sucessor de cada letra do alfabeto. Para 2ª etapa (03 presentes) deveriam completar as palavras com os seus respectivos encontros vocálicos. Os alunos deveriam copiar a atividade no caderno e responder, na sequência um aluno de cada etapa foi convidado para responder no quadro. Durante a transcrição da atividade os alunos, especialmente os da 1ª etapa apresentaram dificuldades de reconhecer as letras tanto do enunciado como as das questões. Dois alunos da 2ª etapa sentiram dificuldades para responder à questão, tiveram dificuldades de reconhecer as letras mesmos através do som das palavras, a professora falou as palavras devagar algumas vezes para que eles pudessem compreender.

Após a primeira fase de atividade, a professora escreveu uma nova questão para na 1ª etapa, nestas os discentes deveriam completar as palavras, mais uma vez os alunos sentiram dificuldades de reconhecer algumas letras no quadro e de reconhecer o som das letras nas sílabas. Para a 2ª etapa a etapa solicitava que os alunos classificassem as palavras entre hiato, ditongo e tritongo. Houve dificuldade por parte de alguns de reconhecer os sons das letras.

Escola Municipal José Francisco Dutra

A Escola Municipal José Francisco Dutra fica localizada na Rua João Chico S/N, bairro Manguinha, Floriano-PI. A instituição funciona no período diurno e noturno, a noite oferta aulas para a modalidade de EJA, de 1ª a 5ª Etapa com 3 turmas. Atualmente a escola possui 70 alunos matriculados, com idades entre 16 a 76 anos. Os funcionários que atuam na EJA são: 01 Diretora, 08 Professores, 02 Vigias, 01 Zeladora, 02 Coordenadoras que atendem toda a rede municipal. As aulas tem início as 19:30hs e finaliza as 21:30hs. Duas visitas foram realizadas nos dias 12 e 18 de abril de 2018 no período noturno.

Nestas escolas marcamos uma conversa com a professora da alfabetização logo após a aula, mas infelizmente não conseguimos, pois a mesma teve que participar de uma reunião.

Escola Municipal Marcos dos Santos Parente

A Escola Municipal Marcos dos Santos Parente fica localizada na BR. 343, S/N, no Bairro Meladão na cidade de Floriano, Piauí. A instituição funciona nos três turnos, a noite há 35 alunos matriculados, com idade entre 16 a 40 anos, divididos em 03 turmas multiseriadas que atendem o ensino fundamental completo. O quadro de funcionários do período noturno é composto por 01 diretor, 07 professores, 01 cuidador, 01 serviços gerais e 01 vigilante. A aula acontece das 19:00 às 21:50. Foram realizadas duas visitas nos dias 12 e 19 de abril de 2018 no período noturno.

Em conversa com alguns alunos sobre as suas expectativas e dificuldades na EJA, eles afirmaram que tem dificuldade de aprender, um dos alunos disse que não consegue aprender já tinha tentado algumas vezes mais era difícil, porque não tinha tempo de estudar em casa, pois trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo para revisar os assuntos. Eles acreditam que precisam de aulas diferentes para aprender

Um professor da 5ª etapa expôs as suas dificuldades, ele contou que trabalha os 03 turnos e assim como os alunos chega muito cansado para dar aula à noite. Afirmou que não faz plano de aula, a mesma aula que ele ministra no período regular ele faz na EJA, ele faz apenas adaptações de acordo com os níveis de aprendizagem. Além da Escola Marcos Parente o docente atua em outras escolas da EJA. O professor acredita que a evasão dos alunos se dá por falta de interesse por parte dos alunos e outros por trabalharem durante o dia e estarem muito cansados à noite.

No segundo dia de visita foi possível conversar com a professora de Português da sala de alfabetização que é multiseriada composta pela 1ª, 2ª e 3ª etapas, onde estudam 10 alunos: 04 da 1ª etapa; 04 da 2ª etapa; 02 da 3ª etapa. Nesta turma possui 02 alunos com necessidades específicas, sendo 01 autista e uma com dificuldades motoras, que são acompanhadas por uma cuidadora.

A docente da turma de alfabetização é graduada em Pedagogia, iniciou em aulas de alfabetização este ano, antes ministrava aula de História também na EJA. Ela esclareceu que a maior dificuldade de alfabetizar é por que a turma tem uma grande variação, tem alguns alunos que tem noções básicas pelo fato de já ter estudado antes e no momento voltaram a estudar para conseguir a certificação e outros que apresentam algumas dificuldades cada aluno possui necessidades específicas. Estas diferenças segundo ela é o que mais dificulta o seu trabalho como professor.

Após o intervalo os alunos foram convidados para participar de uma socialização sobre o dia do Índio, uma professora preparou alimentos típicos da cultura indígena, levou algumas peças de artesanato e expôs no quadro textos sobre a vida dos indígenas, chamou os alunos para lerem na frente os textos. Mas ninguém se dispôs, após esse momento ela distribuiu um texto com uma música sobre o índio, os alunos puderam acompanhar a música que estava tocando e cantar, logo em seguida foram feitas algumas perguntas de interpretação sobre a música, e os alunos participaram.

Escola Municipal Raimundo Neiva

A Escola Municipal Raimundo Neiva fica localizada na Rua Manuel Pereira S/N, Conjunto Pedro Simplício, Floriano-PI. Funcionando em todos no turnos, a noite atende a Educação de Jovens e Adultos, do primeiro ao nono ano, possui 3 turmas multiseriadas 20 alunos matriculados. Na alfabetização são 12 alunos matriculados, com idade entre 17 e 70 anos. O quadro de funcionários no turno da noite é composto por: 01 Diretora, 02 Vigias, 06 Professores, 02 Coordenadoras. As aulas iniciam das 19:30hs e terminam as 21:30hs. As observações foram feitas em dois dias respectivamente 11 e 19 de abril de 2018 no turno da noite.

No primeiro dia de observação nos apresentamos a instituição. o gestor se mostrou solícito e nos relatou uma realidade preocupante com a EJA, pois a evasão nesta escola chega a 50%.

A aula que participamos era uma revisão de conteúdo de História, que tratava da escravidão no Brasil, o professor inicia aula escrevendo o calendário de provas, em seguida entregou um pequeno texto sobre o assunto, e pediu para que os alunos

fizessem uma leitura para todos, com isto percebemos que na sala havia aluno que sabia ler e outros que não, notamos que alguns alunos tinham dificuldade de visão, e tentavam adivinhar as palavras durante a leitura.

Participando da aula, percebemos que a relação do professor com os alunos era harmoniosa, estavam presentes 6 alunos e depois chegou outra aluna. O professor se mostrou preocupado com os alunos que faltaram e pediu que os demais levassem a atividade que ele passou, após a leitura da turma o professor leu o texto, pedindo que os alunos interpretassem o texto.

A atividade que o professor passou para a turma foi escrita no quadro, notamos que alguns alunos tinham dificuldade de escrever, após a aula conversamos com uma aluna, que relatou que gosta da escola, e não estudava há 14 anos, mas a sua expectativa era de prosseguir seus estudos, apesar de ter uma vida corrida, mãe solteira tendo que sustentar seus 3 filhos.

Considerações Finais

No período das visitas podemos entender muito sobre os alunos e os professores, tivemos a oportunidade de conversarmos com a equipe técnica e os gestores, foi nos apresentado problemáticas das escolas, como os materiais didáticos que os professores não consideram adequados aos alunos, as salas de aula com espaços muitas vezes desadequados aos alunos adultos, com carteiras muito pequenas, e o ambiente alfabetizador infantilizado.

Os alunos demonstram dificuldades de aprendizagem, falam sobre o cansaço do dia inteiro de trabalho, mas possuem vontade de aprender e entendem que a escola é muito importante para que eles tenham uma melhor inserção no mundo do trabalho. Mesmo vendo as dificuldades dos professores e sentindo falta de metodologias mais adequadas ao universo adulto, eles reconhecem o esforço dos docentes e elogiam seu trabalho.

Os ambientes das escolas são alegres e as relações boas no geral. As turmas multiseriadas trazem grande dificuldades para os professores. Percebemos também muitos alunos de inclusão nas salas de aula de EJA. Para elaborarmos o curso de

formação de professores que é nosso objetivo final, entendemos que temos grandes desafios, e o desenvolvimento de metodologias para melhorar o ensino nas salas de aulas multiseriadas será talvez o maior deles, porque muitas vezes tem na mesma aula tem alunos do primeiro e segundo segmento do ensino fundamental.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é o método Paulo Freire. São Paulo. Ed. Brasiliense.1981.

EDUCADOR FÍSICO E SUAS AÇÕES JUNTO AO ESPORTE EDUCACIONAL

Ana Paula Maia Pereira Rocha
Professora de Educação Básica
paulaeduc.fisca@gmail.com
Francisca Negreiros Carneiro
Professora de Educação Básica
francarneiro1910@hotmail.com
Antônio Wellington Alves
Graduação em Língua Portuguesa
Wellington.chorozinho@hotmail.com

RESUMO

O artigo mostra relatos de professores que transcrevem fatos ocorridos na escola resultando positivamente na comunidade através de um programa desenvolvido. A pesquisa foi realizada por amostragem com a participação da comunidade escolar. A metodologia utilizada foi exploratória e qualitativa, levantando questionamentos de como políticas educacionais podem ser importantes para mudanças de hábitos, condutas e comportamentos, que junto a escola colabore com a formação de cidadãos, impactando dentro da comunidade. Espera-se ter contribuído para futuras políticas educacionais voltadas ao esporte, seja elas governamentais ou não, amenizando o sofrimento das classes desfavorecidas e que dependem de pouca assistência para transformações. Contudo, a Educação também tem uma forte influência no combate as mazelas sociais, com a parceria do esporte educacional e professores.

Palavras-Chave: Esporte Educacional. Formação Humana. Inclusão Social.

INTRODUÇÃO

A escola é a base da Educação, juntamente com a família. Pelo menos deveriam ser, porém, a educação brasileira encontra-se cada vez mais fragilizada, em extrema situação de miséria. E que tem hoje em seu contexto: desmotivação dos profissionais que se dizem cansados de tantas exigências sem o reconhecimento, a violência dentro da comunidade escolar em geral (os jovens que hoje cada vez mais cedo se envolvem com a criminalidade), muitos nem se quer concluem seus estudos, a ociosidade, a falta de oportunidade, o abandono e a falta de assistência familiar, expõem crianças e jovens aos riscos inerentes a criminalidade tornando-os reféns de um caminho sem volta; Estes dentre tantos outros fatores, são problemas oriundos da ausência de políticas públicas, principalmente na área do esporte e educação .

Os dados que foram coletados para a instalação do PST, na época trouxeram informações que o bairro de P. B. não havia assistência (posto de saúde, policiamento, esporte e lazer), onde as crianças e adolescentes viviam na ociosidade, e desmotivados.

O projeto a princípio trouxe curiosidade a toda comunidade escolar, porém tivemos certas dificuldades em relação aos profissionais, que viram seu ambiente tranquilo de sala de aula se tornar em uma local onde passou ser necessário mais trabalho e dinamismo para resgatar a atenção dos alunos de sala na hora das atividades do PST, já que a quadra era próxima as salas.

Foi então que atrelamos às notas e comportamentos a participação do projeto, incentivando o aluno e cativando o professor, as merendeiras da escola viram como mais trabalho já que seriam ofertados lanches para os participantes. Foi criado um cronograma diferenciado, o qual não os atrapalhava, obtendo assim um afeiçoamento por parte dos mesmos. Em relação a fechar o número de vagas ofertadas no cadastro que era de 200 alunos, havia muitas dúvidas, principalmente por conta que alguns pais tinham uma visão distorcida do PST, até mesmo por ser uma realidade a qual nunca tinham vivenciado, alguns viam como um berçário no contra turno da escolar, outros já viram com negatividade, tinham uma ideia de que seus filhos só iam brincar de bola, na visão deles não contribuía em coisa alguma e que só atrapalharia, pois os filhos ajudavam na roça, em casa nos afazeres domésticos e cuidando dos irmãos menores ou simplesmente não lhes era dado o direito de diversão, outro fator negativo para eles era não poderem mais dormir até altas horas da manhã para suprir a ressaca da noitada anterior, pois tinham que trazer as crianças para o PST.

Foi preciso um trabalho de conscientização praticamente um a um, que foi modificando essa realidade, algumas ações foram importantes para que tudo surtisse efeito. Regra de convivência, premiações em forma de cestas básicas, brindes, passeios, serviços sociais ofertados e etc.. Para alcançar esses objetivos os parceiros foram de suma importância. A proporção em que foram desenvolvendo as atividades os pais de

filhos participantes começaram a fazer comentários positivos, desse modo passamos a obter mais respeito e valorização. Tendo como resultado uma vasta lista de espera.

O projeto tinha como objetivo proporcionar aprendizado esportivo que vinhesse a contemplar nos três eixos: comportamental, atitudinal e procedimental. Sendo que este deve oportuniza-se a seus participantes a inclusão social.

Nossas indagações são provenientes de observações junto a comunidade acerca de mudanças positivas no período em que o programa de esporte educacional (PST) esteve em vigência e a importância para as comunidades desassistida politicamente. Por isso fez necessário comparar o nível de satisfação, bem estar e mudança de conduta entre alunos praticantes de esporte educacional. Além disso valorizar o trabalho do educador físico e sua equipe após a aplicabilidade das ações pedagógicas e os efeitos alcançados.

EDUCAÇÃO FÍSICA

As atividades esportivas estão em alta e a cada dia isso se expande mundo a fora. A educação física tem papel importante, para tanto ela foi se moldando de acordo com o contexto histórico, e as necessidades ao longo do tempo. Hoje tem conceito multidimensional que abrange todas as concepções desenvolvidas pelo educador físico, contrapondo-se ao modelo mecanicista, esportivista e tradicional.

De acordo com a LDB 9.394/96

A educação física possui as seguintes finalidades específicas: consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental; possibilitar o prosseguimento dos estudos; preparar para o trabalho e cidadania desenvolver habilidades como continuar a aprender, capacidade de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento; aprimorar o educando como ser humano, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática.

POLITICAS PUBLICAS NO BRASIL

Por volta da metade do século XX, a área da política pública vem se consolidando com um corpo teórico próprio e um instrumental analítico voltado para a compreensão de fenômenos de natureza político-administrativa.

Não existe ainda consenso na literatura sobre o conceito ou definição de Políticas Públicas, por este ser ainda um campo recente da ciência política. Em geral, entende-se Políticas Públicas como instrumento ou conjunto de ação dos Governos (SOUZA, 2006), uma ação elaborada no sentido de enfrentar um problema público (SECCHI, 2012) ou um “[...] conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos” (RUA, 1998, p. 731).

Diante das pesquisas no campo de conhecimento científico, podemos entender a Política Pública como a análise dessas ações governamentais (e não governamentais) enquanto ações, objetivos, estratégias de ação para a produção de resultados, que contemplem um grupo específico ou simplesmente para reorganizar estratégias dentro de administrações públicas, e estas devem ser construídas com a participação social.

A participação social é considerada importante elemento de gestão e componente fundamental para a elaboração das políticas públicas. As propostas do programa de governo são [ou devem ser] construídas a partir das demandas e necessidades da sociedade. Essas, na medida do possível, são incorporadas às políticas públicas (LAMBERTUCCI, 2009, p. 74).

ESPORTE EDUCACIONAL

O esporte educacional requer ensinar o esporte para todos, respeitando a diversidade de gênero, biótipo, raça, etnia, considerando a diversidade para desenvolver as habilidades e as táticas esportivas dos alunos, para além das aptidões esportivas, estimulando o desenvolvimento de competências para a inserção social, que implica no desenvolvimento da capacidade de leitura crítica do mundo. Sem desmerecer esporte de rendimento.

No Brasil, as três dimensões sociais do esporte são legalmente definidas da seguinte forma:

Dimensão do esporte educacional: voltando para a formação integral do ser humano, sendo a prática esportiva não uma ferramenta, mas sim um fator de desenvolvimento global que promova uma leitura crítica do mundo em que o sujeito está inserido (lei nº 9.615/1998 - Lei Péle).

METODOLOGIA

A investigação deste artigo tem como enfoque investigar de que modo o esporte educacional, alcança e intervém na formação do aluno, bem como apresentar fatos ocorridos na escola, resultando, positivamente na comunidade através de um programa desenvolvido. Este tem como abordagem: exploratória e qualitativa. Onde o mesmo, obteve uma amostragem; com algumas pessoas da comunidade escolar por intermédio de entrevistas, com recursos audiovisuais (vídeos, fotos) e de questionários. Para tanto, o questionário foi constituído de duas perguntas de cunho aberto: Nome e Filiação; e seis fechadas: Que nos apresentasse o perfil dos participantes e como viam a importância do Programa Educacional (PST); no desenvolvimento e aprendizagem de seu filho e como as oportunidades ofertadas aos participantes foram importantes para a formação integral deles.

. O público utilizado para investigação foi a comunidade escolar, localizada no bairro Buriti, município de Pacajus, região metropolitana de Fortaleza - Ce. Participou da pesquisa: professores, pais e alunos onde os docentes possuem formação em Pedagogia e uma em Educação Física.

Durante a realização do questionário os mesmos responderam livremente, ou seja, da forma que o desejaram. Logo após realizou-se o estudo das perguntas e das respostas dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de idades dos entrevistados variaram entre 13 á 75 anos. Todos moradores da comunidade onde a escola estava instalada. Foi unanime as respostas, em relação a importância do programa para a comunidade; disseram que foi um período muito bom para todos, onde os participantes puderam vivenciar atividades lúdicas e

esportivas com acompanhamento e formativas. Na visão deles, uma das maiores mudanças foram principalmente no que se refere ao comportamento em casa, respeito e colaboração nas tarefas domésticas, passando mais tempo em casa e não nas ruas.

Quanto a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que participavam do PST; A diretora citou que as atividades de acompanhamento pedagógico, as esportivas educacionais transformaram a vida daquelas crianças, que passaram a demonstrar felicidade em ser no dia a dia da escola um sujeito. O interesse da coordenadora do programa em acompanhar juntamente o núcleo gestor, a parte pedagógica escolar de cada aluno participante e seu desempenho na aprendizagem. Logo todos observaram que mesmo os alunos com dificuldades de aprendizado obtiveram uma melhoria significativa em suas avaliações. Um outro ponto positivo, foi a infrequência e evasão escolar obteve um percentual baixo; na reunião de pais os mesmos relataram o incentivo dos professores afrente do programa quanto ao interesse pelas atividades escolar em sala, e atribuíram as boas notas ao resultado conjunto do programa e escola.

Os professores ressaltaram que a leitura passou a fazer parte do contexto diário deles, sendo que os mesmos passaram a demonstrar mais interesse nas tarefas de casa, melhor desempenho participativo no decorrer das explicações. Essa prática resultou em um comportamento desejado levando a comunidade a mudanças no estilo de qualidade de vida dos participantes. Desse modo, passaram a reunir-se mais para brincar, e buscar o esporte como atividade física que resultou em mudança nos hábitos alimentares em casa. E os professores atribuíram um pouco da melhoria na cognição também a uma melhor alimentação (lanche ofertado no PST. Outro fator foi a parceria realizada entre comunidade escolar e as famílias.

CONCLUSÕES

Para uma criança se desenvolver, ela precisa entender a importância de várias coisas ao seu redor: cooperação, respeito as diferenças, saber usar o raciocínio lógico, organiza-se na sociedade, dentre tantas outras aquisições. De fato a escola tem falhado nessa missão, pois tem se tornado muito conteudista e quantitativa.

A pesquisa traz para nós o quanto um programa ou projeto de esporte educacional com a colaboração de um Educador Físico pode obter impacto positivo na escola, na vida dos participantes e em toda comunidade escolar se bem orientado, essa criança compreende e aceita o meio onde vive e respeita a todos, constrói-se uma base de responsabilidade social e o desejo de uma melhor qualidade de vida, dentro desse contexto.

E que se faz necessário a implantação de novas políticas públicas voltadas para o esporte educacional tendo em vistas os resultados mencionados nos relatos citados no decorrer desse artigo que serve de comprovação para futuros estudos sobre o assunto. Sem falar na expectativa da comunidade que anseia o retorno de outros programas de esportes educacionais, e relatam ainda que aos poucos os problemas que existiam tem voltado a comunidade. Finalizamos enaltecendo os profissionais engajados no PST (educador físico e pedagogo) no período de 2008 a 2013. Período este em que o país investiu fortemente em políticas públicas com esse formato de esporte e educação, colaborando na inclusão, formação humana e futuro do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática / Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Gianna Lepre Perim (organizadores) -- Maringá : Eduem, 2009. 301 p. : il. (algumas color.).

ALVES, V. F. N. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, C. L. G. Lazer, recreação e educação física. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRACHT, V. Educação Física: Conhecimento e Especificidade. In: SOUZA, E.S., VAGO, T. M. (Org.). Trilhas e Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. Pensar a Prática, v.11, n. 1, p. 9-16, 2008.

<http://www.educacaofisica.com.br/escolas/desporto/esporte-educacional-e-meio-para-a-formacao-integral-da-cidadania/><http://www.scielo.br/pdf/rbce/v32n1/v32n1a09.pdf>

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Claudiane Coêlho do Nascimento
Universidade Regional do Cariri – URCA
claudianecoelhonascimento@hotmail.com

RESUMO

A arte é uma maneira de expressar nossos sentimentos, emoções, vivências, histórias, etc. Ela ajuda na construção e desenvolvimento do indivíduo, daí a importância de estar presente na vida da criança desde cedo, ou seja, na educação infantil. Ao longo desta pesquisa será discutido com mais profundidade o assunto em questão. Este trabalho tem o objetivo de buscar compreender a importância da Arte na vida da criança, e quais os avanços e dificuldades estão sendo enfrentados a cerca da realidade de hoje, fazer comparações de como aconteciam as aulas de arte antes e agora. Os materiais utilizados foram somente a professora, dois alunos, uma ficha com perguntas a fim de serem questionadas a professora e os alunos, gravador, papel e caneta. Logo de início pude ver que a escola era bem pequena, as cadeiras um pouco acabadas, mas fui bem recebida pela professora que respondeu todas as perguntas, os alunos também me receberam com uma música, e assim a pesquisa pode me proporcionar uma experiência nova de ver na realidade como as escolas pobres sofrem por falta de recursos, e acaba interferindo na aprendizagem da criança, como muitas crianças tem a necessidade de conhecer mais sobre arte, aprender na prática, e não podem por falta de materiais. A pesquisa teve um imenso valor pois foi possível ver a importância da Arte e sua contribuição na vida do indivíduo, e que desde o nascimento ela deve estar presente contribuindo para sua formação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Desenvolvimento. Aprendizagem

ENSINO DE ARTE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Desde os primórdios o ser humano se expressava através da arte, com rabiscos e desenhos estampados nas cavernas, e hoje é possível ter acesso a essas histórias e vivências desses povos, desta forma a arte vem fazendo parte da nossa vida desde sempre, e desde os primórdios já contribuía para formação do indivíduo assim como diz Paraná (2008, p.56):

A arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social; percebe-se e se interroga, é levado a interpretar o mundo e a si mesmo. A Arte ensina a desaprender os princípios das obviedades atribuídas aos objetos e às coisas, é desafiadora, expõe contradições, emoções e os sentidos de suas construções. Por isso, o ensino da Arte deve interferir e expandir os sentidos, a visão de mundo, aguçar o espírito crítico, para que o aluno possa situar-se como sujeito de sua realidade histórica.

Por isso é tão importante a arte na Ed. Infantil, porque a criança já vai tendo um contato com tudo isso que vai contribuir para seu desenvolvimento, já vai trabalhando a noção da realidade ao seu redor, tendo uma noção de si e dos outros e aprendendo as diferenças existentes.

O presente trabalho pretende relatar a experiência vivida numa pesquisa que aconteceu na Escola Municipal Olimpio Xavier, na zona rural de Moreilândia-PE. A pesquisa ocorreu na sala do 2º Ano, com a Prof. Neide Augustin formada em Letras – Língua Portuguesa e em Arte Educação, com 19 anos de experiência e também com os alunos Gabriela Teles e Cícero Kaique, ambos 7 anos de idade.

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar a importância da arte no desenvolvimento infantil, e quais as dificuldades são enfrentadas, tendo como interrogação o modo que é trabalhado em sala de aula.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa em que o tipo de pesquisa desenvolvida foi a pesquisa de campo. Para a coleta de dados optamos pela técnica de observação extraindo dados e informações diretamente da realidade do que está sendo pesquisado. Sendo assim, aconteceu uma visita na escola e foi realizada uma entrevista com perguntas sobre o tema estudado. É de natureza básica, pois não se preocupa em resolver o problema, apenas levantar dados na busca de uma compreensão análise e discussão do tema. Neste sentido “Pesquisa Básica: obtêm gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. (UNISANTA, sem data, p.2)

Buscamos identificar através da observação quais os avanços e dificuldades presentes na execução da aula. A entrevista realizada contemplou as seguintes perguntas: O que é arte? Como a arte é trabalhada em sala de aula? O que acontece nas aulas de arte? Qual a Metodologia utilizada? Quais as Dificuldades encontradas neste componente curricular? Há uma articulação entre a disciplina de arte e disciplinas de outras áreas?

Foi aplicada a corrente fenomenológica, na qual procura destacar seus pontos principais, contextualizando suas influências, esta corrente se diferencia totalmente do positivismo, pois leva em consideração a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento Bruyne (1991, p.79) escreve que “A reflexão fenomenológica guiará o pesquisador quando se tratar de colocar problemas, hipóteses, de destacar conceitos com vistas à elaboração teórica; ela poderá garantir a fecundidade sempre renovada da pesquisa”.

Discutir o Ensino de Arte é relevante pelo motivo de ser de grande interesse para nós futuros professores saber como anda a educação escolar em arte, o que melhorou o que fez retroceder. Neste sentido a observação da realidade foi fundamental para compreender quais as maiores dificuldades enfrentada pelos professores e pelas crianças.

Para obter informações sobre o tema foi usamos como referencial teórico autores que estudaram e fizeram pesquisas sobre o mesmo assunto destacamos Ferreira (ano) e alguns documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular, Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica Arte.

DIALOGANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para a Professora a Arte é uma forma lúdica de inserir a criança culturalmente e socialmente na sociedade, mas infelizmente não tem apoio nem recurso para

desenvolver a disciplina. As aulas são elaboradas a partir de um currículo que contem as quatro (4) linguagens da arte, mas os professores precisam buscar uma forma de incluir esses elementos nas aulas, a mesma diz que trabalha mais com as Artes Visuais e que tem consciência de que deixa muito a desejar. O que a Base Nacional Comum Curricular nos diz sobre o Ensino de Arte é que

No Ensino Fundamental o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BRASIL, 2018)

A arte enquanto área de conhecimento é uma maneira de expressar nossos sentimentos e emoções, ela possui quatro linguagens que são: a dança, a música, o teatro e as artes visuais onde se encaixam o desenho, a pintura, escultura, fotografia, gravura, arquitetura e artesanatos. Enfim a arte possui um leque de elementos e é por um ou mais deles que conseguimos descobrir nossas habilidades e nos expressar por eles. Por isto é importante que esse currículo não seja apenas uma coisa que fique só no papel deve realmente acontecer em sala de aula, a criança deve ter acesso a todos os elementos da Arte, mas infelizmente na maioria das vezes as aulas de arte se resumem apenas ao desenho e pintura como é o caso da aula observada.

A professora entrevistada diz que seus alunos são muito criativos mas a falta de recursos a impede de realizar outras atividades, mais que mesmo assim sempre trabalha de forma interdisciplinar sempre tentando articular as diversas áreas sem trabalhar isoladamente, essa articulação favorece as práticas na sala de aula pela questão da oralidade, trabalhando com entrevista e comparação da vida da criança. Neste sentido

O aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, e desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. (PCNs, 1997, p.19)

Desta forma a arte abre caminho para varias áreas do conhecimento, mostra caminhos para construir habilidades e imaginação, facilitando o entendimento de outras áreas por isso é tão importante intercalar as aulas de arte com outras disciplinas.

A metodologia utilizada pela professora em suas aulas possibilita o trabalho com criações e exposições, sempre que faz um trabalho de arte ela pede para que a criança exponha seu desenho a frente dos colegas e descreva o que fez, descrevendo ela que muitas vezes se deparou com desenhos que ela não sabia o que era e o aluno sabia perfeitamente o que representava cada pontinho, cada rabisco que ele fez, e que sendo assim não deve ser feita a análise de um desenho por si só, sempre deve perguntar ao aluno que ele tem muita coisa a dizer, e sim realmente muitas das vezes vemos um desenhos e achamos não ter importância, mas cada desenho representa uma alegria, uma tristeza, ou sua vivência dentro e fora da sala de aula, por isso cada rabisco tem um significado para ele.

Já nos primeiros rabiscos a criança consegue se expressar acerca da realidade e daquilo que vivencia, por isso é tão importante que ela tenha contato com arte desde cedo, ou seja, na Educação Infantil. A arte ajuda no desenvolvimento intelectual, motor, e também na sua capacidade de observação e percepção. Mais tarde todos os rabiscos da criança irá servir para o desenvolvimento da sua escrita, seus desenhos ajudam a construir a noção de si e dos outros, quando observamos a criança desenhar vários personagens em um percebemos que ela já consegue ter essa noção e identificar diferenças e semelhanças. Além disso a arte proporciona o desenvolvimento de suas habilidade e melhora sua autoestima como Ferreira (2011, p. 24) pontua “o desenvolvimento de habilidades artísticas pode ser uma das maiores fontes de satisfação pessoal para os alunos, contribuindo para elevar sua autoestima”.

As crianças entrevistadas relataram que a professora pede para elas criarem histórias coletivas, o que é muito bom, e mencionaram um trabalho feito por eles nas

aulas de arte com folhas naturais usando tinta e folha branca, e desenhos das mãos para as mães com tinta e os pés para os pais, podemos perceber que o a única coisa utilizada pela professora é tinta e papel. Então as crianças só estão tendo acesso somente a dois elementos que são a pintura e desenho. A professora também relatou algumas dificuldades enfrentadas no Ensino de Arte como a falta de materiais e também da falta de acesso a outros elementos da arte. Infelizmente essa realidade é vista em todo Brasil, onde a maioria das escolas tem carência de matérias didáticos o que dificulta o trabalho do professor.

Elas argumentaram que sempre há um momento na aula para atividades de arte. Sendo poucas opções de atividades por falta de materiais, é necessário que o professor sempre busque trabalhar diferentes atividades com aquilo que se tem ou buscando elementos alternativos, como podemos ver a tinta é um dos materiais disponíveis na escola então além do desenho o(a) professor(a) pode trabalhar com pintura de rosto, pintura com materiais/objetos de gesso, etc. Ao final da entrevista uma das crianças diz que para melhorar as aulas de arte ela desejava a presença de um professor de arte, ou seja, é evidente a vontade dela de ter conhecimento e acesso a maneiras diferenciadas do fazer arte, ela entende que um profissional sabe da necessidade de uma criança ter acesso a várias obras, as artes visuais e todas as outras linguagens da arte.

ALGUMAS CONSIDERAÇÃO

Com esta pesquisa foi possível perceber que a disciplina de arte ainda enfrenta muitas dificuldades, sobre tudo a falta de recursos. Felizmente pude visitar uma escola onde a professora percebe a importância da arte na vida das crianças, mas a falta de recursos compromete ação de buscar o melhor possível para seus alunos fazendo com que, na maioria das vezes, o Ensino de Arte não seja efetivado de maneira significativa. A mesma diz ter vontade de trabalhar com outros métodos conseguindo de forma não tão complicada trabalhar os elementos da arte, mas não busca fazer isso. Acontece que os professores tem consciência da importância da arte para a criança no entanto não

tentam inovar, não tentam buscar outras formas de trabalhar com as crianças, muitos desconhecem que a busca por materiais é um direito do professor e principalmente das crianças, portanto deve ser exigido. Enfim percebi que desde sempre a arte enfrenta até hoje os mesmos obstáculos, e que vencê-los é difícil.

A educadora diz que teve aulas de arte, mas os professores da época não trabalhavam bem as linguagens, e que só pôde aprimorar mais os seus conhecimentos na graduação e pós-graduação. Na Educação Básica suas aulas de arte eram apenas meras copias desenhos de casinhas, com traços definidos. Aprendemos até hoje de uma forma estereotipada em que realmente são os desenhos são meras cópias, a casinha é sempre da mesma forma com os mesmos traços e dificilmente muda, e por isso como a professora afirma, muitas vezes foi repreendida ao tentar mudar. Acredito até hoje que ainda há muitos professores que não estão preparados pra assumir uma disciplina como esta, pois na arte devemos nos sentir livres para mudar, inovar, dar novas formas, e não ficar sempre na repetição. Arte é liberdade de criar, então os professores desta área devem dar asas aos nossos alunos para que voem e soltem sua imaginação, para que busquem, inovem e renovem cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>

BRASIL. 1997. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 6.

FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MINAYO (2008 apud LINHARES, 2014 p. 12) **O desafio do conhecimento**. 11 ed.
São Paulo: Hucitec, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Arte**. Paraná, 2008.

**EGRESSOS LICENCIADOS EM MÚSICA:
DIÁLOGOS INTEGRADORES EM EDUCAÇÃO MUSICAL**

Aline Dallazem
Universidade do Planalto Catarinense –UNIPLAC
aline.dallazem@gmail.com

RESUMO

O trabalho refere-se ao relatório de experiência sobre a constituição de grupo de estudos entre professores e egressos do curso de Licenciatura em Música de uma universidade da serra catarinense, como forma de contribuir para a formação continuada dos mesmos, incentivando a reflexão, a discussão e a pesquisa na área. Para a realização dos encontros foi elaborado um projeto de extensão, sob nome “Diálogos Integradores em Educação Musical”, organizado em encontros mensais no período de janeiro a julho de 2018, conduzidos pelos professores do curso. Teve como objetivo principal discutir a educação musical no contexto de região serrana catarinense, como forma de fomentar a reflexão e as ações necessárias à área, oportunizando formação continuada aos egressos do curso. Ao seu término verificou-se a importância de continuidade do projeto que instituiu um espaço de discussão, reflexão e formação continuada aos egressos do curso de Licenciatura em Música qualificando suas atuações junto às escolas de educação básica da região.

Palavras-chave: Música. Egressos. Formação Continuada.

O trabalho refere-se à constituição de grupo de estudos entre professores e egressos do curso de Licenciatura em Música de uma universidade da serra catarinense, como forma de reaproximar os egressos da universidade, bem como contribuir para a formação continuada dos mesmos, incentivando a reflexão, a discussão e a pesquisa na área. Para a realização dos encontros foi elaborado um projeto de extensão, sob nome “Diálogos Integradores em Educação Musical”, organizado em encontros mensais no período de janeiro a julho de 2018. Teve como objetivo principal discutir a educação musical no contexto de da serra catarinense como forma de fomentar a reflexão e as ações necessárias à área, oportunizando formação continuada aos egressos do curso de Licenciatura em Música de uma universidade da região serrana catarinense.

O curso de Licenciatura em Música supracitado, teve sua primeira turma ingressante em 2002, e nesses dezesseis anos de existência, muitas ações e discussões foram promovidas pelo mesmo, e nesse momento, configurou-se como relevante, confrontar o teor da legislação referente à formação musical escolar e a realidade da educação musical que está sendo praticada nas escolas, ao considerarmos o elevado número de documentos oficiais elaborados ao longo de várias décadas, uma vez que estes parecem ter um impacto relativamente pequeno na realidade das escolas. A inserção dos egressos nas escolas de educação básica favorece esse diálogo.

Durante os encontros foram trabalhados temas como: os limites e as possibilidades encontrados nas trajetórias profissionais dos egressos licenciados em Música, reflexões sobre Apreciação Musical, socialização das experiências musicais dos egressos, estudos sobre a legislação da área de música, principais educadores e pesquisadores da música, discussões sobre pós-graduação e o mercado da Música. Todos os encontros foram mediados pelos professores do curso de Licenciatura, por meio de rodas de conversas, aulas expositivas dialogadas e apreciação, sendo que as temáticas desenvolvidas foram previamente indicadas pelos egressos, por meio de pesquisa, como forma de levantar seus interesses e necessidades.

Destacamos em nossas discussões a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; os Parâmetros Curriculares Nacionais; a Resolução nº 2, de 8 de março de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica; a Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Resolução nº 02, de 10/05/2016, que fixou as Diretrizes para a Operacionalização do Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica e a Base Nacional Curricular Comum.

Estes são apenas alguns dos documentos oficiais que buscam regular, organizar e nortear a educação em nível básico e superior no país. No entanto, frente a um grande

arsenal de legislações, pareceres, resoluções ainda há que se definir os caminhos pelos quais o de música seguirá.

Diversas são as preocupações testemunhadas pelos autores.

No que diz respeito à música, abre-se, portanto, espaço para que se discuta **o que é educação musical e o que pode ou não ser apropriado para a área nas escolas brasileiras**. Surgem, assim, dúvidas e inquietações, às quais se juntam expectativas e esperanças quanto aos possíveis rumos a serem tomados pela música nos próximos anos; com esse clima, **aflore a necessidade de fortalecer, ou mesmo de estabelecer, a identidade da disciplina e do professor de música**. [grifo nosso] (FONTERRADA, 2008, p. 208)

Surgem duas questões na exposição de Fonterrada: 1) O que é educação musical? e 2) Qual a identidade da educação musical e do professor de música? Falar em educação musical sugere falar sobre aprendizagem, conteúdos, métodos, objetivos, competências, habilidades, conhecimento, mediação, entre outros dispositivos que constituem um processo educativo. No entanto, como definir a educação musical? Ou melhor, como definir o seu papel na Educação Básica? Educação musical com que finalidade?

A Lei n. 11.769/08 prevê a obrigatoriedade do ensino de música em todas as escolas de educação básica do país, embora não a contemple enquanto disciplina curricular e, tampouco garanta ao professor licenciado em música o acesso às vagas docentes, nas escolas, pois a lei não exige como condição, para ministrar a disciplina, a habilitação específica na área. O ensino de música, não possui um currículo mínimo a ser desenvolvido, talvez por não estar contemplado enquanto disciplina na estrutura curricular; no entanto, questiona-se se realmente é necessário que documentos oficiais estabeleçam o que ensinar em música, ou se esta inexistência abre espaço para a mobilidade deste conhecimento e para um trabalho que precisa ser desenvolvido por aqueles que são especificamente dessa área. Isto é, o texto da lei, ao não definir o currículo outorgaria autonomia aos titulados na área para criarem seus programas de ensino. Porém, para que os docentes possam usufruir dessa autonomia eles precisam ter sólidos conhecimentos, iniciativa e identidade profissional.

Foram objetos de importante discussão os processos seletivos para contratação de professores de música, em projetos municipais e professores para a disciplina de Arte, na rede municipal e estadual de ensino. Embora reconheça-se que os editais oportunizam a participação dos licenciados em música nos processos seletivos, esses são constituídos em essência, de questões pertinentes à área de Artes Visuais, como se houvesse uma preferência pela contratação de professores dessa área, já que os conteúdos exigidos são esses. No momento da discussão estavam presentes colegas da área de Artes Visuais que representam a Universidade e a Secretaria Municipal de Educação, as quais compreenderam e apoiaram o grupo de licenciados em música sobre suas reivindicações, as quais posteriormente foram apresentadas à Secretaria supracitada, enquanto recurso de um processo de seleção que ocorria naquele momento.

Sobre o assunto ainda, houve o relato de participante que sofreu coerção de uma diretora para que trabalhasse os conteúdos de Artes Visuais durante as aulas de Arte, o que sob reflexão do grupo foi entendido como imoral, antiético e imprudente, sendo que obrigar um profissional a trabalhar uma área para a qual não foi capacitado também é sujeitar as crianças e adolescentes das escolas a uma formação de qualidade comprometida.

Nesse caso, o egresso coloca que devido às intensas discussões e estudos da legislação e documentos norteadores ocorridos durante o curso de graduação pode se posicionar de forma coerente e retornar à situação, para evitar o caráter desqualificado de polivalência e atuar somente na área para a qual se formou.

Durante os encontros considerou-se que a universidade muitas vezes não se envolve em movimentos de base, devido a necessidade de manter boa relação com a Secretaria ou Gerência de Educação, mas também porque sua função está primeiramente em oferecer formação humana e política, instruindo e incentivando alunos a lutarem por seus direitos e princípios. Essa ação vinculada aos movimentos reivindicatórios deve ser amplamente desenvolvida por um órgão de representação efetiva dos licenciados em música, como por exemplo, uma associação de professores de música, o qual pode ser constituído pelos próprios egressos do curso.

Ao final, o grupo solicitou que o projeto seja reeditado e que possa trazer também formação na área de Tecnologia em Música, Professor que pesquisa x professor que atua em sala de aula; Base Curricular Comum; Distância entre Educação Básica e Universidade bem como solicitou que a universidade pense em oferecer uma pós-graduação na área, pois a maior parte dos egressos não iniciou pós-graduação.

Por meio das discussões pode-se oportunizar formação continuada aos egressos, conhecer as suas trajetórias profissionais, suas práticas docentes e inserção na Educação Básica, investigando as formas que os egressos que atuam na educação básica encontraram para garantir um currículo mínimo, em educação musical.

Pode-se também identificar movimentos educacionais, políticos e sociais, em torno da educação e em específico, da educação musical da região da serra catarinense. Desta forma, avaliamos o projeto como uma iniciativa muito significativa, sendo que se instituiu um espaço de discussão, reflexão e formação continuada aos egressos do curso de Licenciatura em Música, como forma de fortalecer e unificar as ações em prol da área, na região.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102480> Acesso em: 28 ago. 2011.

_____. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996...para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p.1, 19 ago. 2008. Disponível em:
<https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>. Acesso em: 28 ago. 2011

_____. **Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante ao ensino da arte. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12287.htm. Acesso em: 25 set. 2011

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v.6: Arte

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 2, de 8 de março de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0204musica.pdf> Acesso em 28 ago. 2011.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 02, de 10/05/2016**. Diretrizes para a Operacionalização do Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica.

FONTEIRA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

O CORPO COMO TELA: VIVENCIANDO A ARTE ATRAVÉS DA PINTURA CORPORAL

José Gerardo Vasconcelos
Maria Marly Alves
Mayara Alves de Castro

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade relatar uma experiência artística realizada com crianças de três anos em uma escola da Prefeitura de Fortaleza, trazendo à tona o prazer e a alegria das crianças ao realizarem tal atividade. Trata-se de uma atividade de pintura corporal, ou seja, uma tarefa simples e muito realizada no cotidiano da educação infantil, porém o êxito da ação proposta esteve no envolvimento da turma, na satisfação de sentir a arte e no caráter reflexivo que proporcionou a educadora facilitando a mudança de métodos nas atividades artísticas e conseqüentemente em sua prática docente, deixando assim, nítido a riqueza da experiência para a educadora e os educandos.

Palavras-chave: Arte. Educação. Pintura Corporal.

INTRODUÇÃO

A arte, principalmente a pintura, está presente em toda a história da civilização humana, onde é concebida como uma experiência prazerosa que possibilita a liberdade de expressão, além de proporcionar encanto, sensibilidade, beleza, criatividade, mostrando-se, como uma transposição humana do real para a sensível.

As pinturas além de despertar os sentimentos em quem faz, e as ver, auxiliou também como fonte histórica, pois representam com clareza depoimentos humanos sobre sua origem e evolução.

A pintura corporal, também esteve presente em toda a história da humanidade, sendo utilizada de diferentes formas e intuitos. É concebida como manifestação cultural em várias sociedades, como os indígenas, hindus, africanos e no ocidente através da maquiagem.

Ao atuar como professora na Educação Infantil e observar o comportamento das crianças nas atividades que envolvem pinturas nasceram muitas dúvidas, a partir de então, iniciou a incessante busca por tentar compreender se as crianças aprendem, de fato, pintando, o que aprendem e se é realmente uma ferramenta satisfatória para o professor de educação infantil.

Na busca por as respostas de minhas indagações, e a fim de entender a importância da pintura na educação da primeira infância foram realizadas diversas experiências na sala, contudo, em uma delas houve maior envolvimento, encantamento, participação e prazer nas crianças.

A experiência de pintura corporal encantou, pois contou com o deslumbramento no olhar o outro, o ato de pintar a si e ao outro e as risadas que as crianças davam no decorrer da experiência, então, o conjunto de pequenas e grandes demonstrações de satisfação, nas quais fizeram perceber o quanto, aquele momento estava sendo prazeroso e significativo para as crianças.

DESENVOLVIMENTO

A experiência do corpo como tela foi realizada no Infantil III, turma C, no Centro de Educação Infantil Raimundo Moreira Sena, por ser uma vivência que necessitava de um espaço amplo e adequado para atividade foi realizada, ao ar livre, no jardim do CEI.

A educação infantil precisa de espaços amplos, com possibilidade de áreas de encontro de crianças de diversos grupos (aquilo que os italianos denominam de espaços de intersecção) e eliminação de barreiras arquitetônicas. Dispor de espaços diferenciados possibilita uma organização muito mais polivalente da dinâmica de trabalho (FORNEIRO, 1998, p. 244).

O espaço foi sem dúvida, imprescindível para execução da experiência, pois proporcionou a sensação de liberdade e o contato com a natureza. Para HORN (2004) o espaço não pode ser considerado neutro, pois carrega na sua forma, signos e símbolos que o habitam. Nesse sentido, o espaço escolhido contribuiu para execução, à medida

em a sua simbologia já nos remete a sensação de prazer, a proximidade com a natureza e sensibilidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) explicita nas finalidades da Educação Infantil que a mesma deve abranger todas as dimensões do desenvolvimento da criança quanto ao aspecto: físico, motor, intelectual e social. Ou seja, a criança deve ser vista de maneira integral e que para desenvolver-se como ser singular, a sua educação deve ser vista de maneira global.

Para chegar à atividade em si houve a fase do planejamento. A atividade do corpo como tela foi idealizada buscando atender objetivos específicos, e caminhar conforme prevê a legislação da educação para a primeira infância.

O processo de plano da atividade de pintura corporal foi embasado no artigo 9º, da resolução nº 5 do MEC, no qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009).

O objetivo da atividade se constituiu, portanto, em desenvolver a coordenação motora, a percepção tátil através dos movimentos, sensações, do contato corporal, da textura da tinta, bem como estimular a imaginação, promover a livre expressão, a socialização e o contato com diferentes linguagens. Sendo assim, a prática pedagógica estava norteada pela legislação vigente, teve seu caráter intencional e foi sistematicamente planejada.

A execução da atividade foi dialogada no espaço da sala de aula, onde se preparou o material e houve a separação das tintas feitas pelas crianças, professora e a assistente de Educação Infantil, logo em seguida, houve uma conversa com as crianças de como seria a execução da atividade, e posteriormente, um convite para o jardim, então, foi sugerido que escolhessem um colega para pintar o corpo, ou se preferissem poderiam pintar a si.

Segundo Martins Filho (2011), a consolidação do diálogo sustenta a qualidade da relação professor- aluno, o mesmo também em sua obra busca desmistificar o

protagonismo adulto, mostrando a importância do protagonismo infantil. Para Freire (1987), o diálogo é essencial no processo de ensino e aprendizagem, sendo um elemento central a comunicação entre educador e educando.

Ressalvando assim, a importância de o professor conversar com as crianças e estabelecer diálogos, escutando-os, respeitando-os, provocando e sendo mediador de suas inquietações.

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem junto e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. (FREIRE, 1987, p. 39)

Nesse sentido, o processo de aprendizagem funciona como uma troca, onde educador e educando transmitem e absorvem o conhecimento por meio do diálogo e da partilha de suas vivências.

No jardim e com a disposição das tintas as crianças extravasaram algumas escolherem pintar o colega e outras pintar a si. As crianças sorriam, se olhavam, sentiam, demonstravam estar em estado de êxtase, e perguntavam se podiam pintar as pernas, braços, mãos, onde davam risadas quando a resposta era: pode pintar, pinta! Sentir seu corpo ou o do colega como tela aguçou também, a imaginação eles diziam que eram palhacinhos, super-heróis e animais. O que deixou nítido o quão rica é a experiência artística, com pintura corporal, para as crianças, onde o prazer de sujar-se e ser ativo nesse processo contagiaram.

Para Vygotsky(2014) o aprendizado através da arte se dá, a medida que a criança amplia sua capacidade imaginativa e traz a tona suas experiências, pois para ele a vivência é a matéria-prima para o exercício da criatividade.

Através das falas que estavam tornando os colegas, palhacinhos, animais e super-heróis, podemos perceber que a criança utiliza a pintura e o desenho como representação da realidade.

No momento em que interagiam demonstravam suas vivências. “Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo”. (LOWENFELD, 1977, p. 13).

Nesse sentido, elas não apenas representam podemos dizer, assim, que criam, recriam e dão um novo significado.

As perguntas que as crianças fizeram como: “-Posso pintar a perna dele tia?”

- “Posso pintar meu braço?”; - “Posso pintar as mãos?”.

Tais questionamentos causaram grande impacto e proporcionaram a oportunidade de reflexão, pois ficou nítido, o quanto os adultos e algumas práticas escolarizantes interferem no processo criativo, inibindo a criança de utilizar a arte como autoexpressão.

Logo, o ato de promover a liberdade da criança, sem haver uma interferência de um adulto, no momento da ação, no sentido de influenciar e direcionar a um determinado esquema de cores, ou até mesmo na maneira de pintar com formas prontas foi de suma importância para o êxito da atividade.

No que compete ao aprendizado, Lowenfeld (1977) vem apresentar que a atividade artística promove o desenvolvimento social, à medida que em que há troca de experiências e interações; O desenvolvimento físico, pois manifesta a coordenação visual e motora, através da maneira como controlam seus corpos, orientam seus traços e expressam suas aptidões; O desenvolvimento intelectual, pois pode ser percebido de acordo com o conhecimento que está à disposição da criança que desenha e pinta; O desenvolvimento emocional que está diretamente ligado à intensidade que a criança tem com suas produções; O desenvolvimento estético, pois através da pintura e desenho organizam o pensamento e a sensibilidade para a percepção de um todo; O desenvolvimento perceptual, onde a variação das cores, formas, texturas e contornos atuam progressivamente com a variação de experiências perceptuais apresentadas e por

fim, e não menos importante; O desenvolvimento criativo, pois as crianças são capazes de inventar suas próprias formas e colocar nelas algo de si.

A BNCC⁴⁴ (BRASIL, 2016) ressalva em seus campos de experiências as possibilidades que as práticas pedagógicas impactam na apropriação do conhecimento pelas crianças.

Logo, nota-se que a pintura, como uma grande ferramenta do professor de educação infantil, já que proporciona o desenvolvimento da criança em diversos aspectos.

A pintura corporal atende essa perceptiva prazerosa e de desenvolvimento, pois a criança, nos anos iniciais, desenvolve-se através da motricidade e descobre o mundo através do corpo e de seus movimentos, é curiosa, e o mover e o conhecer proporciona prazer. Ou seja, adoram experimentar o mundo através dos sentidos, e do corpo e desse modo aprendem.

Portanto, experiência reafirma esse prazer, à medida que o registro do seu aprendizado está em si, ou no outro, ampliando assim, a sensação prazerosa, por sentir-se ativo e parte do processo, ao experimentar e sentir a arte na pele. Aliás, essa expressão “sentir na pele”, pode sem dúvida fazer uma alusão, aquele ditado popularmente conhecido que diz: “fulano vai sentir na pele”, fala-se isso quando se quer passar a ideia que alguém sentirá algo com intensidade. O sentido da palavra “pele”, no dito popular, nos remete a ideia que é impossível sentir de algo tão de perto que não seja como na pele.

E, é por as razões explicitadas, diante da riqueza do trabalho artístico com pintura que a experiência o corpo como tela trouxe um resultado tão gratificante e significativo, pois ficou nítido para educador e educandos que a arte foi sentida, tocada, vivida e contemplada na pele.

⁴⁴ Base Nacional Curricular Comum criada em 2016, a fim de nortear as práticas pedagógicas dos professores brasileiros.

CONSIDERAÇÕES

Na fase da primeira infância, as crianças têm o mundo todo a descobrir e experimentar, onde permitir o contato com a pintura e a livre expressão, possibilita o desenvolvimento da criança em diversos aspectos e atua também na construção de alicerces para aprendizagem das etapas posteriores.

A experiência que trouxe o corpo como tela foi avaliada, através da observação, do registro diário e fotografias, mostrando-se impactante no aprendizado das crianças em vários aspectos e na sua protagonização no processo de aprendizagem.

A atividade trouxe, também à tona a resposta das indagações de como a arte, por meio da pintura influencia na aprendizagem, servindo também de ferramenta e feedback⁴⁵ para o professor, mostrando-se assim, um instrumento avaliativo das demais práticas docentes.

O contato com a arte, através da pintura, nessa turma provocou a ampliação da imaginação, promoveu à expressão da individualidade, o exercício da interação, o sentimento de pertença à coletividade, o desenvolvimento da percepção visual, da coordenação motora, socialização, além de ampliar o repertório de linguagens, imagens emoções, relações e potencial criativo.

Nessa perspectiva, o experimento artístico do corpo como tela, mediado e observado pela professora, possibilitou a atuação das crianças no mundo tornando-as sujeitos ativos do processo de aprendizagem e a reafirmando-as enquanto seres históricos.

A realização da experiência, com as crianças foi de grande relevância, atendeu seus objetivos, onde na execução foi percebido o envolvimento e o aprendizado das crianças, perpassando e adentrando no ser racional e emocional, ou seja, no ser integral.

⁴⁵ Informação que o receptor tem da reação do emissor, à sua mensagem. Serve para avaliar os resultados da transmissão.

Não obstante, pode-se afirmar que as crianças sentiram a arte, o seu prazer e a aprendizagem em suas peles.

REFERENCIAS

BRASIL. **Lei Federal Nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

----- Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília. DF.2016.

----- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** PARECER CNE/CEB Nº 20/2009. Brasília. DF. 2009.

-----Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 01, de 13 de abril de 1999 : **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, p.18, seção 1.13 abr. 1999.

DICIONÁRIO, online. **O significado do uso da palavra Feedback** . Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=feedback> .Acesso: 08/10/2017.

FORNEIRO, Lima Iglesias. A organização dos espaços infantil. In: Zabaza, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Tradução: Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre: Artmed. 1998.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aroma.** A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). A criança e sua arte: um guia para os pais. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS FILHO, Altino. **Docência compartilhada na Educação Infantil: crianças e adultos em diálogo no cotidiano da escola.** 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/>. Acesso em: 08/10/2017

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

**PRÁTICAS DE UMA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: SER E PERMANECER
ARTE/EDUCADORES**

Lara Pinheiro de Oliveira ⁽¹⁾; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, Campus Fortaleza; melly_wilkes@hotmail.com

Catarina Viana da Silva ⁽²⁾; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, Campus Fortaleza; cathviana@gmail.com

Xadai Moreira Matias da Silva ⁽³⁾; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, Campus Fortaleza; xadaidasilva@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é compartilhar as práticas vivenciadas na disciplina de Estágio III, do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Tal inserção como alunos/estagiários, numa turma de Mecânica Industrial, da modalidade Técnico Integrado, na mesma instituição, possibilitou abordar temas relacionados ao ensino do teatro, buscando compreender melhor as questões ligadas à formação docente. O relato constitui-se de estudo bibliográfico e da utilização de questionários aplicados aos estudantes do primeiro período da turma de Mecânica Industrial, regularmente matriculados no semestre 2018.1. Considerou-se que a presente experiência proporcionou aos estagiários uma reflexão a respeito do processo de formação do artista-docente de teatro, além de uma análise da própria trajetória de formação docente, bem como, a compreensão da importância do ensino do teatro, dentro e fora de uma instituição tecnológica.

Palavras-chave: Estágio. Teatro. IFCE.

1 – A DISCIPLINA ESTÁGIO III

A disciplina Estágio III, presente na matriz curricular do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, Campus Fortaleza, com a carga horária de cento e quarenta horas-aula, tem como principal objetivo, de acordo com sua ementa: “Promover a apropriação de saberes culturais e estéticos, inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desempenho social do cidadão, bem como identificar

e valorizar a Cultura Artística Brasileira”⁴⁶. Para isso, a turma de licenciandas e licenciandos do semestre letivo de 2018.1, orientada pela Prof^a. Dra. Sabrina Linhares, foi dividida em equipes de dois ou três alunos, que durante toda a disciplina planejaram e ministraram aulas semanais de artes (teatro) para turmas dos cursos da modalidade Técnico Integrado, da própria instituição, IFCE. Cada equipe ficou responsável por somente uma turma durante todo o processo, cujas aulas seguiram um programa dirigido, apresentado aos alunos/estagiários no início do período letivo.

Os cursos de Mecânica Industrial, Telecomunicações e Eletrotécnica, também ofertados pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, pertencem a, já mencionada, modalidade Técnico Integrado, que abrange desde o ensino médio até a formação técnica, tendo a duração de quatro anos. E as turmas iniciais dos referidos cursos são as escolhidas para comporem o currículo do curso de Licenciatura em Teatro, por meio das práticas da disciplina Estágio III.

Os estudantes que ingressam nestes cursos têm, aproximadamente, quinze anos de idade e são oriundos de diferentes realidades sócio-econômicas e culturais, formando turmas com perfis bastante plurais, compostas, por exemplo, por alunos oriundos de grandes redes de escolas privadas, bem como, por alunos advindos de escolas públicas da periferia e também da região metropolitana.

2 – EXPECTATIVAS PARA AS AULAS

Durante todo o período de estudos da disciplina Estágio III, no oitavo (e último) semestre do curso de Licenciatura em Teatro, os alunos/estagiários cumpriram o cronograma semestral de aulas planejado, seguindo a ordem e os temas pré-estabelecidos, conforme mostra a figura:

FIGURA 1 – CRONOGRAMA SEMESTRAL DA DISCIPLINA ESTÁGIO III - 2018.1

⁴⁶ Trecho da ementa da disciplina de Estágio III.

ETAPA	AULA	TEMA DA AULA
1	1	Conceito de Teatro (Reflexões)
1	2	Origem do Teatro
1	3	Tríade Essencial (Ator, Público e Texto)
1	4	Espaços Teatrais
1	5	Interpretação Teatral
1	6	Jogos Teatrais
1	7	Elementos Visuais e Sonoros
2	8	Dramaturgia / Ensaios
2	9	Teatro Popular / Ensaios
2	10	Teatro Cearense / Ensaios
2	11	Teatro Musical / Ensaios
2	12	Performance / Ensaios
2	13	Montagem Teatral (Apresentação das Esquetes Teatrais)

Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

A frente da turma de Mecânica Industrial, a equipe formada por três estagiários, pôs-se ciente da responsabilidade de, pela primeira vez, assumir uma turma para a qual planejar e ministraria as aulas de artes (teatro) durante um período completo, sem a interferência direta da professora regente da turma (também a Prof^a. Sabrina Linhares), que participaria apenas por meio de observação passiva de todas as aulas. Não seria, portanto, como na disciplina anterior, Estágio II, na qual ministrava-se aulas, por um breve período, para uma turma que já tinha o seu professor ou a sua professora regente de artes. Nesta nova experiência, nós, o grupo de aprendizes,

seríamos os professores regentes da turma de Mecânica Industrial, desde o início do ciclo, até o seu final.

Contudo, existia uma expectativa inicial grande, partindo da equipe de estagiários, com relação ao seu próprio desempenho no que se refere a capacidade de pôr em prática todas as teorias adquiridas ao longo do curso até então, em conformidade com o conceito de “ação docente”, defendido por Pimenta e Lima:

A ação refere-se aos *sujeitos*, seus modos de agir e pensar, seus valores, seus compromissos, suas opções, seus desejos e vontades, seu conhecimento, seus esquemas teóricos de leitura do mundo, seus modos de ensinar, de se relacionar com os alunos, de planejar e desenvolver seus cursos, e se realiza nas práticas institucionais nas quais se encontram, sendo por estas determinados e nelas determinando (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 11).

Além disso, outro fator preocupante para a equipe de alunos/estagiários estava relacionado ao perfil conservador, geralmente, atribuído ao universo tecnológico presente na cultura da escola-campo. Temia-se que o modelo educacional vigente na maior parte das escolas brasileiras, que compartimenta razão e emoção, desconsiderando assim, a formação integral do sujeito, pudesse ser ainda mais rigoroso dentro da realidade vivenciada em um Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, influenciando diretamente na aceitação, por parte dos próprios estudantes, das aulas de artes na matriz curricular dos cursos de Educação Básica, ali oferecidos.

Se por um lado os estagiários esperavam contar com a vantagem de uma boa infraestrutura, oferecida por uma rede federal de ensino, diferente do que ocorre muitas vezes nas demais escolas da rede pública, por outro, especulavam a respeito de como seria a receptividade de uma turma de Mecânica Industrial às aulas de artes. Este temor pode se justificar na afirmativa: “A arte continua ainda a ser encarada, no interior da escola, como um mero lazer, uma distração entre as atividades “sérias” das demais disciplinas”. (DUARTE JR., 1994, p.131). E foi na expectativa de mudar este possível contexto que os alunos/estagiários iniciaram as suas atividades no semestre letivo.

3 – AS AULAS DE TEATRO

Ciente da importância do ensino da arte na formação de um indivíduo pleno e do papel de mediação do arte-educador nesta jornada, a equipe de estagiários iniciou suas atividades buscando desenvolver um trabalho de caráter gradual junto à turma de Mecânica Industrial, por meio do qual, os estudantes pudessem, a cada etapa, e a cada nova aula, conversar sobre arte, vivenciar a arte, trocar experiências e, ao final do ciclo, produzirem suas próprias manifestações artísticas através da linguagem teatral.

Para a primeira aula, o primeiro contado dos professores regentes com a turma, portanto, optou-se por priorizar momentos que possibilitassem uma maior aproximação com os alunos, de maneira que os estagiários tivessem a chance de conhecer um pouco mais sobre o perfil do grupo de forma descontraída. Antes de introduzir o tema da aula e por meio de uma roda de conversa aparentemente despreocupada, era esperado descobrir sobre as experiências pessoais dos alunos com o teatro, se já tinham tido aulas de teatro anteriormente, se haviam assistido ou participado de um espetáculo teatral e etc.

A ideia principal sempre foi adotar uma metodologia como ponto de partida para introduzir um conteúdo e criar uma situação desafio, que proporcionasse aos alunos o levantamento de hipóteses e estimulasse a capacidade de reflexão. O objetivo era estabelecer, ao longo do ciclo, uma relação com a turma, na qual, os estudantes pudessem ser ouvidos, sentindo-se confiantes e estimados, membros fundamentais do próprio processo de construção de conhecimento. Sobre a importância do papel do professor na formação do aluno sujeito de sua aprendizagem, Paulo Freire ratifica:

Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos, criticamente realizado, envolve a abertura total do professor ou da professora, à tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece.

Mais ainda, envolve a iniciativa do professor que deve estimular aquela tentativa no educando, ajudando-o para que a efetive (FREIRE, 1996, p. 78).

Dessa forma, as aulas que se seguiram, desde seu planejamento, até a execução buscaram, essencialmente, através da abertura para o diálogo e do respeito à subjetividade de cada estudante, colocá-los na posição de protagonistas no seu processo de formação, de maneira que pudessem, por meio das situações propostas, interagir, criar, sugerir, discordar e elaborar suas próprias soluções. A exemplo da aula de Elementos Visuais e Sonoros, na qual a turma, dividida em equipes, pôde escolher livremente os adereços cênicos (figurino e cenografia) colocados a disposição e elaborar cenas curtas baseadas na escolha e utilização destes materiais. Sobre esta experiência, as estudantes Kailane e Thamiris, nesta mesma ordem, relataram:

- Uma das aulas que achei importante foi a aula que precisamos criar uma cena com acessórios, roupas, sapatos, bem aleatórios, e ali nós criamos a cena na hora. Foi o que nos motivou a ter mais capacidade de apresentar com o improvisado.
- Quando colocaram vários figurinos numa mesa e tivemos que escolher e fazer uma cena foi interessante porque tivemos que nos virar com o que tínhamos para a cena fazer sentido.

Contudo, seguindo o cronograma pré-estabelecido, as aulas mantiveram sempre o objetivo de apresentar-se como uma justificativa de promover um espaço para o diálogo e a reflexão, através do qual, pudesse se estabelecer uma manifestação cultural em que a dimensão educativa fosse essencial.

4 – O PROCESSO DE MONTAGEM TEATRAL

Conforme visto no cronograma semestral, a disciplina de Arte (teatro), do primeiro período do curso de Mecânica Industrial, tem sua conclusão com as apresentações das esquetes teatrais dos estudantes orientados pelos estagiários. Após uma primeira etapa exclusiva de estudos de conceitos e práticas, na segunda fase do semestre, inicia-se, em paralelo, o processo de montagem teatral, que encerra o ciclo de aprendizado. Neste percurso, os estudantes participam ativamente de todas as etapas,

desde a escolha do texto, até a elaboração e construção dos personagens, sempre sob a orientação dos docentes-aprendizes.

Para tanto, a turma de Mecânica Industrial foi dividida em duas e, dessa forma, duas peças foram escolhidas para serem encenadas pelos estudantes. A ideia era possibilitar o estudo de dois textos (e não apenas de um), além de, facilitar o processo de orientação/direção, uma vez que, os estagiários também poderiam se dividir entre os dois processos de montagem. Assim sendo, após um primeiro momento de apresentação e breve discussão de alguns textos estrategicamente pré-selecionados pelos professores-aprendizes, a turma optou pela escolha das peças: O Auto da Compadecida (de Ariano Suassuna) e O Pagador de Promessas (de Dias Gomes).

Se, inicialmente, os estagiários temiam que não houvesse uma boa receptividade às aulas de Artes por parte dos estudantes, durante os ensaios ficou claro o desejo da maioria da turma de participar inteiramente do processo e o desafio de guiá-los nesta jornada foi-se revelando uma tarefa prazerosa e enriquecedora. Sobre o papel do professor-diretor nesta caminhada, Viola Spolin afirma:

O procedimento para o professor-diretor é basicamente simples: ele deve certificar-se de que todo aluno está participando livremente a todo momento. O desafio para o professor ou líder é ativar cada aluno no grupo respeitando a capacidade imediata de participação de cada um (SPOLIN, 2010, p. 9).

A equipe de estagiários, dividida entre os dois processos de montagem, manteve-se cautelosa, buscando promover um ambiente propício, no qual, a liberdade pessoal, a criatividade, a espontaneidade, a intuição, bem como, a capacidade de reflexão e criticidade dos alunos pudessem ser estimuladas e respeitadas, priorizando assim, a potencialidade do processo em si, e não o resultado final. Ademais, considerando o pensamento de que “estar em cena ou transitar por ela, ao participar de uma montagem, por si só, não oferece instrumentos ao aluno; estratégias específicas precisam ser postas em ação para que essa vivência proporcione uma apreensão que, de fato, contribua para sua formação” (DESGRANGES, 2003, p.72).

**FIGURA 2 - ESTUDANTES DAS TRÊS TURMAS DA MODALIDADE
TÉCNICO INTEGRADO REUNIDOS NO DIA DAS APRESENTAÇÕES DAS
ESQUETES TEATRAIS.**



Fonte: Acervo da pesquisa (2018)

Após o período de ensaios, as apresentações das esquetes encerraram este ciclo de aprendizagem da turma de Mecânica Industrial de forma extremamente positiva, ratificando, assim, a importância do ensino do teatro na escola.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das práticas educativas vivenciadas na disciplina de Estágio III, do curso de Licenciatura em Teatro do IFCE, a equipe de estagiários pôde imergir durante o período de um semestre no universo que envolve o cotidiano de um arte/educador na educação básica. Esta experiência, direcionada de maneira consciente e responsável pela professora orientadora da disciplina, através de seu programa dirigido, possibilitou aos licenciandos, sobretudo, uma profunda reflexão a respeito do processo de formação do artista-docente de teatro.

A presente atividade de estágio, enquanto campo de conhecimento e atividade de pesquisa, proporcionou aos estagiários a realização de uma análise a respeito das próprias práticas docentes, trazendo a discussão as limitações e as potencialidades encontradas durante o processo, ratificando assim, a ideia de que nenhum professor aprende a ser professor por trás dos bancos da universidade, mas sim, no cotidiano da prática da sala de aula.

Foi possível ainda, ao longo da trajetória percorrida na disciplina, verificar na prática, qual o espaço destinado à arte no currículo da educação básica no Brasil, e a partir disso, compreender a relevância das conquistas alcançadas até aqui e a importância de prosseguir lutando por esta causa, dentro e fora de sala de aula, seja no contexto de um instituto tecnológico, ou não, a fim de reafirmar o poder libertador da arte enquanto ferramenta na construção de um indivíduo inteiro, sensível e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESGRANDES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 1.ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2003.
- DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36.ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poésis Pedagógica*, Goiás, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o tetro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. 5.ed.2.reimpressão. São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

UMA VIAGEM DOS SENTIDOS: DA TEORIA NA AULA À EXPERIMENTAÇÃO⁴⁷

Izabel Cristina Soares da Silva Lima
Mestranda do PPGE/UECE
izabel.soares@aluno.uece.br
Ana Cristina de Moraes
Profa. Adjunta PPGE/UECE
cris.moraes@uece.br
Juliane Gonçalves Queiroz
Mestranda do PPGE/UECE
julianeg.queiroz@aluno.uece.br

Resumo

Percebendo o museu como um espaço de provocação, transformação, deleite estético e aprimoramento dos sentidos, o presente trabalho relata uma experiência artístico-pedagógica que compreende um projeto de visita, análise e produção criativa, desenvolvidas na disciplina de Arte. A experiência foi realizada nas turmas “A” e “B” do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco, do município de Caucaia, no Ceará. O projeto efetivou-se durante o segundo bimestre letivo de 2007, constituindo-se de quatro momentos distintos: 1) mergulho no universo vivencial e criativo do artista Rembrandt van Rijn; 2) visita à exposição “Rembrandt e a arte da gravura”; 3) análise da experiência vivenciada pelos alunos; 4) produção de trabalhos críticos que compreenderam desde os relatos descritivos da experiência à oficina de gravura. A experiência demonstrou-se relevante, pois os alunos vivenciaram a apreciação estética de elementos artísticos a partir do processo de ensino-aprendizagem de ressignificação, desenvolvido na disciplina citada.

Palavras-chave: Arte-educação. Gravura. Rembrandt.

A Viagem dos Sentidos

Uma vez evidenciado a inexistência de uma cultura e de um capital no orçamento familiar destinado ao letramento estético (BARBOSA, 2002), surge na escola o espaço ideal de ampliação dos olhares e das mais diversas possibilidades de criação artística, conhecimento de linguagens e de uma prática constante do despertar do sensível em alunos Duarte Jr (1991); Buoro (2003); Arslan & Iavelberg (2006); Pereira (2007).

Considerando a ampliação do conhecimento visual, do universo criativo, do sentido estético (REIS, 2006), e da percepção crítica como elementos necessários à formação do ser

⁴⁷ Artigo elaborado para submissão no IX Prêmio Arte na Escola Cidadã 2008.

humano enquanto cidadão que atua de maneira crítica nos contextos sociais em que se insere (DUARTE JR, 2004), elaborou-se um projeto artístico-pedagógico de visita à exposição “Rembrandt e a arte da gravura”⁴⁸, com o objetivo de fomentar a análise e a produção criativa na experiência de alunos da disciplina de Arte.

Esse projeto, que contempla atividades de ressignificação estética (DUARTE JR, 2004), foi desenvolvido pela professora Izabel Cristina Soares da Silva Lima⁴⁹ que envolveu seus 90 alunos de duas turmas de 7º ano, “A” e “B”, do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco do município de Caucaia, no Ceará.

O desenvolvimento do projeto ocorreu num caminho rizomático, que se estruturava, muitas vezes, no entremeio do percurso, conduzido de maneira fluida e intensa, consciente e sensível Martins & Picosque (2004; 2012). Entretanto, o projeto foi guiado por objetivos bem delimitados, buscando, portanto, explorar nos alunos diversas competências, habilidades e capacidades Barbosa (1975); Ferraz & Fusari (1999); Martins & Picosque (2004; 2012); Buoro (2003), enumeradas a seguir: 1) despertar competências envolvendo sensibilidade e cognição, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem no que diz respeito aos elementos fundamentais das artes visuais; 2) aprimorar as práticas de fruição diante das diversas linguagens artísticas, proporcionando uma percepção à criação artística como uma leitura que o artista faz da realidade em que está inserido; 3) compreender a Arte como elemento constituinte do ser humano e formador da sua estrutura como cidadão reflexivo e transformador da sua própria realidade, através das possibilidades de intervenção do artista e do fruidor no meio em que ele vive; 4) conhecer e desenvolver técnicas de reprodução através da criação de uma matriz, no caso, a gravura – elemento explorado na exposição, compreendendo, através da atividade de recriação, que a obra está num eterno refazer diante dos olhos do espectador, em figuras, sensações e interpretações diversas; 5) ampliar o vocabulário e o conhecimento artístico visual através de atividades que envolvam a vivência e as sensações despertadas nos alunos em contato com as representações das obras de Arte, desenvolvendo o senso estético e estésico através do contato com o artista e sua obra.

⁴⁸ Exposição sediada no Espaço Cultural Unifor no período de 09 de março a 03 de junho de 2007.

⁴⁹ Professora de Arte da Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco Caucaia-CE, licenciada em História na UFC, graduanda no Curso de Licenciatura em Artes Visuais UECE mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação PPGE/UECE.

Partimos, pois, para o relato das etapas compreendidas no projeto que compreende o processo de ensino-aprendizagem de ressignificação estética desenvolvido a partir da experiência de visita, análise e produção artística no contexto da disciplina de Arte.

Mergulho no universo vivencial e criativo

Neste primeiro momento, foram apresentadas imagens barrocas⁵⁰ e exploradas suas características a partir de livros, *data show*, transparências e atividades dirigidas, explorando a percepção visual, o fazer criativo e a recriação (partindo dos elementos artísticos apresentados nas obras e da vivência cotidiana dos alunos). Em seguida, os alunos realizaram pesquisas sobre o artista, seu contexto histórico, suas obras (técnicas, características e abordagens) e, no final da pesquisa, foi solicitado um relato reflexivo sobre as sensações causadas pelo contato vivenciado com as obras de Rembrandt. Essas pesquisas foram apresentadas em forma de relatos orais, onde as informações privilegiadas continham as impressões pessoais e as sensações causadas pelas obras observadas. Posteriormente, foi realizada, individualmente, a produção de texto-sentido (CAVALCANTE JR. 2003), ou seja, uma reflexão em linguagens variadas sobre a pesquisa, as apresentações e as discussões geradas em sala. Por fim, houve a apresentação do filme *Rembrandt*, do diretor Alexander Korda, seguida de discussão.



⁵⁰ Reproduções de pinturas e gravuras de Rembrandt.

Figura 1 - Explorando obras barrocas de Rembrandt (pinturas). Fonte: acervo pessoal.



Figura 2- Explorando autorretratos de Rembrandt (gravuras). Fonte: acervo pessoal.

“Rembrandt e a arte da gravura”

No segundo momento, foi feita uma orientação prévia sobre o espaço a ser visitado, abordando os seguintes aspectos: o tema da exposição; o artista participante; a instituição visitada; a função e a necessidade do espaço expositivo. Durante a visita à exposição “Rembrandt e a arte da gravura” foi solicitado que os alunos percebessem alguns elementos que compunham o espaço físico da exposição, a saber: disposição das obras; elementos plásticos, tais como cores, luminosidade e iluminação do ambiente, dimensão das obras; informações disponíveis sobre o acervo; o trabalho de monitoria.



Figura 3 - Iniciando o percurso expositivo. Fonte: acervo pessoal



Figura 4 - Espaço Educativo da UNIFOR - experiência com gravura. Fonte: acervo pessoal.

Refletindo a experimentação

No terceiro momento, observamos o retorno dos alunos à sala de aula. Nessa ocasião, foi solicitado o preenchimento de uma ficha-roteiro composta por nome, série, data, instituição, título da exposição, linguagem artística explorada, nome do artista apreciado, período de realização das obras, movimento artístico referente, número de obras apreciadas, e um breve relato sobre as impressões pessoais da experiência. Dessa forma, os alunos puderam refletir acerca de sua vivência nesse processo de experimentação que foi desenvolvido a partir da produção do texto-sentido. O brilho nos olhos, a respiração ofegante e as falas – quase gritos de ansiedade – que se misturavam de forma oral, ao finalizarmos a visitação, foram descritas de forma comedida, mas não indiferentes à experiência vivenciada, por exemplo: “A cidade é imensa e tem lugares bem lindos e artísticos”. “O lugar era lindo e as obras nem pareciam ser

tão antigas”. “Professoras, muito obrigada pelo passeio, podemos ver outros lugares e outros artistas depois?”. Falas que mobilizam, instigam e alimentam olhares e a criatividade.

Sensibilidade e criação

No quarto e último momento dessa experiência, houve a realização da oficina de gravura em papelão ondulado em que os alunos, individualmente, elaboraram um desenho, criando sulcos no papelão, suporte selecionado para o desenvolvimento da xilogravura, procurando reproduzir a técnica observada nos trabalhos de Rembrandt. Essa proposta artística teve como finalidade a montagem de uma exposição direcionada aos alunos das duas turmas, com monitoria dos próprios criadores das gravuras. Dando forma, mesmo tomando como referência a obra de Rembrandt, a proposta arte-educativa fugiu das fôrmas, ou seja, fomentou o exercício da liberdade dos alunos, envolvendo-os em um processo criativo. O trabalho pedagógico foi, assim, uma experiência de formação na perspectiva apontada por Ostrower (2009), ao realçar que formar é dar forma a algo.

Reflexões sensíveis

Criar e recriar faz parte do processo de formar (OSTROWER, 2009). Perceber as possibilidades latentes é busca de reinvenção do cotidiano. A Arte propõe, sugere, atíça os sentidos, (re)elaborando contextos. Utiliza as incertezas e reconstrói percursos que se mostram em cada passo realizado.

Neste percurso, a cada instante, um olhar atento, curioso, crítico, perspicaz, percebendo, ressignificando, confabulando, fluindo, sensibilizando, buscando respostas para perguntas que se multiplicam a cada momento. E o caminhar se faz, desfaz-se e se refaz o tempo todo, na magia da gravura, no papel impresso, na imagem surgida, na realidade recriada, possibilidades transformadas e transfiguradas.

Salientamos que os objetivos arrolados nestas reflexões e intervenção estético-pedagógica não condensam de maneira definitiva a dimensão dos reflexos que podem ser gerados na percepção dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento de suas atividades. Entendemos que esses reflexos constituem algo que não se pode mensurar com exatidão devido à perspectiva individual, ou seja, o “sensível” presente em cada sujeito envolvido. Entendemos, portanto, que a Arte está inserida em nosso cotidiano, e percebemos que o contexto em que

estamos inseridos é passível de reconstrução, através da interpretação que elaboramos de nossas experiências como cidadãos críticos e ativos.

Nessa esteira, dentre os conteúdos explorados podemos mencionar alguns que se apresentaram de forma mais pertinente no processo de ensino-aprendizagem desse evento, proporcionando uma aprendizagem significativa: A arte Barroca e suas características específicas; Realismo e os temas abordados nesta forma de representação artística; A arte da gravura e suas variantes (xilogravura, gravura em metal, litografia) assim como seus principais instrumentos e possibilidades criadoras.

Referências

- ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- BARBOSA, A. M. **Teoria e pratica da educação artística**. São Paulo, Cultrix, 1975.
- _____. **A imagem do ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. **Arte/educação Contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BUORO, A. **O Olhar em Construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.
- CAVALCANTE JR. Francisco Silva. **LER...: Caminhos de trans-form-ação**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- _____. **Por uma escola do sujeito: o método (con) texto de letramentos múltiplos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- DUARTE JR., J. **O Sentido dos sentidos**. Paraná: Criar edições, 2004.
- _____. **Por que arte-educação?** São Paulo: Papyrus, 1991.
- FERREIRA, A. **A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula**. Rio de Janeiro: Wak, 2005.
- IAVELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Referencial Curricular** – Fundação Bradesco. 2004.

_____. **Mediação cultural para andarilhos na cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

OSTROWER, Faiga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, K. H. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

REIS, R. **Educação e Estética**: Ensaios críticos sobre arte e formação humana no pós-modernismo. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSA, N.; SCALÉA, N. **Arte-educação para professores** – Teorias e práticas na visitação escolar. Rio de Janeiro: Pinakoth ke, 2006.

CANTAR, BRINCAR SE DIVERTIR E APRENDER: RELATO DE VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Vitória Regina de Azevedo Ferreira¹

vregina237@gmail.com

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA

Reginaldo Furtado dos Santos¹

reginaldosantos913@gmail.com

Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA

RESUMO

Este é fruto de uma experiência vivenciada na disciplina de Estágio Supervisionado: Ação Docente na Educação Infantil, objetivando finalizar a prática realizada no campo de estágio. Com a finalidade de corroborar a importância do estágio supervisionado e a descrição das atividades realizadas em campo assim como também apresentar a identificação, localização, estrutura e as características gerais da escola. O mesmo foi realizado no Centro Municipal de Educação Infantil Guilherme Aragão Queiroz, Ibiapina-Ce, com carga horária de 40 horas dividida em observação e intervenção. A culminância deste trabalho é de fundamental importância para a formação acadêmica uma vez que possibilita uma relação entre as teorias apresentadas e discutidas em sala de aula e a prática vivenciada em campo de estágio propiciando análises cotidianas.

Palavras-chave: Estágio. Educação. Prática profissional.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um projeto intitulado Cantar, brincar se divertir e aprender, decorrido de uma experiência de estágio realizada no Centro Municipal de Educação Infantil Guilherme Aragão Queiroz localizado na zona urbana, da cidade de Ibiapina, Ceará.

Durante as observações realizadas na sala do Infantil IV percebemos a seguinte problemática: a falta de projetos que explorassem a música além de sua utilização em atividades recreativas, observando que a maioria das atividades desenvolvidas visam o português e a matemática, assim deixando de lado a educação auditiva das crianças.

Essa problemática torna-se relevante por não percebermos o incentivo nas crianças a compreenderem a forma adequada de se ouvir música, nem de se conhecer os

diversos ritmos musicais e seus instrumentos. Tentamos analisar a sala e, não encontrando uma deficiência ou necessidade de um assunto ou de determinado objeto para se iniciar um projeto, mas sim nos envolvendo com a energia que as crianças têm e a alegria com que ficam ao ouvir ou cantar uma música, que veio o motivo deste projeto. Até porque, não dá para imaginar a Educação Infantil sem a música.

Quisemos que a música utilizada no Projeto ampliasse a linguagem oral, visual e corporal das crianças, de forma socializadora. Sabe-se que às vezes ocorre uma banalização da música no contexto educacional e se dá, devido os profissionais utilizarem-se apenas como fonte de recreação das crianças, ignorando sua riqueza cultural e social.

A música dentro da comunidade desempenha um grande interesse em quem as ouve de maneira quase que inconsciente, e sempre que nós a ouvimos, sem percebermos, iniciamos movimentos com nosso corpo e murmuramos curtas partes da melodia. Trazendo esse envolvimento para as crianças em seus momentos de brincadeira. Segundos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI: “A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio” (BRASIL, 1998, p. 45), além dela estar presente em suas diferentes formas nas manifestações culturais em todas as civilizações.

Vemos que a música se faz presente em diferentes acontecimentos da vida, achasse música infantil, religiosa, para dançar, instrumental entre tantas outras. O constituir música, entretanto não é o mesmo nas diversas épocas da história da humanidade, já que são desiguais os fundamentos da organização dos sons. Esse ponto proativo é de suma importância para que se compreenda a riqueza da música.

Através da ludicidade, pesquisar brincadeiras tanto quanto a utilizar objetos sonoros que podem ser alcançados, como imitar o que ouve, a criança enceta a classificar e dar importância aos sons que antes estavam isolados, unindo-os de jeito que tenha sentido para ela. É dessa maneira que faz com que o ser humano seja capaz de entender os sons da cultura que o cerca.

Tendo em vista tal projeto para se trabalhar numa sala de infantil V, logo com crianças de 4 e 5 anos não nos vimos trabalhando e aplicando este sem interdisciplinaridade. Que de acordo com Yared (1995) Interdisciplinaridade relaciona-se a uma nova visão de ensinamento e de currículo, fundada correlação entre as muitas galhadas do conhecimento. A mesma é uma nova forma de romper paradigmas antes ainda difíceis, agora com a interdisciplinaridade se usada de forma correta, um paradigma bem mais fácil de ser rompido.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho trata sobre um relato de experiência docente na educação infantil, na turma do infantil IV, em uma escola pública do município de Ibiapina - Ceará. A estrutura do CMEI é ampla, dividida em setores próprios para cada atividade, possui um parque de areia, sala de brinquedos, uma área de recreação e as salas de aula. A sala de aula é bem estruturada, possui quadro branco, uma janela grande para a ventilação e as paredes são repletas de gravuras didáticas, como letras do alfabeto de cores distintas, numerais, animais e bonecos. Os alunos sentavam em mesas para quatro crianças em alguns dias em outros eram divididos meninas e meninos, seus materiais eram individuais (garrafa de água, tesoura, lápis de cor, etc.). O ambiente observado fica perto do banheiro e do bebedouro. Analisando as teorias do curso de Pedagogia é válido falar o quão distante é a teoria que se vê em momentos de aula da prática vivenciada no estágio, são inúmeras as situações inusitadas que acontecem em sala que a universidade ainda não se preocupa ou não julga ser da sua grade curricular, ensinar-nos a lidar com tais situações.

O Centro Municipal de Educação Infantil Guilherme Aragão Queiroz foi fundado em 2012, na Gestão do ex-prefeito Marcos Antônio da Silva Lima. Seu regimento de funcionamento é parcial atendendo os turnos manhã e tarde. O centro atende a uma demanda de 356 crianças, 169 femininos e 187 masculinos. O centro conta com 44 funcionários.

A creche possui uma completa estrutura de salas de aulas amplas e adequadas a bem iluminados. O prédio é formado por blocos para o melhor funcionamento da escola. A escola atende uma demanda de alunos de todas as classes econômicas, com uma totalidade maior com alunos de classes mais baixas e médias, por ser uma instituição gratuita e que visa garantir um ensino de qualidade a todos, a maioria das famílias presentes na mesma, às mães são domésticas ou donas de casa, e os pais em sua maioria trabalham como motorista ou na agricultura.

Com 20hs de observação pudemos observar a organização da sala e dos alunos, o que ocorre durante o início da aula que é acolhida com músicas cantadas, dançadas e encenadas, momento de oração e roda de conversa, em seguida na aula acontece o primeiro lanche para depois se começar a indagação dos conhecimentos das crianças para se iniciar as atividades propostas por uma professora, na qual a sala conta com duas, sendo divididos os planejamentos das aulas por semana. Neste espaço/sala de aula nota-se a variedade de cartazes com números coloridos, alfabetos e canto da leitura. No intervalo das crianças na hora das brincadeiras o que prevalece são brincadeiras que envolvam correr, assim mostrando o quão ativas são as crianças. Na volta do intervalo as professoras mostram um domínio para controlar a sala devido à agitação que as crianças ainda apresentam. Merecido as estas observações desenvolveu-se um projeto intitulado: Cantar, brincar, se divertir e aprender relevante porque não observei o incentivo nas crianças a compreenderem a forma adequada de se ouvir música, nem de se conhecer os diversos ritmos musicais e seus instrumentos. Tentei analisar a sala e, não encontrando uma deficiência ou necessidade de um assunto ou de determinado objeto para se iniciar um projeto e sim nos envolvendo com a energia que as crianças têm e a alegria com que ficam ao ouvir ou cantar uma música, que veio o motivo deste projeto. Até porque, não dá para imaginar a Educação Infantil sem a música, objetivando que a música seja utilizada de forma a ampliar a linguagem oral, visual e corporal das crianças, de forma socializadora. Sabe-se que às vezes ocorre uma banalização da música no contexto educacional e se dá devido os profissionais utilizar apenas como fonte de recreação das crianças, ignorando sua riqueza cultural e social.

Durante a intervenção a aplicação do projeto não saiu como planejado, devido à sala ter toda sua rotina e conseqüentemente ter que respeitá-la, a professora não aceitou algumas de minhas atividades e sugeriu que eu adaptasse parte do projeto com seu plano de aula e com suas atividades. Como por exemplos com músicas já prontas para levar e se trabalhar números, por exemplo, pediram que levasse músicas que trabalhasse a Letra ‘D’ que seria o que as crianças iriam trabalhar em um determinado dia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os olhares de observador

As observações foram realizadas no mês de março de 2018. Em quatro dias na turma do Infantil IV. No primeiro dia observamos a organização da sala e dos alunos, o que ocorre durante o início da aula que é a acolhida com músicas cantadas, dançadas e encenadas, momento de oração e a roda de conversa. No segundo dia a rotina da sala se deu as observações onde acontece o primeiro lanche para depois se começar a indagação dos conhecimentos das crianças para se iniciar as atividades propostas por uma professora, na qual a sala conta com duas, sendo divididos os planejamentos das aulas por semana.

No terceiro dia neste espaço/sala de aula notou-se a variedade de cartazes com números coloridos, alfabetos e canto da leitura. No intervalo das crianças na hora das brincadeiras o que prevalece são brincadeiras que envolvam correr, assim mostrando o quão ativas são as crianças. No quarto dia Na volta do intervalo as professoras mostram um domínio para controlar a sala devido à agitação que as crianças ainda apresentam. No quinto dia se observou a sala em sua totalidade acolhida, primeiro lanche, roda de conversa, início das atividades, intervalo, volta do intervalo continuação das atividades.

Segundo Alves (2011, p 11), “Uma das tarefas mais alegres de um educador é provocar, nos seus alunos, a experiência do espanto. Um aluno espantado é um aluno pensante...” logo, um ser liberto.

Diante a esta premissa se faz um paralelo com as observações nos momentos que a professora realizava um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças, assim aguçando a curiosidade delas.

Conforme Vygotsky (2012 p 108) a tarefa do docente consiste em:

[...] desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias.

Essa tarefa em conseguir a concentração, de dominar uma sala de aula seja de qual etapa seja não é fácil, principalmente quando os discentes são crianças e como as sabemos não consegue se concentrar em algo por muito tempo.

3.2 A vivência do projeto

O projeto intitulado de Cantar, brincar, se divertir e aprender, foi realizado no período de 16 a 20 de Abril de 2018. **O primeiro momento** procurou-se trabalhar os eixos linguagens e códigos com as seguintes atividades: apresentação do projeto com alguns instrumentos e seus respectivos sonhos, contação de história a caixa de música da menina Bia e dançar a música direita, esquerda. Neste primeiro momento que se deu a apresentação do projeto as crianças ficaram maravilhadas com os instrumentos foram-lhes apresentados como: o violão, pandeiro e tam-tam, tais instrumentos musicais foram chamativos de tal forma que nenhuma criança ficou de fora no quesito participação. **No segundo dia**, trabalharam-se os eixos de Arte e movimento e sociedade e natureza. Com as seguintes atividades: organizar os materiais a serem utilizados mostrar e perguntar de que eles são feitos; Produzir uma garrafa de chuva utilizando garrafas pets e palitos de dente; Identificar e reproduzir alguns sons; Jogo da memória de sons. **No terceiro dia**, os eixos trabalhados foram de Arte e movimento, linguagens e códigos com a intenção de sempre estimular a audição e/ou a linguagem oral das crianças com as atividades propostas foram: organizar os alunos em meia lua para ouvirem e participarem da contação de história: O Violino Mágico, relato oral da contribuição das crianças para o silêncio na sala de aula. Desenhar o instrumento que aparecem na história em papel a4. Contar quantos animais tem na história. **No quarto e ultimo dia** aconteceu à

culminância que estava planejado a apresentação da música Orquestra dos Bichos – Patati Patatá, devido ao pedido da professora por está trabalhando um a semana do livro com as crianças e também desenvolvendo um projeto ocorreu uma mudança de planos e a música foi do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Foi pensando de acordo com os documentos proposto pelo RCNEI que foram trabalhadas os eixos citados acima, sempre se utilizando de música e conseqüentemente dessa maneira deixando as aulas mais prazerosas e trabalhando o estímulo da audição das crianças. Conforme Oliveira (2000), o brincar não significa apenas divertir-se sem fundamento e razão, caracterizando-se como uma das formas mais complexas da criança em comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento dá-se por meio de trocas experimentais mútuas estabelecidas durante toda sua vida.

Desta maneira, por entre brincar, a criança desenvolve capacidades importantes, como: memória, imitação, atenção, imaginação, entre outros, que oferecem à criança o desenvolvimento de determinadas áreas da personalidade, a dominar: motricidade, criatividade, afetividade, inteligência, sociabilidade que foram alguns dos conteúdos trabalhados.

4 CONCLUSÃO

Portanto de acordo com projeto Cantar, brincar se divertir e aprender que teve início com os momentos de observação, que oportunizaram uma visão da dinâmica aplicada na sala de aula, e que tiveram posteriormente as atividades desenvolvidas do Projeto de intervenção com as crianças foram momentos significativos de construção e reconstrução de conhecimento o sentido literal de ensino/aprendizagem.

O estágio supervisionado na Educação Infantil é um momento fundamental para a formação iniciativa do docente. Com total certeza foi um momento muito significativo durante a minha formação. Com a finalidade do estágio foi viável determinar uma junção entre a teoria e prática que é estudada e analisada em sala de aula no percurso da vida acadêmica, juntamente com a prática que se adquire na criação de identidade de futuros docentes, devido à formação de inicio só se concretiza com a conquista de

experiências dos discentes. Momento da real análise sobre teoria e prática e a realidade da distância que elas ainda têm uma com a outra. Como já citado é um momento de reflexão para o discente escolher sua futura prática profissional. Foi um momento de amadurecimento pessoal e profissional.

Os momentos de observação, oportunizou-me uma visão da dinâmica aplicada na sala de aula. Posteriormente as atividades desenvolvidas do Projeto de intervenção com as crianças foram momentos significativos de construção e reconstrução de conhecimento o sentido literal de ensino/aprendizagem. Novamente fica evidente a distância de algumas teorias e prática uma vez que temos poucos momentos de práticas ofertados pela grade curricular. Distante mas não tão longe se aplica também algumas, na verdade poucas teorias em sala de aula. Reforçamos isso com Pimenta e Lima (2005) o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir.

Consequentemente finaliza-se que o projeto de intervenção foi uma condição de grande valor para a formação tanto das crianças que tiveram a oportunidade de desenvolver um pouco de sua audição como para a minha formação como docente em Pedagogia, visto que um profissional não constrói seu saber, senão começando com seu próprio fazer.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Ed. Versus, São Paulo, 2011
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, (1998). **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 3.
- VIGOTSKY, L. S. O Papel do Brinquedo no Desenvolvimento. In: VYGOTSKY. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Ícone-Edidora da Universidade de São Paulo, 1991.

YARED, Ivone. **Interdisciplinaridade e sistema preventivo:** Sonho-realidade.

Lorena: Quadrante. Publicações do Centro Cultural Teresa D'Ávila 1995. p. 33- 37.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LIXO NO LUGAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS

Diana Cristina Oliveira de Sousa
Universidade Estadual Vale do Acaraú,
dianacristinaoliveira07@gmail.com
Maria Elza Souza Azevedo,
Universidade Estadual Vale do Acaraú,
elzaazevedoh@gmail.com

RESUMO

Este trabalho fundamenta-se no relato e reflexão de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, o qual foi desenvolvido em uma escola pertencente ao município de Sobral – Ceará. Em uma sala de segundo ano no turno Matutino. O estágio foi desenvolvido com crianças na faixa etária de 06 a 07 anos, os quais foram observados durante uma semana, para que assim pudéssemos elaborar um planejamento da prática docente, levando em consideração suas necessidades. O componente de estágio tem como objetivo possibilitar ao acadêmico o primeiro contato de iniciação à docência, proporcionando a este, uma experiência que permite uma visão mais abrangente relacionado ao ambiente de atuação do professor à sua prática pedagógica. Foram feitas observações, e a partir delas foi elaborado um Projeto Interdisciplinar que tem como tema “Coleta Seletiva” e como título “Lixo no lugar”. Ao concluir foi possível entender a total importância do estágio, bem como todo o percurso formativo nos permite moldarmos a nossa prática e refletirmos acerca dos conflitos inerentes ao ensino, contribuindo para uma possível e futura intervenção nos ambientes escolares.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade relatar experiências vivenciadas ao longo do Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Pedagogia – UVA, reflexões sobre a importância do estágio supervisionado nos anos iniciais, e as suas contribuições para a formação docente, considerando os estudos teóricos que foram realizados em sala de aula.

Neste período da formação o acadêmico realiza três etapas do estágio, iniciando pela observação, seguindo pela elaboração de um projeto e finalizando com a intervenção, cada etapa teve a duração de 20 horas.

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que o estágio tem como finalidade aproximar o aluno da realidade na qual atuará. O estágio é um momento em que permite que os profissionais possam exercitar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso de formação, sendo vista como a parte prática do curso. Considerando que a profissão só aprende na prática, e que a teoria estudada durante o curso está muito distante da realidade.

Cury (2003, p. 118) delinea objetivos ao estágio curricular supervisionado e amplia o conceito:

[...] O estágio supervisionado implica:

1. Conhecer o real em situação.
2. Fazer crescer o interesse pela área.
3. Verificar se os conhecimentos adquiridos são pertinentes à área.
4. Articular-se com o mercado de trabalho.
5. Comparar programas de estudos face às diferentes necessidades da sociedade. (CURY, 2003, p. 118)

Ao analisar os objetivos ao estágio, o autor intervém que o mesmo seja conduzido para a profissionalização, isto é, aprender, estar habituado com a prática profissional, refletindo com a orientação de alguém mais experiente que precisa possibilitar ao estagiário a inter-relação entre o saber e o fazer. Em suma, favorece a concepção do estágio como o momento de conhecer o real e estudá-lo.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral, relatar e refletir algumas das experiências desenvolvidas no decorrer do Estágio Supervisionado nos anos iniciais, e conta com a abordagem qualitativa, que, conforme Godoy (1995) se preocupa em aprofundar o estudo que acontece na realidade da sociedade, ocorrendo o desenvolvimento de um estudo com pessoas envolvidas, sendo que essa é uma maneira

na qual se consegue vários dados para obter um resultado de qualidade. Este estudo apresenta relatos e reflexões acerca da experiência do estágio, nas quais, ocorreram diferentes situações que contribuíram para a aprendizagem e formação docente.

No estágio cria-se uma oportunidade do desenvolvimento da atividade reflexiva, bem como a elaboração de um conhecimento sobre o cotidiano da educação. A pesquisa no ensino na acepção proposta por PONTUSCHKA et al. (2007) é definida como um caminho teórico e metodológico de busca de respostas para os desafios que se encontra na relação pedagógica com os alunos e no diálogo com o espaço geográfico e com um mundo em mudança. E é nesse caminho nem sempre fácil, mas potencialmente gratificante e revelador, que se estabelece um diálogo contínuo para o aprimoramento e adaptação das nossas práticas nos diferentes contextos nos quais ela se insere.

METODOLOGIA

Para atingir nossos objetivos optamos pela metodologia de abordagem qualitativa, em que focaliza uma quantidade pequena de informações, mas responde questões particulares; ou seja, “trabalha com universo de significados motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”(MINAYO, 2001, p.22).

Esta pesquisa surgiu na disciplina de Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Pedagogia – UVA, na qual foram discutidos aspectos teóricos e a prática pedagógica. A pesquisa é de cunho exploratório, que “(...) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. (GIL,2009, p. 41).

O estágio supervisionado foi desenvolvido em uma escola pertencente ao município de Sobral, Estado do Ceará. Em uma sala de segundo ano no turno Matutino. O estágio foi desenvolvido com crianças na faixa etária de 06 a 07 anos, tendo como

objetivo informar os alunos sobre a importância da coleta seletiva bem como instruir o meio mais adequado para a realização desta atividade. Tais etapas tiveram a orientação da professora da disciplina de estágio supervisionado e acompanhamento da professora da turma escolhida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho fundamenta-se no relato e reflexão de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, o qual foi desenvolvido em uma escola pertencente ao município de Sobral – Ceará. Tendo a carga de 40 horas, que foram divididas em duas etapas, sendo: observação e intervenção, consumando assim 20 horas cada etapa, as quais foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2018, realizadas do dia 28/02 ao dia 21/03 conforme combinado com a professora regente.

Na etapa de observação, fomos até a instituição de ensino, sendo esse o primeiro contato com a escola, a professora e a turma regente. Anteriormente houve um encontro com o diretor e coordenadora, os quais proporcionaram um conhecimento maior sobre a instituição de ensino.

De acordo com Godoy e Soares (2014), a observação acontece em todo o processo do estágio, mas é fundamental que a mesma ocorra com maior ênfase na etapa de observação para que o estagiário esteja preparado para as próximas etapas, como a participação e principalmente a atuação.

A etapa da participação proporciona um contato maior com os alunos, porque o acadêmico já pode ajudar a professora regente da turma nas realizações das atividades. Mas, “é importante mostrar solicitude junto ao profissional mais experiente que está acompanhando” (GODOY; SOARES, 2014, p.86).

A sala de aula na qual foi realizado o estágio é bem ampla, tem dois armários onde ficam guardados os materiais que eles utilizam ao decorrer do ano com os seus livros e pertences das professoras, quadro branco, e dois ventiladores de teto.

A decoração das paredes é feita com várias atividades e cartazes, o alfabeto, número, combinados, rotina, poemas, cantinho da leitura, informes e datas de aniversários. Boa parte da decoração é ornamentada pela professora em conjunto com as crianças, no caso as das atividades já realizadas pelas crianças. Vale lembrar que através da interação em momentos de decorar a sala, por exemplo, que as crianças se desenvolvem e aprendem.

A turma observada como já mencionada, foi o segundo ano D do turno da manhã, turma esta que é regida por apenas uma professora. A professora da turma possui uma lista com os nomes dos responsáveis por cada aluno, qualquer situação que acontece com a criança, a professora pode entrar rapidamente em contato com os responsáveis.

A turma é composta por 29 crianças de 6 a 7 anos sendo catorze meninas e quinze meninos que são organizados em fileiras, onde ficam sentados nas cadeiras um atrás do outro. E a professoras logo a frente deles, a aula se dá início na quadra com a coordenadora onde todos os alunos de todas as turmas se reúnem para fazer uma oração, cantar algumas músicas e sempre sendo os motivado. E logo após, com a professora vão para a sala em fila e vão para seus respectivos assentos escolhidos. Foi percebida uma boa-interação entre pais e professores com uma boa recepção e dialogo.

A turma é tranquila, participa das atividades propostas e interagem bem. São observadores, curiosos e se mostraram bastante criativos. Durante as observações realizadas na sala do segundo ano foi percebida a seguinte problemática: a falta de informação dos alunos sobre o encaminhamento do lixo; sendo este apresentado em diversas situações da rotina escolar dos referidos alunos, esse problema manifesta-se através de situações freqüentes na escola, a exemplo do momento que eles estão no intervalo e jogam a embalagem dos alimentos utilizados por eles no chão, e não é de conhecimento dos alunos a utilização de cores especifica para cada lixo.

Considera-se que essa problemática é relevante, uma vez que este ato é constantemente utilizado no cotidiano escolar e social das crianças, sendo este meio identificado como importante para a vivência da vida humana. É notável o quanto as

crianças carecem de informação que revelam a importância desse tema em questão, levando em consideração a efetividade de ações socioculturais e ambientais.

A intervenção foi iniciada, seguindo um plano de aula. Foram realizadas muitas atividades de grande relevância com as crianças e durante as aulas, foi trabalhado como já mencionado, o tema coleta seletiva, em quem é ressaltada a importância de não jogar lixo nas ruas, escola, e em casa. Então foi realizadas atividades como uma roda de conversa sobre os lixos produzidos nas suas casas e escola, fizemos uma leitura de uma notícia “sobre as ruas alagadas da cidade” e explicando sua funcionalidade, foi percebido que os alunos tinham um entendimento básico sobre a finalidade dos gêneros. A intenção de produzirem um texto sobre: “O nosso lixo de cada dia”, foi excluída, pois devido ao tempo foi pedido apenas que eles fizessem um desenho, foi apresentada a temática aos alunos com um vídeo sobre a importância da coleta seletiva, e a utilização dos 3R’s. Neste momento, os alunos estavam bem atentos e logo após foram feitas perguntas nas quais eles responderam com bastante entusiasmo.

Construíram potes com as cores de cada material referente à coleta seletiva do lixo e assim puderam identificar as cores dos coletores (azul para papel/papelão, vermelho para plástico, verde para vidro, amarelo para metal e marrom para matéria orgânica) e posteriormente classificaram e separaram nos potes, cada tipo de lixo. Foi visto que várias curiosidades e desafios iam surgindo, e vários fatos relatados. E então para compreender o tempo de decomposição de alguns objetos, foi criado um mural no qual eles mesmos montaram e produziram cartazes de conscientização com desenhos feitos por eles mesmos, sobre a preservação do meio ambiente e atitudes que podemos tomar para preservar o nosso planeta, e através dessa atividade proposta, construíram-se conhecimentos diversificados, havendo uma aprendizagem significativa e envolvente, na qual eles eram autores do seu próprio saber.

Na culminância foram mostrados fotos e vídeos de alguns brinquedos que podem ser feitos com os materiais que foram reciclados, a proposta da atividade de escolherem e confeccionarem o seu próprio brinquedo com materiais recicláveis

trazidos de casa também foi excluída pelo fato de não haver tempo, pois estavam se preparando para provas internas e externas, então foram levados alguns brinquedos para apreciação de todos. E por fim foi realizada uma exposição e socialização das atividades realizadas, para que todos pudessem ver e admirar.

Durante o estágio, foram trabalhadas questões significativas que foram do interesse dos alunos contemplando-os em relação as suas curiosidades, sanando suas dificuldades, necessidades, quando surgidas, fazendo ligações com as diversas áreas do conhecimento, possibilitando o envolvimento e a resolução de problemas.

CONCLUSÃO

A experiência em sala de aula, tanto observando, quanto regendo, são imprescindíveis à formação do professor. Todas as etapas do estágio foram de suma importância e enriquecedoras para o aprendizado. No contexto dos anos iniciais, procurou-se preparar aulas diferenciadas do cotidiano deles para que assim despertassem a curiosidade e atenção dos alunos; a cada dia, percebia-se o interesse cada vez maior e a interação com os assuntos abordados. As atividades dadas em sala de aula, as dinâmicas e exercícios foram realizadas com êxito por parte dos discentes.

O estágio nos permite refletir acerca da nossa futura profissão, diagnosticando de antemão se desejaremos de fato enveredarmos pelos caminhos da vida na carreira docente. O estágio, bem como todo o percurso formativo nos permite moldarmos a nossa prática e refletirmos acerca dos conflitos inerentes ao ensino, contribuindo para uma possível e futura intervenção nos ambientes escolares.

REFERÊNCIAS

CURY, Munir; SILVA, Antônio Fernando do Amaral e; MENDEZ, Emílio Garcia. **Estatuto da criança e do Adolescente comentado**. São Paulo: Malheiros, 2003. P.118.
GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. 12 reimpressão. São Paulo:

Atlas, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** *Revista de Administração de Empresas.* São Paulo, v. 35, n.3. p. 20-29, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 20julho. 2018.

GODOY, Miriam Adalgisa Bedim; SOARES, Solange Toldo. **Estágio e sua relação com a pesquisa.** In: _____. **Estágio Supervisionado no curso de Pedagogia:** Unicentro Paraná. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicentro.br/bitstream/123456789/509/1/EST%C3%81GIO%20SUPERVISIONADO%20NO%20CURSO%20DE%20PEDAGOGIA.pdf>>. Acesso em: 20julho. 2018.

GONÇALVES, C. L; PIMENTA, S.G. **Reverendo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor.** São Paulo: Cortez, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed.Petrópolis: vozes, 2001.

PONTUSCHKA, Nídia N, PAGANELLI, Tomoko e CACETE, Núria. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007

O PROTAGONISMO ESTUDANTIL COMO PRINCÍPIO PARTICIPATIVO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Vitória Martins de Castro. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação.

vitooriacaastro95@gmail.com

Márcia Cristiane Ferreira Mendes. Universidade Estadual do Ceará, Programa de

Pós-Graduação em Educação, marciacfmendes@gmail.com

RESUMO

A relevância deste relato de experiência tem como objetivo compreender a atuação do protagonismo estudantil nas escolas como princípio participativo da gestão democrática. A abordagem metodológica está pautada nos aspectos qualitativos, partindo da visão dos estudantes nas rodas de diálogos. Os resultados obtidos partem da visão transformadora do estudante, de perceberem a importância de sua participação na tomada de decisão da escola.

Palavras-Chave: Protagonismo Estudantil. Gestão Democrática. Educação.

INTRODUÇÃO

As entidades escolares são órgãos sociais que existem para realizar as finalidades educativas, como, por exemplo, abranger o aprendizado e a formação do indivíduo. O conjunto de métodos e gerenciamentos existentes na escola provoca uma agregação de práticas que possibilitam o alcance de metas pedagógicas.

O objetivo do presente estudo é compreender a atuação do protagonismo estudantil nas escolas como princípio participativo da gestão democrática. Importante ressaltar o papel dos alunos na gestão democrática gerando assim uma participação mais ativa no ambiente escolar. O aluno como ser atuante e não apenas como observador do direcionamento acadêmico.

O interesse a pesquisa sobre o protagonismo estudantil partiu das nossas experiências na disciplina de Fundamentos da Gestão, proporcionando a pensar: que

ações as escolas promovem para fomentar e fortalecer o protagonismo estudantil? Com base nesse questionamento que desenvolvemos o objetivo do estudo.

A execução das ações educacionais provoca uma conduta coletiva de profissionais, estes com qualificações bem equivalentes, para juntos criarem práticas de organização na área de gestão escolar de modo a contemplar as construções de processos básicos de identidade da instituição como o caráter crítico de sua funcionalidade.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica está pautada nos aspectos qualitativos, partindo da visão dos estudantes nas rodas de diálogos. O local escolhido para a intervenção foi a Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada na cidade de Fortaleza, no bairro José Walter, totalizando três visitas para a concretização do estudo, onde buscamos perceber a atuação dos estudantes nas decisões das escolas.

DISCUSSÕES

O termo protagonismo vem do grego protos que significa “o principal”, e agonista, lutador. Ou seja, o indivíduo que executa ou ocupa o primeiro lugar em algum evento e a escola é o primeiro local favorecido para acontecer tal ação, é nela que ele tem o contato preliminar que o proporciona a vivência e experiência de situações de participação democrática. E isto traz a preocupação pela busca de uma educação que possibilite a formação de um ser crítico, autônomo, criativo e solidário, características fundamentais para o cidadão contemporâneo ativo, ciente dos seus direitos e deveres perante a sociedade.

O desenvolvimento do indivíduo nesta concepção, tendo como mediador o professor expondo suas vivências, experiências e conhecimentos possibilita a construção de um sujeito emancipado mediante as propostas que permitam seus progressos pessoais, habilitando suas capacidades sociais, cognitivas, produtivas e emocionais no processo de ensino aprendizagem dessa ação. Segundo Costa (1999) o

sujeito vai: Empreender, ele próprio, a construção de seu ser: esse é o momento da afirmação da subjetividade do educando.

Assim, com este objetivo foi realizada uma intervenção na Escola Municipal de Tempo Integral Diogo Vital de Siqueira, localizada na cidade de Fortaleza, no bairro José Walter, totalizando três visitas para a concretização do estudo, onde buscamos perceber a participação dos estudantes nas decisões das escolas como princípio da gestão participativa.

Logo na primeira visita a diretora de forma receptiva e atenciosa nos cedeu seu tempo para responder nossos questionamentos sobre a gestão da escola e os desafios enfrentados no cotidiano escolar. No segundo dia de visita, conversamos com trinta e três alunos responsáveis pela liderança das turmas, e iniciamos esse momento com uma roda de conversa no intuito de perceber qual a compreensão dos estudantes sobre gestão democrática percebendo pouco conhecimento.

No terceiro dia e último de visita, realizamos a nossa intervenção. Formamos uma roda de conversa, na área externa da escola, onde reunimos os trinta e três alunos após o intervalo. Durante, aproximadamente 80 minutos, tivemos uma palestra sobre os assuntos: Protagonismo Infância-juvenil, Gestão democrática e Grêmios estudantis, auxiliado por Carlos Henrique Viana, aluno da graduação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e que a qual o mesmo faz parte do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED).

Ao final da palestra, eles se mostraram dispostos a seguirem o conhecimento obtido naquele momento, que iriam tentar implantar a volta do Grêmios na Escola e acreditamos, pelos olhares e expressões vistas, que saíram motivados para conseguirem algo melhor para eles, mesmo com todas as dificuldades do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, com as observações, percebemos que o grande desafio da escola naquele momento estava relacionado ao desenvolvimento do protagonismo infância-

juvenil, em meio às cobranças relacionadas às notas, rendimentos e as relações cotidianas.

Com o enfoque neste acontecimento, decidimos intervir com uma palestra educativa usando a metodologia dos benefícios do protagonismo nas relações escolares. Todos os alunos interagiram no momento da palestra, fazendo perguntas, levantando questionamentos e expondo suas vivências.

Por fim, podemos concluir que o trabalho realizado, através desse intermédio contribuiu para perceber as necessidades dos alunos, visto que, foi trabalhado em cima dos assuntos pautados por eles durante a análise.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. PLACO, Vera Maria Nigro de Souza. *O coordenador pedagógico e a questão da contemporaneidade* São Paulo: Loyola, 2006.

MORAIS, M. C. *O paradigma educacional emergente na formação do professor e nas práticas pedagógicas*. Revista do congresso de Educação Continuada –Pólo 7, PEC. Unitau, Taubaté (1998).

LIBANEO, Jose Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização*. São Paulo: Cortez, 2012.

PROJETO AQUARELA: DA MUSICA A ARTE, MOVIMENTAR FAZ PARTE

Maria Edilane da Silva Lima⁵¹

RESUMO

A utilização de música no ambiente escolar assumiu um papel relevante ao longo dos anos, principalmente na educação infantil. Tendo então a necessidade de explorar tal assunto. O presente trabalho tenciona relatar a experiência com a música Aquarela, de Vinicius de Moraes, a arte e suas potencialidades em uma sala de aula da educação infantil de um Centro de Educação Infantil do município de Fortaleza, a fim de estreitar laços com as crianças envolvidas e obter uma melhor participação dos mesmos na busca do sucesso escolar. Primeiramente uma reflexão no embasamento teórico que norteou o trabalho, dando suporte ao mesmo. Trataremos também da afetividade e confiança, pois a aprendizagem só acontece, efetivamente, quando o sujeito constrói uma base afetiva sólida que lhe permita elaborar sua autoestima em um autoconceito positivo, provocando o envolvimento do aluno e o empenho do adulto na experiência proposta.

Palavras-chave: Musica. Afetividade. Envolvimento.

INTRODUÇÃO

A presença da música na vida das pessoas é incontestável. Deste modo existem muitas possibilidades de buscar as contribuições da música no desenvolvimento da criança, uma vez que ela se faz presente em suas vidas antes de sua alfabetização. A relação com a música, às vezes, já se inicia no ventre materno e segue no decorrer da sua infância. Nas brincadeiras infantis, as crianças usam a música como forma de expressão e também para estabelecer regras, relações sociais, diversão, alegria e aprendizagem. Esses exemplos dão um breve panorama da importância da música na educação infantil, seja ela escolar ou na família.

⁵¹ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Kurios. Professora da Rede Municipal de Fortaleza. E-mail: maria-edilane@hotmail.com

Para Brito (2003) a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

Este texto objetiva socializar alguns dos percursos vivenciados por um grupo de alunos do infantil II, de um CEI⁵² na comunidade do Grande Bom Jardim, onde a experiência surgiu ao observar a necessidade de ampliação do repertório musical das crianças. Deste modo, pensou-se em apresentá-los músicas clássicas, onde na turma em questão foi explorada a “Aquarela” de Vinicius de Moraes.

Outro fator relevante na escolha, foi o fato de que as crianças ainda não interagiam entre si, mostravam-se tensos e sem confiança em estarem no ambiente escolar, onde segundo a Proposta Curricular do município de Fortaleza, a música funcionaria como instrumento de mediação e intervenção em tal aspecto. Assim como também seria proposto experiências estéticas, princípio pertinente segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2009).

É válido ressaltar que a música tem o poder de alcançar a alma humana, sua universalidade e capacidade de sensibilização são o que justifica este projeto, notadamente interdisciplinar e que com o esforço e dedicação, foi possível adequá-lo aos vários componentes curriculares visando abordar todos os aspectos da música, mergulhando em sua história e passando por todos os vieses, finalizando com o mais perfeito e emocionante de todos os instrumentos: o corpo humano, que encerrou esse subprojeto, através de uma apresentação de dança, formado por todos os alunos da classe diretamente envolvida que demonstraram interesse em dançar.

Ademais, tendo consciência de que saber se expressar é condição básica para se tornar um cidadão e que uma das funções da escola é formar cidadãos, resolvemos

⁵² Sigla referente à Centro de Educação Infantil

usar essa metodologia que ajuda a criança a ter maior concentração e autoconfiança: a música, e por meio dessa atividade desenvolver o raciocínio, a sensibilidade rítmica e auditiva do aluno, tornando-o mais receptivo a outras áreas do saber e mais sociável na interação.

1. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A experiência com a música Aquarela foi realizada no Infantil II, turma A, no Centro de Educação Infantil Manoel Malveira Maia, de forma semanal com duração de um mês, trazendo como principais objetivos a exploração e identificação dos elementos da música como forma interação, perceber e expressar sensações e sentimentos através das músicas e ampliar o repertório musical, ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento utilizando gestos diversos e ritmos corporais, bem como desenvolver relações sociais e afetivas através das atividades de música e movimento.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009) a educação infantil traz três princípios como norteadores da prática pedagógica que são: éticos, políticos e estéticos, ambos trabalhando a fim de estimular o desenvolvimento da criança.

Britto (2005) salienta que na educação infantil não basta somente ensinar as letras, mas sim se faz necessária a construção de bases onde as crianças possam participar criticamente da cultura escrita. Partindo desse pressuposto, pensou-se em proporcionar uma experiência estética às crianças, tendo como enfoque o protagonismo infantil, a fim de estimular a interação e confiança, visto que o projeto foi desenvolvido no início do ano letivo, onde as crianças em questão estavam ingressando pela primeira vez no universo escolar.

1.1. Procedimentos metodológicos

Segundo a proposta curricular da educação infantil do município de fortaleza, as ações didáticas são compreendidas como posturas e atitudes dos professores diante do planejamento das experiências e aprendizagens a serem realizadas no cotidiano

escolar, as quais exprimem suas concepções sobre criança, infância, Educação Infantil, aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Deste modo, foi pensado em apresentar a música “Aquarela” aos alunos em forma de vídeo ilustrado. Logo após o término, uma roda de conversa foi formada e as crianças foram questionadas sobre o seu entendimento acerca do vídeo, e o que ele poderia significar. Essa reflexão foi proposta com o objetivo de coletar quais informações foram mais significativas para as crianças e porque o foram, o vídeo foi passado em todos os encontros do projeto para que pudéssemos observar o avanço sobre o entendimento que elas adquiriram e também para que elas pudessem lembrar o que já tínhamos feito e o que faríamos.

“A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos cem pensamentos cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre cem modos de escutar de maravilha e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem) mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar, de compreender, sem alegrias de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe enfim: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem”. (MALAGUZZI, 1999, p.59)

Em consonância com o autor, apresentamos as crianças a música também em suas variações, como: instrumental, percussiva, acústica e convencional. A concretização de nosso trabalho deu-se a partir da confecção de um livro, onde constam atividades como desenhos, colagens, dobraduras, montagens e pinturas. As páginas do livro foram compostas pelas estrofes da música, onde levando em consideração ao escrito, trabalharam-se conceitos, como cores, formas, meio ambiente, arte, coordenação motora, escrita, leitura e fenômenos naturais.

Como descrito anteriormente, as crianças tiveram acesso à música “Aquarela” instrumental, onde algumas delas começaram a dança-la, pareciam está dançando ballet

e mostravam-se muito empolgadas. Aproveitando o interesse, comecei a “brincar” de dançar junto com elas, o que culminou em uma apresentação riquíssima de ballet infantil ao modo deles e as demais crianças da creche tiveram a oportunidade de apreciar o trabalho da turma ao final do mês em uma apresentação no pátio externo e com a leitura do livro criado pela turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste projeto possibilitou, mesmo que minimamente, que as crianças aprimorassem as diversas linguagens contempladas pelas atividades, o que futuramente as favorecerá tanto para a expansão da compreensão sobre a cultura escrita, quanto para o desenvolvimento de habilidades e a interação com as pessoas e o meio a que convivem.

Foi possível observar que as crianças se interessaram pelo vídeo buscando compreendê-lo e fazendo indagações sobre as imagens, ficando atraídos por aquelas que representavam contextos já conhecidos, como o sol, o menino e também o castelo, presente em muitas histórias que conhecem, características dos contos de fada, mostrando que mesmo com pouca idade conseguem estabelecer relações e associações, criando vínculos e ampliando o repertório musical e vocabular.

Muitas reflexões surgiram a partir de cada atividade. As crianças puderam expor o que conheciam aos colegas, assim como usaram deste espaço para tentar perguntar o que tinham dúvida, pois a fala destes ainda estava em desenvolvimento. Demonstraram, porém, pouco conhecimento com relação às letras contidas na música, entretanto evidenciaram muita curiosidade, criatividade e animação em trabalhar com os diversos materiais usados na confecção do livro.

Foi possível perceber que as crianças se apropriaram do projeto de forma integral, pois estavam empolgadas para realizar cada atividade, e a maioria delas queriam fazer mais do que uma. Acredito que esse fato se deu devido ao contato com a autonomia a qual foram estimuladas.

Em face de tudo que foi descrito, acredito ter sido o maior avanço as mudanças comportamentais que a turma apresentou, pois mostraram mais confiança em si e conseqüentemente uma maior exploração do ambiente escolar e interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer 20/2009 e Resolução nº 05/2009. Brasília: MEC, 2009.

BRITTO, L. P. L. Letramento e alfabetização: Implicações para a Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G. de.; MELLO, S. A. (Orgs). **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** SP, Campinas: Autores Associados, 2005. Coleção polêmicas do nosso tempo.

BRITO, T. A. Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

MALAGUZZI, L. As cem linguagens da criança. In: EDWARDS, C. et al. História, ideias e filosofia básica. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORTALEZA. Proposta curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza. Fortaleza: 2016.

QUEM SOU EU? MINHA HISTÓRIA, MINHA INFÂNCIA

Maria Zilma da Silva Teófilo
zilmateofilo@bol.com.br
UNNESULLIVAN UNIVERSITY
Maria Rozangela Correia Alves
teacherrosinha@hotmail.com
UNNESULLIVAN UNIVERSITY
Meiriane da Silva Pinheiro
meirianehistoriadora@gmail.com
UNNESULLIVAN UNIVERSITY

Resumo

Esta experiência tem como objetivo trabalhar a seqüência didática sobre “minha infância, minha identidade” onde eles conheceram sua história, a origem e o significado do seu nome, assim como a leitura e a escrita. Os processos de aquisição da leitura e da escrita pelas crianças estão se desenvolvendo cada vez mais cedo, tendo em vista o contexto letrado no qual estamos imersos na contemporaneidade. Ler e escrever com competência tornou-se condição indispensável, apesar de não ser o suficiente, para o exercício da cidadania. Durante o projeto foram desenvolvidas atividades de pesquisas, atividades ilustrativas, roda de leitura e de conversa, preferências, contagem e registro de números. Dessa forma, o ensino sistematizado da leitura e da escrita vem se consolidando desde a Educação Infantil, introduzindo o processo escolarizado de alfabetização. No final de todas as etapas de construção as crianças tiveram um livro produzido por eles.

Palavras-chave: Identidade. Leitura. Escrita.

Introdução

A seqüência didática relatada foi aplicada em uma turma de 16 alunos da educação infantil, com faixa etária variando entre 5 e 6 anos, turma infantil V “A” no turno da tarde, no Centro de Educação Infantil Pequeno Lucas, localizado na Rua Cassiano Correia-Centro-Ocara, s/n pertencente a 8ª CREDE de Baturité. Foi desenvolvido no primeiro semestre de 2018, surgiu a partir da necessidade de proporcionar aos alunos conhecimentos sobre sua identidade, conhecendo sua história, incentivando assim, o respeito, interação e socialização de uns com os outros, respeitando as diferenças do grupo, religião, preferências, opiniões e gênero.

Sobre isso, Vygotsky e Piaget (1998) relatam que: a aprendizagem se realiza em uma relação interativa entre o sujeito e a tradição em que vive. Esse fato significa que, ao lado dos processos cognitivos de preparação totalmente pessoal (ninguém consegue aprender pelo outro), há uma situação que, não só oferece informações peculiares ao aprendiz, como também incentiva e dá significado ao que é aprendido, e ainda favorece suas essenciais capacidades de aplicação e emprego nas situações que são experimentadas.

A identidade é uma construção, e a base para estabelecer o autoconhecimento como processo constante e mutável construída a partir da infância. Oferecer uma boa base para os pilares e estruturas é fundamental. Ter consciência de si, de sua importância, seus gostos, sentimentos, origens, laços, cultura, nacionalidade, são coisas vitais para o desenvolvimento de uma identidade cidadã, bem resolvida e responsável. Por essa razão, trabalhamos este projeto com sugestões e dicas de como desenvolver plena consciência de suas histórias, origens e cultura.

A construção da identidade é um processo contínuo e quanto mais autoconhecimento possuímos, melhor se dá este processo. Ter consciência de nós, do nosso papel em sociedade, a origem histórica é o que nos permite ser atuantes nos meios em que vivemos. Sem isso, nos sentimos pouco importantes e deixamos de realizar todo nosso potencial, que acaba desperdiçado. Portanto, se faz necessário abordar e contemplar nas práticas pedagógica, estratégias que possam contribuir com esse aspectos de grande significado para a construção da singularidade das crianças.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009, em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Ainda de acordo com as Diretrizes DCNEI, em seu Artigo 9º, os **eixos estruturantes das práticas pedagógicas** dessa etapa da Educação Básica são

as **interações** e a **brincadeira**, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

Objetivos(s)

Trabalhar a seqüência didática sobre “minha infância, minha identidade” onde eles conheceram sua história, a origem e o significado do seu nome, assim como a leitura e a escrita.

Metodologia

Em um primeiro momento, os pais foram convidados para a apresentação do projeto intitulado: **Quem sou eu? Minha história, minha infância**. O objetivo desse encontro era sensibilizar os pais para a importância de sua participação em todas as etapas do projeto, acompanhando os trabalhos de pesquisa junto de seus filhos, conversando sobre qual é suas origens, de onde veio, o porquê do nome, naturalidade incentivando assim o autoconhecimento de sua identidade. Sabemos que é imprescindível possibilitar à criança a apropriação do conhecimento sobre sua história de vida, bem como a história do seu nome, e ainda mais importante é fazer a interação do CEI com a família e a criança.



Figura 1 e 2 – apresentação do projeto aos pais e comunidade escolar

A BNCC estrutura o currículo da Educação Infantil em cinco **campos de experiências: O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações** no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Dentre esses 5 campos de experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, utilizamos mais o campo **O eu, o outro e o nós** que fala que é na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais.

Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas.

Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.



Imagem 3 – 4 Utilizando o alfabeto móvel para construção do próprio nome.

No decorrer do projeto foram realizadas as rodas de conversa e contação de histórias, pois são imprescindíveis na Educação. Devem acontecer diariamente, num processo de construção dessa aprendizagem: sentar em roda, falar e ouvir o outro, contribuir com o assunto em pauta, tudo dentro de um espírito de brincadeira e respeito à individualidade. Foram organizados momentos na rotina diária para que ela sempre aconteça de forma planejada com temas que surgem naturalmente.

Aproveitar esta prática para desenvolver momentos de convívio social e também para conversar sobre os gostos de cada um, animal preferido, comida que mais gosta, animal de estimação, a brincadeira e o brinquedo de sua preferência, a cor, como é sua casa, se ajuda nas tarefas de casa, o que mais gosta de fazer na escola. Conversamos também sobre os valores que devemos levar para vida toda. Sobre isso vygotsky 1987 afirma:

A aprendizagem da criança se dá pelas interações com outras crianças de seu ambiente, que determina o que por ela é internalizado. A criança vai adquirindo estruturas lingüísticas e cognitivas, mediado pelo grupo.



Imagem 5 e 6 roda de conversa e contação de história.

Resultados e discussões

A culminância do projeto aconteceu com a apresentação do primeiro livro produzido com a participação das crianças, pais e professores, na oportunidade os familiares vivenciaram um pouco da historia de cada um através da socialização das atividades desenvolvida na sala de aula e extra sala.



Imagem 7 e 8 lançamento do primeiro livro para os pais e comunidade escolar

Considerações

Perceber a alegria das crianças e pais em receber o primeiro livro construído com a colaboração deles foi muito gratificante, vê o quanto significativo foram as atividades desenvolvidas no cotidiano da escola e em casa. Todas as atividades foram realizadas de forma lúdica e as crianças compreenderam que a identidade é individual e singular. Isso nos dar a certeza de que é necessário contemplar em nossas práticas pedagógicas essas ações que tem como cerne a construção e reconhecimento da identidade das crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998. v. 1 e 3.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5/2009.

Vygotsky, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFLEXÕES ACERCA DO ESTÁGIO NA GRADUAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA

Willian Moraes Pinheiro⁵³

Nara Lucia Gomes Lima⁵⁴

Tatiana Maria Ribeiro Silva⁵⁵

RESUMO

Os cursos de licenciatura têm proporcionado, através da disciplina de estágio, conhecimento teórico e prático que permitirão aos futuros professores refletirem e refazerem continuamente sua prática, além de conhecerem as competências e habilidades necessárias ao ofício da profissão seja na educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Questões do tipo: como o estágio contribui para a formação da identidade docente? Conduziram-nos ao objeto de estudo – estágio supervisionado no curso de pedagogia. Assim, tivemos como objetivo geral refletir acerca das práticas e vivências das disciplinas de estágio do curso de pedagogia da FECLESC/ UECE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como estudo de caso, tendo como unidade de pesquisa o curso de pedagogia da FECLESC/ UECE. A pesquisa foi realizada durante a bolsa de monitoria nas disciplinas de estágio I e II. Na ocasião entrevistamos e acompanhamos 22 alunos do curso de pedagogia durante a realização do estágio em quatro escolas da rede pública de Quixadá, Ceará. A pesquisa nos possibilitou refletir acerca dos avanços e desafios na consolidação da práxis docente, além de superar a dicotomia existente entre escola e universidade.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado. Docência. Pedagogia.

INTRODUÇÃO

O estágio em docência permite ao aluno conhecer a realidade profissional na qual irá atuar sendo percebido como instrumento pedagógico de superação da dicotomia teoria e prática. Assim, uma das principais atividades existentes nas práticas educacionais da formação pedagógica no ensino superior é sem dúvida o estágio

⁵³ Graduando do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central FECLESC/ UECE. willian.moraes@aluno.uece.br.

⁵⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora substituta da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central FECLESC/UECE. nara13gomes@hotmail.com.

⁵⁵ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora substituta da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC- UECE). tatiana.ribeiro@uece.br.

supervisionado, que busca proporcionar aos estudantes três pilares considerados essenciais para a formação docente: as trocas de saberes, vivências e práticas antes, durante e depois da formação.

Destacamos que a formação da identidade do professor e a construção do conhecimento é algo que sempre se renova através do contato e da troca entre teoria e prática obtidos durante a graduação. No curso de pedagogia o estágio supervisionado ocorre em três fases: Estágio I- Educação Infantil; Estágio II- Ensino Fundamental I e Estágio III- Área de aprofundamento (Gestão Escolar ou Educação Especial).

Questões do tipo: como o estágio contribui para a formação da identidade docente dos graduandos em pedagogia? Conduziram-nos ao objeto de estudo – estágio supervisionado no curso de pedagogia.

Desse modo, a presente pesquisa teve como objetivo geral refletir acerca das práticas e vivências das disciplinas de estágio do curso de pedagogia da FECLESC/UECE. Para alcançarmos tal objetivo, foi necessário analisar as ementas das disciplinas de estágio e identificar os desafios enfrentados pelos acadêmicos do curso de pedagogia na realização do mesmo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como estudo de caso, tendo como unidade de pesquisa o curso de pedagogia da FECLESC/UECE. A pesquisa foi realizada durante a bolsa de monitoria nas disciplinas de estágio I e II. Na ocasião entrevistamos e acompanhamos 22 alunos do curso de pedagogia durante a realização do estágio em quatro escolas da rede pública de Quixadá, Ceará.

O estudo teve como fundamentação teórica as contribuições de Saviani (2009), Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2004) e Maria Amélia Santoro Franco (2013) que, através de seus trabalhos voltados para a formação docente e estágio supervisionado, apresentam e contribuem para a fundamentação da pesquisa. Essa revisão de literatura é complementada pelas experiências atingidas durante a trajetória de vivências do estágio supervisionado.

1. O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Encontrarmos cursos e espaços que possibilitem a formação docente não se trata de uma tarefa complicada, mas esta realidade nem sempre se configurou desta forma, pois Saviani (2009) mostra, em um resgate histórico, como o espaço e a formação do professor encontravam-se distantes da realidade de nosso cotidiano:

Visando à preparação de professores para as escolas primárias, as Escolas Normais preconizavam uma formação específica. Logo, deveriam guiar-se pelas coordenadas pedagógico-didáticas. No entanto, contrariamente a essa expectativa, predominou nelas a preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. O currículo dessas escolas era constituído pelas mesmas matérias ensinadas nas escolas de primeiras letras. Portanto, o que se pressupunha era que os professores deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se o preparo didático-pedagógico. (SAVIANI. Dermeval, Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009).

Através destas palavras o autor revela que nem sempre existiu preocupação com a formação pedagógica, e é possível observarmos esta questão quando o mesmo aborda sobre o currículo, esclarecendo-nos sua importância na educação.

É indispensável falarmos de currículo sem acentuarmos a importância de Saviani (2009) para o entendimento e atuação do mesmo em nossas instituições educacionais, pois o mesmo acrescenta em suas palavras que vão além de uma simples apresentação sobre aspectos históricos e teóricos da formação de professores. O mesmo exhibe como se deu a organização e implantação dos cursos de pedagogia e de licenciatura no surgimento das “Escolas Normais”:

Os Institutos de Educação do Distrito Federal e de São Paulo foram elevados ao nível universitário, tornando-se a base dos estudos superiores de educação: o paulista foi incorporado à Universidade de São Paulo, fundada em 1934, e o carioca foi incorporado à Universidade do Distrito Federal, criada em 1935. E foi sobre essa base que se organizaram os cursos de formação de professores para as escolas secundárias, generalizados para todo o país a partir do decreto-lei n. 1.190, de 4 de abril de 1939, que deu organização definitiva à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Sendo esta instituição considerada referência para as demais escolas de nível superior, o paradigma resultante do decreto-lei n. 1.190 se estendeu para todo o país, compondo o modelo que ficou conhecido como “esquema 3+1” adotado na organização dos cursos de licenciatura e de Pedagogia. Os primeiros formavam os professores para ministrar as várias disciplinas que compunham os currículos das escolas secundárias; os segundos formavam os professores para exercer a docência nas Escolas Normais. Em ambos os casos vigorava o mesmo esquema: três anos para o estudo das disciplinas

específicas, vale dizer, os conteúdos cognitivos ou “os cursos de matérias”, na expressão de Anísio Teixeira, e um ano para a formação didática. (SAVIANI. Dermeval, Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009).

Algo interessante dito pelo autor é a respeito da “organização dos cursos de formação de professores das escolas secundárias”, onde voltavam-se para a capacitação dos pedagogos em administrar as diversas áreas presentes no currículo e na habilitação para lecionarem nas escolas “normais”.

O estágio é definido pelo Dicionário da Língua Portuguesa “Aurélio” como "aprendizado", onde este proporciona ao educando uma experiência que servirá para uma melhor assimilação das teorias e que, conseqüentemente auxiliarão em sua prática como docente.

É na formação do professor que o estágio ganha uma proporção maior, pois este possibilita uma aproximação com a realidade da escola e o estágio é uma ferramenta teórica e prática, onde a mesma desenvolve uma transformação da realidade.

A teoria e a prática sempre estiveram desconectadas nos cursos de licenciatura, o que acarretava no empobrecimento das práticas escolares. Essa prática encontra-se presente em várias áreas do conhecimento e é valorizada pela sociedade capitalista, onde busca privilegiar a separação entre o trabalho intelectual e prático, dificultando desenvolver estudantes cada vez mais críticos à realidade dos estudantes.

É aí que entra a necessidade de estudar esta relação para a formação do professor como um agente de transformação da realidade social.

Segundo Pimenta e Lima:

O papel da teoria é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, elas próprias em questionamentos, uma vez que as teorias são explicações provisórias da realidade (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 43).

Pimenta (2004) ressalta que as experiências entre teoria e prática precisam estar interligadas de maneira que possa permitir o acesso e a experimentação nas vivências didáticas.

Fávero (2005) afirma que a relação entre teoria e prática apresenta-se de duas

formas: dicotômica e dialética, sendo que a primeira ajuda na aquisição de novos saberes, sem se preocupar em fornecer ferramentas para transformar a sociedade em que se vive, tendo em vista que valoriza a introdução do sujeito na prática concebida independentemente da teoria. Já a segunda trabalha com a integração da teoria que é criada a partir do conhecimento concreto da realidade com a prática, que está na experiência vivenciada e na reflexão da mesma.

O estágio é o momento em que o graduando têm seu primeiro contato com a prática, podendo desenvolver uma reflexão sobre esta, relacionando-a com o conhecimento adquirido durante a graduação.

Para Pimenta (2004) faz-se necessário “um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam”, uma vez que o mesmo é por diversas vezes superficial, ou seja, não permite ao estagiário um envolvimento intenso com a realidade.

Pimenta conclui que:

“o estágio, ao contrário do que se prolongava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade”. Além disso, “é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”. (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 45).

Na maioria das vezes em que o estagiário não tem uma relação com a prática e acaba se deparando com a complexa realidade das salas de aula, julga o conhecimento adquirido como uma verdade absoluta e sente-se no direito de interferir nas ações desenvolvidas pelo professor, gerando assim, um conflito com o mesmo.

Todavia, essa situação poderia ser revertida facilmente se a pesquisa se incorporasse ao estágio, onde a mesma possibilita uma visão mais ampla do espaço onde o estágio se realiza, autorizando que o estudante elabore projetos de intervenção para solucionar problemas observados por ele e que possa relacionar os conhecimentos adquiridos com os vivenciados no curso de pedagogia.

2. EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FECLESC/UECE

O curso de Pedagogia hoje da FECLESC/UECE se configura, em seu corpo docente: 01 especialista, 07 mestres e 08 doutores, totalizando 16 professores. O curso é presencial e atende os estudantes que desejam ingressar como professores no ensino infantil e fundamental I, como também em outras áreas que exigem a formação de um pedagogo. O curso tem duração que pode variar entre 4 a 7 anos, dependendo de como o estudante deseje realizar seus trabalhos ou até mesmo de imprevistos que manifestem-se da instituição. Boa parte da grade curricular da instituição atende as necessidades exigidas para uma formação eficaz do pedagogo, visando não distanciar da formação do professor pesquisador.

Contudo, o curso de pedagogia ainda é bastante caracterizado de forma errônea por boa parte da sociedade, onde muitos o caracterizam por ser um curso “simples” e pela desvalorização da profissão do professor.

Como apresentamos anteriormente, mesmo que de forma breve, existem três momentos em que o estudante de Pedagogia se depara na graduação com os estágios supervisionados: no ensino infantil, fundamental I e na área de aprofundamento (Gestão escolar ou Educação Especial).

As experiências do primeiro estágio sempre são de grande impacto para muitos estudantes, por justamente terem o primeiro contato em sala de aula, o medo de não entenderem o mecanismo da metodologia do professor de sala, da ausência de prática docente, enfim, inúmeros impasses que deixam qualquer profissional inseguro. Mesmo assim, o estágio proporciona conhecimento no campo teórico - prática.

No estágio I: Educação Infantil, alguns estudantes de pedagogia já tem experiência no ambiente de sala de aula, portanto, não se sentem intimidados durante a prática desenvolvida na escola e no ambiente de sala de aula. Esses alunos quando iniciam o estágio I: Educação Infantil apresentam propostas metodológicas de ensino, pois, já conhecem a rotina de sala de aula e as práticas adotadas pelos professores da Educação infantil.

Os alunos iniciantes na carreira docente apresentam mais dificuldades e insegurança na aplicação das atividades em sala de aula. Sentem receio da presença do professor titular da turma durante a regência, por conta da avaliação de sua prática.

Contudo, observamos que esses estagiários são mais dedicados as atividades do estágio e passam mais tempo na escola com intuito de criar laços e de aproximação com o ambiente de trabalho.

Na disciplina de estágio II: Anos Iniciais do Ensino Fundamental, observamos que as dificuldades enfrentadas por alunos com e sem experiência na docência foram as mesmas observadas na Educação infantil.

O contato com alunos do ensino fundamental que iniciavam a alfabetização e letramento foi bastante desafiador para os alunos sem experiência docente, pois desde o início da graduação sentem dificuldades no planejamento e desenvolvimento de metodologias de ensino que trabalhem o conteúdo curricular de maneira lúdica.

O teatro foi utilizado pelos estagiários como ferramenta lúdica de ensino com intuito de prender atenção dos alunos e promover aprendizagem.

Na área de aprofundamento o estágio em gestão escolar permitiu aos graduandos conhecimento do campo da administração e organização escolar. Neste momento o trabalho foi bem mais diferente, e provocador também. A proposta da professora da disciplina de estágio era desenvolver, juntamente com a escola, um projeto voltado para a grande deficiência diagnosticada na instituição escolar, e não se pensou duas vezes em aprimorar também na área do teatro.

As deficiências descobertas nas escolas encontravam-se presentes na ausência do gosto pela leitura. A biblioteca possuía um acervo de literatura, mas poucos a visitavam, muito menos aderiam a ideia de livros emprestados, parecia que todos haviam perdido o desejo por livros. Foi através do projeto “dramatização” elaborado pelos graduandos que os estudantes se envolveram nas histórias encenadas pelos colegas, apreciando a literatura com diferentes mecanismos, provocando a curiosidade e criatividade dos mesmos.

Perpassando pelos estágios, é perceptível a sua importância para a formação docente do pedagogo, pois o mesmo além de vivenciar e atuar nas práticas educativas, consegue se “encontrar” no meio educacional, desenvolvendo sua autonomia pedagógica, descobrindo assim sua identidade enquanto docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi realizado com intuito de compreender as contribuições do estágio supervisionado na graduação do pedagogo para a sua formação enquanto docente através de estudos bibliográficos e de experiências em sala de aula durante o processo de atividades desenvolvidas no curso de Pedagogia.

Partindo do pressuposto de que a formação docente se baseia em teoria e prática, podemos entender que esse processo de construção do conhecimento na formação do professor necessita alcançar o contato direto com a escola, principalmente a sala de aula, mediando o trabalho do docente de sala com seus conhecimentos já cativados durante a formação.

Durante as atividades realizadas nos estágios supervisionados, observamos a oportunidade dos alunos da graduação desenvolverem atividades que atendessem as expectativas da escola, atividades teóricas – práticas desafiadoras no contexto da formação docente.

Compreendemos os procedimentos e atividades metodológicas escolares necessitam da participação ativa de todos os envolvidos na escola.

No decorrer das atividades, foram vivenciados diversos desafios que contribuíram para a formação dos docentes do curso de pedagogia da FECLESC.

Entendemos que os desafios que foram postos tiveram fundamental contribuição para a consolidação do conhecimento, permitindo assim refletir sobre avanços e desafios na docência, consolidando os trabalhos que se diferenciam entre a escola e universidade, além de entendê-las para melhor conduzi-las.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, E. T. et al. **O serviço social e a psicologia no judiciário: construindo saberes, conquistando direitos.** São Paulo: Cortez, 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do ensino superior?** São Paulo: Cortez, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** Campinas: Revista Brasileira de Educação, 2009.

SILVA, Maria Raichelda Freitas. **Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do ensino superior?** São Paulo: Cortez, 2014.
Leia mais em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-curso-de-pedagogia-no-brasil-origem-e-desafios/124395#ixzz5NGOWs4xC>

PIMENTA, Selma Garrido¹. LIMA, Maria Socorro Lucena². **Estágio e docência: diferentes concepções.** São Paulo: Revista Poésis -Volume, 2005/2006.

CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ.
Disponível em: <http://www.uece.br/feclesc/index.php/cursos>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO EM ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Elza Souza Azevedo, Universidade Estadual Vale do Acaraú,
elzaazevedoh@gmail.com

Diana Cristina Oliveira de Sousa Universidade Estadual Vale do Acaraú,
dianacristinaoliveira07@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo geral de relatar experiências vividas no estágio supervisionado em Educação Infantil, sendo este realizado no Centro de Educação Infantil Dolores Lustosa na cidade de Sobral - Ceará. O aporte teórico se sustentou nos seguintes estudos: Pontuschka *et al.* (2007), Braga *et al.* (2003) e documentos oficiais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9493 (1996), Lei 11.788 (2008) e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010). Para isto, realizou-se a pesquisa de cunho descritivo em sala de aula com crianças na faixa etária de 03 a 04 anos, em que foram realizadas observações, principalmente, no desenvolvimento de um Projeto Interdisciplinar com a temática “água” e intitulado por “economia e desperdício de água”, para se elaborar um planejamento da prática docente, levando em conta as necessidades da turma. Neste sentido, percebeu-se a importância do estágio, observando como o percurso formativo permite aperfeiçoarmos a nossa prática e refletirmos a respeito dos conflitos inerentes ao ensino, contribuindo para uma possível vivência no ambiente de atuação do pedagogo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Relato de Experiência. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar experiências vividas no estágio supervisionado em Educação Infantil, sendo este realizado no Centro de Educação Infantil Dolores Lustosa na cidade de Sobral - Ceará. O projeto foi elaborado através das observações realizadas em uma turma do Infantil III e a partir dessas observações foi desenvolvido.

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil é uma etapa imprescindível no processo de formação no Curso de Pedagogia, cujo está prescrito na Lei 11.788, de

2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes. O parágrafo 1º do artigo 2º da referida lei, dispõe que o “estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma”.

Este trabalho tem o objetivo de relatar as experiências vivenciadas no decorrer do estágio supervisionado do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no âmbito da educação infantil, realizado no Centro de Educação Dolores Lustosa. Este estágio foi composto por três etapas: a observação em sala de aula, a elaboração do projeto e a regência; em foi colocado em prática, o projeto elaborado de acordo com as necessidades da turma que foram percebidas durante a observação em sala de aula.

No estágio cria-se uma oportunidade do desenvolvimento da atividade reflexiva, bem como a elaboração de um conhecimento sobre o cotidiano da educação. A pesquisa no ensino na acepção proposta por Pontuschka *et al.* (2007) é definida como um caminho teórico e metodológico de busca de respostas para os desafios que se encontra na relação pedagógica com os alunos e no diálogo com o espaço geográfico e com um mundo em mudança. Nesse caminho nem sempre fácil, mas potencialmente gratificante e revelador, que se estabelece um diálogo contínuo para o aprimoramento e adaptação das nossas práticas nos diferentes contextos nos quais ela se insere.

METODOLOGIA

A pesquisa de cunho descritivo e de abordagem qualitativa, o qual aconteceu na sala de aula com crianças na faixa etária de 03 a 04 anos, em que foram realizadas observações, principalmente, no desenvolvimento de um Projeto Interdisciplinar com a temática “água” e intitulado por “economia e desperdício de água”, para se elaborar um planejamento da prática docente, levando em conta as necessidades da turma.

A observação tem como conceito a definição de aspectos relevantes que ocorreram em sala de aula, que ocasionaram uma importância para identificar a potencialidade,

bem como a dificuldade dos mesmos em sala de aula, quando refere-se a aprendizagem nesse meio.

A tradição quantitativa ainda permeia os estudos nas ciências humanas e sociais, considerando a pesquisa qualitativa impressionista, não objetiva e não tendo um caráter científico. Todavia, “e com grande dificuldade, a pesquisa qualitativa vai abrindo seus próprios caminhos” (MOREIRA, 2002, p. 43).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentam dados coletados através das observações que foram realizadas em sala de aula, sendo percebida a seguinte problemática: o frequente desperdício de água; sendo este apresentado em diversas situações da rotina escolar dos referidos alunos, esse problema manifesta-se através de situações frequentes na escola, a exemplo do momento que eles se deslocam para o banheiro onde eles ligam as torneiras e não desligam ou deixam muito tempo ligadas, ou quando desperdiçam a água do bebedouro. Uma vez que este recurso natural é constantemente utilizado no cotidiano escolar e social das crianças, sendo este parâmetro ecológico identificado como principal percussor na manutenção da vida de todos os seres vivos. É notável o quanto as crianças desperdiçam esse recurso, visto que elas carecem de informação que revelam a importância e preservação do recurso em questão, levando em consideração a efetividade de ações socioculturais de conservação e preservação da água.

Portanto, foi elaborado um projeto interdisciplinar para tentar sanar as seguintes dificuldades o desperdício de água no CEI Dolores Lustosa e mostrar a utilização da água de diversas formas, buscando a compreensão dos alunos sobre esse recurso e a participação em diferentes atividades tornando assim o aluno mais ativo nas práticas ecológicas e sociais de manutenção da sustentabilidade humana, em elo com o meio ambiente e a sociedade, na ciência da conservação dos recursos. A criança é também estimulada através de atividades que são realizadas em casa, portanto é essencial que as crianças aprendam por meio da família e entendam o que é o consumo consciente e, sobretudo, o coloquem em prática no dia a dia.

A oportunidade de ensinar sobre o uso racional da água aparece nas situações rotineiras; ao escovar os dentes, lavar a louça, tomar banho, regar o jardim, e etc. Fica mais fácil ensinar as crianças através de atividades que estimulam a imaginação dos pequenos, portanto foram realizadas atividades que procurem despertar essa imaginação através de histórias e atividades bem lúdicas.

Tomando como base todas as informações da turma escolhida decidimos que nossa prática pedagógica seria realizada através do projeto: “Economia e desperdício de água”. Demos início ao estágio, seguindo o nosso plano de aula. Realizamos muitas atividades interessantes com as crianças durante as aulas, trabalhamos como já mencionado, o tema água, em que ressaltamos a importância de se economizar, como devemos utilizar a nossa água, confeccionamos um cartaz com atividades de pinturas, montamos um mural coletivo com os diversos tipos de sorrisos em que as crianças procuraram as fotos em revistas e recortaram desenvolvendo assim a sua coordenação motora, vídeos, músicas e atividades onde tiveram que tomar banho e escovar os dentes.

Para Braga *et al.* (2003) é necessário educar para o ambiente, e somente a partir de ações locais, da sensibilização e da conscientização dos indivíduos como cidadãos participantes no processo de construção de uma nova sociedade é que podemos modificar o destino dos problemas globais que assolam o planeta, e a água é uma questão primordial.

A água é um dos recursos natural mais importante para a vida de todos os seres vivos, portanto trabalhar esse tema de forma interdisciplinar poderá colaborar para o futuro da humanidade, buscando informar as crianças sobre o que causa a poluição da mesma e reconhecer as diversas utilidades da água e a conscientização do uso dela, tornando assim, a criança mais ativa na vida social de manutenção da sustentabilidade humana.

O projeto foi colocado em pratica durante uma semana onde foram desenvolvidas atividades que procurasse colaborar com a aprendizagem das crianças e tentando sanar um problema que estava sendo constante na escola, uma das atividades desenvolvidas

foi uma roda de conversa com as crianças e usando os conhecimentos prévios de cada criança, e ao devido fato da problemática da escola, perguntamos aos alunos o que era necessário fazer para que o problema diminuísse cada criança respondeu ao seu modo, uns diziam que não era pra jogar água no chão, outros diziam pra lavar as mãos e não deixar a torneira aberta, e entre outras respostas. E então nesta aula falamos enfatizamos o fato de como economizar água no banho, e sobre a importância dela em nossa vida.

Houve uma contação de história para as crianças sobre o “o pingo de chuva” onde o objetivo maior da história era mostrar como se desenvolve o ciclo da água, Para contar a história utilizamos como materiais, EVA para fazer a nuvem, e os pingos de água, prendendo assim a atenção dos pequenos. Em seguida foi proposto que as crianças realizassem o reconto da história usando o microfone e caixa de som, assim desenvolvendo também a oralidade. Eles gostaram muito, em ouvir a própria voz com um som diferenciado e mais alto.

Outra atividade desenvolvida foi quando levamos picolés e água pra mostrar a eles as formas e cores que a água pode ficar salientando sobre o cheiro e gosto da água, e qual a sensação que eles sentem: quente ou gelado. Então observaram, pegaram nos picolés, sentiram o cheiro. Nesta atividade, pode-se perceber que os alunos desenvolveram várias habilidades em uma única atividade trabalhando conteúdos diferentes.

Como de costume, sempre iniciávamos com uma pequena rodinha de conversa sobre quais lugares na escola havia água, e de como podíamos economizar e utilizá-la. As crianças sempre participativas, e interagindo bastante mostrando sempre estarem atenciosos, apesar de algumas vezes ser preciso chamar a atenção. E então fizemos um passeio pela escola para identificar e observar os locais que tem água como as torneiras nos banheiros, nas cozinhas e bebedouro. E aproveitamos como fomos ao banheiro, explicamos sobre a importância de se lavar as mãos antes das refeições, depois que usar o banheiro e sempre desligar as torneiras. Alguns deles se manterão atentos ao que era dito, e sempre repetiam o que falamos. Para a realização desta atividade buscamos

também, por meio da oralidade, enfatizar a importância de economizar água nos seus diversos usos e fatores.

Finalizamos o estágio com a amostra dos trabalhos e atividades desenvolvidas por eles. Onde eles puderam assim, ver o resultado de suas atividades. E fizemos a entrega de lembrancinhas, no qual elas ficaram bastante felizes por receberem.

CONCLUSÃO

O objetivo geral de relatar experiências vividas no estágio supervisionado em Educação Infantil, sendo este realizado no Centro de Educação Infantil Dolores Lustosa na cidade de Sobral – Ceará foi alcançado com o término do estágio supervisionado. Por isto, foi possível perceber o quanto essa prática é importante para a vida do acadêmico, pois o mesmo se prepara para a realidade e coloca em prática seus conhecimentos e habilidades adquiridos na vida acadêmica, obtendo experiência para sua futura profissão e se preparando para os novos desafios que poderão vir à frente.

Assim o acadêmico pode estabelecer as diferenças que a teoria tem com a prática, como também o que elas têm em comum e como isso pode contribuir para sua formação e para sua futura profissão, buscando tornar o acadêmico um profissional bem qualificado.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. R. et al. **Educação ambiental para gestão de recursos hídricos**. Livro de Orientação ao Educador. Americana: Consórcio PCJ, 2003. 251p., il

BRASIL. Referencial **Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 1998.

PONTUSCHKA, Nídia N, PAGANELLI, Tomoko e CACETE, Núria. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002. DE DIRETRIZES, lei. **Bases da educação nacional**. 1996

APRENDENDO SOBRE OS ANIMAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA DOCENTE

Maria Vanessa Bastos da Silva⁵⁶ (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/E-mail:
vanessabastosdasilva@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho consiste de uma análise de um relator de experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil intitulado como “Conhecendo os animais” realizado no Centro de Educação Infantil Jose Lourenço no município de Sobral, Ceará, na Turma do infantil II. O mesmo visava ampliar o conhecimento de uma forma lúdica das crianças acerca da diversidade de animais e como estão inserido em seu cotidiano, proporcionado ao acadêmico a experiência do primeiro contato de iniciação à docência, no qual estará sendo aprimorado os conhecimentos teóricos e práticos na formação docente através da interdisciplinaridade a partir de observações na instituição de ensino onde foram analisados documentos e instrumentais para a produção de um projeto pedagógico interdisciplinar de intervenção sendo possível uma abordagem lúdica da compreensão e o incentivo a preservação dos animais.

PALAVRA-CHAVE: Ludicidade. Animais. Educação infantil.

1. INTRODUÇÃO

Á elaboração do trabalho constituir relatos de experiência do estágio supervisionado em educação infantil realizado no Centro de Educação Infantil Jose Lourenço da Silva, na turma do infantil II, localizado no município de Sobral, Ceará. O objetivo do trabalho e de grande importância na formação acadêmica pois através dele podemos ter um primeiro contato com a sala de aula e como funciona o sistema escola formando uma visão e opinião de vivência do âmbito escola, sendo assim construído uma ponte entre os conhecimentos teóricos e os práticos desenvolvendo competências e habilidades necessárias para a formação do professor e repassar o conhecimento para as crianças através da ludicidade e interação, abordando vários eixos da matriz curricular

⁵⁶ Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

como sociedade e natureza, linguagem e códigos de uma maneira dinâmica e interativa ao conhecimento os animais e vivendo uma construção de mundo para a criança através das atividades e brincadeiras onde a criança possa aprender e não a memoriza o conteúdo repassado. Segundo BORGES (1998) Estes saberes são produzidos na prática pedagógica cotidiana que “em função de um contato muito elementar com os saberes da formação profissional, tais professoras buscavam na prática outras fontes de referência para a sua ação docente”. Borges (1998, p.51) chama este saber de “um saber social que informa a prática”, sendo a ressignificação, a partir da prática, dos saberes da formação.

O estágio foi constituído de duas etapas uma das observações onde foram feitas anotações de como funciona as rotinas da escola, práticas dos professores em sala de aula e como se desenvolver o ambiente escola e outra com o projeto de intervenção onde foi aplicado aulas para as crianças e desenvolvimento de ações em cima das necessidades que foram constatadas nas observações. O estágio na formação docente e de grande importância diante da relação dada teoria com a prática pois auxiliar na troca de experiências tanto social e científica pois através do estágio podemos aprender com os professores e tira dúvidas, ter interação com os alunos e colocar em prática conhecimentos adquiridos na faculdade e levar para a sala de aula. De acordo com TARDIF (2002) o estágio supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura, cumprindo as exigências da lei de diretrizes e bases da educação Nacional (LDBEN), a partir do ano 2006 se constitui numa proposta de estágio supervisionado com o objetivo de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas, uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula

2. PASSOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho visa relatar as observações no período de estágio na educação infantil, que teve como objetivo conhecer o espaço da instituição, visando observar a estrutura e como funciona a metodologia utilizada dentro e fora da sala de

aula e a forma de interação entre os professores, alunos e corpo docente da instituição. Os relatórios de observação foram feitos no período do dia 09 a 13 de abril, e a aplicação do projeto do dia 23 a 27 de abril foi supervisionado pela professora efetiva de sala. Os relatórios têm como fundamentos o diário de campo com as observações e atividades, o roteiro de observações das aulas e o instrumental para caracterização da escola entre outros documentos. As observações foram feitas no centro de educação infantil (CEI) Jose Lourenço da Silva situado na rua Pintor Lemos, bairro Centro, CEP 62010-740 no município de Sobral, Ceará instituição da rede pública do município que atende a crianças da educação infantil da creche a pré-escola entre crianças de 0 a 4 anos de idade fundada em 17 de setembro de 2013. funcionários e constituído em um total de 35 funcionários tendo como diretora e coordenadora, o apoio pedagógico e constituído por 07 professores, 16 estagiários e a supervisora do AEE, no apoio administrativo e constituído por 1 secretaria geral, 2 auxiliar de secretaria, 2 merendeiras, 2 porteiros e 2 vigias, com o nível de formação educacional sendo 09 em nível superior, 16 nível superior em formação, 06 em ensino médio e 02 no fundamental.

Á escola atende no total de 162 alunos sendo 79 do sexo feminino e 83 do sexo masculino sendo divididos entre os turnos da manhã com 79, na tarde com 75 e 08 intermediário, 25 alunos com a faixa etária entre 02 a 06 anos, sendo distribuídos da creche de (0 a 1 anos), no infantil I de (1 a 2 anos), infantil II de (2 a 3 anos) e é no infantil III de (3 a 4 anos) sendo divididos por turmas nos dois expediente sendo 14 no berçário, 25 no infantil I, 74 no infantil I I e 49 no infantil III.

Os documentos utilizado para a retirada de informações foram o roteiro para observação das aulas onde foi possível observar a sala de uma maneira geral onde são organizados em grupos maiores, no início das aulas é feita a acolhida com os brinquedos e um grande círculo de cadeiras onde após a chegada dos alunos e oferecido o primeiro lanche, em seguida a roda de conversas informais, oração e cantigas e registro da rotina do dia com o plano de atividade que são atualizados uma única vez na semana e os assuntos não tem uma relação entre o tema trabalhado e o cotidiano dos alunos, momento da contração de história sem ludicidade e histórias que não tem

atrativos onde tem um maior tempo de concentração, o material didático não tem muito aproveitamento pois não é utilizado no momento oportuno do plano de aula levando ao desinteresse dos alunos.

O instrumentação para caracterização da escola foi feita uma entrevista com a secretaria escola Maria das Graças Barroso Lopes na qual foi informado a dependência administrativa, localização geográfica, horário de funcionamento, aspectos físicos, quantos alunos se tem na escola a relação dos segmentos da escola todos pontos de vista excelente, com ajuda de conselho escola funcionado em forma de reuniões com os pais e a comunidade para sanar possíveis problemas.

Durante o período do estágio poder ter uma concepção bem mais ampla da instituição de ensino podendo ter a possibilidades de informações e pesquisas também fora da sala de aula conhecendo e aprendendo como funciona a escola das dificuldades enfrentadas no dia a dia dos professores em são as pessoa que fazem a instituição funciona, vendo e podendo ter uma noção os serviços prestados da escola com a comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PERIODO DE OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas do período de 09 a 13 de abril no infantil II.

No primeiro dia foi observado a estrutura da escola com salas apenas com ventiladores que não suportava a capacidade de alunos em sala tornando-se muito quente para as crianças, janelas das salas muito baixa possibilitando que subam, com banheiro em cada sala para maior agilidade, boa iluminação, área de recreação para as crianças com brinquedos, mais alguns mobiliários não são adequado ao tamanho das crianças;

No segundo dia o professor desenvolveu as atividades de lateralidade com as crianças em roda de conversa com uma garrafa colorida pedindo para que os alunos

colocassem a garrafa em cima, em baixo não perdendo a atenção de todos, os horários de recreação das crianças e separado das crianças do infantil III;

No terceiro dia foi observado descontrole com a sala de aula e o professor com as atividades proposta, as atividades muito repetitivas sem projeto definido, falta de utilização do material encontrado em sala, utilização do material como enfeite na parede;

No quarto dia foi trabalhado com as crianças em roda de conversa a mesmas atividades do dia anterior, com poucas alterações na rotina das crianças, Contação de história lendo o livro para crianças sem mostra os desenhos e no final assistiram a televisão a galinha pitadinha sem está vinculado ao plano de aula;

No quinto dia foi feita a acolhida como no restante da semana com a rodinha e brinquedos no meio sem muita alteração, estuando músicas no som e novamente atividades se trabalham a lateralidade em cima e baixo, dentro, fora com brincadeiras sem planejamento.

3.2 CONHECENDO OS ANIMAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS DO PROJETO

O projeto constitui a aprendizagem dos animais que foi realizado no período de 23 a 27 de abril onde o primeiro dia procurou-se trabalhar os eixos sociedade e natureza e linguagem com as seguintes atividades:

No primeiro momento, foi trabalhado com acolhimento das crianças com as músicas do sítio do seu lobato e trabalharam com a interpretação dos sons de diferentes animais para a familiarização deles com o nome e o seu respectivos sons em roda de conversa pergunta para as crianças se eles têm animais de estimação, se não se já viram algum animal na rua, com apresentação de imagens dos animais domésticos através de cartaz, em seguida Contação de história da arca de Noé com devida caracterização das crianças para se trabalha a ludicidade após pergunta para as crianças qual os animais que aparece na história e pedir para que eles um por vez dica qual e o imite o animal e seu som. De acordo com (BRASIL 1998) As crianças, em fase pré-escolar, estão em

pleno desenvolvimento de suas capacidades de simbolização, através da linguagem, da imaginação, da imitação e da brincadeira em situações cada vez mais diversas. Esta simbolização possibilita à criança o estabelecimento, cada vez maior, da relação entre a realidade e o mundo social.

No segundo momento, foram abordados os eixos Sociedade e natureza, Linguagem, arte e movimento, linguagem e códigos com as atividades:

Iniciar a Contação da história dos três porquinhos com a ajuda dos fantoches e ajuda dos alunos para encenar com os fantoches, logo após pedir para eles recontem a história e colorir desenhos levados e perguntar quantos animais aparecem na história e registrar o número e utilização de Marcinha para construir o animal que a criança mais gostou. Para (BRASIL,1998) Nas brincadeiras com material de construção, a criança consegue sentir o material, sua forma e textura, percebendo suas propriedades e características e seus usos sociais e simbólicos. Nessa atividade, os materiais são relacionados e transformados em função de diferentes argumentos de faz-de-conta (Brasil, 1998).

No terceiro momento, os eixos abordados foram sociedade e natureza, arte e movimento, linguagem e códigos.

Iniciar com a roda de conversa pedindo para que eles mostrem a imagem do fantoche escolhido e pedir para dizer que animal é aquele e se lembrar do som que ele faz, após pedir para que todos fiquem em círculo no chão para começamos as pinturas das imagens diferenciando eles por local onde eles moram, fazendo a contagem com eles dos animais no cartaz, levando as crianças para a área verde da escola para mostra as arvores, os pássaros e disse que animais moram na floresta. As interações no brincar possibilitam, através da oferta de objetos e brinquedos que os adultos fazem às crianças, que elas entrem em contato, precocemente, com as propriedades e os usos sociais dos objetos, aproximando-se das múltiplas formas de ser e pensar da sociedade (Brasil, 1998).

No quarto momento, abordado sociedade e natureza, linguagem, códigos.

Iniciar com a roda de conversa perguntando se viram algum animal no caminho para a escola e qual, em seguida colocar o vídeo do mundo Bitá (fazendinha e no fundo

do mar) que valorizem a importância dos animais como devemos protegê-los, após vídeo fazer roda de conversa sobre os cuidados com os animais, Que eles precisam de banho, de tomar vacinas para não ficar doente, precisam comer nas horas certas que nem a gente e precisam de muito amor, procura nos livros animais e pedir para que eles aponte quais são os animais, em seguida colocar imagens no quadro e pedir para que eles conte quantas imagens estão vendo e finalizar com a Contação de história e devida caracterização de um aluno da joaninha que perdeu sua pintinha.

No último momento, os eixos abordados sociedade e natureza, linguagem e códigos.

Iniciar com o acolhimento com músicas que trabalhe o nome dos animais em seguida pergunta como está o tempo lá fora o que eles estão vendo pela janela, se tem animais lá fora, o que eles estão ouvindo se eles identificam sons de animais lá fora, em seguida apresentar para eles as letras do nome dos animais e compara qual a letra do nome da criança começa com a mesma letra do animal e colocar neles, utilizar jogo da memória dos animais comparando a letra com a figura no animal. De acordo com (BRASIL,1998) observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é de grande importância para a formação acadêmica através dele podemos ter uma construção da identidade de qual profissional serei um dia e a compreensão de como funcionar o processo educacional acontecido nas escolas. O tema é de grande importância pois não trabalhar só os animais e sim o meio onde vive e o meio ambiente como todo, abordando a utilização adequada dos materiais independente de seu conhecimento de mundo, levando a um primeiro contato e identificação dos conhecimentos prévios das crianças em relação aos animais e aos temas abordados e deve, ainda, possibilitar que elas exponham os conhecimentos adquiridos de forma livre e criadora.

O trabalho feito na escola com o projeto e de grande satisfação pois pode aprendi junto com as crianças há ter momentos de alegria ao ver que estavam aprendendo e questionando e comparando os animais com os deles, dizendo que já viu ou tem visto que a utilização dos materiais compartilhado com eles foi de grande importância para o projeto e sua aprendizagem, pressupondo que a mediação do professor e o desempenho de sua função de incentivar os alunos, apresentando maneira interativas a parti de novos conteúdos, mediando as relações entre eles, propondo atividades lúdicas e coordenando ações.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cecília Maria Ferreira. O Professor de Educação Física e a Construção do Saber. Campinas, SP: Papéis, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: vozes.2002

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 (*) Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio: prática de ensino na formação de professores. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v.8, n.23, p. 195-205. Jan./abr. 2008.

Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4015/3931>>

Acesso em: 09.Abr.2018

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: Diferentes concepções. São Paulo. Cortez. Editora. 2004. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>> Acesso em: 09.Abr.2018

DINÂMICA DE GRUPO E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Dra. Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
helena.marinho@uece.br

RESUMO

Este relato de experiência teve como objetivo refletir sobre a relevância da disciplina Dinâmica de Grupo para a formação dos discentes do curso de Pedagogia. Foi constituído como pesquisa qualitativa e explicativa com base nos estudos de autores e apontamentos da disciplina, sobretudo da atividade de pesquisa de campo em que os alunos realizaram uma entrevista semiestruturada com um professor pedagogo ou um coordenador pedagógico. Essa disciplina foi ministrada no semestre de 2018.1 no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca, integrada à Universidade Estadual do Ceará. Os resultados sinalizaram que a disciplina traz contribuições relevantes para a formação do pedagogo, como também as dinâmicas de grupo contribuem para a formação integral dos alunos, sendo uma estratégia pedagógica que pode ser aliada ao trabalho em salas de aula e em locais diversos.

Palavras-chave: Dinâmica de Grupo. Curso de Pedagogia. Formação docente.

Possibilidades e desafios com o uso da Dinâmica de Grupo

“*Dynamis*” é um vocábulo grego que significa força, energia e ação. A expressão “Dinâmica de Grupo” foi criada por Kurt Lewin em 1944, quando estudou a Psicologia Social com a finalidade de trabalhar de forma diferenciada os comportamentos e relacionamentos humanos dentro de um grupo, isto é, com base na discussão e decisão do grupo (MILITÃO, A.; MILITÃO, R., 1999). Em consonância com os autores em tela, são objetivos da Dinâmica de Grupo:

Desinibir a capacidade criadora dos participantes, levando-os a se tornarem bastante desenvoltos; aumentar as transformações no grupo, alterando sua produtividade; aumentar a coesão do grupo; transformar o potencial do grupo, fazendo-o crescer em igualdade harmônica de relacionamento interpessoal e proporcionar um aperfeiçoamento do trabalho coletivo, procurando atingir, através dos grupos, metas socialmente desejáveis, podendo, também, aumentar a eficiência, fundamentando-a num firme

conhecimento das leis que governam a vida em grupo. (MILITÃO, A.; MILITÃO, R., 2000, p. 29).

Usando esses objetivos da Dinâmica de Grupo com fins pedagógicos e relacionando teoria e prática para a sala de aula e as dinâmicas como recursos de possibilidades de se criar vivências de forma lúdica e desafiadora para o grupo, a prática pedagógica tende a se afastar dos modelos tradicionais voltados para metodologias de memorização e exposição de conteúdos.

Na análise das fontes utilizadas na disciplina ministrada, destaca-se o artigo de Silva (2008), intitulado “O uso de Dinâmicas de Grupo em sala de aula, um instrumento de aprendizagem experiencial esquecido ou ainda incompreendido?”, que objetivou estudar a prática das Dinâmicas de Grupo como instrumento efetivo para fins educacionais através da teoria da aprendizagem experiencial de John Dewey e David Kolb. Sua conclusão sinalizou para o uso da Dinâmica de Grupo com seriedade, como em qualquer atividade pedagógica, a qual deve ser articulada ao projeto pedagógico e aos planos de ensino em suas metas e objetivos. Santos M. C. e Santos M. F. (2016, p. 6), de outro ângulo, contribuem com essa perspectiva de pensamento quando ressaltam que a dinâmica de grupo refere-se à:

Sensibilização que denota o processo de perceber, por meio dos sentidos, as sensações externas. Para tanto, o profissional deve estar preparado para uma condução segura e também providenciar os recursos materiais necessários. Apesar de serem poucos, a organização é fundamental para a realização dos exercícios de convivências propostos, o que proporcionará a cada um identificar até que ponto alcançaram alterações positivas em seus relacionamentos.

Além do planejamento, que deve ser bem elaborado e cuidadoso para atingir uma boa aplicação da dinâmica, outro fator a ser observado é o papel do profissional que irá aplicar a dinâmica, sendo fundamental para o sucesso do grupo; além de conhecimento técnico, ele deve saber conduzir a dinâmica e ter os recursos necessários para a realização da atividade, seja ela qual for: dinâmica de apresentação, de aprendizagem, de recreação, dentre outros tipos. Em suma, ela deve ter caráter educativo. Quanto a essa temática, Chaves (2002, p. 8) enaltece que:

Como facilitador do processo, o professor tem a responsabilidade de um planejamento coerente com seu plano de ensino; a aplicação da dinâmica de forma a envolver todos os participantes na atividade sem qualquer coação (dica: se alguém se recusa a participar, pode auxiliar como observador. Vivenciar a experiência não deve ser nunca um processo traumático, ainda mais em uma sala de aula); e a condução do processo até o resultado almejado (através de perguntas abertas é uma das maneiras mais simples e eficientes de se conduzir o processo). Não cabe a ele, de forma alguma, a interpretação da experiência vivenciada pelos alunos (um grande sinal de alerta neste momento: a função da dinâmica em um processo de aprendizado escolar não deve nunca estar associada a qualquer tentativa de ‘psicologização’ do grupo ou de indivíduos participantes nele).

Bosco e Sudo (2011), em seu artigo “Dinâmica de Grupo como estratégia de educação ambiental: estudo de caso na Educação de Jovens e Adultos”, descreveram uma experiência que tiveram na disciplina de Educação Ambiental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um curso técnico em Controle Ambiental e apontaram como resultados: desempenho de alunos na produção e apresentação de projetos usando Dinâmicas de Grupo, o que possibilitou aos discentes o desenvolvimento da autoconfiança, autocrítica, organização, planejamento, habilidades de liderança e comunicação em grupo.

A disciplina Dinâmica de Grupo na formação docente do pedagogo

A disciplina optativa de quatro créditos foi ministrada em 2018.1 no curso de Pedagogia com alunos do 6º, 7º e 8º semestres da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), integrada à Universidade Estadual do Ceará (UECE), totalizando 28 discentes. Nos procedimentos metodológicos e recursos didáticos, foram utilizados: estudo de artigos; oficina de dinâmica de grupo em que os alunos pesquisaram em equipes dinâmicas adequadas à educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental e EJA. Quando essa atividade foi finalizada, a professora compilou todas as dinâmicas, resultando em um material que foi repassado *on-line* para cada educando, com o intuito de que eles tivessem material para pesquisa e pudessem usar as dinâmicas sempre que necessárias em sua prática docente e/ou em outros lugares e instituições. Ressalta-se também que as dinâmicas estiveram sempre presentes nas aulas, sendo aplicadas pela professora e também pelas equipes de discentes.

Outro recurso utilizado na disciplina foi a pesquisa de campo, que constou de uma entrevista semiestruturada realizada por equipes com um professor pedagogo que atuasse em um dos três níveis mencionados que fazem parte do campo de atuação do docente pedagogo. Na sequência, serão apresentados alguns dos resultados dessas atividades de pesquisas realizadas pelos discentes. Em relação aos dados pessoais, foram entrevistadas sete professoras, sendo apenas uma lotada nas séries iniciais do ensino fundamental, e duas coordenadoras; no tocante ao tempo de serviço, oscilou entre seis meses e dois anos; quanto à formação das docentes, havia graduadas e pós-graduadas *lato sensu*. As escolas localizam-se nos municípios de Itapipoca, Umirim e Trairi, sendo uma instituição sediada na área rural.

Sobre a concepção de Dinâmica de Grupo, sinaliza-se para alguns resultados: não representa apenas ferramentas nem só estratégias; tem como objetivo alcançar entrosamento; é pouco utilizada pelos professores; integra uma forma de mediar informações e comportamentos; constitui uma atividade lúdica para introduzir um assunto; apresenta-se como primordial para as observações dos indivíduos no sentido de como cada um se adéqua e se desenvolve. Sobre as possibilidades da Dinâmica de Grupo, Chaves (2002, p. 3) revela que:

O grande triunfo das possibilidades do uso de dinâmicas de grupo em sala de aula é a oportunidade de se criar uma vivência lúdica e desafiadora com o grupo de alunos, que, ao ser trabalhada a partir do plano de ensino, introduz gradualmente mudanças que geram a compreensão do funcionamento de um paradigma diferente sobre os quais o próprio professor, através de sua experiência, tem condições de generalizar para outros campos de sua didática, de modo a conseguir romper com os modelos tradicionais.

Sobre a importância da Dinâmica de Grupo na formação do professor, seguem algumas respostas: serve para quando houver alguma desavença entre grupos; apresenta-se como uma forma de “quebrar o gelo” no momento de formação continuada; auxilia no processo de construção da aprendizagem do aluno; promove a interação entre todos os integrantes da sala de aula.

Inquiridas se no decorrer de suas formações se recordavam de terem sido trabalhadas Dinâmicas de Grupo no decorrer das aulas do curso, as professoras

sinalizaram para os seguintes dados: a maioria se posicionou com resposta positiva e até trouxe exemplos de dinâmicas, tais como “Teia” e “Trilha”. Em contrapartida, algumas professoras mencionaram que foram usadas poucas ou quase nenhuma, embora tenham destacado que consideravam importante a disciplina.

Quanto ao currículo, foi questionado se elas haviam cursado a disciplina Dinâmica de Grupo na sua formação inicial e se era optativa ou obrigatória. Quatro delas responderam que haviam cursado a referida disciplina de modo optativo; já as três demais apontaram que não a haviam cursado.

Perguntou-se também se a Dinâmica de Grupo era incluída nos planejamentos da escola. As respostas apresentadas versaram da seguinte forma: sim; raramente; e sempre que possível, embora fosse um questionamento de livre resposta. No entanto, destaca-se também a resposta enfocou a rotina dos alunos, indicando a existência de horários específicos para ser trabalhada a dinâmica com atividades de interação, participação, iniciativa e cooperação.

Sobre a relevância de se trabalhar com Dinâmica de Grupo na formação do estudante, todas as respostas ressaltaram a sua importância, destacando-se: a dificuldade de se trabalhar antigamente, quando a ideia que muitos pais tinham da escola era a de ensinar, e não a de brincar; a dificuldade de se trabalhar na sala de aula por conta de não terem aprendido na faculdade sobre a Dinâmica de Grupo; o fato de permitir o entrosamento e a aprendizagem de conteúdos de forma diferenciada, servindo também como ferramenta de descontração para o grupo.

Diante dessas considerações, ressalta-se o aspecto importante da Dinâmica de Grupo, por ser ela uma atividade vivencial, bem como o fato de as práticas experienciadas no momento permitirem que os integrantes visualizem a realidade de diversas maneiras mediante as aproximações, promovendo, dessa forma, a aprendizagem (SILVA, 2008).

Considerações finais

Concorda-se com os autores que defendem a relevância e a contribuição que a Dinâmica de Grupo traz para a formação dos professores, por ser uma prática

continuada em sala de aula, seja para qual for a faixa etária, pois as dinâmicas proporcionam entrosamento, descontração, reflexão, aprendizagem e motivação para os integrantes do grupo.

Em relação às conclusões dos discentes em suas pesquisas, recortamos os seguintes aspectos observados sobre a disciplina Dinâmica de Grupo: as professoras apontaram como um requisito para ensinar os indivíduos sobre a importância de trabalharem em conjunto; indicaram que a universidade deve se preocupar mais com a formação com base na relevância da Dinâmica de Grupo; apontaram para a contribuição positiva da disciplina para a formação pessoal e profissional; manifestaram sua pretensão de levar as Dinâmicas de Grupo para a sala de aula, bem como os enfrentamentos no uso das Dinâmicas de Grupo quando consideradas como algo banalizado e que em nada têm a acrescentar.

Na avaliação da professora da disciplina, ela ressaltou que a disciplina teve início em tempo restrito, por ter começado quando já haviam iniciado as aulas, o que fez com que as atividades tivessem os prazos mais limitados. Essa situação também foi destacada por alguns alunos em suas conclusões na atividade de pesquisa. Sob outro prisma, é importante enfatizar que os momentos trabalhados em sala de aula foram muito proveitosos e que se conseguiu que os discentes apreendessem a Dinâmica de Grupo como uma ferramenta aliada ao trabalho do professor, pela sua versatilidade e pelos seus benefícios, que ajudam na formação integral do discente, como também pela necessidade de se trabalhar com Dinâmicas de Grupo tanto na oferta da disciplina quanto no uso no decorrer das aulas durante a formação inicial e continuada do professor.

REFERÊNCIAS

BOSCO, T. C.; SUDO, C. H. Dinâmicas de Grupo como estratégia de educação ambiental: estudo de caso na educação de jovens e adultos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 2., 2011, Londrina. *Anais...* Londrina: IBEAS, 2011.

CHAVES, A. P. P. Dinâmicas de Grupo: uma contribuição teórica para uma prática banalizada. In: ANPED, 25., 2002, Caxambu em 2002. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2002.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. *Jogos, dinâmicas & vivências grupais*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. S. *O.S. Dinâmica de Grupo*. Fortaleza: Raboni, 1999.

SANTOS, M. C. C. C.; SANTOS, M. F. L. *Utilização de Dinâmicas de Grupo nas séries iniciais do ensino fundamental*. 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SILVA, J. A. P. O uso de Dinâmicas de Grupo em sala de aula: um instrumento de aprendizagem experiencial esquecido ou ainda incompreendido? *Saber Científico*, Porto Velho, v. 1, n. 2, p. 82-99, 2008.

DISCRIMINAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BRASIL E GUINÉ-BISSAU

Raimundo António Dos Santos¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
jano.antoniodossantos@hotmail.com

Franklin Cá²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
franklinca412@gmail.com

Nayuca Alberto Bampoky³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
nayucaalberto@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho foi realizado a partir das vivências elaboradas dentro do contexto da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ofertada no curso de licenciatura: Ciência da Natureza e Matemática da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E tem como objetivo relatar discriminação sobre pessoas surdas. Com esse estudo foi possível identificar a discriminação da pessoa surda no Brasil e Guiné Bissau. No que diz respeito a metodologia se baseou na abordagem qualitativa de pesquisa, e se configurou através de leituras e pesquisas bibliográficas em sala de aula. Com esse estudo foi possível identificar apesar de existirem as leis contra as práticas discriminatórias das pessoas com deficiência auditiva, ainda existem pessoas que reproduzem as práticas discriminatórias contra as pessoas surdas.

INTRODUÇÃO

O presente relato fará um relato sobre discriminação contra as pessoas com deficiência auditiva no Brasil e Guiné-Bissau⁵⁷, com o propósito de compreender as lutas, dinâmicas e conquistas dos mesmos ao longo dos processos históricos nos dois países. Para tanto, observa-se o contexto histórico e sociocultural das duas realidades em pauta. A escolha desse tema se deu através das abordagens conceituais

⁵⁷ Guiné-Bissau é uma República soberana, democrática, anticolonialista e anti-imperialista que luta pela libertação total, pela unidade da Guiné-Bissau e do Arquipélago de Cabo Verde, assim como pelo progresso social do seu povo, fica situada na costa ocidental da África.

desenvolvidos na disciplina da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e das nossas inquietações perante a conjuntura social na qual estamos inseridos, em diálogo com as nossas trajetória e experiências sociais vivenciadas no nosso país de origem - Guiné-Bissau. Estes são os principais motivos da escolha desse objeto.

Historicamente falando, a discriminação sociocultural contra as pessoas com deficiência auditiva no Brasil vem sendo modificado com o tempo, buscando garantir uma qualidade de vida adequada para cada uma dessas pessoas. Algumas legislações nacionais tratam sobre esses direitos, tais como a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (Lei 13.146 de 6 de julho de 2015), ao afirmar em seu art. 8º:

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Para que essas garantias pudessem contribuir na vida dessas pessoas, houve a necessidade de reivindicações por parte dos próprios beneficiados, como também de familiares e estudiosos dessa área, que buscavam assegurar a qualidade de vida para esse grupo.

METODOLOGIA

No que diz respeito a metodologia o estudo se baseou na abordagem qualitativa de pesquisa, e se configurou através de leituras e pesquisas bibliográficas em sala de aula.

GUINÉ-BISSAU E BRASIL: LIMITES E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO

Na Guiné-Bissau não existe em nenhuma parte de constituição de República de 1973 assim como na constituição de 1996, que trata das condições das pessoas com as necessidades especiais, inclusive das pessoas surdas.

Uma pessoa surda ou com outros tipos de deficiências, eram maltratados no seio familiar e na sociedade por causa da sua limitação. Como foi ressaltado pela Liga dos Direitos Humanos, através do seu relatório sobre a situação dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau 2013-2015.

Na Guiné-Bissau, segundo o estudo das pessoas com deficiência realizado pelo INEP com apoio financeiro da PLAN INTERNACIONAL, a maioria dos grupos sociais e étnicos entende a deficiência como uma maldição, um castigo, uma sanção social por algum erro, por transgressão de algo proibido, pelo pecado cometido pela própria vítima de deficiência ou pelos pais. Um recém-nascido com deficiência, para muitas etnias é considerado um sinal de descontentamento dos “deuses” contra a família ou comunidade e, ele, muitas vezes, é atirado ao telhado e seguidamente ao mar ou metido em “baga-baga” (térmitas), com explicações absurdas. Ainda hoje se assiste, em algumas regiões do nosso País.

Por motivo dessas crenças, faz com que muitas pessoas com deficiências sejam escondidas no seio da família, prevenindo de serem vistas por pessoas “estranhas”. Privação de pessoas com necessidades especiais é visível tanto no meio familiar, escolas assim como no emprego, isso faz com que muitos deficientes abandonem suas famílias para mendigar nas ruas da cidade.

No que diz respeito a contextualização histórica, trouxemos o caso da sociedade grega, romano e egípcia antiga para fazer uma análise mais ampla e contextualizada com base no nosso relato. Nesses países, as condições de uma pessoa com deficiência auditiva eram deprimidas e lamentáveis, porque a maior parte das famílias tradicionais principalmente nos séculos XV até o início do século XX, pessoas com necessidades especiais eram consideradas como praga que os deuses atribuíram a família dessas pessoas (CARVALHO, 2005; MANTOAN, 2010; MAZOTTA, 1996; SASSAKI, 2003). Também, alguns acreditavam que ter o filho com deficiência representava o castigo dos deuses sobre essa família ou a repreensão sobre uma determinada prática que fizeram contra os princípios ideológicos tradicionais dos deuses. Ao longo dos processos históricos, deficientes eram discriminadas, subjugados, humilhados e até sacrificadas nos rituais das tribos como a forma de agradecer aos deuses

Na história da humanidade a deficiência sempre se fez presente, mesmo que de formas, mas omissas, escondidas, ignoradas, reprimida, julgadas, condenadas, aceita, ou seja, de uma forma ou de outra a deficiência sempre fez parte da história do homem, estão presente em suas concepções e preocupações, seja para o sentido de aceitação ou negação. Na antiguidade as sociedades gregas como egípcias e romanas já consideravam essa temática em seus contextos sociais, históricos. Cada qual com suas compreensões e atitudes. Na sociedade Egípcia essas questões de deficiência eram, mas branda, onde não se excluía, julgava ou condenava, pelo contrário os egípcios se mostravam, mas caridosos quanto, essas questões, pois demonstravam afetos e preocupações com as pessoas que eram deficientes, oportunizando eles de terem trabalhos, como de poderem se sustentar e ter uma vida comum aos demais (CORRENT, 2016, p:2)

De acordo com a concepção de CORRENT (2016) vimos também que no Brasil moderno como na Guiné-Bissau existem várias pessoas que ainda reproduzem o discurso e ações discriminatórias contra as pessoas portadores de deficiências auditivas, particularmente as comunidades surdas. No entanto, apesar da Constituição Federal Brasileira de 1988 ter assegurado o direito das pessoas portadoras de deficiência por intermédio do “Decreto nº 5.296/2004 (BRASIL, 2004) é o primeiro documento legal que faz um reconhecimento explícito à existência da diversidade entre pessoas com deficiências semelhantes, tanto no caso da surdez como no da cegueira” (MELO, 2014).

Os direitos da inclusão social das pessoas portadoras de deficiências, ou melhor dizendo das pessoas surdas em especial, na família, escola, mercado de trabalho, concursos públicos etc. Nem sempre são respeitados pelas essas entidades. Portanto, isso é um dos fatores condicionante que muitas vezes influenciam as pessoas surdas e as suas famílias a procurarem mecanismos para que mesmo não assumem a sua identidade como surda.

De acordo com Mello (2014, p: 3)

Para cada tipo de deficiência, há um grau diferente de vulnerabilidade e de escape frente a situações de violência, conseqüentemente, dinâmicas diferentes violências entram em jogo. No caso das pessoas com deficiência auditiva, por não ouvirem e apresentarem alterações perceptíveis na fala ou mesmo por se comunicarem em língua brasileira de sinais, se não lhes for disponibilizados serviços tecnológicos e de apoio humano adequados, de acordo com suas

preferências pessoais (intérpretes de Libras, legenda, comunicação por escrito ou pela via da oralidade), elas podem apresentar dificuldades para se defender de abusos e maus tratos, bem como para denunciar as violências sofridas às autoridades competentes.

Em Guiné-Bissau, existem muitos casos semelhantes desse tipo de violência na sociedade contra os deficientes auditivos, porque apesar da constituição da república garante os direitos da inclusão social de pessoas portadores da deficiência, ainda à discriminação severa é muito comum nessa sociedade. Também o Estado da Guiné-Bissau, até o presente momento não possui nem sequer uma política pública educacional voltada ao ensino inclusivo dos deficientes auditivos.

Nesse país existe somente uma escola que atende as exigências e necessidades das pessoas com deficiência auditiva, cujo o nome de *Bengala Branca*⁵⁸. Esse nome é atribuído a escola em homenagem as organizações juvenis não governamentais que atuam no país em defesa e valorização da inclusão sociais das pessoas portadoras de deficiência física, audiovisual e auditiva. Também a escola tem o apoio da cooperação portuguesa da Guiné-Bissau.

Em 2017 o ativista guineense Manuel Lopes Rodriguês portador da deficiência audivisual e defensor dos direitos das pessoas portadores de outros tipos da deficiência, foi eleito como vencedor do prêmio Nobel da educação das crianças no Estocolmo (Suécia) devido a sua militância e lutas em defesa das pessoas deficientes. No entanto apesar de estar numa sociedade que não respeita os direitos e dignidade das pessoas com deficiência auditiva, Manuel Rodriguês nunca desistiu de lutar em prol da igualdade e respeito mútuo entre as pessoas na sociedade guineense.

Segundo Sambú - Jornalista de Jornal Democráta da Guiné-Bissau - em entrevista com Manuel Lopes Rodriguês, (nobel da educação das crianças) no seminário proferida pelo Jornal Democráta da Guiné-Bissau em 2017, afirma que:

⁵⁸ Escola Bengala Branca é uma das raras organizações guineenses que se ocupa da educação dos invisuais na Guiné-Bissau

As dificuldades e a discriminação sofrida ao longo da sua vida fizeram-lhe encerrar o desafio de lutar pelos direitos das crianças portadoras de deficiência visual e outras deficiências, com o propósito de lhes proporcionar uma vida condigna num país em que os deficientes e em particular os invisuais são relegados para o último plano ou simplesmente ignorados pelo Estado. Este prémio demonstra o valor que a Guiné-Bissau tem no mundo e que infelizmente alguns não reconhecem, porque perderam a dignidade. Quando recebi o prémio fiquei muito emocionado, porque na verdade não esperei que o trabalho que fazemos aqui na Guiné-Bissau chagasse àquele nível, ou seja, que ultrapassasse as nossas fronteiras. Estou contente de estar entre os finalistas e, sobretudo por ter ganho o Prémio Nobel da Educação das Crianças. (p.01-02).

O relato acima de Manuel Lopes Rodriguês nos remete a pensar e analisar as situações das pessoas surdas nas escolas públicas do Brasil, particularmente aos dos municípios de Acarape/CE e Redenção/CE. Ao longo das nossas atividades da disciplina do curso de Ciência da Natureza e Matemática da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), várias vezes deparamos com a situação idêntica ao do relato acima citada nas escolas públicas do ensino médio. Como por exemplo, a falta dos intérpretes para as pessoas cujo a necessidade especial, discriminação dos mesmos em sala de aula e a falta de motivação familiar.

Todos esses pequenos pormenores que poucas vezes são reconhecidos e detidos pelos gestores das escolas, professores/as e país encarregados da educação afim de criar mecanismos para o combate definitiva das práticas discriminatórias contras pessoas portadores da deficiência auditiva, assim como outros tipos das deficiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação contra deficientes auditiva: uma análise comparativa das pessoas portadores da deficiência auditiva entre Brasil e Guiné-Bissau, consideramos que em pleno século XXI as pessoas com as necessidades especiais continuam sendo maltratadas, humilhadas e despojados dos seus direitos como cidadãos. No entanto, compreendemos que nos dois países acima citados, apesar de existir as Leis contra as práticas discriminatórias das pessoas portadoras de deficiência auditiva, mas mesmo

assim existem pessoas que reproduzem as práticas discriminatórias contra o mesmo, no Brasil assim como na Guiné-Bissau.

Também, durante o nosso estudo conseguimos compreender as lutas que foram desencadeados pelos diferentes organizações e movimentos em defesa da valorização e respeito mútuo entre as pessoas, trouxeram várias conquistas nacionais, regionais e internacionais. Portanto, hoje pode-se verificar milhares de exemplos de superação e de triunfos das pessoas portadores de deficiências auditivas a nível internacionais, como o caso de Manuel Lopes Rodriguês que trilhou todas as barreiras nas lutas pela dignidade das pessoas portadoras das deficiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – (Série textos básicos; n. 67).

_____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas Com Deficiência**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em <http://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf>. Acesso em 21/08/2018.

CARVALHO, R. E. Educação Inclusiva: com os pingos nos is. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005

CORRENT, N. Da antiguidade a contemporaneidade: a deficiência e suas concepções. **Semana Acadêmica**: Revista Científica, São Luiz, v. 01, 22 set. 2016.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

MELLO, A. G. Especificidades da violência contra pessoas com deficiência auditiva. In.: Violência contra pessoas com deficiência. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2014

Relatório sobre a situação dos **Direitos Humanos na Guiné-Bissau 2013-2015**. Disponível em <https://eeas.europa.eu/sites/eeas/files/relatorio_sobre_a_situacao_dos_direitos_humanos_na_guine-bissau_2013_2015.pdf>. Acesso em 21/08/2018

SAMBÚ, A. **O democrata Guiné-Bissau**, [REPORTAGEM]. O guineense Manuel Lopes Rodrigus, Bissau 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

**FORMAÇÃO DOCENTE: LACUNAS, DESAFIOS E RELATOS DE UMA
PROFESSORA**

Náhiry Maria Clarindo de Sousa/Universidade Estadual do Ceará
nahiry.clarindo@gmail.com
Mariana Karla de Sousa Pompeu/Universidade Estadual do Ceará
mkpompeu@hotmail.com
Iara Assunção de Sousa/Universidade Estadual do Ceará
iaraassuncaodesousa@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato de experiência sobre uma entrevista realizada com uma professora de Educação Infantil da rede pública. O trabalho tem como objetivo geral apresentar como a docente compreende as exigências de uma educação para crianças pequenas, e mais especificamente buscou investigar se suas práticas pedagógicas condizem com os estudos realizados sobre a importância do planejamento no desenvolver das aulas. Visando a realização do trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas e entrevista semiestruturada. Concluiu-se que os relatos da professora revelam uma prática que muitas vezes negligencia o planejamento das aulas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação docente. Ação pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre uma entrevista realizada com uma professora de creche. A discussão aqui presente tem como objetivo geral apresentar os relatos da professora sobre sua formação inicial e continuada e sobre sua prática docente voltada para a turma do infantil II, e especificamente, os estudos aqui expostos, buscam relacionar os relatos fornecidos pela professora com as pesquisas bibliográficas realizadas, de forma que se pudesse desenvolver por meio destas duas dimensões de pesquisa: empírica e teórica, uma discussão crítica e reflexiva sobre como atualmente a professora compreende a sua profissão, as concepções que a mesma tem sobre sua atuação e os caminhos que a fizeram buscar a docência.

Visando a realização do trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas nos textos A profissionalidade específica da educação de infância e os estilos de interação

adulto/criança (FORMOSINHO et al, sem data) Planejamento o ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular - Língua Portuguesa (MAGALHÃES et al, 2012) Vantagens e Limites dos modelos institucionais de formação contínua (CRUZ, 1991), bem como foi feita uma entrevista com uma professora do infantil II voltada para a identidade profissional, a formação e suas práticas pedagógicas.

O trabalho encontra-se estruturado em três momentos: introdução, desenvolvimento e considerações finais. No desenvolvimento, as discussões estão divididas em três tópicos, os quais foram desenvolvidos seguindo três eixos de discussão. O primeiro eixo fala sobre o perfil da professora, fazendo uma breve apresentação sobre como a mesma escolheu a profissão e como se deu sua formação inicial. O segundo eixo buscou criticar, através dos relatos da professora, sobre sua formação inicial e como atualmente a formação de professores apresenta lacunas. O terceiro e último eixo visou contextualizar as concepções e a prática docente da professora entrevistada, de modo que fosse possível construir uma discussão crítica e reflexiva sobre o trabalho da mesma.

2.PERFIL DA PROFESSORA

Professora da rede básica de ensino com mais de 20 anos de experiência na profissão. Atualmente é responsável por uma turma de infantil 2, em uma creche pública municipal, situada no bairro Parangaba na cidade de Fortaleza.

Teve a infância marcada por brincadeiras voltadas para dar aulinhas aos irmãos mais novos, a professora entrevistada era a filha mais velha, e por conta disto seu papel era o de auxiliar os irmãos mais novos nos estudos. Sendo assim, brincar e dar aulas era o que ela mais gostava de fazer, e o que recorda com muita empolgação.

E quando foi perguntado à mesma de onde havia partido o interesse pela docência foi isto que ela respondeu

Eu acho que desde criança eu já era professora, porque como eu venho de uma família grande eu era uma das mais velhas, eu acabava que ensinando meus irmãos, e aí na minha época teve o curso

profissionalizante, tinham vários cursos aí eu escolhi o pedagógico, na época tinham vários outros mas eu escolhi o pedagógico, e no meio ainda deste curso eu comecei e gostei, comecei com a educação infantil gostei e estou até hoje. (ENTREVISTADA, 2017)

Este relato mostra que o contato com a brincadeira de dar aulas gerou algo mais forte na professora, ao ponto de fazer com que a mesma em sua idade adulta, buscasse o magistério como profissão e nesta permanecesse até hoje.

No entanto, sabe-se que a área da docência requer bem mais que gostar, é necessário formação, muito preparo, seriedade, responsabilidade, além disso, é preciso estar sempre revendo suas ações, práticas e buscando novos conhecimentos.

Inicialmente a professora fez o curso profissionalizante pedagógico, e já atuando na área fez um curso de pedagogia em uma universidade particular com duração de 2 anos, o qual segundo a mesma funcionou como uma complementação “esse curso para mim, como eu já fiz estando trabalhando na profissão, então complementou, não me ajudou muito, porque assim, o que eu via lá eu já fazia, então só complementou, foi uma complementação”. (ENTREVISTADA, 2017)

Durante a entrevista a professora exaltou bastante a importância da prática na docência e afirmou ter sido o seu principal meio de aprendizagem e o mais efetivo.

3.O DESAFIO DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA: RELATOS DE UMA FORMAÇÃO INICIAL ESTRITAMENTE TEÓRICA

Atualmente, ainda encontramos nos cursos de formação de professores muitas lacunas, tanto na formação inicial quanto na continuada. Uma dessas lacunas é referente à formação inicial, a falta de contato com a realidade escolar por parte dos graduandos, os quais tem uma grade curricular a qual apresenta muitos conteúdos teóricos e pouco práticos, o que gera uma falha, uma fragilidade na formação destes futuros professores.

Dito isto, abaixo pode-se observar o relato da professora ao afirmar que a formação inicial não lhe proporcionou o contato mínimo com uma realidade de sala de aula, ao pontuar que

Quando a gente começa é só teoria, a teoria é ótima é excelente, lógico, mas na prática é que você vai aprender, porque o que a teoria diz que dá certo, mas tem mil e uma coisas que vai contra, porque às vezes são empecilhos. Você vai encontrando pelo caminho vários empecilhos, que você tem que ir contornando, e essas coisas vão fazendo a gente aprender mais, -ah isso aqui por esse caminho dá certo, por aqui não, e aí é até você aprender, conseguir. A teoria é ótima, mas a prática é sem dúvida o que vai levar você a conseguir. (ENTREVISTADA, 2017)

Este relato de uma professora que já está a mais de 20 anos exercendo a docência é sem dúvida marcante, pois até hoje sabe-se que ainda existe este tipo de falha nas grades curriculares de formação de professores, e isto é um problema que só se agravou ao longo do tempo, e que parece se prolongar ainda mais.

Tendo em vista as formações à distância, que sem dúvida apresenta pontos positivos em sua proposta, mas que por outro lado, esta modalidade de formação estimula o contato estritamente teórico das disciplinas e oferece pouca ou quase nenhuma atividade prática de estar em sala de aula, conhecendo, observando, analisando, aprendendo como funciona uma rotina de sala de aula, como são complexos e diversos os desafios, os alunos, enfim, dar aulas, ser professor.

Dito isto, e analisando o relato da professora, sobre a teoria ser importante, mas a prática ser fundamental, observou-se que deixar a prática de lado é fortalecer uma formação inicial fragilizada em suportes efetivos para que o profissional, o professor, tenha uma capacitação firme.

Também observou-se que a professora em certo ponto exalta muito a prática e diz que somente com ela é que se aprende. Sabe-se de fato que a prática é extremamente importante na formação do professor, mas que somente ela não é suficiente, a teoria e a prática devem estar presentes na formação dos professores, de forma que o mesmo em sua ação docente possa exercer a práxis que chegue aos alunos de forma efetiva e positiva.

4.PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA ATUALMENTE: ELOGIOS E CRÍTICAS

Sabe-se que a docência não é tarefa fácil, e como dito anteriormente exige seriedade, responsabilidade, formação e dedicação.

Quando se fala de educação de crianças pequenas se tem ainda mais uma especificidade desta tarefa, das ações a serem desenvolvidas e dos cuidados exigidos na relação professor/criança.

Para FORMOSINHO et al:

A globalidade da educação da criança pequena que reflecte a forma holística pela qual a criança aprende e se desenvolve(apud ELKIND, 1994) [...] a perspectivação da criança como um projecto, como um conjunto de necessidades de todo o tipo, conduz a que a educadora de infância desempenhe uma enorme diversidade de tarefas e tenha um papel abrangente[...] (FORMOSINHO et al, p. 86).

Dessa forma, tem-se na ação de uma professora de educação de crianças uma responsabilidade e muita capacitação para trabalhar com crianças pequenas questões como cuidados e aprendizagem de forma que sua prática seja positiva e ao mesmo tempo diversa.

Sabendo disto, desafios são constantes durante este processo, e o que se pode observar nos relatos da professora entrevistada é que a mesma reconhece que lidar com crianças pequenas no âmbito da educação é algo que exige muito do professor, isto fica explicitado no relato da professora

Às vezes a gente se sente cansada, porque é muito cansativo você trabalhar com criança, você tem que ter muita energia e aí também tem a questão da idade você vai envelhecendo vai ficando mais cansada, algumas atividades você até vai deixando de fazer por conta disso, você se cansa logo, mas é uma coisa gostosa. Pelo menos eu gosto. (ENTREVISTADA, 2017)

Através disto pode-se compreender que são muitos os desafios que perpassam o fazer docente na educação de crianças pequenas, mas que como toda profissão a docência tem que partir do gostar, se capacitar, se aperfeiçoar e continuar se aperfeiçoando, pois apenas gostar não é suficiente para exercer a docência.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO NA RENOVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

É de extrema importância que o professor seja um sujeito construtor de conhecimentos e tenha a capacidade de refletir e modificar sua prática, sempre em busca de uma educação de efetiva qualidade.

A professora entrevistada mostrou reconhecer a importância de estar continuamente se renovando em suas práticas e capacitações, ao afirmar que:

É necessário estar estudando sempre, estar lendo, estudando sobre a criança porque a gente sabe que o tempo vai mudando, o que era ontem, a criação de ontem, não é mais a de hoje, então a gente tem sempre que estar lendo se informando sobre as crianças, o jeito de ser de cada uma. E hoje em dia, em relação a inclusão sempre estar por dentro desses assuntos das políticas também. (ENTREVISTADA, 2017).

Pode-se observar que a professora entrevistada busca a cada dia renovar as suas práticas, pois como a mesma falou depois de tanto tempo de experiência na profissão tem-se que ter cuidado para não ficar acomodada e quando perceber que a situação está ficando monótona procurar fazer algo diferente para que sua ação pedagógica se torne interessante e contribua com a real formação social dos alunos.

Compreendendo isto, a formação de professores é um processo que deve ser contínuo, por essa razão, a formação continuada é importante e pode ser compreendida como:

[...] atividades sistemáticas de formação a que se dedicam os professores e os chefes de estabelecimentos de ensino após a sua titularização profissional inicial, com vista a melhorar os seus conhecimentos, as suas competências e as suas atitudes profissionais,

de modo a assegurar, com eficácia, a formação dos alunos (CRUZ, 1991, p. 155).

Portanto, essa formação deveria auxiliar na reflexão e renovação da prática docente, porém muitas vezes não contribui tanto quanto é esperado, uma vez que os assuntos trabalhados são padronizados, os professores não conseguem adquirir novos conhecimentos, apenas observam a prática que já realizam.

4.2 PLANEJAMENTO NEGLIGENCIADO: CONSEQUÊNCIAS DA FORMAÇÃO OU DESGASTE DE UMA AÇÃO DOCENTE APÓS 20 ANOS?

Sabe-se que o planejamento é fundamental no processo de elaboração de uma aula que seja efetiva na promoção de um processo de aprendizagem significativo para os alunos, isto fica evidente na afirmação:

Precisamos planejar para fazermos escolhas coerentes , organizar nossas rotinas, ter nossos objetivos delimitados saber aonde queremos chegar e o que precisamos ensinar aos nossos alunos. para tanto, é necessário termos uma visão do processo mais amplo de aprendizado que será desenvolvido durante todo o ano letivo, mas também do processo micro, revelado por meio de um planejamento mais pontual marcado por intervalos de tempo.(MAGALHÃES et al, p. 7, 2012.)

Logo,planejar seria então um passo muito importante e que exige do professor muita responsabilidade no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem e também na vida dos alunos, pois realizar ou não o planejamento afetará negativamente ou contribuirá positivamente no/para o aprendizado dos alunos, refletindo em suas vidas.

Visando fortalecer o argumento acima, observemos o que diz MAGALHÃES et al (2012) ao falar sobre a relevância de se planejar:

[...]desse modo o planejamento na escola tem um impacto maior, pois não traz consequências apenas para nossas próprias vidas [...] mas para a vida de outras pessoas: os estudantes, suas famílias, suas comunidades.(MAGALHÃES et al, p.6, 2012)

Através dos relatos da professora, pode-se identificar que o planejamento das aulas é, em certos momentos, negligenciado. Isto fica evidente quando a mesma afirma “às vezes assim, eu nem planejo uma aula, mas assim do nada sai uma atividade com eles e eles gostam. Eu procuro sempre estar inovando, eu sou assim.” (ENTREVISTADA, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das discussões presentes no trabalho foi possível atingir os objetivos traçados para o mesmo, o que gerou aprendizados mais significativos para as idealizadoras da pesquisa em questão, pois enquanto futuras professoras ter contato com uma professora atuante na profissão há mais de 20 anos nos fez compreender como é difícil o caminho da docência, e que ele exige muita dedicação, responsabilidade e capacitação, mas que antes de tudo deve partir de uma vontade, um gosto, uma paixão que não pode se confundir com dom ou missão de ser professor.

Um dos pontos relevantes que chamaram nossa atenção foi o relato que a professora algumas vezes não planejava suas aulas, e isto mais gerou questionamentos do que respostas, mas que foram importantes na medida que proporcionaram a construção de argumentos críticos sobre a importância do planejamento no processo de ensino/aprendizagem.

Outro ponto, que pode ser ressaltado é em relação aos aprendizados adquiridos do trabalho em questão, por meio da pesquisa produzida e da entrevista realizada, foi que atualmente a formação de professores ainda apresenta grandes lacunas em relação à teoria e a prática, pois como foi possível identificar na fala da professora, a formação inicial da mesma era baseada apenas em estudos teóricos e os momentos práticos não aconteciam, o que gerou muita insegurança na futura ação docente que a mesma realizaria em sua atuação como professora.

Dito isto, o que se pode aprender de relevante com os estudos realizados foi que existe a necessidade de se compreender a importância de uma formação inicial e continuada que tenham relações entre teoria e prática para que dessa forma os futuros professores sejam formados de modo a sentirem-se mais seguros na sua prática futura, e que esta efetivação entre teoria e prática possa favorecer na formação de profissionais críticos que reflitam sobre suas ações constantemente e que busquem sempre renovar suas práticas pedagógicas.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALBEN, Angélica et al (org.). **Convergências e tensões no campo e do trabalho docente: didática, formação de professores e trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Coleção Didática e Prática de Ensino.

FORMOSINHO, Júlia et.al. **A profissionalidade específica da educação de infância e os estilos de interação adulto/criança**. p.86. _____Livraria Minho Braga_____

MAGALHÃES, Luciane M; ARAUJO, Rita de Cássia B. de Freitas; ACHTSCHIN, Simone B. et al . **Planejamento o ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular - Língua Portuguesa**. In: BRASIL. Ministério da educação. Planejamento escolar: alfabetização e ensino da Língua Portuguesa. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ano 1, Unidade 2, Brasília, 2012.

PROFESSORA, Relato de uma. Entrevista. [novembro,2017].Entrevistadoras: Mariana Karla de Sousa Pompeu e Náhiry Maria Clarindo de Sousa. Parangaba, 2017. Arquivo mp3 (60 min).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Por dentro da didática: um retrato de três pesquisas**. In:

JOGO, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joelma Nogueira da Silva¹

Graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA

E-mail: joelmanogueiralife@hotmail.com

Marcos Aurélio Moreira Franco²

Professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: marcosfranco29@hotmail.com

RESUMO

O trabalho consiste na apresentação de um relato de experiência acerca dos resultados de uma prática de leitura e escrita vivenciada com crianças da pré-escola de uma instituição particular do Crato/CE durante os estudos da disciplina Didática da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil no Curso de Pedagogia da URCA. O objetivo da vivência foi refletir criticamente as práticas de alfabetização e letramento de professores na Educação Infantil, bem como planejar e desenvolver estratégias que permitissem às crianças aprofundar seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita tendo a perspectiva lúdica como mediadora desse processo. Como procedimento metodológico foi realizada uma observação em sala e a operacionalização de um jogo com as crianças do Infantil V. No tocante aos resultados, percebemos a necessidade e a importância do planejamento de situações lúdicas e desafiadoras que tomem interesse e necessidades das crianças como princípio, a fim de garantir o seu envolvimento e desempenho nas atividades propostas.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Educação Infantil.

1. De onde partimos

A alfabetização e o letramento tem sido uma das preocupações centrais no processo de formação educacional das crianças. Por esta habilidade se mostra diretamente relacionada com a capacidade de comunicação oral e escrita, muitas vezes, a escola manifesta maior preocupação com esse tipo de conhecimento e o elege como um dos maiores objetivos do ensino.

Na busca de garantir sucesso no processo de alfabetização muitos professores lançam mão de atividades e, sobretudo de ‘métodos’ de trabalho que consideram favoráveis para que as crianças ampliem seu domínio da linguagem oral e escrita.

Assim, enquanto professores em formação somos convidados a estar sempre em contato com a realidade das instituições de ensino para conseguirmos compreender mais acerca de como se organiza o saber-fazer pedagógico. Esse contato com docentes e crianças é sempre revelador e, ao mesmo tempo, desafiador, pois nos convida a reflexões, investigações e a construção de possíveis respostas às questões.

Em relação ao trabalho com a linguagem oral e escrita, especificamente no campo da alfabetização e do letramento notamos que são muitas as práticas desenvolvidas, cada qual fundamentada em princípios teórico-metodológicos específicos. Conhecê-los é tão importante quanto refletir os seus desdobramentos.

Foi no contexto dos estudos no Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, especificamente no sexto semestre, que nos deparamos com uma disciplina que abordou a construção da leitura e da escrita pelas crianças. Tal percurso de estudos nos permitiu pensar mais intensamente questões relacionadas à alfabetização e ao letramento bem como planejar e executar uma atividade com crianças. Como objetivos buscamos refletir criticamente as práticas de alfabetização e letramento de professores na Educação Infantil, bem como planejar e desenvolver estratégias que permitissem às crianças aprofundar seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita tendo a perspectiva lúdica como mediadora desse processo.

Nesse sentido, o presente trabalho consiste na apresentação de um relato de experiência acerca dos resultados de uma prática no campo da leitura e da escrita vivenciada com crianças da pré-escola de uma instituição particular do Crato/CE durante os estudos da disciplina Didática da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil.

2. Definições do percurso

Após momentos de estudos e discussões em sala, através dos quais foram aprofundados conceitos e explicações de variados autores acerca do processo de alfabetização e letramento das crianças foi proposto, pelo professor da disciplina, que os alunos que já possuíam experiências com crianças na Educação Infantil e no Ensino

Fundamental relatassem as suas práticas e apresentassem materiais utilizados como recursos auxiliares para o trabalho com a leitura e escrita.

Para tanto, foram organizadas sessões de apresentação das práticas e dos materiais sendo que, nesses momentos, tornou-se significativa a oportunidade de discutirmos sobre os fundamentos e/ou aproximação de cada recurso com determinados métodos estudados nas aulas anteriores.

Após a troca de experiências em sala o professor da disciplina propôs a extensão desses aprendizados para a realidade das instituições na perspectiva de que a turma pudesse exercitar o planejamento, a confecção e o uso de determinados materiais que servissem ao processo de alfabetização e letramento e, ao mesmo tempo, contribuir com o trabalho realizado pelos professores em suas realidades tendo como base a vivência de situações lúdicas.

Considerando a nossa aproximação com uma instituição particular em decorrência da atuação como professoras de reforço de crianças que nela estudam, optamos por desenvolver a atividade numa de suas turmas de Educação Infantil.

Em campo, foi feita uma visita para apresentação da proposta e outra de observação da rotina de sala, especificamente voltando o olhar para o trabalho com a leitura e a escrita. De volta a URCA foi realizado o planejamento de uma atividade a ser aplicada em sala, considerando-se o nível de desenvolvimento das crianças nesse campo. Após a sua aplicação houve uma avaliação dos resultados e a sua socialização.

3. Os referenciais para seguir caminhando

Subsidiando o nosso estudo sobre a construção da leitura e da escrita pelas crianças consideramos importante ampliarmos o entendimento acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, para tanto, nos valemos das explicações de Soares (1998) ao reconhecer a diferenciação entre esses dois conceitos ao salientar que:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a

leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (p.39,40).

Como vimos não basta à criança dominar os elementos do registro escrito e da decodificação pela leitura, se faz necessário que esta seja dotada da capacidade de uso e apropriação desses instrumentos para participar ativamente das situações que lhe exigem fazer-se entender e ser entendido nos contextos do uso da língua.

Corroborando com esse sentido Batista e Soares (2005) acrescentam que:

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (p.24).

Portanto, cabe ao professor tendo consciência de que as crianças necessitam se tornar sujeitos letrados investir na efetivação de práticas pedagógicas que potencializem não apenas o aprendizado como também o uso e o domínio da língua em situações significativas.

Outro aspecto a considerar é a relevância que a sala de atividades pode assumir ao integrar jogos e brinquedos, livros, revistas e outros portadores da escrita. Entendemos que não apenas o meio do qual a criança participa já é um ambiente alfabetizador, mas devemos considerar que a sala apresente os mais diversos referenciais para formação do letramento.

Além do ambiente, as palavras a serem utilizadas no processo de letramento da criança tanto podem e devem fazer parte do enredo da criança, a esse respeito Carvalho (2007) pontua que

“(…) uma palavra também pode ser o ponto de partida para a alfabetização contando que o alfabetizador leve em consideração o contexto [...] respeitando o repertório da criança as palavras a serem trabalhadas em sala de aula devem ter significado para elas, portanto terem relação com suas práticas cotidianas (p. 68).

Em relação a atenção que o professor deve ter com os fundamentos que amparam a sua atuação pedagógica com vistas a garantir a formação da capacidade leitora e de uso da escrita pela criança, importa enfatizar o que Cavalcante (2015) aponta:

A alfabetização dissociada do letramento não atende as exigências sociais em relação ao ler e escrever, pois na contemporaneidade há uma diversidade textual muito ampla. Assim professor terá que trabalhar para que os alunos adquiram habilidades para atender as demandas atuais da leitura e escrita (p. 2).

No tocante a possibilidade de utilização de jogos e brincadeiras no trabalho com conteúdos na Educação Infantil o RCNEI (1998, vol. 1) salienta que:

Os jogos constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções (...), estimula o planejamento das ações e possibilitam a construção de uma atitude positiva diante dos erros, uma vez que as situações se sucedem rapidamente e podem ser corrigidas de forma natural, no decorrer da ação, sem deixar marcas negativas. (BRASIL, 1998, p.46)

Além da possibilidade de acertos e erros possíveis na vivência de jogos e brincadeiras, conforme aponta o RCNEI (1998), no contexto da sala, consideramos que tais atividades assumem um papel importante no desempenho das crianças funcionando como oportunidades significativas de uso da leitura e da escrita ao lado de outros referenciais que se fazem presentes na sua realidade social.

4. A trajetória e os seus resultados

A primeira visita à instituição intencionou a apresentação dos objetivos e a explicação do desenvolvimento da proposta, no entanto, a visita tornou-se mais do que uma formalização, pois, nesse momento a recepção veio acompanhada de um convite para conhecer melhor as dependências da instituição e os materiais pedagógicos que eram utilizados em sala com as crianças. Nesse momento a professora do Infantil V

comentou aspectos do seu planejamento e da sua atuação possibilitando-nos compreender melhor a sua abordagem de trabalho. Esse contato foi fundamental por permitir o reconhecimento das atividades e dos recursos que costumam ser utilizados em sala, principalmente no tocante à leitura e escrita. Ademais, essa aproximação com professores e gestores concedeu maior confiança e propriedade no desempenho da atividade que foi desenvolvida posteriormente.

A segunda visita à instituição possibilitou a observação direta de sala especialmente voltada para o planejamento da professora. Nesse dia, identificamos que a docente adotava como metodologia a apresentação de uma consoante por semana e a exploração das famílias silábicas. Como prática, costumava escrever no quadro sílabas e palavras com a consoante estudada pedindo que as crianças lessem e, em seguida copiassem em folhas de papel xerocadas.

Não foram utilizados portadores de texto conhecidos pelas crianças (tais como rótulos e embalagens) ou algum material didático na exploração do conteúdo, embora na sala tenhamos observado a presença de referenciais para a exploração de situações de leitura e escrita; havia na sala letras do alfabeto recortadas em emborrachado e fixadas na parede, além de uma estante com livros de literatura infantil. A rotina seguiu sem muitas variações, pelo que a professora se empenhou, no restante do horário em escrever e ler no quadro palavras enquanto que as crianças, posteriormente, foram convidadas a registrá-las graficamente. O uso de uma atividade xerocada solicitando a identificação da sílaba estudada em palavras marcou o restante do horário de aula. Por fim, houve a cópia de uma atividade de casa.

Durante estudos da disciplina Didática da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil, fomos incentivadas a criar uma situação lúdica que permitisse às crianças exercícios de leitura e escrita acompanhada da produção de algum jogo ou brincadeira. Na oportunidade, optamos por criar um jogo ao qual chamamos ‘pizza das sílabas’ que consistia em várias peças no formato de fatias de pizza recortadas e acondicionadas na mesma caixa utilizadas para entregas, pratos de papelão e um dado de papel com numerais de 1 a 3 escritos em cada face. O jogo tinha por objetivo

identificar o nível de leitura e escrita das crianças bem como estimulá-las a participar ativamente de situações que exigem o reconhecimento de letras ou sílabas em palavras.

No processo de produção do jogo tivemos como objetivo utilizar materiais de fácil acesso para o professor ao tempo em que também intencionamos provocar o pensamento das crianças através de desafios.

Após testarmos o jogo em sala brincando com os próprios colegas fomos orientados pelo professor na universidade a vivenciá-lo com as crianças da turma de Educação Infantil que havia sido observada por nós. Foram necessários alguns dias para a confecção do material, haja vista que a forma de jogar pedia que cada grupo de cinco crianças utilizasse um jogo, como na sala haviam vinte e cinco crianças, necessitamos confeccionar cinco jogos.

No dia da vivência em sala as crianças foram orientadas a formar em grupos mistos, evitando-se a separação entre meninos e meninas e, em cada grupo, as crianças competiram entre si. No centro do grupo foi colocada a forma de pizza contendo fichas representando fatias. Lançando ao ar um dado (contendo os numerais de um a três) cada criança, em seu devido momento, obtinha uma quantidade e poderia retirar as fatias correspondentes e acondicioná-las em seu prato de papelão desde que identificasse a sílaba e anunciasse uma palavra que continha aquele padrão. Caso não conseguisse, a criança deveria devolver a peça à forma de pizza.

Ainda de posse dos cartões foi solicitado que as crianças informassem, em voz alta as letras ou a sílaba completa quando estas fizessem parte da escrita do seu nome. A reação das crianças foi bastante positiva e o envolvimento no jogo foi muito significativo.

Num caderno de registros, fomos anotando o desempenho de cada criança indicando as sílabas que leram e aquelas que não conseguiram ler ou relacioná-las a uma palavra. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos estudados na disciplina realizamos a descrição do desempenho de cada criança. Esse registro foi socializado com a professora ao final da atividade para que servisse como subsídio ao planejamento de situações individuais que correspondessem ao nível de leitura e escrita das crianças.

Com a realização dessa atividade não apenas refletimos a necessidade de situações lúdicas que tomem o interesse da criança como princípio para o planejamento, mas também reconhecemos a necessidade de situações didáticas que permitam ao docente conhecer bem o desempenho individual de cada criança para então se colocar como mediador entre esta e o mundo da leitura e da escrita.

5. Ao final, algumas conclusões

Compreendemos a alfabetização e o letramento como um processo importante para a relação da criança com os outros e com o repertório cultural da humanidade. Tal construção representa uma grande conquista no plano cognitivo, mas também social da criança à medida que o domínio do repertório lingüístico abre espaço para a sua expressão e comunicação.

Com a vivência em sala tornou-se mais claro que o professor pode e deve atuar como mediador do processo de conhecimento da criança, sendo necessária a sua disposição e constante atenção para as necessidades da turma com vista ao planejamento das melhores situações didáticas. Nesse contexto, os brinquedos e as brincadeiras podem ser utilizados como elementos dinamizadores do contato da criança com conteúdos da leitura e da escrita ainda mais quando os jogos se colocam às crianças como desafios ou como suportes auxiliares ao mobilizarem os conhecimentos que estas já têm sobre o mundo, ou seja, os saberes que decorrentes da sua leitura de mundo.

Dessa forma, além de considerarmos as práticas sociais reais de uso da leitura e da escrita como conteúdos do processo de alfabetização e letramento, também reconhecemos os jogos e as brincadeiras como importantes estratégias didáticas para aprendizagem da criança. Por fim, é possível recomendar que os educadores invistam no planejamento de situações que envolvam jogos e brincadeiras por serem estes elementos que em muito correspondem às necessidades e interesses infantis.

4. Referências Bibliográficas

Batista, Antônio Augusto Gomes; SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. vol. 1.

CAVALCANTE, Juliana Brito de Araújo. **História da alfabetização**: Do ensino das primeiras letras à psicogênese da língua escrita: UESPI/ São Raimundo Nonato-PI, 2015.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: Um diálogo entre a teoria e a prática .4 ed. Petrópolis, RJ:Vozes,2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso. Porto Alegre: Artmed,1999.

O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Aline Guilherme de Melo – Universidade Estadual do Ceará, e-mail:
alinemelo.psi@hotmail.com

RESUMO

Este relato de experiência aborda a formação continuada de professores do município de Fortaleza sobre a temática de leitura e escrita na Educação Infantil. Participaram cerca de trezentos docentes de uma das regionais da cidade. O objetivo do relato é reforçar o papel da formação continuada na transformação da prática pedagógica de professores. Para dialogar com os dados obtidos na experiência prática, trazemos as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural e de autores que abordam as temáticas da formação profissional, subjetividade docente e aprendizagem da língua escrita. Nos resultados, evidenciamos a importância da implicação dos professores como sujeitos de seus processos formativos. Concluímos que há a necessidade de pensar os espaços de formação para potencializar a reflexão e a construção entre os pares.

Palavras-chave: Formação continuada. Prática pedagógica. Educação Infantil.

Introdução

A complexidade do trabalho do professor de educação básica gera a necessidade de continuar seus estudos para além da formação inicial. Na rede municipal de Fortaleza, os docentes participam de um programa de formação continuada planejado pela Secretaria de Educação. O objetivo dos encontros formativos é subsidiar os docentes com teorias e recursos para aproximar a sua atuação das práticas defendidas nos documentos oficiais da educação. Para o nível da Educação Infantil, objeto deste trabalho, uma das principais publicações oficiais são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (BRASIL, 2010).

O desafio das equipes formativas é estimular a transformação da prática docente, de forma que os professores planejem e realizem atividades mais contextualizadas junto às crianças. Embora as referências adotadas no país e no município de Fortaleza defendam uma educação sociointeracionista, que considere a criança como sujeito ativo

e capaz, essas nem sempre são as concepções adotadas por todos os professores. Assim, é papel da formação continuada colocar essas questões em discussão, principalmente em relação aos professores que trazem lacunas da sua formação inicial (PIMENTA, 2017).

Esse é o cenário em que se deu a experiência compartilhada neste trabalho. Aqui, relatamos um recorte da prática formativa, especificamente sobre o tema da leitura e escrita na Educação Infantil. Tal assunto é bastante mobilizador entre os professores, pois é um dos que mais coloca em evidência a diferença entre as concepções dos documentos oficiais e as dos docentes individualmente. Embora oficialmente sejam disseminadas teorias que abordam a linguagem escrita de maneira lúdica e significativa para as crianças, ainda é comum nos depararmos com atividades descontextualizadas em sala de aula, como a pintura de letras isoladas ou a cópia de palavras.

Ao refletirmos sobre a dificuldade de conscientizar os professores acerca da mudança de prática, defendemos que envolver os docentes como sujeitos de seus processos formativos é essencial. Nesse sentido, lançar teorias ou sugerir atividades não são posturas tão efetivas para a transformação da atuação docente. Consideramos necessário implicar os professores e trazê-los para as discussões para que seja possível construir caminhos coletivamente. Essas são ideias defendidas por pesquisadores renomados no campo da formação continuada (IMBERNÓN, 2010).

Para dialogar com nossa experiência profissional, trouxemos, ainda, contribuições de autores que pensam os temas da subjetividade e da aprendizagem da linguagem escrita (GOULART e DA MATA, 2016; MEC, 2016; SILVA, 2016; VIGOTSKI, 2007). O objetivo deste relato é chamar atenção para a importância da formação continuada para discutir concepções de educação, construir possibilidades junto aos docentes e transformar a prática pedagógica.

Metodologia

A experiência relatada neste trabalho foi realizada na Regional II do município de Fortaleza e envolveu cerca de trezentos professores da Educação Infantil – com média de 25 profissionais por turma. Esse público participa dos encontros de formação

continuada, que no mês de maio de 2018 teve como temática principal a aquisição da leitura e da escrita pelas crianças. Os encontros formativos aconteceram no polo de formação, para onde os professores se deslocam mensalmente para participarem do programa.

O relato tem como foco duas atividades práticas realizadas durante a formação. Tais experiências conquistaram o objetivo de fazer com que o professor refletisse sobre a sua prática, compreendendo melhor os processos de aprendizagem das crianças acerca da linguagem escrita. Para analisar os dados observados, situamos a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski como contribuição principal, que permite pensar o desenvolvimento humano a partir das relações sociais e culturais estabelecidas.

Discussão

O tema da linguagem escrita é muito importante na formação e prática dos professores de Educação Infantil, pois as avaliações externas realizadas nos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental geram uma pressão que atinge também as turmas das creches e pré-escolas. Assim, as expectativas de professores e gestores acaba por marcar atividades mecânicas de leitura e escrita, focadas no aspecto cognitivo e em uma concepção de preparação das crianças para o próximo nível de ensino (SILVA, 2016). Entretanto, as teorias adotadas oficialmente vão de encontro a essas práticas. Em seu texto sobre a aquisição da escrita, Vigotski (2007) defende que ela deve se dar não apenas como uma habilidade motora, mas como uma função relevante à vida.

As reflexões acerca da leitura e da escrita são bastante presentes nas atividades de formação e acompanhamento aos professores da rede municipal. Em mais um encontro formativo que abordou o tema, procuramos implicar o professor na prática que ele realiza junto às crianças, possibilitando que ele se visse nas atividades produtoras de linguagem escrita. Para isso, iniciamos a formação propondo que cada participante escrevesse um pequeno texto sobre uma pintura que projetamos (a imagem retratava uma ciranda).

De modo geral, não foi uma ação que os professores considerassem fácil. A maioria deles levou alguns minutos até começar a escrever. Alguns não realizaram a

tarefa e outros optaram por não socializar seu texto. Entre os que compartilharam sua produção, alguns leram apenas frases soltas e outros preferiram fazer um relato oral em vez de ler o que tinham escrito no papel. Essas reações evidenciaram o entendimento de Vigotski (2007) de que a escrita é uma forma mais complexa de linguagem.

Depois de ouvir os textos de alguns professores, nós perguntamos a eles quais aspectos foram importantes para permitir a escrita. Questionamos se o fato de ser alfabetizado na língua portuguesa foi suficiente para garantir a produção. A resposta foi unânime: não! Ao elencarem elementos que fizeram parte do processo de escrita, os professores citaram, entre outros: a percepção e a interpretação da imagem, o pensamento, as lembranças, o repertório de vida, as experiências com as crianças em sala e suas emoções ao visualizar a obra de arte.

A partir desses relatos, fizemos a reflexão sobre o processo de aquisição da escrita pelas crianças da Educação Infantil. Problematizamos: se a habilidade de reconhecer letras e formas palavras não é a competência principal mobilizada no momento da escrita, porque muitas vezes insistimos em focar nossas atividades pedagógicas nesse quesito? Com essa discussão, os professores puderam pensar sobre a importância que capacidades como a de fantasiar, construir argumentações, narrar histórias e se envolver em brincadeiras simbólicas têm para o desenvolvimento da linguagem escrita na criança (VIGOTSKI, 2007; GOULART e DA MATA, 2016).

Depois dessas reflexões teórico-práticas, implicamos os docentes em uma atividade ainda muito presente na educação infantil: a cópia de palavras. Para isso, trouxemos um parágrafo escrito na língua grega e desafiamos os professores a passar aquelas palavras para os seus cadernos. Alguns não se envolveram na tarefa, já antecipando nossa intenção. Outros assumiram o desafio e se empenharam em copiar todas as linhas. Entretanto, nenhum docente conseguiu concluir a atividade nos poucos minutos que demos.

As reflexões a partir da experiência de cópia foram muito ricas. Ao fim do desafio, a maioria dos professores havia entendido a intenção da atividade. Então, relataram o potencial transformador da nossa proposta. Uma das professoras afirmou que a cópia era uma prática muito presente em sua sala, mas que, a partir daquele

momento, ela iria repensar a atividade, pois não havia se sentido bem durante a realização. Quando questionamos se a prática da cópia tinha potencializado aprendizagens sobre a língua grega, todos os professores responderam negativamente. Relataram, ainda, a sensação de incômodo, por estar fazendo algo mecânico e sem sentido, já que não entendiam o significado das letras em grego. Muitos professores se surpreenderam ao constatar que as crianças de sua turma podem se sentir dessa forma quando fazem cópias de palavras da lousa.

Para aprofundar as reflexões sobre a aquisição da habilidade de escrita, estimulamos que os docentes comparassem as duas experiências feitas na formação: em que pontos a escrita do trecho no início se diferenciava da atividade de cópia do parágrafo em outra língua? Nessa discussão, eles conseguiram questionar suas concepções acerca da aprendizagem e reconhecer que o desenvolvimento da escrita tem muito mais riqueza do que as atividades descontextualizadas são capazes de estimular.

Em momentos posteriores da formação, construímos juntos com os professores diversas estratégias e propostas relevantes para o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil. Depois das problematizações realizadas, sentimos que ficou mais fácil conversarmos sobre a aprendizagem significativa. O incômodo e as inquietações causadas pelo exercício da cópia permitiu que os professores se abrissem à ideia de que é

importante fortalecer e propor atividades que deem sentido social à escrita que se produz nas instituições de Educação Infantil, diferentes de exercícios repetitivos e instruções ligadas ao conhecimento do alfabeto e das relações entre o que se fala e o que se escreve. (GOULART e DA MATA, 2016, p. 60).

Conclusão

Ao abordarmos o tema da linguagem escrita com professores de Educação Infantil tínhamos clareza da dificuldade de nossa tarefa. Como falamos, é um assunto que muito mobiliza os professores. Nesse encontro formativo, optamos por trazer experiências e problematizações que inquietassem o docente e permitissem que ele próprio questionasse suas concepções e práticas.

Tivemos um retorno bastante positivo dos participantes depois das discussões realizadas. Com isso, os resultados obtidos nos levam a concordar com Imbernón (2010) quando ele defende ser fundamental que a formação de professores permita uma visão crítica acerca dos processos de ensino e aprendizagem, fazendo com que o docente analise sua postura e confronte suas preferências e valores. Na formação, para esse autor, devem prevalecer o encontro e a reflexão entre os pares.

Foi isso que proporcionamos aos professores nesse encontro formativo. Permitindo que eles pudessem

questionar as estratégias utilizadas e descobrir as teorias implícitas que fundamentam a ação docente. Essa reflexão-na-ação, segundo Schon, torna o profissional um pesquisador que define os meios e os fins da sua ação de forma interativa. Esse profissional não separa o pensar do fazer. Ele elabora uma decisão que mais tarde converte em ação, levando em consideração o que as crianças dizem e fazem, e sendo capaz de refazer, a partir da leitura da própria prática, conceitos e posturas. É o que se tem chamado de profissional reflexivo. Essa reflexão, por sua vez, quando partilhada entre os pares, ganha novas possibilidades e ampliações. (MEC, 2016)

Com este relato, concluímos que se faz necessário compreender o professor como sujeito de seu processo formativo, entendendo que ele precisa se sentir implicado para refletir sobre suas práticas pedagógicas e transformá-las. Defendemos que, mais do que um espaço informativo, os encontros de formação continuada possam ser vistos como oportunidades de construção subjetiva. Assim, os docentes poderão verdadeiramente se formar, na reflexão e discussão com os seus pares e com os formadores mediadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

GOULART, Cecília; DA MATA, Adriana Santos. **Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e inter-relações**. In: MEC. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações. 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 120 p.

MEC. **Caderno de apresentação:** Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil. 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016. 56 p.

PIMENTA, S. G, et al. Os cursos de licenciatura em pedagogia: fragilidades na formação inicial do professor polivalente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 1, p.15-30, jan./mar. 2017. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017000100015&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 23 ago. 2017.

SILVA, Isabel de Oliveira e. **Docência na Educação Infantil:** contextos e práticas. In: MEC. Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender. 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p.

VIGOTSKI. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p.

**INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Ms. Ariany Lima Vieira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

arianylv@gmail.com

Jeriane da Silva Rabelo (Doutoranda)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

jerianeufc@gmail.com

Dra. Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

helena.marinho@uece.br

RESUMO

Este estudo obtiva discutir acerca da inclusão de crianças com deficiência na etapa da educação infantil. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e estudo descritivo do tipo relato de experiência de uma professora de educação infantil de uma escola particular do município de Fortaleza, Ceará. Ressalta-se que as falas destacadas na sequência deste trabalho se assemelham às de muitos outros profissionais que vivenciam no cotidiano escolar desafios que envolvem essa realidade, tornando-se um tema primordial nos dias atuais. Conclui-se que as práticas inclusivas estão além do conhecimento de um laudo médico ou do diagnóstico de aspectos de cada médico que cristalizam a deficiência somente às incapacidades na criança. Percebem-se aqui práticas educadoras capazes de fortalecer a inclusão de toque às práticas exitosas das crianças, relacionadas ao cultivo de valores essenciais para o bom desempenho da aprendizagem, através do convívio entre todas as crianças e do respeito mútuo a suas especificidades.

Palavras-chave: Crianças com deficiência. Educação infantil. Práticas pedagógicas.

A inclusão de crianças com deficiência no espaço escolar

O movimento mundial pela inclusão na educação infantil é uma ação política, cultural, social e pedagógica, em defesa de que todas as crianças brasileiras estejam juntas aprendendo e se desenvolvendo, sem nenhum tipo de discriminação em relação à

deficiência. A inclusão das crianças com deficiências nas escolas regulares tem sido amplamente discutida no contexto social e educacional, debates que também proporcionaram o surgimento de mecanismos para a regulamentação do processo de inclusão e igualdade de direitos desses estudantes. Como exemplo, destaca-se a elaboração de documentos que discutem a questão da deficiência, dentre eles a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e mais recentemente a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2006).

No âmbito nacional, além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o principal mecanismo mais recente é a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), pois define que a educação para crianças com deficiências deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, assegurando a esses indivíduos currículo, métodos, técnicas e recursos educativos específicos para atender às suas necessidades.

Passados anos de luta entre vitórias e derrotas, as famílias de crianças com deficiência batalham para assegurar seus direitos a uma escola inclusiva. No tocante à legislação brasileira e internacional, têm expressado um forte compromisso com uma sociedade e com um sistema educacional para atender a todos os alunos, embora na prática ainda persistam muitas situações em que esse direito não é proporcionado a contento.

A inclusão é um processo amplo que precisa de planejamento, políticas públicas e condições estruturais e de recursos humanos e financeiros para que as escolas possam trabalhar e assegurar uma educação de qualidade para todos os discentes envolvidos. Sobre o assunto, Mantoan (2004, p. 39) revela que:

[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas envolve todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos sabemos que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas possivelmente acabarão nele.

O acesso e a permanência de crianças com deficiências no ensino regular, na proposta de escola inclusiva, desafiam os professores a repensarem sua formação e suas práticas docentes, colocando-os frente ao desafio de proporcionar a todas as crianças uma aprendizagem de qualidade. No que concerne a essa discussão, Mittler (2003, p. 27) ressalta que:

O diretor das escolas, o governo e os coordenadores de educação especial são, cada um a seu modo, responsáveis por assegurar que todos os alunos tenham acesso ao currículo global e a todas as possibilidades de experiências oferecidas pelas escolas. Entretanto, como temos visto, a inclusão exige mais do que isso. Não é suficiente para os alunos serem apoiados para terem acesso uma investigação sobre o que está disponível para assegurar aquilo que é relevante e acessível a qualquer aluno da escola. Cedo ou tarde, essa gama de possibilidades e de oportunidades incluirá muitos ou todos os alunos que estão agora em escolas ou classes especiais.

Dessa forma, as práticas docentes mediadoras se constituem como parte principal do processo de ensino e de aprendizagem e abrangem a interação do professor, o desempenho do aluno e também os objetivos, a estrutura e o funcionamento da escola e do sistema de ensino. Consistem numa ação mais ampla para o sucesso da aprendizagem do aluno com deficiência intelectual.

Relato de experiência da professora da educação infantil

Escolhemos esse caso pelo fato de que os aspectos abordados na fala da entrevistada em 2017 são recorrentes, são discursos permeados por dúvidas e incertezas. Os escritos que se seguem constituem um relato de experiência de uma professora de educação infantil de uma escola particular do município de Fortaleza.

Início o ano letivo como professora de educação infantil em uma turma de Infantil V, apaixonada por meu trabalho; estava ansiosa por conhecer cada criança, cada história. E assim se foi o primeiro mês de uma experiência desafiadora e empolgante. Fevereiro se despede enquanto março se aproxima e junto com ele uma reunião rotineira de professores. (Trecho do relato de experiência da professora entrevistada, 2017).

Observamos nesse fragmento que a educadora remete à sua prática um reconhecimento como uma docente recém-formada, que pensava em diversas expectativas para seu trabalho com os professores e para a sua prática na sala de aula com os alunos. Em sua rotina escolar, novos aprendizados estavam a cada dia impulsionando sua práxis, dentre eles uma nova criança que surge em sua carreira docente, a qual havia sido anunciada em uma reunião de professores com a coordenação pedagógica da instituição:

‘Professora, se prepare! Próxima semana chegará uma criança na sua turma. Ela é a criança mais complicada que temos aqui! – disse a coordenadora. Não podia aceitar uma fala como aquela e respondi: ‘Como posso dizer que ela é tudo isso se eu não a conheço?’. Em seguida, a professora do ano anterior dessa criança reafirmou: ‘Você verá, mas, caso precise de ajuda, estou à disposição!’. ‘Não sabemos o que ele tem, não possui laudo, mas ele tem alguma deficiência, algum transtorno. Você verá! Conseguimos convencer ano passado a família a fazer um procedimento cirúrgico em suas amígdalas devido às crises que tinha para respirar, mas agora ele está voltando. Ele bate, ele cospe, enfim, todo cuidado é pouco!’ – disse a coordenadora. (Trecho do relato de experiência da professora entrevistada, 2017).

A docente esperava ansiosa por conhecer essa criança. O que será que ela tinha que a tornava tão temida? Numa segunda-feira à tarde, ela chegou acompanhada da avó e da mãe, com uma agenda repleta de recomendações: ‘Não pode comer comida seca; não pode gritar; não pode isso, não pode aquilo! Não pode!’. Sobre esse momento inicial, a educadora relatou-nos que:

A criança correu para a roda de conversa e percebi que seus colegas de classe se esquivavam, enquanto ela gritava no ouvido deles ‘Bé!’ e sorria fazendo isso repetidas vezes. As crianças correram até mim pedindo para que ela parasse e que eu fizesse alguma coisa. Pedi para que todos fossem para a roda de conversa; nesse momento, a criança bateu na primeira criança do dia, enquanto corri juntamente com a professora assistente de sala para atender à criança que havia sofrido um arranhão no rosto. (Trecho do relato de experiência da professora entrevistada, 2017).

Cenas como essa costumavam acontecer rotineiramente, o que fazia com que a lista de reclamações dos pais das demais crianças só crescesse. A professora questionava-se, então, como ajudar essa criança.

Recorri à coordenadora, que repetia: ‘Ele precisa de um laudo, enquanto isso não podemos fazer muito’. Comecei então a observar o que ele conseguia fazer, quais seus pontos fortes na aprendizagem. Vimos que ele costumava atender aos meus pedidos e aos da professora assistente de sala para nos ajudar, assim como gostava de auxiliar às demais crianças. Assim, começamos a investir em suas habilidades. (Trecho do relato de experiência da professora entrevistada, 2017).

A criança, conforme descreveu a professora entrevistada, possuía dificuldade em sua oralidade e em seu raciocínio lógico, déficit de atenção, comprometimento da coordenação motora com espasmos, o que muitas vezes justificava seus empurrões em outras crianças mesmo sem intenção, assim como sua evidente falta de socialização com os colegas. Diante disso, várias atividades foram inseridas na rotina para que esse vínculo entre criança-criança e criança-professora fosse construído, como: acolhidas variadas em que se incluía algo relacionado à afetividade; músicas de socialização em grupo; combinados do dia, bem como conversas com a avó e a mãe para que a criança fosse acompanhada por algum especialista, apesar da resistência que esses entes familiares apresentavam para reconhecer a necessidade de um acompanhamento clínico.

Porém, as tentativas de ajudar essa criança se limitavam à próxima agressão desferida por ela a outro colega de sala, desferindo-lhe um chute, tapa, cuspada, atitude que era seguida pela busca de abrigo debaixo da mesa, fato esse que sempre se repetia. As dificuldades eram acrescidas à falta de profissionais que dessem uma assistência psicológica ou psicopedagógica à escola e à família.

Certo dia, levei a criança para alguns momentos na sala dos professores enquanto digitava o plano de aula. Ela desenhava em uma folha alguns círculos (garatujas desordenadas), quando começou a conversar informalmente com uma das professoras que lá estavam, quem a conhecia. A criança, sem nenhum motivo aparente, parou e disse: ‘Papai chegar! Correr, bater!’, depois correu para debaixo da mesa. Comecei a perguntar: ‘Onde papai bate?’. Ele respondeu: ‘Bate mamãe, assim... [simulando chutes e murros]’. (Trecho do relato de experiência da professora entrevistada, 2017).

A docente acreditava que o motivo das agressões havia sido revelado (violência doméstica). Diante disso, reuniões com os pais foram marcadas, mas não

houve comparecimento até que a criança envolveu-se em mais uma situação de conflito, dessa vez com uma criança de outra turma de idade menor no momento de brincadeira no parque da instituição. Os pais decidiram retirá-la da escola, e nós todavia permanecemos com o sentimento de impotência, o que nos levou a nos lembrarmos da música que tanto marcou nossa turma de Seára e Zago (2017): “O meu amigo eu vou respeitar; a minha amiga eu vou respeitar. Não pode bater. Não pode morder. Não pode beliscar. Tem que fazer carinho. Tem que dar um abraço. E tem que ajudar”.

O relato da professora finalizou-se com a reflexão que repetia sobre a importância de a criança ser acompanhada por atendimento especializado: “*Ela precisava ser vista pela escola*”. Segundo a docente, o processo de inclusão genuíno parecia estar além das suas capacidades de ajudar, revelando que sozinha não conseguiria.

Considerações finais

Em consonância com os autores pesquisados, os documentos consultados e as falas da entrevistada, destacamos que a conquista de uma nova cultura escolar perpassa por uma reflexão crítica que repercute em toda a visão daqueles que compõem a escola. Incluir é mais do que integrar! É necessário que uma rede de apoio se forme e se disponibilize para dar suporte àqueles que acreditam nas habilidades e potencialidades das crianças, independentemente de qual deficiência tenham, afinal todos nós também temos nossas deficiências.

Para tanto, é necessário que políticas públicas sejam repensadas a fim de disponibilizar o acesso a todas as crianças de forma eficaz, e não apenas disponibilizar um espaço em comum. A parceria entre escola e família em toda a educação é de suma importância, assim como uma gestão que compreenda e dê suporte às práticas pedagógicas inclusivas. O atendimento educacional especializado presente nas escolas públicas nem sempre é uma realidade nas escolas particulares; quando pensamos em educação, é necessário avaliar o suporte a todas as instituições, quando esperamos uma escola democrática que valorize as diversidades individuais e culturais.

Dessa forma, uma educação inclusiva está além de um laudo médico ou do conhecimento de todas as especificidades de cada deficiência, está na possibilidade de proporcionar práticas mediadoras adequadas, não restritas à turma e à professora que possuem uma criança com deficiência, de modo a cultivar valores essenciais para o bom desempenho da aprendizagem, do bom convívio, do respeito a todas as crianças e suas especificidades. Concretizada dessa forma, a educação permite garantir, oferecer e facilitar oportunidades de escolarização para os aprendizes que não acompanham, por diversas razões, o ensino regular. Desse modo, compreensões insuficientes ou equivocadas sobre o processo de ensino e aprendizagem ou até mesmo a descrença em sua capacidade de aprender serão visões excluídas do âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *A convenção sobre direitos das pessoas com deficiência comentada*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. *Revista CEJ*, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004.

MITTLER, P. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Salamanca: Unesco, 1994.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Francisca Naiara Ferreira Freitas (UECE),
naiarafreitasferreira22@gmail.com
Francisca Mayane Benvindo dos Santos (UECE),
mayanebenvindo@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um relato de uma experiência de estágio realizado em um projeto social no bairro Jardim Iracema na periferia da cidade de Fortaleza no Ceará. A experiência profissional junto a um aluno com necessidades educacionais especiais despertou o interesse em realizar o presente trabalho. Deste modo, o objetivo desse relato visa apresentar a experiência realizada em um projeto social e discutir acerca da formação de professores na busca por uma Educação Inclusiva. O relato de experiência se deu a partir de observações e convivência com as crianças. Deste modo, o presente estudo mostra os desafios e medos de docentes que entram em uma sala de aula pela primeira vez. Os resultados alcançados com essa pesquisa mostram o quanto ainda precisa ser feito para a melhoria da formação de professores e a efetivação da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais. O espaço de atuação precisa possibilitar o desenvolvimento de potencialidades e habilidades dos alunos e através do relato de experiência podemos contribuir para maiores discussões acerca da temática.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Formação de professores. Inclusão Social.

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática desse relato de experiência surgiu através das inquietações obtidas no período da realização de um estágio do curso de Pedagogia em um projeto social, atuando em uma turma de crianças com um aluno com necessidades especiais. Desta maneira, a prática trouxe preocupações e questionamentos acerca da capacidade em lidar pela primeira vez com o desafio de atuar em uma sala de aula e ter um aluno especial, houve medo em relação a possíveis dificuldades em aplicar atividades e convívio, pois, o que se pretendia era a integração social e educativa do aluno.

Na formação inicial no curso de Pedagogia foi estudado acerca da Educação Especial e Inclusiva, todavia, a disciplina específica não contempla todos os desafios que são encontrados no cotidiano. Deste modo, é preciso ampliar a discussão e refletir acerca da Educação Inclusiva na formação inicial de professores pois “[...] significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais, visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais em função de um valor universal que é o desenvolvimento humano.” (Figueiredo, p. 68).

Nesta perspectiva, buscou-se elementos que pudessem responder e entender os questionamentos surgidos. Sabe-se, no entanto, que não existe uma receita pronta para os desafios e prática cotidiana junto a crianças com necessidades educacionais especiais, pois cada criança possui suas características próprias assim como todos os seres humanos. Deste modo, devemos inserir todos com respeito as suas diferenças. Nesta perspectiva, o relato tem como objetivo discutir sobre a formação de professores para uma Educação Inclusiva, apresentando os desafios e possibilidades que o educador encontra no decorrer de sua prática docente.

O elemento que norteou a pesquisa sobre esse tema da Educação Especial/Inclusiva foi a experiência que serve de apoio aos educadores que encontram na maioria das vezes dificuldades para lidar com esse público. A prática nos apresenta a rotina e muitas vezes, os descasos com a categoria de professores e a formação. Desta maneira, torna-se relevante realizar debates sobre a temática para que outros educadores se identifiquem com as experiências e reflitam acerca da Educação Inclusiva na formação de professores.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa que de acordo com Minayo (1994) responde a questões particulares e subjetivas ao lidar com situações do cotidiano e responder questões que não podem ser quantificadas. Destarte, este relato de experiência surgiu a partir das observações participantes durante atuação em um estágio

remunerado em um projeto social situado no bairro Jardim Iracema, periferia de Fortaleza. Decidiu-se não identificar o nome da instituição do projeto social afim de preservar o seu anonimato. O projeto social atende crianças de 6 anos de idade aos 11 anos, no qual minha experiência profissional aconteceu em uma turma com 23 crianças em sala de aula sendo uma com necessidades especiais sem diagnóstico definido, a criança tinha 9 anos de idade, sexo masculino. O aluno recebia atendimento médico e estava sendo acompanhado por profissionais que buscavam um diagnóstico para o caso do aluno.

As atividades desenvolvidas no projeto social eram realizadas no contra turno do horário escolar dos alunos e o espaço da sala de aula era pequeno e sem muita ventilação. O local possuía armários com materiais educativos, brinquedos, jogos, televisão e dvd. O planejamento das atividades partia de datas comemorativas, no qual discutíamos a respeito das questões referente a cada evento e suas temáticas, como por exemplo o dia das crianças, meio ambiente, família dentre outros. Na rotina das crianças era proporcionado momentos de afetividade, na acolhida era feito um relaxamento de 15 minutos, posteriormente eram realizados mediação, leitura e desenho livre. Eram realizados planejamentos prévios, mas nenhum acompanhamento da coordenação e direção da instituição no desenvolver das atividades.

DESENVOLVIMENTO

Ao lançarmos o olhar sobre a Educação Especial e Inclusiva no Brasil percebemos que ainda são muitos os desafios e percalços a serem enfrentados, pois, encontra-se na sociedade preconceitos em relação ao público alvo da Educação Especial e Inclusiva que lutam para que a garantia de seus direitos seja efetivada. Como Jannuzzi (2012) assevera, a Educação Inclusiva no Brasil foi uma conquista que mesmo com o desenvolvimento e avanços tecnológicos do século XXI, ainda aumentam as cobranças e busca por adequação dos sujeitos aos padrões da sociedade. Como comunga Carvalho e Martins “[...] a natureza da sociedade capitalista não comporta, a rigor, um modelo de

inclusão social, posto fundamentar-se no trabalho assalariado, ou seja, sob a exploração do trabalho humano.” (p. 19) Desta maneira, torna-se necessário projetos e formação de professores que venham a atender os educandos com necessidades educacionais especiais. Nesta perspectiva, buscou-se relatar a experiência em um projeto social com a inserção de um aluno com necessidades especiais, apresentando a rotina e os desafios que educadores encontram no seu dia-a-dia para garantir o seu desenvolvimento sem excluí-la.

Um dos principais desafios da escola segundo (FERNANDES, 2009) é o de identificar e desenvolver as capacidades dos alunos com necessidades educacionais especiais, pois, muitas instituições de ensino mantêm a forma tradicional de avaliação, que se limita a métodos avaliativos excludentes. É notório o sentimento de desamparo de muitos professores e por isso é preciso propostas de formação que acolham e colaborem com a atuação docente na e para a Educação Especial e Inclusiva.

Por tanto, o presente trabalho relata a experiência ocorrida durante um estágio remunerado em um projeto social no bairro Jardim Iracema na cidade de Fortaleza-Ceará. Essa instituição atende crianças em situação de vulnerabilidade social da comunidade oferecendo a elas aulas de música, dança, teatro, dentre outras atividades educativas. Minha função no projeto social era o acompanhamento no apoio pedagógico das atividades realizadas três vezes na semana. O lócus era pequeno e comportava móveis que dificultavam a locomoção das 23 crianças, desta forma, era muito difícil desenvolver atividades nesse espaço.

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano o espaço além de ser um elemento potencialmente mensurável é o lugar de reconhecimento de si e dos outros por que é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece relações sociais. (LIMA, 1995, p.187).

Como o exposto acima, o espaço é vital para o desenvolvimento e interação com outras pessoas, assim, mesmo com o espaço reduzido a interação entre as crianças da turma acontecia de maneira interativa. Assim, além de saber da falta de espaço na

sala de aula uma das preocupações ao chegar na instituição foi saber que tinha uma criança com necessidades especiais na minha turma. Fui informada pela mãe da criança que está estava sendo acompanhada por médicos especializados e que ainda não possuía o diagnóstico especificado. Desta forma, foi aumentando as minhas preocupações e vários questionamentos foram surgindo, pensei várias vezes se realmente estava preparada e se iria continuar. A preocupação surgida não foi pelo fato de a criança ser especial e sim como que eu iria contribuir com o seu aprendizado e desenvolvimento. Fernandes (2009), salienta que os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais necessitam de instrumentos pedagógicos adequados às suas particularidades, a equipe escolar precisa se adequar ao aluno e não excluir aqueles que não se enquadram ao modelo proposto pela instituição.

Assim sendo, as atividades desenvolvidas na turma eram realizadas de segunda a quarta-feira, pela manhã de 8:00 às 11:00 e a tarde de 13:00 às 16:00. O planejamento era elaborado junto as colegas professoras, nos reuníamos toda sexta-feira. Faziam parte da rotina o relaxamento com tapete no chão e música sendo um dos momentos que mais gostavam, depois fazíamos roda de conversa e a mediação de leitura. Todos gostavam de participar e também de inventar histórias, era realizado também desenho livre, pinturas e jogos educativos. Também eram utilizados filmes de cunho educativo que possuíssem reflexão sobre temas variados. As crianças do projeto são de uma comunidade violenta e por isso, os momentos no projeto necessitavam ser mais tranquilos e que os ensinassem valores e ética, assim, os alunos eram levados a biblioteca para a mediação de leitura, depois escolhiam livros para levarem para casa. Havia preocupação em estimular o gosto pela leitura nas crianças. Dessa forma, o aluno com necessidades educacionais especiais participava de todos os momentos junto as outras crianças e um de seus preferidos era o da leitura, sendo o seu livro favorito o “diário de um babana”.

Assim, era buscado inseri-lo na rotina da escola, sendo realizado quando necessário adaptações. Sabemos que muitos professores erroneamente exigem pouco dos alunos com necessidades educacionais especiais por não acreditarem nas suas

potencialidades. (Fernandes, 2009). Todavia, mesmo não sabendo ler, a criança levava o livro para casa no qual sua família lia para ele. Era realizado avaliação diagnóstica como procedimento pedagógico que permite os professores conhecerem individualmente os educandos e para isso, é preciso, analisar não somente os alunos, mas as suas relações estabelecidas com a família, escola e sociedade. Dessa maneira era conversado com a mãe da criança com (n.e.e) sobre seus gostos e brincadeiras para que pudesse incluir no plano de aula e estimular o desenvolvimento do aluno. Quando ele não queria participar das atividades respeitava o seu tempo, não sei se era o certo a fazer naquele momento.

Em conseqüente, aconteciam também oficinas para os alunos confeccionassem brinquedos; pipas, bonecos de massinha, origami com papel ofício dentre outros. Fazíamos bingo de palavras em que eram utilizadas palavras que fizessem as crianças discutirem sobre determinado tema como exemplo; O que eles entendiam por amor, família e respeito. Terminado cada aula me percebia imaginando como a criança com necessidades educacionais especiais tinha saído do projeto? Será que consegui contribuir com seu aprendizado? Tinha uma preocupação tamanha e muitas vezes me sentia sozinha e sem o apoio necessário da instituição.

A gestão do projeto social mesmo sabendo que eu não tinha experiência, não perguntava sobre o andamento das atividades e da minha atuação e desta forma, me sentia abandonada naquele lugar, no qual nem eu tinha apoio e nem as crianças. Me sentia despreparada, sem experiência e sem apoio, sem ter nenhum suporte que me garantisse desenvolver as atividades. Passei 8 meses na instituição e aprendi muito, mas também fiquei frustrada em muitas situações diante dos desafios e o quanto ainda precisava ser feito para acolher as pessoas que tenham alguma necessidade especial ou deficiência sejam elas físicas ou mentais.

Na minha formação acadêmica conclui a disciplina de Educação Inclusiva mas se tratando da Educação Especial pouco foi abordado, não tive um estágio proposto pelo professor que possibilitasse a ver a Educação Inclusiva na prática, quase não tive aulas, leituras vagas e que pouco contribuíram para que eu pudesse me sentir mais preparada a atender todas as pessoas sejam elas, deficientes ou não. Esse processo de aprendizagem

também depende do meu esforço cabendo a mim procurar novos ensinamentos e formação já que na universidade não lidei com essas temáticas de forma mais concreta, sendo somente através das leituras e de um estágio remunerado que aprendi de um modo que me deixou muitas vezes desapontada. Desta forma, é preciso uma maior ampliação na formação de professores para Educação Especial e Inclusiva como um processo contínuo.

[...] em nome de princípios democráticos que pregam educação para todos, o que se observa hoje na rede de ensino são inúmeros profissionais transtornados pela falta de preparo ante uma tarefa que lhes parece hercúlea, e também mergulhados em dúvidas, ansiedades e incertezas sobre como viabilizar a concretização de tal proposta (Bastos, 2005, p. 135).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência teve como objetivo principal, mostrar o trabalho docente em sala de aula, se tratando da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais e como a formação acadêmica e posteriormente profissional de professores irá contribuir para a inclusão dessas crianças. Foram mostrados os desafios e possibilidades encontradas no decorrer da prática pedagógica, a falta de apoio das instituições e órgãos responsáveis pela educação.

Ao vivenciar essa prática percebeu-se a relevância que o professor tem no cotidiano através de suas observações e práticas, podendo assim contribuir com desenvolvimento das crianças com necessidades educacionais especiais. É importante destacar que a forma de compartilhar experiências através de relato docente é de uma importância tamanha para os futuros e atuais professores visto que estes possuem diante de si desafios a cada dia, no qual escolas e universidades precisam ser espaços importantes para nossa formação, reflexão e produção de conhecimentos.

Em nossa formação acadêmica aprendemos teorias e práticas pedagógicas que irão nos auxiliar em nosso cotidiano escolar. São teorias formuladas por autores que nos dão embasamento teórico mais aprofundado sobre os diversos caminhos a serem

percorridos, no entanto necessitamos também de maior aproximação com a prática cotidiana para a efetivação da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, T.L.G; VIANA, T.V. **Alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs):** avaliar para o desenvolvimento pleno de suas capacidades. Est.Aval.Educ, São Paulo, V.20, n. 43, Maio/Ago.2009.
- JANNUZZI. G. S. de M. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. -3. Ed. Rev. –Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção educação contemporânea).
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- PRESTES. Z, TUNES. E, NASCIMENTO. R. **Lev Semionovitch Vigotski:** um estudo da vida e obra do criador da psicologia histórico-cultural. In: LONGAREZI, A. M, PUENTES R. V.
- SILVA, N.C; CARVALHO, B.G.E: **Compreendendo o processo de inclusão escolar no brasil na perspectiva dos professores:** uma revisão integrativa. Ver. Bras. Ed. Marília V.23, n2, abr-jun, 2017.
- SAMPAIO, C. T. **Educação Inclusiva:** o professor mediando para a vida: edufra, 2009, 162, 2009, 162 p.
- RIBEIRO, et al. **Qualidade de vida no ambiente escolar como componente da formação do cidadão, desejos e carências no espaço físico.** Rev. Remoa/UFSM, ago 2012.

PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO DA ADAPTAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN EM SALA DE AULA

Denilson Fernandes de Aguiar
denilson_aguiar123@hotmail.com
Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UVA

Francisca Batista de Carvalho Albuquerque
franciscaalbuquerque.carvalho@gmail.com
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UVA

Antonia Nilene Portela de Sousa
nileneportela@yahoo.com.br
Docente do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UEVA

Resumo

Esta pesquisa descreve de forma analítica relato de experiência realizada durante o estágio no curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), em uma escola pública de Aprazível, distrito de Sobral, na sala de aula da turma de 5º ano e também de Atendimento Educacional Especializado, com uma criança que apresentava diagnóstico de Síndrome de Dawn - SD. Descrever as principais dificuldades e as formas que temos encontrado para superá-las, considerando que no curso não possuímos disciplinas específicas sobre o tema da inclusão de crianças com deficiência em escola regular. O trabalho abordado foi e é de grande importância para compreender a visão dos estagiários que estão atuando em sala de aula com crianças com SD, das suas dificuldades ao se deparar com o campo de atuação ao qual estão inseridos, tendo como afirmação que, além da teoria a prática é também de grande importância. Para os professores, pode-se observar que é bastante difícil lidar com estas crianças, devido não ter suporte para uma acolhida mais adequada às suas necessidades. Mesmo assim, os professores estão sempre buscando conhecimentos para melhor entender e dar acompanhamento necessário para o ensino de crianças com deficiência, especialmente com SD.

Palavras-chaves: Síndrome de Down. Estágio. Inclusão.

Introdução

Sabe-se que o estágio acadêmico é de fato muito importante para a formação dos universitários em todas as áreas do conhecimento. A nossa atuação aconteceu durante os meses de fevereiro a junho do corrente ano, tendo início no estágio

supervisionado em gestão escolar do quinto período, do curso de pedagogia da UEVA, onde posteriormente demos continuidade através do estágio profissional, permanecendo até o momento atual. Nesta experiência, tivemos a oportunidade de nos integrar no ambiente de Atendimento Educacional Especializado (AEE), na sala do quinto ano do ensino fundamental, em uma escola pública, no município de Sobral, mais precisamente no distrito de Aprazível, com um menino de dez anos diagnosticado com Síndrome de Down (SD). Portanto, o objetivo deste relato de experiência é descrever e analisar a atuação dos dois estagiários, frente às dificuldades encontradas e as formas de superação diante da adaptação, na relação professor e aluno com necessidades especiais.

Adaptação de alunos com SD na escola e na sala de aula

Para que se possa promover uma melhor adaptação de alunos com SD no ensino regular se faz necessário um entrosamento amistoso e dialógico entre pares envolvidos no processo de inclusão escolar. Por isso defende-se que é, acima de tudo, através de um diálogo com a família e convivência em sala de aula que podemos entender o perfil do aluno, da sua interação com os colegas, desenvolvimento escolar, social e da sua organização familiar. A criança apresenta o diagnóstico médico da Síndrome de Down (SD), ou seja, uma deficiência que atinge o sistema mental, tendo como características o atraso global no desenvolvimento, tendo uma variação significativa, dependendo do grau da síndrome, um dos mais comprometimentos seria em relação à linguagem comunicativa.

Os profissionais do AEE buscam maneiras que favoreçam o aprendizado da criança, agindo com equidade e profissionalismo, ou seja, para o melhoramento do desenvolvimento cognitivo. Além das características visíveis, tais como, a estatura, face com pescoço curto e outras, tem-se a dimensão cognitiva, que para perceber precisa, de um contato, vivências cotidianas e diagnósticas precisos. De acordo com Pimentel (2007, p.22): “A Síndrome de Down está relacionada a uma cromossomopatia, ou seja, a uma anormalidade na constituição do cromossomo n.21, que ocorre no momento ou após a concepção.”.

A criança na qual a pesquisa aborda tem todas estas características, por isso, levar em consideração que a adaptação de uma criança com SD, precisa de um acompanhamento readaptado, utilização de metodologias inclusivas adequadas para a aprendizagem da criança na escola e na sala de aula é uma prioridade, pois:

Compreende - se que uma investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem de conceitos por alunos com Síndrome de Down pode fornecer subsídios para o planejamento de novas ações docentes, visando contribuir para o avanço no processo de formação conceitual desses alunos, bem como para o processo de inclusão educacional. (PIMENTEL, 2007, p.21)

Portanto, quando se tem em sala uma criança com outra deficiência, ainda torna-se mais preocupante, pois, na maioria das vezes não se sabe como lidar com a situação, mesmo com todos os amparos de leis que legalizam a inclusão, a realidade escolar se torna distanciada do legal, na prática da sala de aula.

Dificuldades enfrentadas

As maiores dificuldades enfrentadas pelos estagiários foi na adaptação das teorias estudadas no curso de pedagogia para a prática exercida, onde a escola nos impõe a resultados imediatos referentes as crianças com dificuldades, sem planejamento, com uma formação mínima, sendo assim, não tendo apoio necessário para tal procedimento no atingir objetivos dessa natureza. Mediante a este contexto, iniciamos nosso trabalho priorizando metodologias ativas e criativas numa preocupação de melhoria para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, onde o aluno vai ter oportunidade, junto com seus pares, de construir sua própria autonomia, e assim tendo um melhoramento também na sua aprendizagem dentro das suas limitações, é claro.

Formas de superação das dificuldades

A inserção no espaço escolar se deu pelo estágio supervisionado em gestão escolar do curso de Pedagogia. Durante os meses de atuação, entre fevereiro e junho teve-se no processo de adaptação o entrosamento entre escola e estagiários; e estagiários e aluno. Após efetivado este entrosamento, o primeiro momento com a criança foi o processo avaliativo, onde aconteceu a sondagem de conhecimento pra que se pudesse

compreender o grau de dificuldade da criança a ser acompanhada. No segundo momento, vivenciamos o processo de atividades adaptadas com base no primeiro momento, pois a mesma não possuía todas as competências que as demais crianças tinham.

Daí a situação mais desafiadora até o momento foi desenvolver atividades que, ao mesmo tempo em que chegasse ao entendimento lógico da criança com SD, não afastasse a mesma do convívio com os outros sujeitos em sala de aula. Tendo como base não excluir a criança dos demais sujeitos da sala de aula, e do ambiente escolar em geral. Tudo isto por entender que, o processo de inclusão não se define por integrar a criança a um grupo, ou fazê-la participar, mas além disso aceitação, pois: “O processo de inclusão ocorre quando uma pessoa considera na diferente participa ou integra um grupo, o qual sofre adaptações no intuito de aceitar as diversidades de cada indivíduo que compõe o mesmo” (OLIVEIRA, 2010, p. 31).

Nessa dinâmica de trabalho com inclusão a cada aula acontece uma tentativa, vez por outra e mais aproximada dos coordenadores pedagógicos, juntamente com o apoio do AEE, que tem a importante finalidade de dar suporte e apoio necessário para o contínuo crescimento da criança, possibilitando assim a inclusão de modo integral, pois o apoio do AEE não se encontra restrito apenas ao ambiente de suporte em recursos e atendimento de integração e inclusão de sala de aula, mas também o apoio individual no contra turno juntamente com a perspectiva principiante de desenvolvimento da criança com necessidades especiais. Diante das afirmações apresentadas, o trabalho dos estagiários se encontra mais sólido, sendo assim as dificuldades do dia a dia se tornam mais leve, pois tem a possibilidade do desenvolvimento e superação de barreiras que cercam o dia a dia de uma criança. Nesse sentido, o multiprofissional é que vivencia a educação inclusiva no dia a dia.

Considerações finais

O trabalho abordado foi de grande importância para compreender a visão dos estagiários que estão presentes em sala de aula com crianças com SD, das suas

dificuldades ao se deparar com o campo de atuação ao qual estão inseridos, tendo como afirmação de que além da teoria, a prática é também de suma importância para o aprendizado do futuro pedagogo. Sendo para os professores, bastante difícil lidar com estas crianças, devido não ter suporte para acolher alunos e alunas com SD. Mesmo assim, se percebe que os professores estão sempre em busca de conhecimentos, para entender e dar o acompanhamento necessário para o ensino de crianças com deficiência, especialmente com SD.

Referências

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em psicologia**, v. 6, n. 2, 2002.

OLIVEIRA, Análise Fagundes; RODRIGUES, Graciela Massoli. Intervenção profissional na inclusão de crianças com deficiências no ensino regular: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, v. 5, n. 3, 2010.

PIMENTEL, Susana Couto. (Con) viver (Com) a síndrome de down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos. 2007.

GÊNERO E BRINCAR: UM ENCONTRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bruno de Oliveira Sales Mota ⁵⁹

Geandra Cláudia Silva Santos ⁶⁰

RESUMO

Em um contexto social onde há fortes manifestações de patriarcado, machismo, misoginia, heteronormatividade, discriminação e violência, trabalhar as questões de gênero na instituição escolar é uma tarefa necessária para uma civilização acolhedora das diferenças humanas. Neste sentido, este trabalho apresenta um relato de experiência de uma orientação de monografia que, amparada em uma abordagem qualitativa, constituiu-se uma pesquisa de campo efetuada em um Centro de Educação Infantil público, na cidade de Tauá-CE. O objetivo da monografia era analisar as expressões de gênero manifestas no brincar dentro do âmbito da Educação Infantil. Como resultados obtidos, notou-se que durante o brincar na Educação Infantil havia por parte das crianças a reprodução de padrões de gênero que elas já haviam absorvido em diversos contextos educacionais. Diante deste contexto, considera-se importante a abordagem da temática na formação dos professores e na escola com os estudantes.

Palavras-chave: Gênero, Brincar, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Ao deixar para trás a segurança do útero materno, o recém-nascido entra em contato com o desconhecido. A criança é, nas palavras Jean Piaget (1984), um sujeito ativo. Nessa dinâmica viva, a criança entra em contato com vários elementos de um arcabouço cultural que já existe antes de seu nascimento. O brincar é um destes elementos culturais, fazendo parte das primeiras formas que a criança encontra de se relacionar no ambiente em que está imersa.

O brincar se funde à imagem de uma criança que é construída culturalmente e adquire status social. É também uma atividade mental que possibilita a compreensão e sensação de comportamento tipicamente humanos. É social. É cultural. É uma maneira

⁵⁹ UECE - bruno_salles12@hotmail.com

⁶⁰ UECE - geandracss@yahoo.com.br

pela qual a criança assimila o mundo que a cerca e sua vasta gama de estímulos. No brincar há uma constituição da infância e a superação desta (WAJSKOP, 1995).

Vygotsky (1988) afirmaria que as maiores aquisições de uma criança são alcançadas na situação da brincadeira. A criança aprende com o brincar; e dentre tantas possibilidades de aprendizado, ela vai recebendo instruções acerca de diversos conceitos como o de gênero - ainda que muitas vezes, esta transmissão se dê implicitamente.

O conceito de gênero liga-se às produções culturais e sociais, construídas historicamente. Esses padrões são aprendidos e ensinados (BORTOLINI, et. al., 2014). Simone de Beauvoir já impactava os meios intelectuais de tempos atrás com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (LOURO, 2008).

Desde a tenra idade a criança já vai sendo educada por meio da educação a se portar como homem ou como mulher a partir do seu sexo biológico. Judith Butler (2003) discutindo sobre gênero, enfatiza que nós não nascemos mulheres e homens simplesmente do ponto de vista biológico, mas sim nos tornamos homens e mulheres na medida em que vivemos, andamos, falamos, usamos determinadas roupas, vamos construindo o nosso eu, nosso corpo e a maneira de se perceber na sociedade. Ou seja, aprende-se a ser homem ou mulher na medida que é ensinado. Essa transmissão pode se dar em diversos meios com diferentes sujeitos. Aqui se prioriza o ambiente da Educação Infantil, e os profissionais que atuam em seu âmbito.

A Educação Infantil é definida pela Constituição Federal Brasileira de 1988 como um direito da criança, que garante em seu art. 208, item IV, “o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, corrobora este direito, definindo a Educação Infantil, como a primeira etapa da Educação Básica. Por receber as crianças na fase da primeira infância, esta etapa do ensino detém uma responsabilidade relevante no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, atuando sobre o tripé cuidar, educar e brincar.

Este trabalho, então, constitui-se um relato de experiência de orientação de uma monografia que elegeu como seu objeto de estudo o gênero e suas expressões, construções, relações desde cedo manifestadas por meio das brincadeiras, aqui

priorizadas aquelas que se dão em instituições de Educação Infantil. A pesquisa foi norteada pela seguinte interpelação: o brincar contribui para a manifestação de expressões de gênero no âmbito da Educação Infantil? O objetivo, portanto, deste trabalho é analisar as expressões de gênero manifestas no brincar dentro do âmbito da Educação Infantil.

Em um mundo em que o patriarcado, o machismo, a misoginia, a heteronormatividade, o preconceito, a discriminação e a violência ainda existem, trabalhar as questões de gênero desde a tenra infância é uma tarefa necessária para uma civilização acolhedora das diferenças humanas.

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO POR MEIO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O interesse pela orientação desta monografia surgiu com o intuito de adensar as discussões da temática no Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC) – campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE) na cidade de Tauá. Surgiu, então, um grupo de estudos, sob a orientação do autor, que promovia discussões acerca da temática Sexualidade, Gênero e Educação e que resultou na produção de três monografias aprovadas pelas bancas examinadoras do Centro.

A escolha desta monografia – dentre as três desenvolvidas pelo grupo de estudo – para o relato de experiência se deve ao fato do seu caráter de resposta à falácia da “Ideologia de Gênero” que em meados do ano de 2017, estava sendo amplamente discutida Brasil por intermédio dos meios de comunicação. Ao contrário do que propaga a “Ideologia de Gênero”, este trabalho não contribui com uma “doutrinação” que supostamente afirma que “menino não é menino” e “menina não é menina”. Esta ideia altamente distorcida – que vem sendo difundida como estratégia de campanha política a fim de arrecadar votos – não surge dos meios que estudam cientificamente o gênero, mas parece estar centralizado num site chamado Observatório Interamericano de Biopolítica, desenvolvido por uma parte conservadora da Igreja Católica e pelo movimento provida e pró-família (FURLANI, 2016).

O que se almeja é uma abertura de possibilidades para que os indivíduos explorem e experienciem todas as possibilidades de papéis, instrumentos, roupas, comportamentos, empregos e lugares que muitas vezes estão divididos em opostos dicotômicos e maniqueístas, reduzindo as possibilidades humanas de ser e estar em dois polos: masculino e feminino.

Neste sentido, a monografia abordava o tema de forma qualitativa. O tipo da pesquisa se caracterizava como pesquisa de campo, sendo os instrumentos utilizados observações e questionários. A técnica de análise dados utilizadas foi a Análise de Discurso. Este trabalho monográfico foi intitulado “As construções e relações de Gênero no Brincar: análises sobre a Educação Infantil”, de autoria da estudante de Licenciatura em Pedagogia, Rute de Almeida Félix.

A pesquisa foi realizada em uma sala de 4º ano do Centro de Educação Infantil (CEI), instituição pública, fundada em 2011 no município de Tauá-CE. A instituição funciona em tempo integral, atendendo a crianças de 01 a 06 anos de idade. Constituíram-se como sujeitos da pesquisa a diretora e coordenadora da escola, e dois professores da sala de aula. Todos os sujeitos envolvidos no trabalho assinaram um Termo de Livre Consentimento, se comprometendo a contribuir voluntariamente com a pesquisa.

Pode-se perceber, no que diz respeito às categorias utilizadas nesta pesquisa, que todos os sujeitos da pesquisa demonstraram um conhecimento significativo sobre os conceitos abordados: Educação Infantil, Brincar e Gênero. As conceituações apresentadas revelam muito da visão de mundo que os sujeitos têm, implicando diretamente na prática pedagógica desenvolvida na instituição. Por trabalharem com crianças em seus primeiros anos de vida, os profissionais da Educação Infantil irão se constituir uma importante fonte de influência na construção da personalidade infantil de seus estudantes.

Este é um aspecto importante percebido nestas falas: a não cristalização ou naturalização de conceitos eminentemente culturais que podem ser definidos e redefinidos a partir das necessidades da sociedade. Trabalhar nesta perspectiva favorece

o diálogo e o combate a posturas e pensamentos excludentes que se apoiam em ideias já definidas e imutáveis.

Sobre as possíveis transmissões de papéis e concepções de gênero que o brincar possibilita, como por exemplo, “brincadeiras de meninas” e “brincadeiras de meninos”, os sujeitos em sua totalidade responderam claramente que durante o brincar as questões de gênero surgiam, mas que partiam das próprias crianças, já que eles não direcionavam as crianças dentro de uma divisão de brincadeiras masculinas e femininas.

Durante os momentos de observações realizadas em sala, foi possível perceber que todos os brinquedos estão disponíveis para as crianças em uma mesma caixa, e elas vão escolhendo na medida em que o professor as chama – por mesinha, por exemplo. Era livre a escolha dos brinquedos. Em sua maioria, as crianças foram escolhendo brinquedos que socialmente correspondiam ao seu gênero, a partir do que se entende por “brinquedos de meninos” e “brinquedos de meninas”. Mas, durante o processo das brincadeiras houve algumas manifestações diferentes: um menino se interessou por uma boneca, afirmando que seria sua filha e que iria colocá-la para dormir. Algumas meninas apresentaram interesse pelos carrinhos e motos. Não houve em sala nenhum conflito em relação a estes interesses, nem por parte dos professores, e tampouco dos colegas.

Nos dias atuais, é uma prática comum mulheres assumirem a direção de automóveis – como é o caso de algumas mães das crianças do CEI. As mulheres, além da função de mãe, também estão inseridas no mercado de trabalho e por terem uma jornada dupla necessitam de um transporte para se locomoverem. Está se tornando visível também a figura de pais que ficam em casa cuidando das crianças, enquanto a mãe se ausenta. A família e a classe social são importantes elementos a serem observados nas construções de gênero dentro do brincar. A criança recebe as influências externas. É importante perceber como estes papéis de gênero têm mudado e como isso se revela nas brincadeiras e até mesmo no comportamento das crianças.

Em relação à colocação de que “durante o brincar as questões de gênero surgem, mas que partem das próprias crianças”, interpela-se: será que não houve nenhuma influência em relação a este pensamento? Inclusive influências da própria

escola? Foi possível observar, por exemplo, que na sala há um painel dos aniversariantes do mês, e nele está bem explícito a figura de uma menina segurando um balão rosa, e o menino segurando um balão azul – os balões contém os nomes e datas dos aniversários das crianças que estudam na sala. Sobre este panorama se pergunta:

Mas e a escola? A escola fala sobre gênero e sexualidade? A sua primeira resposta talvez seja: não! Mas vamos pensar juntos: quando, na educação infantil – e mesmo em algumas séries do ensino fundamental – nós fazemos uma fila de meninos e uma fila de meninas? Estamos ou não estamos falando sobre gênero? Estamos ensinando que homens são diferentes de mulheres o suficiente para estarem em filas separadas. No quadro de chamada, quando a criança já reconhece o próprio nome, na maioria das vezes ele está dividido entre meninos e meninas. Do lado dos meninos ele é azul, tem uma bola e um carrinho. Do lado das meninas é rosa, com uma flor e uma boneca (BERTOLINI et. al. 2014, p. 45).

Quanto às concepções dos profissionais sobre a possibilidade de o brincar constituir-se como um espaço de debates sobre gênero, promovendo-se algum projeto neste sentido, todos os sujeitos relataram não desenvolver nenhuma iniciativa na escola ou em sala de aula sobre a temática. Afirmaram somente não efetuar diferenciação entre os brinquedos e deixar claro que as crianças podiam brincar com todos.

Por outro lado, em algumas situações houve uma certa cobrança por parte do professor de postura frente aos comportamentos de gênero esperados pela sociedade. Para explicar melhor, o professor pediu para que as crianças sentassem corretamente nas cadeiras, e ressaltou a forma como uma menina, “uma mocinha” nas palavras dele, sentava, com as pernas passadas e as mãos levemente sobre os joelhos. As meninas desde muito pequenas começam a ser controladas e ensinadas a como sentar-se e comportar-se de acordo com o esperado pela sociedade culturalmente, e estes ensinamentos estão bem presentes no meio social, sendo repassados de geração em geração ainda que sofrendo pequenas alterações.

Disciplinamento do corpo (FOUCAULT, 1997). O corpo tem sido duramente controlado em sociedade, inclusive na escola, a fim de prevenir comportamentos “desviantes”. Meninos e meninas são arregimentados a fim de saber como se porta um homem e uma mulher. Quem ousa borrar os limites estabelecidos fica sujeito às

coerções, que irão variar de intensidade a depender do comportamento apresentado. Apesar de serem bastante questionados atualmente, os estereótipos de homem e mulher prevalecem: ele sempre forte, agressivo, objetivo, seguro; ela sempre frágil, delicada, emotiva.

É justamente nesta altura da discussão que os conceitos de gênero e orientação sexual começam a se tocar: um menino mais meigo pode, inclusive, ser rotulado como homossexual com em uma conotação claramente negativa, devido ao peso histórico que a homossexualidade carrega consigo. Uma menina forte e assertiva é facilmente identificada como lésbica. Essas concepções brotam de um ledô engano, fruto do desconhecimento de que as expressões de gênero não se confundem com a orientação sexual da pessoa ou com seu sexo biológico. São categorias diferentes que se relacionam entre si, mas nem sempre dentro de uma lógica cultural reducionista.

No que diz respeito ao tipo de formação acadêmica que os sujeitos da pesquisa receberam, se estavam aptos para lidar a diversidade existente em sala, pôde-se perceber, a partir das respostas apresentadas, que a formação acadêmica dos professores é carente de discussões da temática. Todos afirmaram não haver recebido nenhuma formação na universidade relacionada às discussões de gênero, nem palestras sobre o assunto, tampouco formações continuadas.

A temática referente ao gênero precisa ser abordada nos cursos de formação dos professores. Há diversos estudos sobre a temática e uma discussão acalorada sobre a influência das dimensões culturais ou biológicas na constituição do gênero da pessoa. Falar de gênero é falar de relações de poder, é falar de discriminação, preconceitos, lugares e experiências. Uma vasta produção já vem sendo construída e pode ser adensada sobre o assunto, que este trabalho não consegue abarcar. Porém, ficam as provocações como indicações de um caminho a ser trilhado.

Dentro do próprio CECITEC foi notado por parte de alguns professores e estudantes um receio quanto às temáticas desenvolvidas pelo grupo de estudo. Eles consideravam os assuntos polêmicos demais, ou temiam a reação dos participantes das pesquisas aos temas. Em alguns momentos, as orientandas que participavam do grupo de estudos Sexualidade, Gênero e Educação também ficaram receosas quanto ao destino

do seu trabalho. Foi um desafio para o orientador manter a motivação e estimular as alunas a não fraquejarem frente aos temas de suas monografias. Contudo, no dia das defesas das monografias, os trabalhos foram apresentados, obtendo êxito e reconhecimento por sua importância, intrepidez e validade no campos das discussões educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo da pesquisa, percebeu-se que as crianças já traziam interiorizadas no brincar expressões de gênero já consolidadas no meio cultural devido à influência social que recebiam do meio em que viviam. Influência por parte das pessoas com as quais convivem e das instituições a que pertencem. A transmissão destes estereótipos se dá precocemente, normatizando comportamentos e posturas que se esperam do gênero ao qual foi designada a criança.

É preciso que as instituições educacionais desenvolvam a temática com os estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Alexandre. et. al. *Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988.

BRASIL. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

BUTLER, Judith. *Problema de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FURLANI, Jimena. Existe “ideologia de gênero”? *Pública*. 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. São Paulo: Summus, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na Educação Infantil. *Cad. Pesq.* São Paulo, n. 92, p.p. 62-69, fev. 1995.

PROJETO DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Aparecida Iara de Souza Oliveira. UECE/FECLI. e-mail: iara.oliveira@aluno.uece.br

Natália Rodrigues de Pádua. UECE/FECLI. e-mail: natalia-padua20@hotmail.com

Tânia Maria de Sousa França. UECE/FECLI. e-mail: tania.franca@uece.br

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo relatar, de forma analítica, a inserção da arte na formação docente mediada por um projeto de iniciação artística: COM AS MÃOS NA ARTE: experiências artísticas e estéticas na universidade. O projeto tem como objetivo reconhecer, estimular e ampliar o potencial artístico de estudantes e membros da comunidade, por meio das várias linguagens artísticas, para desenvolver a imaginação criadora, a percepção, a sensibilidade, favorecendo uma formação estético-artística. A metodologia que subsidiou o relato está baseada na abordagem qualitativa de pesquisa, na modalidade de história de vida. Como resultado foi percebido a ampliação do conceito de Arte pelos bolsistas e a possibilidade de cada um mostrar sua capacidade de criação. É possível concluir, nessa experiência, como a Arte é importante na formação docente por permitir que cada um mostre sua sensibilidade em criar e transformar seu aprendizado em experiência.

Introdução

Todo ser humano é um ser sensível. A sensibilidade nos liga a tudo que nos rodeia. Nessa perspectiva consideramos a arte como promotora da experiência artística e estética e mediadora para estabelecermos contato com dimensões interiores que outros processos não propiciam, tais como emoções, ideias adormecidas e potencialidades criadoras. Ela é por excelência reintegrativa e religadora. Corroborando com essa reflexão Meira (2011, p. 111) diz que

O desafio da educação estética é fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como

fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilização.

Assim sendo, e concordando com Ostrower (1998, p. 25), quando afirma que a “Arte é uma necessidade do nosso ser, uma necessidade espiritual tão premente quanto as necessidades físicas”, foi que o projeto de iniciação artística: COM AS MÃOS NA ARTE: experiências estéticas e artísticas na universidade foi proposto, com o intuito primeiramente, de ocupar uma lacuna no curso de Pedagogia de uma IES interiorana, que não dispõe na sua matriz curricular atual, de nenhuma disciplina relacionada a área de Artes. Em seguida o de reconhecer, estimular e ampliar o potencial artístico de estudantes da Pedagogia, demais licenciaturas e outros interessados.

Assim sendo, esse trabalho tem como objetivo relatar, de forma analítica, a experiência vivida, por nós bolsistas, nesse projeto, durante o primeiro semestre de 2018, por considerarmos relevantes as atividades de estudo, planejamento e vivências.

Metodologia

Para compreendermos o sentido e significado desse projeto usamos a metodologia baseada na abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que esta, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2001.p.24), com apoio na modalidade de história de vida, porque segundo Chizzotti (2006, p. 101) “é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. Desta forma essa modalidade se adequa a esse relato.

Descrevendo a experiência

Iniciamos esse tópico considerando o termo experiência na perspectiva de Larrosa (2014, p. 18), quando exprime que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece. A cada dia se passa muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Estamos compreendendo que o vivido por nós, não apenas nos passou, nos tocou, mas nos

transpassou, porque paramos, vivemos, pensamos sobre o vivido, pois como diz o mesmo autor

A experiência, como possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p.25).

Neste sentido o projeto de iniciação artística favoreceu atividades como: visita ao Museu da Imagem e do Som de Iguatu, aplicação de uma atividade de arte em uma escola no município de Acopiara – Ceará, aprofundamento de conceitos por meio de estudos teóricos.

A visita ao Museu nos proporcionou ter um contato com diversos objetos de valor simbólico e que fazem parte da história local e da nossa própria história, estimulando assim, o nosso sentimento de pertencimento a história que estava sendo narrada. Nessa visita fomos provocados pela orientadora do projeto a escolher um objeto que fosse especial aos nossos olhos e que representasse nosso sentimento daquela atividade, transformando-o em um “objeto oculto”, que somente foi conhecido em outro encontro por meio de um texto de adivinha. Um objeto escolhido foi um relógio de bolso de algibeira, do final do século XIX, pois nos fez lembrar dos livros e filmes de época, onde esse objeto é de muito interesse e utilizado pelos homens, isso nos possibilitou ver de perto e não apenas imaginá-lo ou ver por imagens um objeto que fez parte do passado e que ainda está exposto para apreciação e conhecimento que nos proporciona. Com isso, vem a importância do museu por nos possibilitar o contato com objetos e imagens que fizeram parte de uma história, a qual ainda podemos conhecê-la e apreciar. Outro objeto escolhido foi um microfone antigo que causou uma profunda nostalgia, uma vez que trouxe muitas memórias dos avós de uma das autoras.



Figura 1. “Visita ao museu da Imagem e do Som em Iguatu. Contato com arte local”.

Outra atividade vivenciada foi a confecção de porta retratos em uma turma de alunos do 9º ano em uma escola pública de Acopiara-Ce. Nosso intuito foi propor que os alunos desenvolvessem seu potencial de criar sua própria arte. O resultado foi diversos tipos de porta retratos produzidos de acordo com o gosto de cada um, conforme imagem abaixo.



Figura 2. “Confecção de porta retrato feito por uma aluna do 9º ano. Desenvolvendo potencial criador”.

Além das experiências práticas, realizamos no primeiro semestre, estudos passando a conhecer as ideias de Fayga Ostrower (2001) e Duarte Junior (1988). Percebemos que eles veem a arte como um dos principais meios de formação do ser humano. Ostrower (2001, p.09) contribuiu com a ampliação dos nossos conceitos ao dizer que “o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. Então somos capazes de criar,

sentir, tocar e ouvir, e tudo isto está ligado ao potencial artístico, que todo indivíduo tem e deve ser explorado e colocado em prática. Duarte Júnior (1998, p.69) ao afirmar que “os caminhos da razão são traçados pelo compasso das emoções”.

É relevante dizer que produzimos diário de formação como modo de registrar o que foi vivido e compartilhar como fizemos individualmente, colocando nossas reflexões e considerações.

Essas atividades que foram desenvolvidas e as que ainda estão em andamento são resultado do compromisso de todos os envolvidos em vivenciar e desenvolver a arte, não só para os bolsistas do projeto, mas experimentando em escolas e outros espaços a dimensão artística e sua importância no processo de criação e da sensibilidade de cada um.

Reflexões sobre a experiência

Nesse projeto desenvolvemos atividades que nos proporcionaram momentos de autoconhecimento; perceber a arte em uma perspectiva diferente, pois nos possibilitou ter experiências e informações que ao longo da nossa jornada acadêmica, ainda, não tínhamos tido contato. Como consequência, mostramos nossa capacidade de criação, construindo nossas próprias artes de acordo com a potencialidade de cada um; apresentamos nossa sensibilidade em criar; produzimos um aprendizado que nos levou a compartilhar com outras pessoas como foi o caso da atividade na escola. Essa atividade nos ajudou a compreender que muitas escolas não instigam a capacidade de criação do estudante, muitas vezes por falta de estímulo, conhecimento sobre o potencial da arte nas suas várias linguagens e algo prático a ser desenvolvido.

As experiências nos fizeram buscar socializar com outras pessoas nossas aprendizagens, levantando possibilidades para que a arte na educação seja explorada em toda sua forma e o que ela tem a oferecer na formação do indivíduo. Passamos a vê-la como um meio de unir as pessoas, compartilhando sentimentos, saberes e fazeres, onde cada um se expressa de uma forma diferente, seja através da pintura, escrita, música, dramatização, sendo motivados a fazer nossa arte, mostrar nossa sensibilidade, trazendo elementos significativos para nossa formação como pessoa e profissional.

A arte como parte da nossa formação docente, nesta experiência, ajudou-nos a compreender e nos familiarizar com nossos sentimentos, de forma significativa e agindo nas nossas ações, fazendo-nos compreender o mundo, a nossa cultura e tudo que nos cerca. Enfim, podemos enumerar, ancoradas nesta experiência, diversas formas que mostram o quanto é importante a arte para a formação do indivíduo, e esse projeto nos possibilitou ter experiências e adquirir um conhecimento que raramente temos em sala, principalmente na universidade em relação à teoria e práticas artísticas, isso nos motivou a querer buscar ainda mais conhecimento, a pesquisar sobre as artes locais, autores que tanto contribuíram nesse campo.

Estamos, também, instigadas a movimentar outras pessoas a criar, praticar diferentes formas de arte, a fim de descobrir suas capacidades como ser sensível e criador, algo que nos aconteceu ao ter experiências culturais que favoreceram o nosso contato com a arte, como a ida ao museu da Imagem e do Som de Iguatu onde pudemos apreciar e identificar elementos culturais que fazem e fizeram parte da nossa região. A partir disso expressamos o que vivenciamos através da nossa memória, concretizamos o momento vivido através da criação, simbolizando o momento com arte e explorando o conhecimento de cada um acerca da temática somos incentivados a destacar ideias, sentimentos relacionados a atividades e criações desenvolvidas, isso nos fez reviver o que experimentamos e termos noção do que vamos vivenciar.

Considerações Finais

Cientes da importância do projeto de iniciação artística para a formação docente, reforçamos que embora não o tenhamos concluído ainda, o que já fizemos foi de grande importância. Todas as atividades, os estudos, nos proporcionaram mais conhecimento sobre a arte e sua importância na educação e na formação do homem e especialmente, para nós universitários.

A arte na educação ainda não é totalmente explorada em todas as instituições, o que leva a aplicar apenas o básico sobre arte: pintar, fazer desenhos, colagens, entre outros, estamos descobrindo que há inúmeras formas e linguagens artísticas, nos mostrando o quão rico e diversos é o mundo artístico.

Além de o projeto nos proporcionar experiências estéticas dentro da faculdade, isso contribui muito para nossa formação docente, muitas escolas colocam as aulas de arte como apenas mais um momento de desenhar, pintar e fazer colagens, mas a arte está muito além de apenas isso, autores afirmam que estamos vivendo num mundo anestésico, ou melhor, cada vez mais antiestético, um mundo em que não há preocupação com os sentidos, com a beleza e com a poesia cotidiana. A partir desta constatação podemos perceber a necessidade do desenvolvimento de uma consciência estética e, conseqüentemente uma educação que se preocupe com os sentidos e a sensibilidade. É possível concluir, nessa experiência, como a Arte é importante na formação docente por permitir que cada um mostre sua sensibilidade em criar e transformar seu aprendizado em experiência.

Referências Bibliográficas

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

DUARTE JÚNIOR, J.F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A Sensibilidade do Intelecto**. – Rio de Janeiro : Campus, 1998

MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. (Org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

RESUMO EXPANDIDO

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CHÃO DA ESCOLA Á LUZ DO PACTO PELO ENSINO MÉDIO

Maria Cibelle Moreira de Araújo| Universidade Estadual do Ceará-UECE
|cibellesocial@hotmail.com

Raimundo Nonato de Menezes Moreira| Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
|E-mail: menezesppdt2016@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz uma série de discussões acerca da proposta de formação continuada para professores da educação básica a nível nacional fundamentada nas premissas do Pacto Nacional para o Ensino Médio, instituído pelo parecer instituído pela portaria Nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, enquanto uma articulação de estratégias e ações entre a união e os estados a fim de construir políticas públicas, programas e projetos voltadas para o ensino médio brasileiro.

Neste intento, algumas temáticas constituem pano de fundo do presente estudo: a cultura familiar construída a partir de diversos fatores e agente na formação das identidades juvenis sujeitos da escola; o reconhecimento e a valorização das diversidades dos educandos no processo ensino-aprendizagem; o desenvolvimento e valorização do docente, colocando a formação contínua do educador em serviço e a valorização dos saberes docentes por meio *praxis* pedagógica e o Parâmetro Nacional do Ensino Médio. Estas são resultantes do estudo de documentos orientadores do referido Pacto, bem como do aparato legal que fundamenta o ultimo nível da educação básica, além de dados e observação realizadas em campo sobre a implementação deste programa.

O estudo de tal temática é importante, pois detalha a importância do contexto escolar no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, tanto na perspectiva do educando, quanto do educador na construção da identidade de uma escola, perpassando pelo diálogo, pelo estudo coletivo, de forma colaborativa e cooperativa, e a valorização dos saberes docentes e de suas experiências pedagógicas à luz de sua nova utilidade. Para tanto, a investigação foi direcionada para a formação contínua do educador,

embasada na “ação-reflexão-ação” aclamada por IMBÉRNON. Esse autor além de possuir significantes contribuições acerca da temática, dialoga com outros pensadores sobre os aspectos importantes da profissionalização docente que precisam ser considerados numa política de formação continuada de professores.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para dar conta da temática aqui proposta, foram utilizadas algumas de fontes, entre elas, escritas, iconográficas e orais. A coleta de dados deu-se por meio de pesquisa bibliográfica devidamente relacionada aos objetivos previamente estabelecidos. Para tal atividade, foram analisados livros, artigos, resenhas, enfim recursos relacionados a formação de professores a luz do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. Neste intuito, entende-se como pesquisa bibliográfica “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, tese, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas trabalhados por outros autores e devidamente registrados.” (SEVERINO, 2007, p. 122).

Além do uso de recursos bibliográficos a mesma se caracterizou como pesquisa exploratória, pois “[...] a temática apresentada requer um entendimento dos fatos estudados, proporcionar maior familiaridade com a problemática proposta, com vista a torná-la mais explícita (GIL, 1991, p.41). Já que este tipo de estudo tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições, por meio de levantamento bibliográfico bem como da análise de exemplos e experiências que estimulem a compreensão, como as realizadas junto as formações e suas metodologias, no caso, no chão da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM) chega na Escola por meio do aperfeiçoamento dos professores, iniciando um processo de sistematização e implementação da formação contínua em conformidade com o Decreto nº 6.755/2009 que trata dessa questão para a educação básica.

Art. 2º São princípios da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica:

I - a formação docente para todas as etapas da educação básica como compromisso público de Estado, buscando assegurar o direito das crianças, jovens e adultos à educação de qualidade, construída em bases científicas e técnicas sólidas;

II - a formação dos profissionais do magistério como compromisso com um projeto social, político e ético que contribua para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e grupos sociais. (BRASIL, 2009, p. 01)

Em 2014, as formações do PNEM, adentram na escola com as seguintes temáticas: Ensino Médio e Formação Humana Integral, O Jovem como Sujeito do Ensino Médio, O Currículo do Ensino Médio – seus Sujeitos e o Desafio da Formação Humana Integral, Áreas de Conhecimento e Integração Curricular e Gestão Democrática na Escola, garantindo, assim, um compromisso de estudo formativo que respondesse às necessidades definidas pela escola e elevasse a qualidade do processo ensino-aprendizagem em sala de aula, transformando a instituição educacional em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas. Durante os encontros formativos dos professores, em seus respectivos horários de estudo e planejamento, os Orientadores de Estudo (OE's) assumiam uma postura de colaborador, apto a apresentarem as temáticas e instigarem a “ação-reflexão-ação” por meio das atividades coletivas e individual, considerando a identidade de cada professor.

Este programa oportunizou o direito à opinião pautado no caráter dialógico. Durante os ciclos de estudo, muitos docentes sentiam-se agraciados em poder compartilhar suas angústias e suas ideias com seus pares. Apesar de tratarmos como positiva a possibilidade de vislumbre de mudanças, percebia-se em alguns professores a clara angústia e medo de impetrar algo novo no contexto escolar; deixar para trás o estigma da escola obsoleta e que não convidativa para o seu sujeito principal - o jovem, era um rompimento da zona de conforto, uma vez que velhas práticas estavam engessadas na maneira de ser de cada educador.

Outrossim as formações tiveram um caráter colaborativo e dinâmico, tendo os formadores (Formadores Regionais e Orientadores de Estudo) uma postura de colaboradores práticos e instigadores de reflexão, estimulantes da criatividade docente, tornando os cursistas capazes de elaborar itinerários educativos diferenciados, projeto de inovação e práticas alternativas. Para isso, foi fundamental criar espaços de formação, inovação e pesquisa, a fim de ajudar a analisar os obstáculos, individuais e coletivos, partindo do reconhecimento da escola como espaço de “ação-reflexão-ação” e como unidade básica de mudança, desenvolvimento e melhoria.

A formação centrada na escola envolve todas as estratégias empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores para dirigir os programas de formação de modo a que respondam às necessidades definidas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula e nas escolas. Quando se fala de formação centrada, entende-se que a instituição educacional se transforma em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas. [...] (IMBERNÓN, p. 84, 2011)

Valorizar os saberes docentes, prepará-los para enfrentar e romper com velhos paradigmas justificaram a necessidade de uma articulação entre a União, os Entes Federados e as Instituições Públicas de Ensino Superior tendo como resultado um projeto tão grandiosa e potencial gestor de mudanças significativas no ensino médio público brasileiro que viria a ser conhecido como Pacto ou PNEM.

Diante das discussões apresentadas, depreende-se a impossibilidade de vislumbrarmos mudanças significativas no contexto da educação escolar, principalmente no que se referente ao “aprendente” como sujeito, se o educador não for imergido em uma formação contínua que tenha como *lócus* o “chão-da-escola” e a *práxis* pedagógica, a fim de aproximar a teoria da prática bem como o compartilhamento e a produção de novos saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministérios da Educação/Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. Brasil. Secretaria de Educação Básica.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, n. 61, 1991.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2007.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Maria Ozana Damião Santos / Universidade Estadual do Ceará /
mariaozana06@gmail.com

Vitória Chérída Costa Freire / Universidade Estadual do Ceará /
vitoriacherida91@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a formação do professor para a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva no Brasil, bem como a importância da competência e a formação profissional apresentando os aspectos de alguns dispositivos da legislação brasileira sobre a educação/inclusiva.

O Brasil apresenta um quadro gradativo na inclusão de pessoas com deficiência no âmbito da educação regular. A interface para a educação desse corpo discente aponta para uma desenvoltura de todo o quadro educacional que vai desde a Secretária de Educação de cada Município à sala de aula. Viabilizando assim, uma proposta para adequar a cada aluno o seu desenvolvimento cognitivo em suas diferentes necessidades, já que na prática a proposta educacional não se idealiza ou configura um molde para progredir claramente a Educação Inclusiva em nosso país. Mesmo com o avanço dos últimos anos no desenvolvimento de experiências educacionais, parte das escolas carece de um estado institucional necessário para viabilizar uma proposta educacional adequada. Segundo estudos de Glant, Ferreira, Oliveira e Senna:

Os atuais desafios da Educação Inclusiva brasileira centram-se na necessidade de desenvolver instrumentos de monitoramento sistemáticos (indicadores dos programas implantados), realização de pesquisas qualitativas e quantitativas que possam evidenciar os resultados dos programas implantados e identificação de experiências de sucesso; implantação de programas de capacitação de recursos humanos que incluam a formação de professores dentro da realidade das escolas e na sala de aula regular do sistema de ensino. (FERREIRA, GLANT. 2003 p.372-390).

A problemática geral é a dificuldade e necessidade de uma qualificação profissional adequada, onde o foco do processo acadêmico não esteja em volta da

questão teórica, pois a prática deste processo para a inclusão é indispensável. O professor necessita em sua atuação a autonomia e gestão de seu trabalho, assim, conseguirá desenvolver uma proposta educacional atendendo as diferentes necessidades individuais de seus alunos.

Devido à publicação da LDB 9.394/96 e ao comprometimento com uma Política de Inclusão Escolar, às relevâncias sobre a formação dos professores ficam modificadas, pois no inciso III do Art.59 da LDB 9.394/96 se refere a dois tipos de professores para atuação com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais: 1- professores com especialização adequada em nível médio ou superior para o atendimento individualizado (aos alunos que apresentam uma deficiência limitadora); 2- professores capacitados para viabilizar a integração/inclusão desses educandos em classes comuns. No entanto, a LDB não esclarece a natureza, e o conteúdo dessa especialização, ou se o curso deve ser mais específico para uma área ou mais generalista. A relevância sobre a capacitação do professor partirá do ponto em que as ações à serem desenvolvidas em sala de aula ou disciplina do ensino regular está atualizado a perspectiva da política de inclusão escolar, isto definirá a formação do professor se o atendimento é individual ou integração/inclusão.

O percurso metodológico desenvolvido neste trabalho foi de cunho teórico e bibliográfico onde através da legislação e de pesquisas científicas publicados por alguns autores como Freitas (2012), Ferreira e Glant,(2003), foi adquirido um suporte para desenvolvê-lo. A partir da fundamentação teórica acerca da formação de professores que atuam na área de educação especial/inclusiva, consideramos de fundamental importância discutir sobre as possibilidades e desafios nessa atuação.

FUNDAMENTOS DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Nos últimos anos foram crescentes os movimentos para que a inclusão seja de fato um motivo de orgulho para a sociedade envolvida neste processo. Contudo, há uma carência de projetos que atinjam os padrões necessários para um atendimento

qualitativo e quantitativo aos educandos com Necessidades Educacionais Especiais. Na Resolução nº 02 de 11 de setembro de 2001, onde, recomenda a necessidade de trabalho pedagógico específico com as pessoas com necessidades especiais, há diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica, com relação ao atendimento, a organização do ensino, ao perfil dos alunos com necessidades educacionais, ao serviço pedagógico, ao currículo, a formação de professores, a operacionalização do serviço de atendimento, dentre outros aspectos dessa modalidade de ensino.

O que a Legislação espera para a formação e atuação do professor educação especial, na perspectiva inclusiva? Sobre a formação do professor na Educação Especial, a LDB menciona a exigência de “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (LDB Art. 59, inciso III). A Resolução nº 02 de 11 de setembro de 2001, ratifica que os dois os professores para atuar na Educação Especial são: o professor capacitado (com formação nível médio ou superior para atuar em classes especiais) e o professor especializado (de classe comum ou especializada que identifique e implemente estratégias de ação).

De acordo com Gotti (2001), as competências do professor especialista em educação especial são:

- Mediar fundamentos filosóficos, políticos, pedagógicos, históricos estabelecidos na educação especial/inclusiva;
- Acrescentar, pluralizando práticas pedagógicas que tenha a finalidade de somar esforços para atingir objetivos comuns em benefício de todos, centrando na aprendizagem e níveis de desenvolvimento dos estudantes;
- Determinar de maneira continuada pretendendo identificar as necessidades educacionais especiais dos alunos dentro do processo de desenvolvimento da aprendizagem;
- Realizar adaptações flexíveis na importância curricular, independente das necessidades educacionais especiais dos alunos;

- Desenvolver trabalhos juntamente com familiares, professores do ensino regular, profissionais da comunidade envolvidos no atendimento ao aluno com necessidades educacionais especiais;
- Possibilitar respostas educativas aos alunos no desenvolvimento de sua capacidade cognitiva, habilidades, atitudes e valores nas áreas de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas.

Contudo, essa legislação não têm o poder de amparar ou modificar a atual realidade educacional no Brasil, em especial a formação inicial e continuada dos professores, onde, atualmente necessitamos de uma política pública, que assegure de forma legal a formação inicial e continuada dos professores, condições de trabalho, remuneração e carreira dos docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que haja uma educação regular inclusa de qualidade é necessário que a base de formação do professor seja completa deixando para trás a cultura do teórico, já que o teórico é complementado com a prática. É essencial que o professor procure de fato se especializar na área de Educação Especial e possa garantir uma mediação voltada à qualidade de vida de seus educandos, pois todos são capazes de aprenderem independente de sua deficiência.

Portanto, essa é uma temática que gera discursões futuras e que é necessário que a Rede de Ensino Superior comprometa-se com uma formação de professores de qualidade e que todo professor se preocupe com a aprendizagem individual de seus alunos.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.

Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 27 jul 2018.

FERREIRA, J. R. e GLANT, R. Reformas educacionais pós-LDB: a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização. In: Souza, D. B. e Faria, L. C. M. (Orgs.). Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós-LDB, p.372-390. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.

FREITAS, S. N. Formação de Professores: Interfaces entre educação e a educação especial. In: E.G. Mendes, M. A. Almeida e L. C. A. Wilians (Orgs). Temas em Educação Especial: Tendências Atuais. São Carlos: Edufscar, No prelo 2012.

GOTTI, M. O Ensino Superior; Políticas, propostas e demanda. Anais do XX Congresso Nacional das APAEs, I fórum, Nacional das APAES: As Apaes e o novo milênio – Passaporte para a cidadania (p. 247-270). Brasília: Federação Nacional das Apaes, 2001.

RELAÇÕES DE PODER NO ÂMBITO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Miguel Sanderson Cardoso dos Santos
Graduando em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA
miguel-san-ce@hotmail.com
Orientador prof. Me. Paulo Pedro Schuetz – Departamento de Pedagogia –
URCA
paulo.2004.2@gmail.com

INTRODUÇÃO

O filósofo Michel Foucault (1987) fez uma análise dos métodos disciplinares utilizados nos séculos XVII e XVIII. Enquanto no XVII a violência, o martírio e os dolorosos castigos em praça pública tornavam a população temente e obediente aos seus governantes, no século XVIII os métodos violentos deixaram de ser naturais e passaram a ser vistos como banais, cedendo lugar às formas de disciplinas menos horrendas, mas que continuavam com os mesmos efeitos de temor da população. Em vez de castigos dolorosos e brutais, eram usados métodos sutis de vigiar e punir os infratores com detenção nas prisões.

Para entender o método de vigiar e punir foucaulteano deve-se lembrar do estudo que Foucault fez sobre as prisões, pois nas prisões as relações de poder não são disfarçadas ou mascaradas, mas sim, espontâneas e rotineiras. O filósofo usou como base o mecanismo do Panóptico, método criado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1785) e utilizado em uma penitenciária. “Tratava-se de um novo modo de garantir o poder da mente sobre a mente, em um grau nunca antes demonstrado; e em um grau igualmente incomparável, para quem assim o desejar, de garantia contra o exagero”. (BENTHAM, 2008, p. 17).

As relações de poder estudadas por Foucault, relacionados à vigilância, à punição e ao controle das mentes facilmente pode ser remetida à escola. A relação de poder no interior das escolas não pode ser extinta, pois não é algo que possa ser criado, ela ocorre na própria interação social dos indivíduos; onde estiver um grupo de pessoas

ali estarão presentes relações de poder. O sistema educacional continua sendo instrumento de legitimação de um poder e da desigualdade social. Longe de serem libertadoras, as relações de poder mantém a dominação dos dominadores com seu conservadorismo e segregação das classes sociais.

No seio das instituições de ensino o poder coercitivo é mais presente do que se imagina principalmente nas escolas mais tradicionais em que o aluno ainda é tratado como uma conta vazia que deve ser preenchida pelo o professor (FREIRE, 1970). Por décadas os alunos eram coagidos a manter um padrão condizente às ideias das instituições de ensino e obedecer cegamente ao professor, pois esse era o detentor de todo o saber. No cenário atual não houve grandes mudanças, o sistema educacional continua sendo segregacionista, é exorbitante a distinção do ensino-aprendizagem dos colégios públicos comparado aos dos colégios particulares. As relações de poder e de uma sociedade classista ainda estão presentes e são ensinadas nas nossas escolas.

O objetivo foi compreender como os elementos foucaulteanos sobre o poder, o vigiar e o punir permeiam os processos da escolarização promovendo relações de poder e de divisão social em seus alunos, expondo as mazelas das instituições de ensino e o descaso do estado na formação de indivíduos autônomos e gestores de suas vidas,

Pensar na educação pública e/ou privada é pensar no desenvolvimento do futuro do nosso país. Desta forma, pensando sobre a estrutura educacional do ensino brasileiro levantam-se as seguintes questões: O que as nossas escolas estão ensinando? Seria a escola uma ferramenta de controle e manutenção de poder ou um foco de esperança e liberdade para a classe dominada?

A produção do trabalho acadêmico foi importante para a assimilação do conteúdo extraído dos textos, livros, e citações dos autores abordados anteriormente sobre este tema que instiga e está subjacente nas relações sociais mais amplas e especialmente nas relações escolares. Foi muito relevante na compreensão dos mecanismos de controle da sociedade. À formação docente permite uma melhor abordagem na relação em sala de aula e o desenvolvimento de relações de poder de forma positiva, auxiliando no melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através de leituras bibliográficas verificou-se que a escola se tornou aparelho de condicionamento e manutenção dos grupos dominantes, havendo que, os alunos são condicionados a trilharem um caminho pré-estipulado pelo sistema vigente. Também, notou-se que a espontaneidade foi substituída pela maquinificação do indivíduo, alienando-o e determinando seu comportamento no âmbito social. A finalidade da escola é formar mão-de-obra para a sociedade e não indivíduos autônomos, críticos e protagonistas da sua história (CURY, 2015).

A pesquisa, neste viés foi qualitativa, permitindo reflexões dialógicas sobre as relações de poder a partir dos mecanismos de escolarização apontados por Foucault e outros autores que têm a mesma linha de pensamentos.

Utilizou-se as concepções foucaulteanas, as ideias do sistema do Panóptico do filósofo e jurista Jeremy Bentham (1785) – que tem como ideia central o ‘modo de garantir o poder da mente sobre a mente’ e os pensamentos de autores como Aranha (1996), Freire (1970) e Cury (2015) para uma melhor compreensão da temática escolhida para a produção deste resumo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados encontrados durante os levantamentos de informações da obra do autor escolhido permitiu observar relevantes subsídios sobre objeto de estudo analisado. Para Foucault (1987) o objetivo de toda educação é a disciplina dos corpos da população. O poder está em todas as relações. Ele é uma relação. Todas as dimensões sociais abrangem o poder como uma experiência entre as pessoas que tem no seu domínio sempre um enquadramento de alguma forma de comportamento que precisa ser aceito. A ideia de uma rede de poder significa que as nossas relações mais amplas, formadas a partir de pontos para pontos (pessoa para pessoa) indica que o corpo social funciona

como articulação entre diferentes pontos, que para Foucault materializa-se na escola, família, igreja e demais instituições sociais (SOUZA, 2014).

Paulo Freire (1987) expõe em seu livro pedagogia do oprimido, um tipo de educação programada, onde o professor deposita no “hospedeiro”, ou seja no aluno, comportamentos prescritos. A relação de poder, segundo Freire, transforma o educando em “homens espectadores e não recriadores do mundo”. (FREIRE, 1987, p. 36).

Os resultados e discussões aqui apresentadas demonstram que para uma melhor compreensão do objetivo proposto é necessário se fazer análises mais apuradas dos autores que foram utilizados, tornando-se uma assimilação mais elaborada do tema que pode promover a necessária qualificação da solução para o problema de pesquisa levantado por este estudo.

CONCLUSÕES

A produção desse estudo reflexivo foi muito importante para a compreensão dos mecanismos de controle da sociedade a partir das concepções foucaulteanas; também foi relevante entender como a escola exerce poder sobre os alunos e como esses reagem ao poder sofrido. Também foi significativo para a formação docente permitindo uma melhor abordagem na relação professor-aluno em sala de aula, permitindo desenvolver as relações de poder de forma positiva, auxiliando no melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos.

Por meio das concepções estudadas a partir de Foucault e outros autores concluiu-se que o mecanismo de poder exercido na educação por meio da escolarização é planejado para que as pessoas (corpos) adotem os comportamentos que a sociedade aceite como ideais. Não existe sociedade e nem qualquer relação humana em cujo interior não se exerça também uma relação de poder. O estudo permitiu esse importante esclarecimento. Mas não é só isso. Será preciso compreender como nós futuros professores e como nossas técnicas, recursos e práticas estão a serviço do poder dominante e alienador. Como educadores conscientes, podemos revolucionar nossas práticas no sentido de pensar em libertar os futuros cidadãos das amarras do poder

maior. O primeiro passo é conhecer como este poder se articula nos processos escolares, permitindo assim adotar mecanismos de orientação e esclarecimento junto aos alunos para a conscientização rumo à emancipação e participação efetiva destes na transformação da atual sociedade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **As relações de poder**. 2. ed. São Paulo: Modema, 1996.

BENTHAM, Jeremy. **Panóptico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CURY, Augusto. **Ansiedade** – como enfrentar o mal do século – a síndrome do pensamento acelerado – como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo: Saraiva, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: 27. ed. Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOUZA, Letícia Rodrigues de. **O brinquedo na educação infantil**: algumas reflexões do uso do brinquedo à luz da sociedade disciplinar foucaultiana. Rio Claro, 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Rio Claro, 2014. Disponível em: <goo.gl/5FMwQy>. Acesso em: 23 fev. 2018.

TIMIDEZ NA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Bruna Caeli Alves de Oliveira
Graduanda de Pedagogia na Universidade Regional do Cariri – URCA
bruna_caelisb@hotmail.com
Lavínia Gabrielly Oliveira França
Graduanda de Pedagogia na Universidade Regional do Cariri – URCA
lavinia.2018.franca@gmail.com
Orientador prof. Me. Paulo Pedro Schuetz
Departamento de Pedagogia – URCA
paulo.2004.2@gmail.com

INTRODUÇÃO

A criança com timidez merece maior atenção, pois não são apenas quietas e retraídas como muitos pensam e sim, crianças com problemas que precisam de ajuda. Cabe a família, professores e profissionais que estudam o comportamento, tomar a responsabilidade a fim de fazer essas crianças se desenvolver da melhor e maior qualidade possíveis.

O objetivo deste resumo foi refletir acerca das consequências psicológicas e sociais que a timidez na infância pode causar no desenvolvimento físico e nos processos de aprendizagem de crianças.

A problemática a ser respondida no corpo do texto é: quais são as consequências que a criança tímida pode sofrer e como essa condição pode atrapalhar o seu desenvolvimento e aprendizagem? No decorrer do texto serão feitas reflexões e estudos para auxiliar na interpretação e aproximação desse problema. A timidez não possui uma causa única, pois pode ocorrer por influência genética e principalmente por influência do ambiente em que a criança está inserida. A família constitui um meio essencial e importantíssimo de influência na vida da criança, assim como a escola, um dos principais locais de aprendizagem de habilidades sociais. Faz-se necessário refletir sobre esta dimensão no sentido de que os estudos sobre timidez são recentes e tendo em vista a atual sociedade que se altera de forma muito rápida, é necessário prestar atenção

nas crianças que em meio a isso procuram se esconder, o que prejudica suas relações sociais. A timidez na infância é algo que não recebe a devida atenção e importância pela família e pelos professores, mas que precisa muito ser discutido a fim de buscar propostas e, portanto soluções que venham a auxiliar a criança tímida a se desenvolver melhor nos diversos contextos em que está inserida.

Esse trabalho justifica-se pela necessidade de compreender as diversas consequências que a timidez pode acarretar na vida de uma criança, assim como na sua vida adulta e como pode afligir significativamente seu desenvolvimento em vários contextos. Tratar sobre timidez na infância é relevante no sentido de haver poucos estudos específicos sobre esse tema, mas que, porém é muito frequente na sociedade atual e precisa de atenção devida a fim de se chegar a soluções e, portanto garantia de um desenvolvimento adequado para a criança tímida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado um estudo teórico através de livros e artigos de autores que se aprofundaram sobre o tema em questão, como Axia (2003), Oliveira e Santos (2018) e Camisão et al. (1994), que abordam a timidez não como uma doença, mas como uma característica da personalidade da criança, mas que acaba ultrapassando os limites e então dificultando a interação social da mesma.

Através da pesquisa bibliográfica esse trabalho ganhou corpo, com a proposta de reflexão acerca das informações recolhidas sobre o tema timidez na infância em busca do entendimento de suas consequências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algo que é recorrente e que, portanto parece ser muito comum hoje, observado nos indivíduos no seu cotidiano, no seu contexto de relações sociais e em determinados ambientes é a timidez. Ter medo pode ser caracterizado como o estado de quem tem vergonha de se expor, de expressar seus sentimentos, medo de ser julgado e observado.

Essa condição da pessoa tímida não possui causa única, pois pode ter influência da genética, pode ser uma característica da personalidade ou ambiental. Para Oliveira e Santos (2018) a palavra timidez deriva do latim *timiditas* e significa medo.

Existem dois tipos de timidez denominados de timidez situacional e timidez crônica. Na timidez situacional como o próprio nome deixa a entender, ocorre em certas situações determinadas quando o indivíduo, por exemplo, sente muita dificuldade ou não consegue relacionar-se com uma pessoa do sexo oposto ou com autoridades e ainda possui bloqueio quando precisa apresentar um trabalho ou se expressar em público. (OLIVEIRA E SANTOS, 2018).

Quando se refere a timidez crônica, significa que esta se manifesta em qualquer tipo de relação social. Por exemplo, a pessoa que tem timidez crônica não consegue interagir com as outras pessoas, especialmente quando se trata de estranhos e muito menos falar em público e frente a autoridades. Esse indivíduo se sente muito nervoso diante de situações em que precisa fazer alguma coisa com presença de outras pessoas e acaba, por isso, ficando incapaz de agir, ou como se fala popularmente, acaba travando. (OLIVEIRA E SANTOS, 2018).

Pode acontecer de crianças tímidas, enfrentar dificuldades no desenvolvimento escolar. Frente a alguma dificuldade em entender o conteúdo a criança pode, ao invés de pedir para que o professor repita, simplesmente deixar para lá, pois não tem coragem de diante dos colegas pedir para que o professor ou professora explique novamente. Geralmente, dentro de sala de aula, essas crianças ficam quietas em seus lugares e não interagem com seus professores e colegas e essa é uma condição básica para um ensino-aprendizagem adequado e proveitoso, ou seja, diálogo é importante dentro de uma sala de aula. Na escola a criança aprende habilidades sociais, pois

[...] além da família, a escola é um ambiente de fundamental importância para a aquisição de habilidades sociais, se a escola ignorar o repertório de comportamentos sociais da criança, ou o seu desenvolvimento interpessoal, ela colabora para a conservação ou a gravidade de conflitos. Esses conflitos, além de se constituírem um problema em si mesmo, atrapalham a aprendizagem, comprometendo também sua formação social. (OLIVEIRA E SANTOS, 2018, p. 10).

A escola também constitui um contexto de significativa influência, onde a criança pode aprender habilidades sociais. Os professores devem estar atentos quando observam seus alunos e se caso percebam alguma criança tímida, devem dar a adequada atenção a isso e não, como muitos fazem apenas as qualificarem como quietas e até medrosas, pois se continuarem com essa ideia e não tomarem uma atitude que a ajude a se desenvolver melhor, apenas estarão contribuindo para o insatisfatório desenvolvimento interpessoal do aluno o que prejudica além de sua aprendizagem, sua formação social.

CONCLUSÕES

Frente a esse trabalho, percebe-se que a timidez é uma característica própria do ser humano, e não se limita a determinados contextos históricos ou culturais, pois é vivenciada por indivíduos em todas as sociedades. Por isso são necessários mais estudos específicos sobre a timidez e suas consequências.

Uma possível forma de buscar superar o sentimento de inadequação que a timidez pode acarretar é entender a origem dessas sensações, com a ajuda de um profissional da área de saúde mental. Quando a timidez passa a fazer a criança apresentar manifestações de ansiedade prejudicando seu dia a dia, ela se torna um grande problema e nessa hora a ajuda de um profissional é indispensável.

A timidez é um aspecto frequente na vida das pessoas e, muitas vezes, vista como algo negativo, por trazer várias dificuldades, como: interação tanto com a própria família quanto com colegas, professores e principalmente com pessoas estranhas o que conseqüentemente, prejudica a formação de novas amizades e relacionamento amoroso e, portanto, experimentar experiências que poderiam ser extraordinárias e ricas.

Conclui-se que a timidez pode influir de forma negativa e positiva no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Para superar estas dificuldades a escola e a família constituem espaços fundamentais para que a criança tímida se sinta

segura e motivada para seguir em frente nos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AXIA, Geovanna. **A timidez**: Um dote precioso do patrimônio genético humano. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2003.

CAMISÃO, Carlos, et al. O sofrimento silencioso da timidez: Série psicofarmacologia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 6, jun. 1994. Disponível em: <goo.gl/LzPwZv>, Acesso em: 21 abr. 2018.

OLIVEIRA, Maria Rosa de; SANTOS, Wenner Danielle Venâncio dos. **Timidez infantil no contexto familiar e escolar**: suas consequências. Porto, Portugal, 2018. Disponível em: <goo.gl/98tKT6>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO FORMAIS E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: ESFOR

Aglailton da Silva Bezerra; Universidade Estadual do Ceará
aglailtonsb@gmail.com

INTRODUÇÃO

As práticas educativas se manifestam em todos os espaços e realidades sociais independentes da institucionalização tradicional presente nas escolas (BRANDÃO). Desse modo, é comum presenciar manifestações educativas em outras instituições, tais como ONG's, Associações Comunitárias, movimentos sociais e equipamentos públicos (GONH).

Nesse sentido, o presente trabalho busca abordar as práticas educativas presentes na Política Pública de Assistência Social no município de Maracanaú, mas precisamente na unidade de atendimento CRAS – Centro de Referência de Assistência Social.

O CRAS é um equipamento vinculado a Política Pública de Assistência Social e atua no atendimento as famílias de uma determinada territorialização em situação de vulnerabilidade social, o mesmo desenvolve sua intervenção no sentido de prevenção e identificação das expressões da questão social diante do contexto apresentado.

O equipamento, enquanto unidade pública desenvolve ações interventivas com o foco central de ligação de sua existência com as demandas populares da comunidade, pelo qual apresenta características singulares e se diferencia dos demais territórios por ser fruto do desenvolvimento comunitário local, daí a importância da gestão do território, prática comum nesses equipamentos.

Dessa forma, o CRAS atua com direcionamentos pautados na defesa dos direitos humanos e olhar crítico diante das violações de direitos frutos da desigualdade social e hegemonia do sistema capitalista. Assim, o questionamento central deste

trabalho se fundamenta na seguinte problemática: os trabalhadores (as) do Sistema Único de Assistência Social - SUAS atuam numa proposta de defesa desses direitos humanos ou reproduzem técnicas?

A pesquisa se fundamenta na realização de um espaço de formação chamado EsFor – Espaço de Formação realizado no CRAS Mucunã localizado no bairro Luzardo Viana em Maracanaú. O EsFor, por sua vez, se consolidaria numa proposta educativa não formal atrelada a educação em direitos humanos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa presente é fruto de uma série de formações voltadas para o corpo profissional do CRAS Mucunã, onde sua ideia central seria pautar o debate sobre o trabalho social da unidade de atendimento diante das violações de direitos e perceber a concepção dos direitos humanos com o mesmo público. Os encontros aconteciam com uma periodicidade mensal no mesmo local de trabalho no turno da tarde, previamente organizado diante do maior número de violações presentes no território.

No tocante a metodologia a pesquisa se classifica como qualitativa, tendo como estratégia a observação direta e análise dos encontros realizados, três no total, assim como o uso de um questionário semiestruturado com as pessoas que ocuparam a função de comissão organizadora.

Assim, também foi feita uma análise a luz da bibliografia que discuta as categorias Assistência Social, educação não formal e educação em direitos humanos, como forma de fundamentação teórica da relação educativa presente no EsFor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação em direitos humanos busca, por meio de sua abordagem transpor uma concepção de coletividade pautada na singularidade do outro enquanto pessoa portadora de direitos e defesa de uma sociedade plural diante das diferenças existentes. O CRAS como equipamento social diante de realidades concretas reflexo de

desigualdade social apresenta em seu montante de serviços propostas que buscam trabalhar de acordo a materializar essa proposta educativa.

A articulação com a realidade comunitária e o desenvolvimento de olhares críticos, podendo fortalecer intervenções no cenário apresentado, não se distancia de uma proposta educativa. O CRAS pode ser visto como um equipamento que além do seu cotidiano institucional pautado no atendimento as famílias, encaminhamentos, concessão de benefícios e programas sociais também reflete o que é considerado como educação não formal, tendo em vista os saberes produzidos pela comunidade diante do referenciamento realizado.

Assim, é preciso pensar uma estratégia de formação continuada com o corpo de profissionais com o intuito de rever conceitos e atualizar debates imprescindíveis ao desenvolvimento das ações, sobretudo no desenvolvimento de ações voltadas para a materialização dos direitos humanos.

O EsFor, enquanto espaço formativo, representou uma estratégia autônoma da gestão municipal da referida política e alicerçou seu desenvolvimento na realização de encontros mensais que tinham como principal foco o combate as opressões e os direitos humanos, atrelado ainda com a necessidade de articulação com o público a ser atendido pelo equipamento.

Dessa forma, foram realizados três encontros pelo qual debateram os seguintes temas: combate à homofobia; juventudes periféricas, mulheres e combate ao racismo. Nesses momentos o corpo profissional parava suas funções centrais e se dirigiam para uma sala onde acontecia o encontro.

Observou-se ainda que as temáticas levantadas causaram incômodo a uma parcela de profissionais, tanto por não ter tido contato com esses debates anteriormente e por reproduzirem conceitos historicamente entendidos como verdadeiros ou certos, anulando qualquer possibilidade de outros olhares ou diversidade societária.

Nesse sentido, uma problemática central se apresenta: como os profissionais de uma política pública que atua no desenvolvimento de olhares críticos na defesa dos direitos não preparam ou forma seus profissionais no tocante ao seu público alvo de intervenção? O EsFor se apresentou como uma oportunidade de amadurecimento diante da educação em direitos humanos e direcionamento da educação não formal alicerçada na realidade comunitária.

Conforme afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu artigo I *todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade*, dessa forma o EsFor simbolizou uma prática educativa que buscasse alcançar esse olhar tendo como ponto de partida a igualdade entre as pessoas e a realidade de camadas em situação de vulnerabilidade e marginalização, tendo em vista a manifestação das expressões da questão social diante desse público a ser atendido (PASTORINI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação não formal se manifesta de modo a se articular com as conjunturas comunitárias e sociais, desse modo à mesma articula os saberes produzidos popularmente e intervém nesse mesmo meio. Assim, o CRAS na condição de equipamento social e público também se configura como um espaço de manifestação do que se considera por educação não formal e utiliza-se de características como a defesa dos direitos humanos, recorte direcionado com ênfase aos seus usuários.

O EsFor se apresentou como instrumento educativo na tentativa de massificação do conhecimento no tocante uma sociedade plural, onde os profissionais, alvo do projeto, tinham acesso a temáticas necessárias a consolidação de uma sociedade em harmonia onde a diferença em seu plural não se apresentava como ameaça e sim possibilidade.

Contudo, conclui-se que o EsFor teve uma repercussão positiva, mesmo causando estranhamentos e negação entre alguns profissionais. Além disso, questiona-se ainda a relação comunidade e direitos humanos percebidos pelos mesmos e o silenciamento dos gestores em relação a casos de violação de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas**. Brasília: ministério do desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59ª edição, São Paulo, Paz e Terra: 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8ª edição, São Paulo, Cortez: 2012.

PASTORINI, Alejandra. **A questão social em debate**. 2. ed. São Paulo, Cortez: 2010.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas. 10 dezembro 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm. Acesso em: 20 agosto de 2018.

A AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP)

Antonia Gizelle Costa Barbosa

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE
gizelle.barbosa@aluno.uece.br

Maria Aline da Silva

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC/UECE
maline.silva@uece.br

RESUMO: O estudo tem como objetivo central abordar as propostas do Projeto Político Pedagógico (PPP) para a Educação Infantil, buscando refletir como são estabelecidos os processos avaliativos para esse nível de ensino e a utilidade do que é exposto no PPP da instituição, destacando os métodos avaliativos utilizados. O trabalho foi realizado numa escola pública de Educação Infantil no município de Quixadá-CE, e teve amparo na pesquisa de campo, através de observações no Centro educacional; no estudo bibliográfico, com análise da produção teórica de autores que pesquisam na área; e documental, a partir da análise de como de alguns documentos, como: as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil, o Projeto Político Pedagógico (PPP da escola. A pesquisa evidenciou alguns aspectos, como interações e atividades externas; , métodos de avaliação utilizados em sala de aula; , abrindo discussão sobre o papel do Projeto Político-Pedagógico no interior da escola. Sendo destacado , que os métodos avaliativos presentes acabavam não sendo colocados em prática; , falta de espaço externo para realização de brincadeiras e momentos de interações; , e a insuficiência de materiais didáticos para as atividades lúdicas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Projeto Político Pedagógico (PPP). Processos Avaliativos.

INTRODUÇÃO

Visto que o Projeto Político Pedagógico (PPP) PPP exerce um papel importante nas instituições de ensino, se torna pertinente investigar como está se dando sua efetivação e que caminho o mesmo deve seguir para alcançar resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Sendo o PPP , entendido como alicerce da escola, que rege todas as esferas

envolvidas no processo, se torna mister ressaltar a importância que esse exerce, principalmente na Educação Infantil. Este nível de ensino, por sua vez, é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, como a primeira etapa da educação básica, devendo ser considerado a com mais importância, e tratada com uma maior preocupação, visto que, será o espaço onde a criança irá construir os elementos essenciais para seu desenvolvimento.

Em meio a isso, o presente estudo tem como objetivo abordar o que propõe o Projeto Político-Pedagógico (PPP) para a Educação Infantil, destacando os métodos avaliativos utilizados pela instituição de acordo com o documento, na procura de entender quais propostas, metas e objetivos busca, e como as mesmas estão sendo colocados em práticas.

O trabalho foi desenvolvido a partir de um estudo de caso no Centro Educacional Infantil-CEI São João, uma escola pública do município de Quixadá-CE, que presta atendimento a crianças de dois (2) e quatro (5) anos de idade. Entendemos ser pertinente um maior estudo sobre o papel do PPP dentro da escola, já que, o que ainda se observa, é uma pouca participação por parte dos membros das instituições em meio a sua utilização.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental. Sendo a pesquisa documental entendida como aquela que volta-se para materiais que não receberam ainda uma análise crítica e podem ser reformulados durante a pesquisa; e a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material existente, achado em livros ou artigos científicos (GIL, 2010). A partir disso, podemos ter um maior embasamento teórico sobre o posicionamento e ideias de outros autores acerca do tema, nos ancorando também no que diz os dispositivos legais e documentos.

Foram analisados alguns documentos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho, dentre esses, o Projeto Político-Pedagógico da escola, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil, e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) sendo a esfera que rege todo campo escolar, deve voltar-se para as reais necessidades da escola onde atua. Deve-se, portanto, estar especificado no PPP todas as metas e objetivos que a instituição deve seguir, sendo os mesmos elaborados “[...] num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar” (BRASIL, 2010, p. 13).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a proposta pedagógica da escola deverá está centrada em vários aspectos, e todos esses deverão favorecer o processo de ensino-aprendizagem da criança, respeitando todos os seus direitos.

De acordo com as observações, os métodos de avaliação proposto no PPP da escola pesquisada, assim como estabelece as Diretrizes, se dá por meio de processos, na procura de avaliar o desenvolvimento cognitivo, intelectual e social dos alunos durante o ano letivo. Sendo assim, a avaliação estabelecida pelos docentes não estará objetivada em processos seletivos, com relação a promoção ou classificação dos seus alunos, mas sim sobre o propósito de avaliar as características desenvolvidas pelos mesmos durante o percurso.

As Diretrizes estabelecem que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (DCN, 2010, p. 25). São considerados como aspectos a serem avaliados pelo professor o desenvolvimento motor, intelectual e social da criança. O Projeto Político-Pedagógico da escola, segue as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais, porém, acaba deixando a desejar quando é para ser posta na prática.

Durante as observações, a coordenadora relatou que o documento nunca tinha sofrido modificações. Observou-se que o problema da desatualização interferia negativamente no desenvolvimento do núcleo educacional, agindo contra o processo de ensino, e levando ao desgaste da educação posta em prática e dos profissionais que atuam na escola, impossibilitando o melhor desenvolvimento dos processos evolutivos da criança, conforme destaca Longhi e Bento (2006, p. 177):

O Projeto Político-Pedagógico é um documento que reflete a escola e

sua realidade, sendo que, com o tempo e as mudanças que acontecem na sociedade, é fundamental retomarmos as discussões sobre os objetivos e metas, para que ele reflita a escola como ela é, buscando melhoria na educação.

Por isso, antes de tudo, deve entender em qual espaço, sobre quais pessoas, e as classes sociais dessas, o Projeto Político-Pedagógico vai atuar, e assim não ir contra seus interesses. O documento exerce importante papel sobre seus membros, e assim se torna pertinente destacar que quando esse papel se inverte, acaba indo totalmente contra os princípios da escola, desconstruindo o que é efetivado dentro da instituição. Se torna essencial destacar isso, para o entendimento de que os processos que regem o sistema educacional, partindo de todos os campos, devem caminhar juntos, para se ter a eficácia da educação repassada naquele espaço.

RESULTADOS

A desatualização do PPP, de certo modo, coloca em contradição a “teoria” exposta no PPP com a “prática” que era colocada em sala. Dessa forma, se torna essencial estabelecer com isso uma visão ampla sobre a importância do documento e a utilização dos reais objetivos deste, dentro da sala de aula. Foi possível observar ainda os parâmetros que regem o Projeto Político Pedagógico da escola, como este está se organizando, e quais perspectivas estabelece, que venha a contribuir para o desenvolvimento educacional. No primeiro contato com a escola e o documento, observou-se algumas contradições em relação a utilização dessas propostas de avaliações, pois as atividades que deveriam acontecer na área externa da escola, não aconteciam, não havendo assim o desenvolvimento de aulas interativas e lúdicas, que favorecessem o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a isso, conclui-se o quanto é importante rever o papel que exerce o Projeto Político-Pedagógico dentro das instituições e os problemas que a desatualização

do mesmo pode trazer para os níveis de ensino, particularizando aqui a Educação Infantil. É importante rever seus conceitos, já que em meio a esse documento estará presente também os métodos a serem utilizados em sala, dentre outros fatores, essenciais para a instituição.

REFERÊNCIAS

- BETINI, G. A. **A construção do projeto político-pedagógico da escola.** *Rev. Pedag. UNIPINHAL*, 1(3), 37-44, 2005.
- BRASIL. B.M.E. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- EDUCAÇÃO, Portal, (2013). **A educação infantil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-educacao-infantil-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional/42675>> Acesso em 05 de Novembro de 2017.
- GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2010.
- LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção coletiva.** *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG 3.9* (2006): 1-26.
- LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção coletiva.** *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG 3.9* (2006): 1-26
- SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** Autores Associados, 1997.

IBIAPINA UMA CIDADE FESTIVA - FORRÓDIA

Antonia Gizelle Costa Barbosa
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE
gizelle.barbosa@aluno.uece.br
Maria Aline da Silva
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC/UECE
maline.silva@uece.br

RESUMO

O estudo tem como objetivo central abordar as propostas do Projeto Político Pedagógico (PPP) para a Educação Infantil, buscando refletir como são estabelecidos os processos avaliativos para esse nível de ensino e a utilidade do que é exposto no PPP da instituição, destacando os métodos avaliativos utilizados. O trabalho foi realizado numa escola pública de Educação Infantil no município de Quixadá-CE, e teve amparo na pesquisa de campo, através de observações no Centro educacional; no estudo bibliográfico, com análise da produção teórica de autores que pesquisam na área; e documental, a partir da análise de como de alguns documentos, como: as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola A pesquisa evidenciou alguns aspectos, como interações e atividades externas; , métodos de avaliação utilizados em sala de aula; , abrindo discussão sobre o papel do Projeto Político-Pedagógico no interior da escola. Sendo destacado que os métodos avaliativos presentes acabavam não sendo colocados em prática; , falta de espaço externo para realização de brincadeiras e momentos de interações; , e a insuficiência de materiais didáticos para as atividades lúdicas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Projeto Político Pedagógico (PPP). Processos Avaliativos.

INTRODUÇÃO

Visto que o Projeto Político Pedagógico (PPP) PPP exerce um papel importante nas instituições de ensino, se torna pertinente investigar como está se dando sua efetivação e que caminho o mesmo deve seguir para alcançar resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Sendo o PPP , entendido como alicerce da escola, que rege todas as esferas envolvidas no processo, se torna mister ressaltar a importância que esse exerce,

principalmente na Educação Infantil. Este nível de ensino, por sua vez, é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, como a primeira etapa da educação básica, devendo ser considerado a com mais importância, e tratada com uma maior preocupação, visto que, será o espaço onde a criança irá construir os elementos essenciais para seu desenvolvimento.

Em meio a isso, o presente estudo tem como objetivo abordar o que propõe o Projeto Político-Pedagógico (PPP) para a Educação Infantil, destacando os métodos avaliativos utilizados pela instituição de acordo com o documento, na procura de entender quais propostas, metas e objetivos busca, e como as mesmas estão sendo colocados em práticas.

O trabalho foi desenvolvido a partir de um estudo de caso no Centro Educacional Infantil-CEI São João, uma escola pública do município de Quixadá-CE, que presta atendimento a crianças de dois (2) e quatro (5) anos de idade. Entendemos ser pertinente um maior estudo sobre o papel do PPP dentro da escola, já que, o que ainda se observa, é uma pouca participação por parte dos membros das instituições em meio a sua utilização.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental. Sendo a pesquisa documental entendida como aquela que volta-se para materiais que não receberam ainda uma análise crítica e podem ser reformulados durante a pesquisa; e a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material existente, achado em livros ou artigos científicos (GIL, 2010). A partir disso, podemos ter um maior embasamento teórico sobre o posicionamento e ideias de outros autores acerca do tema, nos ancorando também no que diz os dispositivos legais e documentos.

Foram analisados alguns documentos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho, dentre esses, o Projeto Político-Pedagógico da escola, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil, e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) sendo a esfera que rege todo campo escolar, deve voltar-se para as reais necessidades da escola onde atua. Deve-se, portanto, estar especificado no PPP todas as metas e objetivos que a instituição deve seguir, sendo os mesmos elaborados “[...] num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar” (BRASIL, 2010, p. 13).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a proposta pedagógica da escola deverá está centrada em vários aspectos, e todos esses deverão favorecer o processo de ensino-aprendizagem da criança, respeitando todos os seus direitos.

De acordo com as observações, os métodos de avaliação proposto no PPP da escola pesquisada, assim como estabelece as Diretrizes, se dá por meio de processos, na procura de avaliar o desenvolvimento cognitivo, intelectual e social dos alunos durante o ano letivo. Sendo assim, a avaliação estabelecida pelos docentes não estará objetivada em processos seletivos, com relação a promoção ou classificação dos seus alunos, mas sim sobre o propósito de avaliar as características desenvolvidas pelos mesmos durante o percurso.

As Diretrizes estabelecem que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (DCN, 2010, p. 25). São considerados como aspectos a serem avaliados pelo professor o desenvolvimento motor, intelectual e social da criança. O Projeto Político-Pedagógico da escola, segue as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais, porém, acaba deixando a desejar quando é para ser posta na prática.

Durante as observações, a coordenadora relatou que o documento nunca tinha sofrido modificações. Observou-se que o problema da desatualização interferia negativamente no desenvolvimento do núcleo educacional, agindo contra o processo de ensino, e levando ao desgaste da educação posta em prática e dos profissionais que atuam na escola, impossibilitando o melhor desenvolvimento dos processos evolutivos da criança, conforme destaca Longhi e Bento (2006, p. 177):

O Projeto Político-Pedagógico é um documento que reflete a escola e sua realidade, sendo que, com o tempo e as mudanças que acontecem na sociedade, é fundamental retomarmos as discussões sobre os objetivos e

metas, para que ele reflita a escola como ela é, buscando melhoria na educação.

Por isso, antes de tudo, deve entender em qual espaço, sobre quais pessoas, e as classes sociais dessas, o Projeto Político-Pedagógico vai atuar, e assim não ir contra seus interesses. O documento exerce importante papel sobre seus membros, e assim se torna pertinente destacar que quando esse papel se inverte, acaba indo totalmente contra os princípios da escola, desconstruindo o que é efetivado dentro da instituição. Se torna essencial destacar isso, para o entendimento de que os processos que regem o sistema educacional, partindo de todos os campos, devem caminhar juntos, para se ter a eficácia da educação repassada naquele espaço.

RESULTADOS

A desatualização do PPP, de certo modo, coloca em contradição a “teoria” exposta no PPP com a “prática” que era colocada em sala. Dessa forma, se torna essencial estabelecer com isso uma visão ampla sobre a importância do documento e a utilização dos reais objetivos deste, dentro da sala de aula. Foi possível observar ainda os parâmetros que regem o Projeto Político Pedagógico da escola, como este está se organizando, e quais perspectivas estabelece, que venha a contribuir para o desenvolvimento educacional. No primeiro contato com a escola e o documento, observou-se algumas contradições em relação a utilização dessas propostas de avaliações, pois as atividades que deveriam acontecer na área externa da escola, não aconteciam, não havendo assim o desenvolvimento de aulas interativas e lúdicas, que favorecessem o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a isso, conclui-se o quanto é importante rever o papel que exerce o Projeto Político-Pedagógico dentro das instituições e os problemas que a desatualização do mesmo pode trazer para os níveis de ensino, particularizando aqui a Educação Infantil. É importante rever seus conceitos, já que em meio a esse documento estará presente também os métodos a serem utilizados em sala, dentre outros fatores,

essenciais para a instituição.

REFERÊNCIAS

BETINI, G. A. **A construção do projeto político-pedagógico da escola.** *Rev. Pedag. UNIPINHAL*, 1(3), 37-44, 2005.

BRASIL. B.M.E. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

EDUCAÇÃO, Portal, (2013). **A educação infantil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-educacao-infantil-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional/42675>> Acesso em 05 de Novembro de 2017.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2010.

LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção coletiva.** *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG 3.9* (2006): 1-26.

LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção coletiva.** *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG 3.9* (2006): 1-26

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** Autores Associados, 1997

CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL- PET PEDAGOGIA

Ana Carvalho de Sousa (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA) e-mail:
anasousac05@gmail.com

Mábia Pereira de Araújo (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA) e-mail:
mabia.araujo10@hotmail.com

José Reginaldo Feijão Parente (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA) e-mail:
reginaldo.fp@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância do Programa de Educação Tutorial (PET) na formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, tendo em vista a articulação da tríade ensino, pesquisa e extensão e de suas atividades desenvolvidas nos espaços extraescolares.

Poucos sabem que atuação do pedagogo vai além do horizonte escolar, onde seu papel não se resume apenas em lecionar para crianças na Educação infantil e no ensino Fundamental,. Entretanto, o universo de atuação possível da Pedagogia é extenso. Em razão disto o PET é visto com bons olhos por docentes e discentes, pois dá suporte aos acadêmicos a vivenciarem práticas sociais através de atividades que são desenvolvidas nas instituições escolhidas pelos grupos tutoriais (proposta organizativa do PET Pedagogia/UVA), tais como atualmente na APAE, Abrigo São Francisco e na Casa Acolhedora do Arco. “O Programa de Educação Tutorial – PET é um programa que visa proporcionar uma formação ampla e de qualidade a alunos de graduação das Instituições de Ensino Superior”. (MARTIN, 2005, p. 09)

O PET Pedagogia da UVA, reúne 12 alunos bolsistas e mais 4 voluntários, em média os alunos tem permanecido por cerca de 2 anos. Os petianos se dividem em três grupos tutoriais, são eles: Devir, Práxis e Ethos, e são supervisionados por um professor que desempenha o papel de tutor. Cada grupo é direcionado a uma instituição para que possa desenvolver atividades sociais com o objetivo de contribuir de modo positivo no

espaço escolhido e, conseqüentemente adquirir conhecimentos e experiências para a formação profissional.

Desta forma, este trabalho possui grande relevância ao apresentar a importância do programa dentro da universidade e também para a comunidade, pois capacita o acadêmico a ter uma visão diferente do papel do pedagogo que não é apresentado em sala de aula, tornando-o sujeito crítico, ativo e participativo.

De acordo com a Portaria nº 9394/96, da SESUnO seu artigo 1º (apud *APUD MARTIN*, 2005, p. 05):

O Programa de Educação Tutorial – PET é integrado por grupos tutoriais de aprendizagem e busca propiciar aos alunos de cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior – IES, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, que complementam a sua formação acadêmica.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo configura-se em um relato de experiência proveniente do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. A proposta do PET é contribuir para a formação de profissionais participativos, críticos, éticos, e atuantes na sociedade. Segundo Martins (2007, p. 03):

Nesse sentido, a Educação Tutorial caracteriza-se como uma metodologia de ensino com sérios compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais, que se efetiva por meio de grupos de aprendizagem, constituídos por estudantes, sob a orientação de professores tutores. As atividades realizadas no âmbito da educação tutorial se identificam como extracurriculares e são, em geral, complementares à formação acadêmica.

As reuniões gerais são realizadas quinzenalmente. Nesses encontros formam-se rodas de conversas entre petianos e o tutor responsável, onde cada grupo tutorial relata suas experiências, dificuldades encontradas e atividades realizadas nas instituições, são

tomadas decisões em coletivo, se planeja, avalia, além também de ser um momento para a realização de estudos onde as temáticas surgem em função das atividades realizadas pelos grupos tutoriais.

A escolha das instituições é feita a partir do interesses dos membros do PET com apoio do professor tutor. Definida a instituição, inicia-se o processo de territorialização, onde o grupo vai até a instituição para conhecer, estudar e analisar o local e a realidade territorial (perfil da comunidade, equipamentos sociais disponíveis no território, história da instituição, projetos existentes, entre outros). Por conseguinte, o grupo tutorial discute a respeito de como o programa pode contribuir no lócus, para assim desenvolver projetos e atividades que atendam às necessidades encontradas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os grupos tutoriais, ao irem às suas respectivas instituições para desenvolver projetos e atividades, contribuem na melhoria dos espaços, uma vez que voltam atenção nas carências e dificuldades ajudando o grupo a refletir sobre sua realidade, seja com as crianças, adolescentes ou os pais. É viável destacar as transformações positivas tanto dos locais e suas clientelas como dos petianos ao relacionarem-se, visto que ambos aprendem um com o outro.

Outro aspecto de grande importância do PET é fato de tratar-se de um programa completo no que diz respeito a tríade pesquisa, ensino e extensão, cobrados pela Universidade para a conclusão de Curso. Para Gonçalves (2015) o objetivo das Universidades a respeito desta tríade é desenvolver um papel social na formação acadêmica com intuito de atender as necessidades sociais. Este tripé é vivenciado dentro deste de maneira significativa, os petianos estão a todo momento pesquisando atividades que possam ser aptas à realidade de cada instituição, informações relevantes que enriqueçam seus conhecimentos teóricos, locomovem-se até os bairros que cada lócus estão inseridos, podendo assim perceber as comunidades que fazem parte e por

fim, aplicam atividades (brincadeiras, rodas de conversas, reuniões, oficinas, entre outros).

4 CONCLUSÕES

Conclui-se portanto, que o referente trabalho visou abordar as contribuições do Programa de Educação Tutorial para a formação acadêmica e profissional, pontuando, destacando e argumentando cada uma delas. Com base no que foi apresentado, torna-se claro a importância do PET para o curso de Pedagogia da UVA, visto que o acadêmicos tornam-se profissionais participativos, críticos, éticos, e atuantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

MARTIN, M. G. M. B. O. O Programa de Educação Tutorial–PET: Formação ampla na graduação. **Ministério da Educação. Poder Executivo, DF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php>**, 2005.

MARTINS, Iguatemy L. Educação Tutorial no ensino presencial: uma análise sobre o PET. **PET–Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação**, 2007.

MEMÓRIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE RAIMUNDO CARNEIRO: “CONSTRUÇÃO E DESEJO EM BUSCA DE CONHECIMENTO”

Francisca Batista de Carvalho Albuquerque (UVA)
franciscaalbuquerque.carvalho@gmail.com
Denilson Fernandes de Aguiar (UVA)
denilson_aguiar123@hotmail.com

1 Introdução

O referido trabalho tem como objetivo, resgatar a experiência de Raimundo Carneiro, homem simples do sertão de Coreaú-CE, não escolarizado, a partir de seus documentos pessoais – livros escritos a próprio punho –, que retratavam os sonhos que escutava de seus familiares e vizinhos e os interpretava de modo profético, atribuindo-lhes a significados específicos, conforme relatos pessoais de seus familiares. Também realizamos entrevistas com alguns membros de sua família, especialmente com um dos netos que guarda pequeno acervo de produção escrita artesanal, cujos relatos retratam como ocorreu a alfabetização de seu avô, a contribuição que ele deixou para sua comunidade – Raposa, Coreaú-CE–, e a importância para a família levando em conta a época em que ele viveu..

2 Metodologia

Raimundo Carneiro, interpretador de sonhos e analfabeto, é aqui apresentado a partir de um recorte de sua história de vida na sua escrita autobiográfica, resgatada através de pesquisa exploratória realizada por pesquisadores, discentes e docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA – autores deste resumo –, cuja questão norteadora da pesquisa foi: até que ponto sua apresentação é constituída por sua vivência no passado? Gostaríamos de aprofundar esse questionamento, pautados na concepção fenomenológica, a respeito da relação dialética entre vivenciar, lembrar e narrar. Diante de relatos de seus familiares, residentes na cidade de Coreaú-CE, passamos a descrever o processo e a construção da alfabetização escrita de um homem simples, que nunca frequentou a Escola, e a partir da qual retrata a cultura local da

época, bem como a força do desejo pessoal de se alfabetizar e escrever um livro a próprio punho.

3 Resultados e discussões

Nos relatos orais as pessoas entrevistadas afirmaram que as suas interpretações de sonhos se materializavam, quase de modo profético, o que confirma a veracidade dos fatos relatados e escritos, quando confrontados. Uma das netas de Raimundo Carneiro assim relata num de nossos contatos: “Uma vez seu filho contou sobre um sonho que teve com isso meu avô o escreveu e assim interpretou que o mesmo moraria próximo a um rio e realmente este sonho foi realizado até hoje existe a casa que seu filho morou perto deste rio que hoje seu neto está morando”.

Raimundo também relatava seus sonhos, um deles dizia:

[...] =28= Sonhei em 1933 estando no pé da serra, vi um cavaleiro pelo ar, a base o das nuvens: viajando no nascente para o puento, conduzindo uma grande maca agarupa: acavallo russo na melhor estrada, e passou e seguiu para o puento, o cavaleiro todo de branco (*sic!*).

Muitos de seus sonhos existiam significados para o próprio que ele mesmo interpretava. Logo um dos seus primeiros relatos seria a oração do “pai nosso”, uma oração que ele mesmo pedia, à sua maneira, proteção contra os inimigos e males. Um homem humilde e muito religioso, viúvo muito cedo, começando assim a escrever relatos de sonhos, alguns bons e outros ruins, mas que para Raimundo havia significados e precisavam ser registrados. Para afirmar o quanto era religioso um de seus sonhos era sobre esperança e fé, Dizia:

[...] =45= sonho de esperança e fé. Hoje 24 de dezembro de 1935 sonhei das 4 horas, a 5 da manhã: que vi nomerado em papel límpido: 1.2.3.4.5. e depois mais adiante destes nomeros =7 vi tudo assim 1.2.3.4.5.=7 e tive logo o significado: os 5 primeiros nomeros é que tumando 5 cerca de café com intervalo de 3 minutos, de uma a outra: alcançava a graça de ficar quazi em estado de não percizar mais de alimento para viver. E tomando o nomero =7 ficava completamente purificado vivendo sem precisar dicumer e beber. A circa o nomero 7 sendo 5 vezis mais forte das nomeros 5. (*sic*)

Contudo a importância de entender e guardar estes acervos são propriamente essenciais para saber a cultura da família naquela época da existência de Raimundo Carneiro, que estes escritos mostram o tão presente expressão do autor ao escrever seus sonhos, e de seus familiares e a fé existente, assim é de extrema importância explorar e observar o que mais estes acervos nos traz a respeito de sua vida e propriamente heranças de escritas da época.

4 Considerações parciais

O enfoque da pesquisa biográfica possibilita a percepção tanto de padrões interpretativos atuais ou perspectivas subjetivas dos agentes no cotidiano quanto de suas histórias de ação entrelaçadas com o universo social. Analisando os relatos dos familiares, percebemos que para eles o livro autobiográfico do seu antepassado é um registro vivo de memórias, pois a partir dos seus escritos sobre suas vivências e experiências, perpetuam um conhecimento que perpassa muitas gerações, revelam seus costumes, desejos e pensamentos com base no contexto cultural da sua época.

5 Referências

CANEIRO, **Raimundo 1928**, Coreaú-CE, s/d.

CHAGAS, Mário. **Memória e Poder**: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 19, n. 19, June 2009.

A LINHA DO TEMPO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO ATRAVÉS DA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Antonio Morais da Costa
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA
moraisfruticultura@gmail.com
André Muniz de Oliveira
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA
oandre311@gmail.com
Andrea Abreu Astigarraga
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA
astigarragaandrea@yahoo.com

A ideia de trabalhar com a memória em sala de aula, torna-se para muitos, no decorrer do registro da Linha do Tempo, a construção de um momento de experiência enriquecedora ou até mesmo um instante de transformação na vida de quem a faz. Além disso, essa etapa de recordação faz o indivíduo reconhecer-se como sujeito e agente histórico. Contextualizar os acontecimentos do passado, fazendo pontes com o momento presente, demonstra o quanto o estudo e a pesquisa(auto)biográfica são dignos de reconhecimento e são imprescindíveis para compreendermos o momento em que vivemos.

Em que medida a narrativa autobiográfica pode ser um instrumento pedagógico-didático no curso de pedagogia? O ponto de partida para elaboração dessa linha do tempo surgiu como sugestão da professora orientadora deste estudo, durante a disciplina Desenvolvimento Infantil, no segundo período do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Na ocasião, fizemos uma *narrativa de si*, resgatando informações e lembranças, nos fazendo perceber o quanto essas memórias são importantes para compreendermos o que somos hoje, pois as diversas etapas vivenciadas por nós, quando reativadas e lembradas servirão como base para entendermos e até mesmo nos surpreendemos com as transformações ocorridas com o passar dos anos. Portanto, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar a Linha do

Tempo realizada em sala de aula, na disciplina de Desenvolvimento Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú e transformada em pesquisa (auto)biográfica por dois universitários da turma e apresentá-la como proposta pedagógica-didática para o curso de pedagogia e demais licenciaturas.

Na compreensão dialógica de Bakhtin, a memória situa-se no espaço de: “[...] criação e recriação do sujeito [que reflete] o interior de cada um. Uma realidade que está também fora do sujeito que é histórica e social” (CASTRO; SOUZA, 1995, p.120). Mas, para ir aos arquivos da memória, Bachelard indica que: “[...] é preciso reencontrar para além dos fatos, valores” (1996, p.99).

O papel da didática, segundo Libâneo (1994, p. 34): “[...] é um processo de ensino e aprendizagem que toma em seu conjunto os objetivos educativos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino e meios que mobilizam o aluno para um estudo ativo”. A abordagem metodológica é a pesquisa (auto)biográfica, pois esta: “[...] instala uma hermenêutica da ‘história de vida’, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo” (DELORY-MOMBERGUER, 2008, p. 23).

Este estudo partiu da necessidade de apresentar a Linha do Tempo com os dados pessoais e fatos marcantes de duas vidas, suas autobiografias – Morais e André, por intermédio da disciplina de Desenvolvimento Infantil, do 2º período, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Essas histórias dizem do acesso à educação aos jovens que tem se respeitado seu direito de acesso à escola básica e à formação intelectual, e também das transformações pessoais, culturais e sociais, oportunizadas através de suas vivências acadêmicas.

Linha do tempo de André



Linha do tempo de Antonio



Enfatizamos, ainda, que é de suma importância trabalhar com metodologias que façam com que os alunos conheçam sua própria história de vida, como a confecção da Linha do Tempo, os elucidando ao curso de sua vida: nascimento, infância, adolescência e vida adulta, tal método de narrar a vida, colabora para que o sujeito narrador veja o processo revelador de sua história, obtendo, nessa perspectiva, o conhecimento de si mesmo, e que ao mesmo tempo percebam a experiência em formação que há por meio de sua (auto)biografia.

Referências

FRANÇA, Denise Medeiros. **Reflexão sobre a linha do tempo da vida**. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/reflexao-sobre-a-linha-do-tempo-da-vida/81083/> acesso em: 14 dezembro 2017

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOMBERGUER, Christine Delory. **BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: Figuras do indivíduo-projeto**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2008.

PIMENTA, S.G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351> acesso em: 02 janeiro 2018

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Arlete Vieira da. **A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM ESCRITAS NARRATIVAS: A dimensão autopoietica**. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152_590.pdf. acesso em: 21 janeiro 2018

**A IMPORTÂNCIA DO NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDO EM SAÚDE DO
HOMEM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS ALUNOS DE ENFERMAGEM
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFANOR WYDEN**

Raquel Figueiredo Barretto⁶¹

1. INTRODUÇÃO

Nas instituições privadas de ensino, os grupos de estudo e pesquisa têm surgido como uma alternativa para complementar os conteúdos vistos em sala de aula e desenvolver/aprimorar habilidades e para fomentar a cultura da pesquisa.

O curso de enfermagem do centro universitário Unifanor Wyden teve seus trabalhos iniciados em 2008. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) defende a articulação irrestrita entre ensino pesquisa e extensão, oportunizando aos alunos a vivência acadêmica em atividades complementares, a exemplo de projetos de iniciação científica, extensão e monitoria. A formação pretendida tem por base os quatro pilares do processo de trabalho em saúde/enfermagem, conforme Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. (BRASIL, 2001): cuidar, gerenciar, ensinar e investigar

Neste contexto, o presente artigo visa apresentar a importância do NUPESH (NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDO EM SAÚDE DO HOMEM) na formação dos futuros enfermeiros.

2. METODOLOGIA

Foi realizada, no primeiro semestre de 2018, uma pesquisa de campo, do tipo exploratória- descritiva com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados mediante análise documental e rodas de conversa com os alunos integrantes do grupo.

⁶¹ Docente do Centro Universitário Unifanor Wyden - raquel.barretto@unifanor.edu.br

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O grupo de estudo e pesquisa NUPESH foi criado em 2013 pelos professores do curso de enfermagem em respeito ao PPC do curso e as diretrizes de pesquisa da IES.

“A participação de acadêmicos em grupos de pesquisa favorece uma visão ampliada do processo de pesquisa, uma vez que produz vínculo e intimidade com o tema abordado e com os professores-pesquisadores integrantes do grupo” (KRAHL et al, 2008). Uma vez selecionados para o grupo (há um edital publicado no início de cada semestre letivo), os alunos têm contato com todas as fases da pesquisa científica: da concepção do problema de pesquisa, consulta nas bases eletrônicas de dados para fins de fundamentação teórica, escrita, revisão e apresentação do trabalho em eventos.

No ano de 2018, o NUPESH tinha, frequentando assiduamente as reuniões do grupo (que ocorrem todas às quartas-feiras de 11h até 12:30h) 10 alunos (de vários semestre do curso) e 2 professoras-responsáveis.

No grupo há alunos dos semestre iniciais do curso pois, assim como para Araujo et al (2015), percebe-se a necessidade de incentivar a pesquisa científica desde os primeiros semestres no que se refere ao conhecimento, importância e realização desta atividade. Tão importante quanto adquirir o conhecimento exposto nos livros de metodologia científica, é despertar a motivação para realizar pesquisa, propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno.

Os dados deste estudo mostram que o grupo exerce forte influência nos discentes desde a escolha da temática do TCC até os congressos para o qual os trabalhos do grupo são submetidos, contribui (e muito!) para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e interpessoais.

Há ainda a preocupação dos discentes com o futuro acadêmico, pois eles sabem que a participação num grupo de estudo, bem como as produções científicas oriundas das discussões do grupo, é importante para uma seleção de pós-graduação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Grupo tem sido muito importante e motivadora para a graduação em enfermagem, contribuindo para a formação de graduandos na iniciação científica, preparando-os para a continuidade da carreira acadêmica em cursos de pós-graduação.

Acredita-se, assim como Krahl et al (2009) que as oportunidades acadêmicas oferecidas na graduação, especialmente nos grupos de pesquisa, resultarão em maiores possibilidades aos futuros enfermeiros de inserir a pesquisa na sua prática diária, independentemente de sua área de atuação.

5. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Alyne Mágda de Lima; MORAIS, Huana Carolina Cândido; VASCONCELOS, Hérica Cristina Alves de, RABELO, Juliana Castelo; SANTOS, Renara Xavier Lima dos; HOLANDA, Rose-Eloíse Holanda. A PESQUISA CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL . 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10716/11800>. Acesso em 16. jul. 2018.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. 2001. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: Acesso em 16. jul. 2018.

KRAHL, Mônica Krahl Mônica; SOBIESIAK, Eliane Flora; POLETTO, Denise Sain; GRUER, Rodrigo; CASARIN, Rodrigo Guerra; KHOPF, Luciane Apolinário, CARVALHO, Juliana de; MOTTA, Liriane Andrade. Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. Rev Bras Enferm, Brasília 2009 jan-fev; 62(1): 146-50. <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/23.pdf>. Acesso em 16. jul. 2018.

MEDEIROS, Dulcian de Azevedo; MIRANDA, Cristyanne Samara de Holanda, SOUZA Roberta Kaliny Costa de. A importância do grupo de pesquisa na formação em enfermagem: uma experiência na graduação. Saúde & Transformação Social / Health & Social Change [en línea] 2013, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265325753002>>. Acesso em 16. jul. 2018.

ANÁLISES E DESCRIÇÃO DE ANAMNESES PSICOPEDAGÓGICAS

Ana Carolane Fernandes de Sousa
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
carolane.fernandes@outlook.com
Ana Carvalho de Sousa
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
anasousac05@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar dados sobre anamneses psicopedagógicas de crianças e pré-adolescentes entre 5 e 12 anos de idade, que residem na região Norte do estado do Ceará, enfocando o processo de desenvolvimento, abordando aspectos familiares, gestação, doenças, desenvolvimento físico, psicológico e motor, além da aprendizagem social e escolar.

A pesquisa foi elaborada a partir dos estudos de anamneses aplicadas por acadêmicos do 2º período do curso de Pedagogia, na disciplina Desenvolvimento Infantil, na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA, no período de 2017.2. As anamneses foram aplicadas com as mães de crianças residentes em vários municípios da região Norte, tais como Sobral, Hidrolândia, Viçosa do Ceará, Frecheirinha, Reriutaba e etc.

A relevância desta pesquisa está em conhecer as fases do desenvolvimento infantil, seus aspectos e contribuições na formação de educadores do curso de Pedagogia, considerando que exerceremos a docência na educação infantil e nas séries iniciais. Segundo Ederlene(1987, p.18):

A utilidade do estudo da evolução do ser humano varia em função do objetivo que se tem presente. Dessa forma, aos pais a utilidade pode residir na necessidade de compreender mais profundamente as reações de seus filhos, evitando incorrer em erros que possam comprometer o desenrolar sadio de suas personalidades. Aos professores a utilidade pode prender-se à

necessidade de determinar valores e normas de intervenção adequadas, de forma que essa intervenção não venha a se constituir num obstáculo harmonioso das potencialidades de seus educandos. O acervo de conhecimentos sobre desenvolvimento da personalidade enseja, assim, a ambos, pais e professores intervirem em função de uma saúde e não apenas em função de um bem ou de um mal. Em outras palavras, em função de uma higiene psicológica, cuja profilaxia podem tentar formular e propor.

Diante disso é importante a formulação de alguns questionamentos a respeito como: Quem são, como vivem, como se relacionam, como brincam, estudam e em que medida esse levantamento nos ajuda a conhecer melhor crianças e pré-adolescentes residentes em alguns municípios da região Norte do estado do Ceará.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de abordagem qualitativa. O procedimento metodológico foi a aplicação de anamneses pedagógicas, durante a disciplina de Desenvolvimento Infantil, do curso de graduação em Pedagogia da UVA, no período de 2017.2. A anamnese continha 11 páginas, onde abordava perguntas sobre o desenvolvimento psicomotor da criança, o histórico escolar, seus dados pessoais e emocionais, etc. As anamneses foram aplicadas através dos universitários da turma com as mães das crianças. Após essa aplicação, através da monitoria na mesma disciplina, organizamos e analisamos os dados.

Resultados e discussões

Selecionamos e analisamos 15 anamneses, sendo elas de 7 meninos e 6 menina. A faixa etária varia de 5 a 12 anos de idade. As crianças estão cursando do Infantil V ao 7º ano do ensino fundamental. Não apresentam problemas escolares. O perfil das mães entrevistadas é: faixa etária entre 28 a 46 anos de idade. As suas profissões são: domésticas, recepcionistas, agricultoras e algumas delas estão desempregadas.

Com relação a gestação das entrevistadas: 69% não planejaram a gravidez e 31% foram planejadas. Relatam que quando descobriram a gravidez ficaram muito felizes, mesmo não tendo planejado. O acompanhamento médico, os pré-natais, nos

Centros de Saúde da Família - CSF - foi de 100%. Entre as mães, 40% tiveram parto normal, 40% tiveram parto cesariano e 20% não citaram.

O período de amamentação de seus filhos (as) variou de 6 meses a 3 anos de idade. O tempo em que seus filhos deixaram de fazer o uso da fralda têm uma variação entre um a cinco anos de idade. Como relatado pelas mães, o período em que os filhos deram os primeiros passos variam de 9 meses a 1 ano e 5 meses. O período em que os filhos disseram as primeiras palavras variou de 9 meses a 1 ano e 3 meses. A idade em que as crianças deixaram de dormir com os pais variou de 4 a 8 anos de idade. E relacionado ao fato de as crianças terem algum tipo de estímulo pedagógico em casa, todas as crianças recebiam este estímulo.

Conclusão

Concluimos, portanto, que a referente pesquisa foi de grande importância, pois permite uma melhor compreensão acerca do tema desenvolvimento infantil, através da aplicação de um instrumento de coleta de dados com itens que visam conhecer o contexto pessoal, escolar e familiar na qual as crianças estão inseridas. Para nós, como acadêmicos do curso de Pedagogia, podermos relacionar estudos teóricos com a realidade das crianças, para assim entender e criar propostas que sejam significativos para suas realidades e assim promover uma educação que visa o bem estar do aluno.

Referências

ENDERLE, Carmen. **Psicologia do desenvolvimento:** o processo evolutivo, da criança. Porto Alegre, artes médicas, 1987.

CONSTRUÇÃO DE SABERES: O PEDAGOGO EM RETALHOS

Lenice Sales de Moura
Universidade Estadual do Ceará - UECE
lenicesales@gamil.com
Thais de Sousa Florêncio
Universidade Estadual do Ceará - UECE
thaissousaf@homi.com
Michelline da Silva Nogueira
Universidade Estadual do Ceará – UECE
michellinequeiroz@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

As políticas sociais seguem com o capitalismo, não apenas uma relação de âmbito geral, mas também, específicas, isto é, relações peculiares e diferentes, de acordo com as mudanças pelas quais defendidas pelo passa próprio capitalismo, cujas formas de desenvolvimento engendram formas próprias de políticas sociais. No entanto, essas formas próprias de políticas sociais no Brasil apresentam uma profunda lacuna entre a lei e sua efetivação.

Constata-se ainda, o descompasso entre a política social e sua operacionalização, desresponsabilizando o Estado para com as políticas sociais e, em particular, à política de assistência social. Essas políticas por sua vez, são responsáveis pelos programas e projetos sociais, cuja finalidade surge como ação política, voltada para o desenvolvimento do capitalismo, com ação pública situando-se no campo das relações e conflitos nas relações de produção.

A atuação da figura do pedagogo social na assistência social é central nesta pesquisa, que tem por intenção expor novas áreas em que o pedagogo pode atuar no desenvolvimento do processo de trabalho, à luz das competências necessárias ao exercício da função do pedagogo social.

Neste cenário, a tarefa do pedagogo também se modifica e sua profissão se torna estratégica. Ao contrário de outras áreas que perdem seu espaço ou são limitadas pela especialização; para o pedagogo abre-se um raio de atuação cada vez maior como,

por exemplo, na saúde, no lazer, no judiciário, junto a organizações não governamentais, nos órgãos públicos que demandam práticas educativas não formais.

Muitos duvidam da capacidade dos pedagogos de trabalharem em áreas extraescolares, como na área da saúde, surgindo questionamentos: o que pode dizer um Pedagogo em espaços não escolares? Quais seriam estes espaços? Que tipo de trabalho o Pedagogo desenvolveria na área da assistência social? Qual a necessidade de um profissional da área da Pedagogia em áreas diferentes? Qual a importância de ter um pedagogo na área da assistência social?

No intuito de alcançar os objetivos propostos no presente estudo, procurou-se pesquisar sobre a formação do pedagogo com relação à docência; a atuação do pedagogo nos espaços não escolares ou não formais; o pedagogo no espaço da educação e assistência social.

2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, com abordagem qualitativa a partir do estudo de caso. Os instrumentos utilizados para coleta dos dados são: observação participante, momento onde o pesquisador entra em contato com o objeto, podendo realizar intervenções; como também a entrevista semiestruturada na qual é ideal pelo fato de ir um tanto além do esperado, puxando dos entrevistados suas reservas complexas sobre o tema abordado.

O cenário da pesquisa foi a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Sustentável e Assistência Social, localizada no Município de Croatá, Estado do Ceará, tendo como sujeitos: 01 (uma) Pedagoga que trabalha como gestora da Secretaria, 01 (uma) Pedagoga que coordena o Centro de Referência da Assistência Social, 01 (um) Pedagogo que trabalha junto à coordenação da Vigilância Social Assistencial, 01 (uma) estagiária do curso de pedagogia no setor do castro único, totalizando 03 (três) sujeitos sociais pesquisados.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender sobre a relação da pedagogia e a docência, deve saber um pouco mais sobre a história da formação do profissional de pedagogia. O curso de pedagogia surge no Brasil com a necessidade de formação de professores para atuação em escolas com uma formação mínima, iniciando pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, pelo Decreto de N° Lei 1190 de 1993, com a oferta de cursos de formação inicial em duplas formações de nível superior, tanto para as licenciaturas como para a formação de bacharéis.

Na função de bacharel o pedagogo poderia ocupar cargo de técnico de educação do Ministério da Educação, campo profissional muito vago quanto às suas funções. Como licenciado seu principal campo de trabalho era o curso normal, um campo não exclusivos dos pedagogos, uma vez que, pela Lei Orgânica de Ensino Normal, para lecionar nesse curso era suficiente o diploma de ensino superior. (BISSOLLIN, 1999, p.12).

Neste entendimento, a redução da pedagogia à docência, mesmo considerando-se a dubiedade presente nesse parágrafo em que o planejador da educação, o especialista em avaliação, o animador cultural, o pesquisador, o editor de livros, entre tantos outros, ao exercerem suas atividades estariam exercendo a docência.

De igual modo, esses autores questionam as teorias, argumentando que um curso com 3.200 horas não deve formar professores apenas para a docência, mas também para as funções que têm cada uma, sua especificidade: a docência, a gestão, a pesquisa, ou formar, ao mesmo tempo, bons professores e bons especialistas, com tantas responsabilidades profissionais a esperar tanto do professor como do especialista. Insistir nisso significa implantar um currículo inchado, fragmentado, aligeirado, levando ao empobrecimento da formação profissional e à construção de uma sociedade justa e igualitária (LIBÂNIO, 1998, p. 15).

A pedagogia como ciência tem por objetivo a educação, uma educação que não está fechada na escola, mas está para além dela, o aspecto educativo diz respeito à atividade de educar propriamente dita, à relação educativa entre agentes, envolvendo objetivos e meios de educação e instrução em várias modalidades e instâncias. (LIBÂNEO, 1999, p.10).

A análise dos dados se deu pelo método da categorização, no qual unida à revisão bibliográfica, foram construindo os registros escritos sobre o propósito dessa pesquisa.

Observou-se que o pedagogo social exerce função bastante significativa que se efetiva dentro da instituição, onde para exercer o fascínio dos aprendizes e mantê-los atentos, motivados e orientados é necessário captar a atenção dos mesmos, desmontando domínio das ferramentas de trabalho a serem utilizadas no dia a dia da práxis pedagógica.

Na década de 1960 destacaram-se modelos de educação popular com uma abordagem teórica desenvolvida por Paulo Freire para a educação de adultos que foi difundida e influenciou campanhas de alfabetização. Pois se tratava de uma teoria de acolhimento do oprimido, de uma pedagogia não autoritária e de não imposição da educação com o objetivo de conscientização da transformação social.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia definem como finalidade que a educação do pedagogo deve propiciar estudos de campos do conhecimento, tais como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural, para nortear a observação, análise, execução e avaliação do ato docente e de suas repercussões ou não em aprendizagens, bem como orientar práticas de gestão de processos educativos escolares e não escolares, além da organização, funcionamento e avaliação de sistemas e de estabelecimentos de Ensino. (2005, p. 06).

4- CONCLUSÕES

O pedagogo, como profissional da educação, tem capacidade de estimular e incentivar o desenvolvimento nas organizações não escolares, especialmente nos dias atuais, em que o mercado de trabalho está exigindo um clima diversificado e motivacional.

O pedagogo, também, promove um ambiente de constante aprendizado, no qual o aprender é evoluir. Constatou-se, pela análise dos resultados, que o pedagogo é

indispensável na área da educação e assistência social porque desempenham seu trabalho de forma pedagógica disciplinar e, por isso mesmo, é um trabalho rico e produtivo. Porém, deve ser mais divulgado e mais esclarecido junto à formação dos próprios pedagogos e entre a sociedade.

Estar na função de Pedagogo Social não é tão fácil assim, pois o profissional precisa ter a sensibilidade maior de atrelar os saberes educacionais aos saberes das ações desenvolvidas na política de assistência social, muitos desafios são dados desde a formação inicial e continuados do pedagogo em diferentes espaços de atuação.

5- REFERÊNCIAS

BISSOLLI DA SILVA, Carmem Silvia. **Curso de pedagogia no Brasil: historias e identidade. Dissertação de mestrado.** Marília: UNESP, 1999.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA. Parecer 5/2005. Projeto de Resolução. Ministério de Educação. Conselho Nacional da Educação. Aprovada em 13 de dezembro de 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que? .** 2.ed. São Paulo: Cortez,1999.

CORPO EM MOVIMENTO: O BRINCAR E A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria das Graças Costa Cordeiro
maria65654@hotmail.com,
Ivna de Holanda Pereira
Universidade Estadual Vale do Acaraú,
ivnapereira@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância do movimento através do brincar e da música para crianças da educação infantil, durante seu processo de desenvolvimento, acrescentando a contribuição da música no desenvolvimento psíquico e motor das crianças. Ambos, brincar e música, são importantes para o desenvolvimento no ensino e a aprendizagem na educação infantil, pois enfatizam o prazer de descobrir o mundo em que a criança está inserida.

PALAVRAS CHAVE: Brincadeira. Música. Criança.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394 de 26 de dezembro de 1996, a educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica, deixando claro que o atendimento adequado se faz obrigatório às crianças de zero a seis anos de idades nas creches ou pré-escolas. Nesse sentido, os primeiros seis anos de vida é de fundamental importância para a criança. É na creche ou pré-escola que ela vai iniciar sua vida sem a presença dos pais, passando a ter o (a) professor (a) como mediador do ensinamento durante seu período na educação infantil, dando continuidade no ensino fundamental, médio e, possivelmente ensino superior. E o brincar e a música fazem parte desse ensinamento, pois, por se tratar de crianças, esses dois elementos são grandes contribuintes para sua aprendizagem.

Smith (2006, p.29) defende que: “O brincar espontâneo passou a ser visto não só como importante, mas também como um componente essencial no desenvolvimento social e intelectual da criança e de seu desenvolvimento criativo e pessoa”.

Brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança tanto fisicamente como psicologicamente. Ao brincar ela se movimenta. Ao movimentar, vai desenvolver seu cognitivo, proporcionando a criatividade e logo descobrindo e se surpreendendo com suas próprias habilidades. É através de jogos e de situações de faz de conta que a criança vai compreendendo as regras sociais, desenvolvendo habilidades físicas e aprendendo a lidar com os próprios sentimentos, preparando-se assim para os desafios da vida adulta. As brincadeiras devem fazer parte da infância de toda criança, pois além de garantir o divertimento, desenvolve nelas a aprendizagem, componente essencial para a vida.

Segundo os estudos de Oliveira (1993), Lev Vygotsky em 1971 argumenta que o brincar de faz de conta é uma brincadeira que contribui muito para a aprendizagem da criança. Nessa brincadeira, segundo Vygotsky, a criança aprende as regras que são criadas pela sociedade para a melhor convivência, fazendo-a ter um avanço em relação ao seu comportamento. Na brincadeira de casinha, por exemplo, a criança encena sua realidade, fazendo imitação da própria mãe no seu dia a dia. “O que na vida real é natural e passa despercebido, na brincadeira torna-se regra e contribui para que a criança entenda o universo particular dos diversos papéis que desempenha”. (Oliveira, 1993, pág.67). A brincadeira de faz de conta também desenvolve a imaginação da criança, dando a oportunidade para que se tornar uma pessoa criativa.

O brincar é uma característica primordial na vida das crianças, fazendo-as felizes em todos os momentos das brincadeiras (Cunha, 1994). Além disso, faz com que a criança se torne mais disposta a ser, futuramente, uma boa pessoa, a amar e cuidar do próximo. Características essas que só podem ser desenvolvidas através do brincar.

O brincar favorece a criança o aprendizado em todos os sentidos, pois é brincando que o ser humano se torna apto para compreender, aceitar e viver de acordo com as regras que são criadas pela sociedade no decorrer do tempo. A brincadeira influencia tanto no intelectual, como no psicológico e corpo físico da criança. Brincar faz parte da especificidade infantil e oportuniza a criança em seu desenvolvimento, levando-a a buscar seu próprio saber, logo seus conhecimentos, e suas expectativas de mundo, preparando-o para a vida adulta. “Tanto pela criação da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e, também aprende a separar objeto e significado”. (Oliveira, 1993, pág. 67)

A música é outro importante elemento na educação infantil. Embora, muitas vezes despercebida, está presente em todas as culturas e pode ser utilizada como fator determinante do sensorio motor, linguístico e afetivo de todos os indivíduos (MARTINS, 2004). A música desenvolve na criança, assim como também no adulto, o sonhar, possibilitando alegria, ou tristeza, expressando, de uma forma ou de outra, sentimentos, pois ela envolve a vivência, percepção e a reflexão nos indivíduos. Está presente em todas as manifestações sociais, logo culturais, e pessoais do ser humano, antes mesmo da descoberta do fogo, onde o homem se comunicava através de gestos com seu corpo e sons ritmos que saiam de sua boca.

A música contribui para a formação de seres humanos, tornando-os sensíveis e criativos, proporcionando-os o conhecimento. Por isso, o necessário cuidado em relação as crianças, pois são seres que precisam de auxílio para que cresçam conscientes em relação ao mundo e suas existências. Assim, tratando do ambiente escolar, o profissional da educação infantil não deve atuar nessa área somente pelo emprego que é sua fonte de renda, mas sim por saber que tudo o que é comentado ou mesmo feito e é percebido pela criança, essa irá repetir a fala e o ato ao sair da escola. Esse profissional tem que estar realmente preparado para estar ali. São inúmeros os ensinamentos que os

pequenos necessitam e a música, dependendo dela, proporciona também esses ensinamentos.

Ao colocar uma música para as crianças, é preciso atenção na letra, na mensagem que ela deixará. Atualmente em todos os lugares das cidades, casas, bares, festas, entre outros, ouve-se músicas. Mas é aí que deve estar a preocupação. As músicas tocadas, na maioria das vezes, mencionam palavrões, discriminam pessoas, na maioria mulheres, desrespeitando o ser humano em si.

A criança é um ser que aprende a todo instante, e com muita facilidade. A música e o brincar faz com que a criança se expresse de maneira diferenciada, fazendo-a interagir ativamente na sociedade em que vive. Além disso, contribui para melhor coordenação motora, ajuda a criança a comunicar-se melhor, trabalhar coletivamente, desenvolve a auto estima, ajuda na aprendizagem de ritmos, entre outros benefícios.

O brincar e a música são componentes primordiais na educação infantil. Além de proporcionar alegria, ensina e deixa o ambiente escolar mais convidativas para aprendizagem nas crianças, causando curiosidade e interesse das mesmas. Mas será que esses componentes estão mesmo sendo utilizados de maneira que se forme cidadãos? Que a educação infantil seja vista com mais atenção e dada a devida e necessária importância.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Miguel Daladier. **Educação infantil: o que diz a legislação.** Disponível em <http://www.lfg.com.br>. 12 de novembro de 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).** 26 de dezembro de 1996.

Cunha, Nuelse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** São Paulo: Maltese, 1994.

MARTINS, R. P. L. **Contribuição da música do desenvolvimento das habilidades motoras e da linguagem de um bebê: um estudo de caso.** 2004.

Oliveira, Marta K. **Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** Editora Scipiose. São Paulo. 1993.

SMITH, Peter K. **O brincar e os usos do brincar.** In: MOYLES, Janet et al. A excelência do brincar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: REFLEXÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL

Aldir da Silva Freitas
aldirfreitas2010@gmail.com
Universidade Estadual do Ceará

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir sobre a educação integral, uma concepção educacional que vem se tornando centro do debate atual, onde ela se apresenta como uma nova possibilidade para as escolas brasileiras. Seu objetivo principal é discutir sobre seu histórico e o seu conceito dentro do cenário educacional brasileiro. O referencial teórico contempla a literatura de Anísio Teixeira, Jaqueline Moll, Moacir Gadotti e Ana Maria Cavaliere.

A busca pela compreensão desta proposta de educação, surgiu das minhas inquietações com a prática pedagógica formal que está alicerçada no ensino conteudista e do meu contato e/ou conhecimento de iniciativas inovadoras em educação integral como Projeto Âncora (Cotia/SP) e Escola Municipal José de Moura (Maranguape/Ce), que objetivam através de algumas realizações tornar a escola em um ambiente mais atrativo e que contemple toda a complexidade do ser, envolvendo outros atores e saberes em sua ação pedagógica. Dessa forma, partiu-se em uma investigação bibliográfica e documental, em produções científicas (artigos, monografias, teses e dissertações) e em comunidades virtuais (sites, blogs) que tratem sobre o tema “Educação integral”. Tal pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2018, com pretensão de responder aos seguintes questionamentos: Quando e como foram iniciados os estudos acerca da educação integral no Brasil? Qual o conceito de Educação integral? Como acontece a Educação integral?

Neste sentido, este estudo tem sua relevância por trazer contribuições epistemológicas desta alternativa pedagógica para a prática educacional brasileira e se

esta converge com as expectativas contemporâneas em relação a educação no país. Não obstante, esta apuração colaborará para a minha formação pessoal e profissional, enquanto licenciando, acrescentando meus conhecimentos acerca da temática, assim como, será relevante para a comunidade científica e para a sociedade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se apresenta em uma abordagem qualitativa e bibliográfica exploratória sobre o tema Educação integral no Brasil evidenciando seu aspecto histórico e conceitual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação integral é uma concepção educacional ainda muito recente no Brasil, a qual teve seus primeiros estudos e experiências iniciados no século XX, com Anísio Teixeira, que influenciado pelas ideias de John Dewey – teórico norte-americano, defensor de uma educação que integrasse os saberes e habilidades aprendidos à vida dos estudantes – criou a escola-parque, na Bahia. Uma instituição em que se desenvolvia um ensino escolar na modalidade ampliada com atividades voltadas para a formação de personalidade e do caráter humano. Teixeira (2007, p.41), a definia como uma escola moderna que em vez de matérias contava com um programa de atividades que preparava seus alunos para a vida, ensinando a serem sujeitos reflexivos e participativos na sociedade.

Em 1932, Anísio Teixeira e um grupo de intelectuais brasileiros se uniram em um manifesto em prol de reformas no campo educacional nacional. Esse movimento ficou conhecido como Manifesto dos pioneiros da educação nova e trazia ideias inovadoras que, segundo Cavaliere (2002),

[...] questionavam o enfoque pedagógico até então centrado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na autoridade, na obediência, no esforço e na concorrência. Para os reformistas, a educação deveria assumir-se como fator constituinte de um mundo moderno e democrático, em torno do progresso, da

liberdade, da iniciativa, da autodisciplina, do interesse e da cooperação. As reformas nas instituições escolares visavam à retomada da unidade entre aprendizagem e educação, rompida a partir do início da era moderna, pela própria escolarização, e buscavam religar a educação à vida. (CAVALIERE, 2002, p. 247-270)

Historicamente, verificamos que a educação integral esteve voltada para a formação humana completa e pela escolarização ligada a vida. Na contemporaneidade, essa compreensão sócio-histórica de educação integral não se esgota, mas passa a atender a novas demandas e possibilidades da educação, criando estratégias que visem garantir o desenvolvimento pleno dos discentes envolvendo, além da instituição escolar, outros atores e saberes nesta atribuição. De acordo com Moll (2000), a educação integral:

(...) pressupõe, escola pública, de qualidade e para todos em articulação com espaços/ políticas/atores que possibilitem a construção de novos territórios físicos e simbólicos de educação pública. (MOLL, 2000, p.12)

No entanto, este conceito é por muitas vezes confundido com a educação em tempo integral, que também pode ser incluída, mas não é só isso. Segundo Moll (2009, p.18), de nada adiantará aumentar o tempo em que o educando deve permanecer na escola se esta não for capaz de redimensionar esse espaço. E é nesse sentido, que a educação integral surge como uma alternativa capaz de ressignificar o tempo e de ampliar os espaços educativos.

Dessa forma, a educação integral é aquela que sugere que a escola atue além de seus muros, envolvendo os diversos atores e instituições que compõem o território onde ela está inserida em um projeto colaborativo que atenda as demandas dos estudantes. Como defende Gadotti (2009),

A escola pública precisa ser integral, integrada e integradora. Integrar ao projeto Eco-Político-Pedagógico da escola as igrejas, as quadras de esporte, os clubes, as academias de dança, de capoeira e de ginástica, os telecentros, parques, praças, museus, cinema etc, além de universidades, centros de estudos, ONGs e movimentos sociais; enfim, integrar o bairro e toda municipalidade. (GADOTTI, 2009, p. 32 -33)

CONCLUSÕES

A partir dos estudos sobre a educação integral no contexto brasileiro é possível constatar que trata-se de uma concepção de educação ainda recente, que vem ganhando cada vez mais espaço no cenário educacional do país, dada a necessidade de uma modernização da escola e na tentativa de um rompimento com a lógica da prática pedagógica formal conteudista que já não abarca as demandas atuais dos estudantes. Assim, ela se apresenta como uma ação pedagógica alternativa que pretende através de estratégias e interações, tornar o aprendizado mais significativo para os discentes e dessa forma contribuir para um desenvolvimento completo – cultural, emocional, físico e intelectual – destes.

REFERÊNCIAS

CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira. Educação e Sociedade, Campinas, v.23, n.81, p.247-270, dez. 2002.

GADOTTI, Moacir. Educação integral: inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

MOLL, Jaqueline. Histórias de vida, histórias de escola: elementos para uma pedagogia da cidade. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ (Org.), Educação integral: texto de referência para o debate nacional. Brasília: MEC/Secad, 2009. (Mais Educação).

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. 7 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

ESTUDO SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL ATRAVÉS DA ANAMNESE PEDAGÓGICA

Eduarda Moraes Marques
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
eduarda05.moraes@gmail.com
José Marques Meneses
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
menesesmarques61@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o perfil de uma menina de doze anos de idade, residente do distrito de Ipaguaçu Mirim localizado na cidade de Massapê, estado do Ceará, destacando o processo de desenvolvimento, relação familiar, processos físicos e motores, desde o período de gestação até a fase atual. A pesquisa foi desenvolvida através de uma anamnese, por dois acadêmicos do 3º período, curso de pedagogia, turno matutino, na disciplina desenvolvimento infantil, na Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, no período de 2017.2, onde os mesmos entrevistaram uma mãe para compreender as fases do desenvolvimento infantil de sua filha. Ressalta-se que a foram utilizados nomes fictícios na anamnese.

A relevância desta pesquisa está em conhecer o desenvolvimento infantil. Este estudo se justifica pelo fato dos universitários do curso de pedagogia atuar em salas de aula na educação infantil e nas séries iniciais, pois para o pedagogo é muito importante tentar compreender as relações interpessoais, as fases do desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito escolar. Segundo Enderle: “A psicologia do desenvolvimento diz respeito ao estudo das formas de comportamento que, por sua frequência e marcante incidência em determinadas etapas da vida, acabam por caracterizar essas etapas e por se constituírem em seu marcos referências” (1990, p.17). Ou seja, a psicologia do desenvolvimento estuda as mudanças de comportamento ao longo do tempo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem abordagem qualitativa. O procedimento metodológico foi à aplicação de uma de anamnese pedagógica, proposta pela professora da disciplina de desenvolvimento infantil, no curso de Pedagogia da UVA. O formulário de anamnese contém os seguintes itens: Os dados pessoais da criança, período de gestação, contexto familiar, nascimento, período de amamentação, dados psicomotores, cognitivos, físicos, processo de escolarização, etc. Para compormos este texto, como já mencionado anteriormente utilizamos a anamnese de uma garota de doze anos de idade, que está cursando o sexto ano do ensino fundamental. A mãe possui o ensino médio completo e trabalha em casa, fazendo doces para vender; o pai também possui o ensino médio completo e trabalha em uma empresa de calçados. Ressalta-se que foram utilizados nomes fictícios na descrição da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descoberta e o período da gestação

Maria relatou que apesar do susto e do medo que teve ao descobrir a gravidez, gostou muito da ideia de saber que carregava em seu ventre uma criança e que apesar de não ter o apoio de seu parceiro, tinha o apoio de toda sua família que estava ansiosa para cuidar de sua filha também. Segundo ela, o começo de sua gestação foi bastante tranquilo, tomou todos os cuidados passados por seu médico, frequentava os Pré-natais, ou seja, fez tudo aquilo que uma gestante deve fazer, porém a partir do quinto mês, os problemas começaram a aparecer, Maria que antes não apresentava nenhum problema de saúde, passou a ter o aumento da pressão arterial e início de depressão, pois tinha muito medo de que algo pudesse acontecer com sua filha, que mesmo sem ter sido planejada já era muito esperada por todos. No final do sexto mês o pior aconteceu, pois Maria estava com pouquíssimo líquido na barriga e a criança já não se desenvolvia mais, pois a alimentação ingerida por ela não estava servindo para suprir as necessidades da filha, e por conta disso seu parto precisaria ser adiantado, mas antes disso precisou passar alguns dias no hospital sendo assistida mais de perto por seus médicos e também pela a psicóloga que passava uma boa parte do dia ao seu lado.

O nascimento do bebê

O parto foi cesáreo e logo após o nascimento de Antônia, veio outra complicação, pois o tipo sanguíneo de Maria era negativo e o da filha teria que ser compatível ao seu, caso ao contrário Maria precisaria tomar uma injeção de imunoglobina Anti- Rh nas primeiras 72 horas, mas não houve necessidade, porque felizmente o sangue de ambas era compatível. Antônia nasceu prematura, e por isso foi direto para a incubadora, era muito pequena e pesava apenas 1,800kg, além de apresentar problemas respiratórios. Maria relata que a fase mais difícil de todas foi essa, pois enquanto a filha estava no hospital, à mesma precisou ir para a Casa da Mamãe, uma instituição que acolhe as mães que estão com seus bebês internados na Santa Casa. Segundo ela era muito difícil, pois ainda estava se recuperando do parto cesáreo e precisava descer degraus e andar uma boa distância para chegar ao hospital e da mama a filha, além de ter muito medo de perder a mesma.

O primeiro ano de vida, o período da amamentação, os primeiros passos e as primeiras palavras e escolarização

O primeiro ano de vida de Antônia foi bastante complicado, pois era uma criança muito fraca e como bastante facilidade para adquirir doenças, além de já apresentar algumas como, problemas respiratórios, alergias a qualquer coisa que soltasse pelos e refluxo. A mãe relata que a filha no primeiro ano passou mais dias no hospital do que em sua própria casa, então por conta disso além dela toda a família se mobilizava para dar atenção e ajudar no que fosse preciso para que Antônia se recuperasse logo e não pegasse novas doenças. Antônia mamou, porém com um pouco de dificuldade, pois não tinha muita força para chupar o seio de sua mãe, mas juntamente com a mama também tomava leite na chupeta, fato que ajudou bastante quando a mãe precisou voltar ao trabalho e quando a mesma parou de mamar. Mamou até os seus oito meses e depois disso sua nova alimentação foi passada por sua pediatra, devido algumas restrições alimentares que deveria ter. Quando pequena era uma criança muito medrosa e por isso tinha medo até de engatinhar. Começou a andar com um ano e

oito meses com bastante dificuldade, pois como dito pela mãe tinha muito medo, mas todos da família começaram a estimular, ajudando para que ela ganhasse confiança e começasse a andar sem medo. A mesma evolui a coordenação dos movimentos finos através de brinquedos e de rabiscos e dos grandes movimentos através da corrida. Antônia quando menor gostava muito de andar de bicicleta, porém não faz mais isso. Começou a falar com um ano e três meses, se comunicando mais com a mãe, pois a mesma falava algumas coisas para ela repetir, como o nome de mamãe e por conta disso foi à primeira palavra dita por ela. Como a maioria das crianças, trocava algumas letras, mas hoje fala normalmente apesar de não gostar de falar, pois passa o dia quase todo escutando musica no celular. De certa forma é uma criança independente, consegue dar recados e ir a mercearia fazer compras. Antônia começou a estudar na idade correta em uma creche pública próxima de sua casa, porém a mãe relata que não notava avanços em relação à aprendizagem da filha, então resolveu colocá-la em uma escola particular, onde também não houve muitas mudanças, mas mesmo assim preferiu que a filha continuasse lá até a alfabetização. No primeiro ano do ensino fundamental, Antônia passou a estudar na escola em que até hoje permanece e sua evolução foi perceptível, graças à ajuda de uma excelente professora. Antônia faz as atividades de casa sozinha. Quando tem dificuldades, pede ajuda à sua prima.

CONCLUSÃO

Realizar essa anamnese foi de suma importância para entendermos todo o processo pela qual uma criança passa, desde seu nascimento até a fase adulta, enfatizando que na maioria das vezes quando uma criança passa por situações negativas durante sua infância, a mesma poderá refletir no decorrer de sua vida. A anamnese foi essencial para percebermos que ser mãe não é uma tarefa fácil, por que além de responsabilidade exige muita paciência e respeito para com os filhos, pois a criança passa por várias etapas desde a fase de engatinhar até o período escolar. Essa pesquisa também fez com que compreendêssemos mais sobre o desenvolvimento da criança tanto no âmbito escolar como familiar, suas relações e comportamentos que externam seus sentimentos através de suas próprias ações. Segundo a mãe a filha hoje não demonstra

interesse pela escola e que na maioria das vezes vai praticamente sem vontade, apesar da escola possuir excelentes professores e uma diretora que se envolve com a qualidade de ensino dos alunos.

REFERÊNCIA

ENDERLE, Carmen. **Psicologia do desenvolvimento**: o processo evolutivo da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

EXPERIÊNCIAS LEITORAS DE CRIANÇAS E ADULTOS NAS FASES DA VIDA

Regina Moreira Araújo (UVA)
regininahma@gmail.com
Andressa de Vasconcelos Sousa (UVA)
andressavasconcelos22@hotmail.com
Lorayne Maria Siqueira Fontenele
lorayne.fontenele@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O hábito da leitura é de fundamental importância em todas as etapas da vida, desenvolve a criatividade, capacidade de reflexão e senso crítico, está presente na construção cultural e social de cada indivíduo, interferindo diretamente para a formação de pessoas atuantes positivamente na sociedade, além de ser essencial para a construção de novas aprendizagens, auxilia na interpretação da escrita de forma sistematizada e conclusa.

O presente trabalho tem como objetivo geral avaliar a motivação ao hábito de leitura em crianças na fase inicial escolar e indivíduos na fase adulta, observando suas preferências relacionadas literárias e as principais motivações que instigaram ao ato de ler. Assim, através dessas estimativas, relatar a importância do incentivo à leitura em todas as fases da vida, com ênfase na educação infantil.

O estímulo à prática leitora deve iniciar logo na infância, pois a leitura é favorável ao desenvolvimento de inúmeras habilidades na criança, estimulando a imaginação, a linguagem, o aprimoramento do vocabulário, criatividade, a fim de que se tornem adultos críticos, com ideias próprias e conhecimentos sólidos. É importante acentuar a influência dos pais e educadores especialmente nessa etapa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva sobre leitura, que aconteceu nos municípios de Sobral e Cariré, localizados na região Norte do Estado do Ceará, no período de 27 de abril a 03 de maio de 2017, com crianças de 06 a 10 anos de

idade e adultos com idades entre 21 a 30 anos. Foi utilizado um questionário composto por sete perguntas abertas com linguagem clara e objetiva, e vocabulário adequado ao nível de escolaridade dos participantes, observando as particularidades de todos, objetivando saber como estava o nível de leitura, a importância da leitura em suas vidas e seus maiores incentivadores, entre outros parâmetros avaliados com perguntas relacionadas ao tema.

Das 20 crianças avaliadas, todas eram alunas de escola pública municipal de ensino fundamental da cidade de Cariré. 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Já os adultos, entre eles também 10 do gênero masculino e 10 do gênero feminino. Houve uma variação, onde dos 20 entrevistados 4 homens e 6 mulheres eram estudantes do projeto Educação para Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Cariré e os demais, 2 mulheres e 6 homens universitários da cidade Sobral. Todos os indivíduos que participaram da pesquisa tiveram suas identidades preservadas em sigilo respeitando os princípios éticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas apresentadas pelos participantes foram analisadas individualmente, e em seguida tabuladas, para melhor observação. Quando questionados a respeito das preferências literárias, para as crianças de ambos os sexos, histórias em quadrinhos obteve maior porcentagem de favoritismo, 30% meninas e 46% meninos. Enquanto que os adultos, tanto homens quanto mulheres, 40% e 60% respectivamente, optaram por ler livros sobre romance.

Outra questão perguntada foi relativo a principal motivação para ler um livro, tratando-se das crianças, 40% das meninas responderam que a busca por conhecimentos novos as motiva, enquanto que 43% dos meninos afirmaram que se sentem motivados pelo simples prazer de ler. Com relação aos adultos, as mulheres afirmaram que o assunto a ser tratado no livro é a principal motivação, enquanto que os homens alegaram que a busca por conhecimento é algo que os motiva a ler, ambos com 30%.

Questionou-se também, acerca da importância da leitura na vida de cada um, de maneira clara, as crianças de ambos os sexos afirmaram que a leitura significa

aprendizado, e a principal motivação para ler um livro. Dos 20 adultos entrevistados, sendo 54% das mulheres e 70% dos homens, alegaram que vêm a leitura como uma fonte de conhecimento. Para Martins (1994, p.22), o processo de aprendizagem da leitura está ligado ao processo de formação global do indivíduo, além de sua capacitação para o convívio e atuação social, política, cultural, econômica e social.

Sabendo da importante contribuição que a leitura é capaz de proporcionar aos indivíduos durante sua vida, foi indagado aos entrevistados sobre quem mais lhes influenciaram a ler. Para as meninas, 70% tiveram a mãe como sua maior incentivadora, enquanto que 30% dos meninos responderam ter a própria curiosidade como influência à leitura. Já entre os adultos, tanto os homens quanto as mulheres consideram escola e professores como suas influências, 33% e 90% respectivamente. Partindo desse pressuposto, Freire (2014, p.95) afirma “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Por fim, foi perguntado acerca da quantidade de livros que foram lidos no último ano e onde tinham acesso. Entre as crianças evidenciaram resultados positivos, apenas dois meninos responderam não ter lido nenhum livro, os demais, leram uma quantidade significativa, acima de 10 livros no último ano. 80% para ambos os sexos têm acesso aos livros na biblioteca da escola. Aos entrevistados adultos, ao serem indagados sobre a quantidade de livros lidos, entre as mulheres nenhuma ultrapassou o número de 10. Já entre os homens, apenas um leu 15 obras literárias, os demais não atingiram o número de 10 livros lidos.

4. CONCLUSÕES

Dessarte, a partir das informações colhidas, foi possível observar um nível satisfatório de leitura entre as crianças de ambos os sexos, consequência do incentivo dos pais e educadores, estes que instigam ao ato de ler. Além disso, ficou entendido que na fase adulta o ato de ler é posto em segundo plano, em decorrência de outras ocupações, ausência de tempo, além da falta do devido incentivo durante a infância.

Portanto, foi possível concluir que há uma grande necessidade de impulsionar a leitura na idade adulta, assim, ressalta-se sobre a importância do ato de ler durante a infância e primeiros anos iniciais escolares, a fim de torná-los adultos leitores, pois a leitura é uma das melhores formas de desenvolver opiniões próprias e proporcionar um maior conhecimento nas distintas áreas, além de ser uma atividade prazerosa.

5. REFERÊNCIAS

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 57. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Bartira Tallita Alexandre:

Discente do Curso de Pedagogia – Universidade Regional do Cariri – URCA
tallitaalexandre2008@hotmail.com

Maria Mônica Batista:

Discente do Curso de Pedagogia – Universidade Regional do Cariri – URCA
monica_catt@hotmail.com

Paulo Pedro Schuetz:

Professor de Departamento de Pedagogia – URCA
paulo.2004.2@gmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho foi refletir sobre a importância da brincadeira na aprendizagem da criança no ambiente da educação escolar. Buscou-se identificar como alguns autores significam a importância de brincar e do lúdico para o desenvolvimento da criança. A abordagem metodológica constituiu-se de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo uma vez que permite pensar os dados de forma reflexiva e sem se considerar a verdade em si. A análise instrumental foi buscar em autores que já estudaram a relação da brincadeira com o desenvolvimento da aprendizagem para caracterizar a base cognitiva em dados já referenciados. Os resultados indicam que é de fundamental importância da articulação entre atividades lúdicas e as interfaces do desenvolvimento da aprendizagem das crianças nos anos escolares iniciais. Conclui-se que o brincar e os jogos, constituindo-se as atividades lúdicas, são interessantes instrumentais que os professores podem utilizar para promover o desenvolvimento cognitivo das crianças em idade escolar.

Palavras-chave: Brincadeira. Criança. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se uma reflexão sobre a importância da brincadeira na aprendizagem e desenvolvimento da criança na vida escolar. O brincar faz parte do mundo da criança, influencia diretamente na sua comunicação com o mundo. É por meio dela que a criança interage com o meio em que vive, reproduzindo e produzindo seu cotidiano e sua cultura. A brincadeira é indispensável no processo de aprendizagem da criança, pois facilita seu entendimento sobre a realidade, levando à reflexão, autonomia e à criatividade que são aspectos potenciais da criança.

A brincadeira proporciona um melhor desenvolvimento do indivíduo nos aspectos cognitivo, social, físico, afetivo, cultural de uma forma integral. Dessa forma é de suma importância que os professores tenham consciência que a brincadeira não é um momento de distração e lazer para a criança, mas constitui-se em momentos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser incentivados, valorizados e oportunizados na escola. Devem ser utilizados recursos didáticos e metodológicos para uma aprendizagem prazerosa, pois a criança é um ser em formação que necessita vivenciar esses momentos em que vai se relacionar com outras pessoas, estabelecer regras para esse convívio, compreender opiniões diferentes das suas. “Só em adotar outros papéis na brincadeira as crianças agem frente à realidade de maneira não literal [...]” (BRASIL, 1998, p. 27). Assim por meio dessas vivências e recriando situações do mundo adulto, a criança criará uma visão lógica do mundo.

Para realizar essa análise foram consultados trabalhos dos autores Vygotsky (1998), Hurst (2006), Oliveira (2000), Ferreira (2003), Kishimoto (2002) e o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1998).

A brincadeira faz parte da essência da criança, proporciona à mesma diversão, lazer, prazer, estimulando-a para explorar e construir o conhecimento sobre a realidade em que está inserida. Dessa maneira surgiu o seguinte questionamento: a brincadeira no ambiente escolar influencia diretamente na aprendizagem das crianças?

O objetivo geral foi refletir sobre a importância da brincadeira na aprendizagem da criança no ambiente da educação escolar. Como objetivo específico buscou-se identificar como alguns autores significam a importância de brincar e do lúdico para o desenvolvimento da criança.

Torna-se fundamental e importante que o professor crie espaços para o lúdico na sua prática pedagógica, dando liberdade para a criança aprender de maneira simples, espontânea e eficiente por meio da brincadeira. O brincar é uma das formas naturais que a criança tem de apreender a realidade. As atividades lúdicas na perspectiva pedagógica são de grande relevância para o desenvolvimento integral da criança e para seu relacionamento com as pessoas. É nessa fase de formação que a criança vivencia os momentos que potencializam a sua criatividade, desejos, medos, fantasias. Cria e

experimenta fases diversas que influenciam diretamente na sua aprendizagem e o seu desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998; KISHIMOTO, 2002). Trabalhos investigativos que promovem a reflexão sobre esta dimensão da Educação Escolar Infantil são necessários para que futuros professores compreendam cada vez melhor as formas como as crianças se apropriam por meio da aprendizagem da realidade. A pesquisa tem relevância social, pois indica que a brincadeira não é simples passatempo, mas sim, um momento de aprendizagem e desenvolvimento que deve ser estimulado e vivenciado pela criança rumo ao futuro adulto dentro de uma coletividade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar esse trabalho foi feito uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, sobre a brincadeira na aprendizagem da criança, que buscou mostrar como o brincar é essencial no desenvolvimento biopsicossocial da criança. O instrumental utilizado para realizar esse trabalho foram análises de artigos e estudos já publicados, cujo conteúdo está relacionado com a brincadeira, desenvolvimento e aprendizagem da criança. Dessa forma, essa pesquisa de caráter bibliográfico, propõe uma reflexão sobre a brincadeira na educação escolar infantil e demais instâncias da educação. O lúdico e a brincadeira oferecem perspectivas que tornam a aprendizagem e o desenvolvimento mais sadios à criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concordando com os autores colaboradores desta reflexão percebe-se que se torna fundamental que sejam realizadas atividades lúdicas na escola, pois elas facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento em todos os aspectos da criança. Assim a brincadeira deve ser valorizada e oportunizada à criança no ambiente escolar, devendo ser utilizada pelo o professor como um recurso para trabalhar conteúdos de uma maneira mais criativa e atrativa para o aluno, não esquecendo o quão é importante deixar a criança criar. Dessa maneira a brincadeira é um momento único e especial para

a criança e de muito aprendizado. O brincar é de grande relevância para aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, o brincar é essencial para vida e formação da criança.

CONCLUSÕES

A partir dessa pesquisa bibliográfica foi possível verificar que a criança realmente aprende com mais qualidade enquanto brinca. A brincadeira se faz necessária na vida da criança, pois o brincar têm elementos essenciais para sua aprendizagem e relacionamento com as outras pessoas. Dessa forma esse trabalho foi importante para as autoras; mostra aos professores e academia que a brincadeira pode e deve ser utilizada como uma estratégia de aprendizagem atrativa e eficaz. Os professores podem utilizá-los nos seus trabalhos para obter um melhor desempenho de seus alunos, pois a criança tem uma aprendizagem mais significativa quando realiza algo pelo qual sente prazer.

Ao término desse trabalho conclui-se que a brincadeira facilita a aprendizagem, compreensão e desenvolvimento da criança dentro da sua realidade e contexto. Por meio dela a criança desenvolve aspectos emocionais, afetivos e sociais. O brincar é o meio utilizado pela criança para se comunicar, reproduzir seu cotidiano, utilizando sua imaginação, aprendendo assim a enfrentar o mundo e seus desafios.

A brincadeira é um momento único e especial para as crianças de todas as idades. O brincar é de grande relevância para o desenvolvimento integral da criança e para seu relacionamento com outras pessoas.

Socialmente pode-se concluir que a criança precisa brincar assim como precisa se alimentar. Assim, a brincadeira torna-se um elemento potencial para pais, educadores e professores no sentido de construir uma personalidade afetiva sadia em cada criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, Lei N 9394/96.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** São Paulo: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

OBRAS CONSULTADAS

FERREIRA, Nilda T. **O Jogo Infantil e o Imaginário da Criança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

HURST, V. **Observando o Brincar na Primeira Infância**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

OLIVEIRA, M.K. **Aprendizado e Desenvolvimento um processo sócio histórico**. 4. ed. São Paulo: SCIPIONE, 2000.

GESTÃO ESCOLAR E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: CAMINHOS INTERCRUZADOS PARA QUALIDADE DO ENSINO

Reyjane Sousa Brito
Graduanda em pedagogia- Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA-CE
E-mail: reysjhan27@gmail.com

Introdução

O presente trabalho aborda a temática gestão escolar, preferencialmente a prática avaliativa utilizada no processo ensino-aprendizagem praticada na Escola Municipal Prefeito Roque Silva Mota, situada no Município de Itapajé, Ceará. A escolha do tema se deu durante a disciplina Fundamentos Legais e Estruturais da Educação Brasileira, ministrada pela professora doutora Cleidimar Rodrigues de Sousa Lima, na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/CE.

Pela necessidade de conhecer para compreender os processos avaliativos e suas interfaces na efetivação do processo ensino-aprendizagem; quais critérios utilizados no processo avaliativo do desempenho escolar; os benefícios que a instituição recebe ao atingir os resultados esperados; conhecer como se dá o processo avaliativo das crianças com baixo desempenho escolar e o que é feito para melhorar o processo ensino-aprendizagem desses estudantes, responder se essas avaliações são apenas para incorporar resultados positivos ao Sistema Educacional ou buscam melhorar verdadeiramente esse processo.

A educação institucionalizada é primordial para vida humana contemporânea, portanto torna-se necessária e urgente a abordagem quanto aos métodos avaliativos praticados pelas redes de ensino, já que o aprendizado adquirido não se limita apenas a alfabetização e letramento, mas também a de formação humana, política e social para que os atores sociais possam exercer sua cidadania e possam usufruir seus direitos e viver dignamente.

Metodologia

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida na Escola Municipal Prefeito Roque Silva Mota, situada no Município de Itapagé, a 124,2 km de Fortaleza, no Estado do Ceará, com o objetivo de conhecer para compreender os processos avaliativos e suas interfaces na efetivação das práticas e melhorias do processo ensino-aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, sendo a primeira definida por BRASILEIRO(2013) com a finalidade de expor e caracterizar um fenômeno ou uma determinada população, utilizando instrumentos de coleta de dados, no intuito de descrever os acontecimentos e respectivamente exploratória definida pelo mesmo autor como visando tornar determinado fenômeno mais familiar e ajudar o pesquisador a construir hipóteses restringindo informações sobre a temática a ser pesquisada.

Trata-se de uma pesquisa de campo, consoante BRASILEIRO (2013): “É uma investigação empírica, realizada *in loco* [...] o pesquisador vai a campo para coletar dados por meio de questionários, entrevistas, testes e observações que serão, depois, analisados [...]”.

A metodologia utilizada para efetivação desse trabalho foi uma abordagem de cunho qualitativo, definido por DENKER (2000 apud Brasileiro, 2013):

Aquela que se ocupa da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados no decorrer da pesquisa, não detendo a técnicas estatísticas. Ela é descritiva e coleta os dados em fontes diretas. Os processos e suas dinâmicas, as variáveis e as relações entre ela são dados para a construção de sentido e os principais condutores da abordagem.

O público alvo foi a diretora da escola Municipal Prefeito Roque Silva Mota, com a finalidade de compreender os processos avaliativos praticados na escola.

A aplicação do questionário foi aplicada pela acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA/CE, Reyjane Sousa Brito sob orientação da professora doutora Cleidimar Rodrigues de Sousa lima, na disciplina Fundamentos Legais e Estruturais da Educação Brasileira, da qual surgiu a proposta deste trabalho.

A amostra que foi utilizada é não probabilística, consoante VERGARA (2010 apud Brasileiro, 2013):

É aquela baseada em procedimentos subjetivos, qualitativos e é escolhida por acessibilidade quando longe de qualquer procedimento estatístico, o pesquisador seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles ; e por tipicidade, constituída pela seleção de elementos que o pesquisador considere representativos da população-alvo, o que requer profundo conhecimento dessa população.

Os instrumentos utilizados para adquirir as informações necessárias para responder as inquietações do pesquisador foi o formulário, que segundo BRASILEIRO (2013): “[...] é estruturado em uma série de questões, cujas respostas devem ser registradas por um entrevistador numa situação face a face com o informante [...]”.

A escolha da escola se deu devido ao vínculo afetivo do pesquisador, seu contexto de influencia na vida dos seus estudantes, o trabalho desenvolvido por seus profissionais, a parceria existente entre escola e comunidade.

Resultados e discussão

Em formulário aplicado ao ator social do sexo feminino, com idade de 30 anos, cuja especialização é superior completo e que atua na Escola Municipal Prefeito Roque Silva Mota, como diretora, situada no município de Itapagé, no estado do Ceará, há aproximadamente 1 (um) ano.

Questionada sobre os critérios utilizados no processo avaliativo do desempenho escolar e quais os benefícios que a instituição recebe ao atingir os resultados esperados é compreensível na fala desse ator social a utilização de avaliação contínua, individual, grupal e a auto avaliação em busca do desenvolvimento progressivo tanto dos educandos e da própria instituição.

Para as crianças que tem um baixo desempenho escolar é utilizado o reforço escolar, paralelo ao horário em que este aluno esteja matriculado, sempre buscando fazer um diagnostico sobre o nível de desenvolvimento da aprendizagem desses indivíduos, identificando os avanços e dificuldades norteando-os para sua evolução.

Em relação à existência das provas externas aplicadas a todas as instituições de ensino, fica claro que há uma mudança dos hábitos da escola e das aulas tendo em vista que são aplicados simulados online, escrito, às vezes contra turno, com cada turma na

tentativa de identificar as dificuldades e preparar os estudantes para essas provas. Outras vezes acontece seleção de alunos para resolverem essas provas, o que afeta muito estes, em vista da pressão que estes sofrem por ter que atingirem a meta estipulada pelos organizadores. O professor prepara os alunos através de conversas buscando conscientizá-los sobre a importância das provas.

As práticas avaliativas aplicadas aos professores tem tido resultados eficazes, pois a cada nova gestão há tentativa de oferecer um trabalho de qualidade, sempre avançando para melhoria do atendimento o que torna a escola diferenciada, participação da comunidade e da família.

O processo de avaliação da aprendizagem não visa somente incorporar resultados positivos ao sistema, pois os professores buscam acompanhar de forma constante e pertinente o desenvolvimento escolar dos estudantes, analisando os resultados negativos a fim de modificar positivamente o quadro, criando estratégias de ensino.

Conclusão

A pesquisa permitiu a construção de novos saberes, aproximando a realidade acadêmica da realidade escolar, levando-nos a refletir sobre as práticas avaliativas realizadas nessa instituição de ensino e que a avaliação é mais do que diagnóstica, ela é um processo de sinalização para o que se pretende alcançar. Portanto é possível notar a importância dos processos avaliativos contínuos e permanentes para se obter resultados satisfatórios .

É perceptível que a busca por uma educação inclusiva e integradora dos alunos com baixo rendimento educacional é uma luta constante e desafiadora, mas que a instituição juntamente com os profissionais tem travado para oportunizar esses educandos a exercer sua cidadania, principalmente porque leva em consideração a realidade social econômica de cada um de seus estudantes.

Referencia bibliográfica

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**, São Paulo/SP :Atlas, 1.ed.2013.

LUCKESI, Carlos Cipriano, **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**, malabares Comunicação e Eventos: Salvador / BA , 2.ed.2005.

IDENTIDADE PROFISSIONAL E AFETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Maria Daniele Oliveira Araujo, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA,
daniaraujosh054@gmail.com

Ana Cristina Silva Soares, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA,
acsilvasoares@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre a identidade profissional e o como a prática pedagógica se constitui na relação com a afetividade. Tendo por objetivo refletir sobre o papel do professor no âmbito educacional, cuja prática pedagógica possa colaborar com o desenvolvimento afetivo dos alunos. Apontando estreitamento dessa relação, a qual indica a consciência de que é o primeiro agente socializador e por isso, deve demonstrar através dos seus atos o quanto a criança é importante, através dos seus atos de dedicação, afeto e paciência, como elementos da construção de sua identidade profissional.

Segundo Pimenta (1999) uma identidade se constrói com base na significação social da profissão; na análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes e no confronto com as teorias em construção; no significado que a profissão confere à atividade que desenvolvemos no cotidiano: valores, modo de situar-se no mundo, história de vida, representações, saberes, angústias, anseios e o sentido dessa profissão para a vida; mediante uma rede de relações com outros profissionais, nas instituições, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com a finalidade de alcançarmos nosso objetivo, este trabalho configura-se em uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e exploratória, a qual se orienta por um ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal

instrumento. Para Severino (2000) o estudo exploratório busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.

O cenário da pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental Manoel Mendes Ferreira, da Rede Municipal, situada no município de Forquilha, Ceará. A escolha da escola se faz importante, pois um dos pontos para investigação é refletir a educação situada no interior da cidade, observando o contexto que envolve a escola e a significação da educação naquele local. Utilizou-se como instrumentos para a coleta de dados: entrevista e observação. Segundo Gil (1990, p. 121), a entrevista pode ser definida como uma técnica na qual o investigador se apresenta frente ao investigado e formula perguntas para obter as informações necessárias, sendo assim, uma forma de interação social. Os dados analisados tem o foco na construção da identidade profissional; maior e o professor afetivo no processo ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Com relação a identidade do pedagogo, a professora comenta “acredito no poder da sua transformação, que o professor pode ser um agente transformador, não só no conhecimento, mas também na construção do ser.” Segundo o documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o papel do educador não está ligado somente a aprendizagem do aluno, mas o seu desenvolvimento integral, como psicológico, social, intelectual, e socioemocional, como na construção na formação humana, de um homem crito e autônomo.(FARIAS *et al*, 2014).

Neste sentido, é necessário recuperar na modernidade a autenticidade da profissão e encarna-la em meios aos desafios e não perder a esperança no ato de educar, que transforma a vida do ser humano, e o coloca dentro da sociedade como protagonista. De fato, “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas .

Pessoas transformam o mundo.” (FREIRE, 1972,p.194). Sobre o maior desafio, destaca a professora

a falta de estímulo da criança que já vem de casa muitas vezes com problemas, situações familiares que precisam de atenção, a falta de apoio dos familiares em relação a seu aprendizado, o que acaba afetando de forma significativa sua aprendizagem, interesse e participação na escola.
(PROFESSORA)

Conforme nota-se nesse comentário, a família e a escola enquanto instituições indispensáveis ao processo de aprendizagem têm como objetivo primordial o ato educativo, nesse contexto, emergem atitudes capazes de propiciar o desenvolvimento humano. Dessa forma, compartilhar, não dividir e contribuir cada uma a sua maneira para que este processo se efetive com sucesso deve ser a finalidade de ambas. Porém, levando em conta o contexto familiar, cultural, e problemas familiar onde a criança está inserida, tudo isso interfere em seu desenvolvimento escolar.

O PROFESSOR E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a professora:

O professor afetivo tem em suas mãos um grande poder de transformação, na construção deste processo de ensino-aprendizagem, como na colaboração na construção do ser de cada criança. Grande é esta colaboração, é esta afetividade semeada no campo da sala de aula. Grandes são seus efeitos. Porém, muitos professores ainda não experimentam da força que este afeto pode trazer em si, nas crianças, e em toda a comunidade escolar.

Para Vygotsky, conforme Rego (1995), as relações interpessoais tem influência direta no intelecto; os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influencias mútuas.

Pode-se ver a seguir, algumas observações do campo sobre a prática docente que colaborou-se na construção deste estudo:

A observação da aula na EEF Manoel Mendes Ferreira, no turma matunino, na sala do primeiro ano. A professora, ao chegar na sala, iniciou acolhendo as crianças e dialogando um pouco com os pais sobre o aprendizagem dos educandos. Ao iniciar a aula, aconteceu a oração coletiva, e logo depois foi contado uma pequena historia

auxiliada pelo livro didático com imagens ilustrativas, onde teve a interação das crianças com o professor que também levantou curiosidade à respeito da história.

Nesta sala, tem uma criança com síndrome de *down*, onde ele é recebido pela professora com atenção e carinho e também pelos colegas, na qual tem por “caçulinha” da turma. A professora explicou que para ele as atividades são diferenciadas, já que ele “não consegue” acompanhar o ritmo da turma. As atividades são: colagem, coordenação motora, identificação das cores etc. Ela comenta que nas rodas/trabalhos em grupos ele sempre está e os colegas incentivam a participação. A afetividade no ambiente escolar, e mais especificamente dentro da sala de aula, só vem contribuir no processo de ensino aprendizagem. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998, p 83) tanto a afetividade como a racionalidade desenvolvem-se a partir das interações sociais, desde a infância e durante a vida toda.

O desenvolvimento da aula ocorre de forma interativa, dialogada, sempre os auxiliando e corrigindo, como também a abordagem individual. Observou-se que ela utiliza cartazes, matérias confeccionados, livro didático na sua condução da sua aula, e sua ferramenta imprecidível: interação e diálogo.

Assim, analisando os dados coletados, percebe-se que a professora compreende a afetividade como sendo um dos fatores determinantes para o ambiente da aprendizagem também favorável para a construção do conhecimento. Também, que no exercício da docência, o professor sistematiza e consolida os saberes que dão especificidade ao seu trabalho e se define como um profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos da pesquisa traz reflexões necessárias sobre identidade do professor, a interação com os alunos e também a importância da afetividade nesse processo.

De fato, a identidade do professor é uma contínua construção, que engloba saberes, comportamentos, crenças, mas que antes de tudo, deve perceber seu papel na sociedade

e na educação com agente transformador, que acredita na sua atuação. Um dos grandes auxílios do professor no processo da aprendizagem: a afetividade. A mesma é fundamental para a consolidação do desenvolvimento da criança em todos os aspectos

REFERÊNCIAS

BRASIL Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

DE OLIVEIRA, Cristian Roberto Antunes; CAETANO, Evelyn Diconcili; DE LIMA, Lucia Ceccato. **A reflexividade na prática docente: professores construtores de saberes.** Revista GepesVida, v. 3, n. 5, 2017.

FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão.** Brasília: Liber Livro, 2009.

FREIRE, P. (1972). Pedagogia do oprimido, Porto: Ed. Afrontamento.

GIL, A. C. Metodologia do ensino superior. São Paulo: Atlas, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico – cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Laís Souza. **A participação da família na vida escolar dos filhos.** 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Thamirys Pereira Rodrigues, Universidade Estadual Vale do Acaraú
Thamiryspr_18@Hotmail.Com

INTRODUÇÃO

A Didática é uma área de conhecimento complexa para os universitários por estar em constante contradição entre a teoria e prática, deixando-os sempre em dúvidas de como associa-las. Assim, partindo do significado de didática como a técnica de dirigir e orientar a aprendizagem, porém na prática, didática vai além disso, sendo englobado materiais utilizados para repassar esse ensino e deve-se salientar também o responsável por conduzir todo esse processo, o professor.

Este estudo se fundamenta com as teorias de vários estudiosos no campo da didática, principalmente Libâneo que aborda didática como as técnicas, planejamentos, atividades e toda a preparação feita pelo professor para uma aplicação de conteúdos na sala de aula e o incentivo repassado por ele na finalidade de desenvolver as capacidades e habilidades mentais de cada aluno, afim de torna-lo responsável e sujeito de sua própria aprendizagem. Concluindo seu pensamento sobre a didática como todas as atividades que envolvem professor e aluno sob responsabilidade do professor.

O planejamento contribui como um grande aliado do professor para o desenvolvimento da didática, sendo ele essencial para nortear o professor durante seu trabalho, com autonomia e de acordo com a realidade vivenciada. Essa metodologia consiste na escolha de métodos, traduzidos como:

[...] termo para traduzir um conjunto teórico constituído por pressupostos, princípios e procedimentos orientados do trabalho pedagógico. Assim, o método abriga elementos conceituais e operacionais que permitem ao professor concretizar a prática educativa. (FARIAS *et al*, 2009, p.138)

Para abordar a temática indisciplina, foi utilizado como referência o pensamento de Marques (2004), onde a mesma traduz esse comportamento como forma de contradizer ordem ou regras estabelecidas. A diante fala sobre a origem desse comportamento e em quais situações ela pode surgir, seja problema social, moral ou contexto escolar

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo envolveu pesquisa de abordagem qualitativa, com exploração de campo, com fundamento na observação do desenvolvimento da aula, a didática conduzida durante esse período e na entrevista realizada com a docente responsável. O recolhimento de dados por meio da observação é muito utilizado, pois proporciona ao investigador ter certeza da realidade a ser pesquisada não ficando preso a teorias, classificando essa observação como sistemática, onde nada é programado, nem previsto e o observador se torna o sujeito dentro do local observado, passando a fazer parte da pesquisa, de acordo o autor:

Outra forma de coletar dados através da observação ocorre quando o pesquisador utiliza a observação participante. A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. (BONI; QUARESMA, 2005, p.71)

Para complementar esse estudo foi utilizado a metodologia de entrevista, onde a mesma deve ocorrer de forma cautelosa, tendo como entrevistado alguém que conheça o tema. Para Lakatos (1996 *apud* BONI; QUARESMA, 2005) as perguntas devem ser bem elaboradas para não gerar dúvidas ou constrangimento, e devem ser claras e objetivas para que não exponha o entrevistado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa pesquisa teve início com uma revisão de literatura orientada em sala de aula para que pudéssemos perceber o significado da didática e sua influência na prática dos professores de ensino infantil. Logo depois começamos a organizar um roteiro para analisarmos aula de professores infantil e percebemos como eles estavam atuando em relação ao uso da didática em sala de aula. Agendamos com a gestão da escola o horário e data das visitas. No dia da visita observamos que o professor recebe os alunos de forma carismática, dado as primeiras instruções. Antes de começar a aula ela faz um agradecimento com o grupo e músicas escolhida por eles para que a participação ocorra desde então. A frequência é feitas pelas crianças onde observam quais colegas não estão presentes no dia.

As primeiras atividades do dia são repassadas de maneira expositiva dialogada, iniciando pela contação de história onde os alunos interagem com perguntas e em seguida o conteúdo desenvolvido foram as vogais, fazendo o uso do quadro branco para exemplificações. Alguns alunos ficam inquietos e dispersos, quando isso acontece ela tenta os envolver na explicação com a criação de situações problemas de acordo com o tema abordado. Em seguida é entregue atividade de pintura e escrita, com intuito de observar o aprendizado adquirido por cada um, ao observar ajuda os que estão com dificuldades, os incentivando e deixando-os concluir a atividade sozinho.

Após o intervalo foi aplicado tarefa de cortes, onde as crianças utilizando tesouras e pedaços de borracha EVA, realizavam diversos cortes, muitos deles apresentaram dificuldades ao conduzir os instrumentos e outros com mais habilidade já realizava cortes de acordo com o que pensam. Com o desenvolvimento dessa atividade foi possível observar claramente quem apresenta dificuldade na coordenação e concentração de cada um.

Para finalizar a aula, foi distribuído tampas de garrafas pet, para que as crianças brinquem e agucem a imaginação, alguns escolhem empilhamento, as separam por cores, quantidades, as transformam em formas geométricas ao mesmo tempo que aprendem a dividir e trabalhar em equipe. Muitos autores defendem a brincadeira e ressaltam a importância para o desenvolvimento da criança, deixando a ideia de ser apenas um passa tempo, conforme a opinião de Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p.179)

Com isso, é possível entender que o brincar auxilia a criança nesse processo de aprendizagem. Ele vai proporcionar situações imaginárias em que ocorrerá o desenvolvimento cognitivo e irá proporcionar, também, fácil interação com pessoas, as quais contribuirão para um acréscimo de conhecimento.

No término da aula, a docente foi entrevistada e relata que compreende por didática uma parte da pedagogia que ajuda no repassar de conteúdos para os alunos, contribuindo positivamente em sua formação. E enxerga a hiperatividade como normal ao se tratar de crianças, para trabalhar com esse tipo de comportamento, ela os analisa individualmente e faz planejamentos contendo atividades específicas para despertar a curiosidade e desenvolver a aprendizagem participativa.

Apesar de ser uma professora com vinte anos de magistério, costuma sempre estar em busca de mais formações e conhecimento, não deixando sua metodologia ser ultrapassada. Utilizam-se bons planejamentos fornecendo aulas atrativas que desperte o desejo de participação dos educandos nas atividades diárias, assim evitando que os alunos fiquem entediados com a aula e comecem a ficar alvoroçados, tornando o convívio e a aprendizagem mais difícil e cansativa para ambos.

CONCLUSÃO

Com a elaboração deste trabalho, pode-se observar a importância da didática aplicada na prática. A metodologia utilizada para realizar essa pesquisa foi fundamental para o aprendizado, pois na observação é possível detectar onde os erros acontecem e as questões positivas, para em seguida serem atribuídos às referências teóricas. A escolha da professora foi feita com êxito, podendo ser notado seu domínio ao tratar do assunto, tendo embasamento em suas falas e sua positividade ao aplicar conteúdos e atividades, sabendo a importância de cada um. Mas essa não é a realidade de todos os profissionais, onde muitos não têm esse domínio ou não buscam atualizar-se, muitas vezes até por falta de oportunidade e tempo disponibilizado pelas secretárias.

REFERÊNCIAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 5 maio 2018.

FARIAS, Isabel Maria Sabino *et al.* **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livros, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **DIDÁTICA: Velhos e novos temas**. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

MARQUES, Ariane Pena. **CONCEPÇÕES DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA NA TEORIA E NA PRÁTICA EDUCATIVA**. 2004. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil**. 2008. Disponível em: <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.p>. Acesso em: 5 maio 2018.

MONITORIA E PESQUISA: AS CONCEPÇÕES SOBRE SER CRIANÇA E INFÂNCIA

Roselaine Araújo Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
roselainerosy02@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa foi elaborada a partir das experiências vivenciadas na monitoria da disciplina História Social da Criança, no curso de Pedagogia da UVA, do segundo semestre do turno da noite, no período de fevereiro a agosto do ano de 2017. Durante as aulas foram analisadas as concepções sobre ser criança e infância, de 30 estudantes de pedagogia. A partir das observações feitas nas aulas presenciais que foram bastante proveitosas, as quais se deram pelas discussões fundamentadas no livro: História Social da Criança, de Philippe Ariès (1986), entre outras referências. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa é apresentar os resultados sobre as concepções das universitárias do segundo período do curso de pedagogia da UVA sobre ser criança e infância. A infância é um fenômeno cultural historicamente criado. Portanto, nem sempre entendemos o real significado de ser criança e viver a infância. Reconhecendo o objeto de estudo que é criança e infância para área da Pedagogia, é possível afirmar que há uma grande relevância discutir as concepções dos (as) futuros (as) pedagogos (as) que estão diretamente ligados acerca do tema, por meio dos estudos e reflexões. No início da disciplina, perguntamos à turma o que é ser criança e o que é infância, ficou perceptível uma fragilidade nos (nas) acadêmicos (as) sobre suas concepções sobre ser criança e sobre infância.

Procedimentos metodológicos

Adotamos abordagem qualitativa. O procedimento metodológico foi baseado na exploração dos conhecimentos prévios espontâneos dos alunos sobre os dois temas, em sala de aula, durante a realização da monitoria. No final da disciplina foi elaborado um questionário para verificar se havia ocorrido modificações nas concepções de ser criança e infância entre os (as) universitários.

Estudos sobre o surgimento da infância de Àries (1981) nos indicam o quanto seu objeto de estudos para a sociedade, ou seja, o surgimento do sentimento em torno da infância, que nem sempre se preocupou e valorizou essa etapa da vida.

A vida era a continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas essas idade naquelas épocas de grande mortalidade. (ARIËS, 1981, p.8-9)

Atualmente, os estudos da sociologia da infância, tais como, de Sarmento (2010), nos indicam que a infância se constitui como objeto sociológico dependente da construção social, não é meramente pela perspectiva biológica.

O imaginário social é inerente ao processo de formação, o e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo. As condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que estão sob o controle da geração adulta (SARMENTO, 2002, p. 3).

No Brasil, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, promulgado há 23 anos, os direitos das crianças não são totalmente garantidos, deixando-as, muitas vezes, sem viver suas infâncias, como deveriam viver, ou seja, brincando, estudando e convivendo com suas famílias.

Resultados e Discussão

A infância é um fenômeno cultural historicamente criado. Portanto, nem sempre entendemos o real significado de ser criança e infância. Verificamos que as principais categorias encontradas nas respostas dos (as) alunos (as) no início da disciplina foram: 98% das representações sobre ser criança e infâncias se referem aos modos de viver, sonhar, brincar, fantasiar, não ter responsabilidades, ou seja, concepções idealizadas. Apenas 2% das representações têm concepções realistas, ou seja, uma fase da vida com suas diversas possibilidades e realidades. Infelizmente há crianças que trabalham como forma de subsistência pessoal e familiar, maus tratos, etc. Com base nas respostas dadas pelos acadêmicos deduzimos que a representação social que eles possuem em relação ao ser criança e infância têm muitos pontos relacionados à dimensão idealizada. Mas, também, verificamos que as leituras e discussões realizadas

em sala de aula contribuíram para a transformação dessa visão idealizada para uma visão mais realista onde as crianças vivem em situação de vulnerabilidade. E, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, os direitos não são totalmente garantidos, deixando as crianças, muitas vezes, sem viver suas infâncias.

A didática usada durante as aulas promoveu uma participação significativa dos (as) acadêmicos (as) a ponto de construir uma associação dos seus conhecimentos prévios, e de suas vivências, aos estudos teóricos dos autores estudados na disciplina, possibilitando assim um conhecimento mais concreto por meio da interação entre os conhecimentos teóricos e empíricos.

Conclusões

O presente trabalho foi uma inovação para a formação dos (as) acadêmicos (as) da turma do segundo período da UVA, na perspectiva de partir dos seus conhecimentos prévios e indo além, a partir dos estudos teóricos sobre o tema, proporcionando uma visão reflexiva sobre os conceitos sobre ser criança e infância que serão imprescindíveis à suas práticas docentes futuras.

Para minha formação como universitária e como monitora, a experiência significou progresso para meu olhar sobre a docência, a didática, e sobre a importância do ato de refletir sobre conceitos fundamentais, no curso de pedagogia, tais como, ser criança e viver a infância na complexidade da vida contemporânea.

Referências

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância” Projeto POCTI/CED/2002.

O PAPEL DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA FOMENTAÇÃO DA CRIATIVIDADE NA INFÂNCIA

Maria Tereza Ximenes Benevides – UECE
(maria.benevides@aluno.uece.br)

1- introdução

O presente trabalho buscou compreender o papel das múltiplas linguagens e o uso delas para fomentar a criatividade no desenvolvimento dos alunos dentro da sala, buscando adentrar novas formas de ensino, ou seja, saindo da forma tradicional de conteúdos pré estruturados e abrindo espaço para colocar o discente como sujeito de sua própria formação.

É muito comum pensar que a criatividade se restringe somente as artes e só quem as possui são os pintores, compositores, artistas plásticos, no entanto se sabe que para criar novas tecnologias é necessário inovar, ato que só ocorre com a presença de criatividade.

A produção de novas formas de solucionar problemas antigos na área da saúde, política, física, etc só é possível porque se configura, ou melhor, se cria formas diferentes de resolver eles, novos remédios e mais eficazes na cura de doenças ou novas políticas públicas mais adequadas a realidade histórica social. Se conclui, então que a criatividade não está apenas no artista revolucionário, mas nos pesquisadores, engenheiros, políticos e dependerá da infância para o seu incentivo e desenvolvimento.

A proposta de uma escola construtivista por exemplo, é entender que uma sala de aula é composta por um grupo heterogêneo de alunos e que o desenvolvimento entre eles pode não ser o mesmo, portanto é necessário respeitar as dificuldades e incentivar a curiosidade, assim como usar as formas de conhecimentos que cada um possui ou seja a sala deixa de ser colocada como homogênea e se abandona tanto a educação bancária quanto os conteúdos pré estruturados.

Na visita ao centro de educação infantil construtivista (Núcleo de Desenvolvimento da Criança – NDC), foi possível visualizar a utilização de diversos instrumentos infantis que auxiliam no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Portanto, a escola tem papel fundamental na fomentação da criatividade de seus estudantes. O incentivo a práticas criativas deve surgir desde a infância, ou seja, no início da vida letiva da criança.

2- procedimentos metodológicos,

A pesquisa foi dividida em dois momentos, a primeira parte teórica e exploratória em que se consistiu nas leituras de livros e artigos voltados para a temática em questão, e o segundo momento ocorreu em uma visita ao Núcleo de Desenvolvimento da Criança na Universidade Federal do Ceará onde tivemos a oportunidade de observar e acompanhar as professoras que trabalham com a perspectiva construtivista no processo de educação. No primeiro momento foram feitas pesquisas a respeito do papel da criatividade no desenvolvimento da criança, tanto para habilidades motoras através da música como também para o incentivo a novas formas de solucionar problemas, e assim possibilitando que o aluno se torne sujeito no processo do conhecimento.

No segundo momento tivemos a oportunidade de conversar com as professoras que apresentaram a proposta do Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC) explicando que utilizam uma metodologia chamada pedagogia de projetos. Na pedagogia de projetos o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas e construir soluções buscando o conhecimento, assim o papel do professor seria o de mediador no processo deixando espaço para a autonomia do aluno.

3- resultados e discussão,

Segundo Vygotsky (1989), A criatividade é considerada uma das diversas funções psicológicas superiores, faz parte do ser humano e com ele perpetua pelo ambiente em que convive. Sem a criatividade muitas descobertas científicas e culturais não poderiam ter existido. Sendo assim ela pode ser fomentada pelo meio, ou seja, pode ser aprendida.

O NDC é dividido em ambientes que determinam a área do conhecimento que será explorada, por exemplo, existe o espaço das brincadeiras onde é trabalhada a criatividade e a socialização com outras crianças através de teatros e jogos de imaginação. Existe também um espaço voltado para a música repleto de instrumentos musicais infantis. De acordo com uma das pedagogas que trabalham no NDC, o ambiente voltado para esses instrumentos é bastante frequentado pelas crianças, isso demonstra a curiosidade das crianças em trabalhar com práticas inventivas.

Além dos instrumentos o desenho e a pintura são muito valorizados e utilizados no ensino, vemos por toda parte paredes pintadas, desenhos feitos em papéis fazendo com que as crianças se sintam representadas e ativas naquele ambiente.

Utilizar a música como método de ensino e aprendizagem é importante tanto para a fomentação da criatividade dos alunos, quanto da facilidade em se sentir pertencente dos determinados tema. No NDC é notável a facilidade das professoras em trabalhar diversos temas com a ajuda de materiais lúdicos e a música é uma das ferramentas que engloba a curiosidade das crianças em relação aos instrumentos e o aprendizado sobre determinados assuntos a partir da sua utilização. Portanto, parte desse pressupostos a necessidade de trabalhar a criatividade dos e das estudantes desde a infância, no ambiente escolar e também no familiar.

4- conclusões,

A educação proporcionada fora dos moldes tradicionais permite que o indivíduo possa desenvolver sua autonomia e construir uma reflexão crítica e própria. Por isso trabalhar meios que incentivam a criatividade é fundamental para que os estudantes possam tomar atitudes inovadoras no seu cotidiano, pois não são apenas os artistas que precisam dela, ela também é necessária nas decisões familiares, no trabalho e no lazer de todos. Utilizar a música como método de ensino e aprendizagem é importante tanto para a fomentação da criatividade dos alunos, quanto da facilidade em se sentir pertencente dos determinados tema.

5- referências;

NUNES, Ana Ignez Belém Lima, **Psicologia da aprendizagem: Processos, teorias e contextos**/ Ana Ignez Belém Lima, Rosemary Do Nascimento Silveira. 3.ed – Brasília : Liber Livro, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade E Processos De Criação** / Fayga Ostrower. - Petrópolis, Vozes, 1987.

SALA DE AULA COMO LOCUS DE TRANSFORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR

Lucilene Oliveira Vasconcelos¹
Graduanda do curso de pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA,
Sobral (CE)
(luhluh36oliveira@gmail.com);

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem o propósito de relatar a experiência vivida em sala de aula, tendo como campo de estágio dois centros de educação infantil da rede municipal de Sobral (CE), quais sejam: Centro de Educação Infantil Maria Menezes Cristino e Centro de Educação Infantil Dolores Lustosa. Apresentamos também as contribuições e as considerações sobre o que foi o estágio para a formação da autora principal deste trabalho. O estágio se consolida, pois, como uma ótima oportunidade de relacionamento entre teoria e prática da vivência do cotidiano escolar.

Assim sendo, o objetivo deste escrito é analisar a importância do estágio na formação inicial do futuro professor, como também refletir sobre os impactos deste tipo de experiência na formação e na qualidade da atuação do professor de educação infantil.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a observação direta nos cenários estudados, como também a vivência da prática docente em sala de aula. No decorrer do estágio foram realizadas ações para ajudar os professores, entre as quais: assessorar na hora da fila, do lanche, e nas brincadeiras; auxiliar na construção de atividades escritas, como também nas atividades recreativas, como a hora do parque, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da observação direta foi possível perceber que em ambas as escolas a relação entre aluno e professor é de interação, confiança, ligação, colaboração,

responsabilidade, carinho e respeito. É de extrema importância que a relação professor-aluno seja de interação, pois o professor aprende e precisa do aluno assim como o aluno aprende e precisa do professor. Dentro da sala de aula podemos perceber que os alunos são de culturas diversificadas e assim conseguem nos transmitir de forma explícita seus valores e costumes. Essa interação poderá influenciar de forma direta no aprendizado do aluno. As pessoas, o lugar, os modos, a natureza, tudo ao seu redor lhe trará algum tipo de conhecimento e lhe atribuirá diversos significados e ações no decorrer de sua vida. É indispensável que a criança se sinta bem no ambiente escolar e com total liberdade de expressão para perguntar e dialogar com seus colegas e professores. A liberdade de expressão é algo essencial no seu desenvolvimento, ajudará a criança a se tornar um ser pensante e com total coragem para expressar suas idéias.

Portanto, é possível pensar que, do ponto de vista de Vygotsky, o processo de desenvolvimento do indivíduo é compreendido não como consequência de questões isoladas que amadurecem, nem de fatores ambientais que atuam sobre o ser humano, controlando seu comportamento, mas, sim como resultado de trocas mútuas, que se formam durante toda a vida, entre indivíduo e meio. (RESENDE, 2017, p. 205)

Percebemos também que em ambas as escolas a comunidade esteve inteiramente engajada. Os pais estavam sempre demonstrando interesse no aprendizado das crianças e as escolas sempre buscando atender às necessidades de seus alunos.

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós, que é o de assumir este país democraticamente. (FREIRE, 2004, p.47 apud SILVA, 2016)

Como resultado desta experiência singular, percebe-se o quanto o estagiário pode se sentir engajado no ambiente da sala de aula. A experiência também permitiu refletir sobre a formação e atuação enquanto futura profissional na educação. Considerando que embora realizadas com crianças diferentes, em escolas diferentes a atuação como estagiária, que até então ainda não havia desenvolvido ações em sala de

aula, foi bastante proveitosa e um momento de muita contribuição para a nossa formação de educadores.

CONCLUSÃO

A prática desses estágios colaborou para o amadurecimento profissional e pessoal dos participantes, pois, ao favorecer o relacionamento cotidiano com outros profissionais da área, considerou-se o respeito, o aprendizado de coisas novas e a interação com pessoas que até então eram desconhecidas, fazendo assim surgir um bom desenvolvimento no ambiente de trabalho. Dito isso, é nítido que o estágio escolar é indispensável para a formação do educador.

REFERÊNCIAS

SILVA, Eduardo D. Concepções teóricas que fundamentam as práticas pedagógicas do projeto político pedagógico das escolas públicas do Distrito Federal. **Revista Uniabeu**, v.8, n.20. p. 177-186, 2016)

RESENDE, Tarcísio Renan Pereira Sousa; SOUZA, Igor Araújo; RESENDE, Gisele Silva Lira. Vygotsky: uma base teórica para a proposta do ensino por meio de ciclos. **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 195-216, 2017.

TRANÇANDO CABELOS E HISTÓRIAS: PERSPECTIVAS AFRO PENSADA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Renata Maria Franco Ribeiro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB
souafricadebissau@gmail.com

Introdução

*“É preciso a imagem para recuperar a
identidade. Tem-se que tornar-se visível.”
(Beatriz Nascimento)*

O presente trabalho apresentará algumas das atividades desenvolvidas no ambiente escolar na turma do 3º ano do ensino fundamental I do programa mais PAIC (Programa Alfabetizar na Idade Certa), nas aulas de história, geografia e formação humana e arte. Com a turma com 16 alunos, com idade entre 8 á 11 anos, na Escola Professor Júlio Holanda no Maciço de Baturité do Município de Guaramiranga.

O tema gerador da contação de história é pensado pela professora e autora deste trabalho, com perspectivas na construção de uma educação anti-racista e, sobretudo que possamos educar para o respeito das diferenças. O livro escolhido para realizarmos essa ação pedagógica através da arte de contar foi “BETINA” (2009) de Nilma Lino Gomes, uma narrativa que emana ancestralidade, o toque nos cabelos, a história da avó, o trançado dos cabelos representam uma estética afirmativa na construção da identidade da personagem Betina.

Além do valor literário, a obra nos mostra a trajetória da riqueza da cultura e história dos nossos/as antepassados negro-negras que foi silenciada pela sociedade e sistema colonial, nos distanciando dos nossos valores sócio-históricos/culturais.

Neste sentido a professora buscou visibilizar questões que pudessem ser discutidas e contribuíssem na formação emancipatória dos/as alunos/as a partir da estética afirmativa e, contudo pensar na construção de uma pedagogia anti-racista é responsabilidade de todas/as.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos base para essa prática pedagógica se dão com as experiências formativas da autora, como cursos de extensão, palestras, oficinas e pesquisas na educação para as relações raciais. Para esse debate, privilegamos as questões e suas percepções que envolvem os cabelos das meninas e dos meninos da turma do 3º ano da Escola Professor Júlio Holanda, estes/estas se apresentam com cabelos longos, lisos, cacheados, trançados, crespos, amarrados ou soltos.

A prática pedagógica da contação de história como perspectiva afro pensada, no currículo escolar colabora para posturas dos/as alunas/os mais respeitosa para com o outro e sobretudo oportuniza as crianças a narrar suas percepções.

Resultados e Discussões

Muito se tem discutido sobre a importância da escola como instituição formadora não só de saberes escolares, um currículo engessado ainda reproduzido aos dias de hoje, é preciso romper de certa forma com tais epistemologias, para tanto é preciso empoderar-se conhecer a história do passado, dos nossos antepassados para compreender a dinâmica atual nas relações históricas, sociais e culturais.

É na infância e, sobretudo no ambiente da educação infantil e nas séries iniciais do ciclo de alfabetização, no caso até o 3º ano, a criança vive uma etapa fundamental da sua vida e que terá grande influência para o seu desenvolvimento e compreensão das relações raciais.

Dessa forma, pensar nos/as educandos/as como atores sociais, não reduzindo-as a homogeneidade e invisibilizando suas estéticas.

Na fala dos/as alunos/as mencionam os cabelos da professora cacheados e soltos e brancos, narram o cuidado que a avó de Betina tinha com os cabelos da neta, observam sobre o cuidado que devemos ter com nossos cabelos, relatam que o cabelo não deve ser chamado de ruim, observam as diferenças, os cabelos uns dos outros, uns com enfeites coloridos nas tranças e outros somente penteados.

Considerando as observações que as crianças expressaram acerca dos diferentes tipos de cabelos, uma aluna (11 anos) diz: *eu prefiro meu cabelo alisado, um pouco envergonhada, o meu cabelo não é esse não a Tia (professora) sabia? Eu aliso e corto curto*. Outra aluna (09 anos) diz: *eu não faço isso de jeito nenhum, sou criança, e gosto do meu cabelo assim crespo*. Outro aluno levanta a questão sobre a saúde, tia (a professora) *a senhora sabe que alisamento causa doenças? E isso é sério, imagina criança fazendo isso?*

Conforme Nilma Lino, construir uma identidade negra positiva em uma sociedade com fortes influências colonial/patriarcal que nega sua história e silencia sua ancestralidade, é um enfrentamento constante na construção de novas práxis, portanto visibilizar a história e a estética das crianças de forma afirmativa é um marcador para a construção da auto-estima de crianças, jovens e mulheres, como mostra a Figura 1.

Foto 1: Vivência da contação de história



Fonte: Autora (2018).

O registro acima mostra a vivência na quadra da escola sobre a contação da história de Betina, fizemos um semicírculo, levamos nossos artefatos bonecas e bonecos negras/as com cabelos crespos, com intuito de sinalizar que meninos/as possuem

cabelos diferentes, trançados ou alisados, perceber que não há uma única forma de se apresentar.

O trançar cabelos é acima de tudo um ritual de afetividade que as meninas aprendem com suas mães, irmãs, avós e, sobretudo os valores civilizatórios como a ancestralidade e memória visibilizados na história de Betina. É preciso refletir sobre novas epistemologias que reconheça as singularidades em seus aspectos sociais, culturais e raciais, sobretudo na construção da identidade e do seu pertencimento.

Conclusão

Salientamos a importância da ação pedagógica afro pensada, em assumir uma atitude de novas possibilidades no currículo escolar no sentido de respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos que as crianças têm de direito.

Referências Bibliográficas

GOMES, Nilma Lino, (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Acessado em: 10 de maio 2018.

_____. Betina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

UM VIÉS NA REALIDADE DA EJA

Karolyne de Sousa Marques¹;

karolmarquees@hotmail.com

Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UEVA

Vitória Regina de Azevedo Ferreira²

vregina237@gmail.com

Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UEVA

Ms. Maria Valcídea do Nascimento³

valcidea@yahoo.com.br

Professora de pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acarau – UEVA

Introdução

Quando tratamos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos remete refletir dos desafios que esta modalidade de ensino enfrenta no mundo contemporâneo, a partir desta afirmação adentramos em nossa realidade município de Sobral - Ceará , tendo como locus de pesquisa a Escola Osmar de Sá Ponte. Esta modalidade de ensino acontece na rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que estão fora a faixa etária exigidas nas instituições e em diversos caso inoportunamente por falta de oportunidade. Os alunos da EJA são geralmente trabalhadores/as, empregados/as e desempregados/as que não tiveram acesso à cultura letrada ou em pequenos casos Jovens que por ‘n’ motivos evadiram em sua carreira escolar. Para fazerem parte do corpo docente da EJA os educadores devem ter uma formação inicial, além de contribuírem de forma relevante para o crescimento intelectual do indivíduo, realizando o exercício de cidadania.

Segundo LDB – Lei 9394/96 a EJA ganha maior representatividade no que se refere ao ponto de vista legal.

“Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

De acordo com Paiva (apud Gadotti, 1995, p.31) a educação de adultos em âmbito histórico pode ser dividida em três períodos:

1º de 1946 a 1958, quando foram realizadas campanhas nacionais de iniciativa oficial para erradicar analfabetismo; 2º de 1958 a 1964 –

A do 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos – com a participação de Paulo Freire;

3º O MOBREAL – Concebido como um sistema que visava ao controle de alfabetização da população.

Diante do exposto quanto a história da educação de jovens e adultos é imprescindível tratar embora de forma sucinta as condições atuais dessa modalidade.

O movimento atual da EJA consiste na formação de cidadãos capazes de reconstruir as relações pessoais sob a orientação dos pilares: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver de acordo com o relatório da UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

Metodologia:

Por ser uma pesquisa que analisa práticas e contextos na Educação de Jovens e adultos, optou-se pela abordagem da investigação de natureza qualitativa, utilizando-se como procedimento metodológico a pesquisa de campo no caso a observação no contexto dos envolvidos que trata-se de uma sala multisseriada e análises de entrevistas semiestruturada com a docente da sala.

Resultados e discussões:

No decorrer das observações no contexto da sala de aula podemos constatar que na sala de aula encontra-se dois alunos com necessidades especiais no qual a escola não oferece um professor especializado para os mesmos, sendo essa uma das dificuldades enfrentadas pela professora, que além de planejar suas aulas, se dispõem a elaborar atividades diversificadas que incluem os alunos com necessidades especiais, tendo como referência as formações oferecidas mensalmente pela prefeitura.

Constatou-se um descaso com os portadores de deficiência que tem seus direitos assegurados. Essa perspectiva é importante na educação inclusiva. Pois, conforme expressa a Declaração de Salamanca:

As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade (...). Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar, para que se lhes assegure uma educação efetiva (...) (SANTOS, 2000, p.62).

De acordo com Soares (2005), as discussões sobre a EJA têm priorizado as seguintes temáticas:

a necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida de ações pedagógicas; o repensar de currículos, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades; e, finalmente, a formação de professores que condizem com a sua especificidade (SOARES, 2005, p. 202).

No entanto relatado pela professora, o material didático oferecido pelo órgão responsável pela Educação de Jovens e Adultos de Sobral, não supre o que Soares vem citando mesmo que discutido em tempos atrás a realidade pouco mudou.

O pensamento Freiriano tem influenciado o mundo inteiro mas principalmente no Brasil e em outras áreas da América Latina a Educação de Jovens e Adultos viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela tínhamos há poucos anos atrás, que era de alfabetização meramente mecânica. A educação de Adultos vincula-se hoje ao contexto Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica de educadores e educadoras. Como afirma FREIRE (1992,p.63): “ Não é possível apenas pensar nos procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade”.

Conclusão

Com o estudo realizado sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA, podemos perceber que ainda há uma grande falha na formação dos professores, ainda há muito que ser feito esses profissionais, precisam ser preparados de acordo com a modalidade que ensinam, eles precisam receber uma formação especializada, pois a Educação de Jovens e Adultos e uma Educação Especial que requer mais estudo, mais aprendizagem. Os professores encontram diferentes tipos de alunos nessas salas e precisam estar preparados para a dificuldade que cada um apresenta, na sala em que visitamos possuía dois alunos que tinham necessidades especiais e que deveriam ter um professor especializado para eles, mais por conta da falta de formação que o município ou o estado oferece esses alunos são acompanhados pela mesma professora que os demais. A educação de jovens e adultos ainda precisa ser mais valorizada e receber mais assistência, o município disponibiliza materiais para esses alunos mais que ainda não são os materiais corretos, são livros muitos avançados, como na sala que a gente pode visitar, era multisseriada os alunos ainda estavam sendo alfabetizados e os livros já estavam muito avançados para eles, o que acaba fazendo com que a professora procure por outros recursos, os alunos especiais não recebem materiais de acordo com a sua deficiência, então acabam fazendo as mesmas atividades dos outros alunos, mais a forma em que a professora aplica é diferente. Dessa forma podemos concluir que o profissional professor do EJA ainda precisa ser mais valorizado tanto por parte da população como por parte das Prefeituras e Estados, e que precisam receber uma formação especializada para aquilo com o que trabalham.

Referências:

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 29ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2006.
_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e terra:2000.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. Editora Ática – 8ª edição, São Paulo – SP: 2003.

SANTOS, M. P. **A inclusão da Criança com Necessidades Educacionais Especiais.**
Caderno do Fórum Permanente de Educação e Saúde – MEC/Instituto Philippe Pinel –
Ano 2000. P. 56-62.

SOARES, L. A formação do educador de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org.)
Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos,
Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ALIMENTAÇÃO E TRANSPORTE ESCOLAR: INFLUÊNCIAS E REFLEXÕES

Giselle Lima da Silva

Graduanda em Pedagogia- UVA/Sobral-gisellesilva12@yahoo.com.br

Antonia Aguiar de Carvalho

Graduanda em Pedagogia- UVA/Sobral-antoniaaguiar1414@gmail.com

Introdução

Essa pesquisa tem o objetivo de avaliar o processo de alimentação e transporte escolar, analisando o seu custeio e para refletir qual os benefícios que os mesmo oferecem para a vida das crianças que residem no município de Coreaú- CE.

A pesquisa teve ponto inicial na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), durante a Disciplina Fundamentos Legais e Estruturais da Educação Brasileira ministrada pela Professora Dr^a. Cleidimar Rodrigues, que buscou aprofundar sobre políticas públicas na educação.

Com aulas desta disciplina podemos ver a importância que tem cada setor de uma gestão, e é necessário que saibamos dos nossos direitos e deveres para cobrar, mas saber para quem recorrer é fundamental e usar os recursos que são oferecidos para isto e nunca esquecer que todos tem direitos e devem ser respeitados.

De início foi levantado algumas informações acerca do problema e como poderíamos resolvê-los, criando assim equipes com áreas afins para a construção de um questionário que seria aplicado em diferentes municípios em que os acadêmicos residem, buscando assim uma maior abrangência do questionário e uma maior reflexão dos resultados.

A pesquisa de origem qualitativa foi aplicada em Coreaú, um município do Estado do Ceará, localizada na mesorregião do Noroeste Cearense, atualmente com uma população estimada em 23.107 habitantes, segundo senso do IBGE em 2017. Possuindo dezessete escolas em pleno funcionamento de Educação Infantil e Educação

fundamental. Coreaú possui uma nota de 5,7, acima da média nacional que é de 4,5 de acordo com dados do Índices de Oportunidades de Educação Brasileira(IOEB). Disponível em:<<http://www.ioeb.org.br/>,> que mostra a qualidade das oportunidades educacionais no município.

A coleta de dados foi desenvolvida através de entrevistas com os Secretários de Educação e Transportes que tinha o objetivo de entender como acontece a escolha de alimentos no município, indagar se existe algum acompanhamento nutricional na escolha desses alimentos e como é o processo de distribuições destes alimentos, buscando assim também entender como ocorre o monitoramento interno dos veículos escolares, compreender como é o acompanhamento dos alunos deficientes nos transportes, e indagar a importância que os transportes escolares possui na área rural para que não ocorra a evasão e repetência escolar.

São reconhecidos os papéis que uma alimentação de qualidade e um transporte digno promove na vida estudantil de várias crianças, este trabalho busca não somente ressaltar a importância de políticas públicas na área educacional, mais também nos fazer refletir sobre como a escola é um espaço privilegiado que deve ser implantado ações para a promoção de valores éticos, morais e hábitos saudáveis.

Procedimentos Metodológicos

Em vista da importância que tem uma alimentação saudável e um transporte que sirva de deslocamento para alunos da zona rural, esses elementos se tornaram indispensáveis no projeto político pedagógico escolares, que juntamente com a comunidade, gestores e profissionais da educação busquem uma gestão democrática.

As diretrizes que visam o apoio para as escolas do Brasil em merenda escolar denominado Programa Nacional de Alimentação Escolar(PNAE) tem o objetivo de assegurar uma alimentação adequada para cada faixa etária, buscando assim atender as necessidades nutricionais de cada aluno, para que haja um desenvolvimento escolar e

uma construção de hábitos saudáveis. Também traz diretrizes de como deve ser planejado o cardápio escolar, considerando hábitos locais e culturais.

A alimentação escolar assegurada pela Lei 11.947/2009, que garante que deve existir uma educação alimentar e nutricional nas escolas, que busque a implantação de conhecimentos sobre uma alimentação saudável, para que os alunos obtenham um desenvolvimento de práticas saudáveis.

Em se tratando de transporte escolar, é dever do Estado promover educação a todos os cidadãos e permitir-lhe condições para que perpetue na escola, baseado nisto para garantir a segurança e qualidade no trajeto escolar o Ministério da Educação por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) Mantem dois programas nacional para o transporte escolar.

O programa Caminho da Escola tem o objetivo de auxiliar os municípios na aquisição de transportes escolar como de ônibus, micro-ônibus, vans e embarcações. O programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE) criado pela Lei nº 10.880, de 9 de junho de 2004, faz o repasse de verbas para o custeio de pagamento de licenciamentos, reformas e seguro, baseada no cálculo que tem como base o número de alunos da educação básica pública, residentes em área rural e que utilizam o transporte escolar, informados no Censo Escolar do INEP do ano anterior.

Os programas tem por objetivo aumentar o número de crianças frequentes na escola, e acabar com a evasão escolar, o acesso na escola é de extrema importância para o desenvolvimento social da criança e para a conquista de um grau de escolaridade para que a mesma consiga ter acesso ao mercado de trabalho.

É dever do Estado dar condições para que os alunos possam permanecer na escola com condições adequadas para o pleno desenvolvimento destes indivíduos desde um transporte de qualidade a uma alimentação adequada, o que muitas vezes não acontece devido ao grande corrupção dentro das instituições que deveriam prezar e fazer-se cumprir a lei que assegura esses direitos como essencial.

A alimentação oferecida nas instituições de ensino básico são em muitos casos a única refeição que alguns indivíduos terão ao longo do dia, e mesmo sabendo desta cruel realidade do Brasil, alguns municípios fazem pouco caso deste benefício.

É notório a importância que tem a participação social na implementação dos direitos conquistados, Trata-se de um direito fundamental, porque inclui um processo de desenvolvimento individual próprio à condição humana. Além dessa perspectiva individual, este direito deve ser visto, sobretudo, de forma coletiva, como um direito a uma política educacional, a ações afirmativas do Estado que ofereçam à sociedade instrumentos para alcançar seus fins.

Resultados e discussões

Falando em alimentação escolar é interessante que saibamos que existe o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) responsável pela captação de recursos financeiros para o desenvolvimento de uma gama de programas que visam à melhoria da qualidade da educação brasileira, um desses programas é o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), esses programas visam garantir que a merenda chegue na escola e que exista uma fiscalização nutricional destes alimentos.

“Todas as escolas de Coreaú possui acompanhamento de nutricionista” (Maricleia A. Azevedo. Secretaria de nutrição do município de Coreaú)

Art. 2º São diretrizes da alimentação escolar:

I - o emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica (Lei nº 11.947, de 16/6/2009).

Obrigatoriamente os alimentos devem ser escolhidos com base em um cardápio nutricional de acordo com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e também é um direito assegurado pela Lei nº 11.947, de 16/6/2009. A alimentação e a nutrição escolar são requisitos básicos para o estímulo e a proteção da saúde,

possibilitando que os alunos tenham condições nutricionais para a perpetuação na escola.

“A escolha da merenda escolar ela é baseada nas recomendações nutricionais de cada criança, considerando o tempo que elas estão na escola” (Maricleia A. Azevedo. Secretaria de nutrição do município de Coreaú).

Art. 2º São diretrizes da alimentação escolar:

VI - o direito à alimentação escolar, visando a garantir segurança alimentar e nutricional dos alunos, com acesso de forma igualitária, respeitando as diferenças biológicas entre idades e condições de saúde dos alunos que necessitem de atenção específica e aqueles que se encontram em vulnerabilidade social. (Lei nº 11.947, de 16/6/2009).

Em tempos de alimentos industrializados a escola deve promover uma conscientização de hábitos alimentares saudáveis, respeitando a cultura local e a faixa etária do estudante, buscando assim implementar uma conscientização sem esquecer dos conhecimentos que o aluno já possui.

Entendemos que é direito do cidadão o direito a educação e a permanência na escola, que para que ocorra depende de outros fatores, o transporte escolar perpetua nesta necessidade, é de extrema importância que os alunos tenham um transporte adequado e de qualidade e mesmo que no momento não possua alunos deficientes é necessário que se conserve cadeiras de rodas dentro do ônibus e piso adaptado.

“...a secretaria de educação junto com a assistência social e a família fazem acompanhamento dessas crianças” (José M. de Albuquerque. Diretor da Secretaria de Transportes)

Com o repasse de verbas pelo FNDE é preciso que a secretaria usufrua desse dinheiro da melhor forma possível, não deixando os ônibus sucateados e abandonados, é preciso que exista uma fiscalização tanto da gestão quanto da população.

Possíveis considerações finais

Diante do estudo realizado, foi comprovado a importância da alimentação e transporte escola no município de Coreaú, esses elementos são essenciais para que ocorra uma frequência significativa nas escolas do município e também um melhor rendimento nessas instituições. A escola tem um papel primordial na formação cognitiva de mostrar aos alunos que a alimentação que é ofertada na escola é construída para complementar sua nutrição diária e que contribui significativamente para uma vida saudável. É evidente que o transporte escolar contribui para não evasão escolar de crianças e adolescentes das áreas rurais, porém não deixando de ressaltar que é preciso um cuidado maior com a frota de ônibus do município, vale complementar que os gestores não devem somente se preocuparem com o direito a educação mais também com as condições necessárias para que o aluno frequente a escola.

Referências

Basílio, Ana Luiza. **Alimentação escolar é parte do processo de aprendizagem.** Disponível em: <[Http://educacaointegral.org.br/reportagens/alimentacao-escolar-e-parte-do-processo-de-aprendizagem](http://educacaointegral.org.br/reportagens/alimentacao-escolar-e-parte-do-processo-de-aprendizagem)> Acesso em: 15/05/2018

BRASIL. **Constituição Federal (1988).** Constituição da república Federativa do Brasil, Brasília, DF, Senado, 1998

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. - Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições técnicas, 2017.

SENTIDOS DE QUALIDADE DA/NA ESCOLA PÚBLICA EM MOSSORÓ/RN

Anaylla da Silva Lemos
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
anayllalemos08@gmail.com
Marcia Betania de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
marciabetaniauern@gmail.com

Introdução

O presente texto aborda sentidos de qualidade da/na escola pública no município de Mossoró/RN. Trata de recortes de uma pesquisa integrante do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN 2017/2018) financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Discussões em torno da qualidade do/no ensino estão sempre em pauta, basta ver as diretrizes e os projetos educacionais que trazem sempre em seu texto a qualidade como meta a ser atingida. Ao fazermos uma busca no Plano Nacional de Educação - PNE (Brasil, 2014), encontramos a palavra “qualidade” sessenta e três vezes. Em meio a elas, está à discussão do aumento da taxa de oferta de ensino tanto nos níveis básicos como no superior, mas, sem perder o padrão de qualidade definido na constituição de 1988 (BRASIL, 1998).

Para que seja possível compreender o que é qualidade deve-se ter em mente que a mesma é complexa e que possui muitas significações. Outro ponto que deve ser motivo de problematização e discussão é o que seria o currículo, já que a qualidade da/na escola que vindo sendo abordada nos documentos oficiais vem atrelada a reforma do currículo que é desenvolvido na escola.

Considerando a importância da discussão sobre a qualidade educacional, realizamos uma pesquisa que tem como objetivo investigar os sentidos de qualidade na/da educação em políticas curriculares de escolas da rede básica. Expomos os

resultados de uma pesquisa qualitativa, destacando pontos que foram observados em duas escolas públicas do município de Mossoró/RN. Além disso, trazemos a seguinte problemática: como a qualidade da/na escola pública é vista a partir do olhar dos docentes?

As escolas destacadas neste trabalho são do município de Mossoró/RN, aqui identificadas como Escola X e Escola Y. A Escola Y apresenta-se como uma escola que concentra muitos alunos matriculados, com grande estrutura física (várias salas de aulas, laboratórios para desenvolvimento de aulas práticas de biologia e química, laboratórios de matemática e jogos), apresenta bons resultados frente às avaliações externas, os alunos da instituição quase sempre conseguem chegar ao nível superior, ficando por duas vezes em primeiro lugar dentro das escolas públicas do município no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Atende aproximadamente 889 alunos, dividido em 26 turmas. Já a Escola X, está localizada em uma área periférica da cidade, em que muitas das vezes existe um grande número de evasão dos alunos, em especial, do ensino médio segundo os funcionários da escola. Atende cerca de 500 alunos, tanto do bairro, como das localidades circunvizinhas, em que possuem uma média de 30 alunos por turma, apresenta também uma elevação de reprovação nas disciplinas de português, matemática e ciências, possui ausência de professores em alguns componentes curriculares.

Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo foram realizadas visitas a duas escolas públicas do município de Mossoró/RN, durante os meses de outubro e novembro, a fim de compreender a partir de entrevistas quais sentidos os docentes atribuem à qualidade da/na escola. Nessa perspectiva, perguntamos: O que é uma escola de qualidade para você? Caso você considere sua escola como sendo de qualidade, onde, ou em quais elementos, você vê qualidade da/na educação (na escola)? Na sua opinião, em quais aspectos sua escola se aproxima ou se distancia de uma escola considerada de qualidade? Como os documentos da escola (o PPP, mapa educacional, dentre outros)

apontam/discutem sentidos de qualidade? Para fundamentar as discussões em pauta, utilizamos como base referenciais de abordagem desconstrucionista, em especial, discussões apontadas por Lopes (2012).

Foram entrevistados quatro professores (sendo dois da Escola X e dois da Escola Y) cujas falas estão destacadas ao longo do texto entre “aspas”; cada entrevistado será identificado como Professor 1, Professor 2, Professor 3 e Professor 4 (o Professor 1 e Professor 2 da Escola X, Professor 3 e Professor 4 Escola Y).

Resultados e Discussões

Ao discutir qualidade da escola pública, Lopes (2012) aponta a importância do currículo na qualidade na/da educação e a necessidade de desconstruir a ideia de que os resultados das avaliações expressam a qualidade da escola e conseqüentemente torna padrão da qualidade educacional a escola que sempre atinge as metas e os melhores resultados. Para essa autora (LOPES, 2012 p. 13), “as políticas curriculares, tanto no Brasil, como em outros países, vêm se desenvolvendo com base em discurso que conecta currículo com qualidade da Educação”.

Para Dourado e Oliveira (2009, p. 204) a qualidade é um conceito histórico, que se altera com o tempo e o contexto, “caso se tome como referência o momento atual, tal perspectiva implica compreender que embates e visões de mundo se apresentam no cenário atual de reforma do Estado, de rediscussão dos marcos da educação — como direito social e como mercadoria —, entre outros”.

Com as entrevistas realizadas tendo como referência o que os docentes das escolas visitadas entendem por qualidade da/na escola pública é possível perceber que para muitos a qualidade está relacionada com a importância, com o compromisso com a formação dos alunos e articulação entre famílias dos alunos e a escola, conforme podemos destacar pela fala do Professor 1: “uma escola de qualidade é aquela que tenha compromisso com a formação educacional escolar e para a vida em sociedade”. Destaca também a importância de uma escola que possua professores qualificados, funcionários

comprometidos com a aprendizagem dos alunos, uma estrutura capaz de atender as necessidades da comunidade escolar e que possa contar com a participação efetiva da família.

Outro aspecto que um dos professores entrevistados relatou em relação a uma escola com qualidade é a estrutura física da instituição, pois, para ele “ter toda essa estrutura nos permite oferecer uma boa qualidade aos nossos alunos” (Professor 1). Para o Professor 4, qualidade, significa “os projetos desenvolvidos pela coordenação e no apoio pedagógico que os professores recebem para realizar as atividades planejadas, bem como, os projetos científicos que a escola desenvolve”.

A partir das respostas dos entrevistados foi possível compreender que, para alguns, a questão da qualidade da/na escola está relacionada à quantidade, sendo esta destacada em vários aspectos: na estrutura física, nos melhores resultados frente às avaliações externas, nos considerados melhores projetos científicos, e principalmente, no número de projetos apresentados em eventos diversos. Os números de alunos aprovados em vestibulares também são apontados nos documentos das escolas como um ponto para mostrar a qualidade nas instituições de ensino.

Conclusão

Com as leituras realizadas e as observações desenvolvidas nas escolas, é perceptível que a palavra qualidade está sempre atrelada a inúmeros significados e que a elevação dos resultados que as escolas atingem nas avaliações não significa que uma escola seja de qualidade, pois, em alguns casos as escolas acabam por fazer certos treinamentos com os alunos para prepará-los, a fim de, conseguir bons resultados.

Sentidos de educação se deslocam constantemente dependendo dos contextos de leitura e de análise desses sentidos. Para documentos oficiais como o Plano Nacional de Educação ou para a Constituição Federal, qualidade da educação está, geralmente, associada à expansão do ensino e ao financiamento da educação básica e superior.

Já para os professores entrevistados, qualidade pode se apresentar na boa estrutura física da escola, nos projetos didático-pedagógicos que ela desenvolve; também, em sua equipe pedagógica e na relação que mantém com a comunidade, em especial, com as famílias dos alunos. Consideramos, por fim, que significar qualidade da/na escola pública nos possibilita desconstruir sentidos outros discursivamente construídos.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**, Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm . Acesso: 31 Jul. 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso: 31. Jul. 2018.

LOPES, Alice Casimiro. A qualidade da escola pública: uma questão de currículo? In: Marcus Taborá; Luciano Faria Filho; Fabiana Viana; Nelma Fonseca; Rita Lages. (Org.). A qualidade da escola pública. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DOURADO, Luiz Fernando; OLIVEIRA, João Ferreira. **A qualidade da educação: perspectivas e desafios**. Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, 2009. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n78/v29n78a04.pdf> > Acesso: 13. Mar. 2018.

POLÍTICA DE PREMIAÇÃO ESCOLAR: MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO?

Islaneide Karla da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
islaneidekarla@hotmail.com
Marcia Betânia de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
marciabetaniauern@gmail.com

INTRODUÇÃO

Qualidade na educação é uma temática sempre em pauta. Várias políticas são promovidas/desenvolvidas a fim de promover tal qualidade, dentre elas, destaca-se a premiação de escolas e/ou de professores por elementos considerados como de bons resultados (preferencialmente estatísticos, possivelmente ranqueadores) e de práticas exitosas. Assim, qualidade parece estar sempre associada à ideia de produtividade. O município de Mossoró/RN desenvolve, desde o início desta década, uma política educacional centrada nos valores de mercado, cujas categorias centrais envolvem uma combinação de performatividade, responsabilização e premiação por desempenho (MATIAS, 2017).

O presente trabalho aborda, portanto, como essa política de premiação escolar vem sendo discutida em dissertações de mestrado. Trata do recorte de um projeto PIBIC, em andamento, intitulado “A pesquisa em pesquisa: uma leitura das produções acadêmicas da linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação/ POSEDUC/UERN (2013/2016)”. A pesquisa vem sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Das quinze dissertações analisadas, como parte do referido PIBIC, este trabalho destaca duas (DUARTE, 2015 e MATIAS, 2017) que tratam da política de premiação escolar no município de Mossoró/RN. Objetiva identificar como a política de premiação escolar é tratada pelas autoras, observando como estes desenvolveram suas pesquisas e quais considerações apontam sobre a temática.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No decorrer da participação no projeto PIBIC supracitado, a partir das leituras e discussões das dissertações do POSEDUC, das quinze encontradas, consideramos relevante a utilização de duas destas para desenvolver esse estudo, pois as duas se assemelham em seus objetos de pesquisa.

Para a realização desse estudo, fizemos a leitura e tabulação de partes das dissertações, tais como: resumo, introdução, e conclusões (quando necessário, é feita a leitura de outras partes). A partir de então, relacionamos a discussão aqui tratada com autores como Paro (1998) e Dourado (2007), considerando a contribuição de ambos nas abordagens sobre qualidade e produtividade na política educacional. O estudo está então elaborado em três pontos, onde no primeiro iremos apresentar questões referentes a políticas educacionais, embasando com os teóricos escolhidos, e em seguida apresentaremos cada uma das dissertações escolhidas, uma por ponto para melhor compreensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola pública atual enfrenta grandes dificuldades no que se refere à qualidade da educação. É considerado que tais dificuldades possam estar associadas ao pouco investimento na formação continuada dos professores, como também questões sociais, salariais, estruturais e de segurança na comunidade escolar. Paro diz que:

Muito se tem falado, nos últimos anos, sobre qualidade do ensino e produtividade da escola pública. O discurso oficial, sustentado inclusive por argumentos de intelectuais que até pouco tempo atrás faziam sérias críticas ao péssimo atendimento do estado em matéria de ensino, assegura que já atingimos a quantidade, restando, agora, apenas buscar a qualidade, como se fosse possível a primeira sem a ocorrência da segunda. (PARO, 1998, p..1)

A gestão escolar é chamada constantemente a buscar apoio dos professores e alunos com vista às melhorias para escola, tornando-a mais visível na comunidade, produtiva, e retornando para a sociedade bons resultados. A busca por uma “escola de qualidade” tem movimentado, também, a corrida por prêmios que tornam a escola melhor e a comunidade escolar mais estimulada a trabalhar. De acordo com Dourado

(2007, p. 923) “políticas educacionais efetivamente implicam o envolvimento e o comprometimento de diferentes atores, incluindo gestores e professores vinculados aos diferentes sistemas de ensino”.

Mas, quando esses prêmios passam a ser buscados com o intuito apenas de cumprir metas, a escola passa a ser uma empresa e não mais um centro educacional. O que pode apresentar em seus relatórios bons resultados, pois estão se esforçando para conquistar objetivos, sem talvez se preocupar com a qualidade que esta sendo ensinada, considerando-se uma mera produtora de mão de obra. As duas dissertações aqui destacadas tratam dessa temática, conforme destacado a seguir.

Duarte (2015) discute a política de premiação adotada pela Secretaria Municipal de Educação de Mossoró/RN, considerando a elevação da qualidade da educação pública, usando como base para esse estudo, uma escola que ganhou, de 2010 a 2013, o prêmio “Escola de Qualidade”. A pesquisa, um estudo de caso, se deu por meio de observação participante, baseada em um cronograma previamente construído, e da entrevista reflexiva com oito professores que ganharam, desde 2010 – ano de criação do prêmio –, o 14º salário, três membros da equipe gestora, um aluno que ganhou o prêmio na forma de poupança e a mãe desse aluno. Os resultados apontam que a política de premiação tem contribuído para a elevação da qualidade da educação do município de Mossoró/RN. Duarte considera que os IDEBs da escola estão se elevando a cada ano de aferição a partir do que deduz “que essa instituição vem cumprindo seu papel em relação ao ensino-aprendizagem dos discentes” (DUARTE, 2015, p. 9).

A autora destaca que a implementação da política de premiação na escola trouxe vantagens, como a dinamização da gestão, o mecanismo de acompanhamento das escolas, a preocupação com a aprendizagem dos alunos e a criação de metas para a educação (idem). Também trouxe desvantagens como a divulgações de resultados com fins competitivos, a falsificação de dados, a segregação de unidades escolares, o aprofundamento das desigualdades sociais, a distorção do papel social da escola. Por fim, Duarte (2015) conclui que essa política traz (des)vantagens para a qualidade da educação da escola e do município, tornando-se necessário repensar quais os fins que estão sendo pensados para a educação com a sua implementação.

Matias (2017) investiga como os professores respondem às exigências escolares estabelecidas pelo município de Mossoró/RN e o governo federal, e como o desenvolvimento de determinadas atividades interfere na autopercepção dos professores entrevistados e nas relações dos professores entre si. Metodologicamente falando, a autora realizou entrevistas com professores pedagogos, além da análise de Leis municipais e documentos oficiais produzidos pela Secretaria Municipal de Educação. Matias (2017) destaca que a) os professores estão sacrificando sua personalidade profissional pela produtividade; b) ganhar o 14º salário é a principal meta da escola; c) a prática de ensino é reconstruída para atender aos critérios de comparação, mensuração e classificação; d) as escolas constroem e utilizam estratégias para burlar o sistema.

CONCLUSÕES

Considerando as discussões de Duarte (2015) e Matias (2017), percebe-se a importância de ambas para compreendermos discussões em torno da considerada qualidade da educação. Conceitos como performatividade, responsabilização, premiação por desempenho, avaliação, dentre outros, discutidos nas dissertações aqui destacadas, nos possibilitam compreender que a qualidade da/na educação não é algo que se limita a dados estatísticos. Existem outras possibilidades de pensarmos e vivermos qualidade.

Constatamos que embora os objetivos das pesquisas em pauta sejam diferentes, há convergências em suas considerações: as vantagens dos prêmios é que a escola passa a ser melhor colocada dentro da sociedade, mais bem vista pelos pais, conseqüentemente, recebe mais recursos financeiros, trazendo bônus salariais para os docentes. Contudo, é possível apontar como resultados negativos no processo da performatividade via premiação escolar: competitividade exacerbada entre professores, gestores e todo o estafe escolar com outras escolas, “falsificação” de dados para se manter no ranking e angariar financiamento, segregação de unidades escolares, desconstrução do que se considera como o real papel social da escola.

Concluimos que os objetivos do estudo foram alcançados, pois conseguimos identificar e relacionar diversos pontos que foram estabelecidos, tornando a pesquisa de

intensa relevância para pesquisadores, professores e educandos que tenham interesse no tema abordado.

REFERÊNCIAS

DOURADO, Luiz Fernandes. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 921-946, out. 2007.

DUARTE, Valquiria Gomes. **Política de premiação do município de Mossoró/RN e sua interrelação com a qualidade da educação**. Dissertação de Mestrado. Mossoró/RN. 2017. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2013/arquivos/3938valquiria_gomes_duarte.pdf. Acesso: 06. Mai. 2018. Mossoró/RN. 2015.

GAZETA DO POVO, Blog. **A escola e suas premiações**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/a-escola-e-suas-premiacoes/>. Acesso em: 02. Jul. 2018. Por Educação e Mídia. 09/02/2017.

MATIAS, Maria Marleide da Cunha. **Respira-se a meta: os professores e a performatividade na educação municipal de Mossoró**. Dissertação de Mestrado. Mossoró/RN. 2017. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2015/arquivos/4223maria_marleide_da_cunha_matias.pdf. Acesso: 06. Mai. 2018.

PARO, Vitor Henrique. **A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública**. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 300-307.

A MULHER NEGRA PERANTE O MERCADO DE TRABALHO

Abdemar Lima Cunha
abdemarlima@hotmail.com;
Reginaldo Furtado dos Santos
reginaldosantos913@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O trabalho existe desde o início da humanidade, uma vez que qualquer atividade que nos propomos a realizar abrange-o. É importante compreender que pelo meio da desvalorização do trabalhador, transformando-se em um ser vulnerável aos desmandos do capital. Essa prática é determinada pelas expressões da questão social, tais como: insegurança, pobreza, fome e etc. E no meio das desigualdades sociais que evidenciam significativamente a vida de milhões de indivíduos, a mulher que no decorrer da história é determinada por preconceito e encontra-se inserida em uma sociedade patriarcal. Até os dias atuais a mulher negra vem sendo classificada como aquela que se sujeita aos trabalhos mais precários da sociedade brasileira. Contudo, as pesquisas aprofundadas referentes ao tema esporadicamente não levam em consideração a cor como requisito.

Analisando a sociedade brasileira é possível perceber a existência de inúmeras desigualdades, dentre elas pode-se detectar as relações de gênero, bem perceptível em uma sociedade pautada pelo capitalismo onde as relações são determinadas pelo modo de produção do sistema neoliberal, onde a produção e distribuição de riqueza, gera a desigualdade e exclusão, na qual a mulher sofre mais.

A parcela mais carente da sociedade brasileira são as mulheres negras, onde as mesmas possuem circunstâncias de trabalho mais precárias, com baixos rendimentos e elevadas taxas de desemprego. Na sua grande maioria exercem cargos inferiores, desvalorizados, com menores salários, correspondente a baixa qualificação profissional, as mesmas não dispõem de chances para desempenhar cargos de direção e chefia resultando assim a baixa qualidade de vida. Pesquisas mostram que essas mulheres recebem salários inferiores aos homens. Um homem negro tem sua remuneração 40%

maior que uma mulher negra. Se confrontado a uma mulher branca, essa desigualdade se eleva, pois, uma mulher branca recebe 70% a mais que uma mulher negra.

Assim, objetiva o presente trabalho refletir a falta da representatividade da mulher negra perante ao mercado de trabalho no Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi desenvolvido com base na revisão de literatura, utilizando-se a pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres negras depois de muita luta conseguiram conquistar alguns direitos e derrubar determinadas barreiras sociais, contudo, a situação atual dessas mulheres, não teve alteração considerável. No mercado, os homens ainda exercem cargos superior ao das mulheres. Quando comparadas às mulheres negras, as não-negras encontram na sociedade uma facilidade maior de superar os possíveis obstáculos, que envolvem as desigualdades de gênero referente ao mercado de trabalho. As mulheres negras por sua vez, são as que possuem elevadas taxas de desemprego e as que ficam por mais tempo sem trabalhar. No momento em que consegue emprego, são ofertadas a elas trabalhos com menor qualidade, remuneração e posição. Sob outra perspectiva, predomina as negras no trabalho doméstico. As mesmas possuem menos possibilidade de concluírem a formação escolar.

A sociedade, e a mídia tem um papel fundamental, há diversos olhares sobre a mulher afro descendente. Este olhar tem como fundamento o de passar que a mulher negra não teria uma imagem a ser vendida comparada a mulher branca. A profissional negra, geralmente, é sublocada para funções que não sejam a 'cara da empresa', ocupando assim cargos que o atendimento seja, preferencialmente, ao telefone. Imposta pela mídia e meios de comunicação, a ditadura da beleza criou um olhar analítico e rigoroso transformando-as em um produto meramente comercial e estimativo aos olhos de publicitários.

Dispomos de Leis para garantir a proteção desta mulher perante o mercado de trabalho, porém, as mesmas permanecem desprotegidas pelo estado. É oportuno ressaltar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos apresenta no artigo 7º que todas as pessoas são iguais perante a lei e tem direitos sem qualquer distinção, e igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração. Logo, o Art. 23 diz que todo ser humano tem direito ao trabalho sem qualquer distinção, à livre escolha de emprego, tem direito a igual remuneração por igual trabalho, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados, concluímos que apesar de todas as conquistas, há uma grande resistência por parte dos homens, e isso ocorre por elas serem vistas, na maioria das vezes, como pessoas inferiores. É válido ressaltar que esse quadro de desigualdade cresce quando se refere a mulheres negras, que mesmo sendo a maioria do povo brasileiro, todavia são as mais pobres. É importante frisar o distanciamento existente no que está na lei e sua aplicabilidade no que tange a questão da mulher, bem como os direitos adquiridos que constam na Constituição Federal.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. Disponível em <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/10/16466-50750-1-PB.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2018.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2018.

GELEDES, A mulher negra no mercado de trabalho: A pseudoequidade, marcada pela discriminação da sociedade e a mídia no século 21. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-a-pseudoequidade->

[marcada-pela-discriminacao-da-sociedade-e-a-midia-no-seculo-21/](#) . Acesso em 21 de julho de 2018.

SANTOS, M. S. et al. Desigualdades de gênero: a mulher negra no mercado de trabalho. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/desigualdadesdegeneroamulhernegranomercadodetrabalho.pdf> . Acesso em 21 de julho de 2018

GÊNERO E JUVENTUDES: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO ESCOLAR

Evelane Mendonça Lima

(Universidade Estadual Do Ceará – Uece / Evelane.Mendonca1@Gmail.Com)

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade configurada por práticas e sentidos caracterizados pela opressão, submissão e inferiorização das mulheres e seus corpos, nos cabe refletir como o machismo acontece nos mais diversos espaços de socialização. A escola enquanto instituição social que manifesta em seu cotidiano rituais e culturas é um campo propício a tal pesquisa. Segundo Pulcino, Pinho e Andrade (2014, p.129), as instituições escolares possibilitam a criação de socializações entre os estudantes, mas essas socializações podem reproduzir relações de poder, isto é, relações respaldadas por práticas machistas e sexistas.

Desse ponto de vista, a escola se mostra como aparelho que emana a cultura patriarcal — tendo em vista que sua construção se dá por sujeitos inseridos nessa cultura. As juventudes presentes nesse ambiente acabam estabelecendo relações entre mulheres e homens, territorializando espaços ditos próprios do masculino, atribuindo comportamentos esperados do feminino, e assim, reforçando padrões que normalizam corpos essencialmente diferentes. Por outro lado, apesar das constantes práticas machistas, existem as resistências coletivas e individuais, tanto de educadores que problematizam em seu fazer docente essas questões quanto alunas que quebram a lógica do silenciamento das vozes femininas.

Além disso, torna-se essencial perceber como a educação é um meio viável e importante de se desconstruir a desigualdade de gênero, mesmo que em um plano micro. A partir da própria sala de aula e de atividades que conduzam a discussão sobre gênero, é possível estabelecer entre as juventudes e suas redes de sociabilidades engendradas no espaço escolar conexões dialógicas que rompam com a noção de superioridade masculina. “[...] Refiro-me a um modo de gerenciar as relações de gênero

na escola, de maneira a questionar e reconstruir as idéias sobre o feminino e sobre o masculino.” (AUAD 2006, p. 79). Considerando isso, este resumo objetiva investigar as representações e os debates sobre gênero na escola, abordando o papel da educação e das juventudes na luta pela igualdade entre os gêneros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho emerge de uma experiência educativa de uma ex-bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de Sociologia vinculado a UECE (Universidade Estadual do Ceará). Este programa visa garantir a formação docente de qualidade estreitando o diálogo dos licenciandos com o ambiente escolar, de modo que sua inserção viabilize a reflexão em torno das atividades pedagógicas e das metodologias de ensino. Assim, os bolsistas do Programa acompanham as ações de um docente, de acordo com a área de sua graduação, elaboram planos de aulas, observam a dinâmica da sala de aula e participam de atividades de cunho didático-pedagógicas.

Nesse sentido, ocorreram aulas de Sociologia em uma escola pública de período integral na cidade de Fortaleza/CE que abordavam as questões de gênero, principalmente, no que se refere ao “ser mulher” em uma sociedade machista. Partindo desse contexto, a situação cotidiana de bolsista do PIBID se transformou em uma pesquisa de cunho qualitativo. Tal pesquisa teve como embasamento científico um referencial bibliográfico que privilegiou teóricas mulheres, intentando a visibilidade acadêmica e a valorização da escrita feminina em seu caráter político.

O percurso metodológico utilizou como instrumento de coleta de dados as observações participantes em aulas de Sociologia e observações simples das relações estudantis transcorridas no horário do intervalo. Nas aulas, os bolsistas participaram trazendo notícias midiáticas e informações estatísticas que apresentavam a realidade de opressão sofrida pelas mulheres. Da mesma forma contribuíram com o debate, orientando e dialogando com os grupos divididos entre os alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendo a escola como um espaço que retrata a realidade exterior, tendo em vista que a sua construção diária emana de sujeitos sociais. Dessa forma, as alunas enquanto mulheres socializadas em uma sociedade machista e patriarcal sofrem tipos de opressões diferentes. Diante disso, dialogo com Butler (2003, p. 20) ao afirmar que “[...] o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas.” Ou seja, a opressão não ocorre de maneira idêntica a todas as mulheres, nesse caso, na própria instituição escolar as alunas sendo oriundas de realidades heterogêneas passam por situações opressoras diversificadas.

Em uma das aulas observadas, a professora enfatizou a importância de se entender que a atribuição de papéis e comportamentos de acordo com sexo e gênero se desenvolve a partir das relações socioculturais. Assim, tal discussão deve ser travada no campo social. Neste campo social, as relações estabelecidas entre os indivíduos são desiguais. Essa desigualdade não se origina das condições biológicas, isso quer dizer que a desigualdade entre os gêneros é uma construção social e histórica (LOURO, 2003, p. 22).

O intervalo enquanto espaço-tempo de trocas simbólicas e sociabilidades mútuas, apresentou um retrato do machismo presente nas vivências das mulheres, pois muitos comentários que ecoavam dos grupos de meninos, tinham como alvo os corpos femininos. Concordo com Louro ao afirmar que:

O *locus* da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se "problemático", escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. A mãe e a prostituta, a garota boazinha e a má podem assumir outras designações, mas continuam acenando para uma divisão e um sistema classificatório que toma a sexualidade como referência. (LOURO, 2000, p. 71)

Já nas aulas de Sociologia o debate sobre questões de gênero ocorreu de maneira dinâmica. Em uma delas, houve uma atividade grupal que tinha como intuito analisar *charges*. As *charges* traziam criticamente a presença do machismo no cotidiano feminino. Nesse cenário, surgiram algumas falas que delineavam ideias sexistas e machistas, mas que foram logo rebatidas pelas próprias alunas que se identificaram com as situações abordadas nas *charges* dentro do próprio contexto escolar.

E ainda, em outro momento foram apresentados pelos bolsistas dados estatísticos e notícias que notabilizavam as relações desiguais entre os gêneros: diferença salarial entre mulheres e homens, os números de violência doméstica e de abuso sexual, bem como as ideias presentes no imaginário opressor que associam as roupas femininas aos assédios e abusos. Os resultados foram positivos, tendo em vista o amplo acolhimento dos estudantes. Embora alguns demonstrassem desdém pelo assunto, a escuta e a fala da maioria aberta as problematizações sobressaiu ao aspecto de indiferença.

CONCLUSÕES

A escola como instituição sociocultural construída por sujeitos socializados em meio à desigualdade de gênero, tende a reproduzir as relações de poder existentes em uma sociedade patriarcal moldada pela inferiorização da mulher. Como visto, em muitos casos, o machismo se apresenta entre os alunos nos momentos de trocas sociais, como exemplo, no intervalo ou na própria sala de aula. Em contrapartida, a importância está no diálogo com juventudes dispostas a desconstruir as opressões de gênero, a lutar pela emancipação e com aulas que abordem a temática.

Em síntese, a recepção juvenil em torno do assunto, sobretudo a das alunas, sugeriu uma aprendizagem que ultrapassa a simples reprodução de conteúdos, mas que possibilita uma educação engajada na luta das mulheres. Discutir as questões de gênero pautadas pelo histórico dos movimentos feministas e LGBT, assim como pelo próprio cotidiano dos discentes, torna-se fundamental não apenas nas aulas de Sociologia, mas sim em todas as atividades pedagógicas da escola. Assim, é possível construir um

espaço pedagógico orientado pela igualdade de gênero e pelo rompimento de práticas machistas, misóginas e sexistas.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, jul/dez. 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PULCINO, Rachel; PINHO, Raquel; ANDRADE, Marcelo. Papéis e identidades de gênero no contexto escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos. **Em aberto**, Brasília, v. 27, n. 92, p. 127-146, jul./dez. 2014.

“O ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOSO”: APRENDIZAGEM EM DOC NA AULA

Luiza Maria Aragão Pontes, Unisullivan

lukiapontes@gmail.com

Irlene Mota da Silva Santos, Unisullivan

irlenemota15@yahoo.com.br

Elizabeth Rolim Silva Carneiro, Unisullvan

bete_rolim20@hotmail.com

RESUMO

O presente resumo expandido aborda um estudo da peça teatral cearense intitulado O Romance do Pavão Misterioso pela Cooperativa de Teatro e Artes Cearenses. A metodologia do estudo transcorreu com o processo de pesquisa qualitativa e empírica sobre a importância dessa montagem na década de 70 com alunos do Grupo Alquimia de Teatro Amador da EEFM José Bezerra de Menezes, para depois orientar a montagem de um esquete teatral através do DOC – Disciplina Optativa Curricular. Os resultados obtidos revelaram que os educandos buscam a atividade de teatro na escola para se socializarem mais, se desinibirem e produzir seus esquetes teatrais, adicionando saberes da história do Teatro Cearense. Concluímos, que os alunos estão comprometidos com as DOC's na escola para aprimorar seus conhecimentos e, sobretudo desenvolver práticas educativas e sociais, (Letramento Literário) por meio da atividade teatral, possibilitando uma qualidade educacional e uma melhor interação entre corpo docente e discente em sala de aula.

Palavras-chaves: História do Teatro Cearense. Letramento Literário. DOC.

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado com o intuito de investir a participação dos alunos em DOC – Disciplina Curricular Optativa na Educação Básica, para desenvolver suas práticas educativas por meio de atividades artísticas, aprimorando seus conhecimentos e incentivando a montagem dos esquetes teatrais. Estas atividades são de fundamental importância para compreender essas práxis nas escolas públicas. Estas atividades artísticas foram desenvolvidas no sexto tempo, após as aulas regulares, quatro horas aulas por mês.

Tendo por base tais circunstâncias, percebeu-se que desenvolver a participação dos alunos em DOC é de fundamental importância para estruturar uma prática pedagógica e artística para a formação de cidadãos participativos e contextualizados na História do Teatro Cearense, oportunizando a teoria e a prática em sala de aula. Evidentemente, estes alunos se identificaram com tais práticas no ambiente escolar, sendo que o objetivo geral é socializar o aluno por meio de uma atividade teatral com o desenvolvimento do Letramento Literário, para que os mesmos sejam sensibilizados ao conhecimento e à montagem de um esquete no final do processo educativo-artístico, formando também educandos participativos e críticos através desta atividade artística.

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, com uma pesquisa empírica, com um estudo de um referencial teórico direcionado a uma prática de Letramento Literário com a compreensão da História do Teatro Cearense, mais precisamente, à existência e atuação da Cooperativa de Teatro e Artes sua importante atuação como um teatro político na década de 70, sendo um divisor de águas, na encenação da Dramaturgia Cearense de grande relevância à compreensão do construto deste resumo expandido.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através da compreensão e informação da encenação da peça “O Romance do Pavão Misterioso” adaptada por Marcelo Farias Costa e dirigida por José Carlos Matos veio também à criação da Cooperativa de Teatro e Artes Cearenses, em 1972 que por quatro anos desenvolveu várias atividades importantes no cenário artístico cearense, valorizando a dramaturgia de autores cearenses:

Conforme Costa (2017):

Na época, era assim que se pensava do espetáculo (Gazeta de Notícias 8 de março de 1972) “A Cooperativa de Teatro e Artes, um grupo de proposições novas, dentro do marasmo que envolve o teatro cearense, escolheu ara sua primeira montagem O Romance do Pavão Misterioso, literatura de cordel de João Martins de Athayde. O texto original foi ligeiramente adaptado para o teatro, conservando a rima e o teor do original (COSTA, 2017, p. 325).

Soma-se, a isso, uma pesquisa e estudos desta montagem, para se ter acesso à atuação do teatro cearense na década de 70, na prática de um teatro de bairros, atuante e crítico, com teor político na cidade de Fortaleza, pois nesta época os grupos de teatro cearense faziam produções teatrais ocasionais, devido a dificuldade de produção teatral. A década de 70, não somente trouxe a Cooperativa de Teatro e Artes em evidência, mas também destacou vários grupos teatrais como o GRITA – Grupo Independente de Teatro Amador, Grupo do Teatro do Sesi, Grupo Cancela, Grupo Balaio, Grupo de Pesquisa, Grupo Opção, Grupo Raça e também a fundação da FESTA – Federação Estadual de Teatro Amador. A Cooperativa foi um marco para a Dramaturgia Cearense e existiu de 1972 até 1976:

Criada por jovens atores, a Cooperativa de Teatro e Artes introduz o Ceará no panorama do movimento do teatro amador, que marcou o Brasil no correr dos anos 1970. Em síntese, os artistas envolvidos por essa ideia acreditavam ser possível criar novas realidades produtivas e ainda contribuir para fomentar um processo de abertura política no País (MAGELA, 2012, p.01).

Tal manifestação artística na década de 70 nos propiciou uma pesquisa também de cunho bibliográfica voltado assim, para uma abordagem teórica com fontes bem restritas em livros, artigos e jornais; trazendo como principais autores: o pesquisador, dramaturgo, ator e diretor Marcelo Farias Costa e do jornalista e pesquisador Magela Lima. Também foi estudado o conceito de Letramento Literário por Magda Soares e Hiluska de Figueiredo Sousa Carneiro Vieira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a tais questionamentos, ao contextualizar esta prática educativa, buscou tornar os DOC's mais atrativos, permitindo que os alunos desenvolvam suas práxis de forma mais participativa, orientada e adequada propiciando união da teoria à prática. Isso permitiu também, amenizar o processo de evasão escolar, tornando as práticas educativas mais relevantes, tendo por base, o interesse pelo assunto, abordado.

Os DOC's são interessantes para aproximar o corpo discente e também docente, e propiciar a troca de informações em sala de aula, podemos qualificar esta

proposta como um tipo de letramento literário e social, com uma prática direcionada às artes cênicas:

O letramento não é unicamente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 72 - MAGELA, 2012, p.01)

Sendo assim, esta prática social de leitura e de escrita fez com que os alunos compreendessem e começassem a estudar a dramaturgia do texto revolucionário do “O Romance do Pavão Misterioso” como um marco na História do Teatro Cearense para depois, se tornarem protagonistas de suas atividades ao encenar na oportunidade, o esquete A Casa de Bernarda Alba, de Frederico Garcia Lorca adquirindo assim, importância à medida que a vida social e as atividades escolares foram centradas na interpretação e codificação da leitura e da prática cênica.

CONCLUSÕES

Conforme a evolução da DOC, realizado com os educandos, uma vez por semana, com uma carga horária de 20 horas/aulas foi possível, observar que os alunos despertam interesse de forma participativa, por meio do processo de Letramento Literário e Social com o desenvolvimento de uma práxis educativa, ao focar a atividade teatral em forma de esquete, unindo o conhecimento e a arte de encenar com um grupo específico de alunos ao participarem do grupo Alquimia de Teatro na EEFM José Bezerra de Menezes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. F. História do Teatro Cearense revista e aumentada, Fortaleza, 2ª Edição, Expressões Gráficas e Editora, 2017.

VIEIRA, H. F. S. C. Letramento Literário – Um caminho possível, Revista Arredia, volume 4, nº 7, – Universidade Federal da Grande Dourados, MS, Editora UFGD, 2015.

MAGELA, G. Disponíveis em:
<<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/imagememovimento/2012/04/27/noticiasimagememovimento,2828486/porque-nunca-e-demais-lembrar.shtml>>. Por que nunca é demais lembrar. Coluna Imagem & Movimento, Fortaleza, Jornal O Povo, 2010. Acesso em: 30/07/2018.

BREVE EXPLANAÇÃO DO PERCURSO DO ENSINO DE ARTES NA ESCOLA

Lúcio Vânio da Silva Costa
luciocostamusica@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa versa sobre o percurso pedagógico do ensino das artes no Brasil, que passando por diversas mudanças tornou-se, na atualidade, disciplina obrigatória nas escolas públicas de ensino regular do Brasil. Tendo a concepção de arte como forma de comunicação e expressão, a pesquisa tem por objetivo refletir sobre a contribuição da aprendizagem artística na formação do aluno. Busca-se por meio da pesquisa bibliográfica dos educadores John Dewey (1859-1952) e Ana Mae Barbosa (1936) fundamentar teoricamente este trabalho. Como resultado percebe-se que o ensino das artes nas escolas torna-se fonte de conhecimento artístico-cultural, incentivando ao empoderamento da identidade cultural do discente. Ao abordar este tema, a pesquisa almeja contribuir com a formação dos professores de artes e na pesquisa na área da arte-educação brasileira.

Palavras-Chave: Ensino, Artes, Arte Educação Brasileira.

INTRODUÇÃO

Este trabalho disserta sobre o percurso do ensino das artes no Brasil iniciando a reflexão a partir do Barroco brasileiro, oriundo dos primeiros professores de artes vindos de Portugal por intermédio da família Real em meados de 1808. A reflexão perpassa pela formação da Academia Imperial de Belas Artes, pelo movimento da Escola Nova e os ideais da Semana da Arte moderna de 1922 até chegar à formalização do ensino da arte na escola pública. O trabalho tem como objetivo refletir sobre a contribuição da aprendizagem das artes: artes visuais, artes cênicas (teatro e dança) e música, na formação do aluno, que por sua vez, possui esta disciplina de artes como conteúdo obrigatório em sua grade curricular. Para tal objetivo, busca-se abordar, por intermédio da pesquisa bibliográfica, o percurso histórico do ensino das artes, desde seus primórdios, até tornar-se disciplina obrigatória nas escolas da atualidade. Sendo a história do Brasil, um encontro de diversas culturas, resultado de uma miscigenação de

raças, o presente trabalho torna-se relevante por explanar a história do ensino das artes, abordando a formação cultural do Brasil, almejando contribuir na formação da identidade cultural dos alunos. Por tanto, a partir da explanação anterior, a pesquisa traz o seguinte questionamento: Qual a contribuição da disciplina de artes para a formação do discente?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa utilizou-se os métodos de procedimento históricos, descrevendo a evolução do ensino das artes e suas contribuições para o ensino e aprendizagem na formação dos discentes do ensino básico. O método historiográfico justifica-se por permitir compreender melhor a trajetória do ensino artístico a fim de confrontar com o ensino atual. A investigação deu-se pelo método bibliográfico, baseando-se na literatura dos artistas e pedagogos John Dewey (1859-1952) e Ana Mae Barbosa (1936) que contribuíram no cenário da formação do ensino das artes no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atualmente a arte é disciplina obrigatória na educação básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio) por meio da Lei nº 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. Entretanto, para o ensino-aprendizagem da arte tornar-se disciplina obrigatória no ensino básico houve um longo caminho de discussões, conquistas e evolução na área da educação. Mudanças que tiveram acentuadas influências de John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano cujas ideias foram absorvidas na Educação Brasileira de uma forma geral, assim como também na Arte-Educação. No Brasil, inspirou-se o movimento da Escola Nova. Um de seus principais pensamentos é educar a criança como um todo, incentivando a estimulação dos impulsos naturais da criança para o desenho por meio dos processos mentais de reconhecimento e reflexão. A Reforma Educacional de 1971 estabeleceu um novo conceito de ensino de arte: a prática da polivalência. Segundo esta reforma, as artes plásticas, a música e as artes cênicas (teatro e dança) deveriam ser ensinadas conjuntamente por um mesmo professor da primeira

até a oitava série do primeiro grau. No cenário geral do ensino de artes a nível nacional, a arte-educadora Ana Mae Barbosa passa a ser uma das principais arte-educadoras brasileira, destacando-se na criação do método de ensino da arte: Proposta Triangular. Barbosa (2000) dividiu sua Metodologia em três vertentes, que hoje são consideradas o tripé de sustentação da nova visão do ensino da arte por muitos educadores e estudiosos: Ler obras de Arte: ação que, para ser realizada, inclui necessariamente as áreas de Crítica e de Estética. Portanto, a partir das reflexões aqui apresentadas, acredita-se que o ensino das artes pode ajudar o aluno a manifestar-se artisticamente, contribuindo na construção de sua identidade cultural. A aprendizagem artística pode colaborar para a sua autoestima liberando seus sentimentos e tensões, e aprimorando suas percepções de mundo influenciando positivamente na aprendizagem e na sua relação com o eu, com o outro e com o mundo.

CONCLUSÕES

Ao investigar sobre PERCURSO DO ENSINO DE ARTES NA ESCOLA por intermédio da pedagogia dos autores que fundamenta a pesquisa, percebe-se que o processo criativo e artístico no Brasil passou por uma evolução significativa, pois o que antes era considerado o fazer artístico com o objetivo de adorno, passou a integrar como constituinte na formação humana, sendo um mecanismo de grande valor para a construção do indivíduo como ser humano, ajudando assim na sua comunicação e expressão. No entanto, observou-se também, que a Educação Artística, como lei nas escolas públicas, tornou-se ao mesmo tempo uma conquista e um problema, pois o professor que antes lecionava apenas uma disciplina tornou-se polivalente, ou seja, formado academicamente em uma única área tem a obrigação de ensinar as demais áreas artísticas que não domina como conhecimento artístico. Sendo assim, percebe-se a necessidade de políticas públicas voltadas para o ensino das artes dando ênfase a metodologia, formação e prática do ensino nas escolas públicas, para que aja um melhor direcionamento do ensino artístico aos alunos do ensino regular. Portanto, ao abordar sobre o percurso do ensino de artes na escola, conclui-se este trabalho na esperança de

que se tenha contribuído de maneira reflexiva no campo da pesquisa e na atuação dos professores de arte-educação.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATO, Rita de Cássia Fucci. VILLA-LOBOS, NACIONALISMO E CANTO ORFEÔNICO: Projetos Musicais e Educativos No Governo Vargas. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.27, p.210 –220, set. 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo, Cortez, 2002. (a)

_____. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2004. (b)

BATISTA, Ávila Marli. **A Obra Pedagógica de Heitor Villa-Lobos: Uma Leitura atual de sua contribuição para a Educação Musical no Brasil**. Dissertação (Doutorado Acadêmico em Musicologia) – Programa de Pós-graduação em Artes, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo 2010.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**. Campinas: Papyrus, 1999.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936.

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios: Um Ensaio Sobre a Música e Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2008

PAULA, Francisco Sebastião de. **Concepções e práticas de história da arte dos professores que atuam nas instituições de nível superior em Fortaleza**. Fortaleza, 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação UECE- Universidade Estadual do Ceará.

REDEFOR – Rede São Paulo de Formação Docente. **Ensino da Arte no Brasil: Aspectos históricos e Metodológicos**, São Paulo: UNESP 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científica**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TAVARES, Marcos. Ensino da arte nas escolas do século XXI. **Revista Ponto.com**. Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-entrevistas/o-ensino-da-arte-nas-escolas-do-seculo-xxi> Acessado em: 28/abr/2017.

COMO TRABALHAR COM HISTÓRIA ORAL SEGUNDO MEIHY E HOLANDA

- 1 Jackeline Alves França, Universidade Estadual do Ceará/UECE, e-mail:
jackelinefranca16@gmail.com
- 2 Hannah Franklin dos Santos, Universidade Federal do Ceará/UECE, e-mail:
hannah.franklin@aluno.uece.br
- 3 Lia Machado Fiuza Fialho, Universidade Estadual do Ceará/UECE, e-mail:
lia_fialho@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A temática central trata do uso da História Oral (HO) na pesquisa científica. O objetivo é identificar possíveis maneiras de se trabalhar metodologicamente com HO. Para alcançar esse escopo utilizamos pesquisa bibliográfica, que contou como aporte teórico principal o livro *História Oral: como fazer, como pensar*, escrito por Meihy e Holanda (2007). Constatou-se que algumas categorias são elementares para a HO, quais sejam: memória, lembrança, esquecimento e narrativa. Bem como que a metodologia da HO pode ser utilizada em três gêneros: tradição, temática e história de vida. A entrevista é sempre o instrumento basilar para a coleta de dados e posterior análise das oralidades. HO é importante metodologia interdisciplinar que possibilita análises micro-históricas.

A História Oral (HO) surge em meados do século XX após a criação de gravadores, pois, sem esse meio tecnológico não se podia fazer o registro da oralidade em áudio, deste então, a HO tem ganhado credibilidade no âmbito das ciências humanas e sociais devido a emergência da Nova História defendida pelo movimento da *École de Annales*, que passa a considerar como importante objeto de pesquisas os sujeitos comuns e suas respectivas atividades, alargando a compreensão acerca do que seja fonte histórica considerando todo e qualquer vestígio que possa contar a história dos homens no tempo – utensílios, imagens, cartas, vestuário, escritos, impressos, dentre outras (BURKE, 1992). Assim a oralidade passa a ser considerada uma relevante fonte para pesquisa e a HO recebe maior credibilidade científica e disseminação de uso no meio acadêmico.

Partindo da compreensão holística possibilitada desde as discussões empreendidas pela Escola de Annales, a HO na contemporaneidade pode ser compreendida como ferramenta, técnica, método, forma de saber e disciplina (MEIHY, HOLANDA, 2013). No entanto, a ênfase desse trabalho é discuti-la como metodologia de pesquisa.

O presente trabalho questiona: Como se utiliza a metodologia da HO em pesquisas acadêmicas? Para responder essa inquietação tomou-se como objetivo identificar as possíveis maneiras de se trabalhar metodologicamente com a HO.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo revisão bibliográfica baseando-se na obra *História Oral: como fazer, como pensar*, escrito por Meihy e Holanda (2007), como principal aporte, complementada com interpretações sobre HO desenvolvidas por Alberti (2005), Burke, (1992) e Thompson (2002).

A revisão bibliográfica, desenvolvida desde a leitura cuidadosa e fichamento dos autores supracitados, possibilitou, na nossa condição de bolsista, conhecer e discutir os fundamentos da HO e as suas principais características, para identificamos as possíveis maneiras de se trabalhar metodologicamente com HO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo foi desvelado tomando por base teórica o livro *História Oral: como fazer, como pensar*, escrito pelos teóricos José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda, que foi publicado em primeira edição no ano de 2007. Os autores compreendem que a história oral, para ser considerada metodologia, não se limita a apenas realizar entrevistas, pois é primordial que exista uma relação direta entre o entrevistador e entrevistado, e que todos os detalhes da entrevista sejam registrados não somente por um instrumento tecnológico de gravação, mas também pela atenta observação do entrevistador.

Por isso é importante que o entrevistador esteja atento tanto ao que o entrevistado está narrando quanto nas emoções que ficam evidentes no momento do

regaste das lembranças que vem à tona em sua memória. A atenção do entrevistador na narrativa do entrevistado torna-se imprescindível, pois é no momento que ocorre o resgate das lembranças que podem ser boas e alegres, mas também que podem ser ruins e dolorosas – que, às vezes, permanece no esquecimento por muito tempo – que colaboraram para a formação daquele indivíduo que muitas vezes não se reconhece como protagonista da própria vida. Assim, podemos dizer que a partir das memórias resgatadas em uma entrevista em HO, torna-se possível compreender o indivíduo como promovedor de cultura e transformador do meio social que está inserido.

Para trabalhar com a metodologia da História Oral, importa primeiramente definir em qual gênero esta será inserida: história de vida, temática e tradição oral. (MEIHY, HOLANDA, 2013).

Os autores Meihy e Holanda afirmam que a HO de vida:

“Em particular, a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções, ou seja, a questão subjetiva se mostra essencial.” (MEIHY, HOLANDA, 2013, p.34)

Sobre a HO temática, os autores Meihy e Holanda dizem que:

“No caso da história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades. Por lógico reconhece-se que a objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações.” (MEIHY, HOLANDA, 2013, p.35)

Sobre a Tradição Oral, os autores Meihy e Holanda afirmam que:

“Seguramente a mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da HO é a tradição oral. Não se limitando apenas a entrevistas, a tradição oral trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas. Parente da etnografia, a boa resolução da pesquisa em tradição oral implica minuciosa descrição do cotidiano e de suas inversões.” (MEIHY, HOLANDA, 2013, p.40)

É necessário partir sempre de um projeto em HO, logo, faz-se necessário entender como se elabora um projeto, sempre com o cuidado de se comprometer primeiramente o papel social deste, em seguida deve – se estabelecer um grupo de pessoas a ser entrevistado; fazer o planejamento e realizar a condução das entrevistas utilizando meios eletrônicos para captação e formulação documental; fazer a transcrição e estabelecimento do texto; conferir o produto escrito; buscar a autorização para o uso; realizar o arquivamento do produto final e quando possível fazer a devolução do resultado para os protagonistas geradores e, em alguns casos, à comunidade que os provocou (MEIHY, HOLANDA, 2013).

Considerando a relevância de trabalhar com história oral entendemos a capacidade de possibilitar uma nova história que (re)constitui a memória coletiva de pessoas integrantes de grupos sociais que antes não teriam a oportunidade de relatar suas experiências, especialmente os grupos minoritários e discriminados (THOMPSON, 2002). A HO possibilita a interface indissociável entre o individual e o coletivo, pois fornece elementos individuais comuns possibilitando reorganizar os espaços culturais, sociais e políticos dos grupos sob nova interpretação, contextualizada, destituída de positivismo e repleta de reflexividade crítica (ALBERTI, 2005).

CONCLUSÕES

O estudo em tela tratou do uso da HO na pesquisa científica, com o objetivo de identificar possíveis maneiras de se trabalhar metodologicamente com HO. Desenvolveu-se uma pesquisa que contou como aporte teórico principal o livro *História Oral: como fazer, como pensar*, escrito por Meihy e Holanda (2007), bem como das obras de Alberti (2005), Burke, (1992) e Thompson (2002).

Os principais resultados encontrados foram: 1) as categorias elementares para a HO - memória, lembrança, esquecimento e narrativa; 2) que a metodologia da HO pode ser utilizada em três gêneros - tradição, temática e história de vida; 3) que toda pesquisa em HO parte de um projeto prévio elaborado em HO; 4) que a entrevista é sempre o instrumento basilar para a coleta de dados e posterior análise das oralidades e 5) que a HO é importante metodologia interdisciplinar que possibilita análises micro-históricas.

Discute-se que a HO possibilita entender e ressignificar o coletivo desde a valorização das subjetividades e individualidades, pois favorece a análise de elementos individuais comuns possibilitando reorganizar os espaços culturais, sociais e políticos de maneira contextualizada, reflexiva e crítica, fomentando alargamento da compreensão histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MEIHY, José. C. HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A DIDÁTICA: ANÁLISE DA SALA DE AULA

Maria Enandally da Silva de Assis
nandys214@hotmail.com
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
Elton da Silva Souza
elton.pim2015@gmail.com
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz reflexões acerca das implicações de uma prática da didática tradicional, no âmbito da sala de aula de primeiro ano do ensino fundamental. O objetivo principal é refletir o quanto esta prática pode interferir no aprendizado dos educandos.

De acordo com Libâneo (1994) a metodologia do trabalho docente envolve os seguintes elementos do processo de ensino no decorrer de uma aula: métodos, formas e procedimentos de docência e aprendizagem, materiais didáticos e técnicas de ensino e organização da situação de ensino que envolve as várias tendências pedagógicas. Além disso, a didática tradicional é centrada no professor que expõe e interpreta o conteúdo a ser transmitido, sendo aprendizagem receptiva e automática.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por alcançar o objetivo deste trabalho, é importante que o pesquisador tenha seu olhar atento e focado ao objeto pesquisado, que é refletir o quanto esta prática pode interferir no aprendizado dos educandos. Esta pesquisa de abordagem qualitativa caracteriza-se pelo conhecimento que visitas em *lócus* foram extremamente importantes para a consolidação deste estudo as abordagens exploratórias descritivas se fizeram de suma importância.

Para Toledo e Shiaishi *apud* Creswell (1994, p.104) ressaltam que “nos métodos de pesquisa qualitativa existem diversos tipos e estratégias de coleta, análise e confecção de relatórios de resultados que se adaptam para a resolução de problemas de

pesquisa nas ciências humanas e sociais”.Utilizou-se como instrumentos para a coleta de dados: entrevista e observação.

O cenário da pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental Maria Nair Martins, da Rede Municipal, situada no município de Ipu, Ceará. A importância de termos escolhido esta escola e a sala de 1º foi de muita importância para fazermos uma reflexão da didática em uma perceptiva tradicional e suas implicações no processo de ensino aprendizagem do aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

AS CONFIGURAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL

O ensino tradicional ainda perpassa diversas realidades, inclusive a prática da educadora, na qual foi analisada através da entrevista que a mesma sempre ficava restrita apenas na utilização do livro didático e tem como foco principal alfabetizar seus alunos para cumprir metas, não visando a formação de cidadãos críticos e reflexivos. A professora explicita como é elaborada sua aula “Minhas aulas são organizadas pelo tempo, e são distribuídas de acordo com o material que eu trabalho, os cadernos de atividades do Mais Paic da autora: Amália Simonette. Além de atividades escritas e orais, trabalho também o livro didático Àpis”.Por isso,

De acordo com Libaneo (2011) o papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida. (LIBANEO,2011, p.5)

Observa-se que a didática do professor deve somar no que diz respeito à aprendizagem, onde o mesmo tenha compromisso em ter uma prática transformadora

com a sociedade e conduza o aluno a uma autonomia do conhecimento. O autor afirma a importância da didática dizendo:

Pois é certo que a didática tem uma determinada contribuição ao campo educacional, que nenhuma outra disciplina poderá cumprir. E nem a teoria social ou a econômica, nem a cibernética ou a tecnologia do ensino, nem a psicologia aplicada à educação atingem o seu núcleo central: o Ensino. (CASTRO, 1991, p.21).

Desta forma, a didática é uma disciplina que completa todas as outras, pois é através dela que o professor buscará a melhor forma de desenvolver seu método de ensino, onde o mesmo deverá buscar estratégias para que este ensino chegue de forma significativa no educando, e que não seja apenas mais um conteúdo, porém seja algo que se interiorize e complete-se com outros conhecimentos. De acordo com estudos de Libâneo (2011).

É recorrente na história da pedagogia a menção ao triângulo didático onde se identifica aquele que ensina, um conteúdo que se ensina e alguém a quem ensina. (...) aos quais se agregam outras perguntas: para quem ensinar, em que condições se ensina, como se ensina, como se avalia o que se ensina, etc. convencionou-se que no triângulo didático a relação entre professor e conteúdo como sendo o ensino, a relação entre aluno e saber como *aprendizagem*, e a relação entre aluno e professor como *formação*. É bastante plausível concluir que toda situação didática tem como resultado a aprendizagem de algo, ou seja, o objetivo do professor não é apenas apresentar a matéria, mas fazer com que seu saber se converta em saber do aluno, seja ele um transmissor, um facilitador, um mediador. (LIBÂNEO, 2011, p.03)

Portanto, é essencial para uma aprendizagem significativa a construção de um espaço que evoque o saber, e não tão somente isso, mas que crie um ciclo conciso de relação entre os indivíduos, pois através da mesma o discente irá interagir e progredir, sentindo-se seguro com o desenvolvimento da aula de forma harmônica.

CONCLUSÃO

Os objetivos da pesquisa trouxeram reflexões essenciais para a compreensão das dificuldades geradas por uma didática tradicional, pois essa prática acaba

interferindo no processo de ensino- aprendizagem dos alunos, tirando a oportunidade de se tornarem reflexivos e críticos.

Fica claro que a prática do educador é base fundamental para uma transformação da sociedade, onde o mesmo pode incluir ou excluir esse educando, ele é ponte que pode levar conhecimentos diversos aos alunos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Amélia D. de. **A Trajetória Histórica da Didática**. Série Ideias, n.11. São Paulo: FDE, 1991.

LIBÂNEO, J. C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA Sandra Valéria. Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança. Diferentes olhares para a didática. Goiânia: PUC GO, 85-100, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **didática**. Cortez Editora, 1994.

TOLEDO, Luciano Augusto; SHIAISHI, Guilhermede Farias. Estudo de caso em pesquisa exploratória s qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso. **Revista da FAE**, v.12, n. 1, 2009.

ALFABETIZANDO, MEMORIZAÇÃO ORAL NO 1º ANO

Ana Lucrécia Almeida

kecyaalmeida2912@gmail.com

Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acará – UVA

Glaucirade Fernandes Martins

glaucirade@gmail.com

Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acará – UVA

Antônia Nilene Portela de Sousa

nileneportela@yahoo.com.br

Docente do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do
Acará – UVA

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de observações, realizadas para atender a proposta da disciplina de estágio supervisionado do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, a partir das observações feitas na Escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Mário Louzada, da rede municipal de Bela Cruz-Ceará-Brasil; onde foi possível perceber as dificuldades dos alunos, em adaptação à nova etapa de ensino e com isso aos conteúdos que estavam sendo repassados durante todo processo escolar, destacando que o intuito deste estudo, consistir em buscar compreender de que forma a educação nessa fase de transição acontece, e como a mesma reflete nos alunos, averiguando o que fica para os mesmos tanto positivamente, quanto negativamente; podendo assim, trabalhar em torno desta temática e aprimorar os conhecimentos dos mesmos, intervindo com ações pedagógicas que favoreçam esse processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chaves: alfabetização, intervenção, conhecimento.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, expor os resultados de um projeto de intervenção, realizado na escola Mário Louzada, especificamente na turma de 1º ano do ensino infantil. A maior razão desta ação, surgiu por meio das observações em relação a alfabetização dos alunos, estes que, ao saírem do infantil 5, sentiram grande

dificuldades na interpretação de novas atividades, e não estavam conseguindo atingir a proposta da escola, e pela professora em si, sendo no entanto, necessário compreender o tempo de cada aluno, observar sua forma de aprendizado, para assim intervir em suas ideias, proporcionando o entendimento e a ascensão em seu conhecimento.

Para tanto, é de extrema importância que o professor, no seu papel de facilitador seja dotado de práticas pedagógicas que venham a contribuir para essa formação do educando, de maneira simples, lúdica, sem tornar o aprendizado e a alfabetização em si, algo repetitivo e cansativo, proporcionando ao aluno alcançar um bom rendimento escolar.

METODOLOGIA

Por ter sido um trabalho de cunho qualitativo, como Dauster (idem), descreve, esse tipo de trabalho de campo tem como objetivo “compreender as redes de significado a partir do ponto de vista do ‘outro’, operando com a lógica e não apenas com a sistematização de suas categorias” (p.2) e não deve ser interrompido enquanto essa lógica não puder ser, minimamente, compreendida. Para que se chegue nos resultados desejados, é importante que haja compromisso e continuidade na realização desse processo.

De início foram feitas observações na EEIEF Mário Louzada, onde percebeu-se a necessidade de implantação de técnicas que contribuam com a aprendizagem e alfabetização, com o auxílio de jogos que aliem o lúdico ao educativo. Também foi utilizada a técnica da memorização oral, pois antes que a criança aprenda a escrever, é necessário que ela saiba do que se trata, e qual palavra ou frase está sendo apresentada a ela, a partir disso memorizar e aprender as letras de cada palavra, qual seu som e como ela fica formando uma sílaba ao ser colocada com a outra letra. . Foi então proposta a formação de uma roda de conversa em sala de aula, para responder os questionamentos das crianças, sobre o momento a elas proposto e até mesmo a contação de histórias, para tornar o ambiente mais agradável a elas, e fazer com que que compreendam um pouco sobre como esta técnica funciona, nada que seja muito cansativo que os deixem

dispersos. Após a conversa, será entregue a cada criança um papel onde será feita memorização das letras, depois as mesmas em sílabas, será dado um tempo para a criança fazer a leitura do conteúdo e em seguida as letras serão colocadas no quadro, depois será apagado e as crianças terão alguns minutos para escrever o que estava no quadro.

Passado o primeiro momento, onde às crianças já escreveram as palavras propostas, foi feita a coleta dos papéis dados a elas no início da atividade e junto a elas, ver quantas conseguiram fazer as palavras, e quais conseguiram concluir a atividade proposta em sala. Terminada essa parte, a atividade foi feita novamente com o uso de novas palavras, foi pedido então que elas criassem frases a partir das palavras já escritas para finalização da atividade. Assim, de maneira simples instigar as crianças a uma boa coordenação na escrita, para auxiliar na leitura por este processo de memorização, visando sempre a compreensão e aprendizado no processo de alfabetização e adaptação aos novos conteúdos propostos em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O embasamento teórico deste trabalho consiste na tentativa de compreender como a educação se dá em torno da criança, e de que forma a mesma absorve esses conhecimentos que a ela são repassados constantemente. Pois: As dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes às da construção do sistema e por isso pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esses sistemas (FERREIRO,1981, p.144).

Para tanto é importante que compreendamos que cada criança possui uma forma de entendimento, a sua realidade e a partir disso buscar formas de como chegar até ela e intervir em seu aprendizado. Outro ponto importante é que o educador compreenda o seu papel na alfabetização e a sua função de facilitador e também instigador do aprendizado da criança não se detendo apenas ao modelo de educação regido pelo sistema, é preciso orientar, e inovar, para que o aprendizado seja constante por ambas as partes.

É necessário que, a criança esteja estimulada, pois sabemos que nos dias de hoje, a educação passa por constantes mudanças e desafios, estes que vão desde a uma educação que não é distribuída igualmente ao déficit de aprendizado que os alunos apresentam, no processo de alfabetização, os casos são ainda mais frequentes, já que através desse processo será gerado todos os conhecimentos que a criança irá adquirir.

Para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. O seu avanço está ligado a uma mudança nas motivações e incentivos, por exemplo: aquilo que é de interesse para um bebê não o é para uma criança um pouco maior (VYGOTSKY, 1998, P.178).

Portanto é necessário que haja sempre a observação por parte do educador e a instigação do novo com o aluno, despertando o desejo pela leitura e pela escrita através de métodos que sejam eficazes, no entanto essas práticas devem estar aliadas ao que propõe o currículo escolar, mas que não se restrinja apenas a isso, mas que cada um trabalhe segundo as competências de seu público alvo e estimulando-os sempre a descobrirem o novo, e adaptando essas descobertas ao meio social em que vivem, trabalhando suas percepções e assim formando crianças alfabetizadas que posteriormente serão adultos críticos reflexivos.

CONCLUSÃO

No decorrer de todo esse processo vários pontos foram observados, um deles é a importância de levar em consideração que a criança, assim como o docente, fazem parte de um processo de construção, e que ambos aprendem um com o outro, enquanto o professor faz uso de suas técnicas para alcançar seus objetivos, a criança reage ao ser estimulada, e mostra o que aprendeu, através de seus gestos e fala. Portanto é necessário que a escola esteja sempre a promover essa relação professor aluno, principalmente no processo de alfabetização do educando, e assim tentar superar os possíveis desafios e proporcionar uma educação de qualidade e eficácia, promovendo assim uma boa proposta educacional, e contribuindo diretamente para o processo de ensino-

aprendizagem.

REFERÊNCIAS

DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. Revista Educação/PUC-Rio, n. 49, p. 1-18, nov. 1999.

FIGUEIREDO, Souza Erica. Aprendizagem com identidade do aluno. Alto Araguaia MT 2015.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROLIM, Amanda Alencar Machado. GUERRA, Siena Sales Freitas. TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008

AULAS PRÁTICAS DE BIOLOGIA EM ÉPOCAS DE CRISE: É POSSÍVEL?

Edilane Ribeiro do Nascimento UECE
edilaneribeiro816@gmail.com
Francisca Valéria Alves Barros UECE
valeriabiologia2015@gmail.com
Shirliane de Araújo Sousa UECE
shirliane.araujo@uece.br

RESUMO:

Aulas práticas são utilizadas, embora com pouca frequência, como um acréscimo das aulas teóricas, tendo como foco, uma melhor compreensão por parte dos alunos no processo de aprendizagem. Mas a realidade acaba sendo outra devido a empecilhos que atrapalham a realização dessas atividades. Este trabalho tem como finalidade apresentar soluções alternativas para a uso de práticas no ensino de biologia, com materiais de baixo custo e em períodos e condições físicas precárias. Para realizar as práticas o docente analisou as disciplinas de zoologia, vendo a dificuldade presente nos alunos em aprender o conteúdo cobrado. Resultou em um grande aprender para os discentes que tiveram oportunidade de estudar animais de uma forma mais precisa, instigando o lado científico. Além disso, essas aulas tornam-se mais um meio de repassar o conteúdo, que possibilita um ensino dinâmico do docente.

PALAVRAS-CHAVE: ensino. dificuldades. aprendizagem

INTRODUÇÃO

Atualmente as aulas práticas são utilizadas, embora com pouca frequência, como um acréscimo das aulas teóricas, tendo como foco, uma melhor compreensão por parte dos alunos no processo de aprendizagem; uma vez que, estas aulas instigam o interesse dos estudantes e despertam neles, um pensamento crítico e investigativo tornando-os agentes ativos nos seus cotidianos (DE LIMA; GARCIA, 2011; DE OLIVEIRA; COSTA, 2016).

É evidente que as aulas práticas contribuem para a formação de novos professores, que entra em coerência ao confirmar a realização dessas aulas na própria sala (DA SILVA, 2015).

Segundo Krasilchik (2008), mesmo que as aulas práticas tenham reconhecimento quanto a sua importância, a realidade em muitas instituições escolares diverge na elaboração de tais aulas. Muitas vezes o tempo insuficiente, a falta de recursos e até mesmo instalações adequadas, influenciam diretamente na realização dessas atividades, onde esses problemas são apontados constantemente pelos docentes, além destes problemas, outra dificuldade encontrada no percurso de sua formação acadêmica é a falta de preparo para a realização destas práticas.

Nesse contexto, Moraes e Santos (2016) afirmam que é crucial a presença de uma diligência e boa capacitação do corpo docente, além de constantes de atividades desenvolvidas para suprir com a demanda estudantil, realidade vista em alguns ambientes escolares públicos.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar soluções alternativas para a realização de práticas no ensino de biologia, com materiais de baixo custo e em períodos e condições físicas precárias.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado na Universidade Estadual do Ceará - UECE campus Faculdade de Educação de Crateús - FAEC, localizada na cidade de Crateús, no estado do Ceará.

Para a realização de aulas práticas com materiais alternativos foi feita uma triagem das disciplinas presentes no curso de ciências biológicas no campus FAEC, na área de zoologia. Portanto, foram analisados os conteúdos abordados em cada disciplina, a dificuldade dos alunos quanto à compreensão dos assuntos tratados e a disponibilidade do professor para a aplicação destas aulas; dessa maneira a disciplina escolhida para ser empregada as práticas foi a zoologia de invertebrados II.

Para aplicação das aulas práticas foi feito um plano de ação para elaboração de cada prática onde foram realizadas nas seguintes etapas: estudo sobre os grupos selecionados a partir de literatura específica (Princípios integrados de Zoologia, do autor

Cleveland P. Hickman e Zoologia dos invertebrados, dos autores Ruppert & Barnes); confecção do roteiro prático contendo informações gerais sobre a morfologia do filo e sub tópicos com explicações prévias a respeito de cada classe pertencente ao filo, e logo em seguida ocorrem às aplicações das práticas.

As práticas feitas foram dos grupos Molusca, Annelida, Crustacea, Scorpionida, Arachnidia. Como um meio de facilitar o uso dessas práticas, optou-se por recursos acessíveis até para ambientes educacionais humildes. Tais como alfinetes de costura, peças, estiletes, lupa, folhas de isopor, bandejas de plásticos e luvas descartáveis.

Nas práticas, a professora usou de roteiros da prática acompanhado de uma pequena revisão do conteúdo a ser praticado. Dessa forma, os estudantes ficavam bem ansiosos para participarem e notava-se um maior interesse deles no momento de análise dos espécimes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora lecionava o conteúdo teórico e, posteriormente, havia práticas. Tal fator fazia com que os estudantes estivessem cada vez mais conectados ao assunto, trazendo as folhas dos livros para sua realidade. Foi possível que os discentes manuseassem e analisassem os animais estudados, vendo suas estruturas e devidas funções.

Além disso, com uso dessas aulas alternativas, os alunos saíram da trivial rotina aula-conceitual e se tornaram tanto agentes ativos no processo de conhecer como desenvolviam aptidões cruciais para elaboração do pensar científico (DE LIMA, 2015).

Em muitas práticas, os aprendentes estiveram reunidos em grupos para que interagissem seus saberes juntos e usufríssem melhor aprendizagem. Tais aulas foram ministradas com equipamentos de baixo orçamento e de fácil acesso, sendo que algumas até mesmo em casa, poderiam ser desempenhadas.

Nas aulas práticas foi perceptível à interação da turma com objeto de estudo, principalmente nas práticas em que estavam presentes animais que não estão no cotidiano dos alunos, o objeto de estudo permitiu que os discentes observassem a morfologia de vários espécimes facilitando a compreensão da fisiologia destes animais, além disso, essas práticas possibilitaram a construção de conhecimento científico, visto que os estudantes buscaram investigar sobre os espécimes que foram estudados acrescentando novas experiências em suas vidas acadêmicas.

Em concórdia Marandino, Rodrigues e Souza (2015), reiteram que estes objetos de estudo apresentam várias finalidades, pois contribuem para a compreensão dos conteúdos em sala de aula, despertam nos alunos um pensamento crítico e investigativo, originam novas experiências, enaltecendo novos conceitos e assim aproximando aos discentes conhecimentos científicos a suas vidas acadêmicas.



Foto: Marcos Rodrigues

Para os bolsistas envolvidos, houve uma gama de experiências. Em coerência ao pensamento de Melo et al (2012), o ato de buscar mais informações para

entender a ciência e perceber como ela pode estar no cotidiano, ajuda os indivíduos em suas próprias condições de vida.

Também foi evidente que ocorreu uma evolução quanto aos pensamentos dos alunos, em relação as maneiras alternativas de lecionar aula, contribuindo para um profissional mais capacitado futuramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização de aulas práticas e diante dos resultados expostos, pode-se concluir que a aplicação de atividades práticas é uma ferramenta com grande potencialidade no ensino de Biologia. Acrescenta-se que houve ausência de recursos financeiros para o cumprimento dessas aulas práticas, o que limitou até determinado ponto, a otimização dessas mesmas.

Vale ressaltar que mesmo em condições desfavoráveis é possível a realização de aulas práticas, melhorando assim o desenvolvimento crítico dos discentes, preparando-os para situações futuras, onde eles serão os professores.

É visível ainda a interação dos alunos nesses tipos de aulas, onde eles se sentem mais estimulados a participar, pois são incentivados a sair da rotina, além de melhorar a aprendizagem, pois foi observada uma melhoria do rendimento dos alunos após aplicação de práticas.

Por fim, é correto afirmar que as aulas práticas é uma estratégia que apesar das dificuldades apresentadas, quando bem realizada, é uma excelente alternativa de ensino, além de se mostrar viável, se adaptadas às realidades locais e institucionais.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, A.T. **Contribuições da atividade prática para o ensino e a aprendizagem de biologia: experiência com a extração do DNA do morango.** Perspectivas atuais dos profissionais da educação: desafios e possibilidades. I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca. 2015.

DE LIMA, D. B; GARCIA, R. N. **Uma investigação da importância das aulas práticas de biologia no Ensino Médio.** Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011.

DE OLIVEIRA, M. AR; COSTA, F. S. **Atividades práticas e espaços diferenciados para o ensino de ciências e biologia.** Maiêutica-Ciências Biológicas, v. 4, n 1, 2016.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** – 4º ed. rev. e ampl., 2º reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARANDINO, M; RODRIGUES, J; SOUZA, M. P. C. de. III. Como formar educadores para atuar na educação não formal e na divulgação da ciência? Alguns caminhos..: Coleções e objetos na formação de professores de ciências. In: MARANDINO, Martha; CONTIER, Djana (Org.). **Educação Não Formal e Divulgação em Ciência: da produção do conhecimento a ações de formação.** 22. ed. São Paulo: Faculdade de Educação da Usp, 2015. Cap. 3. p. 85-106.

MELO, et al. **A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: dificuldades e desafios.** SCIENTIA PLENA. vol. 8, num. 10. 2012.

MORAIS, DA S. C. V; SANTOS, B.A. **Implicações do uso de atividades experimentais no ensino de biologia na escola pública.** Investigações em ensino de ciências. v21 (1), - Abr. 2016, pp. 166-181.

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Milena Costa Cruz

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC – UECE
milenacosta3048@gmail.com

Maria Aline da Silva

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC – UECE
maline.silva@uece.br

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo central conhecer o processo de avaliação na Educação Infantil, a partir da vivência de uma professora atuante em tal nível de ensino. A metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico e documental. A pesquisa constituiu-se enquanto um estudo de caso, contando com uma pesquisa de campo, em que os instrumentos utilizados foram observação com registro em diário de campo, e entrevista semiestruturada. De acordo com esta pesquisa, pode-se perceber que a avaliação na educação infantil ocorre através de observações e registros, sem cunho classificatório. Através destes, os professores conseguem identificar qual o nível de desenvolvimento em que os alunos se encontram e quais os problemas e dificuldades que os mesmos possuem, para que mediante tais problemas os educadores possam traçar estratégias que possibilite uma boa aprendizagem para os alunos.

Palavras-chave: Educação infantil; Avaliação; Instrumentos de avaliação.

INTRODUÇÃO

Atualmente nos deparamos com diversas definições sobre avaliação. Muitas instituições de ensino utiliza a avaliação como instrumento para medir o nível de conhecimento dos alunos, outras como forma de repressão, e ainda aquelas que a utilizam para avaliar a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, objetivando conhecer as dificuldades que os mesmos possuem, de modo a melhorar suas práticas, auxiliando-os na aprendizagem. Considerando isso, este trabalho busca compreender como é realizada a avaliação na educação infantil e quais instrumentos são utilizados para avaliar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, a partir de um relato de experiência de uma professora.

A escolha por tal temática se deu a partir da disciplina Avaliação Educacional, em que foram discutidos diversos textos sobre avaliação e proposto a escrita deste resumo expandido. Desta forma, surgem as indagações citadas acima.

Para a realização deste trabalho utilizaremos a abordagem qualitativa e como procedimento metodológico um estudo bibliográfico; e documental, que será feita por meio de artigos científicos, livros, documentos oficiais sobre a educação brasileira. (GIL, 2010, p. 50). Essa pesquisa também se configura enquanto um estudo de caso. Os instrumentos utilizados foram: observação com registro em diário de campo e entrevista semiestruturada, que será aplicada a uma professora que atua na educação infantil numa escola localizada na zona rural, na Cidade de Ocara.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Antes de falar sobre avaliação na Educação Infantil é necessário definir o que é esse nível de ensino. A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 houve a ampliação dos direitos da criança em relação ao atendimento escolar. Este documento prever que é dever do Estado oferecer a educação básica para todos os indivíduos, determinando que o município deve oferecer o ensino infantil para crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e 11 meses de idade.

Já nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei de nº 9.394, promulgada em 1996, em seu Artigo 29, considera a educação infantil “como a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Segundo a LDB, no Artigo 31, inciso I, a avaliação nesse nível de ensino deverá ser feita “mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”. E no inciso V, vem mostrar que mediante a este processo de avaliação deverão ser elaborado “expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança”. (BRASIL, 1996).

Podemos entender melhor como se dá o processo avaliativo na educação

infantil, de modo particular, na escola pesquisada, por meio da entrevista com a professora, atuante no Infantil IV, na qual indagamos em torno das seguintes problemáticas: Como é feita a avaliação na educação infantil? Que instrumentos são utilizados? E com que frequência é aplicada?

Diante das indagações, a entrevistada expõe que a “avaliação na educação infantil não deve ser realizada como uma maneira de medir conhecimentos, mas sim para novas descobertas. É um instrumento utilizado para diagnosticar as necessidades dos alunos e com base nisto trabalhar em cima das dificuldades dos mesmos”. Esta ocorre diariamente, por meio de acompanhamentos e observações, em que são registrados o comportamento dos alunos, bimestralmente e anualmente no diário. O processo decorre por meio de uma ficha avaliativa contendo as informações sobre os “avanços e dificuldades do aluno no processo de ensino e de aprendizagem”.

Os conceitos utilizados são identificados da seguinte maneira: S – SATISFATÓRIO; ED - EM DESENVOLVIMENTO; NS – NÃO SATISFATÓRIO, X – NÃO TRABALHAMOS. Ao final do ano letivo é feito um relatório individual de cada aluno, resumindo todas essas informações, identificando o nível de desenvolvimento que o aluno se encontra e as dificuldades e avanços que o mesmo teve durante o ano letivo.

Desta forma o PARECER CNE/CEB, Nº 20/2009 que trata das diretrizes curriculares para a Educação Infantil, vem nos salientar sobre como a avaliação na Educação Infantil deve ser entendida:

Instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre todo o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram o material oferecido e o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades. (BRASIL, 2009, p. 16).

Silva (2012) ancorada na concepção de avaliação de Libâneo considera que o ato de avaliar deve ser visto como um instrumento que auxilia o ser humano a crescer independente do seu nível de aprendizagem, uma vez que todos são diferentes e

aprendem de maneiras diversas. A avaliação, nesse cenário, serve para identificar essas particularidades, de modo que, o educador possa traçar estratégias eficazes que possibilitem aos alunos uma aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos perceber que a avaliação na Educação Infantil tem o intuito de orientar os professores sobre as suas práticas, buscando sempre melhores caminhos para promover uma boa aprendizagem para as crianças. Partindo dessa premissa, enquanto professores, devemos ter consciência que a avaliação não serve para classificar nenhum indivíduo como melhor ou pior que outro.

A escrita desse trabalho foi de suma importância para a compreensão e reflexão sobre como ocorre à avaliação na Educação Infantil. Diante dos resultados dessa pesquisa foi possível perceber que este processo não deve possuir cunho classificatório, devendo ocorrer por meio de observações, a fim de identificar o nível de desenvolvimento dos alunos, além das dificuldades e avanços dos mesmos.

Através da entrevista concebeu-se que a professora aplica a observação como instrumento de avaliação (conforme está previsto na LDB 1996 e autores referenciados), diariamente em seu cotidiano, reconhecendo que esta não deve ter cunho promocional ou classificatório, devendo ocorrer individualmente, considerando a subjetividade de cada criança. Segundo o que a entrevistada aponta, essas observações são instrumentos essenciais para conhecer melhor o aluno e identificar as suas dificuldades, de modo a planejar práticas que os auxiliem na aprendizagem e no desenvolvimento dos educandos.

Desta forma, com base nos resultados dessa pesquisa, conclui-se que os instrumentos de avaliação utilizados na Educação Infantil são observações e produções de documentos, que atestam as dificuldades e avanços dos alunos. Esses procedimentos têm uma importância fundamental para os educadores, de modo que possam traçar estratégias que auxiliem da melhor forma possível na aprendizagem e desenvolvimento dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Conselho Nacional de Educação, **Parecer nº 20/2009**. Brasília: MEC/CNE, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 29/10/2017.

_____. Constituição (1988) **Constituição da Republica Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 29/10/2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Base. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 29/10/2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6 ed. – 3 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, Tânia Zanatta. **Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem**, 09 (02) |p.1-14, 2012 | Revista Thema. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/142/69>. Acesso em: 01/11/2017.

SANTOS, Monalize Rigon da; VARELA, Simone. **A avaliação como um instrumento diagnóstica da construção do conhecimento nas Séries iniciais do Ensino Fundamental**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 1, ago./dez.2007. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_04.pdf. Acesso em: 05/11/2017.

CRIAÇÃO DE VÍDEOS COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Giovana Maria Belém Falcão

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu
e-mail: giovana.falcão@uece.br

Jardel de Lima de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu
e-mail: jardel.lima@aluno.uece.br

RESUMO

As mídias influenciam de maneira intensa o cotidiano dos estudantes, sendo assim, a escola não pode ficar alheia a essas transformações. Este escrito tem por objetivo conhecer a percepção de graduandos do curso de Pedagogia sobre a criação de vídeos como recurso de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa exploratória, ancorada numa perspectiva qualitativa. Para conhecer a percepção dos discentes, utilizou-se questionário com estudantes da disciplina de Psicologia da Adolescência, do curso de Pedagogia da FECLI. A investigação revelou que os participantes reconhecem que a atividade favoreceu a criatividade, a socialização, permitiu aprofundar conteúdos, reconhecer potencialidades, se expressando como importante atividade avaliativa e metodológica. A utilização de novas metodologias se apresenta como elemento importante no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Metodologias. Vídeos. Aprendizagem.

Introdução

Nos últimos anos o avanço das tecnologias acontece em grande velocidade e anunciam mudanças nos mais diferentes campos. O acesso a informação, as novas formas de comunicação e de linguagem são realidades em nossas vidas. As mídias influenciam de maneira intensa o cotidiano dos estudantes, sendo assim, a escola não pode ficar alheia a essas transformações, é preciso se apropriar da tecnologia e fazer uso desses recursos no processo de ensino e aprendizagem. Em tempos de internet onde o acesso as plataformas digitais e redes sociais, como o próprio *Youtube* acontece por praticamente todos os estudantes, o professor precisa incorporar novas linguagens em seus planejamentos.

A aprendizagem para Vygotsky (2001) é um processo de apropriação de conhecimentos, habilidades, signos, valores, que acontece a partir da interação ativa do sujeito com o outro e com o mundo cultural onde se está inserido. Portanto, os processos de aprendizagem precisam considerar a realidade em que se está inserido.

Côrtes (2009), afirma que a escola não pode mais adiar o encontro com as tecnologias passíveis de aproveitamento didático, pois os estudantes estão imersos nesses recursos em seus cotidianos.

Neste contexto, algumas instituições têm proposto formas de aprendizado diferenciadas e processos de inovação no ensino, com o objetivo de engajar e preparar o jovem para o futuro. Dente as tecnologias, os vídeos se apresentam como instrumentos grandiosos de comunicação e produção. De acordo Silva e Oliveira (1981), a utilização do vídeo na aprendizagem de alunos, favorece a criatividade, estimula à construção de conhecimentos múltiplos, explorando a sensibilidade e a emoção, permitindo contextualizar conteúdos variados. A utilização da [técnica](#) na sala de aula, tanto possibilita a inovação no ensino e aprendizagem, como viabiliza a circulação de informações de uma forma mais atrativa. Os educandos podem fazer a criação de seus vídeos a partir do celular, das câmeras digitais e divulgá-los em blogs, páginas da internet, portais de vídeo como *Youtube*, entre outros. O uso dos recursos midiáticos é incontroverso, desperta a criatividade e estimula a construção de aprendizados múltiplos.

Este escrito tem por objetivo conhecer a percepção de graduandos do curso de Pedagogia sobre a criação de vídeos como recurso de aprendizagem. A experiência com a construção dos vídeos foi vivenciada na monitoria da disciplina de Psicologia da Adolescência, aplicada ao IV semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI. Foi proposto aos alunos que produzissem vídeos com duração de três a cinco minutos sobre temas referente ao desenvolvimento do adolescente. Os estudantes foram divididos em grupo e cada grupo deveria abordar sobre um dos seguintes conteúdos:

desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo do adolescente. Todas as temáticas já haviam sido trabalhadas em sala e os alunos deveriam desenvolver as criações a partir de um embasamento teórico.

Apresentamos a seguir o caminho metodológico trilhado, os resultados e discussão da investigação e algumas considerações finais.

Procedimentos Metodológicos

Este escrito trata-se de uma pesquisa exploratória, ancorada numa perspectiva qualitativa. A pesquisa qualitativa “[...] se dirige à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 37). Em relação aos estudos exploratórios, estes apresentam como uma de suas características a particularidade das perguntas, geralmente feitas desde o início da pesquisa como instrumento de abordagem.

Para conhecer a percepção dos alunos sobre o uso do vídeo como recurso de aprendizagem, elaboramos um questionário com quatro questões. Os participantes foram os alunos da disciplina de Psicologia da Adolescência, do curso de Pedagogia da FECLI, que vivenciaram a experiência no semestre 2017.2. Responderam ao questionário oito estudantes. A identificação dos mesmos foi preservada, por questões éticas e a fim de deixá-los mais à vontade para a elaboração de suas respostas.

Resultados e discussão

Os vídeos apresentados pelos alunos foram os mais diversos, alguns produziram esquetes, outros trouxeram em formato de jornal, entrevista e outras formas, expressando as diversas linguagens possibilitadas por este tipo de recurso.

Ao serem indagados sobre a criação dos vídeos no processo de aprendizagem, os investigados expressaram que acharam a proposta muito interessante, embora no início, tenha ficado receosos, pois não estavam acostumados com esse tipo de trabalho. Isso explicita que a universidade ainda explora pouco, outros recursos que não os tradicionais.

Quando questionados sobre que aspectos a atividade favoreceu, os discentes foram unânimes em afirmar que favoreceu a criatividade. Disseram ainda que permitiu aprofundar os conteúdos estudados, pois os levou a pensar de outra forma, mais próxima da realidade. Vejamos o que um dos participantes disse: *“Acho válido utilizar meios criativos e menos tradicionais para avaliar o conhecimento dos alunos, levando em consideração o todo desde a sua criatividade até a forma como abordam o assunto em seus vídeos.”*. Expressaram ainda que a construção dos vídeos permitiu conhecer suas potencialidades e dos colegas, pois atuaram na produção, criação, planejamento, escrita e narração de texto.

Também perguntamos como avaliavam a atividade como recurso metodológico, os participantes reconhecem o potencial do vídeo na sala de aula, possibilitando ao docente novas possibilidades e expressaram que como professores utilizariam essa metodologia. Afirmaram ainda que é uma rica possibilidade avaliativa. Um dos entrevistados afirmou: *“Foi muito importante no desenvolvimento da nossa criatividade, além de aprimorar nossa didática que é fundamental na execução da docência e também na aproximação e familiarização com novos métodos de ensino”*. Passini e Araújo (2013) defendem que a criação de vídeos no processo de ensino e aprendizagem não substitui o professor, no entanto, promove mudanças no fazer pedagógico.

A experiência vivenciada enquanto monitor da disciplina, permitiu entender, que este tipo de metodologia, além de despertar a criatividade, favorece a interação entre os estudantes, ajudando com que estes compreendam os conteúdos de maneira mais dinâmica, explorando diversos recursos, dentre eles os recursos tecnológicos, não para substituir métodos mais comuns, apenas complementando e trazendo aperfeiçoamentos.

Conclusões

O presente estudo indicou que a produção de vídeo em sala de aula, surge como rica possibilidade metodológica. A mídia, enquanto recurso educativo, permite a compreensão de conteúdos de forma mais atrativa e menos sistemática, deixando o

aluno mais livre para expor seus pensamentos, contribuindo para sua criatividade e formação acadêmica. Assim, o uso e criação de vídeos, torna-se uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem, tendo em vista que contempla a construção e socialização de muitos conhecimentos. Permite ainda que o estudante se aproxime da realidade, pois ele precisa articular os conteúdos com o cotidiano para criar um vídeo.

A metodologia utilizada como recurso na aprendizagem de alunos do curso de Pedagogia, trouxe resultados notórios, contribuindo para a formação do pedagogo, que precisa conhecer diversas possibilidades metodológicas, para uma atuação docente mais efetiva e próxima da realidade dos educandos.

Referências

CORTÊS, H. **A importância da tecnologia na formação de professores**. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 394, p.18, mar de 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAZINNI, D; ARAÚJO, F. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem**. Artigo Científico de Conclusão do Curso de Especialização em Mídias na Educação. UFSM. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SILVA, R. V. da.; OLIVEIRA, E. M. de. As possibilidades do uso do vídeo como recurso de aprendizagem de aula do 5º ano. **Anais do V EPEAL**. Pesquisa em educação: Desenvolvimento, ética e responsabilidade social. UFAL. Alagoas, 1981.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: edição de Ridendo Castigat Mores, versão para e-Book: ebooksBrasil.com, 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DURANTE A VIDA ESCOLAR

Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo⁶²

Raquel Crosara Maia Leite⁶³

1. INTRODUÇÃO

A paz não é o antônimo da guerra, mas sim ações efetivas de não-violência. Não podemos estar diante de situações conflituosas, sem necessariamente haver o efetivo conflito, e não agir em prol da cultura de paz. Isto implica esforço de modificação de mentes, transformação de pessoas e de paradigmas (DUPRET, 2002).

A escola não se encontra isolada da sociedade e imune a violência inerente a ela. Podemos citar trabalhos que retratam essa violência como Toro (2010) e Debarbieux (2002). Fortaleza aparece como a 12ª cidade mais violenta do Brasil, em 35º lugar no mundo, de acordo com uma pesquisa realizada pela ONG *Consejo Ciudadano para La Seguridad Pública y Justicia Penal A.C.*, em 2016 e publicada em 2017, do México.

Acreditamos que as escolas se apresentam como um ambiente propício para o princípio de um grande trabalho de promoção da cultura de paz, pois temos um público expressivo em nossas salas de aula e um ambiente que comporta discussões entre os pares.

Pretendemos, com esse trabalho, identificar alguns processos de violência vividos no cotidiano escolar de uma instituição específica localizada na periferia de Fortaleza que possam exemplificar os mais variados tipos de violência vividos na escola e que, em muitos casos, são naturalizados e considerados intrínsecos a esse ambiente (TORO, 2010).

⁶² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Gestão escolar pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC), professora da rede estadual de educação do estado do Ceará- SEDUC. E-mail: alinaedu@yahoo.com.br

⁶³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Professora Associada da Universidade Federal do Ceará. Uma das líderes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciência (GEPENCI). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira e do Mestrado Profissional em Ensino de Ciência e Matemática (ENCIMA). E-mail: raquelcrosara@hotmail.com

A realização dessa pesquisa é justificável tendo em vista a banalização da violência na sociedade atual e a possibilidade de reverter essa realidade, com trabalhos focados na temática, nas escolas.

Caracterizaremos, a seguir, a forma que escolhemos para trabalhar a temática de violência no ambiente escolar.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa trata-se de um estudo social e caracteriza-se como estudo ou pesquisa qualitativa (MINAYO, 2011).

...o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante... As Ciências Sociais... abordam o conjunto das expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e nos significados (MINAYO, 2011. p. 14).

A pesquisa encontra-se dividida em duas fases: na primeira fase, foi aplicado um questionário a **24 alunos** de uma turma de 2º ano do Ensino Médio, durante o ano de 2017; na segunda fase, foi aplicado o mesmo questionário, com **66 alunos**, matriculados nos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, turnos manhã e noite, durante o mês de junho de 2018. De forma que a 2ª aplicação se diferencia da 1ª por apresentar um público maior de alunos e, dessa forma, pode corroborar ou refutar com os resultados obtidos na 1ª aplicação.

Faremos, portanto, uma comparação entre as duas aplicações por meio dos resultados encontrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Salientamos que as respostas dadas são relativas à vida escolar do aluno e não excluem situações vividas em outras escolas e/ou outros momentos que não o atual.

Sobre a classificação dada ao relacionamento do aluno com as pessoas de sua turma, o resultado mostrou que há pessoas insatisfeitas com seus colegas de turma e não vivenciam a escola como ambiente agradável, classificando-o como “Mau” (25% na 1ª

fase e 24,2% na 2ª fase). Porém, a maioria das respostas refere o relacionamento com as pessoas da turma como “Bom” (50% na 1ª fase e 53% na 2ª fase). De forma que, o resultado da 2ª fase não destoou muito da 1ª fase, caso nos detivemos apenas em nível de porcentagem, pois o trabalho é essencialmente qualitativo.

Infelizmente, todas as categorias que exemplificam violências sofridas no ambiente escolar, foram marcadas durante a pesquisa. As mais citadas pelos alunos, na 1ª fase, se relacionam com: *chacota/humilhação; furto/roubo de objetos pessoais; causa de mágoa; nomes ofensivos; levantamento de calúnias e exclusão de grupo*. Enquanto que na 2ª fase, as mais citadas se relacionam com: *nomes ofensivos; causa de mágoa; levantamento de calúnias; chacota/humilhação; exclusão de grupo e intrigas*. Há, portanto, a demonstração de que os mais variados tipos de violência são sofridos por jovens na escola, inclusive por meio de atos que se relacionam com violência sexual (*apalparam-te, contra tua vontade*).

Quanto ao nº de vezes em que o aluno foi agredido ou perseguido no ambiente escolar, o número **13 (54,2%)** de marcações na 1ª fase e, **22 (33,3%)** na 2ª fase, referentes à quantidade de “não lembro quantas vezes” é mais uma indicação alarmante que demonstra o grau de sofrimento pelo qual esses alunos passam ou passaram durante seu período escolar.

Quanto aos locais em que aconteceram essas agressões, os itens mais marcados (*Sala de aula- 58,3% e 42,4% e recreio- 54,2% e 24,2%*) podem nos dar alguns indícios se repetem nas duas fases da pesquisa. A sala de aula é um ambiente que na maior parte do tempo é monitora pelo professor. Portanto, pode-se supor que essas agressões ocorreram na presença do profissional. O ambiente do recreio é o momento em que os alunos mais têm contatos com outros alunos, inclusive de séries diferentes da dele. Acreditamos que o recreio mereça mais atenção do núcleo gestor da escola com o intuito de que esse momento se torne agradável a todos.

A caracterização dada aos agressores sugere que não há distinção de sexo. Podem ser mais velhos ou da mesma idade que o agredido, da mesma turma ou de outra turma. Portanto, estamos diante de uma gama de possibilidades de agressores no ambiente escolar, incluindo a participação do corpo de docentes da instituição.

Os resultados revelam que, quanto à reação das testemunhas diante da violência presenciada, apesar da triste realidade apresentada por meio das respostas *Não fizeram nada* (12,5% na 1ª fase e 12,1% na 2ª fase), *aproximam-se para ver* (12,5% na 1ª fase e 4,5% na 2ª fase) e *riram da situação* (29,2% na 1ª fase e 4,5% na 2ª fase), ainda vemos o apoio chegando, em muitos casos “Apoiaram você” (46% na 1ª fase e 12,1% na 2ª fase). O fato das pessoas rirem da situação de violência pode estar relacionado à banalização da violência social e/ou familiar. A exposição intensa da violência social propicia confusões entre real e imaginário popular e banalização das relações baseada na eliminação do outro (NJAINÉ e MINAYO, 2003).

4. CONCLUSÕES

O teor das respostas dadas pelos alunos choca, por vezes, o leitor. São tristes e violentas e ocorreram na escola. Um lugar onde passamos grande parte das nossas vidas e, muitas vezes, são forçados a se fazer presentes, mesmo contra nossa vontade diante de casos de violência sofridos. A carga de tristeza revela que a escola não é um ambiente agradável para a maioria dos participantes dessa pesquisa. Esse fator pode estar relacionado à evasão escolar crescente entre os jovens em nosso país e no nosso estado.

Os níveis de violência sofrida pelos estudantes são alarmantes e bastante diversificados, envolvendo inclusive a participação de docentes e de funcionários das instituições e de prática de violência sexual contra os estudantes.

As agressões, possivelmente, ocorrem na presença do docente. Isto mostra a necessidade abordar a cultura de paz nos cursos de formação de docentes.

Acreditamos que o *recreio* mereça mais atenção dos núcleos gestores.

A participação de docentes e funcionários nas agressões é preocupante.

Os resultados obtidos nos instigam a propor pesquisas posteriores com maior número de pessoas na escola, ou em outras instituições, com objetivo de comprovar ou refutar os resultados aqui encontrados e pensar em como transformar essa realidade do cotidiano dos espaços escolares.

“Eu sobrevivi à escola”

Uma aluna que participou da pesquisa.

5. REFERÊNCIAS

Consejo Ciudadano para La Seguridad Pública y Justicia Penal A.C. **Metodología del ranking (2016) de las 50 ciudades más violentas del mundo.** Ciudad de México, 6 de abril de 2017. Disponível em <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx /biblioteca/prensa/ send/ 6-prensa/239-las-50-ciudades-mas-violentas-del-mundo-2016-metodologia>. Acesso em: 23 de setembro de 2017.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002. 268p.

DUPRET, L. **Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea.** *Psicologia Escolar e Educacional*. VOL. 6, N. 1. 2002.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Editora Vozes - Petrópolis. 25ª edição. 2011. 114 p.

NJAINÉ, K. e MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v7, n13, p.119-34, ago. 2003.

TORO, G.V.R. et al. **Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social.** *Psicologia: Teoria e Prática* – 2010, 12(1):123-137.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR

Glaucirade Fernandes Martins, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), EMAIL: glaucirade@gmail.com

Ana Lucrécia Almeida, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), EMAIL: kecyaalmeida2912@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo principal analisar práticas pedagógicas na perspectiva da construção da identidade profissional do professor. Neste sentido, a construção da identidade docente é considerada como um fenômeno em constante transformação, que ocorre a partir de práticas sociais particulares que norteiam a criação de discursos e de suas práticas pedagógicas, formado pela apropriação de uma sabedoria relacionada a experiências concretas que deixam rastros orientadores para sua ação na construção de sua identidade profissional e pessoal.

Para Farias *et.al.* (2014, p.68) a identidade profissional “trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitude de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança”. O professor não deve ser visto apenas como um técnico em questões de ensino, mas como pessoa em processo de promover mudanças em sua identidade e em seus próprios educandos. conforme os mesmos são convidados a refletir sobre suas aprendizagens, logo que o professor em formação faz uso de instrumentos e cria motivos para engajar-se em um processo de desenvolvimento gerado através de suas teorias e experiências.

METODOLOGIA

Para alcançarmos o objetivo de analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e sua influência na construção da identidade profissional docente. Realizamos uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, no âmbito da sala de aula

de Pré II, da Escola Perolina Fernandes Albuquerque, localizada no povoado de Carmolândia, zona rural do município de Alcântaras, Ceará. Para a preparação da pesquisa de campo tomamos como ponto de partida as discussões realizadas no decorrer da disciplina de Fundamentos da Didática, acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas brasileiras e observações in loco. Portanto, a pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira destinou-se à observação da aula, anotações no diário de campo e registros fotográficos. E a segunda fase aconteceu uma entrevista com a professora titular da turma.

A escola atende a um público de aproximadamente 142 alunos, sem mencionar o fato de que em 50 (cinquenta) anos de existência já educou e formou centenas de cidadãos e cidadãs.

Segundo Cruz Neto (2001, p. 57) “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais.” Portanto, entende-se que a entrevista é uma importante etapa da pesquisa que necessita ter objetivos bem definidos, visando prezar pela veracidade das informações coletadas e assim garantir a autenticidade da pesquisa. Esta entrevista foi composta por cinco questões.

No que diz respeito à prática da observação durante a pesquisa, Minayo (2001,p.59-60), afirma que, “A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.” Com isso percebemos que, a pesquisa é o ponto gerador de novos conhecimentos e assim novas práticas do fazer docente são atribuídas com ela.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram apresentados a partir da pesquisa, tendo em vista a construção da identidade do professor para sua formação, abordaremos a importância das práticas pedagógicas do mesmo no processo de construção da prática docente. Com base nos estudos foram feitas as seguintes observações:

Na primeira fase da pesquisa observamos como a postura do professor em sala de aula, articula-se apoiada em suas práticas que tecem seu compromisso com sua função. Segundo Kubata *et.al* (2012, p.2) “a postura do professor em sala de aula, bem como suas artimanhas em articular o conteúdo teórico a ser ensinado [...] são, sem dúvida, pontos de partida para a solução de problemas em sala de aula, tanto no sentido disciplinar (comportamento do aluno) quanto no índice de rendimento de conteúdos que serão aproveitados pelo estudante.”

Percebemos que a mesma ao priorizar o bom relacionamento com cada criança, através de saudações e manifestações de carinho, propicia mediante suas praticas traduzir uma intencionalidade, mediante suas concepções.

A segunda parte dos resultados refere-se aos dados da entrevista com a professora. Nesta foram abordados os aspectos que dizem respeito as variáveis que se fazem presente na construção da identidade docente.

Segundo Farias *et.al.* (2014, p.10) “[...] o professor não nasce feito; ele está sempre se fazendo. Ele se constitui, se produz, por meio das relações que estabelece com o mundo físico e social, isto é, sua identidade profissional se articula a um dado espaço-tempo vivido”. É importante ressaltar que, o professor em sua totalidade, se faz através de suas vivências e é com elas que vai se construindo e também inovando suas práticas, para assim contemplar a si e aos seus educandos com o conhecimento que a ele é atribuído, fazendo-se também alguém que detém certo saber, mas que o adquire a cada vez que o socializa com os demais.

Os dados analisados dizem que a identidade docente que cada professor em formação tendo essa reflexividade pode compreender melhor como ter maior controle sobre as próprias ações e reconhecer melhor o desenvolvimento das competências de observação sobre a ação dos alunos e a própria, sobre outra perspectiva guiados por novos filtros, onde seus métodos como: o trabalho com a escrita, a literatura, os conhecimentos de matemática e de outras áreas do saber sistematizado, podem favorecer o diálogo e a comparação do saber por elas já produzido em outros períodos de sua vida profissional e pessoal como o conhecimento científico, ético, tecnológico e etc.

As situações de aprendizagem dos professores em formação, envolvem experiências diversificadas que estimulam a iniciativa e a autonomia intelectual dos mesmos que estão se capacitando e lhes oferecem oportunidades de construir conhecimentos, habilidades e valores, fortalece o pensamento crítico, o raciocínio argumentativo, a sensibilidade pessoal, e os capacita-os para trabalhar. Assim como afirma Farias *et.al.* (2014, p.69) “a renovação dos valores e saberes que orientam o agir docente, elementos constitutivos de sua identidade profissional, é também construída e reconstruída na prática pedagógica do professor em seu contexto de trabalho [...]”.

CONCLUSÕES

Pensar a construção da identidade na perspectiva da formação dos sujeitos envolvidos nesse processo da educação escolar, cheia de significações nos afasta de um entendimento unidimensional dos modos de relação entre as identidades e nos leva a imaginar cada posição identitária articulada com outras linhas de identidade em um enredo de relações e disposições sociais e históricas.

Para finalizar, enfatizamos que a experiência relatada neste trabalho, nos permitiu uma ampliação do conhecimento acerca das práticas pedagógicas, importante instrumento adquirido ao longo de nossa formação, e elemento constituinte da prática docente que fermentam a dinâmica dos processos de aprendizagem por meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CRUZ NETO, Otávio (2001), “O trabalho de campo como descoberta e criação”. in Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes.

FARIAS, Isabel Maria Sabino. [et.al.]. **Didática e Docência** -4ed. Brasília: Liber Livro, 2014.

FIGUEIREDO, Souza Erica. **Aprendizagem com identidade do aluno**. Alto Araguaia MT, 2015.

KUBATA, Laura et al. **A POSTURA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA: atitudes que promovem bons comportamentos e alto rendimento educacional**. Revista Eletrônica de Letras, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 2.ed. Campinas, Papirus, 1992.

A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA PARA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PLANEJANDO CAMINHOS

Júlia Rodrigues Mouta
juliarmouta@gmail.com
Ana Paula da Silva Cedro
paulinhaacedro@gmail.com
Israel Rocha Brandão

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta algumas contribuições sobre a didática na educação infantil e a importância da relação da família-escola para uma aprendizagem significativa. Libâneo (2003, p. 2) afirma que “a Didática tem um núcleo próprio de estudos: a relação ensino-aprendizagem, na qual estão implicados os objetivos, os conteúdos, os métodos, as formas de organização do ensino.” Deste modo, percebe-se que a didática tem uma influência positiva no ensino e por conta disto, se torna um pilar para que flua bem as aulas e o ensino-aprendizagem dos educandos.

Como bem o sabemos, o aprendizado de uma criança vai muito além de uma sala de aula, pois a mesma está em constante fase de amadurecimento e seu anseio por aprender coisas novas cresce a cada dia. Porém é preciso que haja estímulo, não só da parte escolar como também da família, para que a criança construa um aprendizado significativo.

Assim é que Polônia (2005, p. 2) ressalta que “A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social”. Significa dizer que quando há essa relação, a criança sente-se mais segura e valorizada por ambas as partes. Ela liga o contexto teórico aprendido nas escolas ao contexto social aprendido em casa, relacionando e interligando com demais conhecimentos. A escola ensina, a família educa.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre a relevância da didática como suporte na aprendizagem dos educandos. E os objetivos específicos são os que se seguem: analisar a visão dos educadores e da gestão acerca da didática, compreender como se dá o planejamento das aulas e refletir sobre a relação família e escola na educação.

Compreende-se que este tipo de trabalho pode contribuir para formação de novos conhecimentos a quem busca, bem como está ciente do quanto a didática é essencial na ministração do docente como no aprendizado das crianças.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa se inscreve em uma epistemologia qualitativa, pois, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), neste tipo de investigação o pesquisador emerge como principal instrumento. Assim é que se procurou analisar o método de aprendizagem dos educandos do ensino infantil, o espaço onde se passam esses momentos e o quanto essas crianças estão se desenvolvendo.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa e do tipo exploratória, como procedimento metodológico foi utilizada a observação direta, que foi realizada em visitas à referida instituição escolar, sempre com o objetivo de buscar informações e conhecimentos sobre didática na sala de aula. As observações foram realizadas em duas salas do infantil V, enfocando, principalmente, o momento da aula, como também atividades e momentos lúdicos e dinâmicos envolvendo as turmas.

De modo complementar foram realizadas duas entrevistas com as professoras titulares de cada sala. O roteiro considerou aspectos pertinentes à profissão, à relação com a gestão escolar e a didática em sala de aula.

Os resultados desta pesquisa foram coletados no Centro de Educação Infantil Dolores Lustosa, localizado na cidade de Sobral (CE), no bairro dos Terrenos Novos, que constitui uma dependência administrativa pública, com 699 alunos, 60 professores e um total 93 funcionários, com funcionamento nos turnos matutino e vespertino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

SOBRE O PLANEJAMENTO DAS AULAS

Uma das compreensões apresentadas pelos sujeitos refere-se à organização das atividades.

Professor C: Ocorre de forma bem organizada e elaborada pelo grupo de professores do infantil V, onde trabalham um tema e nesse tema organizam as atividades que dão proposta, as aulas sempre utilizando atividades lúdicas, que tornam as aulas prazerosas para as crianças contam também com a ajuda da coordenadora pedagógica que traz ideias e vários temas que contribuem para o enriquecimento mensal e diário de cada turno.

Professor D: O planejamento é sistemático (infelizmente). Cada professor faz 1 plano semanal e as demais executam. Fazemos o plano em casa, chegamos a gastar 3 dias (plano, tarefa e agenda). Com a supervisão da gestão.

O Planejamento pedagógico é um aspecto fundamental para um bom desempenho no meio escolar, pois através desse ato o professor terá mais segurança e confiança de seu trabalho, o que irá influenciar bastante no ensino e na aprendizagem dos discentes.

Lopes (1996) afirma que “um planejamento dirigido para uma ação pedagógica crítica e transformadora possibilitará ao professor maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula e na escola como um todo”.

Através das observações realizadas nas salas C e D pode-se perceber a diferença da didática das professoras, bem como a forma de planejar de cada uma. Foi notória na sala C a maneira como a professora articula os conhecimentos prévios dos alunos com conteúdo contido no currículo da escola, buscando a melhor forma de passar o conteúdo. Essa professora sempre participa de formações para cada vez mais adquirir conhecimento e melhorar a sua prática docente, afim de facilitar o aprendizado de seus alunos.

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

A participação ativa da família no aprendizado do educando.

Professor D: Comparada as demais escolas que tenho experiência, é ótima. Os pais realmente participam e tem bastante interesse no aprendizado e andamento de seu filho na escola. Claro, tem a exceções mais a relação é bem melhor que outras.

Os primeiros passos da educação de uma de criança vêm de casa, a escola é como um apoio em meio a trajetória do educando. Sendo assim, vemos o ambiente familiar como maior influenciador do rendimento escolar da criança, seja ele positivo ou negativo. Para o autor:

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99 *apud* MARCOLAN et al, 2013 p.5):

O ambiente em que se constrói a aprendizagem influencia bastante no rendimento do aluno bem como proporciona uma educação com maior significância. Rogers (2010) diz que a aprendizagem significativa é aquela ao qual haverá uma mudança no indivíduo, quando o aluno conseguir associar o conteúdo da disciplina a sua vivência.

CONCLUSÕES

O estudo da Didática consiste em elementos que visam as relações entre ensino e aprendizagem, na intervenção docente do professor e no ato de criar laços afetivos. Através das observações e falas das próprias professoras podemos constatar tal referência em suas práticas, além da boa relação que a escola tem com a família prevendo um ensino de melhor qualidade.

É perceptível tamanha importância que um plano de aula e uma boa didática tem para conseguirmos dar uma boa aula. Vale ressaltar, que o educador também deve conhecer sua turma, para a partir disto, planejar sua aula, pois, a aprendizagem deve ser significativa e ter uma formação crítica para com seus educandos.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José C. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: Davidov e a teoria histórico-cultural da atividade.** 26ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 2003.

LOPES, Antonia O.; VEIGA, Ilma Passos A. **Repensando a didática.** Papyrus Editora, 1991.

MARCOLAN, Marli da Luz P.; FRIGHETTO, Alexandra M.; SANTOS, Juliano C. dos. *A Importância da Família no Processo de Aprendizagem da criança.* **Nativa-Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 1, n. 2, 2013.

POLONIA, Ana da C.; DESSEN, Maria A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

ROGERS, Carl R. *“Liberdade de aprender em nossa década”.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DE DISCURSO

Willian Moraes Pinheiro

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC/UECE

Email: willian.moraes@aluno.uece.br

Carla Nobre Lopes

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/UECE

Email: carlanobre0@gmail.com

Sabrina da Silva Firmino

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC/UECE

Email: sabrinafirmino758@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho expõe algumas considerações a respeito da gestão democrática e o papel do gestor em instituições educacionais públicas, através de uma entrevista com diretor. Um dos principais objetivos é refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas pela referida instituição educacional investigada. Os dados apresentados são fundamentados a partir das pesquisas de referenciais teóricos que falam sobre gestão democrática, bem como da visita realizada na escola. Na análise dos dados percebeu-se que o diretor utiliza diversos instrumentos que propiciam uma qualidade dos trabalhos em equipe. A pesquisa revelou ainda que as instituições educacionais estão cada vez mais se preocupando com trabalhos que exijam a participação de toda a equipe gestora. Conclui-se que o papel do gestor educacional é crucial para que, enquanto educadores, desmitificarmos suas atribuições.

Palavras-chave: Gestão democrática; Gestor educacional; Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, através de uma entrevista realizada com um diretor de escola pública, o papel que o gestor educacional exerce em uma instituição escolar. A escolha do sujeito da entrevista se deu pelo fato do gestor ser considerado um dos principais articuladores na construção de um ambiente de diálogo e de participação, propício para um melhor desenvolvimento do trabalho dos profissionais no processo educativo-pedagógico.

Infelizmente vivemos em uma sociedade que pouco se busca a informação de como são realizadas as atividades em uma gestão escolar e como são feitas as tomadas de decisões e ações que farão parte do ensino dos alunos presentes na mesma. Poder

averiguar essa realidade, suscita alguns questionamentos e reflexões, na busca de respostas sobre o trabalho de um gestor nas relações administrativas e pedagógicas do cotidiano escolar.

O trabalho teve como proposta a caracterização da escola pesquisada e do entendimento de como esta realiza seus trabalhos voltados para a educação, visando acentuar seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), os instrumentos de avaliação da aprendizagem dos alunos e o tipo de gestão adotada pela mesma.

METODOLOGIA

A escola onde se realizou a pesquisa encontra-se localizada na cidade de Milhã-CE. A mesma contempla os níveis do ensino fundamental I e II e da EJA (educação de jovens e adultos). Esta atende 955 alunos no total e sua equipe docente é composta por 40 professores.

O trabalho realizado desenvolveu-se através de pesquisas realizadas durante a disciplina de Avaliação Educacional presente na grade curricular do curso de Pedagogia, e de inquietações sobre o que seria uma gestão democrática. Para isso, elaboramos uma entrevista com o gestor, buscando compreender a metodologia adotada nos trabalhos da escola, juntamente com os coordenadores, professores e funcionários.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Libâneo (2008) nos traz que a gestão democrática participativa, vem a valorizar a participação de todos, ou seja, a comunidade escolar em suas ações democráticas e nas tomadas de decisões coletivas.

Todos os trabalhos e atividades existentes em uma escola e que estejam inseridos em projetos dinâmicos e participativos, exigem de qualquer gestor um trabalho aberto a novas ideias e que estejam vinculadas a valorização dos saberes de cada membro de sua equipe escolar, contando com a participação de todos em construir uma gestão comunicativa.

O gestor escolar é o principal responsável pela escola, por isso deve ter uma visão em conjunto, articulada aos setores educacionais, buscando resultados que

beneficiem a instituição educacional, além de ter uma boa educação com toda sua equipe gestora.

No início da entrevista, quando questionamos o diretor sobre qual a proposta pedagógica adotada pela escola, o mesmo enaltece que seus objetivos são voltados para uma educação de qualidade, em que há sempre uma preocupação com seus alunos, realizando propostas pedagógicas que cumprem a demanda do PPP da mesma.

Para Lück (2010), quando o diretor assume a gestão de uma escola, este deverá assumir juntamente com seus princípios tarefas competente em seu ambiente de trabalho, sendo autônomo e participativo, onde cumpra com um trabalho coletivo e compartilhado por todos, e para que isso aconteça é necessário traçar os objetivos que se busca alcançar e preparar todos os envolvidos na busca por tais objetivos almejados.

Continuando coma entrevista, interrogamos a respeito de como é realizada a definição dos conteúdos curriculares da escola, e ele afirma que as mesmas estão primeiramente vinculadas ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, baseando-se através das propostas apresentadas pelo PPP e pela Secretaria de Educação do Município, onde a mesma tende a trabalhar de acordo com as demandas da gestão municipal.

Indagamos ainda sobre quais as avaliações externas que ocorrem na escola e os instrumentos de avaliação para obter a aprendizagem dos alunos e, de acordo com o gestor, as avaliações externas são: Sistema Nacional de Educação Básica (SAEB), Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPACE) entre outros. Colocamos em pauta que há um problema em diversas escolas que é o curto prazo na preocupação dos exames externos que ocorrem nas escolas públicas, havendo uma busca por resultados apenas em um certo período, ocorrendo uma certa “pressão” por parte dos professores.

No que diz respeito a preocupação com avaliação e os exames, Luckesi (1996) nos mostra que o ato de avaliar é um instrumento da aprendizagem, e não o que desrespeita ao ato de aprovação ou reprovação do aluno, pois sabe-se que atualmente ainda se discutem muito sobre o ato de avaliar, tanto as externas como internas.

Em seguida perguntamos quais são os mecanismos adotados para a amenização da evasão e repetência dos alunos. O mesmo começa abordando suas experiências desde a época em que exerceu sua docência. Em sua fala expõe sobre dinâmicas que podem ser desenvolvidas juntamente com sua equipe educacional.

Diante à pergunta feita para o administrador, percebemos que o mesmo mostrou bastante preocupação a respeito do assunto abordado anteriormente, buscando desenvolver seu trabalho junto com o corpo docente da escola para que esse e outros problemas venham a diminuir cada vez mais.

Seguindo, questionamos qual o tipo de gestão adotada pela escola, e o mesmo nos respondeu com bastante clareza que busca trabalhar sempre com a interdisciplinaridade visando o compromisso que todos devem ter a respeito com os alunos. Cabe ressaltar na fala do diretor que esse não é um tipo de gestão, mas um aspecto que pode compor a gestão, ou seja, não deixou claro o tipo de administração adotada.

Segundo Lück (2009, p. 24) “gestão escolar é o ato de gerir a dinâmica cultural da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu Projeto Político Pedagógico e comprometido com os princípios da democracia”. Ou seja, uma boa gestão se dar com a democracia, com a participação contínua de todos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho nos possibilitou aprofundarmos, a partir de outras pesquisas sobre a área, o que é Gestão Escolar e o verdadeiro papel de um gestor em uma escola democrática. Ao entender parte dos trabalhos desenvolvidos na escola, percebem-se significativos avanços no processo de entendimento da democratização do trabalho exercido por um gestor escolar, bem como se desenvolvem suas competências e habilidades.

Através da entrevista pôde-se perceber que o gestor nos apresentou, de forma clara e objetiva, pontos de suma importância para a construção e realização do PPP. Entretanto, devemos frisar que não tivemos acesso ao projeto, ou seja, nossas

conclusões se delimitam apenas as respostas dadas pelo mesmo. O trabalho foi de grande valia para nós como professores em formação.

REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Ed. do Autor, 2000.
- LÜCK, Heloisa. **Dimensões da Gestão Escolar e suas Competências**. Ed. Positivo. Curitiba. 2009.
- _____. **Gestão escolar e formação de gestores**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 1-195, fev./jun., 2000.
- _____. **A gestão participativa na escola**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**, 4 . ed. São Paulo: Cortez, 1996.

O CURRÍCULO DA EJA NO MUNICÍPIO DE SOBRAL

Maria Inácia Lima Sampaio (UVA)

mariainacials04@gmail.com

Iane Adeline Barbosa Cavalcante (UVA)

iane_adeline@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Veremos essa pesquisa sobre o currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fim de analisar como este é estruturado e organizado em uma instituição da rede pública do município de Sobral (CE). Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos requer um olhar mais delicado, pois esse público traz consigo muitas vivências, estes mesmos sofrem preconceitos, críticas, discriminação, dificuldades de frequentar a escola convencional na idade adequada, devido a vários fatores.

Assim sendo, a pergunta de partida que orienta o estudo é “como está estruturado o currículo da EJA no Município de Sobral?” A questão é importante porque através dela perceberemos se objetivos presentes no currículo dessa instituição apresenta algum vínculo com a realidade social dos indivíduos, para que possamos perceber também como se dar o processo de ensino-aprendizagem, e as metodologias adotadas pela escola.

Assumindo este questionamento o objetivo do trabalho é: investigar como ocorre a prática docente na Instituição Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), bem como a maneira que é estruturado o currículo da instituição, assim como os desafios que os professores enfrentam na sala de aula, como ocorre o processo avaliativo deste público, e os critérios utilizados para a escolha de atividades que despertem o interesse desse público em ir à escola.

Sabe-se que a educação é um processo contínuo de desenvolvimento, dessa forma deve ser ofertada a todos, de maneira igualitária, sem opressão, sem preconceito e nem negação. O ato de educar não deve restringir-se apenas à uma parcela da sociedade,

e sim ao todo, afim de que torne-se uma sociedade mais justa, onde possa lutar contra seus direitos e deveres.

O direito à educação é um direito social de cidadania genuíno porque o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente, deveria ser considerado não como o direito da criança frequentar a escola, mas como o direito do cidadão adulto ter sido educado. [...] A educação é um pré-requisito necessário da liberdade civil. (MARSHALL, 1967, P.73)

A afirmação de Marshall nos faz refletir sobre o direito à educação, que é um direito de todos, não apenas das crianças. É sabido que é extremamente importante o acesso à educação logo na infância pois é um período de construção de saber, mas isso não significa que é somente na infância que a educação deve fazer-se presente. Deve-se levar em consideração que existem pessoas que não tiveram essa oportunidade quando se encontrava nesta faixa etária.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se orienta pela abordagem qualitativa, pois nela o pesquisador é a peça fundamental para sua realização. Segundo Prodanov (2013, p.70) neste tipo de investigação: “O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”, dessa forma, foi realizado uma entrevista com um roteiro semiestruturado com a diretora e também com uma professora da instituição, para a coleta de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através das entrevistas e no decorrer das respostas, pudemos observar que Gestora e Professora afirmam que existem falhas no currículo atual da escola, pois a gestora deixa claro que a proposta de currículo do CEJA precisa ser alinhada, porém estão em processo de construção de um novo currículo, que terá a contribuição dos professores:

A proposta curricular oficial tem muito ainda o que ser alinhado, mas sem dúvida, esta proposta curricular que está em pauta ela é bem

melhor que a antiga, pois todos os educadores tiveram a participação e eu acredito que vai melhorar muito e vir ao encontro dos nossos anseios.

A gestora, conseguiu de forma clara e aparentemente sincera mostra que seus conhecimentos são amplos sobre currículo, e de forma íntegra admitiu que o atual currículo precisava ser alinhado, isso nos leva refletir que há barreiras que precisam ser derrubadas para que propostas eficientes sejam concretizadas. Talvez esta estagnação que é vista seja algo que precisa ser repensado ou mudado.

Os direcionamentos das respostas da professora nos mostram a preocupação que a mesma tem em respeitar a realidade de seus alunos e entende que os mesmos necessitam de uma educação transformadora, que forme, e não somente treine para a competição:

Temos que olhar os nossos interlocutores, a clientela, será que quem vai receber isso está preparado? Muitas vezes nem nós professores estamos preparados para assuntos como estes diariamente. Mas eu busco trazer o debate, pois eu sempre aprendo com os meus alunos.

Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às turmas de EJA. Por isso, o professor da EJA deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. O perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno adulto que vê seu professor como um modelo a seguir. Lopes (2005) mostra que:

É preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade.

O ensino para as pessoas do EJA deve ser diferenciado, pois deve levar em consideração a vivência desses alunos, e partir da realidade que eles vivem, para que dessa forma venha a ser uma aprendizagem significativa e vivenciada. Desta forma afirma Lopes (2005):

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor,

especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional.

As instituições de ensino devem criar um currículo que condiz com a realidade e necessidade dos alunos, pois dessa maneira os educandos terão mais prazer de aprender, de frequentar às aulas e participar ativamente das discussões.

O processo avaliativo que é exigido pelo governo, é observado pela professora, como um método inadequado e não verídico sobre a aprendizagem, pois a avaliação é feita de forma contínua e não por amostragens de resultados de avaliações:

Acredito que a avaliação utilizada não avalia de forma fiel. Porque avaliação é um processo contínuo, há várias formas de avaliar, não é só

uma nota limpa e seca.

4 CONCLUSÕES

A educação, sendo um processo contínuo de desenvolvimento humano, deve ser ofertada a todos, de maneira igualitária, sem opressão, sem preconceito e nem negação. O ato de educar não deve restringir-se apenas à uma parcela da sociedade, e sim ao todo, afim de que se torne uma sociedade mais justa, onde possa lutar contra seus direitos e deveres.

A educação liberta o sujeito dos preconceitos e opressão ao qual se estar sujeito, podendo tornar os sujeitos críticos e reflexivos capazes de transformar a sociedade que estão inseridos. Como menciona (FREIRE,1997, p. 75)

A educação problematizadora se faz, assim, num esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, *como estão* sendo no mundo *com que* e *em que* se acham.

Portanto, é válido repensar a finalidade do currículo nas escolas, pelo fato de o mesmo não agregar todas as classes e os distintos modelos de escolas, é imprescindível que o currículo busque a inclusão e não a segregação e que vá ao encontro de cada realidade. As reflexões e entrevistas abordadas, foram significativas para a construção e

apropriação de conhecimentos sobre o papel do currículo no âmbito escolar. Vale ressaltar que há necessidades de mudanças nas propostas curriculares e para que seja verídico uma educação igualitária a todos tem que partir do currículo escolar.

5 REFERÊNCIAS

FREIRE, PAULO. Educação " bancária" e educação libertadora. **Introdução à psicologia escolar**, v. 3, p. 61-78, 1997.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia. **Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)**, v. 5, 2005.

MARSHALL, George. Cidadania, classe social e status. Cap. III. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1967.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.277 f.

O LUGAR DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

Maria Nahir Batista Ferreira Torres
Universidade Estadual do Ceará - UECE
nahir701@hotmail.com
Sílvia Maria Nóbrega-Therrien
Universidade Estadual do Ceará - UECE
silnth@terra.com.br

Introdução

*A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita.
Tudo o que o homem diz ou escreve,
tudo o que constrói, tudo o que toca,
pode e deve fornecer informações sobre eles.
Marc Bloch*

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a história oral na pesquisa acerca das instituições educacionais. O objetivo é discutir o uso dos arquivos de história oral para a história e memória da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo no Ceará.

A história oral foi utilizada pelos antigos historiadores gregos, Heródoto e Tucídides, que ao elaborar seus escritos, consideravam as testemunhas orais dos acontecimentos. Também o povo judeu, conforme a exegese bíblica considerou a tradição oral enquanto fonte da manifestação divina.

Na acepção de Philippe Joutard, foi a partir do século XVII que a história oral constituiu-se cientificamente, em oposição à tradição oral. A reintrodução da história oral acontece no decorrer do século XX, nomeadamente nos Estados Unidos, quando grupos de historiadores constituíram suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários. A história oral se desenvolveu de maneira ampla a partir do aparecimento do gravador, ainda nos anos de 1950, nos Estados Unidos, e depois se espalhou pela Europa. Em outros países a história oral não possuía a mesma força que nos Estados Unidos dos anos de 1950, usada com o intuito de somente reunir materiais para os futuros historiadores.

Nessa trajetória, a oralidade era considerada fonte somente entre pesquisas da antropologia. Posteriormente, outras áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais

passaram a recorrer às fontes orais, de tal modo, que se constituiu o que hoje se convencionou chamar de história oral.

Jacques Le Goff alude que a memória e o passado são objetos da história e motores para seu desenvolvimento, sendo a memória, indispensável para a construção da história oral e integra-se à história geral. Assim, os historiadores devem levar em conta que a história oral utiliza como fonte a memória de um testemunho para a compreensão de uma sociedade.

No entendimento de Alessandro Portelli (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva. Bogdan e Biklen (1994) aludem que a investigação qualitativa caracteriza-se por ser aquela na qual os pesquisadores se inserem no contexto em que pretendem estudar, a fim de se aproximar da subjetividade que transcorre essa realidade e, assim, entender como foi se constituindo o contexto investigado. Constitui-se ainda enquanto pesquisa descritiva, conforme Gil (2009) haja a vista a sua finalidade descrever, expor, detalhar determinadas características acerca do fenômeno estudado.

O estudo se insere na seara da história oral, particularmente tomando como referência o uso dos arquivos de história oral, a fim de analisar descritivamente a contribuição desses arquivos para a constituição da história e memória que envolve a criação e o funcionamento da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo - EESVP fundada em 1943 no Ceará.

Ao se optar pelo o uso da história oral nos debruçamos sobre os arquivos orais do NUDIHMEm- Núcleo de Documentação Informação História e Memória da Enfermagem no Ceará. O NUDIHMEm é um núcleo de pesquisa e de acervo sobre a Enfermagem que permite acesso direto e indireto a fundos documentais dispersos e já

tipificados, provenientes de arquivos pessoais e institucionais, sejam locais, regionais, nacionais ou internacionais. Tendo sido iniciado em 2007.

Enquanto técnica para coleta de dados, primeiro foi localizada as entrevistas, áudios e transcrições, em seguida foi analisada separadamente, na sua integralidade, identificando como estava organizada e os temas que podem ser trabalhados a partir das informações contidas nas entrevistas. Todos esses dados foram registrados numa planilha, a fim de que, posteriormente, pudessem ser debatidos à luz de autores que tratam sobre a temática estudada.

Resultados e Discussões

Ao realizar a análise dos arquivos orais, tomando como referência sua contribuição para a história e memória da EESVP, observamos que as entrevistas se organizam do seguinte modo: Dados dos pesquisadores; dados das colaboradoras; vida acadêmica; vida profissional; construção do papel social; Perspectivas sobre a enfermagem. E por fim, coleta de material, ou seja, de registros que a colaboradora possua relativos a EESVP como: Fotos (colação de grau, da turma em algum evento); Documentos da escola (grade curricular, histórico escolar, convite da formatura); eventos da Enfermagem (folders, certificados, fotos, programação do evento); Certificado/Diploma; Objetos da Enfermagem (Blusa de eventos da Enfermagem, canetas); Símbolos da Enfermagem (anel, lâmpada, hino); Livros/Revistas da Época; Farda utilizada em sala de aula; Farda utilizada nas aulas práticas (touca, tela para os cabelos, boton, sapatos, meias), entre outros.

Importa lembrar que a EESVP foi a primeira escola de Enfermagem do Nordeste e a terceira do Brasil, assim, é possível observar o pioneirismo da EESVP no Nordeste, cujo Curso de enfermagem ao longo de 75 anos de sua existência vivenciou três momentos distintos, identificados da seguinte maneira:

[...] o primeiro, com o ensino na Escola enquanto unidade isolada que vai de 1943-1955; o segundo, quando a Escola passa a ser uma instituição agregada a Universidade Federal do Ceará que compreende os anos de 1956 a 1975 e finalmente o terceiro período de 1976 a 1979, quando ela se une a outras

faculdades isoladas e passa a ser anexada a UECE. (NÓBREGA-THERRIEN, MENDES, ALMEIDA, 2014, p. 305).

O banco de história oral que compõe o arquivo do NUDIHMEm traz a voz das mulheres religiosas da Congregação das Filhas da Caridade, que constituíram sua marca na EESVP fundada por sua congregação e de mulheres leigas que foram alunas e professoras, atuaram na assistência enfrentando o preconceito numa sociedade dominada pelos homens. O arquivo de história oral analisado traz a voz de mulheres que venceram a resistência dos seus pais para ingressar em um curso que tinha o estigma de não ser opção para moças, traz as lutas para a implantação da escola, as ações das irmãs de caridade, também conhecidas como irmãs vicentinas, para o funcionamento da instituição, a escassez de materiais, os aprendizados, conquistas e sonhos.

Conclusão

Ao analisarmos os arquivos do NUDIHMEm há expressiva riqueza de fontes que podem ser usada por pesquisadores acerca da EESVP, mas também muito revela acerca do papel das mulheres no Brasil da década de 1940, do contexto social, político e econômico, bem como do cenário da educação e da saúde.

O acervo de história oral analisado ressalta a voz de mulheres que vivenciaram o pioneirismo da EESVP em torno de uma profissão eminentemente feminina e que estava sendo gestada. Possibilita ainda, compreender o referencial filosófico, pedagógico e epistemológico que norteou a formação da enfermeira. Resulta ainda a necessidade da oralidade para elucidar os fatos do passado, bem como da constituição de acervos para o uso dos pesquisadores.

Assim, como a epígrafe anunciada por nós no início do texto, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita”, o que demanda que esses testemunhos sejam preservados.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43-62.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; MENDES, Emanoela Therezinha Bessa; ALMEIDA, Maria Irismar de. Tendências do Ensino Superior no curso de Enfermagem nos anos 1943-1979 no estado do Ceará-Brasil: uma análise crítica de documentos, arquivos e relatos orais. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária y de Nível Superior VIII CIDU**, Rosário, 2014, p. 304-310.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANÁLISE DA DIDÁTICA DE UM PROFESSOR DE ENSINO BÁSICO DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MERUOCA-CEARÁ

Antonio Hilley Xavier Oliveira¹,
Discente da Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA
hilleyxavier21@hotmail.com;

1 RESUMO

A escolha da temática deste estudo partiu dos interesses em fundamentar e compreender o processo de didática e ensino de um professor da rede de educação de ensino básico. Em razão de que é na educação básica que as crianças têm o primeiro contato com as modalidades de ensino. Para tanto, é importante que os docentes tenham domínio as diversas formas de ensino para êxito em seu trabalho. Nesse seguimento o presente trabalho tem como principal objetivo o de se analisar as ações didáticas pedagógicas de um professor da educação básica de uma escola pública do município de Meruoca-Ceará. Com base nas revisões literárias podemos observar que este campo de atuação e estudo, encontra-se bastante desassistido de formação continuada e produções acadêmicas sobre a temática. Assim partimos na tentativa de procurar entender as diversas interações que ocorrem em sala de aula, com o objetivo de uma melhor compreensão sobre o papel da didática de um professor em sua classe de ensino. Nossa preocupação se dá mediante a premissa que a didática de sala de aula é o ponto de partida para que possamos atingir a educação de qualidade que tanto almejamos para nossa sociedade.

2. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Abordaremos a partir de agora os fundamentos básicos para estruturar a ação docente do professor. Portanto aqui teremos como base o que a literatura nos diz sobre a ação docente.

O planejamento está presente em quase toda a ação docente, pois norteia todas as nossas ações práticas, assim orienta a realização das atividades a curto e longo prazo. É essencial em diferentes setores da vida social tornando-se imprescindível também na atividade docente. Assim segundo o autor planejar significa: “A ação de planejar, portanto não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político-pedagógicas”. (LIBÂNEO, 1994, p.222).

Já a metodologia de ensino é um fator fundamental para o bom desempenho do aluno, pois é por meio dos métodos de ensino devidamente aplicados que encontramos formas para facilitar o ensino e aprendizagem, portanto as práticas de ensino podem ser vistas como o: “O objetivo do estudo consiste em verificar quais os métodos de ensino se mostram mais eficazes em relação à aprendizagem, na percepção dos alunos e destes quais têm sido mais utilizados pelos professores.” (BRIGHENTI *et al*, 2015, p.282).

Devemos também estarmos atentos as estratégias de ensino são vistas como pilares no processo educacional, pois tem a finalidade de aproximar o aluno do professor através da interação: “Consideramos as estratégias de ensino como andaimes didáticos que, vinculados aos fins educativos, possibilitam maior interação entre professor e aluno e destes com o conhecimento”. (FARIAS *et.al* , 2014, p.129)

Temos também a indisciplina é um dos maiores problemas enfrentados na sala de aula, pelo fato de muitas vezes o professor sentir a necessidade de interromper sua aula para tomar as devidas providências. Isso acontece por rebeldia dos alunos, ou a falta de preparo docente. A indisciplina escolar pode começar sendo tratada assim: despidendo os alunos de rótulos e tendo uma visão mais otimista sobre a educação.

E finalmente e de extrema importância vem a avaliação que é uma das principais ferramentas pedagógicas do professor, uma vez que é a partir deste método que o docente pode se organizar para avaliar o desempenho dos alunos e de si mesmo. Assim podemos ressaltar que o papel da avaliação pode ser visto como: “[...] a utilização da avaliação como mero instrumento de verificação de conhecimento acumulado pelo aluno visando a sua classificação e apto ou não apto”. (FARIAS *et.al* , 2014 p.120)

Falar de prática docente, é falar do saber- fazer do professor dentro da sala. Esse saber-fazer varia de docente para docente, e possui vários significados para a educação.

No que diz respeito às práticas de educação docente, inicia-se, no sentido proposto é familiarizar-se com as significações pessoais e sociais dos processos de formação e justamente essa noção que se torne cara à proposta de produção dos relatos autobiográficos (CATINI, 1998, p.28, grifo do autor)

Nas práticas docentes as brincadeiras são indispensáveis para o desenvolvimento infantil, seja ela recreativa, ou dirigida (com orientação do professor). “[...] o convívio e o envolvimento com outras crianças contribuem significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem da criança” (SANTO, Dayane, p 36)

Os jogos se apresentam muitas vezes como uma forma do professor avaliar o desenvolvimento da criança. Segundo o autor dispõe que:

A participação do adulto no jogo da criança eleva o nível de interesse, pelo enriquecimento que proporciona; pode também contribuir para o esclarecimento de dúvidas referentes às regras do jogo. (...) este, por sua vez, pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam o brinquedo mais estimulante e mais rico em aprendizado (CUNHA, 1998, p.10)

É necessário antes de qualquer prática, uma organização para o melhor aproveitamento de tempo e aprendizado.

Tratam-se de atividades, procedimentos, métodos, técnicas e modalidades de ensino, selecionados com o propósito de facilitar a aprendizagem. São, propriamente, os diversos modos de organizar as condições externas mais adequadas à promoção da aprendizagem (MENEGOLLA&SANT’ANA, 2001, P. 90)

A afetividade é marcante na vida das crianças, pois é através da demonstrabilidade do afeto, que se cria o primeiro vínculo entre professor e aluno. Para Wallon (1986) “As emoções têm um papel predominante no desenvolvimento da pessoa. E por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades [...]”

3. METODOLOGIA

A metodologia inicial deste trabalho de campo, deve-se mediante uma observação com um sentido não apenas de ver, mas de também examinar e assim este acaba se tornando o melhor meio para conhecer fenômenos e acontecimentos, assim a observação aplicada neste trabalho de campo foi a direta, deste modo ela se caracteriza por utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

Partindo desta essência também empregamos uma entrevista a fim de obtermos informações sobre a atuação do professor visando identificar o desempenho da didática pedagógica deste. Assim entrevista é uma técnica usada na coleta de dados onde as perguntas são formuladas e respondidas oralmente. Trata-se, portanto, de uma conversação metódica, que proporciona ao entrevistador as informações solicitadas sobre os assuntos da qual este se interessa saber.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na observação está explícito a carência que o espaço escola trás para o melhor auxílio do docente na sua prática de ensino, sendo assim, fica evidente que há uma necessidade maior do professor com relação as suas práticas pedagógicas.

Segundo observamos, a professora detém o domínio de sala. Inicia as aulas acolhendo os alunos com carinho com carinho, com orações, canções e conversas informais, dirigindo-se a eles através de indagações (como foi o fim de semana? Que dia é hoje? O que tomaram no café da manhã?). Levando-os a pensar. Leva-os aos cantinhos pedagógicos da sala (cantinho do tempo, calendário, quantos somos, ajudante do dia, regrinhas de convivência, chamadinha, vogais e números).

Em seguida realiza o conto da história da semana “A gotinha Lola”, após o conto convida as crianças para cantar a música “cai chuvinha”. Posteriormente, convida-os a participarem do jogo da flor, para que os alunos identifiquem qual vogal aparece quando a flor abrir. Logo após a realização do jogo a professora fez o registro da história no coletivo (colorir a florzinha que tenha a vogal indicada pela professora, no caso vogal E).

Hora do intervalo (Higiene das mãos, lanche, higiene bucal, brincadeira livre). Ao retornar para a sala realizou o jogo do passe a gotinha para encher o rio, fazendo a relação de cheio e vazio. Registro no coletivo, cobrir os pontilhados da chuvinha.

Tempo de preparação para a saída, a professora organiza os alunos na rodinha até a chegada dos pais. Para Zabala (1998, p 13) “Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais, competente em seu ofício”.

Faz utilização de recursos didáticos como: quadro (lousa), cartazes com desenhos ilustrativos, livros de história, jogos pedagógicos e vídeos de acordo com a temática observada em sala.

A professora enfrenta alguns problemas como: agitação e conversas paralelas, mas, consegue conte-los com diálogo e afetividade (fazendo um carinho, abraçando, demonstrando que a criança é especial para ela). Realiza atividades coletivas e sem distinção entre os alunos, que se tornam de bastante produtividade, pois elas colaboram para criar vínculos e ensinar a importância do trabalho em equipe.

A entrevista foi realizada com uma professora de um centro de educação infantil na cidade de Meruoca-CE. Teve o intuito de vivenciarmos e aprendermos às práticas didáticas pedagógicas, de modo que não nos prendêssemos somente à teoria.

A elaboração da entrevista foi realizada de maneira participativa na qual contava com a colaboração de todos os membros da equipe.

Na entrevista com a professora, ela foi bastante clara e sucinta quanto as suas respostas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de querer concluir este trabalho de campo, já deu para perceber que o assunto que a temática aborda, é amplo e fundamental para nossa formação acadêmica, pois o mesmo aborda um assunto de extrema relevância, que nos proporciona demasiado conhecimento à cerca da prática docente, prática essa, que bem elaborada obtém resultados significativos.

Considerando o caminho percorrido e a necessidade da disciplina, podemos afirmar que as pesquisas voltadas para este assunto, são de caráter metodológico e indagatório. Um dos aspectos destacados como mais importantes nessa observação foi

à postura do profissional em estar sempre buscando novas técnicas para melhorar suas aulas, sempre visando seu aperfeiçoamento, aprendizagem e as necessidades dos alunos.

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo mais abrangente sobre a prática docente. Apesar do pouco recurso didático e financeiro, a professora em questão dispõe da capacidade de enfrentar e solucionar problemas que surgem no decorrer de suas aulas, capacidade essa que é fundamental para a realização da sua prática.

Por fim, sabemos que a educação brasileira não é prioridade nacional por isso, não deveria ser colocado nos ombros apenas dos professores à responsabilidade da construção de cidadania dos alunos. Mesmo com toda ética e responsabilidade por parte do professor, o mesmo, não detém de soberania para resolver todos os problemas desassistido de total apoio da família e entidades responsáveis pelos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRIGHENTI, Josiane; BIAVATTI, Vania Tanira; DE SOUZA, Taciana Rodrigues. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 8, n. 3, p. 281-304, 2015.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de, et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**, v.4, Brasília-DF: Liber Livro, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez. 1994.
- MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Didática-Aprender a ensinar**. Edicoes Loyola, 1997.
- DE MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Artmed Editora, 2009.
- SANTOS, Daiany Araújo. *A contribuição de jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas: observação participante*. 2013.

SABERES EXPERIENCIAIS: UM OLHAR SOBRE A DIDÁTICA NOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

Igor de Sousa Araújo, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA,
igorsousa.isa@gmail.com

Galgania da Silva Cavalcante, Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.
galgania.ped@gmail.com

Ana Cristina Silva Soares, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA,
acsilvasoares@gmail.com

INTRODUÇÃO

A referida pesquisa trata-se de um estudo sobre a temática da didática em face dos saberes experienciais. Com o propósito de trazer uma reflexão sobre o contexto desse saber despertado no professor através das vivências com a profissão do magistério, implicando assim na sua formação de identidade profissional.

Tendo a didática o objetivo de se aprofundar nos processos de ensino que estão ligados diretamente com o saber docente, procuramos analisar os saberes experienciais e a sua relação com este saber. Entender e se estender um pouco nas reflexões tomadas perante essa temática, evidenciando que o saber ensinar está ligado com o fazer docente e que se dão diretamente através dos saberes experienciais, despertado no graduando em formação pedagógica mediante as primeiras vivências no espaço escolar.

A partir deste estudo visamos compreender estas relações entre a teoria didática e a prática docente, através do saber experiencial que é formulado no seio do espaço escolar, no âmbito da sala de aula e nas diversas interações entre docente e discente. Por meio dos estudos de Tardif (2012) sobre os saberes docentes e a formação profissional e de Libâneo (2013) sobre didática, faremos algumas conjecturas com relação a temática abordada na presente pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, realizou-se com entrevista e observação da atuação do professor em sala de aula e sua interação com o grupo

discente e docente, que fica situado numa escola de educação Infantil e ensino fundamental na cidade de Sobral, na zona norte do estado do Ceará. De acordo com Tjora (2006), entrevista e observação são técnicas interativas, visto que a entrevista conduz o pesquisador para a observação, enquanto que nas observações podem se sugerir os aprofundamentos necessários para as entrevistas. Com base na observação fundamentamos a entrevista.

A observação teve como principal função a análise visual do fazer docente dentro de sala de aula e a sua interação com o corpo discente, por sua vez a entrevista teve como principal objetivo relacionar o saber-ensinar do docente aos saberes dos outros professores, que se unem através de suas práticas trocando experiências, visando sempre levar ao aluno um ensino de qualidade. Os entrevistados foram espontâneos e se expressaram livremente ao responder as perguntas de acordo com suas experiências escolares, na vida social e em lembranças de suas primeiras impressões com a profissão docente. Esta pesquisa foi realizada com professores do ensino fundamental dos anos iniciais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada evidencia que os professores experimentam um significativo processo de desenvolvimento em contato com a profissão. A partir da imersão do professor no espaço escolar ele desenvolve o saber fazer (saber ensinar). Este saber está ligado com as relações professor-aluno e professor-professor, gerando nele o fazer docente.

Relação Professor-Aluno

Como o pressuposto da pedagogia freiriana “ninguém ensina ninguém, os homens aprendem em comunhão” (FARIAS *et al*, 2014, p.46), assim, os sujeitos do ato educativo ensinam e aprendem numa relação dialógica e horizontal. Com isso, o ensino se dar com a troca de experiências tanto do aluno como do professor de forma direta e igualitária em que dentro de sala todos são iguais em relação a aprendizagem. Para

Tardif (2012) com o passar do tempo, os professores aprendem a compreender melhor os alunos, suas necessidades, suas carências e etc. Os alunos por sua vez aprendem através da experiência de vida do professor e das matérias que tem como objetivo uma melhor compreensão de mundo.

Para Tardif (2012), concretamente, ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, afim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização. É possível observar esta afirmação na sala de aula quando o docente socializa e interage com os alunos através de questionamentos incitando diversos posicionamentos diferentes sobre determinada área (geografia, biologia, matemática, português dentre outras); portanto, a uma troca de experiências entre aluno e professor, e entre esta interação se constrói o saber de experiência. De acordo com Tardif (*apud* DURAND,2012, p.109), esse saber refere-se a “um saber prático, ou seja, sua utilização depende de sua adequação às funções, problemas e situações peculiares ao trabalho. A cognição do professor é, portanto, condicionada por sua atividade; ela está a serviço da ação”. Atividade aqui entendida como o fazer docente.

Relação Professor-Professor

A relação do professor com o quadro docente desperta nele o saber fazer, relacionando as diversas trocas de experiência que levam a um ensino de qualidade. O saber ensinar do professor também se modela e se desenvolve através desta troca de conhecimentos. É possível evidenciar na fala de alguns professores este pensamento quando lhes perguntamos se os colegas contribuem uns com os outros na troca de experiência.

Professor A: trocamos ideias, através das reuniões de planejamento, visando qualidade no ensino;

Professor B: os professores contribuem as suas formas de ensinar, interagindo uns com os outros;

Professor C: com certeza existe esta troca múltipla;

Professor D: Juntos somos mais fortes, dividimos e compartilhamos ideias para que o desenvolvimento do ensino seja cada vez melhor.

Ao observar as diversas respostas e a compará-las, podemos afirmar que o saber fazer do professor também tem fragmentos da interação com outros docentes, implica dizer que estas experiências contribuem com e para um ensino de qualidade. Para Tardif (2012) uma das características do saber experiencial é que ele é temporal, evolutivo e dinâmico que se transforma e se constrói no âmbito de uma carreira, de uma história de vida profissional, e implica uma socialização e uma aprendizagem da profissão.

Os saberes de experiência contemplam e se desenvolvem tanto na interação com os alunos no âmbito da sala de aula, relacionado aqui com o saber fazer, quanto com o quadro docente da escola na interação e na troca de experiências de ensino. O professor “em suas atividades cotidianas, tomando decisões diante das situações concretas com as quais se depara. A partir das quais constrói saberes na ação” (PIMENTA, 2011, p. 27). Durante o exercício da docência os saberes são (re)construídos à medida que os docentes adquirem experiência moldando uma nova didática, e segundo Farias, *et al* (2014) as experiências vividas pelos professores, interferem nos seus saberes pedagógicos e também nos saberes de experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo podemos refletir sobre os saberes docentes, e como eles servem de base para o ensino além de serem constituídos no tempo e no espaço de formação profissional. O alcance de nosso objetivo, mostra que a didática é um eixo essencial para a identidade profissional docente, esta é produto das interações sociais de cada sujeito acumulado na memória dos diversos campos da trajetória desse profissional.

O cotidiano da escola aparece, nas opiniões dos entrevistados como divisor de águas entre teoria e prática, assim é necessário que os docentes façam constante

avaliação da prática docente a fim de contribuir com sua identidade e com a qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Isabel Maria Sabino. *et. al.*. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 4^o ed. Brasília: Líber livro, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13.ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

TJORA, Aksel Hagen. **Writing small discoveries: an exploration of fresh Observers' observations**. *Qualitative Research*, London, v. 6, n. 4, p. 429-451, 200

POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS: O PAIC NA CIDADE DE JUCÁS - CE

Lara Paulino Cazé, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará,
larapaulinocaze@gmail.com
Roseane Fernandes Feitosa, Universidade Estadual do Ceará – Faculdade de Educação,
Ciências e Letras de Iguatu, roseanefernandes03@gmail.com

1-Introdução

Políticas Públicas Educacionais Nacionais são ações, programas e/ou atividades voltadas para garantir o acesso à educação de qualidade a todos, com objetivos e valores específicos, respeitando o direito individual e assegurando o bem comum. Dentro dessa temática, este resumo se propõe a mostrar os resultados parciais de uma pesquisa sobre a atuação de uma política pública voltada para o combate do analfabetismo nas escolas públicas do estado do Ceará, o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC).

Tendo como foco conhecer os resultados de uma pesquisa feita para um trabalho monográfico, e, conseqüentemente, as ações do PAIC no município de Jucás, na região Centro-Sul do interior do estado do Ceará, o estudo faz uma breve análise da trajetória das políticas educacionais no Brasil, e das atividades propostas pelo PAIC.

A importância desta pesquisa para os estudos sobre as Políticas Públicas está no fato de poder questionar a ação do Estado sobre um problema social brasileiro, na ocasião seria os níveis de alfabetização. Dessa forma, permite-se mostrar quais os motivos pelo qual se torna necessário a execução de tal política, qual a sua intervenção, planejamento de suas ações, seu desenvolvimento, quais os agentes envolvidos e, por fim, a avaliação dos seus impactos.

2- Procedimentos Metodológicos

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas relacionadas às Políticas Públicas Educacionais Brasileiras, buscando entender como acontecem tais

políticas e a partir de que elas surgem. Outro procedimento adotado foi uma pesquisa documental feita nos textos dos próprios manuais do programa, esse material, além de fornecer subsídios para que o professor aplique suas atividades em sala de aula, também estabelece os objetivos a serem alcançados pelas ações do programa. Tais pesquisas foram realizadas com a finalidade de adquirir embasamento teórico para fundamentar o estudo e a partir delas obter conhecimento sobre os objetivos e estratégias do PAIC.

Para identificar melhor a prática do PAIC e com a intenção de ouvir os sujeitos que estão diretamente ligados à execução dessa política, foram selecionados três profissionais (um dos técnicos responsável pelo PAIC junto a Secretaria Municipal de Educação e duas professoras de 2º ano do Ensino Fundamental de escolas distintas, uma da zona rural e outra da zona urbana) que contribuiriam para obtenção de dados por meio de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2007), além de ter sido realizada uma pesquisa documental e uma análise dos resultados dos índices de alfabetização das duas escolas.

3- Resultados e discussão

As políticas podem ser entendidas como a relação entre o Estado e a sociedade civil, permeada por conflitos e tensões entre interesses diversos, cujo resultado dependerá da correlação de forças entre os grupos e classes em disputa.

Para uma melhor compreensão dessa relação, Antônio Gramsci (2008) colabora ao afirmar que não há uma separação efetiva entre Estado e sociedade civil, muito pelo contrário, essas duas esferas são complementares e indissociáveis. Nessa relação os governos respondem a tais conflitos a partir de políticas públicas, ora mais avançadas e universalizantes, ora mais restritas e focalizadas, com a participação ou não da população.

As políticas públicas surgem a partir da dinâmica da luta de classes que se intensifica com a ascensão e consolidação do modo de produção capitalista. As demandas da sociedade são apresentadas ao poder público por meio de grupos organizados, dentre eles estão os sindicatos, as entidades de classe, associações, Organizações não Governamentais (ONGs), etc. Esses grupos têm o papel de demandar

e pressionar os governos sobre as necessidades e os problemas a serem solucionados, seja para uma determinada parcela da sociedade ou a todos de um modo geral (educação, saúde, habitação, renda, seguridade social, etc.).

No bojo do desenvolvimento das políticas públicas, destacam-se políticas públicas educacionais que se expressam em um conjunto de programas e ações voltadas para a gestão e melhoria da educação brasileira. Nesse sentido, é possível considerar como política pública as leis, financiamento, planejamento e programas voltados para o meio educacional.

É importante destacar que a educação vem mudando ao longo do tempo e que ela se encontra em diferentes contextos, adaptando-se e se redefinindo de acordo com os modos de formação, produção ou reprodução de trabalho, vida e sociedade. Portanto, as políticas públicas educacionais estão diretamente relacionadas ao projeto de sociedade que se pretende estabelecer ou ao que está em curso de acordo com cada momento histórico (AZEVEDO, 2001).

Quanto as Políticas Educacionais, temos como principal a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), que é a lei orgânica e geral da educação brasileira que, como o próprio nome já diz, dita as diretrizes do sistema educacional. No decorrer dos anos, no Brasil, a política educacional foi definida de múltiplas formas, pois é um elemento que envolve interesses políticos, econômicos e ideológicos diversos.

Políticas educacionais giram em torno de atingir determinadas finalidades de acordo com as necessidades da sociedade. Pensando nisso, o PAIC tem como meta alfabetizar todas as crianças até no máximo oito anos de idade ou até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Tendo em vista os números alarmantes de analfabetismo da região Nordeste e especificamente observando essa problemática no estado do Ceará, foi criado no ano de 2004, o Comitê Cearense para a Eliminação do Analfabetismo Escolar, uma iniciativa do deputado Ivo Gomes em conjunto com a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Este Comitê era constituído por representantes da Assembleia Legislativa, por membros de instituições ligadas à educação, de universidades estaduais e da universidade federal.

Com o objetivo de explicar a problemática do analfabetismo escolar, o Comitê desenvolveu pesquisas, realizou audiências públicas e seminários e divulgou relatórios. Após a conclusão do trabalho do Comitê e também aproveitando a mobilização social em torno do combate ao analfabetismo, foi criado o PAIC (Programa de Alfabetização na Idade), com o objetivo de apoiar os municípios cearenses na melhoria da qualidade do ensino, da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, além de priorizar a alfabetização, estimular o compromisso dos professores através da valorização profissional.

O programa passou por algumas modificações dentro do próprio estado, em 2011 o Governo do Estado do Ceará lançou o PAIC MAIS, visando ampliar as ações que eram destinadas as turmas de Educação Infantil, 1º e 2º ano do Ensino Fundamental até o 5º ano, propondo mais ações para melhorar os resultados de aprendizagem dos alunos, atualmente é intitulado MAIS PAIC, com ações voltadas até o 9º ano. Com grandes resultados, o PAIC se tornou um modelo para a criação do PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa).

A alfabetização se dá da seguinte maneira: aos oito anos de idade a criança precisa ter a compreensão da escrita e da leitura, bem como a relação entre elas e o domínio de compreensão e de produção de texto escrito.

Os dados observados na pesquisa revelaram o contraste entre essas duas escolas, em que uma apresenta resultados satisfatórios referentes ao nível de aprendizado de seus alunos na leitura e na escrita e a outra se encontra em uma situação bem adversa. Tal fato é interessante, principalmente, por se tratar de duas turmas da mesma idade e de serem duas escolas que fazem parte da mesma rede de ensino, embora uma esteja localizada na zona urbana, e a outra na zona rural. Nesse sentido há um desafio para o poder público de diminuir esse dualismo interno na própria rede de ensino do município.

4- Conclusões

Compreender que o aluno é um sujeito que exerce um papel ativo a sociedade e na construção de seu próprio conhecimento é de extrema necessidade e intensifica o

aparecimento de novas formas de pensar, permitindo o acesso a novos níveis de aprendizagem. Nesse sentido, vale ressaltar a importância do letramento e do aluno alfabetizado, pois a leitura e a escrita são portas para novos conhecimentos.

A pesquisa foi realizada por meio de uma coleta de dados junto a Secretaria Municipal de Educação, o que permitiu que fosse feita uma análise dos dados quantitativos correspondentes aos níveis de alfabetização das duas escolas. O que pôde ser verificado é que a escola localizada na zona rural passa por uma série de dificuldades como o número de alunos por turma, a distância percorrida pelos mesmos todos os dias para chegar até a escola, seja de transporte escolar, a pé ou outro meio, o contexto familiar diverso, até a estrutura física da própria escola. Embora haja o esforço em superar essas dificuldades, a verdade é que essa realidade influencia diretamente nos resultados e desempenho da escola.

Mais um fator relevante da pesquisa foi pensar na garantia de direitos. As políticas públicas devem ser elaboradas de maneira a garantir os direitos dos cidadãos, suprimindo as suas necessidades e atendendo a todos sem distinção. Para tanto, é necessário que sua prática seja efetivada e eficiente do início ao fim, sem diminuição ou falta de investimento e restrição de público, além de um efetivo controle social e participação dos interessados. De um modo geral, verificou-se que a política tem desempenhado um importante papel no que se refere ao desenvolvimento educacional do município, no entanto com algumas limitações que devem ser consideradas e necessitam de um estudo ainda mais aprofundado em alguns pontos.

5- Referências

- AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A educação como política pública**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. V. 56. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. V1.
- MARINHO, Iasmin da Costa. **Política Educacional**. InfoEscola: Navegando e Aprendendo. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/educacao/politica-educacional/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Ódecio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementariedade?** In: Caderno de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz, jul/set 1993.

**A PERSPECTIVA DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A
INCLUSÃO ESCOLAR - PNE (2014-2024)**

Emmily Cristina Firmino de Souza- UERN
E-mail: emmilycristina@hotmail.com
Bárbara Sabrina da Silva Mendonça- UERN
E-mail: sabrynna_rd@hotmail.com
Larissa Feitosa Moura- UERN
E-mail: lfm141997@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará a meta 4 do PNE- Plano Nacional de Educação, que visa assegurar e incluir a educação básica para os estudantes que possuem deficiência, e a oferta de salas de aula com atendimento educacional especializado, com diversos recursos para atender aos alunos que precisem. Trazendo também uma reflexão sobre os desafios que as crianças com deficiência vivenciam para conseguir uma interação social na rede de ensino regular como também em todo ambiente social que as rodeiam. Abrindo um leque ampliado dos direitos de inclusão, situando também o AEE - serviço da educação especial amplificada na rede de ensino regular que dispõe de ferramentas facilitadoras de acessibilidade que extinguir as barreiras, assim como, baseando-se na perspectiva da Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência. O tema que iremos discorrer nesta pesquisa envolve a questão da inclusão de crianças com deficiência física em escola regular, tendo o seguinte título: A Perspectiva Do Plano Nacional De Educação Para A Inclusão Escolar - PNE (2014-2024).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e, como metodologia, escolhemos uma modalidade de pesquisa que pudesse contribuir na compreensão da relação do profissional docente e a criança com deficiência. Esta pesquisa, irá contemplar uma revisão bibliográfica sobre as temáticas “Educação Inclusiva”, situando o debate atual sobre estes temas e identificando desafios que os autores indicam em

relação a inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar. Iremos também discorrer um pouco sobre os desafios que essas crianças enfrentam para conseguirem inclui-se em uma rede de ensino regular: Os professores são capacitados para atender suas necessidades especiais? E por fim, faremos uma análise do Plano Nacional de Educação (PNE), na sua posição a respeito da meta 4º, ressaltando suas divergências e particularidades na sua materialização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência (Decreto N° 3.298, de 20 de dezembro de 1999), deficiência é “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”, de acordo com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a inserção de estudantes com deficiência na escola é um direito. Além disso, Lodi (2013) afirma que “a política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva propõe o delineamento de ações educacionais que visam superar a lógica da exclusão no ambiente escolar e na sociedade de forma geral” (LODI, 2013, p.51). Nesse sentido, a educação inclusiva propõe que todos os alunos possam se matricular em escolas regulares e que estas devem se organizar para atender suas necessidades especiais, considerando suas diversidades e, nesse sentido, as deficiências.

Levando-se em consideração esses aspectos, o Plano Nacional de Educação - PNE traz entre as vinte metas proposta a meta quatro que discorre a seguinte questão “orienta os sistemas de ensino para garantir o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes, em classes comuns, bem como os serviços da educação especial, nas escolas regulares, de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades”. Essa seguinte meta em destaque tem o objetivo nos seus seguintes termos:

A implantação de salas de recursos multifuncionais e fomentar a formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado nas escolas urbanas, do campo, indígenas e de comunidades

quilombolas (Estratégia 4.3); e promover a articulação inter setorial entre os órgãos e políticas públicas de saúde, assistência social e direitos humanos, em parceria com as famílias, a fim de desenvolver modelos de atendimento voltados à continuidade do atendimento escolar na educação de jovens e adultos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento com idade superior à faixa etária de escolarização obrigatória, para assegurar a atenção integral ao longo da vida (Estratégia 4.12).

Como também promover e garantir a matrícula de todos os alunos que possuem algum tipo de necessidade especial em rede de ensino público regular, para que possa ser implementado uma política pública de universalização de acesso a todos educandos, como também a valorização das diferenças e suprir as necessidades de inclusão educacional. Porém apesar de uma grande dedicação, existe um grande leque de desafios para impulsionar a universalização, que abrange desde o ambiente físico aos recursos didáticos e pedagógicos.

Em consequência disso foi criado o AEE - (Atendimento Educacional Especializado), um serviço da educação especial amplificada na rede de ensino regular que dispõe de ferramentas facilitadoras de acessibilidade para amenizar as barreiras que alunos com deficiências especiais enfrentam, considerando suas particularidades. Brasil (2008), “o atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”. Ressaltando também que esse serviço contempla ou suplementa a formação dos alunos ampliando sua autonomia e independência dentro e fora da sala de aula.

Em 2006, a Secretaria de Educação Especial - SEESP, ligada diretamente ao Ministério da Educação - MEC, divulgou uma cartilha que traz informações relevantes a saberes e práticas da inclusão. Devido à discussão que há anos vem ocorrendo como uma tentativa de diminuir o preconceito estigmatizado da sociedade e ao mesmo tempo trazer à tona que as crianças:

As crianças com qualquer deficiência, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais, são crianças que têm as mesmas necessidades básicas de afeto, cuidado e proteção, e os mesmos desejos e sentimentos das outras crianças. Elas têm a possibilidade de conviver, interagir, trocar, aprender, brincar e serem felizes, embora, algumas vezes, de forma diferente. (BRASIL; 2006, p.19)

4. CONCLUSÕES

Assegurado por lei, o atendimento educacional especializado para crianças com necessidades especiais foi pauta da 4ª meta, das 20 do PNE, previstas para serem cumpridas até 2024. Apesar de ser amparado pela constituição e previsto para ser efetivados logo, esse atendimento tem apresentado dificuldades para obter sucesso, tanto por parte do despreparo dos professores por lidarem com algo nunca vivenciado e enfrentarem novos desafios todos os dias, o que muitas vezes dificulta ainda mais a vivência diárias, aliado a essa barreira existe também a bloqueio social, que fazem por muita das vezes o portador da necessidade especial se sentir excluído, menosprezado e ser alvo de preconceito. No entanto, no lado oposto do caso, existem as salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), que foram criadas para auxiliar os professores com esses alunos, porém, isso não é o suficiente, a meta 4 do PNE, quer assegurar uma educação especializada, qualificada em escolas da rede regular de ensino, como também propiciar uma interação social plena entre todos os alunos, diminuindo os obstáculos encontrados por eles, e equiparando as diferenças, e mostrando que todos têm inteligência e habilidades diferentes.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Marilda Moraes Garcia Bruno. Secretaria Estadual de Educação - SEESP/MEC (Org.). **Educação Infantil: Saberes e práticas da inclusão**. 2006. Elaborado por Marilda Moraes Garcia Bruno. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 29 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais Da Educação Especial Para O Atendimento Educacional Especializado Na Educação Básica**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192>. Acesso em: 03 de novembro de 2016.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. São Paulo,

2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100004>. Acesso em: 06 de novembro de 2016.

A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Ellery Henrique Barros da Silva
UFPI/CAFS/CEAD
elleryhbs@gmail.com
Alba Patrícia Passos de Sousa
UFPI/CAFS
alba2sousa@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

A escola é considerada como um lugar de ensino e aprendizagem, onde os alunos, aprendem a se relacionarem com ele e o mundo ao seu redor. Sendo assim, as aprendizagens, uma vez que existem várias, acontecem de forma espontânea e gradual, dentro da subjetividade predominante de cada sujeito em processo de construção.

Assim, o ensino de arte possui inúmeros desafios que até os tempos atuais ainda não foram superados e muito menos erradicados, como a sua classificação no currículo escolar como uma disciplina complementar as demais áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências (NASCIMENTO, 2012).

O presente trabalho pretende descrever uma atividade de observação em sala de aula ocorrida durante a disciplina de Didática Geral do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI/CAFS no município de Floriano/PI.

Desse modo, foi escolhida para o desenvolvimento da referida atividade, a disciplina de Arte, pois enquanto estudantes de graduação, sentimos uma certa fragilidade na sua forma de abordagem em sala de aula, uma vez que ela ainda é colocada como uma disciplina utilizada para passar o tempo, com atividades que envolvem a colagem, pintura, desenho, deixando de lado o seu caráter histórico e científico-social, essencial para formação crítica e autônoma do educando.

Por isso, a relevância social desse estudo é necessária a ser discutida com pais, educadores, alunos e a toda sociedade de uma forma geral, uma vez que através do ensino de arte é possível obter um olhar mais humanizado, caridoso, harmonioso, além de trazer reflexões acerca da vida enquanto docentes e discentes.

Partindo dessa premissa, desde o princípio da humanidade, o homem primitivo se apropriava dos mais diversos instrumentos obtidos na natureza em seu habitat como uma forma de comunicação, se caracterizando como a primeira forma de linguagem, desde a criação do mundo.

Assim, durante décadas, a arte enquanto epistêmico da educação passou a ser interpretada das mais variadas formas, principalmente de cunho político. No período modernista no Brasil, algumas mudanças no modelo educacional brasileiro foram primordiais para o ensino de Arte, principalmente por causa da crise política que afetou o setor oligárquico no país num processo de democratização da sociedade (RIBEIRO, 2013).

Destarte, na escola é colocada como uma disciplina obrigatória no currículo escolar, de acordo com o dispositivo de lei 5.692/71, pois permite ao aluno desenvolver etapas de seu desenvolvimento, sendo essenciais para a formação de vínculos e transformação social.

No Ensino Fundamental conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, a arte contribui para a aprendizagem de outras áreas específicas, a saber: “o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN, 1997, p. 15). Diante disso, garante ao educando o seu desenvolvimento integral que irá permitir a sua ampliação nas demais áreas do saber.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é do tipo qualitativa e quanto aos seus objetivos é classificada como exploratória-descritiva. Assim, é exploratória por procurar em todos os espaços, tornando o problema mais explícito, garantindo a amplitude necessária e a formulação de hipóteses. Contudo, pelo seu aspecto descritivo pretende descrever os acontecimentos de acordo como eles são, sem interferir na pesquisa e nos fenômenos encontrados em seus resultados (RODRIGUES, 2007).

O local de realização da pesquisa foi em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Floriano/PI. A escolha pela instituição foi devida os pesquisadores conhecerem um pouco da realidade onde está inserida e ela estar situada em um bairro próximo aos pesquisadores.

O instrumento de pesquisa utilizado foi a observação não participante, pois o pesquisador se manteve alheio à realidade pesquisada, obtendo assim, um olhar mais de espectador (KAUARK, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade de observação foi consolidada em 9 (nove) momentos: ano; tempo de observação; organização espacial; disciplina; conteúdo ministrado; metodologia docente; recursos didáticos; participação dos alunos; e sequência didática.

No primeiro momento, chegamos à Escola Municipal Mundo Encantado (nome fictício) às 09h30min da manhã e fomos muito bem recebidos, a escolha da escola, foi devido ela estar situada em um bairro próximo aos pesquisadores, o sinal para o recreio iria tocar para os alunos retornarem para a sala de aula, assim, conversamos com o diretor e a professora e autorizaram que fôssemos para dentro da sala de aula para a observação.

Assim, ao entrarmos na sala, a professora nos apresentou e contou o motivo de estarmos na sala, com isso ficamos no fundo, totalmente discretos para não atrapalhar a aula. Desse modo, a turma observada foi a do 5º ano do Ensino Fundamental e ficamos de observar 50 minutos de aula da disciplina de Arte. A sala de aula é bem espaçosa, arejada, com quadro acrílico, dois ventiladores, e a organização das carteiras todas enfileiradas, demonstrando um pouco de tradicionalismo na organização espacial da sala. Quanto a escolha do conteúdo a ser ministrado pela docente foi a “Arte Abstrata”, que começou utilizando o livro didático e pedindo que os alunos observassem as imagens expostas nos capítulos e falassem o que de fato eles achavam que estavam vendo, alguns respondiam que viam apenas rabiscos, riscos, outros diziam que passavam sentimentos como: amor, amizade, ódio, tristeza, harmonia, porém, mesmo diante de alguns posicionamentos, houve pouca participação, sendo maior por parte das

meninas, os demais ficavam em conversas paralelas, apresentando pouco interesse pela aula.

Desse modo, observamos também que havia um aluno muito inquieto que utilizava a aula para brincar com os outros alunos, respondendo a docente e com isso, ela acabava não obtendo um controle com relação a ele, pois ao mesmo tempo em que ele respondia, ela rebatia, ocasionando uma discussão.

Então, com relação a sequência didática pela professora não ocorreu, pois logo após o passar dos 50 (cinquenta) minutos, a mesma deu por encerrada a aula e não foi utilizada nenhum tipo de atividade que fizessem pôr em prática os ensinamentos obtidos no decorrer da aula.

CONCLUSÕES

O ensino de Arte na escola possui muitos desafios que necessitam ainda ser questionados, principalmente com relação à sua visibilidade, deixando de ser uma disciplina complementar às demais áreas do saber, constituindo como um elemento importante para a formação crítico-social do ser humano.

Assim, a partir dos resultados obtidos durante esta atividade de observação, pode-se dizer que foi muito significativa este contato inicial em sala de aula, pois permitiu obter uma visão maior acerca do papel da docência e se tratando do ensino de Arte, ainda é necessário rever seus conceitos e atribuições.

Diante disso, é necessário acontecer uma reflexão acerca dessa disciplina, permitindo aos professores formações continuadas, oficinas, exposições, e também o desenvolvimento de projetos que permitam o aprofundamento das discussões entorno da arte na escola.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Mariza Sousa. **A importância e valorização da Arte-Educação nas escolas públicas do Distrito Federal**. 2013. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes Visuais) Universidade Aberta do Brasil em parceria com a Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 23 de agosto de 2018.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica:** como facilitar o processo de preparação de suas etapas. – São Paulo: Atlas, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Arte. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

NASCIMENTO, V. S. J. Ensino de arte: contribuições para uma aprendizagem significativa. In: **Anais do II Encontro da Fundação Nacional de Artes – FUNARTE**, 2012.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO INTERDISCIPLINAR

Luis Renato Brito Sousa

luis_brito2007@hotmail.com

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Maria Socorro Lucena Lima

socorro_lucena@uol.com.br

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO

Um dos desafios do trabalho docente na educação básica no contexto atual é promover a aprendizagem na sala de aula em paralelo com os mais diferentes apelos tecnológicos e visuais que se apresenta na sociedade atual. O presente trabalho objetivou refletir sobre os quadrinhos na sala de aula, considerando a possibilidade de adesão dos professores dentro das suas condições de vida e trabalho. Foi realizada uma revisão teórica sobre o tema, em consulta a autores, que tratam do uso de quadrinhos na sala de aula e dessa forma, contribuir para o debate a respeito de descobertas que possam ilustrar os conteúdos estudados pelos alunos. A partir disso, tem-se que os quadrinhos necessitam do interesse por parte dos professores, para utiliza-los, visto que que faz-se necessário a seleção dos conteúdos cuidadosamente, para que o aluno não sinta dificuldade para compreender. Desta forma, conclui-se que os quadrinhos como ferramenta dentro da sala de aula, pode agir de maneira interdisciplinar, para compreensão dos discentes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação. Professores

INTRODUÇÃO

Um dos desafios do trabalho docente na educação básica no contexto atual é promover a aprendizagem na sala de aula em paralelo com os mais diferentes apelos tecnológicos e visuais que se apresenta na sociedade atual. A relação polarizada entre o conteúdo da “matéria ensinada” e o uso de recursos didáticos presentes nos textos utilizados na sala de aula, parece ser aprofundada com a necessidade de atender aos reclames dos processos de avaliação institucional que envolve professores e gestores.

Partindo destas questões, o presente texto tem como o objetivo refletir sobre os quadrinhos na sala de aula, considerando a possibilidade de adesão do professor, dentro das suas reais condições de vida e trabalho.

Para o presente texto pretende fazer uma revisão teórica sobre o tema, em consulta a autores, tais como (VERGUEIRO e GOLDENBAUM, 2003), (MINAYO, 2010), etc. que tratam do uso de quadrinhos na sala de aula e sobre transdisciplinariedade e dessa forma, contribuir para o debate a respeito de descobertas que possam ilustrar os conteúdos de maneira interdisciplinar estudados pelos alunos.

Consideramos a necessidade de que pesquisa nos cursos de licenciatura possa dialogar com a escola pública, contribuindo assim para a mediação necessária à melhoria do ensino. Acreditamos ainda, que a premissa da formação do professor pesquisador possa ser este espaço de mediação entre professores e alunos da Universidade e a Escola de educação básica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

A utilização dos quadrinhos como ferramenta educacional nem sempre foi presente, nem muito menos aceita dentro das escolas, isso pelo fato de seu conteúdo ser considerado inapropriado para estar dentro das escolas da década de 80, simplesmente por julgarem que as escolas eram locais sérios, não podendo haver nada que tirasse o foco dos alunos.

Dessa maneira, os quadrinhos que eram considerados como mera ferramenta de lazer, foram excluídos dos espaços educacionais por professores e pais, como afirma Vergueiro e Goldenbaum ao dizer que:

Em geral, pais e educadores achavam que elas representavam uma ameaça ao desenvolvimento intelectual de seus filhos e alunos, colocando-as no ostracismo e considerando-as culpadas por todos os males do mundo. (VERGUEIRO e GOLDENBAUM, 2003. P. 03)

As escolas eram tidas como locais que formavam cidadãos que seriam formados na base da lei, na qual iriam colaborar para a melhoria da sociedade, respeitando todos os deveres e ensinamentos a qual eram ensinados.

Com as mudanças do comportamento da população dentro das sociedades, com as lutas por direitos, principalmente os direitos de comunicação, fizeram com que fossem discutidos o uso das HQs dentro dos espaços educacionais, rompendo as

barreiras, saído de um mero instrumento a qual proporciona lazer a quem a utiliza, para mais uma ferramenta de aprendizado.

As resistências de educadores, pais e principalmente dos bibliotecários em relação às histórias em quadrinhos e aos demais meios de comunicação de massa diminuíram à medida que a sociedade passou a ver todos esses meios com outros olhos. Entretanto, as barreiras contra elas, enquanto alternativas de leitura e informação diferente do livro tradicional, não desapareceram de forma automática. (VERGUEIRO e GOLDENBAUM, 2003. P. 04)

Essas mudanças foram executadas lentamente, pois havia um receio, por parte dos professores, pais e bibliotecários que ainda recusavam a utilização das HQs como material de fornecimentos educacional. Sendo necessário os professores que lutaram para seu uso, prepararem suas aulas de maneira a fazer com que a utilização dos quadrinhos não atrapalhasse no desenvolvimento do intelecto do aluno.

Pelo simples fato da sociedade se modificar, fez com que estudos de outros gêneros textuais fossem discutidos, principalmente buscando observar o uso da linguagem na relação entre a oralidade e a escrita, como afirma Assis e Marinho ao dizer que:

Os gêneros vão sendo ampliados na instauração de novas relações com os usos da linguagem, o que possibilita uma redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como, por exemplo, a relação entre a oralidade e escrita, desfazendo ainda mais suas fronteiras. (ASSIS e MARINHO, 2016. P.117)

Essa quebra de fronteira faz com que a transmutação de alguns gêneros a qual abarcam o que é utilizado para a comunicação, dificultem a tarefa de categorização dessas obras.

Podemos ver as HQs como uma ferramenta a qual possa proporcionar ser trabalhado a transdisciplinaridade, isso porque os quadrinhos não estão limitados a um determinado tema, ou muito menos a um determinado cenário. Pois a transdisciplinaridade busca um diálogo investigativo articulando métodos e técnicas. Como Minayo afirma ao dizer:

A ação da transdisciplinaridade é a resultante da capacidade que nós temos de ultrapassar as fronteiras das disciplinas pelo investimento articulado e a contribuição das diferentes disciplinas em jogo, num

processo de investigação que inclui articulação de teorias e conceitos, métodos e técnicas e, não menos importante, do diálogo entre as pessoas. (MINAYO, 2010. P.437)

Pois, tanto os quadrinhos conseguem ultrapassar fronteiras formadas por gerações, como também formadas pelas disciplinas. Cabe ao professor conseguir trabalhar dentro de um cenário a qual necessite da intervenção de outros professores, auxiliando no ensino e aprendizado dos alunos, possibilitando assim a construção interdisciplinar de um determinado conteúdo.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Sendo as HQs um gênero a qual se estrutura de maneira a compor quadros em quadros de forma sequenciada combinando linguagem não verbal e verbal com o intuito de transmitir através de uma narrativa alguma mensagem.

O gênero discursivo história em quadrinhos compõe-se basicamente de quadros que combinam imagem (linguagem não verbal) e texto (linguagem verbal) (...). Sua sequência de ação por meio do movimento sugerido pela história, o que exige um grande envolvimento do leitor para interpretar e coparticipar da ação. (ASSIS e MARINHO, 2016. P.119)

Esse envolvimento por parte do leitor, em interpretar a fala com a imagem, demanda do mesmo um trabalho cognitivo ainda maior do que apenas a leitura. Para isso o leitor necessitará estimular sua imaginação ao ponto de executar as ideias a qual o autor propôs, como se fossem suas.

Alcântara (2018) afirma que os quadrinhos podem ser utilizados como ferramenta de suporte aos professores em suas modalidades pedagógicas, pois o mesmo pode utilizar as HQs como instrumento interdisciplinar e transdisciplinar, a qual torna o aprendizado reflexivo e prazeroso.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que o ensino transdisciplinar pode ser feito na medida em que o professor necessite encontrar ferramentas para auxiliar o aluno em sua compreensão do conteúdo, visto que há uma dificuldade na interação entre disciplinas mesmo que

sejam de áreas de conhecimento iguais. Com isso, como uma opção de ferramenta, o uso de HQs pode fazer com que o aluno consiga entender com mais facilidade um determinado assunto abordado pelo professor.

Como visto na pesquisa os quadrinhos possuem uma relação com os alunos mesmo que só sejam vistos como uma ferramenta de lazer, pois estão no contexto diário deles, além de possuírem uma linguagem visual e escrita de fácil entendimento por seus leitores, os quadrinhos podem abordar diversos tipos de informações, sejam elas educacionais ou não.

Cabe ao professor selecionar os conteúdos a serem abordados e com o auxílio dos alunos elaborar contextos históricos envolvendo esses assuntos dentro dos quadrinhos, podendo ou não trabalhar de forma interdisciplinar esse conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, C. S. HQs: mídia parceira da pedagogia e do currículo. In: **HQ CURSO DE QUADRINHOS EM SALA DE AULA**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, v.1, n, 2, abr. 2018.

ASSIS, Lúcia Maria de; MARINHO, Elyssa Soares; "História em quadrinhos: um gênero para sala de aula", p. 115-126. In: NASCIMENTO, Luciana; ASSIS, Lúcia Maria de; OLIVEIRA, Aroldo Magno de. (org). **Linguagem e Ensino do Texto: teoria e prática**. São Paulo: Blucher, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e complexidade**. Revista Emancipação, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 435-442. 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; GOLDENBAUM, Jean. A documentação sobre história em quadrinhos: a contribuição do Diretório Geral de História em Quadrinhos no Brasil. In. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 26, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* INTERCOM, 2003.

OS NOVOS DESAFIOS DA ESCOLA FRENTE ÀS DISCUSSÕES DE GÊNERO, RAÇA E REPRESENTATIVIDADE

Anderson Souza Oliveira

Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades souza.oliveira@aluno.uece.br

Michely Andrade

Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, michely.andrade@uece.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Combatendo o Racismo e a Violência de Gênero nas escolas tem como proposta refletir sobre como a questão racial e de gênero são percebidas atualmente, sobretudo nos espaços educativos. Para além de uma discussão apenas teórica acerca da problemática do racismo e das variadas formas de violência de gênero, o projeto tem como objetivo a intervenção em espaços educativos a fim de promover um diálogo e discussão que incite mudanças sociais necessárias. Entendendo o tripé (ensino, pesquisa e extensão), o projeto promove, além das intervenções em espaços educativos, sessões de estudos quinzenais através do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação (GERE) em parceria com a UNILAB e integra o Laboratório de Ensino e Práticas Sociais (LAPRATICAS).

Nos estudos e atividades realizadas, observamos que, apesar do amparo judicial, as escolas visitadas ainda desconhecem a Lei 10639/2003, que obriga as instituições lecionarem História da Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino fundamental e médio. E mesmo quando o corpo docente tem conhecimento, não é colocado na prática de sua ação docente, o que é ainda mais problemático.

A partir das leituras e atividades realizadas percebemos, ainda, que as violências tanto de gênero quanto raciais geralmente são abordadas a partir da categoria "bullying" e assim tratadas de maneira homônimas. Na perspectiva do nosso trabalho de extensão esse é um tratamento problemático, uma vez que existe uma linha bem

definida entre essas duas formas de violência e que não podem ser pensadas da mesma forma, apesar de existir pontos convergentes.

2. METODOLOGIA

Para viabilizar e dar suporte às atividades, as reuniões do grupo extensionista tem revezado entre as sessões de estudo e as de planejamento das atividades. Antes de qualquer trabalho em campo acreditamos que precisamos de embasamento teórico para poder elaborar atividades no nosso projeto de extensão. Dessa maneira, no primeiro semestre focamos nossa atenção ao que autores como Abdias Nascimento (2016) e Nilma Limo Gomes (2017) dizem a respeito da questão racial no Brasil. No primeiro semestre, as atividades também foram pensadas e realizadas em parceria com estudantes da disciplina Prática IV. A escola escolhida foi o Colégio Estadual Presidente Humberto Castelo Branco e contou com as seguintes ações: oficina fotográfica com dispositivos móveis, oficina sobre o projeto de lei Escola sem partido e a discussão de gênero, Cine debate com a exibição do filme Pantera Negra e exposição das fotografias produzidas pelos estudantes, onde foram debatidos assuntos como Espaços escolares, sociabilidades e Reforma do Ensino Médio. Dentre as atividades, escolhemos realizar um relato de experiência sobre o cine debate a partir do filme Pantera Negra.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para além de questões raciais, o filme "Pantera Negra" abre espaço para questionamentos de gênero, como o papel social da mulher e seu emponderamento perante uma sociedade machista. Para ilustrar ainda mais o papel dessa mulher em sociedade com passado escravocrata tivemos como convidada a atriz Lydia dos Anjos, atriz negra da cena teatral cearense, dividindo conosco situações de racismo e discriminação sexual dentro do campo das artes cênicas, mostrando o quão longe chega o racismo. A atriz é categórica ao afirmar que para se discutir sexismo ou o machismo no teatro existem questões históricas, estruturais e culturais que ainda precisam ser superadas. O ideal de "boa aparência" para a definição de um papel é definido pela cor, dependendo da (o) personagem de um trabalho, comenta a atriz, que nos conta de

inúmeros trabalhos que deixou de interpretar devido a sua cor. Sua contribuição como facilitadora do debate proporcionou uma maior participação dos estudantes que no início da atividade se mostravam bastante tímidos. A partir dos relatos da atriz, as/os secundaristas trouxeram suas próprias visões e experiências sobre o tema. Por isso a importância desses espaços facilitados pela extensão universitária.

Estudantes presentes começaram relatar que gostariam de conhecer mais da cultura negra nas aulas, mas que questões como a religiosidade de matriz africana pouco é tratada. Essa ausência ainda revela o mito de que não existe negros no Ceará. A partir desse silenciamento podemos perceber falas como, por exemplo, da UFC afirmando que a discussão sobre cotas raciais na Universidade é desnecessária, pois não existe uma demanda, negligenciando, dessa maneira, 110.811 cearenses que se declaram pretas (os) na capital fortalezense, segundo censo 2010. São discursos como esse que comprovam como o racismo é velado e ao mesmo tempo presente em nossa realidade.

Um dos objetivos de nossa ação também foi a aproximação do sujeitos envolvidos com as discussões de gênero. Entendemos que existe uma clara exclusão e estigmatização das juventudes LGBTQ+. A escola como espaço socializador de conhecimento (inclusive sexual) possui um papel também normativo, que por vezes pode ser excludente para a (o) aluna (o) que foge aos padrões heteronormativos. Autoras como Judith Butler (2003) ressaltam a importância de se discutir identidade e gênero na escola. Encarar identidade sexual na escola é essencial para a desconstrução da normalidade que por muito tempo era representada pela heterossexualidade, lembrando que “a identidade é sempre definida pelo que não sou; a definição de minha identidade é sempre dependente da identidade do Outro” (SILVA, p.106. 2017).

Na realização do cine debate estavam presentes o coordenador da instituição e os professores das disciplinas de História e da eletiva "Cinema, política e sociedade", que se mostraram abertos aos questionamentos das (os) alunas (os), mas também colocam a dificuldade do acesso à autoras (es) negras (os) para repensarmos a história dos povos afrodescendentes no Brasil nas aulas de história. E é interessante esse ponto

pois até mesmo na licenciatura do curso de Ciências Sociais sentimos essa ausência, além de uma ementa pejorativamente masculina (e branca).

4. CONCLUSÃO

Mediante ao exposto entendemos a importância de toda a gestão escolar nesse processo: funcionários, direção, coordenação, corpo docente e as (os) próprias (os) alunas (os). Como Universidade, deve-se pensar em como nossa ementa está sendo trabalhada para abarcar e preparar docentes para as mais diversas realidades das escolas. A questão de identidade, raça e gênero ganha impulso nesse contexto histórico e é preciso se atentar a essas modificações constantes. O papel da (o) professora (o) não se resume a pensar no mercado de trabalho, é também promover o senso crítico. Se pensarmos um pouco mais veremos que a escola perpassa um tema transversal que é intrínseco a todas (os) alunas (os): os papéis sociais. É justamente a escola, também, que vai desenhar essas funções.

Como projeto de extensão, entendemos que o nosso papel é justamente colaborar nessas discussões; ouvimos de professores em como parece que existe uma barreira entre a Universidade e a escola pública; dessa maneira entendemos ser a ponte entre esses dois mundos, a teoria e a prática. E que possamos contribuir em discussões e dados que espalhem o conhecimento para além dos muros da Universidade, mostrando como a escola é também um lugar de ensino, mas também de pesquisa e, sobretudo, de intervenção social.

A partir do segundo semestre, as atividades estão concentradas no projeto ABC da Serrinha, território vizinho a UECE, mas bastante marginalizado dentro da grande Fortaleza. Os jovens e crianças do bairro possui um capital cultural que por vezes é desvalorizado ou até mesmo nem considerado dentro dessa lógica educacional capitalista. Embasados a partir dos estudos decoloniais, acreditamos que ao estarmos inseridos nesses locais possamos promover justamente um maior debate acerca da educação eurocêntrica que presenciamos hoje nos espaços educativos. Dentro desses

espaços podemos perceber, segundo Munanga (2005), que a formação das (os) professoras (es) não toca questões raciais, e nem perto da diversidade cultural.

5. BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, P. **Cultural reproduction and social reproduction** Jn: KARABEL, I., HALSEY, A H. **Power and ideology in education**. New York: Oxford University, 1977. p.487-511.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele(org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/Secad, 2005. 2ª edição.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**- São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL PARA SURDOS E OUVINTES: O COMUNICA

Samara da Silva Bezerra; Universidade Estadual do Ceará - UECE
samara_vip1997@hotmail.com

Milena de Freitas Nogueira; Universidade Estadual do Ceará - UECE
milenafrnogueira@gmail.com

Sabrina Vicente da Silva; Universidade Estadual do Ceará - UECE
sabrinavicenteagro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS passa todos os dias por grandes barreiras de implementação, reconhecimento e apropriação; tais barreiras se colocam como fruto de um distanciamento da mesma e negação histórica das comunidades surdas e, conseqüentemente, sua inclusão social. O desconhecimento, a falta de esclarecimentos e a desvalorização são fatores primordiais diante dessa realidade pelo qual a LIBRAS está inserida historicamente.

A aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais considera algumas características de extrema importância como a expressão facial e corporal, atenção visual, memória visual e agilidade manual. Há algumas metodologias para se ensinar a língua de sinais, uma delas inicia pela assimilação de um objeto com o símbolo ou sinal, depois se trabalha a questão da escrita e das letras em Libras, onde o surdo aprende como primeira língua a Libras e assim o português passa a ser sua segunda língua utilizada no que se refere à escrita das palavras.

As questões ligadas a esta área vem crescendo bastante, isso se dá através das discussões que vêm surgindo a respeito dos direitos da pessoa surda. Com isso, em 2002 é decretada a Lei nº 10.436, em que a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como meio legal de expressão e comunicação, um outro passo importante foi o Decreto de nº 5.626 em 2005 onde dispõe de todos os direitos da pessoa surda, garantindo-lhes educação, saúde e formação. É a partir deste decreto que no Art. 3º a LIBRAS passa a

ser inserida como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A garantia de educação é apresentada na Constituição Federal de 1988, a Lei garante educação a todos como também a igualdade, a cidadania e a dignidade de todas as pessoas, sem preconceitos ou qualquer outra forma de discriminação. A mesma em seu Art. 206, inciso I elege como um dos princípios a igualdade de condição de acesso e permanência na escola, ou seja, não deve ser usado nenhum tipo de privilégio no que diz respeito a quem tem acesso garantido nas escolas, todos, sem exceção podem e devem estar presentes na escola e receber uma educação de qualidade.

Garantir ao aluno uma educação que contemple sua necessidade exige bastante esforço, não só do professor quanto à busca pela complementação de sua formação com cursos que o faça conhecer as características de cada deficiência, mas também das escolas em oferecer formações com base em cada realidade apresentada e do Estado em enviar recursos necessários para que isso aconteça. É a partir disso que o curso de LIBRAS e o evento realizado COMUNICA será apresentado, como a necessidade de se buscar novos conhecimentos para atender uma demanda de acordo com as especificidades em sala de aula e causar a interação social entre ambos os indivíduos.

Atualmente a proposta da Libras enquanto ferramenta de inclusão passa a ganhar visibilidade e favorecer novas abordagens de ensino desta língua, pelo qual não buscam contemplar apenas os surdos e sim os ouvintes. O Enem- Exame Nacional do Ensino Médio que ocorreu em 2017 pode ser visto como prova dessa proposta ao pontuar em sua redação a importância da Libras, apesar de sua temática ainda ser desconhecida, nesse sentido é preciso questionar os direcionamentos que provocam essa negação ou negligência.

O ensino de libras torna-se, por sua vez, primordial no tocante ao relacionamento entre sujeitos diferentes e consolidação de uma sociedade plural. Assim, a pesquisa em destaque busca enaltecer esse ensino por meio de propostas lúdicas

desenvolvidas por um centro de ensino localizado no município de Maracanaú/ CE, o CLM – Centro de Línguas de Maracanaú.

O CLM é um centro educacional que busca tornar acessível o ensino de línguas a comunidade maracanaense por meio de seus cursos e atividades desenvolvidas. Atualmente o mesmo se localiza no bairro Piratininga e oferta semestralmente os cursos de línguas estrangeiras (espanhol e inglês) e língua brasileira de sinais – LIBRAS.

Por sua vez, o curso de LIBRAS busca integrar os saberes desenvolvidos da língua com a comunidade local, dessa forma foi criado um evento que além de proporcionar a aproximação dos alunos surdos com ouvintes, coloca os alunos na experiência real do uso língua como troca de informações e saberes, o COMUNICA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho utiliza-se de ferramentas metodológicas a fim de desenvolver o trabalho a observação de um evento realizado pelo curso de Libras do Centro de Línguas de Maracanaú, a coleta de dados por meio da observação durante todo o COMUNICA, de modo a apresentar informações relevantes ao público e a análise de alguns documentos que tratam da Língua Brasileira De Sinais como a Lei nº 10.436/2002 que reconhece a LIBRAS como forma de comunicação e o Decreto nº 5.626/2005 que garante todos os direitos da pessoa surda e a Constituição Federal de 1988 no que compete a educação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O COMUNICA é um evento que acontece anualmente durante uma semana nos três períodos (manhã, tarde e noite) onde os alunos se preparam de acordo com tema escolhido e cada turma escolhe seu subtema e o desenvolve dentro dos parâmetros aprendidos durante o curso. O Comunica 2018, como proposta de exemplificar, aconteceu nos dias 14 a 18 de Maio com tema Redes Sociais.

Através deste evento, os alunos do curso de libras se preparam para apresentarem aos visitantes um pouco desta língua através da exposição do tema. Os visitantes são recepcionados, instruídos e assistem uma apresentação artística em LIBRAS, pois não só a comunidade que participa desta visita, mas os surdos podem ver, vivenciar e realizar uma troca de saberes. Muitos alunos ouvintes, até mesmo de outros cursos despertam o interesse pela língua por não possuir uma aproximação e utilizam deste evento como ferramenta para conhecer e muitas às vezes almejar conhecer mais.

Tendo em vista que a Língua Brasileira de Sinais vem ganhando seu espaço, foi possível perceber os envolvimento e a importância que um curso de LIBRAS causa entre os ouvintes e surdos, oferecendo a aprendizagem de outra forma de comunicação existente no mundo, pois a mesma pode ser encontrada em diversos lugares, cada país com a sua, de acordo com a cultura.

Deste modo, pode-se notar no público e alunos do curso oferecido pelo CLM o interesse com aquilo que talvez para alguns ainda seja desconhecido e os questionamentos que vão surgindo quanto a como acontece a compreensão, a comunicação e até mesmo a aprendizagem da LIBRAS. Já por parte das pessoas surdas nota-se claramente a inclusão acontecendo, pois eles não se encontram agora limitados a se comunicarem apenas dentro da própria comunidade ou em serem apenas observados pelos ouvintes quando se comunicam sem entendê-los.

De fato ainda tem-se muito a se conquistar com relação à inclusão, mas temos a consciência de que cada nova conquista merece ser reconhecida e a expansão da Língua de Sinais está crescendo e ganhando espaço.

CONCLUSÕES

Desta forma, concluímos destacando a importância deste espaço que rompe com diversas correntes da nossa sociedade e cria um novo olhar para querer e lutar cada vez mais pelas conquistas na comunidade surda.

Este evento propõe também esta quebra e nos faz despertar o olhar para o querer conhecer esta língua e fazer dela conhecida em toda nossa sociedade.

Esta é apenas uma ferramenta para o reconhecimento da Libras e a evolução dos saberes e da discussão entre os surdos e os ouvintes.

REFERÊNCIAS

<http://clmmaracanau.blogspot.com/2018/04/preparando-se-bem-para-o-comunica.html>

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. - 52. ed. - Brasília, DF : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005.

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ADEQUAÇÃO CURRICULAR

Antonia Laysla Lima do Nascimento, Instituto Federal de Educação, Ciências e
Tecnologia do Ceará, lays-lima@hotmail.com;
Roseane Fernandes Feitosa, Universidade Estadual do Ceará – Faculdade de Educação,
Ciências e Letras de Iguatu, roseanefernandes03@gmail.com

1-Introdução

Educação Especial é uma modalidade de ensino que tem por objetivo a promoção do desenvolvimento das habilidades de pessoas com deficiência, com abrangência em todos os níveis de ensino, a fim de tornar possível a exploração das potencialidades dos mesmos em qualquer nível de escolaridade. É uma garantia de direitos estabelecida por lei através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, o que de fato, caracteriza um avanço na educação brasileira no que se diz respeito às políticas públicas voltadas para pessoa com deficiência.

Já a Educação inclusiva deve ser entendida como um processo educativo, cujo principal objetivo não é separar as pessoas com deficiência em salas de aula exclusivas e sim socializar os mesmos dentro de um sistema educacional minimamente igualitário e sem preconceitos, proporcionando o convívio entre os alunos com ou sem deficiência. Nessa perspectiva, esse estudo tem o objetivo de tratar da inclusão de alunos com deficiência auditiva, os desafios a serem superados no sistema educacional pelos mesmos e a importância de uma adequação curricular, bem como o acompanhamento de um interprete.

A importância desse estudo está no fato de procurar entender como acontece o processo de inclusão do aluno com surdez, bem como questionar a efetividade da educação inclusiva no sistema educacional, na busca de, enquanto profissionais da educação, tentar superar os desafios que se apresentam diariamente para concretizar o que seria realmente uma educação inclusiva.

2- Procedimentos Metodológicos

Para embasar a temática de forma a demonstrar a aplicabilidade do tema a se discutir, optou-se pela utilização da ferramenta metodológica denominada pesquisa documental, uma vez que os casos concretos a ser analisados estão dispostos em vasta bibliografia, mesmo que ainda incipiente. Como o trabalho vem a se tratar de um resumo expandido, vê-se a necessidade de sintetizar os estudos em obras objetivas que tratem especificamente do caso concreto abordado, limitando o espectro de pesquisa, sem, no entanto, comprometer a veracidade das informações.

A pesquisa é entendida, deste modo, como um processo no qual o pesquisador tem uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta uma carga histórica e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 2001 citado por LIMA; 2012)

A partir do exposto, pode-se abrir margens para o desenvolvimento de pesquisas posteriores sendo que a prática da pesquisa documental pressupõe investigações maiores a respeito de tema específico dada a natureza da metodologia adotada, como diz Thiollent (1986). Através das investigações propostas por este artigo, pretendemos através de minuciosa análise direcionada sobre bibliografia específica, elucidar parâmetros que sirvam para o melhor entendimento da situação dos alunos surdos-mudos dentro do sistema educacional regular inclusivo. Estas preposições se colocam como termos chave para encaminhar o diálogo constante dentro da necessidade que esta temática detém.

3- Resultados e discussão

As pessoas com deficiência auditiva enfrentam inúmeras dificuldades ao participar da educação escolar, não só pela perda de audição, mas também pela forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Para que o aluno possa ter um bom desenvolvimento em sua aprendizagem, se faz necessário estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, linguístico, sócio afetivo e político cultural. No entanto

existem posições contrárias à inclusão desses alunos nas turmas comuns pela falta de compreensão das formas de representação da surdez como incapacidade e por ainda termos propostas pedagógicas ainda tradicionais que não consideram a diversidade linguística.

Diante disso, se faz necessário também uma reflexão de como está acontecendo o processo da inclusão, perceber os novos caminhos para a vida dos alunos surdos em coletividade dentro e fora da escola, bem como indagar qual modelo de currículo pedagógico precisa ser criado para atender as diferenças e necessidades do aluno para que se possa ter verdadeiramente uma educação inclusiva. Para atender às suas dificuldades, se faz necessário respostas educacionais adequadas para uma adaptação de currículo, onde o mesmo tenha as possibilidades educacionais de atuar frente as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Não pretendemos sugerir neste trabalho um novo currículo, mas adaptações para um currículo mais dinâmico, que possa ter alteração e ampliação para atender a todos os educandos de acordo com suas dificuldades. Ações docentes como: o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; quais os métodos mais eficientes para o desenvolvimento da aprendizagem e como e quando avaliar são ações fundamentais para que tenhamos respostas graduais e progressivas adaptações do currículo.

Tendo em vista que a aprendizagem está diretamente vinculada ao currículo, por ser responsável por orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e ações docentes, é imprescindível ter um olhar mais significativo para as adaptações do mesmo. O objetivo é a busca de soluções para as necessidades específicas dos alunos, focalizando nas suas capacidades e não somente nas suas deficiências e limitações. Desta forma, podemos ter alternativas possíveis para que os alunos com necessidades especiais não se sintam excluídos em um modelo de ensino que se propaga como incluso.

Neste contexto, nota-se que a atenção à diversidade das necessidades especiais é um avanço para o que se propõe a educação inclusiva. Esta característica baseada no

princípio da individualização se torna necessária para melhor entender que tipo de educação é a mais adequada para cada caso, sendo que a deficiência auditiva requer cuidados específicos que incidem diretamente na forma como o processo de aprendizagem vai ser desenvolvido:

A atenção à diversidade está focalizada no direito de acesso à escola e visa à melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem para todos, irrestritamente, bem como as perspectivas de desenvolvimento e socialização. A escola, nesse contexto, busca consolidar o respeito às diferenças, conquanto não elogie a desigualdade. As diferenças vistas não como obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, podendo e devendo ser fatores de enriquecimento (Secretaria de Educação Especial, 2006).

É também com base nesse princípio que as características da educação inclusiva relativa a deficiência auditiva deve ter princípios específicos para as adaptações pedagógicas necessárias para o desenvolvimento educativo dos sujeitos. Mas apenas integrar os sujeitos portadores de necessidades especiais já se torna suficiente para que essas necessidades sejam sanadas?

Ao se deparar com essa questão, vemos que o profissional da interpretação de Libras significa um avanço dentro das políticas educativas inclusivas, uma vez que este profissional representa a concretização de ações que são temporalmente a evolução de uma era de oralidade para o bilinguismo, quando ocorre uma maior naturalidade dos processos de aprendizagem (Dorziar, 2002). Também vale ressaltar que a atuação deste profissional dentro dos espaços educativos representa a conquista de direitos que a comunidade surda vêm requerendo, passando por períodos de exclusão e não atenção às necessidades pedagógicas específicas para esta deficiência (Skliar, 1998).

4- Conclusões

Apesar dos avanços realizados no que tange a educação inclusiva, vemos que ainda temos muito a caminhar para de fato alcançar uma excelência que promova ações que sejam de fato inclusivas. Ao se falar especificamente da educação de surdos, vemos que estes processos são valorizados por um sistema legal incipiente, porém eficiente que

atua não só na promoção do trabalho do intérprete, mas na valorização da educação que tende a ser cada vez mais social e inclusiva.

5- Referências

BRASIL; Ministério da Educação. **Saberes e Práticas da Inclusão**. Recomendações para Construção de Escolas Inclusivas. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const_escolainclusivas.pdf. Acesso em 28/07/2018

DORZIAR, A. **Concepções de ensino de professores de surdos**. Educação Online. Nº 15. 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em: 28 de Julho de 2018.

LIMA, Waner G. **Política pública: discussão de conceitos**. Interface, Porto Nacional, v. 1, n. 5, p.49-54, 5 out. 2012.

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

RESUMO SIMPLES

PRÁTICAS EDUCATIVAS COMO FERRAMENTA DE FORTALECIMENTO DO VÍNCULO MÃE-FILHO

Antônia Elane Ferreira Jerônimo
Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA
elane_ferreiraj@hotmail.com
Leila Paixão Moreira Carvalho
Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA
leilafortaleza@hotmail.com
Prof. Dr. José Reginaldo Feijão Parente
Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA
Reginaldo.fp@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho é fruto de vivências na Casa Acolhedora do Arco em Sobral-CE, instituição que atende mães ex-usuárias de drogas e seus filhos (as). Tem por objetivo relatar a experiência de atividades desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia, a fim de fortalecer os vínculos afetivos entre mães e filhos. O trabalho trata-se de um relato de experiência, tendo como recurso metodológico a observação e o registro em diário de campo. Os resultados obtidos a partir das ações realizadas na Casa pela equipe do PET apontam para: Resgate de brincadeiras antigas e construção de brinquedos possibilitando o fortalecimento das relações de afeto mãe-filho e redução da manifestação de comportamentos agressivos. Assim, são de grande importância a promoção de atividades que oportunizam a superação da fragilidade dos vínculos entre as mães e filhos, decorrentes das condições adversas às quais estão expostos.

Palavras-chave: Pedagogia social. Afetividade. Ludicidade

CONHECENDO OUTROS MUNDOS: APRESENTANDO POSSIBILIDADES COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Lorayne Maria Siqueira Fontenele (UVA)
lorayne.fontenele@yahoo.com
Jéssica Cavalcante da Silva (UVA)
jcavalcante627@gmail.com

RESUMO

Como explorar novas realidades com crianças em situação de risco? O presente trabalho relata a importância da contação de histórias para ultrapassar as fronteiras dos contextos de uso de drogas, da exploração sexual e do trabalho infantil com crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social, na Casa Acolhedora do Arco, instituição que acolhe mães ex usuárias de crack e seus filhos na região Norte do Ceará. Os procedimentos metodológicos foram divididos em duas etapas: primeiro, foi realizada uma territorialização para reconhecimento do espaço a qual essas crianças vivem, e sobre sua realidade. Segundo, foram construídas e apresentadas histórias lúdicas contextualizadas a partir dos dados coletados. Diante disso observou-se a efetiva interação e satisfação das crianças a partir do envolvimento das mesmas com a história. Considera-se a eficácia da história contextualizada, pois desperta a curiosidade e imaginação, e apresenta outros mundos à crianças vulneráveis.

Palavras-Chave: Ludicidade. Contação de História. Vulnerabilidade.

DIÁRIO DE CAMPO: GUARDANDO MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS

Galgânia Cavalcante da Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú
galgania.ped@gmail.com
Roselaine Araújo Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú
roselainerosy02@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância dos registros no diário de campo feitos pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial- PET Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UEVA no contexto das atividades desenvolvidas na Casa Acolhedora do Arco em Sobral- CE, Instituição essa que busca o fortalecimento de vínculos mães ex- usuárias de crack e seus filhos. Para tanto, usamos como instrumento para coleta de dados a observação e o diário de campo. O diário de campo tem sido fundamental para registro das experiências vivenciadas durante as atividades, descrevendo cada procedimento, possibilitando reflexão, uma análise e discussões sobre o conjunto das ações pedagógicas desenvolvidas na Casa Acolhedora. Considera-se o diário de campo como recurso central para o aperfeiçoamento de intervenções oportunas e possíveis consultas futuras que irão orientar trabalhos.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia Social. Diário de Campo.

“O PERCURSO DO BODE IOIÔ NA FORTALEZA ANTIGA

Antônia Neudina Paiva Soares, PMF

neudina@yahoo.com.br

Luiza Maria Aragão Pontes, Unisullivan

lukiapontes@gmail.com

RESUMO

O presente resumo aborda uma reflexão sobre o percurso que o bode Ioiô fazia da praia do Peixe (atual Praia de Iracema) até o centro da cidade, determinando uma Fortaleza Antiga do século XIX. Tendo como base, a fundamentação histórica de Fortaleza da Belle Époque, com suas Agremiações e movimentos culturais, principalmente, no que diz respeito à Padaria Espiritual, a cidade, vivenciada um período pacato destacando a irreverência do bode, e o carinho e respeito, que os fortalezenses tinham para com ele. A metodologia do trabalho foi empírica, de cunho qualitativo, voltada para a reconstituição do percurso do bode pelos principais locais da cidade. Os resultados obtidos revelaram que o bode Ioiô, ia e voltava, foi considerado uma espécie de ícone cearense. Concluímos, que o bode Ioiô fez vários percursos que interligaram a Praia do Peixe, Praça do Ferreira, Café Java, Theatro José de Alencar, entre outros, tornando-o uma das figuras emblemática da molecagem cearense,

Palavras-chaves: Fortaleza Antiga. ícone cearense. percurso.

**REFLETINDO OS CONCEITOS DE JUVENTUDES: MEMÓRIAS DA
DISCIPLINA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE**

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
isabelblinhares@yahoo.com.br

Francisca Valdineiva Viana de Mesquita
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
valdineivaviana@gmail.com

Simone Vale de Azevedo Simplício
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
simonesimplicio2009@hotmail.com

RESUMO

Este resumo resulta das reflexões decorrentes da participação na disciplina Sociologia da Juventude, ofertada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), a partir da qual se compreende os diferentes aspectos das juventudes, considerando os recortes etários e geracionais. Tais recortes e vieses de análises consideram as mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que acontecem nos indivíduos nessa fase da vida. Além de compreender a juventude como categoria social, suas definições perpassam por dois critérios principais: o critério etário e o critério sociocultural. Foram tomados como referência Groppo (2000) e Machado Pais (1994). Mediante as análises foi possível refletir sobre a compreensão das juventudes como categoria sociológica. Enfim, pode-se concluir que as compreensões sobre as culturas juvenis são polêmicas e diversos, necessitando de maior aprofundamento para a compreensão dos significados sociais das juventudes modernas e contemporâneas.

REFERÊNCIAS

GROPPO, Luís A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

PAIS, José Machado. **Cultura Juvenis**: Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

**(AUTO) BIOGRAFIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: UM EXPERIÊNCIA
DE MONITORIA**

Elton da Silva Souza
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
elton.pim2015@gmail.com
Andrea Abreu Astigarraga
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
astigarragaandrea@yahoo.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar as contribuições da pesquisa (auto)biográfica no processo formativo durante a monitoria na disciplina História Social da Criança, no curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, baseada na análise sensível das histórias de vida dos (as) acadêmicos (as) associada a um estudo crítico reflexivo dos conteúdos sobre criança e infância, trabalhados em sala de aula, durante a disciplina. A pesquisa foi desenvolvida em duas fases: 1. Durante escuta da apresentação de seminários temáticos sobre infância, onde os alunos apresentadores narravam suas vivências espontaneamente (sem ter sido planejado); 2. Durante a análise da narrativa escrita sobre as memórias dos alunos da turma (atividade planejada). O ato de biografar-se trouxe atividades reflexivas realizadas durante a monitoria da disciplina, e como tal, contribuiu na relação teoria e prática dentro da sala de aula. Redigir narrativas de si, deu aos acadêmicos poder para dar sentidos ao lido teoricamente e ao vivido, permitiu criar uma visão de si e do outro, conferindo-lhes a oportunidade de formação pessoal e acadêmica, dentro de sua própria história de vida.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Formação docente. Monitoria.

**A CAPOEIRA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO
DOCENTE: UMA ETNOPESQUISA-FORMAÇÃO.**

Samara Moura Barreto de Abreu
Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.
Docente do IFCE Campus Canindé
samara.abreu@ifce.edu.br
Andreyson Calixto de Brito
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC
Docente do IFCE Campus Fortaleza
andreysoncalixto@ifce.edu.br

RESUMO:

Tivemos como objetivo compreender a Capoeira como dispositivo pedagógico na formação docente em Educação Física (EF) a partir da experiência de si, tomada como dimensão autoformadora no Projeto de Extensão Capoeira e Educação no IFCE campus Canindé, cuja trajetória histórica foi iniciada em 2012. Assumimos uma disposição teórico-metodológica de uma etnopesquisa-formação, encarnada por dois sujeitos-autores implicados a processos de ensinagem e/ou gestão do referido projeto, vinculado ao Curso de Licenciatura em EF. Foi possível verificar a capoeira como manifestação da corporalidade como dispositivo pedagógico reflexivo e de intervenção cultural, sobre o potencial expressivo do corpo e seu desenvolvimento; a construção da saúde; e a relação do corpo com o mundo social, integrado a produção do conhecimento histórico-crítico e a dimensão da multiculturalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Autoformação Docente. Educação Física.

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Antonia Roziane de Vasconcelos Souza
rozianevasconcelos@gmail.com
Maria das Graças Costa Cordeiro
maria65654@hotmail.com
Maria Vanessa Bastos da Silva
vanessabastosdasilva@gmail.com
Universidade Estadual Vale do Acaraú

RESUMO

O presente resumo trata-se de uma reflexão sobre o tema Valores que, atualmente, não está mais sendo abordado e dado a devida importância na educação infantil, sendo um tema que deve ser trabalhado desde cedo com as crianças, pois como são ainda pequenas necessitam de orientações para que compreendam o que lhes esperam na vida adulta. Nesse sentido, a escola é o ambiente mais adequado para se trabalhar esse tema, buscando deixar claro as devidas regras para que possam viver bem, afinal, valores é uma exigência da sociedade. E o professor tem o papel fundamental de ser mediador nesse processo contínuo, pois está diariamente com a mesma em sala de aula. É por meio da compreensão apreendida na escola, com o professor, que este pequeno ser se tornará um cidadão consciente e preparado para conviver saudavelmente em sociedade. Porém ainda há muito o que se fazer e estudar sobre a execução em relação à esse tema, pois quando falamos de valores, estamos falando de construção de caráter.

PALAVRAS CHAVE: Valores. Criança. Trabalho.

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS – O QUE OS DADOS REVELAM.

Alexandra Ferronato Beatrici. IFRS – *Campus Sertão*
alebeatrici@gmail.com

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo verificar a influência das redes sociais na concentração e no tempo dedicado as atividades escolares dos estudantes do Ensino Médio em dois ambientes escolares, uma escola rural e uma escola urbana. Para isso, foi realizado um questionário estruturado, contendo trinta perguntas semi-abertas. Concluiu-se que, em ambas as escolas o acesso a internet se faz presente no dia a dia; o "facebook" se configura como a rede mais acessada; a média diária de acesso é de 6 horas; existe preocupação dos estudantes para não utilizarem o celular durante as aulas. Quando o ambiente de acesso se transfere para seus lares, o acesso às redes sociais se mostra paralelo as atividades complementares da escola, disputando o tempo e atenção dos jovens. Contudo, enquanto alguns estudantes (23%), diz não notar diferença em uma possível perda de concentração, a maioria (77%), afirma que há perda de foco e de concentração e que precisa desligar ou deixar longe o aparelho para fazer as atividades escolares.

Palavras-chave: Redes Sociais. Ensino Médio. Aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA EPT

Ana Sara Castaman | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. | ana.castaman@sertao.ifrs.edu.br

Luciane Inocente | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. | lucianeinocente@gmail.com

Angélica Tommasini | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. | angelicatommasini1@gmail.com

RESUMO: Este estudo apresenta um relato de experiência, a partir do Estágio Supervisionado, do Curso de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Básica e Profissional, realizado em turmas do Curso Técnico em Comércio, do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. Relata-se quanto ao emprego de estratégias de ensino-aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Para tanto, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, reflete-se sobre a inserção de estratégias de ensino que priorizasse a participação ativa dos estudantes. Foram utilizadas diversas estratégias como: trilha de chão, dinâmicas de grupo, paródia, *portfólio*, estudo de caso, entre outras. A vivência enquanto estagiários oportunizou o conhecimento didático-pedagógico adequado a ser utilizado na prática educacional na EPT.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Educação Profissional e Tecnológica. Estratégias didático-pedagógicas.

CRIANÇAS VIVEM AS PRÁTICAS LÚDICAS DO BRINCAR

Maria Selta Pereira

seltapsicopedagogia@yahoo.com.br

RESUMO

Na escola onde professores expressar que as crianças não estudam, não fazem tarefas, não conseguem aprender, foi viabilizado um projeto e elaborado cronograma de atividades, onde a crianças procurava saber como funcionava, o que fazer para participar? E os Objetivos abordar os problemas que estavam prejudicando a aprendizagem, busca respostas para essas evidencias. Que induziu acreditar nas possibilidades de que as atividades lúdicas promove a integração dos participantes. Costa (2011), que apresenta a psicomotricidade como o lúdico em que desperta na criança vontade de participar. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei 8069, de 13 de junho de 1990, que confere a criança e adolescente o Direito de brincar. Almeida (2011), em seu livro traz a valorização do ato de brincar. Quanto à metodologia: alunos de sala de aula que apresentam aspectos apáticos, não participam de grupos, não evoluem em sua aprendizagem, o grupo foi levado à reflexão: o que é brincar, quem gosta de brincar? Quais os brinquedos preferidos? Construção de um brinquedo escolhido pelo aluno com material ecopent - Eles organizaram exposição e produziram manual com identificação e caracterização. Resultados: foi possível perceber, durante os estudos e as observações empíricas junto às crianças o quanto Piaget (1978), tinha razão ao afirmar que brincar auxiliar no desenvolvimento do processo de apreender. Conclusão: inicio com obstáculos, mas no decorrer superação e participação pontos positivos.

Palavras-chave: Brincar. Lúdico. Aprendizagem.

**METODOLOGIAS DIVERSIFICADAS: O USO PELOS DOCENTES DA REDE
ESTADUAL DE ENSINO DE MILAGRES-CE**

Mayara Patricio da Silva
Graduanda em Ciências Biológicas-URCA
mayarabio.urca@hotmail.com
Maria Gleiciane da Silva
Graduanda em Ciências Biológicas-URCA
mariagleiciane455@gmail.com
Maria Cláudia Furtado da Silva
Graduanda em Ciências Biológicas-URCA
e-mail:aninha.higo@gmail.com

RESUMO

O professor desenvolve um papel fundamental no processo educacional do aluno, principalmente o tipo de metodologia na qual o docente trabalha em sala de aula. O aluno tem consigo uma grande bagagem em conhecimentos, e às vezes o tipo de metodologia na qual o professor aplica em sala não chama mais a atenção do aluno, assim tendo um menor interesse pelo conteúdo ministrado. Em meio a esse contexto, este trabalho teve como escopo fazer uma análise a respeito das técnicas mais usadas pelos docentes da rede estadual de ensino, que promovem um ensino-aprendizagem mais eficaz em relação ao aluno, buscando os métodos mais aplicados em sala de aula. Para este trabalho foi feito um levantamento de dados através de questionários aplicados a professores atuantes no ensino médio da Escola Dona Antônia Lindalva de Moraes no município de Milagres-CE. E os resultados mostram a presença de metodologias diversificadas como: aulas de campo, laboratórios, seminários e dinâmicas, juntamente com as aulas expositivas para aprimorar os conteúdos ministrados desenvolvendo assim um ensino-aprendizagem mais eficaz.

Palavras-chave: Metodologias. Ensino. Aprendizagem.

NARRATIVAS DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Vitoria Lima Aragão
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
aragao.vitoria03@gmail.com

RESUMO

As crianças, ao entrarem na escola, trazem consigo muitas experiências de vida, mas nem sempre a escola realiza uma escuta sensível das suas *falas*. Muitas vezes, as crianças usam outras expressões para demonstrar o que estão sentindo, inclusive o silêncio. É importante que os professores sejam capazes de identificar essas manifestações, e a partir delas, provocar transformações no processo de ensino e aprendizagem. Corroboramos com as pesquisas de Astigarraga; Avelino (2017); Passeggi (2014) que buscam compreender *com* as crianças, as relações que elas estabelecem com o mundo escolar e analisar como negociam os sentidos, as normas, os ritmos e valores das instituições educativas que as acolhem na promoção de sua formação. Esta pesquisa foi realizada com crianças do ensino fundamental I e II, com diagnóstico inicial de dificuldade de aprendizagem. Adotamos o procedimento de mediação e, através de atividades significativas, transformações.

Palavras-chave: Narrativas. Dificuldades de aprendizagem. Mediação.

PROJETO DE ENSINO: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Luciane Inocente | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. | lucianeinocente@gmail.com

Angélica Tommasini | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. | angelicatommasini1@gmail.com

Ana Sara Castaman | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Sertão*. Sertão. | ana.castaman@sertao.ifrs.edu.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar, por meio de relato de experiências, as contribuições das estratégias de ensino-aprendizagem e o uso de materiais didático-pedagógico por docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus Sertão* na formação humana de estudantes críticos, conscientes e protagonistas. Narra-se este relato, a partir das práticas desenvolvidas no “Projeto de Ensino: Produção de estratégias e de materiais didático-pedagógico de apoio ao docente”. O projeto tem como viés a colaboração com sugestões e/ou confecção de materiais e estratégias de ensino na inovação das práticas pedagógicas dos docentes, bem como para a promoção de aulas mais atrativas, lúdicas e criativas. Desde sua criação o projeto destaca-se com suas ações, já que possibilita aos docentes ferramentas que contribuem na transformação do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Estratégias de ensino-aprendizagem. Material didático-pedagógico. Conhecimento.

UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO E SEU USO PELO PROFESSOR

Luana Soares da Silva Autor 1 - UERN

E-mail: luana17juzeamor@gmail.com

Mariane de Oliveira Nolasco Autor 2 - UERN

E-mail: mariane.nolasco@hotmail.com

Resumo

Este trabalho consiste na análise de um livro didático realizado no componente curricular Práticas Programadas Pedagógicas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. O estudo teve como objetivo conhecer a organização de um livro didático com ênfase nos gêneros textuais, percebendo a sua sistematização em função das intencionalidades formativas de alunos da educação básica e, como este é utilizado na prática do professor em sua atuação na sala de aula. Na metodologia realizamos estudo do livro didático com base nos parâmetros do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD; entrevista sobre como o manual é usado pelo docente, e ainda; leitura de referenciais que abordam os sentidos do livro didático na prática docente. A pesquisa evidenciou a importância do livro didático como um recurso facilitador, que contribui com o processo de ensino-aprendizagem, no qual o professor tem o papel de contextualizar, mediar e realizar a transposição didática em função da potencialização das aprendizagens dos alunos.

Palavras-chave: Professor. Livro didático. Gêneros Textuais.

ADÍSIA SÁ E O ENSINO DE JORNALISMO NO CEARÁ

Luiza Helena Amorim Coelho Cavalcante
Universidade Estadual do Ceará (UECE)/Universidade Aberta do Brasil (UAB)
luiza.cavalcante@aluno.uece.br

RESUMO

A trajetória de Adísia Sá constitui-se de ações relevantes para a memória da educação no Ceará, com destaque para a participação enquanto membro fundadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1965, onde também lecionou, na época da Ditadura Militar. Foi professora de Comunicação Social na Academia da Polícia Militar. Publicou diversos livros, dentre os quais podemos destacar: *Vanguarda: Produto de Comunicação, Ensino de Jornalismo no Ceará, O Jornalista Brasileiro, Comunicação é o Homem*. Organizou o livro *Fundamentos Científicos da Comunicação*. Nosso objetivo é analisar o percurso educacional e a produção acadêmica de Adísia Sá a fim de compreender a contribuição dela para a formação de jornalistas. Como metodologia, teremos a análise bibliográfica, bem como arquivos de reportagens. Outra fonte histórica a ser utilizada serão entrevistas com a educadora, ex-alunos e ex-colegas de trabalho. Esta pesquisa encontra-se em fase de realização.

Palavras chave: Educação. Jornalismo. Comunicação.

DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Laurinete Freitas Araújo¹ (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: laurinete1109@gmail.com).

Thais Faustino Bezerra² (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: thaisfaustino00@gmail.com).

Viviana Freitas Araújo³ (Graduando em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: viviana-araujo@outlook.com).

RESUMO

Atualmente, o professor vem tendo grandes desafios para lecionar dentro de uma sala de aula, pois seus alunos são de diferentes tipos, por exemplo, religião e classe social. Ele como professor deve buscar nova forma de mediações para se punccionar diante destas concepções diferenciadas, porque é a forma dele como mediador que irá definir a aprendizagem dos alunos. O trabalho é de caráter bibliográfico, onde a pesquisa tende a compreender os principais desafios de um professor na sala de aula, e sondar os métodos cabíveis para enfrentar estes desafios. Em virtude dos fatos mencionados no presente trabalho, podemos concluir que é de grande valia que o docente identifique estes desafios e procure estratégias inovadoras para ensinar, ou seja, um englobamento por meio de métodos para a elevação do ensino-aprendizagem, ou melhor, uma maneira que não se tenha prejuízos neste setor do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Desafios. Professor.

ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito – UNICATOLICA - havila.r@hotmail.com
Francisco José Mendes Vasconcelos – UNICATÓLICA –
prof.vasco@unicatolicaquixada.edu.br
Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro – UNICATÓLICA – stanagila@hotmail.com

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta propõe um exercício contínuo, de reflexão sobre a atual formação docente e suas ações posteriores à formação, tendo como base a realidade da educação básica. Para isso, efetivar-se-á o presente estudo através de uma pesquisa de cunho bibliográfico, experimental e exploratório. Sendo assim, tal reflexão acaba problematizando todos os conhecimentos que são necessários ao professor ou educador durante toda a sua vida de efetivo exercício profissional sob o crivo crítico e reflexivo como parte integrante de uma reivindicação necessária para que haja um novo arranjo social que demande mudanças. Fala-se do professor da educação básica, e lança-se aos mesmo o desafio de ensinar, escrevendo e problematizando a sua realidade e sua história. Conclui-se, que a intervenção do professor precisa ser consciente e sistemática; precisa acontecer num espaço que seja possível a prática do diálogo, respeitando as diferenças e diversidades que surgirem nas aulas. É neste ponto central que reside a proposta deste resumo: tornar a formação docente uma reflexão contínua.

Palavras-chave: Educação. Formação de professor. Educador reflexivo.

DA TEORIA A PRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL

Jariza Augusto Rodrigues dos Santos
Elaine Cristina do Nascimento Sousa Sales
(ETI José Carvalho; elainecristinabio@hotmail.com)
Alexandro Lima Viana
(ETI José Carvalho; Alexandro.viana@hotmail.com)

RESUMO

Desde o ano de 2014 o tempo pedagógico dos estudantes tem sido gradativamente ampliado nas escolas de tempo integral, seu eixo pedagógico fundamenta-se no Protagonismo Juvenil; nos Quatro Pilares da Educação; na Pedagogia da Presença e na Educação Interdimensional. A disciplina de Projeto de Vida assume a função de promover o encontro entre o Eu de cada estudante com o traçar dos seus projetos de vida prospectando a sua formação holística. Propõem-se a realização de oficinas cujo objetivo é compartilhar atividades didáticas que contribuam para o desenvolvimento de uma prática pedagógica na qual o principal ator é o próprio estudante e as suas inquietações. A fundamentação teórica está na Pedagogia da Autonomia, no relatório da UNESCO e a metodologia proposta é a discussão, aplicação de vivências e sensibilização. Ao final da oficina, pretende-se construir um portfólio com as vivências aplicadas e fomentar o desenvolvimento de uma prática pedagógica mediadora entre o currículo escolar e os anseios de formação pessoal, social e emocional dos estudantes.

Palavras-Chaves: ETI, Projeto de Vida, Educação Socioemocional.

**FORMAÇÃO, SABERES E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES DO
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.**

Mayara Alves Loiola Pacheco
Programa de Pós Graduação em Educação da UECE
Email: mayara.loiola@aluno.uece.br

RESUMO

A pesquisa “Formação, saberes e práticas de ensino dos professores do curso de Medicina Veterinária”, é um trabalho de mestrado em andamento vinculado a PPGE-UECE que tem como objetivo principal compreender a constituição dos percursos de formação, saberes e práticas de ensino dos professores bacharéis do curso de Medicina Veterinária. A abordagem de pesquisa a ser adotada será a qualitativa. As técnicas de coletas de dados serão compostas por entrevistas semiestruturadas por pautas e pesquisa documental. Utilizaremos como modelo para realização das investigações a modelagem que aqui chamamos de Postura Cartográfica. Nossa pesquisa sugestionou as seguintes hipóteses para a realidade que está sendo pesquisada: que a trajetória profissional dos professores bacharéis não subsidia de forma satisfatória suas práticas de ensino e que esses profissionais não dispõem da formação pedagógica necessária para exercer a função docente de forma eficaz. Hipóteses essas que podem ser refutadas ou corroboradas após a finalização da pesquisa.

Plavras-Chave: Formação. Saberes. Práticas de Ensino

O PIBID E A DOCÊNCIA

Ana Thifane Feitosa Braga.
Licencianda em Pedagogia - Universidade Estadual do Ceará (UECE)
E-mail: thifane.braga@aluno.uece.br

RESUMO

O trabalho apresenta o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na formação docente do bolsista. O PIBID destina-se ao aperfeiçoamento e à valorização da formação inicial de professores, ao inserir os graduandos no cotidiano das escolas da rede pública do País, proporcionando a articulação entre teoria e prática. Semestralmente, projetos interdisciplinares na área ambiental, tecnológica e artística contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional de graduandos, que junto à coordenação do programa, planejaram metodologias que atendessem às necessidades socioeconômicas e educacionais dos estudantes de uma escola da rede pública de Fortaleza. Durante a execução dos projetos, foram realizadas entrevistas com a comunidade, jogos educativos e a apresentação do Pastoril. A experiência revelou a importância da imersão do graduando no cotidiano escolar, contribuindo com a formação cidadã de educandos da escola e de si próprio, objetivo do Programa, uma inovadora política pública de formação de professores.

Palavras-chave: PIBID. Docência. Formação de Professores.

O TEMPO INTEGRAL NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ERECHIM

Rondon Turra Simioni. IFRS/ *Campus* Sertão. E-mail rondonsimioni@hotmail.com
Alexandra Ferronato Beatrici. IFRS/*Campus* Sertão. E-mail alebeatrici@gmail.com

RESUMO

A pesquisa objetivou compreender as características e a trajetória da educação em tempo integral no Brasil, analisando os documentos desta política educacional relacionando-os com o Plano Municipal de Educação da cidade de Erechim/RS. Utilizou-se de análise em fontes primárias/documentais, como o PNE, o Plano Municipal de Educação e o Projeto Político Pedagógico da escola CAIC e fontes secundárias/bibliográficas, de autores como COELHO (2009), MOLL (2010), GIOLO (2012) e LAZZARI (2015). Constatou-se que embora exista uma mobilização para melhorar a qualidade da educação, o município tem um grande desafio, até o ano de 2024, especialmente para atingir a meta de número 06, que compreende oferecer educação em Tempo Integral em no mínimo 50% das escolas públicas, atendendo 25% dos estudantes da Educação Básica, pois até o momento, somente uma, das dezessete escolas municipais, incorporou a proposta. Cabe redefinir ações e estratégias que concretizem a meta da política educacional, buscando assegurar sua execução e concretização.

Palavras- Chave: Educação. Tempo Integral. Plano Municipal.

ARTETERAPIA COMO PREPARAÇÃO PARA ESTÁGIOS NO CURSO DE ODONTOLOGIA

Sofia Vasconcelos Carneiro
Centro Universitário Católica de Quixadá
sofiacarneiro@unicatolicaquixada.edu.br
Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito
Centro Universitário Católica de Quixadá
havila.r@hotmail.com
Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro
Centro Universitário Católica de Quixadá
stnianagila@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

A arteterapia é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação, abrangendo as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança. O objetivo do trabalho é relatar a experiência da atividade de arteterapia para sensibilização e preparação para os estágios de campo no Curso de Odontologia. Foi realizada uma atividade de pintura e música com acadêmicos do Curso de Odontologia, antes de iniciar os estágios de campo no ambiente hospitalar, com a finalidade de sensibilizar o contato profissional – paciente. Observa-se que os alunos conseguem concentrar-se e externalizar sentimentos e sensações, demonstrado mais afeto com colegas de sala e pacientes, interferindo positivamente no estágio de campo realizado após a atividade.

Palavras-chave: Odontologia. Arteterapia. Educação.

**LEI 10.639/2003: DA PESQUISA A EXTENSÃO – A FORMAÇÃO DOCENTE
CONTINUADA**

Aliana Francisca da Silva⁶⁴

Universidade Federal do Cariri (UFCA)
alianafrancisca228@gmail.com

Prof. Orientador: Reginaldo Ferreira Domingos⁶⁵
Universidade Federal do Cariri (UFCA).
reginaldo.domingos@ufca.edu.br

RESUMO

A proposta aqui exposta tem como ponto axial a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro das escolas públicas e privadas. O presente trabalho é fruto de uma ação de extensão que, emergiu de uma pesquisa PIBIC no âmbito da Universidade Federal do Cariri. As inquirições iniciais acerca da aplicação da lei nas escolas públicas do município de Brejo Santo, de Ensino Infantil e fundamental I e II, constatou-se dificuldades em abordar a temática. Diante deste exposto surgiu a proposta de extensão visando à formação continuada desses docentes. Ressaltando que a mesma se encontra em andamento, e que os primeiros procedimentos metodológicos foram: articulação da participação nestas formações, seguida da apresentação deste projeto, o qual promoverá a próxima formação. Realizando discussões sobre a temática, repasse de estratégias de abordagem e identificação da cartografia africana. Parcialmente, conclui-se, uma deficiência nesta forma de abordagem, ressaltando a importância desta ação de formação continuada.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira. Educação. Formação Continuada.

⁶⁴ Graduanda em LI em Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Cariri (UFCA).
alianafrancisca228@gmail.com

⁶⁵ Professor adjunto da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Graduado em História e Especialista em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). reginaldo.domingos@ufca.edu.br

A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO RELIGIOSO CRISTÃO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Raquel dos Passos Ribeiro Moraes (UECE)⁶⁶

raquel.passos@aluno.uece.com.br

Maria Aparecida Alves da Costa(UECE)⁶⁷

Mariapedagoga99@gmail.com

RESUMO

O artigo em pauta, visa investigar a origem da educação brasileira, especificamente trabalhando o porquê não se pode comparar o desenvolvimento político e educacional do Brasil com outros países, como a Suíça, por exemplo. Este trabalho traz referências à chegada da Companhia de Jesus ao país, seus objetivos e em que ela se difere aos moldes educacionais aplicados nos países que hoje são ditos como os mais desenvolvidos do mundo. Sabendo da relevância em compreender a raiz de alguns dos problemas enfrentados até hoje no âmbito da educação nacional, buscamos através dos primeiros passos dos colonizadores, compreender os motivos pelos quais uma educação de qualidade no país tem se dado por meio de um processo lento e custoso. Para nortear a pesquisa, foi feito o seguinte questionamento: Como se deu o processo de escolarização no Brasil? A fim de chegar aos possíveis resultados do objetivo acima proposto, fizemos uso de pesquisa bibliográfica, em que se busca evocar as ideias que dizem respeito ao que levou a educação nacional a se desenvolver a curto prazo, tornando hoje o país extremamente deficitário nessa e em outras áreas subsequentes a esta.

Palavras-chave: Educação. Movimento Religioso. Brasil.

⁶⁶ Acadêmica do V período de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará.

⁶⁷ Mestranda em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará.

**DIFICULDADES E APRENDIZAGENS DOS DISCENTES DO COLEGIO DOM
TERCEIRO NO PERÍODO NOTURNO**

Gustavo Alves dos Santos
IFCE – Discente do Curso de Licenciatura em Química
gustavoalvesbv@hotmail.com
Mirelle de Sousa Morais
IFCE – Discente do curso de Licenciatura em Química
Mirelleandkhawa@hotmail.com
Renato Barbosa Rodrigues
IFCE – Discente do curso de Licenciatura em Química
renatobarbosa2510@gmail.com

RESUMO: A pesquisa se baseia nas informações descritas pelos os discentes sobre suas dificuldades e facilidades de aprendizagem com as disciplinas das áreas de exatas e nas áreas de linguagens. O Objeto é avaliar razões que levem os discentes a apresentarem dificuldades na aprendizagem na área de exatas e facilidade na área de linguagens e as possíveis explicações para este fato. Como metodologia de pesquisa utilizamos abordagem qualitativa, e pelo o método de estudo Estudo de caso e de ferramentas para se obter os dados usamos questionários, acompanhado de entrevista que foi gravada em áudio e transcrita na íntegra. Podemos concluir que os discentes não tem uma boa interação com a disciplina de matemática devido já virem de muito tempo com deficiência na área, devido à timidez de tirar dúvidas com o professor durante a aula, horário da aula, já que a maioria trabalha durante o dia, o que comete eles irem para a aula cansados, dentre outros fatores.

Palavras chave: Aprendizagem. Dificuldade. Discente.

**MOBRAL: PERSPECTIVAS SOBRE A CAMPANHA EDUCACIONAL DE
ALFABETIZAÇÃO**

PAULA IOLLY DA COSTA FERREIRA (UECE)

leticia.sousa@aluno.uece.br

ANA MICHELE DA SILVA LIMA (UECE)

anamichelesl@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a prática do método de alfabetização elaborado em 1967 pelo regime militar e estabelecido no ano de 1970 no Brasil, período no qual o índice de analfabetismo na faixa etária de jovens e adultos estava elevada e a eficácia de tal movimento tão popular, ainda hoje é crítica e questionada. Através de pesquisa bibliográfica encontramos baixos resultados, não somente perante as metas propostas, isto é, propagados números de avanços podemos dizer equivocados, pois a porcentagem de analfabetos segundo dados oficiais do governo até diminuiu, porém alguns dados tidos já como consolidados nos propõem que muitos dos alunos participantes da campanha aprenderam apenas a desenhar o nome, sendo mesmo assim considerados alfabetizados. Assim buscamos nos aprofundar junto a FREITAS (2009), PAIVA (1987), etc. até que ponto os índices das campanhas acabou por marcar uma geração, que continuou analfabeta, análises das positivities e desafios que passou a campanha, considerações sobre suas metodologias e práticas.

Palavras-chave: Mobral. Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização.

**MEMÓRIAS DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS NO MUNICÍPIO DE
PINHEIRO-MA: 1960-1970**

Violeta Cristina Soares Moraes- PPGE\UFMA
violeta7cristina@gmail.com

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa em andamento mais ampla denominada “Historia da Escola Primária Pinheirense por meio das memórias de professoras leigas nos anos de 1960 e 1970” desenvolvida junto ao Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão. Tem como objetivo a análise das práticas pedagógicas e culturais desenvolvidas pelas escolas primárias com foco nas memórias de suas ex professoras na cidade de Pinheiro-MA, em especial nas décadas de 1960 a 1970. A metodologia ancorada nos pressupostos da Nova História Cultural nos possibilitou analisar as fontes vivas e suas intencionalidades utilizando entrevistas semiestruturadas estabelecendo as devidas conexões na perspectiva de entender a cultura escolar desenvolvida no interior das escolas e a relação com a formação das professoras na mediação dos seus saberes.

Palavras-chave: Memória de Professoras. Ensino Primário. Pinheiro-MA.

A ATUAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CENTRO ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE

Gabriele da Silva Antunes¹
Antoniele Silvana de Melo Souza²
Lia Machado Fiuza Fialho³

¹Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, gaabsantunes@hotmail.com

² Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, antonielesouza@hotmail.com

³ Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, lia.fialho@uece.br

RESUMO

O presente resumo busca mostrar as atividades e organização do centro acadêmico do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. Como entidade básica de organização estudantil o centro acadêmico cumpre papel importante no que abrange as reivindicações por melhorias em relação ao curso e luta pelo reconhecimento dos direitos dos estudantes. É uma entidade sem fins lucrativos responsável por solicitação e entrega do documento estudantil, atividades de cunho sócio-educativo e organização de eventos acadêmicos. Com atual gestão eleita, o centro acadêmico do curso de pedagogia Lauro de Oliveira Lima encontra-se em funcionamento desde o dia 24 de novembro de 2017. São realizadas atividades que visam formação política, desenvolvimento do pensamento crítico e interatividade entre os estudantes do curso com a promoção de oficinas, palestras, mesas, cine-debates e rodas de conversas sobre variados assuntos. O resultado das atividades pode ser observado graças ao aumento de interação dos estudantes com a entidade e seus projetos e com o movimento estudantil.

Palavras-chave: Centro acadêmico. Pedagogia. Movimento estudantil.

A VIVÊNCIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Davi e Silva Bessa¹

RESUMO

Baseado nas primícias da parceria professor estudante, responsabilidade individual, educação emocional, cooperação e ênfase na solidariedade desenvolveu-se o Programa de Estímulo à Cooperação nas escolas (PRECE), programa de bolsas da Universidade Federal do Ceará (UFC), orientado pela metodologia da Aprendizagem Cooperativa (JOHNSON & JOHNSON, 1998). Objetiva-se relatar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada ao projeto fundamentado na metodologia. Trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir de visitas semanais à EEEP Mário Alencar. Os resultados apontam para a ênfase na interdependência positiva, para uma postura de responsabilidade individual, desenvolvimento de habilidades sociais, promovendo interação promotora e processamento de grupo. Assim, este relato de experiência foi possível devido às formações semanais feita pelos coordenadores do PRECE e à abertura da EEEP Mário Alencar com as atividades do programa.

Palavras-chaves: Aprendizagem Cooperativa. EEEP Mário Alencar. PRECE

POR QUE A CRIANÇA MORDE?

Maria de Fátima de Sousa Silva – Faculdade Latinoamericana de Educação
fatinhasousa148@gmail.com

Roberta Lúcia Santos de Oliveira – Faculdade Latinoamericana de Educação
profa.robertaoliveira@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho traz à lume a reflexão sobre a questão das crianças em idade pré-escolar que mordem. A pesquisa tem por objetivo entender o motivo pelo qual as crianças com idade entre 2 e 3 anos mordem. A metodologia utilizada está classificada como qualitativa exploratória com procedimentos bibliográficos. Teoricamente a pesquisa está pautada no trabalho de Vygotsky (1994), Wallon (1953) e Book (1996) que dizem a respeito do desenvolvimento e socialização da criança. Como resultado pude entender os processos que levam a criança morder outras. As crianças são muito influenciadas pelo meio social que elas se situam. Muitas utilizam as mordidas para se defenderem, ou por presenciarem em seus meios sociais conflitos na família, outras os pais brincam com elas envolvendo mordidas, para elas é uma brincadeira carinhosa, mas a criança ainda não sabe distinguir se é carinho ou um ataque, outra pode ser que esteja ganhando mais um integrante na família, e os pais não estão sabendo lidar com essa situação.

Palavras-chaves: Criança, infância, educação

O ATELIÊ BIOGRÁFICO COM GRUPO DE PAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS

Edgar Nogueira Lima – CED/ PPGE/UECE – edgarnlima@gmail.com
Fernanda da Fonseca Giasson – CED/ PPGE/UECE – fergiasson@gmail.com
Scarlett Borges Fernandes – CED/ PPGE/UECE - scarlettmoreira@hotmail.com

RESUMO.

Este trabalho foi realizado com a finalidade de promover uma experiência de mudança de perspectiva pessoal em um grupo terapêutico desenvolvido com pais de crianças autistas. Para o alcance do objetivo utilizou-se a metodologia de Ateliê Biográfico de Christine Delory-Momberger (2006), que propõe a experiência de escrita narrativa da própria história, seguido de momentos de audição da história pessoal narrada e da escuta da percepção dos presentes. A autora compreende que a cada vez que o sujeito fala de si ou reescreve sua própria trajetória, pode fazer novas conexões a partir do momento em que narra ou escreve, e ainda, a partir do olhar dos ouvintes que o recontam. A aplicação desta metodologia aconteceu em sete encontros quinzenais, cada encontro com duração duas horas. Os resultados apontaram que a história de vida compartilhada permitiu aos pais uma apropriação de suas potencialidades, possibilitando o enfrentamento de dificuldades da vida. Conclui-se que a metodologia do Ateliê biográfico favorece o processo terapêutico de pais de crianças autistas.

Palavras chave: Memória. Ateliê biográfico. Autismo.

OS DÉFICITS DE APRENDIZAGEM NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Cleidiane de Oliveira Sales. (FLATED)

mariacleidianerodriguesdesales@gmail.com

Ana Celia de Sousa Freitas (FLATED)

acmartins366@gmail.com

RESUMO

O presente texto pretende discutir sobre o déficit de aprendizagem que ocorre com alguns alunos ao ingressarem no 2º ano do ensino fundamental. Nosso objetivo é verificar o porquê ocorre o déficit de aprendizagem dessas crianças, levando em conta as questões familiares e escolares, buscamos observar e entender como acontece às intervenções docentes em relação aos alunos que apresentam essas “dificuldades”. A pesquisa é do tipo qualitativa de cunho bibliográfico apoiada em autores como Sara Paín (1994), BRASIL (1996), Vygotsky (1998), dentre outros. Ao final da pesquisa podemos concluir que, escola e família tem um papel significativo para surgimento e a superação dos déficits de aprendizagem, pois percebemos no desenrolar da pesquisa que a participação da família favorece o bom desempenho das crianças em seus processos de aprendizagem, bem como, as intervenções docentes fazem toda a diferença no que diz respeito à melhoria de aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Déficit de aprendizagem. Família. Escola.

BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: OS PRIMEIROS PASSOS À HISTÓRIA DE UMA EDUCADORA

Letícia Lima de Sousa (UECE)
leticia.sousa@aluno.uece.br
Ana Michele da Silva Lima (UECE)
anamichelesl@gmail.com
Lia Machado Fiúza Fialho (UECE)
lia_fialho@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objeto de estudo uma educadora, Maria Odete da Silva Colares, professora nascida em Rondônia, que virou nome de escola no Ceará. Questionamentos em torno das possíveis contribuições e peculiaridades que essa docente demonstrava para hoje obter tal homenagem nos incitaram a uma pesquisa biográfica. Assim, buscando a partir de uma vida, um trilhar constitutivo sobre a educação, a formação docente e as práticas pedagógicas dentro de um determinado período. Salientamos que a pesquisa ainda em fase inicial e de perfil bibliográfico, nos direcionou a diálogos junto a Levi (2002), Loriga (2011) e Machado (2010). A nomeação da escola descreve quem era a professora, um pouco de sua história particular e profissional; tornou-se fonte inicial, tanto sobre os novos modelos de instituição escolar implantados em 2017 pela prefeitura municipal de Fortaleza, como combustível para descobrirmos os porquês da caracterização comum entre a escola e Odete, ser adjetivações como: dedicação, carinho e respeito, para que uma educação de competência seja desenvolvida.

Palavras-chave: História da Educação. Maria Odete. Biografia.

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE A
ESCRITA DA HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Matheus Coelho Inocêncio
Universidade Federal do Ceará
matheuscoelhoinocencio@gmail.com

RESUMO

A partir da experiência de bolsista de Iniciação Científica com o projeto Culturas Estudantis e Formação de Professores foi realizada uma investigação a respeito da história da UFC entre 1979 e 2006. Tal investigação abriu possibilidade para um percurso pelos escritos de ex-reitores a respeito da História da instituição. As fontes trabalhadas apresentaram narrativas a respeito da história da instituição estabelecidas como oficiais. A partir das reflexões de Guimarães (2000) sobre usos da História e do conceito de campo universitário proposta por Bourdieu (2017), compreende-se que uma História afirmada como oficial é operada para legitimar uma visão particular de um passado, realizando ocultamentos e selecionando determinados fatos e sujeitos, e que a universidade enquanto campo social está imersa em conflitos entre seus agentes a partir de locais de poder e disputando este. Pretende-se refletir como uma determinada cultura histórica é operada para apresentar uma narrativa oficial da universidade legitimada a partir da mobilização do passado e da memória.

Palavras-chave: História. Educação. Ensino Superior.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES BRASILEIROS E
INTERNACIONAIS: CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO
DOCENTE NA UNILAB**

Rudilson Manuel Ié

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

E-mail: rudilsonmauelca@gmail.com

Domingos Malu Quadé

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

E-mail: domingosmaluquade@hotmail.fr

Sinara Mota Neves de Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

E-mail: Sinaramota@unilab.edu.br

RESUMO:

Este trabalho foi realizado a partir das vivências dentro do contexto da disciplina de Estágio Supervisionado IV. E visa relatar as experiências obtidas pelos alunos (as) estagiários do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática (CNeM) e do curso de licenciatura em letras língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) situado no Estado de Ceará. O presente estudo objetivou a compreensão do conhecimento adquirido durante a trajetória de formação na disciplina de Estágio Supervisionado. Para tanto foram entrevistados 11 bolsistas, a saber: 2 de nacionalidade São-Tomeense, 3 Brasileiros, 3 Guineenses, 2 Cabo-Verdianos e 1 Angolano. A metodologia utilizada foi a entrevista direto com questões relacionado a importância de estágio para suas vidas, atividades desenvolvidas, contribuições, e conhecimentos adquiridos na formação. Os estudantes relatam suas experiências e conhecimentos adquiridos assim como as perspectivas para a profissão. Foi possível perceber em suas falas que o Estágio Supervisionado permitiu-lhes levar para escolas uma abordagem de diversas teorias, metodologias e estratégias didáticas diferenciadas. Assim como contribuiu com ações integradoras no ambiente escolar diferenciadas oportunizando um melhor aprendizado para os alunos, das escolas de ensino fundamental e médio de Redenção e Acarape. Os estudantes enfatizaram, que o estágio curricular supervisionado é de suma importância na formação docente, pois traz uma reflexão sobre o fazer docente, bem como, a contribuição de uma formação adequada e um ensino de qualidade. Os estudantes internacionais mostraram que adquiriram vários aprendizados significativos que irão implementar nos seus países de origem. Os resultados apontam crescimento pessoal e profissional gerando satisfação por parte de todos os envolvidos. Neste sentido, pode-se concluir que disciplina de estágio é de suma importância para a formação docente.

Palavras chaves: Formação. Estágio supervisionado. Docência.

ESCOLA SEM PARTIDO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC).

Erick Cruz Padilha de Oliveira⁶⁸

RESUMO

o objetivo é investigar como o discurso utilizado como suporte e projeção do movimento Escola sem Partido defende alguns pontos expostos em seu primeiro projeto de lei a nível federal (bem como em outros que surgiram posteriormente) que tem sido criticados no processo de formação de sua agenda política, como “partido”, “professor doutrinador”; relação entre “neutralidade” e “pluralidade”, relação entre educação, religião e direitos humanos. Utilizando como abordagem uma metodologia interdisciplinar conhecida como Análise de Discurso Crítica (ADC), os discursos são estudados em suas relações com contextos e práticas sociais. Conclui-se que há grande presença de violência simbólica, de ideologia (inclusive partidária) e de interesses particulares em um discurso que se arvora como defensor da educação e da família, o que faz do mesmo uma ameaça para o reconhecimento da escola e da sociedade como espaços de diversidades que também necessitam de liberdade e de representação.

⁶⁸ Mestrando em Planejamento em Políticas Públicas na Universidade Estadual do Ceará (UECE).
Email: e.cruz.oliveira@bol.com.br

DIREITO À INCLUSÃO: FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALUNOS SURDOS

Elizabeth Chagas Gomes

elizabethcgomes@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa de campo visa identificar os desafios e contribuições do curso técnico em Instrução de Libras para estudantes surdos do Ceará. Partindo da compreensão que diferenças individuais e desigualdades sociais não podem justificar a exclusão desses estudantes da modalidade da educação profissional. De modo que, este trabalho traça um paralelo entre a cronologia das principais regulamentações sobre a educação especial em nosso país e a experiência cearense do curso técnico em instrução de libras, suas conquistas e percalços. Problematizando a não existência de instrumentos específicos de avaliação, nem séries históricas que possam balizar os avanços ou retrocessos da educação de surdos. Nesta perspectiva, compara-se o modelo cearense e o que está estabelecido no Decreto n. 5.626/05, que disciplina os parâmetros de formação e organização da educação de surdos. Este estudo de caso foi realizado na Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, no bairro da Parcelândia, em Fortaleza. A EEEP Joaquim Nogueira, desde 2012 vem oferecendo o curso técnico de instrução de libras, para alunos surdos e deficientes auditivos.

Palavras- Chave: Surdos; Educação Profissional Escola Bilíngüe.

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INVESTIGAÇÃO NO SERTÃO CENTRAL
CEARENSE (1970 – 1980).**

Renato Barbosa Rodrigues. ¹

IFCE – Discente do curso de Licenciatura em Química.

Renatobarbosa2510@gmail.com

Gustavo Alves dos Santos. ²

IFCE – Discente do curso de Licenciatura em Química.

Gustavoalvesbv@hotmail.com

Mirelle de Sousa Morais. ³

IFCE – Discente do curso de Licenciatura em Química

Mirelleandkhawa@hotmail.com

RESUMO

Nossa pesquisa qualitativa, bibliográfica, documental e empírica cujo objeto investigativo consistiu da formação de professores, referente à década de 1970 – 1980 objetivou analisar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores. Referenciamos teoricamente em Saviani (1982), Xavier (1994), García (2009), dentre outros. Buscamos compreender a realidade da educação brasileira e a formação de professores no município de Boa Viagem. Constatamos que mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, em busca de melhoria do aprendizado, ocorreram avanços significativos. Mediante os obstáculos, buscavam uma formação e quando surgiu o curso de Magistério alguns professores ingressaram, pois os habilitava para a docência de 1ª à 4ª séries ou, ainda, fazendo um ano de estudos adicionais específicos, que os possibilitava lecionarem até a 6ª série. Diante das dificuldades enfrentadas essa formação representou um avanço significativo para a melhoria da qualidade do ensino.

Palavras Chave: Formação de professores. Desafios. Conquistas.

INCLUSÃO DE ALUNOS NO ENSINO MÉDIO DO AEE EM GRAÇA-CE

Guilherme do Nascimento Lima - Graduando de Pedagogia pela Universidade Estadual
Vale do Acaraú- UVA E-mail: lima.guilherme2013@gmail.com

Sebastiana Júlia S. Damasceno - Graduanda de Pedagogia pela Universidade Estadual
Vale do Acaraú- UVA E-mail: julia.sousaa20@gmail.com

RESUMO

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na compreensão dos direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores ligados ao direito de todos, e que avança em relação à ideia de equidade formal de contextualizar as circunstâncias históricas na exclusão dentro e fora da escola. Neste sentido, a reestruturação das escolas baseadas em diretrizes inclusivas é um reflexo de um modelo de sociedade em ação. Em 2008, no Brasil foi instituída a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, cujos objetivos foi a implementação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com deficiências em instituições de ensino; dispoendo na resolução CNE/CEB, nº04/2009, as Diretrizes Operacionais para o AEE na educação básica Para Campbelle e Oliver (1996 apud SIMON, 2018) o modelo social da deficiência baseia-se na preposição de que a sociedade e suas instituições é que são opressivas e discriminadoras e, que a atenção, portanto, precisa estar direcionada para eliminação dos obstáculos existentes à participação das pessoas com deficiências na vida em sociedade. O objetivo deste relato de experiência é analisar o processo de inclusão de alunos com deficiências no o ensino médio. Este trabalho foi realizado em uma disciplina do segundo período, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, durante o mês de outubro, de 2017, no município Graça-CE, na Escola de Ensino Médio Luz do Saber, em uma Sala de Recursos Multifuncionais, no serviço do Atendimento Educacional Especializado. O trabalho pedagógico envolve crianças, adolescentes e adultos com deficiências, e uma das atividades observadas foi das operações matemáticas, através do uso de materiais didáticos que fazem com que os alunos aprendam e entendam o que está sendo repassado, e suas habilidades expressem o que foi aprendido.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, Ministério da Educação MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Resolução de nº 4, de 2 de Outubro de 2009**: institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. 2009b. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

SIMON, Adilene Battisti; SIMON, Ingrid. Da exclusão à inclusão. **Revista Jurídica**, n. 2, p. 1-20, 2018

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Valéria Rodrigues Barros, Universidade Estadual Vale do Acaraú,
valeria.rb15@hotmail.com

Ana Cristina Silva Soares, Universidade Estadual Vale do Acaraú,
acsilvasoares@gmail.com

RESUMO

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) V (2014), o autismo é um transtorno no qual as pessoas manifestam características como: prejuízo de interação social, problemas de comunicação, atividades e interesses repetitivos, estereotipados e limitados. Objetivo: Analisar e compreender a importância da inserção de crianças com Transtorno do Espectro Autista nos primeiros anos da educação infantil. Metodologia: Pesquisa bibliográfica sobre transtorno do espectro autista e educação inclusiva, estudos sobre Mantoan (2003), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (1996), Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Resultados: A LDB de 1996 contém um capítulo sobre Educação especial que a destaca como modalidade escolar oferecida especialmente na rede regular de ensino para alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Conclusão: Houve muitos avanços na educação inclusiva, mas ainda existem muitas dificuldades nas escolas.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista (TEA). Inclusão. Educação.

TDAH E A ESCOLA: DIFICULDADE NA ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA

Iara Silva de Oliveira, Universidade Estadual Vale do Acaraú
iarasilvadeoliveira@outlook.com

Thamirys Pereira Rodrigues, Universidade Estadual Vale do Acaraú
Thamiryspr_18@Hotmail.Com

RESUMO

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – TDAH é diagnosticado através de alguns estudos científicos como as alterações localizadas na região frontal do cérebro e sua ligação com o resto dele e apresenta como algumas de suas características a falta de concentração, impulsividade, irritação, estresse, inquietação e dificuldade em obter o foco. Sintomas esses que se tornam mais fáceis de serem detectados em crianças a partir dos sete anos de idade, onde as mesmas estão passando por uma fase onde o comportamento é exigido na escola e em casa. Tais comportamentos quando não tratados corretamente trazem consigo inúmeras consequências para a formação da integridade do homem. Este estudo foi fundamentado através de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo, podendo-se concluir a partir dele que o TDAH apesar de ser um dos transtornos mais estudados da atualidade ainda não proporciona segurança para o devido acompanhamento que as crianças necessitam nas escolas.

Palavras-chave: TDAH. Sintomas. Crianças

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Tânia Maria Vasconcelos da Silva (Unilab – taniavlookmel@gmail.com)
Paulo Cesar Alves Garcia (Unilab/UECE – pcgarc@hotmail.com)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as práticas pedagógicas na educação infantil frente à diversidade étnico-racial. Para o debate sobre a constituição do Eu relacionado à diversidade étnico-racial, consultamos Cavalleiro (2015), que observa as ambiguidades nos discursos e silêncios de professores, visto pela autora como propagadores de preconceito e discriminação. O suposto silêncio descrito pela autora é um retrato de uma educação e uma prática pedagógica não preocupadas com a identidade das crianças face à diversidade étnico-racial existente em sala de aula. Em seguida, de maneira interdisciplinar, pensamos a partir das DCNEI (2013) e de autores como: Vygotsky (1991), Godoy (1996), Ciampa (1984), Saviani (2009) e Freire (1987), os quais nos impelem a pensar em métodos pedagógicos em torno dessa temática que muitas vezes propaga e potencializa uma educação pautada em preceitos eurocêtricos.

PALAVRAS-CHAVE: identidade. práticas pedagógicas. diversidade étnico-racial.

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: A ESCOLA ENQUANTO INSTITUIÇÃO RACIALIZADA

Paulo Cesar Alves Garcia (Unilab/UECE – pcgarc@hotmail.com)
Tânia Maria Vasconcelos da Silva (Unilab – taniavlookmel@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho, de natureza bibliográfica, objetiva refletir sobre a caracterização da escola como instituição racializada, a partir do estudo de Monsma (2016), o qual trata de categorias raciais que promovem a hierarquização de indivíduos e garantem a reprodução do racismo em diversos contextos. Para darmos conta do objetivo traçado, revisitamos as obras de Mbembe (2018) e Almeida (2018), que veem o racismo, em perspectiva interdisciplinar, como um fenômeno estrutural, ou seja, um sustentáculo do Estado. Na sequência, refletimos sobre os impactos gerados pelo fenômeno social em questão no ambiente escolar, tendo como base o trabalho de Munanga (2005). As leituras realizadas nos permitem afirmar que, apesar dos significativos avanços no campo das relações étnico-raciais no Brasil, a exemplo da implantação da Lei 10.639/03, o racismo exerce ainda grande influência nas práticas pedagógicas e na maneira como as subjetividades dos sujeitos que compõem a escola são (re)elaboradas.

PALAVRAS-CHAVE: relações étnico-raciais. racismo. escola.

**A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE FORTALEZA: UM ESTUDO DE CASO**

Ana Karla Gomes Barbosa
Universidade Estadual do Ceará
anakarla_gomes21@hotmail.com
Orientadora: Prof^a. Ms. Tarcileide Maria Costa Bezerra
Universidade Estadual do Ceará
tarcileide.bezerra@uece.br

RESUMO

Este estudo teve por objetivo geral investigar a inclusão do aluno com deficiência numa escola pública. Objetivou-se, ainda, conhecer o funcionamento de uma sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE; verificar se ocorre parceria entre os professores do AEE e da sala regular na realização das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e; averiguar a participação dos pais na inclusão do aluno com deficiência. Trata-se de um estudo de caso de caráter exploratório, desenvolvido na cidade de Fortaleza, tendo como sujeitos duas professoras, sendo uma do AEE e outra da sala regular, o vice-diretor da escola e a mãe de um aluno com autismo. A metodologia utilizada foi: observações e entrevistas. Os registros foram feitos através de gravações, fotografias e anotações num diário de campo. Os resultados indicaram que a escola, lócus da pesquisa, realiza a inclusão dos alunos com deficiência e que esta conta com a parceria dos professores do AEE, da sala regular e dos pais.

Palavras-chave: Estudo. Escola Pública. Educação Inclusiva.

**A POLÍTICA PARA JUVENTUDES NA SEDUC-CEARÁ. RECORTES SOBRE
PLANEJAMENTO.**

Raquel Lopes Correia Santos.

RESUMO:

O debate acerca das juventudes nunca foi tão atual. Cada vez mais essa parcela populacional entra na agenda das políticas públicas estatais haja vista a necessidade de manter o tecido social. Dentre alguns dos problemas mais comuns enfrentados pelas juventudes na contemporaneidade está a violência exacerbada, os problemas na educação, as cada vez mais esparsas proteções sociais. Os escritos que o leitor ora tem em mãos, tem por objetivo debater acerca da categoria juventude(s), e suas sucessivas compreensões pela academia ao longo das últimas décadas, utilizando tal marco teórico como base para analisar por meio de pesquisa bibliográfica-documental, além de entrevista semi-estruturada junto ao setor de protagonismo da Secretaria de Educação do estado do Ceará ações voltadas para as juventudes que estão inseridas ou egressas do sistema de ensino da rede estadual, onde a Pasta busca a garantia de uma educação de qualidade, a qualificação profissional e o desenvolvimento humano. Especialmente a partir da promoção da inclusão dos jovens via bolsas como as dos programas AVANCE e Ejovem.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Educação. Ceará.

INCLUSÃO NAS ESCOLAS: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

Viviana Freitas Araújo¹ (Graduando em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: viviana-araujo@outlook.com).

Thais Faustino Bezerra² (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: thaisfaustino00@gmail.com).

Laurinete Freitas Araújo³ (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; e-mail: laurinetefreitas401@gmail.com).

RESUMO

A inclusão nas escolas é um desafio atual, que tem trazido muitas discussões em vários espaços da educação. A legislação em uso já denomina deficiente a pessoa que apresenta por exemplo: dificuldade de aprendizagem fora da normalidade, dificuldade aos estímulos visuais, auditivos e táteis, entre outros casos. A metodologia é uma pesquisa bibliográfica com utilização da legislação citada e as obras de: SILVA, (2012), CUNHA(2013), VIEIRA, CUNHA, (2017). Podemos dizer que é um desafio contemporâneo, tendo em vista todo um movimento nos espaços escolares e na sociedade para a inclusão das pessoas com deficiência, levando em conta as exigências legais postas na legislação brasileira. Diante de tudo isso, a inclusão na escola não é tarefa fácil. São apontadas por eles grandes dificuldades, pois a escola não tem um trabalho em grupo sobre a inclusão; e muitos professores não tem esse preparo para atuar com essas pessoas no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas. Dificuldades. Inclusão.

MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM EM LIBRAS

Angélica Tommasini | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Sertão. | angelicatommasini1@gmail.com
Ana Sara Castaman | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Sertão. Sertão. | ana.castaman@sertao.ifrs.edu.br
Luciane Inocente | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Sertão. | lucianeinocente@gmail.com

RESUMO

O presente estudo objetiva conhecer as contribuições de materiais didático-pedagógicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), na intercomunicação de docentes e estudantes e no emprego de práticas pedagógicas na modalidade visoespacial. Os materiais didático-pedagógicos utilizados podem ser: jogos de memória, bingo, baralho, entre outros. Diante deste escopo, este estudo apresenta, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, o relato de experiência do projeto de ensino “Produção de estratégias e materiais didático-pedagógico de apoio ao docente”, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Sertão. O referido projeto, a partir das atividades de suas bolsistas contribui na construção de materiais didático-pedagógicos para o ensino em LIBRAS. Ressalta-se que emprego dos materiais didático-pedagógicos no ensino de LIBRAS pode estabelecer o consenso na apropriação do conceito de diversidade e, por sua vez, permitir aos estudantes sua emancipação.

Palavras-chave: Material didático-pedagógico. Libras. Ensino.

PRINCIPAIS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DE UMA CRIANÇA

Thais Faustino Bezerra¹ (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; thaisfaustino00@gmail.com).

Viviana Freitas Araújo² (Graduando em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; viviana-araujo@outlook.com).

Laurinete Freitas Araújo³ (Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Campus Missão Velha-CE; laurinetefreitas401@gmail.com).

RESUMO

A aprendizagem é uma fase muito importante na vida de uma criança, pois ela entrará em contato com seus primeiros conhecimentos de sua existência. A família preocupada com essa fase procura colocar seu filho numa melhor escola para que ele adquira sabedoria por meio do ensino, mas muitas vezes, o aluno vai ter algumas dificuldades por causa de algum distúrbio na aprendizagem. Por exemplo, Discalculia, Disgrafia, Hiperatividade, Déficit de Atenção, estes são os principais distúrbios encontrados que podem dificultar a aprendizagem de uma criança, isso é preocupante, pois cerca de 40% das crianças tem algum distúrbio de aprendizagem. Este trabalho é do tipo levantamento bibliográfico, onde procura identificar os principais distúrbios de aprendizagem, e compreender a importância de metodologias para a inclusão destas crianças. Conclui-se que, é importante conhecer os principais distúrbios na aprendizagem, pois um conhecimento rápido acerca deste problema pode ser solucionado por meio de metodologias no processo de ensino-aprendizagem de uma criança.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Criança. Distúrbios.

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO SUPERIOR.

Daiane de Queiroz
Instituto de Ensino Superior de Fortaleza – IESF/UNICE
daianequeiroz25304@gmail.com

RESUMO

O Ensino Superior tem como principal função a formação profissional do cidadão, mas, deve primar pela formação do caráter ético e crítico, oferecendo ao estudante oportunidades de conhecimento, estudos, pesquisas e debates sobre assuntos importantes como os Direitos Humanos. O presente trabalho apresenta reflexões a respeito de como vem sendo desenvolvida a implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, proposta para servir de apoio para adequar uma base racional, objetiva e equânime para desenvolver uma Educação em Direitos Humanos, estabelecidas pela Resolução 01/2012, do CNE. Os Direitos Humanos são frutos da luta pelo reconhecimento, realização e universalização da dignidade humana. Histórica e socialmente construídos, dizem respeito a um processo em constante elaboração, ampliando o reconhecimento de direitos face às transformações ocorridas nos diferentes contextos sociais, históricos e políticos. Nesse processo, a educação vem sendo entendida como uma das mediações fundamentais tanto para o acesso ao legado histórico dos Direitos Humanos, quanto para a compreensão de que a cultura dos Direitos Humanos é um dos alicerces para a mudança social. Assim sendo, a educação é reconhecida como um dos Direitos Humanos e a Educação em Direitos Humanos é parte fundamental do conjunto desses direitos, inclusive do próprio direito à educação. As Diretrizes Curriculares Nacionais são orientações para a Educação Superior dos sistemas de ensino para a organização, articulação e desenvolvimento das propostas pedagógicas nacionais. Assim pode-se verificar que com a pesquisa em desenvolvimento será observado com as instituições de ensino superior - IES, estão desenvolvendo suas ações para implementar a DCN 1/2012. O objetivo deste artigo é refletir e analisar a implementação da política pública introduzida na execução da Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos nas IES. A promulgação da Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012 que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, proferida pelo Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno do Ministério da Educação, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, a Educação em Direitos Humanos fundamenta-se nos seguintes princípios: I - dignidade humana; II - igualdade de direitos; III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; IV - laicidade do Estado; V - democracia na educação VI - transversalidade, vivência e globalidade; e VII - sustentabilidade socioambiental. (BRASIL, 2012) De tal modo, a avaliação de como DCN vem sendo aplicadas nas instituições é feita na perspectiva de identificar seu perfil e a qualidade de sua atuação, considerando suas atividades, seus cursos, seus programas, seus projetos e seus setores. Compreende-se que a política como está posto, limitam os resultados ao não introduzir elementos que possibilitem aprofundar e resignificar os contextos institucionais. Diante do exposto entende-se em analisar como vem sendo implementada a Educação em Direitos Humanos pelas Instituições de Ensino Superior de Fortaleza/CE.

Palavras-chave: Educação; Direitos Humanos; Ensino Superior.

UMA EXPERIENCIA MULTIDISCIPLINAR EM UMA COMUNIDADE

Elane Maria de Castro Coutinho
Centro Universitário Católica de Quixadá
elanecoutinho@unicatolicaquixada.edu.br

Sofia Vasconcelos Carneiro
Centro Universitário Católica de Quixadá
sofiacarneiro@unicatolicaquixada.edu.br

Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito
Centro Universitário Católica de Quixadá
havila.r@hotmail.com

RESUMO

O trabalho relata experiência de um projeto de pesquisa e de extensão universitária envolvendo cursos, docentes e discentes da área de saúde e humanas do Centro Universitário Católica de Quixadá por meio de um convênio firmado com Organização Não governamental Grão de Mostarda, com a finalidade apresentar as principais ações realizadas por acadêmicos extensionistas, abordando o histórico do projeto de extensão e a importância da interação ensino-serviço-comunidade para formação acadêmica através de projetos multidisciplinar. O projeto segue uma linha descritiva e exploratória, onde se busca, através de um relato, analisar as atividades multidisciplinares desenvolvidas no Projeto UnidoBem visando conhecer as características, as relações, as causas e natureza de fatos não explorados na comunidade carente. Observou-se no acadêmico o desenvolvimento de uma atitude humanística em relação aos problemas de saúde e sociais na população possibilitando os conhecimentos essenciais sobre a realidade da sociedade em que vivem, na qual e para a qual irão trabalhar.

Palavras-chave: Integração. Ensino. Comunidade.